J. W. ROCHESTER
VERA KRYZHANOVSKAIA
TRADUÇÃO DE HERMINIO C. MIRANDA

A feira dos casamentos



Table of Contents

Marcadores

A feira dos casamentos

J. W. ROCHESTER
VERA KRYZHANOVSKAIA
TRADUÇÃO DE HERMINIO C. MIRANDA



Editora Espírita Correio Fraterno
Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2955
CEP 09851-000 – São Bernardo do Campo – SP
Telefone: 11 4109-2939
correiofraterno@correiofraterno.com.br
www.correiofraterno.com.br
Vinculada ao LAR da CRIANÇA EMMANUEL *www.laremmanuel.org.br*

Edição em e-book baseada na 12ª edição impressa

Coordenação editorial
Cristian Fernandes

Tradução e notas
Herminio C. Miranda

Revisão
Magali Oliveira Fernandes e Wander Romero

Capa e projeto gráfico de miolo
André Stenico

Produção de e-book
LLUMINAR Editorial - www.lluminar.com.br/servicos

Catalogação elaborada na editora
Rochester, J. W. (espírito)
A feira dos casamentos / J. W. Rochester (espírito); psicografia de Vera Kryzhanovskaia.
Tradução de Herminio C. Miranda – 12ª ed., rev., 1ª reimp. – São Bernardo do Campo, SP :
Correio Fraterno, 2018.
ISBN 978-85-5455-011-0
1. Literatura inglesa. 2. Romance. 3. Rússia. 4. União Soviética. 5. Romance espírita. 6.
Psicografia. 7. Espiritismo. I. Kryzhanovskaia, Vera (médium). II. Miranda, Herminio C.
(tradutor). III. Título.
CDD 820 / 823 / 133.93

Sumário

Uma palavra do tradutor

NO CONJUNTO DAS obras completas de J. W. Rochester, são relativamente poucas as editadas no Brasil. Como antigo admirador do excelente narrador espiritual, andava eu há muito – e continuo andando – à cata dos livros faltantes, conforme publicações feitas mais de uma vez junto a artigos na imprensa espírita.

Por sorte, acabei encontrando um companheiro de ideal, também admirador dos escritos do conhecido autor espiritual. Ao cabo de várias peripécias, que seria longo relatar aqui, eis que certa noite, creio que na última semana de novembro de 1981, o prezado confrade me põe nas mãos, em fotostática, um dos livros de Rochester em francês, ainda inédito no Brasil e que ele localizara em Paris.

Ficou acertado que eu faria uma leitura preliminar para ter uma ideia de seu conteúdo. Em seguida, decidiríamos como e quem fazer a tradução, mas era óbvio que o caro companheiro só faltava sugerir que eu a fizesse... Não assumi prontamente o compromisso, pois tradução não é tarefa que a gente jogue prontamente aos ombros como um saco de paina.

Dentro de uma semana, liguei para o amigo e lhe disse que não apenas havia lido a obra, mas que já tinha trinta ou quarenta páginas traduzidas... Ninguém resiste ao Rochester...

Traduzir é tarefa inglória, penso eu, além de arriscada, pois o mínimo que dizem do tradutor é que é, também, traidor, como nos assegura o batidíssimo ditado em língua italiana. Nesse campo, que não é de minha especialidade, já fiz um pouco de tudo – do inglês para o português, do português para o inglês, e do francês ou do espanhol para o português. Seja como for, naquela tarde de 28 de novembro, sentei-me à máquina e comecei a martelar a tradução das 540 páginas do original, transplantando-as do francês para a

nossa língua. As dificuldades não eram intransponíveis, a história me encantou e o livro... Enfim, o livro aí está.

Que tipo de dificuldades apresentava? Bem, primeiro, a linguagem. Repugnava-me botar toda aquela gente tratando-se mutuamente de vós ou de tu. Embora o tu seja mais aceitável no Brasil, só é mesmo usado com naturalidade no sul do país. E o vós... pelo amor de Deus! Não dá mais, creio que nem mesmo para preces. O que predomina por toda parte é o nosso brasileiríssimo você, que os portugueses inventaram em boa hora a partir do vosmecê que, por sua vez, veio de Vossa Mercê. Ele substitui com perfeição o *you* do inglês, palavra simples, elegante, versátil e apropriada, tanto para falar com o papa, a rainha da Inglaterra ou com o colega de trabalho. Para o inglês e o americano, todo mundo é *you* e estamos conversados, ainda que, às vezes, apoiado nos adornos de praxe: Vossa Majestade, Sua Santidade, doutor etc.

Por isso, adotei as expressões senhor, senhora, madame, senhorita para os tratamentos mais formais, em lugar do mumificado vós, que seria sumariamente rejeitado com um risinho de ironia. Em lugar do tu, usei o você.

Tudo isso, porém, com o maior respeito pelo texto, pois na época em que se desenrola a história o tratamento social era rigidamente formal e o tu só era usado na intimidade entre marido e mulher, por exemplo, de pais para filhos, de patrão para empregados. Fora disso, era o vós. Era preciso preservar essa atmosfera de formalismo para não poluir o clima da história com modernismos inoportunos e anacrônicos.

Sobre o livro em si, também vale a pena dizer algo.

Rochester é um mestre consumado na arte de contar histórias. Ele sabe armar situações, criar e movimentar personagens, reproduzir com incrível perícia diálogos de impressionante realismo e naturalidade. Sabe, enfim, fascinar, manipular e arrastar o leitor até o último suspiro da última personagem. Seu poder criador é tão convincente que a gente se deixa envolver pela história e acaba

acreditando que as personagens que ali se movimentam são gente mesmo, como nós, e não criaturas imaginárias.

Como se sabe, ele costuma, de fato, produzir narrativas inspiradas em episódios e pessoas reais, mas não fosse ele o que hoje se chama um craque, os atos sairiam mofados e as personagens ruborizadas. Mesmo bordejando, às vezes, pela caricatura – Pfauenberg, por exemplo, ou Tarussoff –, ele jamais deixa sua gente despenhar-se pelo abismo da farsa inverossímil. Embora eles se conservem um tanto caricatos, são sempre gente, pois, infelizmente, há gente caricata na vida...

* * *

A HISTÓRIA SE passa na Rússia Imperial, aí pelo último quartel do século dezenove, cerca de 40 anos antes da Revolução que implantou o regime comunista e fez da Rússia a União Soviética. O ambiente geográfico é a antiga capital do Império – São Petersburgo, posteriormente Petrogrado e hoje Leningrado. O ambiente social é o da alta roda de príncipes, condes e barões, movimentando-se numa sociedade corrupta e corruptora, sofisticada e imoral mesmo, a maior parte do tempo.

É um livro um tanto amargo, à primeira vista, quando se pensa em todo aquele amplo painel de miséria moral, egoísmo, vaidade e cinismo. Pouco a pouco, no entanto, o leitor vai percebendo, nas entrelinhas, a razão de ser do quadro desolador que se arma para contar uma história maior de fortaleza moral, de lealdade, de bom senso, de incorruptibilidade e de pureza, no meio de toda aquela decadência.

Rochester consegue narrar a sua história, utilizando-se quase que exclusivamente do diálogo, com um mínimo de descrição. Ele não precisa explicar suas personagens, nem o que dizem e fazem. Cada cena tem seu lugar e finalidade, nenhuma frase ou palavra é desperdiçada ou fica perdida no texto.

O autor espiritual vai ao requinte dos detalhes na escolha dos nomes de suas figuras. Pfauenberg, a pavonear-se pela sociedade,

ambicioso e fantasiado (de falso) médium, para melhor abrir certas portas, tem o nome certo; algo assim como montanha empavonada (Pfauenberg); o príncipe Ugarine, um dos vilões, nos quais Rochester é, por assim dizer, um especialista, também traz nome apropriado à sua condição moral: Arsênio. De bela e inocente aparência, como o pozinho que lhe inspirou o nome, é um sujeito venenoso e envenenado. Tâmara, a heroína do livro, é um ser de excepcionais virtudes – ainda que bastante orgulhosa e um tantinho preconceituosa – que parece realmente sozinha e altaneira num deserto de decência, como uma tamareira a produzir frutos raros, de sabor indefinível e um pouco ácido ao paladar daquela gente. Seu marido, espírito de igual têmpera e de não menos excelentes virtudes, chama-se Magnus, isto é, grande.

Sem demonstrar que está pregando moral, Rochester dá o seu recado e obriga sua gente a pregá-la com o que faz e diz.

Por isso tudo, as canseiras da tradução acabaram amplamente recompensadas.

HERMINIO C. MIRANDA,* em 1987

* Herminio C. Miranda nasceu em 5 de janeiro de 1920, em Volta Redonda, RJ. Em 1937, concluiu o curso ginasial em Barra Mansa, RJ. Em 1939, para cursar o colegial, ingressou no Colégio Franciscano Santo Inácio, em Baependi, MG, município vizinho a Caxambu. Começava ali seu carinho pela estância mineira.

Em 1947 formou-se contador pela Escola Técnica de Volta Redonda, onde passou a lecionar contabilidade bancária e comercial. Ingressou na Companhia Siderúrgica Nacional, CSN, em 1942, onde se aposentou no primeiro escalão, tendo servido no escritório de Nova Iorque, EUA, de 1950 a 1954.

Casou-se com Inez Chiarelli de Miranda, com quem teve três filhos: Ana-Maria, Marta e Gilberto.

Publicou contos, crônicas e artigos de teor literário, filosófico e técnico. Escreveu um romance inédito, a despeito da opinião elogiosa de Érico Veríssimo, e publicou outro chamado *Resposta a Josué*, em 1946.

Posteriormente, escreveu sua primeira obra espírita, *Os procuradores de Deus*, um estudo de natureza filosófica acerca do problema da vida e da morte, lançado em março de 1967 pela Edição Calvário.

Autor de mais de 40 livros, dentre eles diversos clássicos obrigatórios da literatura espírita, como *Diálogo com as sombras*, *Diversidade dos carismas* e *Nossos filhos são espíritos*.

Dialogando por décadas com espíritos, suas obras relatam vivências, fatos e casos reais, a

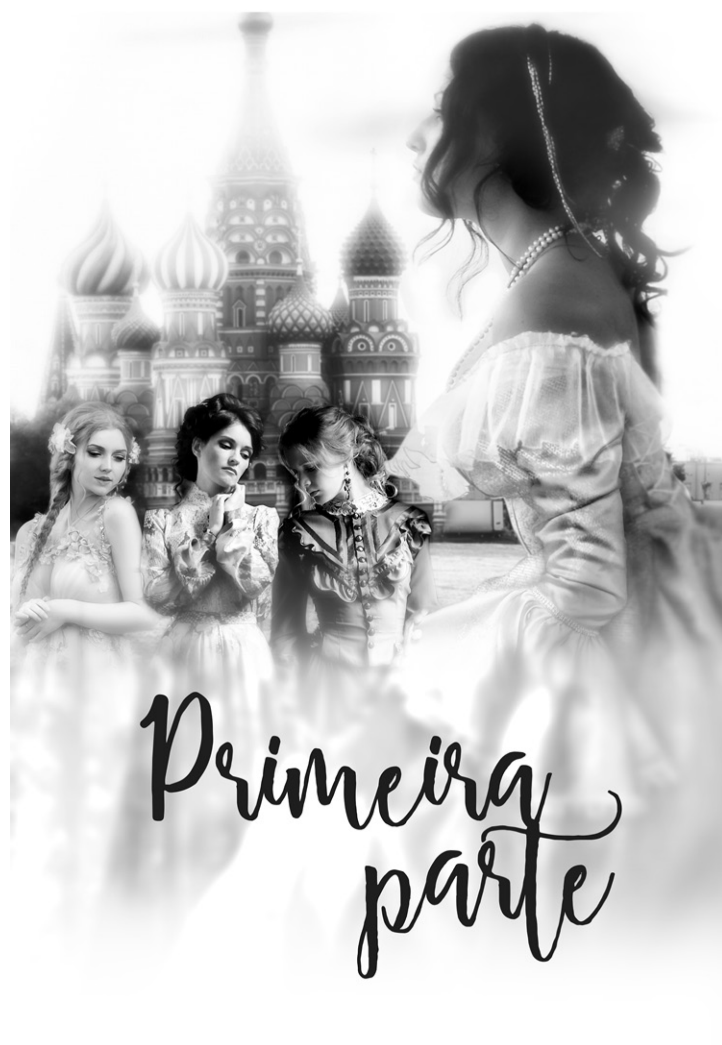
exemplo da singular coleção “Histórias que os espíritos contaram”.

Originário de família católica, aproximou-se do espiritismo por curiosidade, mas sobretudo pela insatisfação com a falta de respostas das religiões.

Tendo por guias a razão e a paixão pela pesquisa profunda e incessante, e auxiliado por uma sólida cultura humanista, tornou-se experimentado magnetizador e uma das maiores autoridades no campo da paranormalidade e da regressão de memória.

Nesse leque de habilidades, Herminio acrescenta a de tradutor, de autores como J. W. Rochester, Charles Dickens, e Luís J. Rodriguez. Todavia, a rica construção literária de *A história triste*, de Patience Worth – cujo enigma investigou –, talvez seja sua mais primorosa tradução.

Desencarnou em 8 de julho de 2013, aos 93 anos, no Rio de Janeiro, RJ.


Primeira
parte



As meninas do colégio

NUMA BELA NOITE de maio de 1879 uma dezena de moças de dezesseis a dezessete anos, reunidas num vasto dormitório, conversavam animadamente, enquanto examinavam e apreciavam o conteúdo de uma infinidade de caixas e embalagens de papelão espalhadas pelo chão e sobre as mesinhas entre os leitos cobertos por uma colcha de lã branca.

A agitação das moças era compreensível: encontravam-se às vésperas da partida tão impacientemente esperada. No dia seguinte, após a missa e a distribuição dos diplomas, deixariam, enfim, o elegante internato da Senhora Hortênsia Williers para nunca mais voltar, dando início àquela vida mundana que lhes parecia tão radiosa e na qual cada uma delas acreditava, sem hesitação, encontrar a felicidade.

Experimentavam incessantemente as joias enviadas pelas famílias e as comparavam e se admiravam umas às outras. Por fim, dispersaram-se em grupos e o problema das roupas cedeu lugar aos projetos futuros. Quatro das moças se instalaram junto a uma janela aberta e se puseram a conversar à meia voz, imaginando os prazeres que as esperavam no interior e durante o próximo inverno.

Uma delas se destacava pela voz alta e não cessava de enumerar os bailes e reuniões a que iria comparecer, bem como as roupas e joias que exibiria. Seu maior prazer, contudo, estava em tagarelar sobre as inúmeras conquistas que estava certa de realizar.

Essa ousada tagarela era uma moça grande e robusta, de aparência vulgar, mas decidida. Tinha um busto amplo, grandes mãos de dedos espatulados e uma face pouco simpática, à qual uma grande boca de dentes brancos e agudos e um nariz arrebitado emprestavam uma expressão leviana. Chamava-se Catarina Carpovna Migusov e era filha de um comerciante imensamente rico que, graças aos seus milhões e a alguns golpes de sorte, infiltrara-se na alta roda social. Esta – especialmente os homens – comparecia de bom grado às esplêndidas festas e aos lautos jantares que ele oferecia no magnífico palacete que mandara construir e no qual ocupava sozinho todo um pavimento. Ele havia colocado sua filha Catarina no aristocrático pensionato da Senhora Williers, tanto para proporcionar-lhe esmerada educação como a oportunidade de estabelecer boas relações com as jovens das famílias tradicionais que ali estudavam.

– E você, Tâmara, não diz nada? Está triste? – perguntou uma das moças, interrompendo a tagarelice de Catarina e inclinando-se para uma de suas companheiras que há muito tempo se mantinha em silêncio, a cabeça apoiada na mão, absorvida pelos seus pensamentos.

– Não, Nadina. Pensava apenas na partida – respondeu Tâmara, beijando amavelmente a amiga, uma loura saudável e bonita, mas de aparência insignificante.

– Não seria de admirar-se que ela estivesse triste. Deixar Petersburgo e sua família para enterrar-se na Suécia entre pessoas estranhas não é nada agradável – disse com vivacidade Catarina. Francamente, não entendo essa ideia extravagante de seu pai e em seu lugar, Tâmara, eu diria: “Não. Não quero ir!” E se você fizesse pé firme, seu pai, que a ama, certamente haveria de ceder.

– O que você sugere é impossível. Não posso me opor à última vontade de minha falecida mãe.

– Mas por que ela exigiu isso de você?

Uma sombra velou o rosto de Tâmara, quando ela respondeu em voz baixa:

– Vocês sabem que minha mãe separou-se de meu pai alguns anos antes de morrer. Será que ela estava prevendo que ele se casaria com a outra? Não sei. Mas, de uma conversa que manteve com ele pouco antes do fim, ela exigiu que eu fosse colocada num pensionato e que todas as minhas férias fossem passadas em casa de sua prima e melhor amiga, a Senhora Ericson, onde deverei ficar durante quatro anos após a minha saída daqui. Meu pai jurou respeitar esse desejo de minha mãe e manteve sua palavra. Seria eu, portanto, uma inconsequente para tentar desobedecer a uma morta? Além do mais, é sem repugnância alguma que vou para Estocolmo. Não me simpatizo nada com a minha madrasta, que se colocou como uma sombra entre meu pai e eu. Em casa da tia Eveline me sinto bem. Amo-a bastante, bem como aos seus. Vocês sabem como gosto de desenhar. Pois bem, se tenho já algum desembaraço, devo-o ao Senhor Ericson – ele é professor de pintura e distinto retratista. Em todas as minhas férias ele se tem dedicado seriamente a mim e previu que, se eu trabalhar bem durante os quatro anos que deverei passar com eles, serei uma verdadeira artista.

Tâmara animara-se ao falar – suas faces tornaram-se mais coloridas e os olhos brilhavam de ingênuo entusiasmo. Era uma jovem de arrebatadora beleza, que se distinguia de suas companheiras pela extrema delicadeza de formas – as mãos, de dedos afilados, eram pequenas como as de uma criança; seu rosto pequeno não era de uma regularidade clássica, mas a pele de notável brancura, a boca rosada e bem desenhada e os grandes olhos cinzentos e brilhantes de estranho fascínio formavam um conjunto encantador.

– Tornar-se uma artista? Bela perspectiva, acho eu! – disse Catarina com uma careta de desdém –. E, afinal de contas, por quê? Graças a Deus você não tem necessidade de pintar para ganhar a vida. Estou prevendo que você voltará de Estocolmo como uma verdadeira burguesa que não pensará senão em pintura e no lar e que acabará casando-se com algum sueco melancólico. Brrr... dizem que eles são ciumentos como os turcos. Quanto a mim, recusarei um futuro desses e não me deixarei aprisionar dessa maneira. Espero mesmo não me casar dentro de dois ou três anos – quero desfrutar a minha liberdade, divertir-me tanto quanto puder e somente quanto estiver cansada de tudo me casarei com um conde ou um príncipe.

Tâmara, que a havia escutado, a princípio, com certo desprazer, explodiu num riso alegre.

– Você não pensa no que diz, Catarina. Você deve se casar com aquele que amar... E se ele não for um nobre? Ou então, suponhamos – e ela sorriu maliciosamente – que nenhum conde ou príncipe queira você?

Os pequenos olhos azuis de Catarina fuzilaram e seus lábios vermelhos se retorceram num sorriso cheio de ironia e desprezo.

– Você é que não sabe o que diz, minha querida! Nossos condes e príncipes, na sua maior parte, tanto desperdiçaram suas fortunas que estão mais ansiosos por abocanharem uma herdeira rica do que um peixe suspenso no anzol estaria em retornar à água. Não me quererem! Não há esse perigo! Você se esquece de que vivemos no século da razão e que eu tenho um dote de um milhão. Não são meras promessas no ar, mas um milhão de rublos bem sonantes depositados no Banco do Estado, sem contar meu enxoval, os diamantes, a prataria, etc. Com uma isca assim irei atrair tantos condes e príncipes quantos queira – a única dificuldade vai ser a da escolha.

– Um milhão! Que enorme fortuna! – observou a terceira moça com uma sombria expressão de inveja na face magra e pálida –. Você é

feliz, Catarina. A mim, minha avó deu somente 80 mil rublos.

– Ainda é um belo dote e você pode ficar tranquila que nunca lhe faltarão admiradores – respondeu Catarina condescendente –. Veja a nossa pobre Nadina que terá mais dificuldade em se casar se não conquistar o gordo coronel que já duas vezes lhe trouxe bombons – terminou ela, rindo estrepitosamente.

Tâmara ouvia tudo com o cenho carregado.

– Que horror! – observou ela –. Vocês só falam de seus dotes e contam os rublos como usurários. Será que vocês têm algum preço? Na minha opinião, no casamento é somente o amor que deve decidir quanto à escolha, não o dinheiro!

– Não nos tempos de hoje. Na verdade, não estamos falando de dinheiro, uma vez que se trata de casamento – replicou Catarina –. No outono passado, por exemplo, um amigo de meu pai, Sossunoff, dono de uma fundição, casou sua filha com um barão. Vocês viram Prascóvia Sossunoff quando ela veio me ver várias vezes neste inverno. Certamente ela não é jovem, nem bonita; é redonda como uma bola, o rosto coberto de sardas e, no entanto, seu marido, jovem e belo, diz amá-la.

– E ela acredita nisso? – perguntou Tâmara.

– Sem dúvida. Tive que morder meu lenço para não estourar de rir quando Prascóvia me contou como seu marido a adora. Não sendo cega como ela, compreendi que a fonte de seus encantos são os 300 mil rublos de dote que o barão recebeu e que o pai daquela besta teve a inteligência de garantir à sua filha.

– Mas chega desse assunto! Vem, Natália, quero mostrar-lhe um bracelete que me mandaram hoje de manhã e que você ainda nem viu.

Quando Catarina e Natália se afastaram, Nadina passou o braço pela cintura de Tâmara e apoiou a cabeça no ombro da amiga. Ela ficara fortemente corada quando Catarina aludiu à sua minguada fortuna e estava, por isso, visivelmente agitada.

– Tâmara, quero um conselho sobre algo que vou confiar-lhe...

E sem esperar resposta, continuou:

– Você sabe que não tenho dote e foi graças à bondade de minha tia que fui educada aqui. Ela pagou colégio para mim, como também para minha irmã mais velha, Lilly, e é em casa dela que vou morar. Bem, minha tia deseja que eu me case com esse Coronel Kulibine, que Catarina ridicularizou. É verdade que ele não é um homem muito bonito e que tem quarenta e dois anos, mas é rico e a tia diz que é um partido bem melhor do que o marido de Lilly, um oficial de infantaria que não sabe, às vezes, como chegar até o fim do mês.

– Você ama o Coronel Kulibine? – perguntou gravemente

Tâmara. Se não o ama, como pode casar-se com ele? Vai fazê-lo crer que ele lhe inspira afeição?

– Ora, a tia já lhe disse que eu o estimo e que ele me agrada bastante – disse com veemência Nadina –. E, além disso, imagine você, se não me casar, terei que dar lições para atender às minhas pequenas necessidades e acho que qualquer coisa é melhor que isso.

– Não na minha opinião. Cem vezes melhor trabalhar do que mentir e vender-se, ligando-se para o resto da vida a um homem a quem não se ama.

– Eu não mentirei. Tratarei de amá-lo e, ao mesmo tempo, provarei a Catarina que não serei a última a me casar. Mesmo porque, tudo está ainda em projeto, mas eu manterei você informada.

– Bem, espero que você me escreva sempre. Olha, a Xênia já terminou de escrever a sua carta. Vamos, pela última vez, conversar com ela à vontade. Deus sabe quando nos veremos outra vez em algum recanto do mundo para onde a sorte nos conduzir.

O som do sino que chamava as alunas à refeição da tarde interrompeu no mesmo instante todas as conversas. Como um bando de pássaros, as moças deixaram o dormitório.

A tarde do dia seguinte, com as diversas cerimônias, passou como

um sonho. Chegara o momento da partida: cercadas pelas companheiras e pelos parentes que haviam ido buscá-las, as jovens, coradas de emoção e de alegria, despediam-se da diretora, de seus professores e de suas antigas colegas. Trocavam protestos de eterna amizade e promessas de se escreverem com frequência.

Pela última vez, Tâmara abraçou Nadina e Natália e, em seguida, dirigiu-se a um senhor à paisana, que a aguardava sorridente em companhia de um velho marujo de alta patente.

– Enfim, aqui estou papai! – exclamou, atirando-se aos braços do primeiro e abraçando-o com afeto.

– Muito bem, sua ingrata! Não vai abraçar-me também? – perguntou o velho oficial, apresentando à sua afilhada um magnífico buquê de rosas e de *muguets*.

– Certamente, padrinho, você sabe como gosto de você. Só que não podia abraçar os dois ao mesmo tempo – respondeu Tâmara rindo.

Em seguida, vestiu um casaquinho de pelúcia e tomou o braço que seu pai lhe oferecia para descer a escadaria.

– Aí está você uma bela senhorita; apenas lamento que tenha de nos deixar tão cedo – disse rindo o oficial.

– Que fazer? – suspirou Tâmara, enquanto uma sombra cobria o rosto de seu pai.

Nicolai Wladimirovitch Ardatov era um homem de cerca de cinquenta anos, bem conservado e ainda bonitão, a despeito dos cabelos grisalhos. Os traços eram finos e regulares, os grandes olhos cinzentos cheios de fulgor e suas maneiras de requintada distinção. A Cruz de São Jorge na sua betoneira evidenciava que servira a seus pais com honra.

O Almirante Sergei Ivanovitch Koltovski era um antigo camarada e amigo de Nicolai Wladimirovitch. Velho celibatário, tornara-se extremamente apegado à sua afilhada Tâmara, que amava como a uma filha.

Durante o trajeto, foi o almirante que conversou com Tâmara; Ardatov permaneceu pensativo e silencioso. Somente quando a carruagem estacou diante de uma das magníficas mansões da Grande Morskóia[1], pareceu recuperar seu bom humor.

– Você chega em plena reunião – hoje é dia de nossa recepção – disse ele ajudando a filha a descer.

– Preferia que estivéssemos a sós, você, o padrinho e eu – observou a moça.

– Impossível, milha filha. Por que, aliás, você acha desagradável conhecer nossos amigos? A partir de hoje você passaria a frequentar a sociedade, se uma imprudente promessa não me forçasse a separar-me de você.

Cinco minutos mais tarde, Tâmara e seus dois acompanhantes deram entrada no vasto salão onde se encontrava reunido um grupo de doze a quinze pessoas. Prontamente, a conversação estancou, enquanto a dona da casa se levantou com vivacidade e, correndo para a jovem, abraçou-a com efusão.

– Seja bem-vinda, cara filha, à casa paterna – ajuntou ela puxando-a em direção às senhoras às quais foi apresentada.

Corada e contrafeita, Tâmara respondia às palavras afáveis das senhoras e à saudação profunda dos homens. Sentiu-se bem feliz logo que pôde sentar-se, enfim, deixando de ser o centro de atração. Com certa curiosidade, procurava ouvir a conversação e examinar as pessoas das quais uma grande parte lhe era desconhecida.

A madrasta de Tâmara, Senhora Lúcia Ardatov, era uma mulher de trinta e cinco anos, de uma beleza provocante que se realçava num vestido dos mais rebuscados. Estava, contudo, muito pintada e suas maneiras pareciam um pouco vivas demais e infantis para uma pessoa de sua idade. Ao falar, seu olhar se dirigiu para a enteada e, interrompendo o que narrava, disse a rir:

– Eis a nossa estudante! – seria como a lição de um professor,

esquecida de que está inteiramente em casa –. Tira as suas luvas, querida, e o seu chapéu!

Assim dizendo, tomou-lhe das mãos o casaco de seda azul. E continuou:

– E, agora, veja quanta coisa bonita nossos amigos oferecem a você para comemorar sua entrada na sociedade – ajuntou trazendo Tâmara para uma mesa carregada de buquês de flores e de elegantes caixas de bombons.

Toda confusa, a jovem agradecia, quando percebeu à soleira da porta do aposento contíguo uma menina de três anos, que lhe fazia um gesto com sua mãozinha roliça. Dirigiu-se a ela, tomou-a nos braços e cobriu-a de carinhos. Grata ante a oportunidade de eclipsar-se, Tâmara passou à outra sala e, fazendo a pequena sentar-se ao seu colo, começou a tagarelar alegremente com ela. Quando Olga manifestou desejo de mostrar-lhe uma imponente boneca, ela mandou-a buscar o brinquedo e, enquanto a esperava, aproximou-se de um espelho para arrumar a opulenta cabeleira castanha que coroava sua cabeça como um duplo diadema. Ocupada em ajustar os grampos, contemplava, não sem satisfação, sua graciosa imagem. Como aquele vestido branco de cintura azul lhe ficava bem! E o medalhão incrustado de turquesas que lhe dera seu padrinho era verdadeiramente magnífico!

– Ah! é aqui que ela se refugiou, príncipe. Veja a pequena vaidosa que nos abandona para mirar-se ao espelho e contemplar à vontade seu primeiro vestido longo!

Vermelha como uma cereja, Tâmara virou-se e seu olhar cravou-se, como que fascinada, no rosto de um jovem oficial de pé ao lado de sua madrasta. Ela acreditava jamais ter visto traços tão regularmente belos, um olhar tão fascinante como aquele. Completamente absorta na sua contemplação, não ouviu sequer que a Senhora Ardatov mencionava o nome do estranho e somente voltou a si quando sua madrasta tomou-lhe a mão e lhe perguntou a rir:

– Que tem você, Tâmara? Apresento-lhe o Príncipe Ugarine, que deseja saudá-la e você dorme acordada?

A moça voltou a si e, muito embaraçada, respondeu à saudação do príncipe, mais efusivamente, talvez, do que o teria respondido a outrem. Ligeiro sorriso deslizou pelos lábios do jovem oficial. Ainda que acostumado a esse gênero de triunfo, a admiração ingênua e mal disfarçada de Tâmara lhe causara prazer e o divertira. A moça, por sua vez, estava descontente consigo mesma: despeitada e pouco à vontade, disse umas poucas palavras e, ouvindo seu pai chamá-la no salão, levantou-se vivamente:

– Papai me chama. Com licença, mamãe.

Mal deixara a sala, a Senhora Ardatov perguntou a rir:

– Muito bem, príncipe, grande Salomão em matéria de beleza feminina, que pensa o senhor de nossa estudante?

O príncipe passou a mão sobre a barbicha negra e disse:

– Penso que ela deveria chamar-se Titânia, em vez de Tâmara.

Não lhe faltam senão as asas para completar a ilusão e fazer dela a encarnação da heroína de Shakespeare[2].

Lúcia ergueu os olhos com assombro:

– O senhor brinca, ingrato, e, no entanto, ela acaba de lhe conceder um triunfo muito lisonjeiro!

E riu com todo o gosto.

– Não estou brincando. Acabo de expressar minha convicção, o que não quer dizer, afinal de contas, que seja o tipo de beleza de minha preferência. Uma mulher menos diáfana, uma beleza mais terrena é bem mais desejável para nós, simples mortais – disse o príncipe com um sorriso galante.

A réplica da Senhora Ardatov foi cortada com a entrada de uma velha senhora, cujo rosto redondo e jovial irradiava grande bondade.

– Procurava o senhor, Arsênio Borissovitch, para perguntar-lhe se já tomou as providências relativas à petição do pobre funcionário de

quem lhe falei – disse, sentando-se em frente ao príncipe para conversar com ele sobre o caso de seu interesse.

A Senhora Ardatov participou por alguns momentos da conversa, mas logo se afastou para juntar-se aos outros convidados no salão, deixando o príncipe e a velha senhora. Vera Petrovna, Baronesa de Raban, era esposa do chefe de um departamento num dos ministérios. Muito rica e sem filhos, ela dividia a sua vida entre a sociedade e a caridade. Membro de um grande número de entidades beneficentes, seu bondoso coração a levava a compadecer-se de todos os infortúnios, que seus numerosos amigos ajudavam-na a aliviar. Era muito estimada na sociedade pelo seu caráter amável e sua alegria, e no seu salão hospitaleiro encontravam-se pessoas pertencentes aos círculos mais variados e opostos.

Havendo esgotado a questão concernente ao seu protegido e dobrado as notas que havia consultado, a baronesa guardou os óculos de aros de ouro e, sem prestar atenção aos olhos do príncipe fixados na porta do salão, perguntou-lhe:

– O senhor viu Tâmara? Que achou dela?

– Muito gentil. É realmente lamentável que seu pai a envie à Suécia. Estranha ideia essa, de fato, a de exilar a filha do lar paterno.

– Ardatov está preso a uma promessa feita à sua primeira esposa, mas temo que tal separação seja prejudicial à menina – suspirou a baronesa.

– Por quê?

– Porque conheço um pouco a família Ericson, em casa de quem ela vai viver. São pessoas exaltadas, cheias de ideias antiquadas e de convicções incompatíveis com os costumes de nossos dias.

– Mas, nesse caso, é tolice cumprir a promessa. Não compreendo por que Nicolai Wladimirovitch sacrifica dessa maneira a filha à fantasia de uma mulher hoje defunta. Seria indiscreto, baronesa,

perguntar por que ele se separou da primeira esposa?

– Não é segredo. Aliás, sobre as verdadeiras causas da desunião, creio estar eu mais bem informada do que qualquer outra pessoa – respondeu a velha senhora, baixando um pouco a voz –. Ardatov servia ainda à marinha, quando conheceu Swanhild. Em vista de uma avaria, seu navio ficou algumas semanas em Gotemburgo para reparos. Foi aí que ele a viu e se tornou perdidamente apaixonado por ela. Swanhild era deslumbrante – com o tempo, Tâmara será o retrato dela – e tão boa como bela, inteligente e uma verdadeira erudita. Nunca vi uma mulher tão perfeita, e, contudo, mais infeliz.

Fez uma pausa e continuou:

– Mas estou antecipando o futuro. Na época em que Ardatov a conheceu, Swanhild estava noiva de um jovem sueco imensamente rico, ao que se dizia. Sem dúvida ela também sentiu uma viva paixão por Nicolai Wladimirovitch, pois, a despeito dos seus rígidos princípios, faltou à palavra dada. Desconheço os detalhes, mas sei que essa união, celebrada sob tão romanescos auspícios, não foi feliz, porque a moça não era feita para a vida real. Educada no isolamento, cheia de ideias doentias, ela aspirava a um ideal irrealizável, a virtudes que a sociedade atual não possui. Uma vez que Deus tolera a existência do mal, é preciso suportá-lo enquanto vivemos neste mundo. Não é voltando as costas ao semelhante, como se ele fosse o próprio demônio, que estaremos fazendo o bem a nós próprios e aos outros. A pobre Swanhild estava nesse caso: arrancada ao mundo de suas fantasias onde vivera, acreditou-se transportada ao inferno. Seu espírito, suas ideias, seu saber diferiam de tal maneira do que veio encontrar em nossa sociedade, que logo um abismo separou-a das pessoas, que não a compreendiam e, por sua vez, não eram compreendidas por ela. O contato com o mal a chocava, ela desprezava o vício e o condenava abertamente. No lar, sua intolerância chegou a criar desarmonia: Ardatov, ainda que excelente criatura, tinha suas fraquezas e sua mulher não as soube perdoar. Seu orgulho desmesurado tornou

impossível qualquer tentativa de reconciliação. Ela manteve-se insensível ao arrependimento do marido e, muito abalada pela morte do primogênito, acabou separando-se dele, quando nasceu Tâmara. Diziam alguns que ela considerava o fracasso de sua vida como punição por haver traído seu primeiro noivo e, minada pelo remorso, extinguiu-se em cinco anos, vítima de sua educação irracional. Swanhild sabia da ligação do marido com Lúcia e previa que aquilo acabaria em casamento e, sem dúvida, a perspectiva de ter sua adorada filha educada por uma antiga atriz lhe era odiosa. Talvez ela temesse a influência de seus princípios um tanto levianos. Seja como for, ela exigiu e obteve de Ardatov o juramento de enviar Tâmara à sua prima e melhor amiga, até que a moça completasse vinte anos de idade. Claro que eram boas as suas intenções, mas eu não espero nada de bom da permanência dela em casa dos Ericson, pessoas misantropas, exaltadas, cheias de ideias superadas. Tâmara será ali subtraída à realidade da vida e voltará à casa paterna com o cérebro carregado de ciência e o coração com exagerada sensibilidade, incapaz de retomar o equilíbrio, permanecendo isolada como sua mãe. Tudo lhe terá sido retirado sem que nada lhe tenha sido dado em troca para sustentá-la na luta com a vida e os homens, pois armada apenas com o dever e a virtude é bem difícil subsistir.

O príncipe ouvira silenciosamente a longa narrativa da velha senhora.

– Em resumo, a senhora teme que a Senhorita Tâmara não se torne muito virtuosa – observou ele ironicamente após curto silêncio.

– Ao contrário – retrucou a baronesa com vivacidade –, ela terá dignidade e reserva demais para agradar os homens e muito orgulho para dobrar-se às circunstâncias. Será bela demais para passar despercebida e muito exigente para encontrar marido com o qual simpatize, pois seu espírito muito evoluído lhe fará ver sem ilusão as deficiências, o vazio e os vícios de todos. Em uma palavra: faltará a ela a ingenuidade de acreditar no que é falso e a

simplicidade para desculpar o que desprezar. Pobre menina! Eu a lamento, porque é cem vezes melhor ser cega do que lúcida demais, sobretudo na vida conjugal.

A entrada de várias pessoas impediu Ugarine de responder e a conversação tomou rumo diferente.

Os oito dias que Tâmara passou em casa do pai foram ocupados, em grande parte, pelos preparativos da viagem. Mesmo assim, sua madrasta, que somente se sentia bem no turbilhão da sociedade, levou-a a várias reuniões, em uma das quais ela teve oportunidade de rever o Príncipe Arsênio Ugarine, que exercia sobre ela verdadeira fascinação.

À véspera da partida, dia da recepção habitual de seus pais, a casa encheu-se de gente e entre os convidados estava Ugarine. Após o chá, muitos se instalaram às mesas de jogo. Liberada de qualquer compromisso, Tâmara recolheu-se a um divã e, de seu recanto algo obscuro, observava o Príncipe Arsênio, que ela não se cansava de contemplar e no qual tudo era de seu agrado – o sorriso desdenhoso e sarcástico, o olhar enfarado e indiferente de seus grandes olhos negros, tudo, até o gesto indolente com o qual distribuía as cartas.

O pensamento de que não mais o veria apertava o coração de Tâmara. Se ao menos pudesse levar um de seus numerosos retratos que vira nos álbuns! Mas não ousava pedir um deles à sua madrasta, temendo o rubor traidor que lhe subia à face só em pensar nisso.

Após a partida dos convidados, a moça retirou-se para o seu quarto de dormir, mas, interiormente agitada e insone, dispensou a camareira e, apesar do avançado da hora, sentou-se junto à escrivaninha e se pôs a guardar numa caixinha alguns objetos espalhados sobre a mesa.

Ali se encontrava também uma foto colorida de sua mãe, cópia de um grande retrato a óleo pendurado no gabinete de trabalho de seu pai. Tâmara o aproximou da lâmpada e contemplou a imagem

querida. A baronesa havia dito a verdade: mãe e filha se pareciam extraordinariamente; só que uma delas era ainda uma criança, enquanto a outra estava no auge da sua beleza. Logo o pensamento de Tâmara desviou-se e, de sua mãe, voltou a Ugarine. A imagem fascinadora do jovem bailava ante seu espírito e o desejo de possuir um retrato dele despertou nela com nova intensidade. Por que não o pegava, mesmo sem permissão? Quem haveria de notar um só retrato faltante? E, por certo, não havia mal algum em levar consigo o modelo de uma cabeça particularmente bela e que lhe agradava do ponto de vista artístico.

Com súbita resolução, ela levantou-se e, como uma sombra, deslizou pelo salão. Com as mãos trêmulas, retirou de um álbum um grande retrato do príncipe e o substituiu por outra fotografia. De volta ao seu quarto, envolveu o seu tesouro em um papel de seda e o fez escorregar para o fundo da caixa.

Tâmara não se dava conta do sentimento que a fazia agir daquela maneira. Nem sequer pensava na indiferença do herói de seus sonhos, que não havia tido para ela um só olhar. Estava contente em poder apenas contemplá-lo quando o desejasse e, subitamente tranquilizada, deitou-se e dormiu o sono calmo e profundo da juventude.

---

1 Grande Morskóia: nome de uma rua de São Petersburgo, hoje com outra denominação, na qual, à época tzarista, residiam, em sua maioria, os elementos da nobreza.

2 Titânia: soberana do reino das fadas e esposa de Oberon na peça *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare.



O doce exílio em Estocolmo

ARDATOV LEVARA PESSOALMENTE a filha a Estocolmo, mas negócios urgentes exigiam sua presença na Rússia e ele partiu ao cabo de dois dias. Antes de embarcar no navio que o levaria de volta, chamara Tâmara em seu quarto e lhe dera uma carteira bem suprida de dinheiro para as suas pequenas necessidades; em seguida, abraçando-a, havia dito, com lágrimas nos olhos e agitado pela mais penosa emoção:

– É com o coração pesado que me separo de você, minha querida filha, mas se você se sentir triste, se ficar entediada aqui, escreva-me com franqueza e em dois anos eu lhe prometo levá-la de volta.

Após a partida de seu pai, Tâmara voltou para casa em lágrimas, mas a afeição que lhe testemunhou toda a família Ericson fez retornar ao cabo de alguns dias sua alegria habitual.

A Senhora Eveline Ericson era uma mulher ainda bonita, de modos aristocráticos, sempre doce e séria. Mantinha a casa em uma ordem exemplar e era, certamente, a alma e o centro da numerosa família que se agrupava em torno dela.

O marido era pintor, homem instruído e distinto. Devotava-se,

como a esposa, à educação dos cinco filhos, dos quais o mais velho, de vinte anos, era cego. O pai do Senhor Ericson vivia também ali na casa, onde ocupava três cômodos, atravancados de alto a baixo de livros e manuscritos. Antigo professor de história e de arqueologia, o velho sábio só se sentia bem entre seus livros queridos, trabalhando, ainda, assiduamente na sua obra capital: um tratado sobre as antiguidades escandinavas.

Nada era mais calmo do que aquele ambiente, onde tudo era regulado como num relógio e onde cada membro da família contribuía, na medida de suas forças, para o bem-estar comum. Dessa forma, o mais velho dos filhos, apesar da cegueira, tocava violão como verdadeiro artista e participava de concertos; a Senhora Eveline fazia, em várias línguas, bem remuneradas traduções, em vista da perfeição com que as executava e, nos momentos de lazer, pintava com aquarela. Dessa forma, a despeito da modesta fortuna, os Ericson viviam confortavelmente, passando o inverno na cidade e o verão numa bonita vila à beira-mar, construída no meio de vasto jardim.

Tâmara sentia-se bem ali naquele ambiente ao qual se habituara. Gostava de Eveline e de seu marido como de parentes próximos e as lições de pintura que lhe dava o tio Ivar, como o chamava, eram para ela os melhores momentos do dia, pois era uma artista nata e cada patamar da arte que escalava a enchia de alegria.

O verão passou alegremente – era um tempo de repouso para todos e diariamente a família fazia excursões pelos arredores, ou passeios no mar. À noite, Malcus tocava violão ou cantava com a sua mãe, e com esse pequeno concerto a família encerrava o dia. Mas quando chegou o inverno, Tâmara começou a sentir um pouco de tédio; seus pequenos companheiros de distrações ficaram absorvidos pelos estudos, quase nunca vinham visitas e, entre os livros, poucos romances eram encontrados. Ela começou a sentir falta da animação e da alegria barulhenta que reinava em casa de seu pai. Voltava a pensar em Ugarine que, em sua terra, ela teria

podido ver com frequência; tomada de tristeza e despeito, encerrava-se no seu quarto, contemplando o retrato do príncipe e negligenciando os estudos de pintura.

A Senhora Ericson havia claramente observado as oscilações no humor de sua hóspede e, certa manhã, chamou-a aos seus aposentos pessoais.

– Minha querida – disse ela fazendo-a assentar-se junto de sua mesa de trabalho –, há muito tempo que estava para pedir-lhe que me ajudasse. Veja: pinto leques para uma fábrica; é um trabalho fácil e elegante, mas que exige conhecimento e bom gosto. Se eu lhe der algumas indicações, você pintará melhor que eu sobre a seda e o cetim. Tendo algo que fazer, você sentirá menos a nossa solidão e ainda me ajudará no trabalho, como poderia fazer minha filha, pois gosto tanto de você como dela, você sabe. Contudo, se você não tem vontade de fazer isso, diga-me com franqueza.

– Que é isso, tia Eveline? Certamente que quero ajudar a senhora e aprender esse trabalho tão bonito! – respondeu Tâmara com os olhos brilhantes.

A partir daquele dia, Tâmara trabalhou ativamente com a Senhora Ericson, feliz em poder ajudá-la e sem tempo para entediar-se. Foi também uma grande alegria ser admitida com o seu cavalete ao atelier de seu mestre e trabalhar com ele e com o segundo filho, Eric, que também escolhera a profissão de pintor. A competição entre os dois jovens era viva, mas a moça suplantou logo o seu companheiro e o pai apontava como modelo a seu filho a segurança de seu pincel, a transparência do seu colorido e a expressão de autenticidade que ela imprimia aos seus quadros.

Uma carta que Tâmara recebeu nessa época veio quebrar toda essa quietude. A moça mantinha assídua correspondência com seu pai e sua madrasta. Quanto às colegas de internato, pareciam havê-la esquecido, com exceção de Nadina, que lhe participara seu noivado com o Coronel Kulibine e lhe contara todas as novidades de seu interesse. A carta que trouxe perturbação à alma de Tâmara

veio de Catarina e constava de várias páginas. Com a ousada sem-cerimônia que lhe era própria, a Senhorita Migusov descrevia a viagem que fizera ao estrangeiro, os inúmeros bailes, concertos e festas alegres dos quais havia participado, bem como os estonteantes vestidos do costureiro Worth, de que todas as mulheres sentiam tanta inveja. A maior parte do relato, contudo, era dedicada às suas conquistas e estava impregnada da mais orgulhosa satisfação: "Meu milhão tem produzido todo o resultado que eu esperava: já abrasou muitos corações – escrevia ela –. Em Nice, um príncipe italiano, um marquês e um barão alemão me pediram em casamento. O último deles quis mesmo suicidar-se ante minha recusa, mas mantive a palavra, pois nenhum deles me agradou e, quem sabe, talvez os palácios e castelos que eles se vangloriavam de possuir não fossem mais do que pardieiros em ruínas que consumiriam meus rublos? Não, muito obrigada. Por ora, a liberdade antes de tudo! E os apaixonados que me assediam aqui não terão maior sucesso que os pretendentes de fora".

Inquieta e de cenho carregado, Tâmara apoiava-se com os cotovelos sobre a sua mesa. A leitura dos triunfos de Catarina veio despertar nela um violento desejo de diversões e, com uma sensação de despeito, ela se perguntou por que, afinal de contas, ela deveria enlanguescer e entediar-se ali, quando o mundo era tão belo e oferecia tantas distrações.

Tanto quanto sua amiga, ela poderia brilhar nos bailes e festas e conquistar corações. Não era ela também uma rica herdeira? Seu pai, é verdade, não havia mencionado a importância de seu dote, mas o padrão de vida em sua casa, os vestidos e os diamantes da madrasta, tudo evidenciava que seu pai desfrutava de grande fortuna. Estava de tal maneira absorvida em tais pensamentos, que nem notou a entrada de Eveline e que esta percebeu a nuvem que obscurecia a face de sua protegida, bem como a carta aberta diante dela.

– Recebeu más notícias, minha filha? – perguntou a Senhora

Ericson.

– Não, tia, é uma das minhas colegas de internato que me escreveu. Se você soubesse como ela é feliz, como se diverte e que sucesso ela tem feito na sociedade! Ela tem despertado grandes paixões...

– Posso ler a carta?

– Claro! Você verá como ela é interessante.

Um sorriso errava pelos lábios de Eveline quando ela redobrou o papel da carta.

– Quem é a autora da carta? A tola vaidade e a arrogância vulgar

que destila de cada frase da carta levam a imaginar que ela seja de baixa condição social.

– Catarina Migusov é filha de um negociante muito rico – respondeu Tâmara corando.

– Deve ser um novo rico em quem a súbita fortuna não conseguiu extinguir a rudeza primitiva. Sua filha é prova disso e você não deve, minha querida, tomar ao pé da letra todas as gabolices da Senhorita Catarina. O verniz superficial do internato não pode dar-lhe o que lhe faltava: a educação de uma mãe instruída, distinta e inteligente, que incute desde o berço a verdadeira elegância e a delicadeza de sentimentos. Pode você, em sã consciência, achar de bom gosto essa ostentação de uma fortuna sobre a qual é preciso falar, a fim de não ser considerada como algo comum? Creia-me, a verdadeira aristocracia não tem necessidade de fazer tilintar o ouro na bolsa e ninguém se enganará com ela. Quanto aos seus êxitos, são dos mais tristes. Caçadores de dotes sempre se encontram por toda parte, mas pode o casamento com um homem desses trazer felicidade? O imprestável arruinado que a desposar irá desprezá-la e arruinar sua existência. Quando você tiver maior experiência da vida, verá que tenho razão e, então, não invejará triunfos que não são devidos ao mérito do espírito, mas a um incidente financeiro.

– Mas, tia, eu também sou rica. Posso, por essa razão, desprezar

todo o sucesso mundano ou desconfiar de todos que me amarão?

– Não, certamente. Mas a experiência ensinará você a distinguir homens que se interessarem pela sua pessoa daqueles que só terão em mente o seu dote. Além do mais, minha querida, a riqueza é coisa frágil e espero que sua felicidade futura seja construída sobre bases mais sólidas do que o acaso da fortuna. Essa base é a cultura do espírito e a do coração. E agora, basta de falar sobre o futuro – vem ajudar-me na minha tradução.

Após esse incidente, logo esquecido, a vida retomou seu ritmo habitual e horizontes sempre novos se abriam à inteligência de Tâmara, enriquecendo-a de conhecimentos profundos e variados. Toda tarde, enquanto os escolares preparavam suas lições, Eveline, seu marido, os dois mais velhos e a moça reuniam-se no aposento do velho Senhor Ericson e, alternadamente, cada um lia um texto em voz alta ou eram debatidas as novidades literárias e científicas do momento.

Tâmara começara ficando um tanto à margem, ouvindo distraidamente a conversação. Que lhe importavam a luta contra o materialismo e a teosofia, as querelas entre hipnotizadores e magnetizadores, as escavações para localização de cidades destruídas e esquecidas? Pouco a pouco, contudo, seu interesse despertou e, em breve, ela passou a escutar avidamente a leitura dos interessantes tratados que discorriam sobre as forças ocultas da alma e as leis misteriosas e tão pouco estudadas que regem o mundo invisível nos seus contactos com a humanidade terrestre e lançam uma luz nova sobre o porquê da vida. A história também ficou mais clara para ela. A palavra mágica do velho sábio fazia reviver para seus ouvintes as antigas civilizações extintas. Os povos desaparecidos se levantavam do esquecimento e sacudiam a poeira dos séculos. O velho Egito, a Assíria, a Índia, a Grécia desfilaram, assim, ante os olhos deslumbrados de Tâmara. Não eram mais nomes vazios de interesse que lhe recordavam apenas uma árida nomenclatura de datas ou de personagens lendárias – das ruínas

poupadas pelo tempo; o velho arqueólogo reconstruía a vida das raças mortas, suas artes, suas ciências, suas crenças religiosas. Os heróis lendários tornavam-se seres vivos novamente, com os quais a moça se familiarizava, compreendendo como e porque haviam lutado, trabalhado e amado. Com a face em fogo, Tâmara contemplava as gravuras que representavam os baixorrelevos, as estátuas, os monumentos postos a descoberto pelas escavações. Sem mesmo perceber, ela ficava contando as horas até à tarde. Trabalhando com Eveline, discutia todos esses assuntos interessantes e nem sentia mais a ausência dos romances e jamais o tédio colocou sombras em seu belo rosto. O magnetismo também a interessava vivamente. Fez experiências com flores doentes, pássaros e com o seu cãozinho, obtendo resultados surpreendentes, que a encheram de alegria. Quando o verão chegou novamente, Tâmara verificou, com espanto, que o longo inverno passara como um sonho.

Apesar das grandes modificações ocorridas em vista do progresso, no espírito e nas opiniões de Tâmara, uma recordação da casa paterna permanecera viva nela e a auréola que a envolvia não sofrera nenhum esmaecimento: era a lembrança do Príncipe Ugarine. A imagem do jovem exercia sobre Tâmara todo o seu fascínio primitivo. A moça não se cansava de contemplar e de estudar cada traço daquela bela face. Fez, afinal, vários esboços e depois retratos dele. A cabeça do Príncipe Arsênio serviu de modelo a todos os heróis que seus estudos históricos evocavam. Exibia alternadamente a dupla coroa dos faraós, a tiara dos reis de Nínive ou o elmo de Aquiles. Só que nenhum olhar indiscreto jamais pousara sobre esses inumeráveis estudos, cuidadosamente guardados no canto mais secreto de suas gavetas.

Nesse ambiente solitário e grave decorreram insensivelmente os quatro anos que Tâmara deveria passar na Suécia e o pensamento de sua volta à casa paterna despertava na alma da jovem um misto de alegria e apreensão. Há dois anos ela não via o pai; na última vez em que ele veio vê-la, anunciou o nascimento de um irmãozinho

que havia recebido o nome de Jorge e era igualmente afilhado do almirante. Agora Nicolai Wladimirovitch escrevia que esperava impacientemente pelo retorno da filha e o coração de Tâmara batia ao pensar em rever Petersburgo e... Ugarine. Que estaria ele fazendo? Nunca seu pai nem o almirante haviam mencionado seu nome em suas cartas. Estaria ele casado? Esse pensamento a perseguia e lhe inspirava um sentimento pungente do qual ela não se dava conta. Tanto queria partir logo como, às vezes, desejava ficar na Suécia para sempre, dado que sua madrasta inspirava-lhe íntima aversão. Ah, ela amava a todos e todos a queriam muito. Era a discípula favorita de todos e, sem perceber, tornara-se uma pequena erudita. O avô empenhara-se em tornar-lhe atraentes as ciências mais sérias, enquanto Eveline havia desenvolvido seu gosto pela literatura e pelas artes recreativas. Quanto ao tio Ivar, seu grande amigo, cultivara seu talento com o amor de um pai e quando, por ocasião do último Natal, que Tâmara passava com eles, ela lhe fez presente de um retrato de Malcus; ao abraçá-la, o pintor lhe havia dito com profunda emoção:

– Não tenho mais nada a ensinar-lhe, minha querida! A técnica desta cabeça desafia a crítica, e a chama de vida intelectual que você soube criar para animar esta face de um cego prova que Deus dotou você daquela profundidade de observação que faz os grandes artistas. Persevere que você atingirá o auge da arte.

– Sim, minha filha, cultiva a arte e a ciência. Aí estão duas amigas que tornarão supérfluas a sociedade e as banais distrações do mundo – acrescentou o avô –. Creia-me, os homens perturbam o repouso, destroem o equilíbrio da alma. Somente longe deles podemos encontrar paz e felicidade. A arte e a ciência abrem-nos as portas dos domínios do pensamento. Ali, nem a inveja, nem a traição, nem a calúnia poderão alcançar-nos e ferir-nos.

Chegara o último verão que Tâmara deveria passar com seus amigos. Por diversas razões, seu regresso foi adiado por três meses e somente no fim de agosto ela deveria partir para São Petersburgo.

A iminente separação pesava sobre toda a família. Mais do que nunca, procuravam permanecer todos juntos. As crianças preparavam lembranças para a jovem companheira e Eveline, em longas conversas, resumia os ensinamentos proporcionados à sua discípula pelo exemplo e pela palavra, discutindo e esclarecendo as graves questões da vida.

Uma tarde, a Senhora Ericson e Tâmara encontravam-se a sós no terraço coberto por uma trepadeira. A Senhora Ericson fazia um trabalho manual, enquanto a moça lia para ela uma carta que acabara de receber de sua madrasta, que lhe falava de bailes, espetáculos e festas das quais iria participar durante o inverno, pois seu pai decidira introduzi-la na sociedade com toda a pompa e fazê-la casar-se, se possível. Em seguida à leitura, Tâmara, vivamente agitada, começou a elaborar intermináveis projetos para o futuro. Eveline ouviu com um sorriso e depois observou:

– Certamente, minha filha. Desejo de toda a minha alma que seu futuro seja radioso e sem nuvens, mas a experiência me diz que é perigoso esperar demasiado da vida. Tudo no mundo é tão frágil, as decepções tão numerosas, que somente uma fé inquebrantável na Providência Divina pode sustentar-nos e conservar-nos a serenidade da alma. Terá você essa fé serena e a força de não ceder à tentação? Somente o futuro nos dirá.

– Sem dúvida, minha fé em Deus é inquebrantável, e poderia ser de outra maneira depois de tudo o que lemos e estudamos sobre a imortalidade e a vida no Além? Mas, por que, tia Eveline, você acha que serei tentada?

– Porque é inevitável no meio em que você passará a viver. Para não ser tentada, é preciso viver longe dos homens e elevar-se muito acima de suas fraquezas.

– Mas, tia Eveline, sob a proteção de meu pai, não estou garantida contra a maldade humana? Nossa fortuna me assegura um futuro independente, e quando me casar – prosseguiu ela corando – tratarei de criar no meu lar o entendimento e a afeição que reinam

entre você e tio Ivar.

– Repito-lhe, minha querida, que espero para você um futuro feliz. A prudência, contudo, me leva a lembrar-lhe que não podemos contar com nada, sobretudo com a vida humana. Somos todos pó e ninguém conhece o momento em que se apagará aqui para regressar ao mundo do qual nos separa um véu espesso. Os seres amados que nos cercam são como um empréstimo feito pelo destino, que nos poderão ser retomados no momento em que menos esperamos e nenhum amor poderá retê-los. Quanto à fortuna, é uma vantagem ainda mais efêmera e é conosco mesmo e não com ela que devemos contar na vida.

Tâmara empalideceu: parecia-lhe que o futuro se cobria de escuridão e que sua alegria de viver se turvava ao contato inevitável da lei de destruição e do tempo, esse gigante insaciável, que tudo traga. De repente, ela pensou em sua própria vida, bem curta ainda, mas que havia passado tão depressa! Ainda ontem ela era tão pequenina e brincava com a sua mãe! E, contudo, já há nove anos ela estava morta. E quantos outros haviam desaparecido no abismo desconhecido, ao encontro do qual ela também rolava com a rapidez de uma avalanche! E, nessa corrida vertiginosa, o tempo lhe arrebataria pouco a pouco todos os que ela amava, bem como sua juventude e sua beleza, até o momento em que, envelhecida, enrugada, débil e, talvez, solitária, cairia no túmulo. Um tremor a sacudiu e uma lágrima assomou-lhe aos cílios.

A Senhora Ericson, que observava seus traços móveis, tomou-lhe a mão docemente e lhe disse:

– Terá você tão pouca coragem, Tâmara, que um só olhar atirado sem ilusão sobre a vida a faz tremer? Quanto à morte, não a tema. Se eu lembrei a ideia da destruição material, não é para levar você a ter medo de uma lei natural, clemente e necessária como tudo quanto foi instituído pelo nosso Pai Eterno. A morte não é mais do que uma nova fase na existência de nosso ser indestrutível. O amor sobrevive às trevas do túmulo e nos religa àqueles que pareciam

desaparecidos para sempre e que ainda estão juntos de nós. É como se estivéssemos reunidos num aposento escuro: não nos vendo uns aos outros, você pensaria que estamos ausentes, mas desde que venha a luz, você pode ver-nos. Da mesma forma a alma, ao despertar, reencontra aqueles a quem amou. Vamos ainda mais longe. Nada, nem mesmo o que nos parece ínfimo, se perde, desde que a afeição nos tenha ligado àquilo, pois o amor, sentimento divino, se estende igualmente a tudo quanto amamos. Assim, a sua afeição por Biju – e ela apontou o cãozinho favorito de Tâmara – forja entre você e ele um vínculo tão indestrutível e eterno quanto aquele que liga você a mim. A única diferença é que Biju é um irmão inferior na escala da perfeição e seu apego a ele é a proteção, o elo de atração pelo qual o ser superior se liga ao inferior.

– Compreendo, tia, e sei que todas essas belas e consoladoras teorias têm sido confirmadas pelos fatos. Mas, para testar todo o benefício de tais ensinamentos, é preciso ver por si mesmo. Ah, se a mamãe me viesse dizer: “Estou viva e velo por você”, então, sim, a morte perderia todo o seu horror, mas... ela permanece muda...

– Quem sabe se a graça de Deus não concederá a você a prova da sobrevivência no Além? – respondeu Eveline com os olhos brilhantes –. Saiba, minha filha, que vive entre nós um desses seres privilegiados que servem de intermediários entre nós e os queridos que se foram. Malcus é um médium de grande potência e as pequenas reuniões noturnas, que tanto têm intrigado você e às quais prometi admiti-la antes que nos separássemos, são sessões mediúnicas.

– E você vai me admitir agora? – perguntou Tâmara com a face afogueada.

– Sim, minha querida, é chegado o momento de introduzir você no templo da verdade, de conferir as teorias com os fatos, a fim de que a luz que ilumina sua alma a proteja como uma perfeita couraça e sustente você no mundo cheio de tentações em que irá viver.

Dois dias depois, em seguida ao chá, o pequeno círculo doméstico,

composto da Senhora Ericson, seu marido, o sogro e Tâmara, reuniu-se no salão. Com interesse palpitante, a moça observou o cego que, logo, caiu em profundo sono e, com a segurança de um vidente, ordenou que a iluminação fosse reduzida a certo ponto e recomendou diversas disposições.

– Mas você está vendo, Malcus? Como você me vê e às coisas que me cercam? – perguntou curiosamente Tâmara.

– Sim, sem dúvida, eu a vejo. Você é bonita, Tâmara, e se parece muito com a sua mãe – respondeu Malcus.

Descreveu, a seguir, a moça, a cor de seu vestido e de seus cabelos e até o medalhão que ela trazia.

– Neste momento não sou cego, pois somente os olhos terrenos estão cerrados à luz – acrescentou ele –; os olhos da alma veem tanto mais claro.

As manifestações que se seguiram não deixaram dúvida alguma em Tâmara sobre a presença e a ação de uma força inteligente e perfeitamente independente dos assistentes. Uma comunicação de sua mãe a encheu de alegria e gratidão.

Pouco depois, o jovem médium anunciou que a mãe de Tâmara desejava mostrar-se à filha. Na noite escolhida, as luzes foram reduzidas e a cadeira de rodas de Malcus foi levada para trás de uma cortina que formava um gabinete escuro ao canto do salão. Em seguida, profundo silêncio estabeleceu-se. Com o coração palpitante de temor e de esperança, Tâmara olhava fixamente para a cortina, através da qual se ouvia a respiração sibilante e oprimida do médium adormecido. Parecia-lhe que uma eternidade de espera havia decorrido, quando ligeiro ruído se fez ouvir e algumas placas fosforescentes deslizaram sobre o pano, ora desaparecendo entre as suas dobras, ora aglomerando-se como massa nebulosa.

Ao cabo de alguns instantes, o cortinado abriu-se e uma figura vaporosa, envolvida em tecidos brancos, apareceu. Uma luz intensa brilhava em torno da aparição, clareando não somente o seu rosto

sorridente, mas também a Malcus, atirado sobre a cadeira.

– Tâmara! – chamou uma voz doce, como que velada pela distância.

E a mão vaporosa e transparente da visão fez um sinal à jovem para que se aproximasse. Toda trêmula, levantou-se e veio ajoelhar-se ante aquela a quem não poderia deixar de reconhecer: era mesmo a mãe querida que ela vira pela última vez no caixão. Lívida e gelada naquela ocasião, permanecera insensível às suas lágrimas e ao seu desespero. Agora, viva, bela e rejuvenescida, ela a olhava com amor.

– Estou viva, amo-a e velo por você – disse a mesma voz frágil e apagada, mas cujo timbre conhecido fez palpitar o coração de Tâmara.

A luminosa aparição curvou-se sobre ela, cobrindo-a quase com os tecidos fosforescentes que a envolviam, e um sopro tépido e perfumado aflorou sua testa. Subitamente, tudo acabou e o salão voltou à escuridão. Algo ficara, contudo, na mão da moça e quando a lâmpada foi acesa, todos viram que era uma rosa branca, flor maravilhosa, trazida do espaço pelo amor materno à filha exilada na Terra.

O episódio suscitou em Tâmara profunda impressão. A convicção de que sua mãe velava por ela enchia-lhe a alma de quietude e felicidade. A lembrança da morta foi estranhamente reavivada e a moça passou a procurar com avidez tudo quanto, direta ou indiretamente, havia pertencido à sua mãe. Nas suas conversas com Eveline, era o assunto predominante, e todas as noites ela contemplava longamente o retrato dela, que seu pai lhe dera após ter deixado o internato.

Sob a impulsão de tal sentimento, a moça começou a dar preferência aos seus passeios em direção a certo local que sempre lhe interessara, mas que raramente ela visitava.

A uma hora de caminhada da residência dos Ericson encontrava-

se um pequeno bosque nos limites do qual havia um parque cercado por uma grade e, ao longe, através de verdejantes clareiras, viam-se os tetos pontudos e as torres de um castelo gótico. A bela construção parecia deserta. Nunca se vira ali viva alma, nem no caminho formado pelos enormes carvalhos, nem no parque. Até mesmo o bosque era deserto e nem camponeses eram vistos nas cercanias. Eveline gostava de ir até ali com as crianças para procurar frutinhas e cogumelos e repousar em liberdade sob a espessa floresta. Um dia Tâmara ficou sabendo a quem pertencia o castelo.

– É do Senhor Olaf Cederstedt – respondeu Eveline laconicamente.

E, a despeito do interesse que o nome provocara na moça, a conversa ficou nesse ponto e não houve meios de fazê-la prosseguir.

Olaf Cederstedt era o nome do noivo ao qual sua mãe havia faltado com a palavra empenhada, a fim de desposar seu pai. Tâmara sabia disso, se bem que as causas desse rompimento lhe fossem desconhecidas. Ela sabia também que, nos últimos tempos de sua vida, a Senhora Ardatov sentira remorsos. Uma conversa de Tâmara com a sua mãe, dois dias antes da morte desta, causara profunda impressão na criança, então com onze anos. A agonizante pediu que lhe trouxessem uma caixinha contendo um caderno, algumas cartas e um medalhão de ouro. Após haver examinado e recolocado os objetos na caixa, ela a fechou e a entregou, juntamente com a chave, a Tâmara.

– Você é ainda uma criança, mas o seu espírito é precoce – disse-lhe a doente. Você compreenderá e respeitará, eu sei, minha última vontade. Conserve este cofre em seu poder; ele contém o meu diário e o retrato de um homem ao qual eu causei grandes dissabores. Não desejo que você leia essas páginas, nas quais depositei muitas dores, mas se um dia você encontrar-se com Olaf Cederstedt, dê-lhe esse caderno, pois somente ele deverá conhecer

o que contém. Entenda-me bem: você não deve procurá-lo e, se souber que ele morreu, queime a caixa. Você lha entregará somente se o acaso colocá-lo em sua presença, pois então terá sido vontade de Deus que ele tome conhecimento de que fui punida naquilo que pequei!

Tâmara prometeu, em lágrimas, obedecer e manteve sua palavra. Como todas as crianças as quais a desarmonia entre os pais coloca em situação falsa e penosa, ela amadureceu precocemente e ninguém, nem mesmo Eveline, sabia do legado que conservava em seu poder. Sem despertar a atenção de ninguém, contudo, a moça fora se informando dos fatos e conseguira apurar que o Senhor Cederstedt vivia há muitos anos no exterior.

O tempo havia esmaecido essa lembrança, mas a aparição de sua mãe viera despertá-la com intensidade. Tâmara começou a frequentar com assiduidade o pequeno bosque e ali, estendida sobre a relva, enquanto seus companheiros – os dois filhos menores de Eveline – colhiam plantas para os seus herbários, ela meditava sobre a tragédia emocional que havia mudado o destino de sua mãe e contemplava com curiosidade o castelo, onde, sem dúvida, sua mãe teria vivido e ela própria teria crescido, sob condições completamente diferentes da sua vida atual.

Oito dias antes de partir, Tâmara foi pela última vez à floresta para despedir-se do seu local favorito e contemplar o castelo. Sentada no tronco de uma árvore, enquanto Harald e Clas colhiam cogumelos, meditava em silêncio, quando uma tosse seca atraiu sua atenção. Viu, então, um velho magro e curvado que, de cabeça baixa, caminhava lentamente, apoiado numa bengala.

O desconhecido parecia absorto nos seus pensamentos e passou sem notar a presença da moça, mas tomado de novo acesso de tosse, tirou o lenço e o levou à boca. Nesse momento, Tâmara viu que um objeto brilhante caíra de seu bolso ao chão. O homem pareceu não haver percebido o incidente e continuou a caminhar.

Tâmara abandonou sua cestinha de trabalho e correu na direção

do caminho. Apanhou ali uma pequena cigarreira de prata e em um instante alcançou o desconhecido. Estendendo-lhe seu achado, disse-lhe:

– Senhor, por favor, aqui está a cigarreira que o senhor acaba de deixar cair.

O velho levantou a cabeça e estendeu a mão, murmurando um agradecimento. Mas, logo que seu olhar recaiu sobre a interlocutora, recuou, apoiou-se cambaleante a uma árvore e murmurou com a voz sufocada:

– Swanhild!

Espantada e inibida, Tâmara olhava o estranho sem compreender sua agitação, mas, ao ouvir o nome de Swanhild, singular suspeita atravessou seu pensamento como um clarão.

– Swanhild era o nome de minha falecida mãe. Swanhild Ardatov – disse ela.

– Sua mãe? Sim, sem dúvida, e ela é morta! – murmurou o velho baixando a cabeça –. Morta! Tudo acabado; ninguém pode contar com os mortos. Mas, e você, como se chama? – perguntou, segurando bruscamente a mão da moça.

– Meu nome é Tâmara Ardatov. E o senhor não é Olaf Cederstedt? – perguntou ela hesitantemente.

– É esse o meu nome.

– É do senhor, então, que minha mãe falou antes de morrer e...

– Ela falou de mim antes de morrer? – interrompeu o velho com a voz brusca, enquanto um clarão brotou de seus sombrios olhos azuis –. E ela foi feliz? Mas, que digo eu? Não é a filha que vai saber se seu pai fez a felicidade de sua mãe.

– Minha mãe não foi feliz – disse Tâmara em voz baixa – e antes de morrer ela me entregou seu diário e um medalhão que eu a vi contemplar muitas vezes. "Se algum dia – disse ela – você se encontrar com Olaf Cederstedt, entrega-lhe estes objetos, mas não

o procure. Se o acaso colocar você em sua presença, terá sido um sinal de que, pela vontade de Deus, o homem ao qual causei tantos dissabores deve ler minha confissão e ficar sabendo que fui punida naquilo que pequei".

O velho ouvira, respirando penosamente. Após um instante de silêncio, disse:

– Muito obrigado, minha filha, por tudo o que você acaba de me dizer. Espero impacientemente o legado supremo daquela que foi a felicidade e a desgraça da minha vida. Venha me ver. Moro no pequeno castelo que você vê daqui. Mas e você? Onde mora e o que faz aqui na Suécia?

– Moro em casa do professor Ivar Ericson. Por ordem de minha mãe, passei quatro anos com a família de tia Eveline.

– Ah! em casa da Senhora Eveline Ericson! Há bem uns vinte e cinco anos que não a vejo, mas não importa. Transmita-lhe meus cumprimentos e venha logo. Quer que amanhã lhe envie uma carruagem para buscá-la?

– Ah! não, muito obrigada! Gosto de caminhar. Irei vê-lo amanhã, como o senhor deseja.

Muito emocionada, Tâmara regressou à casa e o relato de seu inopinado encontro emocionou não menos a tia Eveline, que, no entanto, recusou-se a acompanhar a jovem, como esta desejava, à visita do dia seguinte.

– Eu ignorava que Cederstedt houvesse retornado do exterior. Minha presença despertará nele muitas e penosas lembranças e, por isso, não irei vê-lo. Leva Harald ou Adolphe com você e entrega-lhe o legado de sua mãe. Pobre Olaf! Sofreu muito por tê-la amado tão cordial e fielmente. Deixemos, porém, dessas tristes recordações.

Pela manhã do dia seguinte, antes de se pôr a caminho, Tâmara retirou do fundo de seu armário o pequeno cofre de cantoneiras de prata e o abriu. Não tocou nem no caderno nem nas cartas, mas

retirou o medalhão e contemplou longamente a miniatura representando um jovem louro, de olhar enérgico, traços nobres e simpáticos, e no qual se tornara difícil reconhecer o velho curvado, de feições angulosas, que ela havia encontrado na véspera. Somente os olhos azuis, penetrantes e cheios de fogo conservavam-se os mesmos.

Com o coração um tanto oprimido. Tâmara e seu pequeno companheiro chegaram ao castelo e foram recebidos por um velho servidor de cabelos brancos, que estremeceu ao ver a moça. O fiel criado servia a seu senhor há quarenta anos e se lembrava bem de sua noiva. Respeitosamente, pediu aos jovens que o seguissem e os conduziu através de numerosos salões ao gabinete de seu patrão. Tâmara examinava com curiosidade o luxo severo e o arranjo às vezes estranho dos aposentos que ia cruzando. Viam-se por ali, acumulados em pitoresca desordem, objetos raros provenientes dos mais diversos lugares: preciosas porcelanas e admiráveis bronzes da China e do Japão estavam colocados ao lado de grotescos ídolos hindus; tecidos orientais furta-cor recobriam as paredes, servindo de pano de fundo a curiosas antiguidades egípcias e gregas e, sobre as mesas, classificadas como em um museu, viam-se miniaturas de navios de todas as dimensões, desde os de três mastros, feitos para navegação no Oceano Índico, até o iate elegante e ao pesado barco de cabotagem. Esta última coleção suscitou menor admiração de Tâmara; ela sabia que o Senhor Cederstedt, um dos mais ricos armadores de Gotemburgo, possuíra toda uma frota de navios mercantes, os quais singravam lucrativamente todos os oceanos do planeta, antes que ele se retirasse à vida privada. Mas os olhos do pequeno Harald, que tinha paixão pelo mar, estavam pregados às miniaturas e era com pesar que ele continuava a caminhar.

Por fim, o velho servo os introduziu num vasto gabinete de estilo gótico. As paredes eram cobertas de lambris de madeira entalhada. Nas prateleiras das estantes alinhavam-se livros e manuscritos, enquanto altas janelas de vitrais coloridos emprestavam ao

aposento a aparência de uma biblioteca conventual. Cadeiras de espaldar alto e reposteiros de veludo violeta acentuavam ainda mais essa impressão. Ao lado de uma das janelas abertas e ornadas de flores estava sentado o Senhor Cederstedt, com um jornal nas mãos, mas não o lia e logo que percebeu a presença dos dois visitantes, um sorriso iluminou sua pálida face.

– Bom dia, meus jovens amigos. Sejam mil vezes bem-vindos – disse cordialmente –. Não é necessário apresentar-me o filho de Eveline Ericson: é o retrato dela.

Com um gesto carinhoso, passou a mão sobre a cabeça loura do menino e, em seguida, virando-se para o velho criado, acrescentou com emoção:

– Veja, Justin, esta é a filha de Swanhild!

– Ah! senhor, pensei que estava vendo a própria Senhorita Swanhild! Só que me parece que ela era um pouco mais alta.

– É verdade, e os cabelos um pouco mais claros, mas esses detalhes se perdem no conjunto. E agora, meu velho Justin, diga à Senhora Berglund que mande servir-nos a refeição da manhã.

Depois do chocolate, o Senhor Cederstedt ordenou a Justin que fosse mostrar a Harald todas as curiosidades do castelo e retornou com Tâmara ao seu gabinete.

– Agora, querida filha, vamos conversar – disse-lhe, fazendo-a sentar-se numa cadeira em frente.

– Antes de tudo, senhor, permita-me entregar-lhe o legado de minha mãe – respondeu a moça apresentando-lhe o cofre.

Com a mão ligeiramente trêmula, Olaf abriu a caixa e, de olhos velados pelas lágrimas, examinou os objetos ali contidos. Numa espécie de veneração, retirou o caderno e colocou tudo junto num velho móvel entalhado. Em seguida, retomou seu lugar e mergulhou em sombria meditação que Tâmara não ousou interromper.

Após longo silêncio, ele se recompôs e, tomando a mão da moça, apertou-a fortemente.

– Muito obrigado, minha querida, pelo raio de sol que a sua vinda projetou sobre os meus últimos dias. Estou em paz com o passado e a sua presença faz desaparecer o véu que se estendera entre mim e aquela de quem você é a imagem viva. E, agora, fale-me de sua mãe e de seu fim, e também de seu pai: lamenta ele muito a mulher incomparável que perdeu?

– Sem dúvida, ele lamenta muito a perda de mamãe, mas casou-se novamente.

– Casou-se outra vez? Com quem? – perguntou o sueco, com o cenho contraído.

– Com uma atriz francesa, Senhorita Lúcia Morin. Tenho agora uma irmã e um irmão, filhos de minha madrasta.

Uma expressão de raiva e desprezo crispou a face de Olaf.

– Traidor! foi então para sacrificá-la a uma mulher do teatro que você ma roubou! – murmurou ele, esquecido da presença da sua interlocutora e absorvendo-se novamente num silêncio ainda mais longo.

Tâmara observava-o com ansiedade, acompanhando as mutações nos traços móveis do velho que traduziam as penosas emoções que o agitavam. Enfim, Cederstedt recuperou-se, passou a mão pela testa e, desejoso, sem dúvida, de imprimir novo rumo à conversa, disse, apontando um belo eloendro junto à janela e do qual ele estivera maquinalmente a fazer rolar as folhas entre os dedos durante todo o tempo que tinha livres as mãos.

– Veja, Tâmara, este arbusto em flor é descendente de um que plantamos juntos, sua mãe e eu, no dia do nosso noivado.

– Dê-me uma de suas flores. Hei de levá-la ao túmulo de mamãe como um testemunho visível de seu perdão – disse a jovem com vivacidade.

– Nesse caso é o arbusto inteiro que lhe dou, com o pedido de que você o plante sobre o túmulo da minha querida Swanhild. Será o meu beijo de perdão, minha mensagem de amor e de pesar que

você lhe transmitirá.

Ele curvou-se, levou aos lábios uma das flores e Tâmara viu que uma lágrima rolara sobre as folhas do arbusto. Pouco a pouco o velho acalmou-se e, em conversa amável, fez muitas perguntas à moça sobre ela mesma e sobre seus planos futuros, bem como sobre sua mãe e as circunstâncias de sua morte. Ao separarem-se, Cederstedt aproximou-se da filha da noiva traidora e depositou um beijo em sua testa.

– Não leve a mal este carinho paternal, querida filha, mensageiro da paz e do perdão – disse ele com emoção –. Que o céu proteja sua encantadora cabeça, seu coração puro de toda infelicidade, de toda decepção! Mas, se algum dia você tiver necessidade de um amigo devotado, conte comigo como um parente muito chegado.

Naquela mesma noite, um jardineiro levou o arbusto prometido, já embalado cuidadosamente para viagem numa cestinha de vime. Tâmara prometeu velar cuidadosamente, durante a viagem, pela preciosa flor, mas decidira nada dizer a seu pai de seu encontro com Olaf para não suscitar nele penosas recordações.

Os dias que se seguiram foram completamente absorvidos pelos preparativos da viagem, que um telegrama de seu pai viera abreviar, alterando as disposições originais. O Senhor Ardatov informava que, detido por causa de importante compromisso, não podia ir pessoalmente buscar sua filha. Havia conseguido que uma senhora russa, esposa de um diplomata de regresso a São Petersburgo, tomasse Tâmara sob seus cuidados.

A moça ficara descontente e entristecida. A viagem com aquela dama desconhecida lhe repugnava e a separação da família que ela amava oprimia-lhe o coração. Dentro em breve, somente com Fanny, sua fiel camareira, ela poderia falar de seus longínquos amigos e conversar em sueco, que se lhe tornara tão familiar quanto a sua língua materna. Fanny era uma jovem da idade de Tâmara, filha de uma modesta costureira, quase uma modista, com a qual Eveline fazia suas encomendas de roupa. A morte do pai, um

gravador, ocorreu após longa enfermidade e por pouco não deixou a família arruinada, pois eram muitos. As despesas excessivas haviam criado dívidas e a pobre viúva aguardava a penhora de seus últimos haveres quando Tâmara lhe veio em socorro.

Amplamente provida de dinheiro pelo seu pai e gastando pouco, a moça pôs fim, generosamente, a todas as preocupações da pobre família, de cuja desgraça soube por intermédio de Eveline. Pagou todas as dívidas, encarregou-se das despesas de colégio dos dois meninos e tomou Fanny, a filha mais velha, como camareira. Cheia de reconhecimento, esta se ligou profundamente a Tâmara, considerando uma grande felicidade poder acompanhar sua benfeitora.

No dia da partida, Tâmara dava os últimos retoques na sua roupa, quando Eveline entrou, dispensou Fanny e, conduzindo sua pupila a um divã, disse-lhe, abraçando-a:

– Venho buscar você para o almoço, mas, antes de passarmos ao salão, queria dizer-lhe umas palavras, minha querida. Não nos vamos ver por muito tempo, anos talvez, e o mundo no qual você passará a viver é de tal maneira diferente da austera reclusão de nossa família, que seu contato será a pedra de toque de seu caráter. Naquela sociedade brilhante, mas corrupta, você estará em choque permanente com o egoísmo e a traição. Os andrajos brilhantes, os títulos, o verniz mundano disfarçam ao primeiro olhar o vazio do coração, a pobreza de espírito, mas ao primeiro choque, ao primeiro conflito de interesses, toda a secura, todo o egoísmo daqueles insaciáveis gozadores há de mostrar-se em toda a sua nudez, ferindo dolorosamente as almas mais delicadas.

– Mas talvez eu tenha a sorte de não conviver com pessoas assim tão odiosas. Há por toda parte gente honesta e boa, não é? – disse Tâmara com voz incerta e lágrimas aos olhos.

Eveline apertou-a contra o coração com ternura:

– Eu o desejo, sem o esperar, minha filha. A vida dissipada da alta sociedade e o piso dos salões são terreno muito fértil para a

presunção, as rivalidades mesquinhas, a vaidade. Como não iriam brotar disso tudo as más paixões? Os homens, cínicos e ambiciosos, só buscam o prazer ou o interesse pessoal. As mulheres, viciosas e adúlteras, somente pensam em adornos e conquistas. Para apossar-se de um partido vantajoso, arrancar uma amante a uma rival, desprezam-se honra e dignidade, enquanto lealdade e amizade cessam de existir. Contudo, esse quadro tristíssimo não deve assustá-la. A vida é uma batalha que cada um de nós deve sustentar e você deve temê-la menos do que os outros. Na medida de nossas forças, armamos você para a luta. O seu saber e o seu talento garantem-na contra os imprevistos da fortuna; você tem condições de sustentar-se na hipótese de um revés acontecer. O seu gosto pelo estudo, as leituras sérias e o trabalho proporcionam-lhe certa independência da sociedade, se algum dia você for abandonada por ela. Com tais suportes espirituais você jamais se sentirá isolada. Enfim, os preceitos do bem que temos procurado transmitir-lhe e o conhecimento do destino da alma devem proporcionar-lhe força necessária para resistir ao mal que investir contra o seu coração e ferir o seu olhar. Que o dever, tal como nos dita a consciência, regule todos os seus atos. Esse guia incorruptível mostrará sempre a você o caminho reto. Ainda uma palavra final, minha querida: guarde cuidadosamente a sua dignidade de mulher; ela é o nosso mais precioso escudo. Sua dignidade deve ser mais preciosa que suas conjecturas ou sua posição, mais preciosa mesmo que o próprio amor, pois o amor sem dignidade leva à queda. Evite os maus livros, essa literatura moderna aceita nos grandes salões da sociedade e que, sob o pretexto de naturalismo, chafurda na lama social, abastarda o pudor, a delicadeza de sentimento, e nivela o ser humano ao mais baixo animal. Seja, pois, forte na luta inevitável. A vida entre os homens é dura e, por isso, tanto mais meritória a vitória e espero que, quando nos revermos, encontre você tão pura de coração quanto hoje e possa dizer à sua mãe que cumpri a minha tarefa.

Banhada em lágrimas, Tâmara atirou-se ao pescoço da Senhora

Ericson.

– Juro, tia Eveline, meditar sempre sobre suas lições e sobre o exemplo que você e os seus me proporcionaram. Qualquer que seja o futuro que Deus me reserva, permanecerei honesta e cumprirei o meu dever.

Um longo beijo selou a promessa. Em seguida, as duas passaram ao salão, onde toda a família estava reunida para despedir-se da discípula favorita, da companheira amada. O coração de Tâmara estava partido. Ao deixar aquela família honesta e terna, à qual a uniam mil laços de simpatia, parecia-lhe deixar um porto calmo e seguro para enfrentar um futuro incerto e, talvez, tempestuoso.



O barão paralítico

A VIAGEM DISSIPOU as negras ideias da moça e, chegando à casa paterna, sempre tão cheia de vida e de movimento, ela retomou todo o alegre abandono da juventude e os quatro anos decorridos após a sua saída do internato lhe pareciam como um sonho, tão depressa haviam passado.

Ela foi recebida de braços abertos. Sua madrasta estava bonita, alegre e enfeitada como sempre, mas seu pai lhe parecia mudado: envelhecera, profundas rugas lhe marcavam a face e uma inquietação e agitação últimas haviam substituído a descuidada bonomia do grande senhor.

Olga crescera bastante e estava muito bonita, mas suas maneiras e suas pretensiosas denguices desagradavam fortemente a Tâmara. Quanto ao pequeno Jorge, era uma criança encantadora que ela não se cansava de abraçar.

O primeiro dia foi passado inteiramente em família. Somente o almirante veio para o chá e trouxe uma enorme caixa de bombons. Conversaram todos alegremente.

– Neste inverno Tâmara frequentará bastante a sociedade. É

preciso pensar em casamento, não é, Nicolai Wladi? – observou, rindo, o almirante.

– Mas, sem dúvida, uma filha tão notável! Minha cara Lúcia, providencie para que não lhe faltem boas roupas.

– Já amanhã vou levá-la a minha costureira para encomendar-lhe um pequeno enxoval – respondeu a Senhora Ardatov com vivacidade.

– Papai, meu padrinho, vocês estão querendo livrar-se de mim? Logo no dia da minha chegada já falam em me casar! – disse Tâmara corada e amuada ao mesmo tempo.

– Você não entende disso, minha filha. Quanto mais um pai ama a sua filha, mais ele deseja desfazer-se dela – respondeu Sergei Ivanovitch, induzindo-a a tirar mais um bombom.

No dia seguinte, uma vida nova começou para a moça: idas às lojas, visitas à Baronesa de Raban e a outras famílias já de volta à cidade, festas nas redondezas ocupavam-na o dia todo e as noites. Tâmara sentia-se como que num turbilhão. Não se esqueceu, contudo, de comparecer ao túmulo de sua mãe, onde plantou o arbusto enviado pelo homem fiel que havia amado apenas a ela e permanecido solitário o resto de sua vida.

Durante uma dessas saídas matinais ao *Gostinnu Dwor*, Tâmara encontrou-se inopinadamente com a sua antiga colega Nadina, que parecia encantadora e lhe fez prometer uma visita para o dia seguinte, a fim de tomar com ela uma taça de chá em companhia de Catarina e Natália. Essa pequena reunião causou à moça certo desencanto; todas as suas antigas amigas haviam mudado e ela não encontrou mais o tom de harmonia que as unira outrora. A Senhora Kulibine estava mais bonita, era uma jovem saudável e de formas opulentas, mas suas maneiras eram bruscas e dengosas. Catarina Migusov rivalizava com ela nesse ponto: como sempre, falava alto e não pensava senão em bailes e conquistas, mas se havia tornado muito mais feia, a pele desbotara e o rosto

emagrecido revelava suas linhas pouco clássicas. Quanto à Natália, parecia enfadonha e uma cólera concentrada fervia em seu íntimo, pois recebeu de muito mau humor a maliciosa informação de Catarina, segundo a qual certo senhor – que ela mencionou com nome e tudo – voltara casado de uma viagem à Crimeia.

Evidentemente, ela encarava muito menos filosoficamente que Catarina o fato de não estar ainda casada.

De modo geral, a conversa desdobrou-se em torno de uma multidão de pessoas desconhecidas de Tâmara e estava cheia de subentendidos que não faziam sentido para ela. Incomodada pelo tédio e também pela fumaceira que enchia o salão – as três fumavam desesperadamente – aquilo tudo lhe parecia odioso. O nome de Pfauenberg, pronunciado por Catarina, contudo, despertou inopinado interesse em Tâmara. A Baronesa de Raban já lhe havia falado de um jovem oficial com esse nome, a quem ela parecia muito afeiçoada. Entre outras coisas, ela lhe confiara, sob o manto do segredo, que Pfauenberg era espírita e médium de extraordinário poder, mas que ocultava cuidadosamente essa faculdade que poderia prejudicá-lo na sua carreira, de vez que o Espiritismo ainda era mal visto nas altas rodas da sociedade que o jovem frequentava assiduamente.

– Somente para mim e para alguns íntimos ele concorda, às vezes, em fazer uma sessão. É evocado, nessas ocasiões, o seu guia espiritual, Calchas[3], que me prescreve um tratamento – acrescentara a velha dama com entusiasmo.

– Calchas? Sem dúvida o Espírito adotou esse nome, não é? – perguntou Tâmara.

– De forma alguma; é o espírito de um iniciado, grande sacerdote e sábio mencionado por Homero. Vê-se bem pelas sublimes e sábias comunicações que ele transmite. Ele fez a Eitel Franzovitch revelações espetaculares sobre seu passado, entre outras, que ele é o próprio Páris[4] reencarnado. Não se ria, sua tola. Uma vez que cremos na reencarnação, por que não poderia ele ter sido o príncipe

troiano idealizado pela poesia?

Essa conversa assomou à memória de Tâmara ao ouvir a referência ao nome de Pfauenberg e ela passou a seguir com atenção o que diziam as amigas. Falava-se de uma rica herdeira, filha de um banqueiro, que o oficial cortejava, mas sobre suas chances de sucesso elas se dividiam: Natália o julgava frívolo demais para assumir logo uma definição; Catarina declarou que a moça estava considerando outros candidatos e a Senhora Kulibine acrescentou com certa malícia que, se Pfauenberg descobrisse um partido mais vantajoso, ele se retiraria com a maior sem-cerimônia.

Quinze dias após a chegada de Tâmara, sua madrasta prosseguiu com as recepções.

– Nesta quinta-feira ainda não haverá muita gente, mas para aqueles que já retornaram à cidade é tanto mais agradável ter onde se reunirem – disse a Senhora Ardatov, pedindo à sua enteada que cuidasse com esmero da sua apresentação.

Mesmo sem a solicitação, Tâmara trataria de se cuidar bem; uma secreta esperança lhe dizia que ela veria Ugarine. O almirante encontrara-se na véspera com o príncipe, já há alguns dias de volta à cidade.

Encantadora no seu vestido de seda azul e o lenço de rendas, as faces coloridas pela expectativa e pela emoção de sua introdução à sociedade, Tâmara instalou-se no salão menor e começou a folhear um álbum, atenta ao vaivém dos criados que davam os retoques finais nos aposentos brilhantemente iluminados, bem como à conversa entre seus pais que discutiam a aquisição de uma nova carrua gem. Em seguida, chegou o almirante com alguns senhores mais velhos e, enfim, Tâmara ouviu Lúcia saudar alegremente outro convidado. Algumas palavras sem importância foram trocadas e, um momento após, a elevada estatura do Príncipe Arsênio surgiu à entrada do salão.

Sentou-se juntamente com a Senhora Ardatov e se pôs a conversar com a moça, desejoso de saber como fora sua

permanência na Suécia, sua viagem, seus projetos para a temporada. As respostas francas e ingênuas de Tâmara muitas vezes traziam um sorriso aos lábios de Ugarine que, cumprido seu dever de polidez, virou-se para Madame Lúcia e prosseguiu contando o que acontecera a uma pessoa conhecida de ambos, e que ele presenciara enquanto no exterior.

Vendo o príncipe e sua mãe absorvidos pela conversa, Tâmara olhou fixamente o belo rosto do herói de seus sonhos infantis e observou que ele se tornara mais pálido e mais magro e que uma expressão de cansaço e tédio parecia pesar sobre todo o seu ser. Admirada e sob a impressão de um vago mal-estar, a moça contemplou-lhe as mãos, uma das quais brincava negligentemente com a corrente do relógio. Um diamante, que ela já conhecia, brilhava no seu dedo, mas a aliança de ouro, tão simples e, contudo, tão significava, não era vista – o príncipe ainda não se casara, portanto. Tâmara estava tentando explicar a si mesma por que razão essa certeza a encheu de íntima satisfação, quando a entrada da baronesa e de outras senhoras pôs fim às suas observações e às conversação se generalizou.

Depois do chá, uma parte dos convidados se dispunha a ocupar as mesas de jogo, quando um visitante retardatário deu entrada no salão. Era um oficial de baixa estatura, feições bastante agradáveis, mas inexpressivas, uma parcimoniosa cabeleira loura, cuidadosamente arranjada, partida ao meio da testa; os grandes olhos azuis eram insondáveis na sua calma beata e um sorriso invariavelmente amável parecia congelado em seus lábios.

– Ei-lo aqui, afinal, Eitel Franzovitch – exclamou a baronesa –; eu pensava que você não viria mais. Algum amigo o reteve ou talvez o trabalho?

O jovem, que já havia cumprimentado todos os presentes, aproximou-se com vivacidade e beijou a mão de Madame Raban com respeitoso zelo.

– Atrasei-me bem contra a minha vontade, Vera Petrovna –

respondeu ele com a voz insinuante. A senhora sabe que jantei hoje em casa do embaixador da China, mas às nove horas eu estava justamente de saída para aqui quando o Conde D. – a senhora sabe, o cônsul da Itália – me reteve e tive que tomar com ele uma taça de chá, no café francês.

Tâmara duvidou prontamente que o recém-chegado fosse Páris reencarnado. Com esforço dominou o desejo de rir; somente um sorriso brincava em seus lábios rosados, quando a baronesa apresentou-a a Eitel vonPfauenberg. Ao primeiro olhar que trocou com o jovem oficial, um sentimento desagradável de quase repulsa a tomou. A sensibilidade da moça pressentia a máscara do impostor naquela personalidade servil e obsequiosa, um espírito frio e astucioso, e não pôde evitar que essa impressão se refletisse na reserva um tanto fria com a qual o acolheu.

A baronesa e a maior parte dos convidados tomaram seus lugares às mesas de jogo, mas Pfauenberg assentou-se no salão menor perto de Tâmara e de duas velhas senhoras que ele se esforçava por distrair à sua maneira mais agradável. Nessa conversa, contudo, o assunto principal era ele mesmo, suas relações aristocráticas e os trabalhos sérios a que se entregava como colaborador de várias publicações militares. Tâmara ouvia atentamente, mas aquela parolagem toda nada lhe dizia de especial. Na sua ingênua honestidade, ela não imaginava que lhe cabia mostrar-se impressionada com aquela exibição de nomes ilustres. Achava natural que um elegante jovem como aquele frequentasse as altas rodas e a convicção de que ele trabalhava e escrevia bastante lhe inspirava certa estima. Isso e mais a amável deferência com as senhoras idosas desfizeram a impressão desagradável que ela experimentara de início e, ao fim da noite, ela se persuadiu de que a baronesa bem que podia ter razão quanto ao elevado conceito em que tinha o jovem oficial.

Foram de muita alegria aqueles tempos. Rapidamente a capital se reanimava e, se ainda não havia grandes festas, as pequenas

reuniões eram frequentes e os teatros haviam já aberto suas portas. Tâmara deixava-se arrastar pelo turbilhão dos prazeres e as frequentes visitas do Príncipe Arsênio enchiam seu coração de secreta satisfação.

O primeiro grande baile ao qual deveria comparecer aconteceu em meados de outubro. A esposa de um senador, muito amiga de Madame Ardatov, havia decidido festejar com toda a pompa suas bodas de prata e a moça deixou-se absorver completamente pela tarefa de escolher sua toalete.

Dois dias antes da solenidade, Ugarine veio tomar chá em casa dos Ardatov. Falou-se da festa que, no momento, preocupava com exclusividade o pensamento de Tâmara.

– A senhora tem ainda alguma dança livre que possa me conceder? – perguntou galantemente o príncipe.

– Mas sem dúvida... Estão todas livres, exceto uma valsa e uma quadrilha que me foram solicitadas pelo Senhor Tarussoff – respondeu ela corando de prazer – e com toda satisfação concederei as danças que o senhor desejar.

– Quando foi que Tarussoff teve oportunidade de convidá-la? – perguntou Lúcia.

– Ontem, quando ele veio com a sua tia. Enquanto você conversava com Nadeschda Ivanovna, falamos do baile e ele me convidou.

A personagem em questão era um jovem oficial da guarda que, visivelmente, se interessava por Tâmara e começava a cortejá-la abertamente.

– Não posso me deixar suplantar por ele e lhe peço que me conceda três danças – disse Ugarine, mergulhando seu olhar penetrante nos olhos ingênuos da moça e sorrindo ante a alegria e a admiração indisfarçadas que ali se refletiam.

Pouco depois, Lúcia convidou o príncipe a vir jantar com eles no dia do baile.

– O almirante virá também. Em seguida, o senhor poderá repousar ou jogar uma partida de cartas, como quiser, enquanto nos vestimos. Depois disso iremos todos juntos à casa dos Patanov – acrescentou ela rindo.

O coração da moça bateu violentamente, quando Ugarine declarou aceitar a sugestão. A esperança de conquistar aquele a quem unicamente desejava agradar consolidava-se nela cada vez mais.

Com alegre satisfação, Tâmara contemplou sua sedutora imagem, que se refletia no grande espelho do seu quarto de dormir, enquanto Fanny e uma segunda camareira davam os retoques finais na sua toalete. Era um vestido vaporoso de gaze cor-de-rosa, guarnecido de ramos de espinheiro branco, entremeado com jasmins, também brancos. Um punhado das mesmas flores ornava seus lindos cabelos castanhos.

Mal foi colocado o último alfinete, ela apanhou as luvas e o leque de plumas cor-de-rosa e, impacientemente, correu ao gabinete de seu pai para mostrar-se a ele, mas Nicolai Wladimirovitch estava ainda na sala de banhos e ela encontrou ali apenas o almirante e o príncipe, que jogavam damas e que ela pensava estarem no salão.

Por um instante parou confusa, mas sua alegria era tão viva, que ela não se deixou perturbar por muito tempo.

– Olhe para mim, padrinho. Você acha que escolhi bem minha toalete? – perguntou ela caminhando com vivacidade para ele.

O almirante colocou os óculos e examinou a afilhada com óbvia satisfação.

– Você é muito bonita e desejo que agrade a todos tanto quanto a mim – respondeu ele sorrindo.

O príncipe também se levantara e um brilho de admiração iluminou seus olhos à vista daquela adorável jovem, verdadeira personificação da juventude e da inocência, com as formas frágeis e esbeltas, a pele deslumbrante de frescor e o olhar límpido e puro.

Alguns instantes mais tarde, entraram Ardatov e Lúcia,

extremamente enfeitada e coberta de diamantes. Como eram dez e meia, resolveram partir. Enquanto o grupo atravessava os diversos aposentos para chegar ao *hall* de entrada, Ugarine inclinou-se para Tâmara e murmurou:

– A senhora conquistará muitos corações hoje, mas quem será bastante feliz para ter o privilégio de merecer a sua preferência?

– O senhor está brincando comigo, Arsênio Borissovitch – respondeu ela corando –. Não conheço quase ninguém ainda e não é tão depressa assim que se desperta o interesse.

– Muito pelo contrário – basta frequentemente um olhar para conquistar um coração ou para dar o próprio. É preciso acrescentar que, infelizmente, o amor é, com mais frequência, um fogo de palha – disse o príncipe com um estranho sorriso.

– Fogo de palha? – repetiu Tâmara espantada. Acho que o amor que se tem por aquele que se torna o companheiro de nossa vida é um sentimento único, inextinguível. Amar e esquecer? Isso é impossível!

– Assim lhe parece, Tâmara Nicolaevna. É precisamente a vida conjugal que extingue, segundo se diz, todas as ilusões e, então, cada um procura ressuscitar alhures o coração apagado e preencher o vazio deixado pelos sonhos perdidos.

– Não, não! Quem ama de verdade nada tem a temer quanto a esse desencanto.

– O futuro provará quem de nós tem razão – respondeu o príncipe, envolvendo Tâmara no seu casaquinho forrado de penas de cisne, enquanto a fitava com um olhar que fez bater com violência o coração da moça.

Nesse momento, o olhar de Lúcia caiu sobre eles.

– O que está o senhor cochichando aí com a minha filha? – perguntou ela ameaçando-o com o dedo –. E o que diria Helena, vendo-o tão galante ao lado de uma violeta?

Arsênio endireitou-se, com um riso seco, que causou aos ouvidos

de Tâmara o efeito de uma dissonância, mas ela não teve tempo de perguntar-se quem poderia ser Helena e nenhuma suspeita teria lugar em seu cândido coração.

O senador Patanov era imensamente rico. O luxo, o gosto refinado de suas festas eram proverbiais. Por isso, Tâmara sentiu-se transportada a um reino de fadas no momento em que pôs os pés na escadaria. Como homenagem à data que se comemorava, o branco e a prata dominavam em todos os arranjos e, sob a luz intensa das lâmpadas elétricas dentro de cálices de lírio de cristal, o imenso salão, tão logo a pequena multidão o encheu, passou a apresentar um aspecto verdadeiramente feérico.

A entrada de Ardatov e sua família causou sensação e muitos olhares admirativos se fixaram na bela moça. Ela foi logo cercada pelos jovens dançarinos que se apressaram em vir à sua presença e, em breve, seu carnê de baile ficou completamente tomado.

A Baronesa de Raban, que vira seus amigos, veio sentar-se perto de Lúcia e lhe prometeu olhar Tâmara, já que a amiga, apaixonada pela dança, queria aproveitar bem o seu tempo. A moça, que demonstrava grande afeição pela velha senhora, colocou-se ao seu lado, procurando informar-se acerca dos presentes que lhe suscitassem algum interesse. É verdade que seus cavalheiros lhe deixavam poucos momentos para conversar. O Príncipe Arsênio também se aproximou dela e a valsa que dançaram deixou-a extasiada. Ele a amava e disso ela não podia duvidar: seus olhares, os cumprimentos, que havia murmurado enquanto dançavam, o provavam. Por isso sua face ardia, quando Ugarine a acompanhou ao seu lugar e o olhar que ela dirigiu a ele traiu claramente seus pensamentos e suas emoções.

A baronesa percebeu o olhar e seu rosto se tornou algo sombrio. Após um momento de reflexão, ela se levantou.

– Você está com calor, minha querida. É bom repousar um pouco. Venha comigo para o aposento ali perto da estufa, que julgo estar vazio.

Tâmara levantou-se prontamente e as duas damas atravessaram lentamente o salão cada vez mais cheio de gente. Chegavam já ao outro lado, quando viram Ugarine que levava pelo braço uma jovem de deslumbrante beleza. Um vestido cor de fogo realçava-lhe a tez pálida, a cabeleira de ébano e o brilho dos grandes olhos aveludados. Os dois conversavam com animação e o príncipe inclinava-se sobre sua companheira, tão absorto, que passou junto de Madame Raban e de Tâmara sem percebê-las.

A moça empalideceu. Pungente sentimento, como jamais havia experimentado, invadiu seu coração e maquinalmente ela seguiu a baronesa até o pequeno salão vazio no momento, onde se acomodaram num divã que ficava a um canto, atrás de um arranjo de plantas exóticas. A velha senhora, que havia percebido com tristeza a violenta emoção da jovem, apertou-lhe carinhosamente a mão.

– Tâmara, minha querida, foi para dizer-lhe algumas palavras bem sérias que trouxe você aqui e creia-me que é uma afeição muito maternal que me inspira tais palavras. Conheci sua mãe, de quem muito gostava, e sou uma velha amiga de seu pai. Não posso me conter ao ver o risco que você corre sem preveni-la do perigo.

Tâmara olhou-a com espanto.

– Não estou compreendendo, Vera Petrovna, mas esteja certa de que acolherei o seu conselho com o respeito e a gratidão que ele merece.

– Devo ser franca e falar de coisas sobre as quais teria preferido calar-me, mas creio de meu dever abrir os seus olhos. O Príncipe Ugarine agrada a você... Não o negue. Os seus olhos ingênuos traem os seus sentimentos a todos que querem ver. Arsênio Borissovitch é suficientemente belo para cativar o coração de uma jovem. Se o julgasse capaz de um amor puro e se houvesse nisso a menor esperança de vê-lo pedir a sua mão, eu não a desiludiria, mas, minha pobre filha, esse homem nunca se casará com você. Para ele não existem senão duas categorias de mulheres: a amante

– cortesã ou esposa alheia – e a noiva, bastante rica para devolver o brilho do ouro ao seu brasão esmaecido. Indiferente, jogador, dado ao vício e ao deboche, não se casará com você porque você não é bastante rica para ele. Ainda há pouco encontramo-lo com uma mulher que parecia interessar-lhe muito. Pois bem, há três anos essa mesma pessoa era uma jovem sem fortuna que o amava perdidamente. Ugarine cortejou-a, mas, como de esperar-se, não quis desposá-la. Somente depois que ela se casou com um velho dignitário muito rico, ele voltou a distingui-la e é um segredo de polichinelo que ela é a sua atual amante. Será que o marido é cego? Ou tolerante demais para provocar um escândalo? Não se sabe. O fato é que ele se cala. Portanto, minha querida, não se deixe arrastar e guarde o seu coração honesto para alguém mais digno.

Tâmara havia tudo ouvido, pálida e respirando penosamente. Após um instante em silêncio, apertou a mão da baronesa e murmurou:

– Obrigada, Vera Petrovna, por me haver aberto os olhos. Esteja certa de que não foi em vão que a senhora falou. Peço-lhe apenas, por favor, que me deixe aqui um pouco a sós. Logo vou ter com a senhora novamente. Queria arrumar melhor meus pensamentos, antes de reaparecer no salão.

– Fique, minha filha. Ouço passos, creio que vem alguém. Se for algum conhecido meu, eu o levarei para algum lugar, a fim de deixar com você um pouco de solidão.

Quando Tâmara ouviu que as vozes se afastavam, apoiou a cabeça no espaldar do divã e fechou os olhos. Parecia-lhe que um peso enorme havia descido sobre ela, sepultando sobre uma verdadeira montanha de granito o futuro de felicidade que ela havia sonhado e cuja realização lhe parecia tão próxima.

Como um golpe de martelo, cada palavra da baronesa havia destruído uma ilusão, mostrando-lhe em toda a nudez moral o herói fantástico criado pela sua imaginação: aquele homem tão belo, tão sedutor, era um ser sem princípios, um libertino de coração vazio que mantinha uma ligação escandalosa com uma mulher casada,

que ele próprio recusara, quando livre, porque ela era pobre.

Penosa claridade se projetava agora no espírito de Tâmara. Ela se lembrava de muitas das suas conversas com o príncipe e agora compreendia o que antes lhe escapara: o sentido imoral das opiniões que ele expressara. Ainda hoje mesmo, antes do baile, o que lhe dissera das ilusões do casamento e das consolações que eram buscadas alhures não era também uma frívola alusão? E a um homem desses ela havia revelado abertamente o interesse que ele lhe inspirava! Uma onda de sangue inundou sua face pálida. A esse humilhante pensamento, todo o seu inato orgulho levantou-se nela e lhe restituiu o sangue frio. Atrelar-se ao carro do triunfo daquele homem que somente queria da mulher a fortuna, e sobre o qual nem o espírito, nem a beleza, nem a virtude ofereciam qualquer atrativo? "Jamais – murmurou ela –. Ainda que eu tivesse bastante dinheiro para abrir o seu coração, não usaria uma chave tão desprezível. Quero e devo esquecer este sonho doentio". A despeito dessa corajosa resolução, um profundo suspiro a sacudiu e uma lágrima assomou junto dos longos cílios de seus belos olhos.

– Onde a senhora se escondeu, Tâmara Nicolaevna? Procurei-a por toda a parte! – disse naquele momento a voz um tanto descontente do Príncipe Arsênio.

A moça endireitou-se com um estremecimento e seu olhar sobressaltado fixou-se como uma espécie de agonia no seu interlocutor, procurando ler no seu rosto a confirmação das acusações da baronesa.

– Bom Deus! Lágrimas e um rosto todo desfeito! O que aconteceu? – perguntou Ugarine admirado.

E, sentando-se ao lado dela, sua voz e seu olhar exprimiam o mais afetuoso interesse. Subitamente uma ideia lhe ocorreu: "Ela me viu com Helena e está com ciúmes." Um sorriso irônico perpassou fugidio por seus lábios. Tâmara percebeu a expressão e compreendeu. Como que atingida por uma chibatada, ela se recompôs.

– Estou bem, príncipe, e lamento haver obrigado o senhor a me procurar.

O orgulho ferido fazia tremer os seus lábios. “Você se engana – pensou ela com amargura e cólera –, você não é digno do meu ciúme. É a sua perversidade que chorei, mas essa lágrima é a primeira e também a última que você me custa”.

Silenciosamente, ela se deixou conduzir ao salão e, terminada a dança, trocou com o seu par um frio cumprimento. O príncipe, que a havia observado, retirou-se cada vez mais divertido. “Quem haveria de pensar que a santinha fosse tão ciumenta?” – murmurou ele, rindo e torcendo os bigodes.

Tâmara, a seu turno, esforçou-se em não deixar transparecer a emoção que acabava de experimentar e, quando o capitão Tarussoff veio convidá-la, acolheu graciosamente as gentilezas do jovem oficial.

Pela primeira vez, ela o examinou atentamente e o comparou com o príncipe que, naquele momento, inspirava-lhe uma espécie de aversão. Anatole Pavlovitch Tarussoff era um moço bastante bonito, de trinta e dois anos, grande e robusto, cabelos e suíças castanhos e grandes olhos de um azul claro e duro. Seus traços nada tinham da beleza clássica, nem o charme fascinante do Príncipe Arsênio. Suas maneiras não revelavam também aquela aristocrática distinção, mas era alegre, amável e bastante garboso no seu elegante uniforme para causar boa impressão à moça, especialmente naquele momento.

Durante o resto do baile, Tâmara procurou evitar Ugarine, mas ainda uma vez o viu junto de uma dama que ele parecia cortejar e na qual reconheceu, com surpresa, Catarina Migusov. As duas amigas cumprimentaram-se amavelmente, mas no coração de Tâmara a estima pelo príncipe baixou ainda mais...

De volta a casa, ela se fez trocar de roupa apressadamente, mas não conseguia dormir. A lembrança da primeira decepção, do primeiro sofrimento que lhe causara o contacto com os homens,

ocupava-lhe todos os pensamentos. Durante quatro anos ela havia adorado a imagem do príncipe, cercando-a de uma auréola e atribuindo-lhe à alma a sua beleza exterior. Ficara cega ante sua galanteria constante. Pensava, na sua ingenuidade, que um homem que demonstra abertamente a uma mulher que ela lhe agrada não pode pensar senão em casamento. Acabara-se o sonho de amor, dissipara-se a ilusão. Do herói de seus sonhos nada restara senão um homem prático e frívolo.

– Devo esquecê-lo, fazendo um apelo à minha razão e à minha dignidade de mulher – repetia Tâmara a si mesma. Estou perdendo apenas uma ilusão... e, afinal, posso amá-lo quando não sou capaz de estimá-lo? Sim, lutarei, mas sem Deus, sem o conselho dos amigos espirituais, não poderei contar com vitórias.

Saltou do leito ao chão e ajoelhou-se diante das várias imagens colocadas num dos cantos do aposento. A luz de uma lâmpada suspensa a uma corrente iluminava vagamente o rosto sombrio e severo dos santos e fazia cintilar as pedrarias que ornamentavam a auréola em torno da cabeça deles.

A jovem juntou as mãos em prece e seu olhar fixou-se com fé e amor na imagem da Virgem. “Santa Mãe do Salvador, protetora de todos os sofredores, sustenta-me nas minhas fraquezas, ajuda-me, protege-me” – murmurou ela com fervor. “E vós, forças do bem, mãe querida, amigos do espaço, levai minha prece ao meu Pai celeste; rogai a Ele que me dê forças para amar apenas o bem, de nunca condenar o meu próximo, mas de me guardar do amor fatal e sem finalidade”.

Após essa ardente invocação, ergueu-se tranquilizada e logo adormeceu, mergulhando em sono calmo e profundo.

Essa calma íntima perdurou. Tâmara, contudo, tornara-se mais grave, observava melhor as coisas e se sentia, às vezes, desencantada e chocada, habituada que estava ao procedimento digno e reservado de Eveline, às suas opiniões severas acerca da virtude e da sociedade. Tâmara não podia habituar-se à frívola sem-

cerimônia, à desenfreada coqueteria e ao sumário recato de sua madrasta e da maior parte das senhoras de seu círculo social. Apesar das brilhantes posições, dos nomes ilustres, das rendas e dos diamantes que as cobriam, aquelas mulheres de maneiras vulgares, absorvidas pelos interesses mesquinhos, odientas e ciumentas entre si, desagradavam enormemente à moça. Quanto aos homens, ela se tornara ainda mais prudente com respeito a eles, acolhendo com reserva as gentilezas de Anatole Tarussoff e evitando Ugarine na medida do possível. O príncipe havia, a princípio, tentado demolir a muralha de gelo que o surpreendia mas, não o conseguindo, impôs a si mesmo uma fria polidez.

As relações de Tâmara com suas antigas amigas eram igualmente banais. Faltava a simpatia íntima e era com dificuldade que ela aceitava seus convites, sem ousar recusá-los.

Um dia, Catarina, que havia torcido o pé, convidou suas amigas para lhe fazerem companhia durante uma daquelas noites de reclusão forçada. Tâmara entendeu ser de seu dever visitar a antiga companheira e testemunhar-lhe o interesse que tomava pelo seu acidente. Mas, para grande surpresa sua, encontrou a doente no melhor bom humor, fumando como uma chaminé e discutindo tão ruidosamente com Nadina e Natália, que se podia ouvir a sua voz através de vários aposentos. Cartas espalhadas sobre a mesa demonstravam que as damas já há algum tempo se divertiam como se numa verdadeira reunião social.

Interrompida momentaneamente pela chegada de Tâmara, a conversa foi retomada com o mesmo entusiasmo. Tratavam do casamento de uma das amigas comuns do internato, Xênia, que esposaria um oficial de marinha e partiria em seguida para Odessa. Demonstraram, na ocasião, um profundo conhecimento dos problemas da família da noiva e criticaram à vontade os futuros esposos. Em seguida, passaram em revista, com a mesma falta de caridade, a uma quantidade de pessoas e Tâmara, que havia presenciado em várias oportunidades as amabilidades que todas

testemunhavam àquelas mesmas pessoas, formulou um juízo bem seguro da falsidade de suas companheiras.

Esgotado o tema tão interessante das virtudes do próximo, passaram elas a assuntos mais íntimos e Nadina relatou com satisfação que conhecera recentemente um jovem diplomata, o visconde Roger de Rougement, a quem não poupou elogios. Tâmara, que quase não tomava parte na conversa, admirava-se intimamente do desmesurado interesse por parte de uma mulher casada por um homem que mal conhecia e da frequência das visitas, das quais Nadina se vangloriava. Logo, porém, Natália, que parecia muito bem informada e de mais bom humor do que habitualmente, interrompeu a jovem.

– Sabemos que não lhe faltam adoradores e que o seu Piotr Michailovitch é a pérola dos maridos. Escute, porém, o que vou dizer-lhe e espero que em breve você me felicite por isso.

E contou que um oficial, cujo nome mencionou, a cortejava abertamente e manifestara intenções sérias a seu respeito. Contava mesmo, em breve, com um pedido formal e que sua avó se declarava muito satisfeita com esse partido.

Catarina, que ouvira atentamente, balançou a cabeça.

– Aconselho-a a ficar atenta, a fim de que Lisa Bugaiev não lhe subtraia o pretendente bem na frente de seu nariz. Eu os tenho visto ultimamente juntos no Teatro Michel e asseguro-lhe que as mãos dele estavam bem ocupadas.

– Aquela feiosa? – indagou Natália com despeito. Pensava que Pfauenberg, Maurov e o cônsul alemão estivessem na sua lista de vítimas em potencial...

– Risque os dois últimos, pois, sem dúvida, eles foram informados da sua peruca e se retiraram discretamente.

– Mas Catarina, como pode você falar dessa maneira? – exclamou Tâmara – Eu vi a Senhorita Bugaiev. Ela tem cabelos lindos!

– Postiços, minha cara, postiços! Sua cabeça é nua como um joelho e ela está sempre de peruca, o que, afinal de contas, não espanta os tolos, uma vez que ela tem, segundo se diz, 100 mil rublos de dote. E voltando ao seu problema, Natália, acredite no que lhe digo: Pfauenberg e seu ajudante-de-campo têm suas chances. Seu belo senhor faz jogo duplo e tem melhores chances porque é o melhor dos dois. Sem dúvida, Eitel Franzovitch não se renderá sem luta, se bem que ele não seja totalmente desprovido de recursos, pois é bem forte em aritmética e adora a multiplicação.

Uma gargalhada das três marcou a observação e, em seguida, Catarina perguntou, ainda rindo e acendendo novo cigarro:

– Discutimos com franqueza na sua presença, santa Tâmara, mas você está sempre calada e se faz de sonsa. Vamos, diga, quem tombou vitimado pelos seus belos olhos e pelo odor de virtude que exala de você?

– Ninguém, respondeu Tâmara, sorrindo. Na sociedade de vocês, parece-me que o cheiro do ouro é que embriaga e faz suas vítimas. Além disso...

– Como, ninguém? E Tarussoff, que está doido por você? – interrompeu Natália.

– Se você tivesse me deixado concluir, eu teria dito que nada sei sobre o valor que me foi atribuído. Meu pai nada me disse. Talvez Anatole Pavlovitch esteja iludido a esse respeito e se desencantará num belo dia destes – concluiu ela não sem ligeira amargura.

– Seu pai não deixaria de confiar a pessoas de sua confiança uma coisa tão importante – observou Catarina.

– Que fazer? Alegre-se de que o seu é mais prático e que não escondeu o seu milhão. E por falar nisso, você ainda quer ser uma princesa?

– Mais do que nunca, e prevejo mesmo que, com o tempo, serei a Princesa Ugarine.

– Ugarine? – repetiu Tâmara, corando ligeiramente. Acho que ele

gosta de outra.

– O amor é coisa frágil. Enfim, quem viver verá! Digo apenas que, se tudo correr bem, estou disposta a trocar meu milhão pelos olhos negros do belo Arsênio. Ele me agrada e é chegado o tempo de me casar.

A entrada de várias senhoras veio mudar o curso da conversa, mas na alma de Tâmara aquela tarde deixou uma desagradável marca: a frivolidade e o cinismo sem véus desgostavam-na profundamente.

Em geral, a despeito do turbilhão mundano, no qual ela fora apanhada e que mal lhe deixava tempo para o indispensável repouso, a moça sentia um vazio interior, invencível sentimento de isolamento e tristeza que, às vezes, lhe fazia parecer odiosa à sociedade que a cercava. Pouco via seu pai, sempre absorvido pelos negócios e em frequentes viagens. Tâmara observava que alguma preocupação oculta o incomodava visivelmente. Quanto à sua madrasta, começava a sentir por ela verdadeira antipatia. Sua insaciável avidez pelos prazeres, o mau gosto que transparecia em suas maneiras e, enfim, a indiferença pelo marido, que não se dava ao trabalho de disfarçar, tudo aquilo revoltava a moça. Mas o que levou ao cúmulo a sua aversão foram as visitas muito frequentes de um senhor, ao qual sua madrasta falava num tom que a desagradava profundamente. Não que ela suspeitasse de Lúcia, mas seu instinto feminino lhe inspirava antipatia pelo hóspede assíduo demais. Pelas crianças Tâmara sentia profunda compaixão. O pobre Jorge estava sempre abandonado à sua babá. Em compensação, arrastavam Olga ao circo e ao teatro. Quando havia convidados em casa, ela não deixava o salão e ia dormir às duas ou três horas da madrugada, se antes não houvesse adormecido de fadiga em alguma poltrona. Sua mãe a mimava de maneira abominável, lisonjeando seu gosto pelas roupas e sua precoce vaidade. Havia-lhe ensinado a cantar algumas canções e árias de operetas, que a criança exibia com uma verve e uma compreensão

inesperadas na sua idade. Tâmara tentou ocupar-se um pouco dela, de vez que a criada alemã que tomava conta dela não tinha autoridade alguma sobre ela. A menina, porém, mostrou-se tão cheia de vontades, preguiçosa e impertinente, que ela perdeu logo a paciência. Comentou, contudo, com a sua madrasta, certa vez, que, na sua opinião, era impossível descuidar-se por mais tempo de Olga de maneira tão imperdoável.

– É preciso dar-lhe uma governanta instruída e experiente que a eduque divertindo-a, que se ocupe o tempo todo dela e a oriente para uma vida normal.

Madame Ardatov mostrou-se irritada com a observação da enteada.

– Olga é muito nova ainda para estudar com seriedade. Seria supérfluo dar-lhe uma boa governanta, que custaria muito dinheiro. Na verdade, minha cara, não dispomos de recursos para despesas inúteis.

Tâmara olhou-a espantada.

– Não há meios? – exclamou ela –. Mas gastamos importâncias enormes em toaletes e em recepções e não sobra nada para pagar uma governanta para a menina? Ela está sempre abandonada em mãos das empregadas, quando saímos, e, às vezes, nem a vemos durante o dia todo.

– Deixemos isso e poupe-me, por favor, as censuras – respondeu com dureza Madame Ardatov –. Quando tiver seus filhos, você os educará segundo os seus métodos pessoais. Eu tenho os meus, que não estão sujeitos à sua crítica.

Tâmara calou-se. Não queria importunar seu pai. Ele parecia irritado e, às vezes, tão triste, tão abatido, que seu coração ficava pesado, ainda que ela ignorasse as causas daquela secreta aflição. Depois daquela conversa, contudo, a moça tornou-se mais reservada com a madrasta. As eternas saídas que faziam juntas aborreciam-na e ela começou a sentir falta de seus pincéis e de

seus livros, nos quais não tocava desde que regressara de Estocolmo.

Em compensação, desenvolvera profunda afeição pela baronesa. A advertência maternal que ela lhe fizera durante aquele baile a enchia de gratidão e Tâmara considerava uma festa passar algumas horas de sossego com a velha dama, para falar de Espiritismo e outras questões de seu interesse.

Um dia que Madame Raban a convidara para o jantar, ela chegou muito cedo e, acomodadas no gabinete de trabalho da baronesa, as duas conversavam sobre o tema predileto de ambas. Pela primeira vez, Tâmara contou à sua velha amiga as interessantes sessões de que havia participado em casa dos Ericson e terminou por confiar-lhe a maravilhosa visão de sua mãe.

– Sim, eu a vi e a reconheci e ela me deu uma rosa, testemunho precioso de seu amor que superou a barreira da morte – concluiu a moça com os olhos brilhantes –. Nunca lhe falei dessa incomparável aparição em nossa casa, porque não temos ali tempo para cogitar de coisas sérias. Levo uma vida de verdadeira preguiçosa e, contudo, me sinto fatigada de tanto me vestir e desvestir quatro ou cinco vezes por dia, de correr aos bailes e de fazer visitas. Cansava-me menos quando trabalhava.

A entrada de um servo, que apresentou à baronesa um livro e um jornal, a interrompeu.

– Diga que agradeço muito ao senhor barão e que o espero, como estava combinado – respondeu Madame Raban, tomando os dois objetos.

Enquanto ela procurava seus óculos, Tâmara leu o título do livro e atirou um rápido olhar ao jornal.

– São publicações espíritas e que me parecem muito interessantes – disse ela. Gostaria também de lê-las.

– Penso que o seu proprietário terá prazer em dá-los a você. É um espírita convicto, meu iniciador em nossa sublime crença. É a ele

que devo o fato de haver compreendido com clareza a finalidade da vida e, ainda que Deus não me tenha concedido uma graça suprema como a sua, Tâmara, que viu a sua mãe, sou-lhe profundamente reconhecida pela luz com a qual iluminou minha alma.

– E quem é esse senhor? – perguntou Tâmara com curiosidade.

– É um jovem que mora no mesmo piso que nós, na porta em frente. Aquela varanda ali é dele... Ah! uma criatura bem infeliz! Aos vinte e oito anos está paralítico de ambas as pernas.

– Meu Deus! Como foi acontecer-lhe tal desgraça? – perguntou a moça compassivamente.

Foi consequência de um acidente de caçada. Era o outono, ele perdeu-se e caiu num pantanal, do qual não pode desembaraçar-se, pois a lama o cobriu até o peito. Somente pela madrugada conseguiram retirá-lo, meio inconsciente. Uma infecção instalou-se e ele esteve a um passo da morte. Conseguiu, contudo, salvar-se, mas as duas pernas ficaram paralisadas. Tinha vinte e quatro anos e você pode imaginar como essa desgraça o tornou quase louco. Em Paris, contudo, onde ele foi consultar os médicos, encontrou por acaso um espírita que o convenceu, esclareceu e acalmou a tempestade que rugia na sua alma. Quando o conheci, há um ano e meio, fiquei emocionada pela sua doce e inalterada resignação. Sem dúvida, o pobre rapaz ficou, de certa forma, à margem da sociedade e recebe muito pouco, mas criou para si mesmo uma vida toda intelectualizada. Ele tem uma soberba biblioteca, recebe montes de livros e jornais e se ocupa de traduções e até mesmo de trabalhos literários. Além disso, tornou-se gravador em madeira e suas obras são excelentes.

– Em verdade, gostaria de conhecer essa interessante personagem.

– Ele virá hoje tomar chá comigo e, se você estiver livre, será um prazer apresentá-la ao meu pobre enfermo. Ele também ficará muito feliz de conversar com você.

– Querida Vera Petrovna, se a senhora me promete enviar alguém a minha casa para prevenir minha madrasta, ficarei aqui.

– Com muito gosto, minha filha, mas você não estava para ir ao teatro? Por que privar-se desse prazer?

– Já vi uma vez esse *ballet*. Por outro lado, minha madrasta convidou para o seu camarote Madame Majarovski, que me é antipática com a sua postura de mau gosto e suas grandes orelhas de um asno. Ficarei feliz de me livrar de sua companhia.

Após o jantar, apresentou-se uma das numerosas protegidas de Madame Raban, que tinha um pedido a fazer-lhe. Tâmara apanhou o livro enviado pelo vizinho paralítico e retirou-se discretamente para o quarto de vestir da baronesa, onde a leitura logo a absorveu completamente e foi com pesar que ouviu que a chamavam.

– Tâmara, onde você se meteu? Venha, minha querida, quero apresentar-lhe meu iniciador.

A moça levantou-se prontamente e seguiu a velha amiga até o pequeno salão, onde viu logo a cadeira de rodas do enfermo junto à mesa. Tâmara contemplou admirada o rosto do paralítico, vivamente iluminado pela lâmpada. Ela o imaginara completamente diferente. Era um belo rosto, fino e magro, de uma brancura mate e doentia. Mechas castanhas, espessas, mas curtas, caíam sobre sua ampla testa, sede visível de uma vasta inteligência; um fino bigode sombreava-lhe a boca severa e bem desenhada e uma pequena barba bem cuidada emoldurava-lhe o rosto. Os pés estavam agasalhados sob um manto de pelúcia estriada.

– Permita-me apresentar-lhe o Barão Magnus Lilienstierna, meu amigo e iniciador no Espiritismo – disse a baronesa.

Tâmara aproximou-se vivamente e estendeu a mão ao jovem, que fixou nela um olhar profundo e perscrutador. Tinha os olhos grandes, de um cinzento azulado como aço, franjados de longos cílios negros. Uma límpida calma parecia refletir sua vitória absoluta sobre as paixões humanas. Ao primeiro olhar que trocaram, uma

viva e profunda simpatia tomou conta do coração da moça. Sem se dar conta, ela teve a sensação de reencontrar um velho amigo e quando o barão lhe disse que se sentia feliz em conhecer a moça de que tanto lhe falara a baronesa, ela respondeu com um sorriso franco e aberto.

– Madame Raban é muito condescendente comigo. Julga-me muito acima de meus méritos; mas ela me disse que o senhor partilha de nossas convicções espíritas e que a iniciou nos princípios dessa consoladora doutrina.

– Ficaria muito feliz se pudesse partilhar com todas as criaturas a convicção que me proporcionou serenidade à alma e me sustentou nas mais penosas horas da minha vida.

Tâmara fitou-o com um olhar de tépida e sincera compaixão.

– Sei que uma terrível provação o abateu, senhor, e considero um privilégio da sorte conhecer um homem que me demonstra, na prática, a realidade de sua fé. Quando estamos em gozo da plena saúde e felizes, é fácil crer e admirar os princípios divinos! É a adversidade que dá a medida de nossa submissão e de nossa fé.

Um clarão iluminou os olhos de Magnus.

– Sim – disse ele com a voz vibrante – a fé é o sustentáculo dos deserdados, o farol luminoso a brilhar sobre o aceno do futuro, o dique que defende o coração trêmulo e desesperado do homem contra as vagas tumultuosas da revolta, da dúvida e da ânsia pelo nada.

– Compreendo. É necessário mais coragem para viver do que para morrer – respondeu Tâmara em voz baixa –. Além disso, o suicídio é o recurso do covarde que espera escapar à luta desertando o campo de batalha. Mas o senhor, pelo que diz a baronesa, soube vencer o destino e criar uma vida intelectual.

– Sim, a arte e a ciência alegram minha solidão e não me deixam sentir o meu isolamento.

– Por que, Senhor Lilienstierna, o senhor se isola tanto? O senhor

poderia frequentar um círculo mais íntimo, alegrar-se com a conversação. Não tem em Petersburgo parentes, nem amigos?

– Suas palavras me deixam muito feliz, senhorita, e me demonstram que a senhora, pelo menos, encontraria prazer em minha companhia, mas a maior parte dos felizes do mundo me voltariam as costas, esteja certa disso.

– Há muito tempo que Ugarine veio vê-lo? – perguntou a baronesa.

– Faz bem umas três semanas que o vi.

– Como? O senhor conhece o príncipe? – perguntou Tâmara admirada.

– Ele é meu primo, pois sua mãe, irmã de meu pai, era uma Lilienstierna.

– Um parente tão próximo e, no entanto, ele nunca me falou do senhor!

Um sorriso misto de ironia e de amargura marcou os lábios do barão.

– Sem dúvida, que poderia ele dizer de mim? Arsênio vive no mundo e para o mundo, do qual fui excluído por minha enfermidade, e a sociedade, senhorita, não tolera senão os membros úteis, ou seja, aqueles que a divertem ou lhes servem para qualquer coisa. Sei disso por experiência própria. Houve um tempo em que o abandono de todos os que eu considerava amigos tornou-me profundamente infeliz. Mas depois que aprendi a substituir o mundo pelo trabalho intelectual, não me sinto mais isolado e reconheço até que ganhei na troca.

– Qualquer que seja a utilidade dessa experiência da vida, ela me parece bastante dura de ser adquirida – suspirou Tâmara –. O senhor me inspira medo dos homens. Será que somente o interesse egoísta pode uni-los? Quando se vive num ambiente tão animado como o meu, é bem triste pensar que toda aquela benevolência, aquela aparente amizade, não se dirige a nenhum de nós, pessoalmente, mas depende da nossa utilidade ou inutilidade e que,

ao primeiro sinal de desgraça, somos abandonados!

– Não se deixe entristecer por minhas palavras, senhorita. Espero que Deus a poupe de toda desgraça e, além do mais, há entre os seres humanos pessoas de bem, fiéis e generosas como a senhora baronesa. Faço votos para que a senhora encontre pessoas assim. Quanto a mim, sou um misantropo e vejo o mundo com tonalidade um tanto negra.

– Nada disso. O senhor adquiriu uma amável serenidade e a força de não se deixar ferir pelo mundo. Mas, quem sabe – murmurou Tâmara subitamente entristecida – o que me reserva o destino?

– Se você deseja conhecer o futuro, minha querida Tâmara, peça ao barão para fazer o seu horóscopo, ou dar uma olhadela nas linhas da sua mão – disse rindo a Baronesa de Raban –. É um segundo Nostradamus e o destino não tem segredos para ele.

– Ah! meu senhor, por favor, diga-me o que me reserva o futuro – exclamou a moça com entusiasmo.

Magnus havia corado ligeiramente.

– Se Nostradamus pudesse ouvir a baronesa, ficaria, por certo, muito escandalizado com a comparação, mas é verdade que estudei quiromancia e se a senhorita quiser me dar sua mão, tentarei ler os decretos do destino.

Tâmara aproximou-se vivamente da sua cadeira e estendeu-lhe a pequenina mão, que o barão examinou minuciosamente, observando seu elegante contorno e os dedos afilados.

– Mão de raça, mão de artista. Que arte cultiva, senhora? – perguntou, sorrindo.

– A pintura – respondeu ela, corando sob o olhar brilhante com o qual ele a contemplava.

Magnus retornou à mão e estudou longamente as diversas linhas que se cruzavam na palma rosada e delicada.

– O senhor vê algo de mau? Noto que seu rosto se tornou sombrio.

Por favor, não me esconda nada...

– As linhas da sua mão são muito complicadas e difíceis de decifrar; contudo, posso dizer-lhe que uma mudança de fortuna a aguarda e que a senhora enfrentará lutas e grandes emoções, mas sairá vitoriosa desse combate e viverá calma e feliz. Não vejo mais nada – concluiu Magnus com um sorriso.

Tentando minimizar a penosa impressão, Magnus e a baronesa mudaram o rumo da conversação e quando, por acaso, deram com um assunto de geral agrado, a conversa foi se tornando cada vez mais animada. O barão verificou, com surpresa crescente, os extensos conhecimentos de Tâmara em história, arqueologia, literatura, botânica e ciência espírita.

Vivamente interessado, o jovem abandonou-se a um debate cada vez mais profundo acerca dessas árduas questões. A baronesa se contentava usualmente com o seu papel de ouvinte, observando com alegre bonomia a animação de seus convidados.

Após o chá, Magnus retirou-se, acometido de súbita dor de cabeça nervosa, e, logo que as damas se encontraram a sós, Tâmara exclamou de olhos brilhantes:

– Ah! Vera Petrovna, que homem encantador e simpático o Barão Lilienstierna! Como é erudito e, contudo, simples e amável! Ele suporta com dignidade sua desgraça e a gente pode ler em seus olhos que as paixões não dominam a sua alma.

A baronesa fitou-a sorridente:

– Sim, é um caráter fortemente temperado, que soube mesmo vencer ou recalcar suas paixões. No entanto, minha filha, o barão não foi sempre assim tranquilo e desligado do mundo, como parece agora. Ele serviu na arma de cavalaria, que não é exatamente uma escola de virtudes e, naquele tempo, vivia com a rédea solta, sendo um fervoroso adorador das mulheres. Alguns meses antes do acidente, tornou-se noivo de uma jovem belíssima, mas medio-cremente rica. O casamento deveria realizar-se dentro de poucas

semanas, quando a desgraça abateu-se sobre ele. Sua terrível enfermidade deixou-o paralisado e à beira da ruína. Quando a noiva se convenceu de tais circunstâncias, abandonou-o sem cerimônia!

– Ah, que criatura indigna! Abandonar um homem que se ama em tal momento! – exclamou Tâmara revoltada.

– Ela o amava belo e sadio, não doente incurável. Não foi generoso, mas foi humano. Seis semanas mais tarde, ela casou-se com outro. Quanto a Magnus, pensou-se que ele perderia a razão, pelo que me contou Ugarine. Foi nessa época que o mandaram a Paris. Ao regressar, veio irreconhecível e tinha a calma resignação que você acaba de verificar. Começou a regular seus negócios, em terrível desordem. Diz-se mesmo que a esse tempo ele mal ganhava para manter-se, com o seu trabalho literário e artístico. Seja como for, liquidou todas as suas dívidas e restabeleceu o equilíbrio financeiro. Como se a fortuna estivesse apenas à espera desse momento para mostrar-lhe seu favor, concedeu-lhe no ano passado uma herança considerável. Um primo morto subitamente deixou-lhe magnífica propriedade perto de Viborg, onde ele passou o último verão. É mais rico agora do que jamais tenha sido, mas continua a viver com simplicidade e dá generosamente aos pobres. Sei algo a respeito disto.

Muito satisfeita de seu dia, Tâmara regressou à casa de seu pai. Parecia-lhe que um sopro de ar fresco havia momentaneamente dissipado a atmosfera sufocante na qual vivia. Sua conversação séria e interessante com Magnus refrescara-lhe a alma. A lembrança do jovem barão a seguia por toda parte. Lembrava-se do seu olhar calmo e puro, do sorriso triste e resignado e do bem-estar que havia sentido em sua presença, bem como da profunda sensação de paz que parecia desprender-se dele.

A vida dissipada que a arrastava sem trégua enfraqueceu, com o tempo, essa impressão, mas ela reavivou-se poucos dias depois, durante um grande jantar, no qual se encontrou sentada ao lado de Ugarine.

O príncipe, como vimos, tornara-se muito reservado em relação a Tâmara. Enquanto conversava animadamente com sua vizinha da direita, a moça pôs-se a examiná-lo disfarçadamente. Encontrava nele traços de família que lembravam Magnus mas, de comparação, toda a vantagem foi favorável ao jovem paralítico. Que brilhante inteligência fulgurava nos seus olhos cinzentos, iluminando o rosto pálido com uma expressão sempre renovada! E quanto saber, finura espiritual e, não obstante, modéstia denotava cada uma de suas palavras.

Com um olhar crítico, ela fitou o príncipe – ele também era pálido e a fadiga do homem enfastiado parecia pesar sobre todo o seu ser. Uma expressão zombeteira e orgulhosa pendia sempre de seus lábios, enquanto nos olhos negros semicerrados não se lia outra coisa senão a arrogância e o convencimento.

Decididamente o herói de seus sonhos desaparecera; restava um homem, incontestavelmente belo, mas vão, egoísta, frívolo, uma nulidade brilhante, cuja alma vazia não mais se ocultava sob a máscara sedutora.

Nesse instante, o príncipe virou-se e deu surpreendido com o olhar perscrutador da moça. Desconcertada ao se ver assim apanhada e desejando fazer uma brincadeira, Tâmara lhe disse:

– Sabe o senhor, Arsênio Borissovitch, que domingo passado, em casa da Baronesa de Raban, fiquei conhecendo seu primo, o Barão Lilienstierna? É uma pessoa muito amável...

– A senhora viu Magnus? É um terrível excêntrico, que se fecha como um mocho, quando poderia levar uma vida conveniente e alegre.

– Eis o que me parece difícil para um enfermo.

– Muito pelo contrário. Já é bastante enfadonho ser paralítico, sem precisar sequestrar-se como ele o faz. Nada o impede de receber em sua casa e de se fazer transportar ao teatro ou a um banquete. Sua garganta, graças a Deus, é bastante saudável para deixar

passar o champanhe e suas mãos para segurar as cartas do baralho.

Tâmara ouviu tais palavras com indizível espanto, e um sentimento de desaprovação mal disfarçado vibrava na sua voz quando respondeu:

– Acho que a falta de caridade dos que o cercam forçou o barão a passar a vida no isolamento e, por certo, ele só tem a ganhar ao abandonar esta sociedade egoísta que lhe virou as costas no momento em que mais precisava de afeição. A baronesa me disse que ele teve também um período de revés financeiro... Felizmente, porque, se ele fosse rico, a sociedade não o haveria abandonado e o transformaria numa caricatura. O sofrimento e o isolamento abriram seus olhos quanto à fragilidade dos favores mundanos. O trabalho espiritual e a meditação fizeram do Senhor Lilienstierna o homem verdadeiramente superior com o qual tive o prazer de passar uma tarde tão agradável, a mais interessante, reconheço, que tive desde meu retorno de Estocolmo.

– Em todo caso, Magnus pode sentir-se orgulhoso de haver merecido tantos elogios de uma boca tão linda. Para um paralítico, é duplamente lisonjeiro – observou o príncipe com ligeira ironia.

– Não mencione sua enfermidade; sua conversa brilhante e interessante absorve toda a atenção e o encanto do espírito é bem superior à beleza do corpo. Nem tudo que brilha é ouro! – acrescentou ela com um imperceptível sorriso.

Súbito rubor cobriu o rosto do príncipe. Apesar do olhar doce e claro da moça, ele suspeitava nas suas palavras uma leve crítica à sua pessoa e sua fatuidade se encontrava melindrada. Será que ele, o cavalheiro brilhante, iria empalidecer aos olhos da moça ante o infeliz enfermo?

– Não duvido mais de que a conversa com Magnus lhe haja encantado. Ignorava, contudo, Tâmara Nicolaevna, que a senhora fosse tão versada nas áridas ciências que meu primo cultiva: história, arqueologia, geologia, astronomia, botânica, ocultismo,

magnetismo, espiritismo...

Sem poder, de repente, lembrar-se de outros termos eruditos, acrescentou um *et cetera* para concluir.

Tâmara sorriu.

– Vejo que o senhor também é versado em tais matérias, Arsênio Borissovitch, e, no entanto, nunca procurou levar a conversação para esse terreno. Sim, eu me interesso pelas questões que instruem o espírito e ampliam nossos horizontes. Toda a natureza, sob esse aspecto, é nossa instrutora e não devemos nos desejar aprofundar o estudo do que escapa aos nossos olhos, do que fica além da estreita realidade terrena? Em todas as direções, o espírito humano encontra maravilhosos enigmas. Ao contemplarmos o firmamento, com seus milhares de sistemas solares, seus mundos infinitos que são como poeira dourada no espaço sem limites, podemos deixar de aspirar a conhecer as leis que regem esses astros e lhes permitem vogar no espaço com maior precisão do que o mecanismo de um relógio, ao mesmo tempo em que nos enviam seus raios luminosos como uma saudação fraternal, através de distâncias incomensuráveis?

E a moça continuou:

– Nossos pés esmagam descuidadamente as plantas do caminho, e cada uma delas não é um mundo? O reino vegetal, com suas leis, suas forças desconhecidas, não é digno de nossa atenção, tanto quanto o reino animal, tão próximo de nós? E, enfim, como deixar de contemplar o éter que nos envolve, tão transparente, tão impalpável e que, no entanto, é véu impenetrável que nos oculta os mistérios do invisível... O invisível! pátria eterna, povoada de miríades de seres que já habitaram a Terra e que são nossos mortos queridos, nossos amigos desaparecidos! Sim, tudo o que nos chega à visão, tudo o que tocamos com as mãos, tudo o que é acessível aos nossos sentidos é ciência que uma só vida humana não basta para estudar em profundidade. Mais feliz é aquele que sabe compreender que uma cadeia ininterrupta liga todos os seres, dos

abismos do caos aos cumes luminosos da perfeição, e que nessa longa escalada, somos chamados a proteger aquele que nos é inferior e obrigados a obedecer ao que nos é superior.

Animara-se ao falar e o príncipe a ouvia espantado, contemplando complacentemente seus olhos irradiantes de inteligência, seus traços finos e móveis que nunca lhe pareceram mais belos. Em poucas palavras, Tâmara lhe demonstrara que não fazia mera exibição de saber acima de sua idade, mas que havia muito lido e meditado. Magnus, ele bem sabia, era quase um sábio e evidentemente as questões sérias e científicas discutidas entre ele e a moça haviam tornado sua companhia muito agradável a ela. Mais interessado do que nunca, Ugarine assumiu sua atitude normal, enquanto um sorriso de zombeteira bonomia iluminou seu olhar.

– Inclino-me ante a profundeza de sua resposta e estou convicto de que a senhora experimentou grande prazer na companhia de meu primo, mas penso, ao mesmo tempo, que deve julgar ignorantes os que jamais lhe disseram algo razoável. Por isso, não me admiro de havê-la visto, com tanta frequência, pensativa e sonhadora nas reuniões sociais, das quais o único interesse está nas banalidades do momento. Que quer a senhora, Tâmara Nicolaevna? Nós outros, pobres leigos, temos horror à ciência porque o tempo é pouco para nos preocuparmos com o que faz o universo, o que não impede que amemos, à nossa maneira, todos os produtos da natureza. Eu, por exemplo, adoro o firmamento, quando as estrelas se reúnem, assim, no peito de alguém – e indicou, com um rápido olhar, um velho dignitário decorado com inúmeras condecorações –. A uva é um vegetal que estudo assiduamente, sobretudo quando transformada em vinho de muitas qualidades. O mesmo diria dos animais, quando assados. Quanto aos metais, também estimulam meu espírito e meu bom humor, uma vez transformados em dinheiro e tilintando no meu bolso, ou quando brilham alegremente em meus dedos – e fez cintilar o soberbo solitário que trazia no dedo mínimo –. Enfim, quando estou embriagado, mergulho a cabeça no caos, para subir pelo éter –

vulgarmente conhecido como ar fresco –, que me restitui a sobriedade.

Vibrava na sua voz um tom de tal forma jocoso e tão franco bom humor brilhava no olhar do príncipe, que Tâmara não pôde conter um riso.

– Meu Deus! Que tolices diz o senhor, Arsênio Borissovitch. Mas, francamente, o senhor não encontra nenhum prazer na leitura séria que alimente a alma?

– Asseguro-lhe que não tenho tempo para entregar-me a prolongadas leituras, mas, por instinto, duvido de tudo e proporciono à minha alma alimento suficiente: confesso-me todos os anos e tomo os sacramentos devidos, fazendo penitência pelos meus pecados e me privando de fumar, durante a primeira e a última semanas da quaresma. É justo dizer que fico de um mau humor insuportável durante os dias de penitência e, então, eu os abrevio, praticando certas caridades entre aqueles que me cercam. Além disso, sou espírita, graças a Magnus, que me converteu. Só que tenho um medo pavoroso de obsessões e dos maus espíritos que poderiam me atacar... É verdade – disse ele ao perceber o olhar incrédulo de Tâmara.

– Nesse caso – respondeu a moça com um sorriso malicioso – o senhor deveria evitar a si mesmo, porque agora que o senhor me confessou todas as suas virtudes, parece-me que as forças do mal, que o senhor tanto teme, são um tanto da sua intimidade.

O príncipe deu uma boa gargalhada.

– Palavra de honra, isso é possível. Uma noite, ao entrar em casa, vi o diabo num espelho. Era horroroso!

– Talvez o senhor tenha estado a estudar com muito empenho as forças misteriosas da uva – disse Tâmara, rindo – e a visão apenas confirma minha sugestão de que o senhor deve evitar a si mesmo.

Meio alegre, meio agastado, o príncipe mergulhou seu olhar nos olhos divertidos da sua vizinha de mesa e disse:

– Veja que língua perversa tem a senhora, Tâmara Nicolaevna. Está insinuando, nada mais nada menos, que tomei minha própria imagem pelo demônio.

Não houve tempo para Tâmara responder, porque o jantar terminara e todos se levantavam da mesa, a fim de passarem ao salão. Além disso, o capitão Tarussoff aproveitou-se da oportunidade para aproximar-se da moça e entabular uma conversa muito do seu interesse. Já há algumas semanas, o relacionamento entre eles era dos mais cordiais, pois Anatole Pavlovitch, que se interessava vivamente pelo Espiritismo, deixara-se converter por Tâmara, que, muito feliz de haver feito um prosélito, não perdia oportunidade de falar sobre o assunto, de orientar seu neófito ao longo do novo caminho e de fazê-lo ler publicações espíritas, da sua própria biblioteca ou da que pertencia ao barão.

Tarussoff, que parecia apaixonado por Tâmara, estava encantado ante a excelente oportunidade de lhe fazer a corte, de falar livremente com ela e ganhar sua amizade. Como Nicolai Wladimirovitch obviamente via com bons olhos a assiduidade do jovem oficial, certa intimidade cordial se estabelecera entre eles.

Naquele dia, Tarussoff apressou-se em dizer à sua iniciadora que sua tentativa de desenvolver nele próprio a mediunidade psicográfica havia sido coroada de inesperado êxito, além de sua expectativa. Por muito tempo, não conseguira ele senão linhas, traços e círculos ou algumas letras isoladas, mas na noite anterior, o lápis começara a escrever corretamente e, com rapidez sempre crescente, respondera a todas as suas perguntas.

– Imagine a minha alegria, Tâmara Nicolaevna, quando compreendi que era meu guia que se manifestava.

– E quem é ele?

– Ele se diz ser o cavalheiro de Saint-Just, guilhotinado durante a Revolução Francesa. É meu amigo de muitos séculos. Contou-me, sobre sua última existência, pormenores extremamente curiosos e que vou verificar – respondeu Tarussoff com animação.

E se pôs a contar tudo quanto lhe havia sido comunicado.

Pouco depois disso, Tâmara teve uma tarde livre. Sua madrasta sofria de violenta dor de cabeça, após uma conversa um tanto agitada com o marido. Fechou-se nos seus aposentos, declarando que passaria o dia todo em casa, e a moça, feliz por livrar-se de uma série de visitas e de um jantar altamente tedioso, tomou a carruagem e foi para a residência da baronesa. Encontrava-se esta no seu gabinete de trabalho com uma jovem pálida e de fisionomia desfeita, na qual as pálpebras inchadas e vermelhas atestavam que muitas lágrimas haviam sido vertidas. Vera Petrovna parecia igualmente agitada. Abraçou Tâmara e, após haver apresentado as duas jovens uma a outra, acrescentou:

– Minha querida, Lilienstierna está ali no salão ao lado. Tive que deixá-lo sozinho para conversar com a minha afilhada. Você não queria fazer-lhe um pouco de companhia? Irei daqui mais um pouco.

– Certamente, com todo o gosto – respondeu Tâmara com vivacidade e, saudando as duas senhoras, passou ao salão.

Junto de uma das janelas estava sentado o enfermo, com um jornal nas mãos, mas, em vez de ler, ele parecia meditar e, sem dúvida, eram pensamentos pouco agradáveis, pois seu rosto estava contraído. À vista de Tâmara, ele mudou prontamente sua postura e, sorrindo, apertou a mão que ela lhe estendia. Em breve uma animada conversação se estabeleceu entre eles; a moça contou seu diálogo com Ugarine. Magnus riu com gosto e agradeceu-lhe por tê-lo defendido tão calorosamente. Em seguida, falaram de Espiritismo e a jovem manifestou sua satisfação por ter conseguido converter Tarussoff, que se tornara, não apenas um adepto convicto, mas, também, excelente médium.

– Que tristeza ter o Espiritismo entre nós tão poucos adeptos! – disse ela com um suspiro –. É uma crença tão enobrecedora, de moral tão elevada, que poderia, com enorme proveito, atuar sobre os seres humanos! E, no entanto, mal se ouve falar dele. A maioria das pessoas não tem ideia do que seja isso, enquanto outras até se

riem à simples menção da palavra Espiritismo.

– Que quer a senhora? Não é sempre o belo e o útil que agradam aos homens – respondeu Magnus, com um sorriso –. E, francamente, creio que por muito tempo ainda o verdadeiro Espiritismo, ou seja, a aplicação do ensinamento dos espíritos, será partilhado apenas por um restrito número de seres em condições de entendê-lo e de apreciá-lo. Para a maioria, ele é odioso e repulsivo por causa do desagradável problema da morte que ele colocou em pauta. Uma vez provada a sobrevivência da alma por fatos irrecusáveis, a responsabilidade de nossos atos se torna inegável e a teoria, tão cômoda, do nada após a morte desaba em ruínas. Como pode a perspectiva de ter que prestar contas da existência agradar a uma sociedade desmoralizada, egoísta e insaciável ante os prazeres? Essa doutrina bem que tomou algum impulso, de início, mas são grandes suas dificuldades em vista da frivolidade com a qual todos procedem usualmente. Há alguns anos os fenômenos eram a diversão da moda e todo salão social que aspirasse a algum *status* organizava suas sessões. Havia mesmo certa rivalidade entre eles, e as reuniões que obtinham as melhores manifestações se orgulhavam disso. Os médiuns eram disputados como raridades, com lisonjas e bajulações. Todo o mundo era espírita sem o menor preparo – era um prodígio, mas... nada além disso, infelizmente. O Espiritismo era uma distração, como qualquer fantasia do momento; acreditava-se por prazer e não faltaram farsantes, interesseiros ou não, que se intitulavam médiuns e fabricavam manifestações, entusiasticamente aceitas como verdadeiras, pois o que se queria era divertir-se a qualquer preço e a meia-luz favorecia as mais vis trapaças, tanto quanto a circulação de bilhetinhos amorosos. Em vão protestavam os adeptos sérios contra essa vergonhosa profanação; suas vozes se perdiam no caos impuro da frivolidade generalizada. Depois, a moda passou e tudo se extinguiu. Mas a senhora compreende que uma causa aviltada dessa maneira desperta o desdém e a desconfiança.

– Como tudo isso é triste! Eu mesma já me convenci de que...

Tâmara interrompeu o que dizia ante o som de soluços abafados que vinha distintamente do aposento vizinho. Penoso silêncio estabeleceu-se entre eles.

– A vida traz tantas decepções, impõe provações tão diversas, que as lágrimas são um tributo natural de nossa fraqueza – disse Magnus em resposta ao olhar indagador e entristecido de Tâmara.

De novo se calaram e, alguns momentos depois, entrou a baronesa, agitadíssima, e se deixou cair sobre uma poltrona.

– Essa história asquerosa me perturbou completamente os nervos Deus seja louvado! Amanhã Melanie parte, enfim – disse ela com mau humor.

– Cara Vera Petrovna, não se agite dessa maneira. Aquela pobre moça parecia tão infeliz. Seria indiscrição perguntar-lhe o que a aflige?

– A necessidade de ceder seu noivo à sua querida mãezinha, que prefere desposá-lo, ela própria – disse a baronesa laconicamente.

– O que diz a senhora? – perguntou Tâmara julgando não haver entendido.

– Não creia que me entendeu mal – o que acabo de dizer é um fato que bem caracteriza nossos atuais costumes. Eis a história, em poucas palavras: a mãe de Melanie foi uma jovem pobre que, por feliz circunstância, casou-se com um homem muito rico, que morreu dois anos mais tarde, deixando-lhe toda a sua fortuna. De um segundo matrimônio, ela teve uma única filha, minha afilhada, que vocês ficaram conhecendo. Muito envolvida com a sociedade e dissipada, a mãe cuidou pouco dessa criança que foi educada numa escola pública e, após a morte do segundo marido, a Senhora Odinecoff fixou residência no exterior. Quando Melanie saiu do colégio, foi para a casa de uma parenta e, pouco depois, ficou noiva de um modesto empregado, belo rapaz, mas pobre. Infelizmente, a mãe foi tomada de súbito acesso de ternura por ela e regressou à Rússia para organizar o enxoval e casar a moça. Tendo visto,

porém, o futuro marido de sua filha, ela o achou muito de seu gosto e lhe deu a entender que sua própria fortuna era bem superior à que Melanie herdara de seu pai. Tramou tudo tão bem que, em breve, o jovem – um indivíduo prático e ambicioso – rompeu com a filha e ficou noivo da mãe! Melanie ficou fora de si, pois ela ama aquele miserável. Os derretimentos amorosos de seu ex-noivo com a sua mãe a exasperavam e acho que no dia do casamento ela fará alguma loucura. Tratei, por isso, de preparar com urgência sua partida para Nice, onde ela tem uma parenta.

– Meu Deus! Que trama de horrores! – exclamou Tâmara vermelha de indignação –. E será que esses dois desavergonhados ousarão encarar os outros e apresentarem-se na sociedade?

– Ora, por que não? Você sabe o que me disse a mãe quando eu a interpelei? "Estou desolada ante a conduta extravagante de Melanie. Mas não seria ridículo sacrificar a felicidade de duas pessoas à fantasia de uma jovem? Esses amores de criança não duram mais do que um resfriado. Somente a afeição ardente de uma mulher que conhece a vida pode proporcionar felicidade duradoura. Piotr compreendeu isso e sua paixão por mim e a harmonia de nossas almas não lhe permitem mais contentar-se com uma fingida de dezessete anos". Ela tem quarenta e nove e ele vinte e oito anos, mas essas palavras demonstram claramente que ela não vai deixar de fazer suas visitas habituais.

– E a senhora a receberá em sua casa?

– Minha querida Tâmara – disse a baronesa com um sorriso –, se eu recebesse apenas pessoas irrepreensíveis, bem restrito seria o meu círculo de amizades. Como diz o provérbio, um exército não se faz com um único soldado. Posso eu fazê-lo sozinha? Além do mais, a sociedade em que vivemos é de extrema liberalidade ante o vício, ao qual se dobra.

– Pois bem, quanto a mim, não hei de tolerar em minha casa pessoas de reputação duvidosa e não estenderei minha mão às que eu desprezo – disse energicamente Tâmara.

– E a caridade cristã e a indulgência do espírita para as fraquezas do próximo? – perguntou Magnus com um sorriso.

– Não se trata de caridade, mas de indulgência culposa em face dos horrores que a sociedade não deve tolerar. E quem sabe se fizéssemos sentir as pessoas de mais idade como essas paixões extemporâneas as fazem ridículas, talvez se emendassem.

– Não seja tão belicosa, Tâmara. Parece-me ouvir sua mãe. É preciso aceitar o mundo como ele é. Salvo raras exceções, todos pecam e não existe idade na qual, voluntariamente, se renuncie ao prazer e ao desejo de seduzir. Homens e mulheres são hábeis na arte de "pintar e enfeitar a face, a fim de apagar o ultraje irreparável dos anos". Além disso, é bem difícil parar quando, desde a primeira juventude, se é atirado ao turbilhão das paixões. Como um elemento desencadeado, tais paixões arrastam o infeliz, afogando honra e dever, saúde e vida sob vagalhões tumultuosos. Enceguecidos por essa bacanal desenfreada que se chama gozo material, os homens não têm tempo de pensar no futuro ou de perscrutar o passado, até que a morte os surpreenda. Mas não somos nós que faremos deter a avalanche e nosso único cuidado, se tivermos algumas vezes de apertar a mão do vício, consiste em não nos macular ao seu contacto.

– Não. Eu não admitirei tais compromissos e quero pelo menos ter o direito de desprezar abertamente aqueles que o merecerem – retrucou Tâmara com a face em fogo.

---

3 Calchas: adivinho grego que acompanhou Agamenon durante o assédio à cidade de Troia. Ordenou o sacrifício de Ifigênia e sugeriu a construção do famoso cavalo de madeira, dentro do qual foi possível fazer entrar na cidade uma tropa de choque, que acabou quebrando a resistência de seus heroicos defensores. Daí a expressão "presente de grego" ou "cavalo de Troia" para caracterizar um bem urdido artifício para enganar alguém.

4 Páris: figura mitológica grega, segundo filho de Priamo e Hécuba, marido de Enona, raptor de Helena, esposa de Menelau. Incumbido de premiar a mais bela das três deusas, Hera, Atenas e Afrodite, concedeu a maçã (pomo) à última, que lhe havia prometido o amor de Helena de Esparta. Sua fuga com Helena provocou a guerra de Troia. Daí, também, a expressão "pomo de discórdia" para caracterizar o motivo central de uma desavença. É digno de nota nesses dois exemplos – o de Calchas e o de Páris – o cuidado com que Rochester escolhe figuras simbólicas para marcar com precisão o que deseja expressar.

Calchas foi um mago envolvido em artes ocultas, enquanto a personalidade mitológica de Páris assenta como uma luva à figura de Pfauenberg, o falso médium.



A ruína

Após aquela conversa, Tâmara começou a observar com alguma dose de suspeita as pessoas que encontrava. A maioria lhe parecia formada de gente tão boa e amável, que ela começou a achar que a baronesa estava exagerando.

Pouco antes do Natal, contudo, algo aconteceu que imprimiu novo rumo a todos os seus pensamentos. Certa manhã, seu pai mandou chamá-la ao seu gabinete e, com palavras afetuosas, anunciou-lhe que o capitão Tarussoff lhe pedia em casamento e que, julgando-o partido favorável e adequado, havia, de sua parte, acolhido com indulgência o pedido, reservando, contudo, a decisão final à filha.

– Mas, papai, creio que não amo o Senhor Tarussoff o suficiente para desposá-lo – respondeu Tâmara, corando, embaraçada.

– Ah, minha querida, não são sempre as uniões nas grandes paixões que resultam em felicidade – comentou Ardatov com amargura –. Uma afeição calma e sólida, baseada na estima e na harmonia de convicções, é a melhor garantia. Pareceu-me que você se simpatizava bastante com Anatole Pavlovitch. Daí ao amor vai apenas um passo. Ele é um homem belo e amável, de reputação

inatacável e, se não é rico, pelo menos, remediado. Ele ama você como raramente se ama hoje. Que poderia eu desejar de melhor para você? Reflita, porém, que há tempo. Não será senão às sete horas da noite que Tarussoff virá saber da sua resposta.

De volta aos seus aposentos, Tâmara meditou longamente. Anatole a amava; ela sabia disso há muito tempo e não o repelia. Ele agradava-lhe pela sua aparência, suas maneiras, suas opiniões compatíveis com as suas próprias. Enfim, os estudos em comum sobre o Espiritismo haviam feito nascer entre eles profunda simpatia, mas seria tudo aquilo suficiente para mantê-los unidos por toda uma existência?

Por um instante, a imagem do Príncipe Ugarine surgiu diante de seu espírito, mas ela o repeliu com desdém – aquele enfarado boa-vida, frívolo perseguidor de mulheres, era indigno de um só pensamento. Como se sentia reconhecida à Madame Raban por lhe haver aberto os olhos. Tâmara era um ser complexo. Duas qualidades contraditórias e aparentemente incompatíveis disputavam nela a primazia: viva, generosa, muito impressionável, a moça parecia frágil e facilmente dominada pelo amor. Mas aqui começava o enigma: tanto era quente a cabeça, pronta a encolerizar-se, quanto o coração, frio e refletido. Só lentamente ele se aquecia e uma brusca desilusão poderia ser suficiente para acabar com o envolvimento. Era o que acontecera com relação a Ugarine; o sentimento nutrido durante quatro anos, e que esteve a ponto de dominar o coração da jovem, extinguira-se sem deixar traço, a partir do momento em que o ideal ilusório ficou desmascarado em toda a sua nudez moral. Prontamente seu pensamento reverteu a Anatole. Ela se lembrava, com rubor, de pequenos incidentes que demonstravam o amor profundo e apaixonado que inspirava nele. Por que não corresponder a esse sentimento? Seu pai tinha razão: uma afeição lentamente desabrochada, baseada na estima e na simpatia, era mais sólida do que as grandes paixões. Ademais, a vida na casa paterna arrastava-se penosamente para Tâmara; aquele turbilhão contínuo e a

desenfreada necessidade de divertimento a cansavam, a sociedade que sua madrasta frequentava, tudo se tornara positivamente odioso, depois que uma suspeita lhe nasceu quanto à natureza de seu relacionamento com um visitante assíduo da mansão. Que felicidade seria a de retomar, na sua própria intimidade, uma vida calma, embelezada pelos prazeres simples do intelecto.

Em suma, em decorrência de todas essas reflexões, Tâmara colocou sua mão nas de Tarussoff, naquela noite, aceitando-o como futuro esposo.

O noivado foi comemorado com uma grande festa e o casamento marcado para a Páscoa, pois o enxoval não poderia ficar pronto, na opinião de Lúcia, antes do princípio da quaresma.

A partir desse dia, Anatole Pavlovitch tornou-se visitante diário à residência de Ardatov e Tâmara, envolvida pela sua nova condição, ligou cada vez mais seu coração honesto e confiante ao homem que havia escolhido e cujo amor expansivo lhe parecia garantir-lhe um futuro feliz.

Durante as primeiras semanas nada perturbou a felicidade dos noivos, mas à medida que a intimidade se aprofundava surgiam circunstâncias e traços de caráter que haviam permanecido completamente mascarados durante as relações puramente mundanas e pequenas nuvens começaram a aparecer.

O que, assim visto mais de perto, desgostou Tâmara logo de início foi a família de seu futuro marido: Anatole Pavlovitch vivia em casa de um tio, velho Coronel reformado e semiparalítico. A esposa deste, de cerca de trinta e oito anos, era jovem em comparação com o marido e extremamente vaidosa, a despeito da sua aparência pouco agradável, a pele escura e empapuçada, os pequenos olhos negros crepitantes de malícia e sua grande boca tagarela.

Nadeschda Ivanovna Tarussoff era originária de uma pequena cidade provincial, perto da qual seu marido possuía uma bela propriedade. O desejo de escapar à mediocridade a levara a casar-se com o velho meio enfermo que, ademais, ela soubera dominar e

submeter à sua vontade, mas ficara-lhe a atitude de arrogância vulgar própria das pessoas que entram na posse de inesperada fortuna e, já a essa época, agravara toda a rudeza de sua natureza.

Vendo-a apenas ocasionalmente, Tâmara não prestara atenção

alguma ao caráter de Madame Tarussoff, mas passando a frequentar-lhe a casa, na condição de futura parenta, logo percebeu, pela maneira que Anatole era tratado pelo tio e pela tia, que algo sério deveria passar-se entre eles. Tal pensamento chocou-a, mas ela era ainda bastante inexperiente para aprofundar a situação. Fora do círculo dos seus parentes, Anatole levava a vida de uma pessoa de recursos e Tâmara, desinteressada do assunto, pouco sabia do poder esmagador do dinheiro, para compreender que os sentimentos humanos estão igualmente submetidos a altos e baixos, e que as batidas do coração são reguladas pela especulação, tanto quanto outros recursos materiais.

Uma segunda descoberta, revelada nas longas conversas de coração aberto, foi a de que Anatole Pavlovitch não era lá esse brilho e que, além das limitações de homem mundano, estendia-se uma inteligência estreita, pesada, rotineira e acoplada a uma fatuidade mesquinha e de uma sólida dose de teimosia. Tarussoff, que nem suspeitava do quanto o espírito de Tâmara era penetrante, sutil e observador, deixou-se conduzir mais e mais, exibindo imprudentemente ao olhar crítico e cáustico de sua noiva suas fraquezas e defeitos.

Um dia em que jantara com sua madrasta em casa dos Tarussoff, Tâmara deixou-se conduzir, após a refeição, ao gabinete de trabalho de seu noivo, que ele desejava mostrar-lhe. A moça contemplou curiosamente as fotografias, as armas e outros objetos e, em seguida, aproximou-se de uma grande estante e examinou os volumes que a ocupavam.

Eram, em sua maior parte, obras clássicas ou científicas, entre as quais a coleção de uma revista especializada em astronomia.

– Ah, você também se interessa por esta ciência, Anatole? Como

me sinto feliz pelo fato de nossos gostos coincidirem dessa maneira! – disse ela, apanhando vários cadernos e sentando-se com eles perto da escrivaninha para folheá-los.

– Você não lê com muita frequência – disse ela.

– Ah! Esse assunto é tão árido, os artigos publicados são tão marcantes, que há muito deixei de lê-los.

– Mas, nesse caso, não compreendo por que você continua como assinante da revista.

– Para impressionar meus camaradas, minha querida, e os visitantes em geral – respondeu Anatole sorrindo –. Isso me proporciona a reputação de ser uma pessoa dedicada a estudos sérios e, no regimento, sou tido como um verdadeiro sábio.

Tâmara corou ligeiramente: sentia-se envergonhada, pelo noivo, de semelhante mesquinharia. Afastou de si a revista astronômica e, avistando a um canto da mesa um grosso caderno provido de uma pequena fechadura, ela perguntou, para mudar de conversa:

– Que é aquilo?

O rosto do oficial assumiu, incontinenti, uma expressão de solene gravidade e, colocando a mão sobre o caderno, disse enfaticamente:

– Isto é o meu diário. Durante a campanha da Turquia, anotei nestas páginas todos os graves acontecimentos dos quais participei, tanto quanto minhas impressões, meus sentimentos e os pensamentos que me foram inspirados pela proximidade da morte, da qual só escapei por milagre.

– Como deve ser interessante! Você poderia ler para mim alguns trechos? Eu lhe seria infinitamente grata.

– Certamente, se você assim quer. Para você, minha bem-amada, a metade de minha alma, meu bom anjo, não tenho segredos – respondeu Anatole radiante –. Só que não vale a pena começar hoje: um dia destes levarei o diário e lerei todas as anotações escritas sobre a campanha.

Naquela noite Tâmara meditou longamente sobre os incidentes ocorridos. A destinação prática dada pelo seu noivo à revista sobre astronomia provocava-lhe o riso e, ao mesmo tempo, a irritava. “Será que me enganei a respeito dele?” – perguntou-se ela. “Não. Ele é bom e todas essas pequenas fraquezas desaparecerão. Estou valorizando demais uma brincadeira inocente. A baronesa tem razão em dizer que sou demasiadamente exigente. Minha educação tornou difícil para mim a escolha de um marido. Uma vez unidos, haverá uma influência recíproca entre nós e eu terei a ganhar de seu espírito prático e ele, do meu idealismo”.

Conforme prometera, Anatole Pavlovitch trouxe seu diário, mas as circunstâncias lhe foram desfavoráveis: sempre aparecia um convidado inesperado que vinha perturbá-los e cerca de duas semanas decorreram até que ele pudesse, afinal, abrir, uma noite, seu volumoso caderno e dar início à leitura.

Sentada em frente dele e trabalhando em seu bordado, Tâmara ouvia atentamente, procurando no relato a intimidade do homem, que sempre se reflete no que escreve, mas o que ela buscava e esperava não vinha. Num estilo pesado e monótono, Anatole Pavlovitch narrava a partida de seu regimento e suas primeiras impressões de viagem, anotando cuidadosamente os donativos em dinheiro e outros presentes que recebera ao despedir-se de parentes próximos e amigos, absorvendo-se nos mais mesquinhos interesses. Tâmara, que detestava tudo aquilo e que se entusiasmava ante qualquer sentimento generoso, não podia compreender que um homem que, pela primeira vez, ia enfrentar os terríveis perigos da guerra, não estivesse animado de um impulso patriótico, nem de alguma resignação séria e cheia de fé que o levasse a encarar a possibilidade da morte com calma, tão comuns no simples soldado. Havia ali uma submissão maquinal a uma ordem, da qual era impossível escapar, de mistura com um temor íntimo. Era o que transparecia de cada página.

“Isso ainda virá. Evidentemente as mil dificuldades da partida e a

emoção dos adeuses anularam nele qualquer outro sentimento – tentou persuadir-se a moça – mas, uma vez chegado ao teatro da luta, sob a influência de um perigo permanente de ser morto, sua alma despertará”.

Mas o acaso não lhe permitiu conhecer ainda naquele dia a continuação do relato, pois a chegada de Madame Kulibine, que vinha passar a tarde com sua amiga, interrompeu Anatole Pavlovitch. Percebendo o profundo desapontamento de seu noivo, Tâmara aproveitou um instante para tomar-lhe a mão e lhe murmurar:

– Não se aborreça, meu amigo. Um dia destes irei tomar chá com a sua tia e então terminaremos com tranquilidade essa interessante leitura.

De acordo com a promessa, que havia agrado Anatole Pavlovitch, Tâmara veio alguns dias depois jantar em casa de Madame Tarussoff. Em seguida, passaram alegremente ao gabinete de trabalho do jovem oficial, contíguo ao pequeno salão. Sobre a mesa estava já preparado o volumoso diário, mas antes de retomar a leitura, Anatole disse com um sorriso:

– O que vou dizer-lhe hoje, minha bem-amada, me faz pensar sempre sobre a fragilidade da vida humana: diz respeito ao combate no qual fui ferido e onde somente graças à bondade do Todo-Poderoso fui poupado de morte certa.

– É por esse episódio que você foi condecorado?

– Justamente. E conservei daquele dia terrível uma lembrança que vou mostrar a você.

Ele se dirigiu a uma pequena mesa dobrável sobre a qual repousava uma grande caixa com cantoneiras de cobre. Tâmara, que o seguira cheia de curiosidade, viu que sobre a tampa estava escrito em letras do mesmo metal: “Gorny-Dubniak, 12 de outubro de 1877”.

Tomando de uma chave na gaveta da escrivaninha, Anatole abriu a

caixa e dali retirou um objeto, cuja finalidade Tâmara não foi capaz de compreender, de início; era, evidentemente, uma peça de roupa, mas imunda e endurecida como se houvesse sido mergulhada numa espécie de xarope. Um odor nauseabundo exalava tão fortemente da peça, que a moça recuou e levou ao rosto um lenço perfumado.

– Eu vestia isto quando fui ferido. O buraco feito pela bala ainda se vê e essa rigidez foi provocada pelo sangue que correu abundantemente.

– Mas onde, então, você foi ferido? Não consigo saber se foi na espádua ou no peito – disse Tâmara, imaginando que a imunda vestimenta, que ele continuava a desdobrar, representava um sobretudo.

– Não – respondeu gravemente Tarussoff –. É aqui.

Nesse momento, a relíquia de guerra desdobrou-se, afinal, estendendo como braços em aflição dois farrapos negros. Anatole virou a peça íntima e mostrou um buraco redondo, na altura da coxa, no ponto onde, como se diz vulgarmente, as costas mudam de nome: o projétil atravessara as carnes moles, ocasionando um desses ferimentos que não podem ser admitidos como heroicos.

Compreendendo, afinal, Tâmara dominou com esforço um desejo louco de rir, mas seus olhos brilhavam de malícia, quando ela observou:

– Acho, meu amigo, que esse ferimento não pode ter sido muito perigoso e foi um acaso bem maldoso que orientou essa bala; alguém que não o conheça poderia crer que ela correu atrás de você e não você para ela.

Tarussoff, que se absorvera nas lembranças e na contemplação do troféu de sua bravura, levantou os olhos e, surpreendendo o sorriso traidor que ainda errava pelos lábios rosados da noiva, disse com descontentamento e cerrando o cenho:

– Tâmara, acho – e que Deus me perdoe – que você está rindo... E

isto é coisa muito séria. Outra noiva teria chorado a lembrança do perigo mortal que correu o homem que ama e você se diverte à vista do objeto encharcado pelo meu sangue!

– Não, sou incapaz de me divertir com os sofrimentos que você suportou, mas aqui, meu caro Anatole, me parece que você leva as coisas de maneira trágica demais. No seu lugar, eu não mostraria a ninguém esse sujo pedaço de pano, que somente serve para pôr em dúvida sua coragem, ou melhor ainda, eu o destruiria. Não teria você um testemunho mais digno e nobre da sua bravura no cadarço que orna o punho de seu sabre?

– Você deve gostar bem pouco de mim para expressar-se dessa maneira – respondeu Tarussoff, voltando a dobrar cuidadosamente a preciosa peça e restituindo-a à caixa, que fechou.

Ante a seriedade que ele demonstrava e a cólera concentrada que fervia nele, Tâmara foi retomada pelo violento desejo de rir, mas seu coração era bom demais para isso e ela se esforçou por serenar o amor próprio melindrado de seu noivo.

Apertou ternamente sua mão e, mergulhando um olhar travesso nos sombrios olhos dele, disse-lhe:

– Desculpe-me, Anatole, se minhas palavras o desagradaram. Você não vai acreditar que eu desejei, a sério, ofendê-lo. Vamos deixar a questão por ora e leia-me um pouco mais do relato da batalha na qual você se feriu. Quero conhecer todos os detalhes desse triste acontecimento.

Ainda que um tanto carrancudo e aborrecido, Tarussoff cedeu e, tendo obtido de sua noiva um beijo de reconciliação, retomou a leitura de seu manuscrito. Dessa vez, saiu, enfim, o relato minucioso do combate que terminara, para ele, com o famoso ferimento. Mesmo aí, contudo, o caráter de Anatole mostrava-se sob aspecto ainda mais desfavorável: ele nem percebia que os sentimentos e os pensamentos que expressava eram os de um covarde intimamente esmagado pela apreensão ante a dor física ou a morte. O brutal instinto de conservação tomara conta dele completamente,

deixando-o sem espaço interior para um só pensamento ou compaixão pelos companheiros que tombavam à sua volta. Quando a bala o atingiu, a única coisa que seus olhos aflitos procuraram ver foi um abrigo, onde pudesse esconder-se para evitar outro projétil que poderia atingi-lo novamente, ainda que um soldado ferido na espádua, mas esquecido de si mesmo, o ajudasse e caíra morto, atingido em pleno peito. Finalmente, dois outros soldados, igualmente feridos, conseguiram removê-lo para um lugar seguro, juntamente com uma bela carabina turca que ele havia apanhado como lembrança... Assim que o perigo passou, ocorreu-lhe essa ideia. Tudo o que se seguiu só serviu para evidenciar ainda mais o vazio da alma e o egoísmo do autor do diário. Tâmara não o ouvia mais: a voz lenta, enfática e monótona de Anatole Pavlovitch perpassava pelos seus ouvidos como um murmúrio vago. Um sentimento de tristeza e mal-estar tomara conta dela. Nem sabia mais o que pensar do homem que, cheio de convencimento e beata satisfação, lia aquela humilhante confissão que o situava muito abaixo de milhares de heróis obscuros, os quais, certos de cumprirem apenas o dever, realizam milagres de coragem, de devotamento e de abnegação. Uma pungente suspeita insinuou-se no seu espírito. Aquele egoísta bem que poderia abandoná-la também num momento de aflição ou desgraça, e que a esposa, uma vez feia, pobre ou doente, lhe seria apenas um peso odioso... Que vida humana está garantida contra tais possibilidades?

O silêncio que subitamente se fez sentir provocou-lhe um estremecimento e ela voltou à realidade. Rubro de cólera, com o lábio inferior a tremer e projetado como o de uma criança mimada, Anatole olhava firme para ela e, pela primeira vez, Tâmara viu seus olhos, de um azul claro e duro, fuzilarem de maldade e de vaidade ofendida.

– Por que você parou de ler? É muito comovente – tentou ela dizer com um sorriso constrangido.

Em resposta ele fechou estrepitosamente o caderno e levantou-se.

– O visível interesse com o qual você acompanha minha leitura é tão lisonjeiro, que creio ser de meu dever fazê-la cessar. Estou amplamente convencido da sua participação naquilo que me toca. Passemos ao salão. Não quero entediá-la mais.

Sem dizer uma palavra, Tâmara seguiu-o e, como se estivesse também descontente e magoada, a situação permaneceu tensa e ela apressou-se em despedir-se.

No dia seguinte, triste e preocupada, Tâmara meditava sobre o desentendimento ocorrido, examinando em seu espírito a possibilidade de um rompimento, quando lhe chegou uma carta de Anatole. A mensagem era das mais ternas, implorava-lhe esquecer o tolo incidente da véspera e anunciava que à noite ele viria dissipar-lhe o mal-entendido.

Essa explicação resultou em plena e total reconciliação. Anatole Pavlovitch era todo ternura e arrependimento. Assegurou a Tâmara, nos termos mais cavalheirescos, do amor apaixonado que sentia por ela.

– Sei – repetia ele – que sou cheio de defeitos, mas pelo menos um mérito eu tenho: o de reconhecê-lo. Repreenda-me à vontade, minha bem-amada, mas não me guarde nenhum rancor e, sobretudo, ame-me bastante, pois o meu amor é todo fogo e tenho necessidade da mesma flama para ser aquecido e ter forças para me corrigir.

Dois dias após essa reconciliação houve a recepção costumeira na mansão dos Ardatov. Anatole Pavlovitch, mais amoroso e mais terno do que nunca, jantara com eles e, à noite, quando os convidados começaram a chegar, ficou a sós com a noiva no salão menor.

– Você está indisposta, Tâmara? – perguntou Tarussoff afetuosamente, após haver observado que a moça estava pálida e nervosa, torcia e retorcia maquinalmente a borda de sua echarpe de rendas.

– Não, meu amigo, estou bem. No entanto, algo que não sou

capaz de definir me preocupa, uma vaga inquietação me persegue, cada ruído me faz estremecer e me parece que uma desgraça vai abater-se sobre mim. Sinto isso desde a manhã. Essa noite, sonhei que estava num campo coberto de flores e batido pelo sol. Subitamente o céu ficou negro e começou a descer sobre mim, como um véu de chumbo. Sufocada e esmagada, debatia-me, julgando morrer sob a pressão daquele peso enorme, quando acordei coberta de suor frio.

– Foi um pesadelo, minha querida, ao qual você não deve dar a menor importância. Você está nervosa e isso lhe acarreta ideias sombrias. Se Deus quiser, dentro em breve estaremos unidos. E então, meu amor, meus constantes cuidados com você farão desaparecer esse estado doentio. Nenhuma desgraça é esperada, mas se, pela vontade de Deus, qualquer aflição atingir você, ali estarei para ajudá-la a suportá-la. E como não haveria eu de conseguir com o meu ardente amor um bálsamo para acalmar as suas dores? Você não sabe como eu a amo, Tâmara! Você é a metade da minha alma, a metade melhor, e a vida sem você me pareceria mais árida do que um deserto.

Com um gesto apaixonado, atraiu-a para si e abraçou-a. Muda e reconhecida, Tâmara correspondeu com espontaneidade ao seu beijo.

Naquele momento, a campainha anunciou o primeiro convidado: era o almirante, seguido, logo após, de duas senhoras. Veio depois Pfauenberg com um bilhete de Madame Raban, que se desculpava de não comparecer por causa de sua dor de cabeça. O médium de Calchas mostrava-se servil e amável como sempre, fazendo seus mexericos decentemente, ao contar apenas o suficiente para distrair seus ouvintes com as fraquezas os dissabores do próximo. Tudo era feito de maneira tão gentil, com tais olhares mansos de pomba que, por certo, ninguém via qualquer intenção maldosa por parte do excelente Eitel Franzovitch. Havia já bastante gente, quando chegou o Príncipe Ugarine, entediado, rabugento e visivelmente irritado.

Enquanto ele saudava o dono da casa, Tâmara percebeu, pela segunda vez, o olhar estranho de Pfauenberg sobre seu pai; compaixão e odiosa satisfação ali se misturavam, mas a impressão fora muito fugitiva para que Tâmara pudesse aprofundá-la melhor. Um tanto admirada, procurou observá-lo mais atentamente e viu, em diferentes oportunidades, os olhos, habitualmente tão plácidos do jovem oficial, iluminados por uma cruel fagulha de zombaria fixados em sua madrasta, em Tarussoff e nela própria. Uma vaga agonia, mista de cólera, apossou-se do coração da moça e, com uma sensação de hostilidade íntima, ouviu novo relato de Pfauenberg. Este, uma vez que Arsênio Borissovitch deixara o salão para ir sentar-se a uma mesinha de jogo, interpretou à sua maneira as causas do mau humor do príncipe: seria proveniente de um picante escândalo ocorrido entre ele e o marido da Senhora Helena. O homem tivera um súbito ataque de ciúmes. A esse dissabor amoroso juntara-se uma complicação a mais, pois o príncipe havia sofrido uma grande perda no jogo. Todos se riam e se divertiam com essa história, mas Tâmara sentiu-se profundamente desgostosa ante essas frívolas bisbilhotices.

Seriam onze e meia, quando um visitante retardado deu entrada no salão. Era um velho senhor, hóspede frequente da casa. Era corretor de valores na Bolsa e administrava os negócios de Ardatov. Mostrava-se, naquele momento, visivelmente desfeito e agitado.

– Onde está o seu marido? Preciso falar-lhe imediatamente – disse-lhe ele, saudando rapidamente a dona da casa.

– Está no salão verde jogando cartas. Vou chamá-lo...

– Não precisa. Eu o encontrarei – respondeu o velho financista, passando precipitadamente à sala de jogos.

À sua vista, Ardatov levantou-se pálido e, concedendo-lhe apenas o tempo necessário para saudar os circunstantes, perguntou-lhe à meia voz:

– Que houve? Vejo, pela sua aparência, que algo grave aconteceu.

– Sim, uma coisa horrível e inesperada. Arustein deu um tiro na cabeça hoje às seis horas... Falência total... Mas, vamos até o seu gabinete.

Nicolai Wladimirovitch ouvira tudo de olhos desmesuradamente abertos. Subitamente, seu rosto pálido cobriu-se de uma onda violácea, quis falar, mas nem uma palavra saiu de seus lábios. Um de seus braços agitou-se convulsivamente e, antes mesmo que seu interlocutor pudesse sustê-lo, abateu-se sobre o tapete como um fardo.

Fez-se um tumulto imediato; os jogadores deixaram suas mesas, algumas pessoas chegaram do salão. Gritos e exclamações explodiram por toda parte, até mesmo no toucador. Tâmara sentiu uma comoção. O prato de cristal e a laranja que ela descascava escaparam-se de suas mãos e, num abrir e fechar de olhos, ela se viu na sala de jogos. A princípio, nada distinguiu senão a aglomeração agitada de homens e mulheres, mas logo abriu-se uma passagem e ela viu que o almirante, ajudado por alguns senhores e dois lacaios, transportava seu pai como morto e de olhos fechados.

Cambaleante e com uma sensação de vertigem, a moça apoiou-se ao alisar de uma porta e viu, como que em sonho, Lúcia, presa de um acesso de histeria, desabar sobre uma poltrona e algumas damas acercarem-se dela com seus frascos de sais para fazê-la cheirar. Algumas palavras ditas perto da moça arrancaram-na, contudo, de seu torpor:

– É verdade que foi a notícia do suicídio de Arustein que fulminou Ardatov? Será possível que o banqueiro tenha perdido tudo? – perguntou um velho general reformado.

– Infelizmente é verdade. Dizem que o último pânico na Bolsa arrasou com ele. Ardatov perdeu enorme importância e mais de um, além dele, há de lembrar-se para sempre deste dia fatal. Dizem que suas dívidas vão a mais de um milhão.

Sem ouvir mais nada, Tâmara precipitou-se no gabinete. Incapaz de falar, ela caiu de joelhos ante o grande divã turco sobre o qual

haviam colocado o corpo inerte de seu pai e ao pé do qual alguns senhores conversavam em voz baixa.

Um momento mais tarde, o almirante e um médico aproximaram-se do divã. Todos os presentes deixaram o gabinete, menos Tâmara que, com os lábios colados à mão rígida e fria, permaneceu ali, vencida pelo abatimento.

– Levante-se, minha querida filha, e deixe-nos – falou o almirante, enlaçando-a paternalmente pela cintura e ajudando-a a pôr-se de pé.

– Deixa-me ficar, tio Sergei – murmurou ela. Serei forte e ajudarei os senhores, mas não me mande embora.

– Prometo mandar chamar você tão logo seja possível. Mas, agora, é preciso despi-lo e verificar que providências tomar.

Com andar incerto, Tâmara saiu do gabinete por uma porta que dava para o vestíbulo que estava cheio de gente, pois os convidados se dispersavam apressadamente e, entre eles, Ugarine, ao qual um lacaio estava justamente entregando o casaco. Os olhos do príncipe e os da moça se cruzaram, mas o olhar de Arsênio desviou-se logo. Vestindo o gorro, ele a saudou e saiu precipitadamente.

Lentamente, cabeça baixa, Tâmara entrou no salão e se deixou cair sobre uma cadeira, junto de uma enorme jardineira. Ninguém a notara e as poucas pessoas que ainda se encontravam na sala conversavam à meia voz, em grupos. Ouviam-se, num dos aposentos vizinhos, os soluços convulsivos e os gritos meio abafados de Lúcia.

A moça contemplou com um olhar fatigado a série de luxuosos aposentos, inundados de luz, mas vazios da turba enfeitada que os movimentava ainda há menos de uma hora. Era, então, aquela a desgraça que ela havia pressentido, o véu negro e esmagador que, em sonho, baixara sobre ela. A voz de VonPfauenberg, que se ouvia à distância, atraiu subitamente sua atenção. De costas para ela, ele

discorria ante algumas pessoas que ela não podia ver de onde estava sentada.

– Eu já sabia, ao vir para cá, que ele estourara os miolos. O comissário do quarteirão, que conheço ligeiramente, me contou que o Conde Nemiroff, o General Zezepine e Ardatov são os principais credores. Este último perde, segundo se diz, mais de 250 mil rublos. Literalmente, nada lhe restará...

O final da frase perdeu-se na distância. Pfauenberg e seus interlocutores haviam deixado o vestíbulo.

Aí estava, pois, a explicação dos estranhos olhares que ela havia surpreendido nele. Um rubor ardente subiu ao rosto de Tâmara, ainda que não compreendesse em toda a sua extensão as causas do desastre. A entrada de Lúcia e seu aspecto assustador arrancaram bruscamente a moça de suas reflexões. O vestido de seda salmão de Madame Ardatov estava todo manchado de essências e vinagres com os quais haviam-na reanimado. As rendas e os laços pendiam amarrotados; seus cabelos desgrenhados caíam em desordem e torrentes de lágrimas que haviam inundado seu rosto pintado produziram indescritível devastação. Ela percorreu todo o salão com um olhar perdido e, em seguida, com ambas as mãos na cabeça, pôs-se a correr como uma louca daqui para ali, soltando verdadeiros uivos espasmódicos entrecortados de soluços.

– Pelo amor de Deus! Controle-se, mamãe, e não chore dessa maneira perto do gabinete onde está meu pai – disse Tâmara, dirigindo-se a ela e arrastando-a à força para o toucador –. Sente-se ali. Vou apanhar um pouco de vinho para você.

Na sala de jantar a mesa estava intacta. A luz do lustre e dos candelabros partia-se em mil reflexos por sobre a prataria, os cristais e as pirâmides de frutas e flores, mas todo aquele luxo contrastava lugubremente com os sentimentos da moça e os olhares ansiosos dos criados que, inativos e assustados, comprimiam-se à porta.

Maquinalmente, Tâmara derramou um pouco de vinho num copo e

retornou depressa para sua madrasta, estendida num divã em completa prostração. Mas, depois de haver tomado alguns goles do vinho, recuperou-se um tanto e, de olhar fixo, pensava, sem parecer ver nem ouvir.

– Diga-me o que aconteceu? – perguntou Tâmara com voz incerta e tocando seu braço.

Como se o leve toque produzisse sobre ela o efeito de uma descarga elétrica, Madame Ardatov saltou de pé com um grito selvagem.

– O que aconteceu – disse ela com uma voz sibilante – é que somos agora verdadeiros mendigos; que tudo o que você está vendo em torno de nós será vendido; que a vergonha e a miséria nos aguardam. Ah! Aquele maldito Arustein! Tomara que ele jamais encontre repouso no seu túmulo.

Como uma insensata, ela atirou-se sobre o divã, sapateando, mordendo as almofadas, misturando soluços com gargalhadas, numa torrente de injúrias endereçadas ao marido, cuja incúria e inépcia haviam produzido aquele desastre. Pálida de espanto, Tâmara recuou. Será que um acesso de loucura havia tomado conta de sua madrasta? Ao ouvir, contudo, que ela injuriava seu pai, ficou rubra e um impulso de desprezo, misto de compaixão, brotou de seus olhos.

– Controle-se e suporte com dignidade a infelicidade que nos atinge – disse ela com a voz alterada –. Não tem vergonha de ainda acusar meu pai e de pensar na perda do dinheiro, no momento em que ele corre o risco de nos ser arrebatado? Ah! Se pelo menos ele for preservado, eu me curvarei humildemente à provação que Deus nos inflige.

– Deus! Ele não existe! É o demônio que governa o universo e se diverte com os nossos sofrimentos – exclamou Lúcia com a voz sibilante.

– Não desafie o destino neste momento tão cruel e não blasfeme

contra Deus para que ele não a abandone de uma vez – disse Tâmara com severidade –. Controle-se e procure acalmar-se, pois teremos necessidade de todas as forças para cuidar de meu pai, se ele sobreviver, e organizar nossa nova existência.

– Deixa-me descansar, sua maluca! Você acha que a miséria é romântica? É a vergonha, o desprezo, o abandono.

Ela deixou escapar uma gargalhada selvagem e, de punhos cerrados, apontou para os aposentos desertos e prosseguiu:

– Veja esses salões vazios, nunca mais se encherão de gente. Nossos convidados fugiram como ratos de um navio condenado à destruição. Todos nos darão as costas e o seu Anatole Pavlovitch será o primeiro. Onde está ele? Desapareceu como os 60.000 rublos que deveriam constituir o seu dote.

Somente naquele momento Tâmara lembrou-se de seu noivo e seu coração ficou pesado. Era verdade, ele sumira naquela hora de aflição. Não ficara perto dela nem para sustentá-la com uma palavra de afeição. Eram, portanto, mentirosos os protestos de amor que lhe havia prodigalizado poucas horas antes.

Numa transposição de que ela nem se deu conta, a imagem de Magnus surgiu-lhe de súbito na mente superexcitada. Ele também havia sido abandonado na desgraça e até mesmo sua noiva deixara-o só.

– Ah! Lúcia – exclamou ela com agonia – se verdadeiramente as pessoas são assim covardes e miseráveis, como você diz, vale a pena derramar lágrimas por havê-las perdido? Aqueles que, de fato, gostam de nós virão ver-nos, a despeito de nossa pobreza. Servir de distração para uma turba de ociosos que se nutre, hoje aqui, amanhã ali, de festas e de escândalos, realmente não vale um desgosto.

Nesse instante, entrou o almirante. Olhando fixamente o rosto desfeito de Lúcia, disse à meia voz:

– Foi um ataque de apoplexia que abateu Nicolai. O lado direito

está paralisado, mas ele vive e tem condições de viver, segundo o médico. Venha vê-lo, mas tenha calma. Qualquer emoção deve ser cuidadosamente evitada.

Sem dizer palavra, Lúcia virou-se e, quase correndo, foi para o seu quarto de dormir. Com o coração apertado, Tâmara fitou o almirante, que seguira com olhar sombrio aquela precipitada retirada. Tomando a mão da moça, ele disse bruscamente: “Vem!”

O doente estava já deitado em sua cama. Respirava penosamente, mas seus olhos abertos fitavam a porta. Quando a filha curvou-se sobre ele e beijou-lhe a testa, ele esboçou um sorriso e com a mão esquerda apertou fracamente a de Tâmara.

– Estarei velando por você, caro papai – murmurou ela.

– E eu também. Fique, pois, calmo e trate de dormir – acrescentou o almirante com um sorriso encorajador.

Quando o médico partiu, prometendo voltar às dez horas da manhã, Tâmara correu para trocar seu vestido de noite por uma blusa confortável e, em seguida, veio sentar-se à cabeceira do doente, mergulhado em profundo abatimento.

Durante as longas e penosas horas dessa vigília, a moça procurou ordenar seus caóticos pensamentos, tentando entrever o futuro sob uma nova luz, mas seus nervos superexcitados recusavam-se a qualquer trabalho coerente. Friorenta e recusando tudo quanto dizia respeito ao mundo material, ela entregou-se a uma prece ardente, implorando a Deus, criador de todas as coisas, fé e coragem, pedindo-lhe como graça única a conservação de seu pai bem amado. E esse desejo dirigido à força suprema, dispensadora dos tesouros da alma, não foi em vão: uma calma submissão e uma profunda fé na proteção de Deus encheram-lhe a alma, proporcionando-lhe lucidez de espírito e a firmeza que a caracterizavam.

Um dia encoberto começava a amanhecer, quando um leve chamado arrancou a moça às suas reflexões. Vinha de Fanny, sua

camareira, que, com a cabeça na porta entreaberta, fazia-lhe sinais, chamando-a.

– Que quer você, Fanny? Você está toda desfeita...

– Ah! senhorita, estamos com receio de que algo haja acontecido à madame – disse Fanny arrastando a jovem rumo ao quarto de dormir de sua madrasta.

Em frente à porta dos aposentos de Lúcia estavam, pálidas e assustadas, a camareira e a babá de Olga.

– Que aconteceu? Por que vocês não entram? – perguntou Tâmara, tomada de súbito pressentimento, ansiosamente atenta a um estertor abafado que vinha do quarto contíguo.

– A porta está fechada por dentro e, também, a do outro lado, junto ao guarda-roupa – disse a babá –. Quando madame entrou, ela nos dispensou, dizendo que não necessitava mais de nós e, por isso, ficamos conversando no quarto da governanta. Mas vindo para o meu quarto, ouvi a pequena Olga chorando aflitivamente. Quis entrar, mas não pude e faz bem uma hora que chamamos por madame. Ela nem responde, nem abre a porta e a criança também se calou, mas ainda geme, como a senhora pode ouvir.

– Por que vocês não entraram pelo meu gabinete? – perguntou Tâmara.

Lembrando-se, porém, de que ela mesma mandara fechar, já há algum tempo, a porta de comunicação entre o seu pequeno aposento e o de sua madrasta, acrescentou com vivacidade:

– Vamos. Vou abri-la.

Alguns minutos mais tarde, Tâmara, seguida das três mulheres, entrou no quarto de dormir de Lúcia.

Uma lâmpada de um abajur de seda alumiava o amplo cômodo com uma meia-luz avermelhada. O pequeno leito de Olga, colocado logo à entrada, estava vazio. Do lado oposto encontrava-se o grande leito de cortinas de cetim vermelho de Madame Ardatov, mas, ao primeiro olhar que dirigiram à cama intacta, um grito de

horror escapou de todas as bocas: pendurado pelo cordão de um penhoar, ao travessão superior do leito, pendia o corpo de Lúcia com o rosto hediondamente desfigurado.

Tomada de vertigem, a jovem agarrou-se ao espaldar de uma cadeira, pois suas pernas trêmulas recusavam-se a sustentá-la. Loucas de pavor, a camareira e a empregada saíram desabaladas do quarto. Apenas Fanny se pôs a procurar a menina, que continuava a gemer e que acabou encontrando, em roupa de dormir, escondida sob o divã e presa de convulsões.

– Chame o almirante – gritou Tâmara, logo que conseguiu recuperar o uso da palavra.

Sergei Ivanovitch, contudo, já havia sido avisado por um dos empregados, ao qual a camareira e a empregada haviam transmitido a notícia no corredor e, no momento em que Fanny abria a porta do toucador para sair com Olga, ele apareceu, seguido de dois lacaios. Lívido, mas decidido, o almirante ordenou a um dos homens que fosse, rápido, buscar o médico; em seguida, ajudado pelo segundo, cortou o cordão e estendeu sobre o leito o corpo rígido e gelado que tombara pesadamente.

O médico, que chegou logo, pôde somente atestar a morte de Madame Ardatov.

– Já há cerca de três horas ela deve ter expirado. Como pode ver, o corpo está todo frio – acrescentou ele.

O almirante fez o sinal da cruz.

– Que Deus tenha piedade de sua alma! – disse ele –. E o senhor, Doutor, não se recuse, por favor, a atestar que a infeliz morreu da ruptura de um aneurisma. Poupe à família esse novo escândalo e o dissabor com os padres, que suscitarão mil dificuldades para enterrá-la condignamente. Ademais, me parece indispensável ocultar o acontecimento ao doente. Isto o mataria.

Tâmara contemplara com indizível horror o rosto convulso de sua madrasta, que contrastava horrivelmente com o fino vestido e as

joias que ainda ornavam seus braços e seus cabelos. Ao perceber que o médico e o almirante se afastavam, ela assumiu uma atitude resoluta.

– Padrinho – disse ela, alcançando-os –, é preciso pedir ao doutor para examinar Olga. Fanny levou-a toda arroxeada e em convulsões de pavor, sem dúvida.

Precipitadamente, passaram todos ao quarto das crianças, onde Olga estava deitada no divã, já um pouco mais calma ante os cuidados de sua babá e de Fanny. O médico examinou a criança, que tremia como se estivesse com febre alta e, havendo prescrito as providências a serem tomadas, voltou ao salão.

– Como está ela? – perguntou o almirante.

– Não há nenhum perigo imediato, mas não posso ainda me pronunciar sobre as possíveis consequências de tamanho abalo nervoso. Devo dizer que Madame Ardatov demonstrou escasso amor maternal, fazendo sua filha testemunhar semelhante morte. A menina poderia ter ficado completamente louca. Vamos, agora, ver o doente outra vez.

Nicolai Wladimirovitch não estava dormindo e parecia presa de uma agitação febril.

– Onde está Lúcia? – murmurou ele, assim que o médico curvou-se para examiná-lo.

– Ela vem logo, papai. Acalme-se, por favor – disse Tâmara.

Mas o doente agitava-se entre as almofadas.

– Quero que ela venha imediatamente. Tive um sonho, no qual ela estava tão horrível! – gemeu ele, agitando o braço válido.

– Esteja calmo, Nicolai. Você deve compreender que qualquer emoção lhe é prejudicial – observou o almirante –. Lúcia está indisposta em consequência de todos esses acontecimentos. Ela virá mais tarde. Por enquanto, você não está em condições de ouvir suas lamentações.

O doente pareceu acalmar-se e recaiu em pesa do abatimento.

– É preciso colocar uma enfermeira junto dele – disse o médico ao sair –. A senhorita não pode dar conta de tudo e, no entanto, uma vigilância permanente se torna necessária. Vou enviar-lhes uma irmã de caridade de meu conhecimento e com a qual podem contar.

Quando padrinho e afilhada se viram a sós, Tâmara sentou-se e levou as mãos à cabeça.

– Ah! tio Sergei. Que coisa horrível! É verdade que ontem à noite Lúcia estava como louca e blasfemava contra Deus; contudo, jamais poderia pensar que um desenlace tão sacrílego fosse possível.

– Ela era uma escrava do impulso do momento – respondeu o almirante com um suspiro –. A ruína destruíra para sempre a vida de luxo e de divertimento que era o seu elemento. Isso lhe tirou toda a capacidade de reflexão. Preferiu a morte à pobreza e, para dizer a verdade, foi melhor assim. Lúcia não saberia curvar-se ante a necessidade. Ela teria feito da vida de vocês um verdadeiro inferno. Agora, minha querida, é preciso pensar no mais urgente: o enterro, que convém abreviar o quanto possível. Para começar, onde ficará exposto o corpo, de forma que seu pai não desconfie de nada?

– No toucador, acho eu. Fechando todas as portas, nem a voz dos padres, nem o ruído chegarão aos ouvidos de meu pai. O caixão poderá ser levado dali para o salão verde pela porta que se abre no corredor que leva ao vestíbulo. Só que tenha a bondade, tio Sergei, de assumir você mesmo a direção de tudo quanto for necessário aos funerais.

– Sem dúvida, minha filha; não se preocupe com coisa alguma. Vai agora para junto do doente mas, quando a irmã de caridade chegar, deite-se e recupere um pouco as suas forças. Há muita coisa a fazer.

– Eu sei e serei forte. Muito obrigada por toda a sua bondade conosco.

O doente dormia. Alquebrada, Tâmara atirou-se a uma cadeira à

cabeceira do leito e fechou os olhos. Parecia-lhe estar vivendo um pesadelo horrendo que a esmagava e paralisava seus membros. Uma série de quadros incoerentes desfilava pela sua imaginação, mas ela era incapaz de pensar, de examinar em maior profundidade sua situação. Passado e presente fundiam-se para ela numa só ferida dolorosa e, quanto ao futuro, levantava-se ante seu espírito como um mistério sombrio e ameaçador.

Ela não poderia dizer quanto tempo ficou mergulhada naquela prostração, quando um ligeiro ruído fê-la abrir os olhos, diante dos quais estava o olhar plácido e doce da irmã de caridade que, julgando-a desmaiada, dobrava-se sobre ela. Era uma mulher de idade mediana, cujas aparências e maneiras inspiraram confiança e simpatia imediatas em Tâmara. Tendo transmitido à enfermeira as instruções do médico, a moça deixou o quarto de seu pai e passou ao das crianças. Olga, pálida e esgotada, dormia profundamente no divã. O pequeno Jorge, bem disposto e sorridente, fazia sua refeição matinal ao colo da criada e, logo que percebeu a presença da irmã, estendeu-lhe os bracinhos.

Tâmara abraçou-o e ordenou que o levassem para outro aposento, pois temia que, começando a chorar, Olga o assustasse. Em seguida, mandou chamar Fanny e a camareira de sua mãe. Era preciso cuidar da morta – disse ela –, encontrar alguém para lavá-la e vestir-lhe o corpo.

– Será que vocês teriam medo de fazer isso? – perguntou ela.

– Está tudo pronto, senhorita – respondeu Fanny –. A governanta fez tudo o que era preciso. O porteiro mandou duas mulheres, que se encontram nesse momento na câmara mortuária sob a fiscalização da Senhora Charlotte. E vamos agora fazer a mortalha, se a senhorita não precisar de mim.

– Quero que você me traga um vestido preto, Fanny, e depois dê uma arrumação nos meus cabelos.

Ao entrar em seu quarto de dormir, Tâmara parou um instante diante do espelho e, com um olhar fatigado, contemplou sua

imagem: laços cor-de-rosa ainda enfeitavam seus cabelos e um medalhão de diamantes pendia de seu pescoço, mas aquele rosto lívido e desfeito, aqueles olhos pisados, abrasados, eram bem diferentes do rostinho bonito, rosado e sorridente que aquele mesmo espelho refletira algumas horas antes. Mas, também, durante aquelas horas, toda a sua vida desmoronara.

Entregue a uma pesada apatia, deixou-se vestir com um vestido negro e arranjar com simplicidade seus belos cabelos. Em seguida, estendeu-se numa poltrona. Fanny, que desaparecera como uma sombra, voltou logo, trazendo sobre uma pequena bandeja uma taça de chá, um copo de vinho vermelho e alguns biscoitos. Vendo o gesto negativo de sua patroa, a empregada exclamou quase em lágrimas:

– Pelo amor de Deus, tome alguma coisa, senhorita. Lembre-se que desde ontem a senhora não comeu nada e já é uma hora da tarde! A senhora precisa de forças. Se ficar doente, o que vai acontecer?

– Você tem razão, Fanny. Tenho que permanecer de pé – respondeu Tâmara.

Com esforço, bebeu um pouco do chá e do vinho, mas sua garganta apertada recusava alimentos mais sólidos. Um calor reconfortante, contudo, percorreu seus membros entorpecidos e, estendendo-se sobre as almofadas, tentou dormir.

Seus nervos, porém, estavam abalados demais para permitir que o sono viesse fechar as suas pálpebras e os mais penosos pensamentos a torturavam, quando a porta se abriu e Madame Raban entrou com vivacidade. A emoção impedia-lhe de falar, mas, com um gesto maternal, estendeu os braços à moça, que neles se atirou, deixando escapar um grito abafado. Por muito tempo ficaram as duas abraçadas, enquanto uma torrente de lágrimas veio, enfim, aliviar a opressão que estrangulava Tâmara. Em seguida, a velha senhora conduziu a moça até o divã e a beijou na fronte, murmurando:

– Minha pobre filha, não se desespere. Restam-lhe dois amigos fiéis: eu e o almirante, e uma voz interior me sopra que Deus conduzirá você ao porto da paz e da felicidade.

Em contato com aquela afeição sincera e generosa que vinha sustentá-la na hora da dor, Tâmara foi serenando aos poucos. Falaram acerca dos pormenores do duplo acontecimento e, em seguida, a baronesa pediu para ser conduzida até o doente.

Ardatov estava desperto e lúcido, sendo visível que se encontrava também consciente da sua situação e que mais sofria moral do que fisicamente. Com a sua mão válida, apertou fracamente a da baronesa e agradeceu a sua presença ali. Somente ela viera pessoalmente; alguns conhecidos enviaram cartas, o que era, ainda, uma grande atenção a pessoas cuja ruína era notória. Logo depois, a baronesa partiu, prometendo vir assistir à missa fúnebre e passar a noite com Tâmara, o que a moça agradeceu do fundo de sua alma.

Um instante mais tarde chegou o almirante, muito fatigado pelas providências que tomara. Contou à sua afilhada que, em vista das excepcionais circunstâncias que desabaram sobre a família, havia conseguido das autoridades civis e religiosas permissão para enterrar a morta no dia seguinte, o que era muito conveniente, tanto para o doente, como por causa das inúmeras e indispensáveis medidas ainda a serem tomadas.

Madame Raban voltou em breve, como prometera, logo após a chegada do padre. Fechadas cuidadosamente todas as portas, passaram ao toucador, onde a morta já se encontrava estendida sobre uma mesa e rodeada de círios. Tâmara fez o sinal da cruz e, ajoelhando-se, ficou a ouvir com atenção as graves e tocantes palavras do ritual fúnebre. Tentou orar, mas parecia ter sobre todo o seu ser pesada massa de chumbo e não conseguia evitar que seu olhar voltasse a cada instante para o rosto contraído da morta. Esta apresentava aspecto assustador, a face imóvel a refletir uma expressão de sofrimento que parecia estender-se sobre o corpo

inerte.

Um sentimento de pesar e de profunda compaixão apossou-se do coração da moça. “Bom Deus! – pensou ela – como deve ser terrível o estado dessa desventurada alma! Que sofrimento, que remorso não atraiu sobre si com a sua falta de submissão, ao procurar desembaraçar-se violentamente daquele corpo ao qual se ligara”.

Na onda de imensa piedade que a invadiu, extinguiu-se tudo o que havia separado Tâmara de sua madrasta. A moça sacudiu seu estado de torpor moral e uma ardente invocação elevou-se de seu coração ao Pai de todas as coisas. “Deus poderoso e misericordioso – murmurou ela – e vós, forças do bem, proporcionai a essa alma perturbada a coragem de retemperar-se na prece. Fazei-a esquecer este mundo material que ela tanto amou e que passou como um turbilhão, legando-lhe apenas suas sombras e sua perfídia. E você, pobre sofredora, ouve a minha promessa: hei de desempenhar junto ao doente e as crianças os deveres que você abandonou. Possa este juramento acalmar a sua alma e tornar menos amargo o seu arrependimento”.

Cheia de generosa decisão, ela volveu os olhos úmidos para a morta e estremeceu: seria uma ilusão? Não; os traços contraídos haviam relaxado, assumindo aquela expressão grave e indefinível que a morte imprime à matéria abandonada pelo seu hóspede imortal.

– Tâmara – murmurou nesse instante a baronesa – veja que estranha mudança se produziu no rosto de Lúcia: o sofrimento horrível deu lugar a uma dolorosa resignação. Não está aí uma prova admirável de que a alma vê e escuta e que nossas preces a aliviaram?

A moça inclinou a cabeça. Não tinha dúvida alguma de que sua promessa havia sido ouvida pela morta e aceita por Deus. E, com renovado fervor, absorveu-se na prece.

No dia seguinte, havendo terminado de vestir-se de luto, Tâmara passou ao toucador, onde um último serviço religioso deveria ter

lugar, antes da retirada do corpo. Ao atravessar o corredor, encontrou-se com dois empregados, que levavam belas guirlandas de flores, derradeira homenagem enviada à morta por antigos amigos. Entre as cartas que vinham junto, havia uma do Príncipe Ugarine.

Um sorriso amargo e desdenhoso franziu-lhe os lábios. “Pobre Lúcia – pensou ela –, será que sua alma se alegra com esse pensamento último do mundo que você tanto prezou, deste adeus que lhe enviam, em lugar de uma prece e de sincero pesar sobre o seu triste fim? De todos aqueles que tanto se divertiram em suas recepções, nem um só compareceu aqui. Fugiram da mansão marcada pela desgraça, sem dúvida para não estragar as lembranças agradáveis.”

Terminada a missa de corpo presente, o caixão foi transportado sem ruído pelo corredor e pelo vestíbulo. No momento em que uma serva apresentava a pelica à Tâmara, apareceu Tarussoff, pálido e carrancudo. Ao vê-lo, ligeiro rubor subiu às faces de Tâmara e suas finas sobrancelhas se contraíram. Desaparecera juntamente com a turba aquele noivo que tanto havia jurado amá-la, abandonando-a naquela hora terrível, quando tudo ruía em torno dela. Nem uma palavra afetuosa, nem um aperto de mão viera provar-lhe que ele sofria com ela. Naquele mesmo momento, ele evitava o olhar perscrutador da noiva e, levando rapidamente aos lábios a mão enluvada da moça, ofereceu-lhe o braço. Em seguida, sem trocar com ela uma palavra, desceu a escadaria.

– Venha na minha carruagem, Anatole Pavlovitch – disse o almirante. Na de Tâmara há apenas dois lugares.

Depois que as duas senhoras se instalaram, os homens tomaram a outra viatura e o cortejo se pôs em marcha. Durante alguns minutos, Sergei Ivanovitch observou disfarçadamente seu companheiro que, visivelmente absorvido por pensamentos pouco agradáveis, mordiscava os bigodes.

– Sinto-me muito satisfeito pela oportunidade de falar-lhe mais à

vontade, Anatole Pavlovitch – disse o almirante, rompendo o silêncio –. A sua ajuda me será muito útil para resolver os penosos problemas criados pelo desastre, e com ela você poupará a pobre Tâmara horas bem amargas. A presença do homem amado é um bálsamo para o coração que sofre. Será preciso, contudo, adiar o casamento por alguns meses.

– Pergunto-me o que acontecerá com Ardatov e as crianças – observou Tarussoff corando bruscamente.

– Nicolai Wladimirovitch não resistirá mais de um mês, segundo os médicos. Mas para não sobrecarregar o seu lar, decidimos, Vera Petrovna e eu, que ela ficasse com Jorge e eu com Olga, a fim de criá-los. Desse modo, nem os cuidados nem as despesas com a educação das duas crianças serão encargos seus e, além disso, Tâmara poderá ficar tranquila quanto ao seu futuro.

– Tudo isso está muito bem, mas, em suma, o que resta a Tâmara?

– Nada, exceto sua juventude, sua beleza, sua virtude, em uma palavra, sua pessoa – respondeu laconicamente o almirante –. Toda a fortuna, cerca de 300 mil rublos, está comprometida e creio que, para pagar as dívidas com fornecedores e outras obrigações, será preciso vender todo o mobiliário. Restará apenas uma insignificante parcela, indispensável para cuidar-se do doente, que será muito dispendioso, mas não irá muito longe.

Tarussoff endireitou-se subitamente. Seus olhos azuis brilhavam maldosamente e seu lábio inferior tremia visivelmente sob os bigodes.

– Perdão, Sergei Ivanovitch – disse ele como se profundamente ofendido – mas devo observar-lhe que quando pedia Ardatov a mão de sua filha, ele me mostrou documentos que representavam 65.000 rublos depositados em nome de Tâmara com o banqueiro Arustein. Como aquela importância não poderia ainda ser retirada, Nicolai Wladimirovitch me garantiu uma renda anual de 3.000 rublos, até que eu pudesse entrar na posse do capital. Estava certo de

desposar uma jovem em condições de prover com seu próprio dinheiro os hábitos dispendiosos segundo os quais foi criada. Meus recursos pessoais não me permitem sustentar uma família. Não faço do casamento uma especulação; contento-me com um dote que garanta a manutenção da minha mulher, mas não posso tomá-la sob minha inteira responsabilidade e, a despeito de toda a minha afeição por Tâmara, tenho que renunciar a ela.

O almirante ficou rubro e fixou sobre o jovem oficial um olhar de indisfarçável desprezo.

– Sua decisão é digna do senhor. O senhor quer casar-se com uma mulher que tenha recursos para viver sem ser uma carga para seu marido, que tenha do que o alimentar, talvez? Esse é o ponto culminante da afeição da qual o senhor é capaz. Ainda uma vez, eu o felicito e admiro!

– Almirante, com que direito o senhor me dirige tais palavras? – exclamou Anatole com as faces em fogo –. Considero impecável minha conduta. Obedeci, com minha escolha, apenas à voz do coração, mas condenar-me a mil privações, casando-me com uma mulher sem um tostão e habituada ao luxo, não posso. De que maneira, além disso, poderia fazer minhas economias? Cortando a cerveja e a graxa para as minhas botas? Isso não seria suficiente nem para as luvas de Tâmara – acrescentou ele cinicamente –. Para evitar, assim, comentários supérfluos, já tomei minhas providências para ser transferido para o Cáucaso e, ao retornar do enterro, eu mesmo falarei com Tâmara Nicolaevna e lhe explicarei as razões de força maior que me impõem tal decisão.

– O senhor terá coragem de expor-lhe todas as suas miseráveis especulações? Da sua parte, aliás, nada me surpreende mais – retrucou o almirante com desdém –. Por que, então, esse fingimento da sua presença aqui hoje e o incômodo tão inútil de uma mudança de residência? Nossa excelente sociedade prova hoje, pela sua ausência, o que vale e, sem dúvida, aprovará suas louváveis e práticas decisões.

Anatole replicou e continuou por algum tempo ainda a perorar, mas como não obteve mais nenhum comentário do almirante, que lhe virara as costas, acabou calando-se.

Durante a última cerimônia fúnebre, o almirante conseguiu transmitir sucintamente à baronesa o que acabava de acontecer e pedir-lhe que preparasse a moça para este novo golpe da sorte. Dessa maneira, de regresso do enterro, logo que as duas senhoras se encontraram a sós na carruagem, Madame Raban, com todos os cuidados que lhe inspirava sua afeição, informou a Tâmara da traição de seu noivo, implorando-lhe para ser forte e restituir a liberdade àquele homem indigno de um pesar.

Sem responder, Tâmara recostou-se às almofadas do veículo. Uma tempestade rugia em sua alma orgulhosa. Sem dúvida que estava desencantada em relação a Anatole e sua falta de coragem no momento da catástrofe havia já arrefecido seus sentimentos por ele. No entanto, a convicção de que sua pessoa não tinha nenhum valor aos olhos do homem que tantas vezes lhe jurara amor e fidelidade, e que somente a aceitava como um acessório à sua própria fortuna; a convicção de que ela havia sido uma tola ingênua, acreditando-se amada, inspirava-lhe súbita cólera. Por coisa alguma no mundo ela permitiria que o covarde que procurava desfazer-se dela percebesse a dor e a amargura daquela hora de decepção. O sangue orgulhoso e rebelde de sua mãe fervia nela, despertando em seu coração uma estranha e gelada crueldade, mesmo contra ela própria. Algo se perdera nela; a Tâmara que havia sido até aquele dia parecia ter-se desvanecido, fundida num passado longínquo.

Triste e ansiosa, a baronesa observava a mudança que, pouco a pouco, se operava no rosto móvel da moça, o traço duro e amargo em seus lábios fortemente contraídos, a nuvem sombria que se estendera sobre seus olhos, outrora tão sorridentes. Instintivamente, Vera Petrovna sentiu que Tâmara estava dando combate e destruindo todas as suas fraquezas e que dessa luta silenciosa

surgiria um novo ser.

Quando a carruagem estacou, a baronesa tomou a mão da moça e murmurou algo inquieta:

– Não se deixe abater, minha querida. Seja forte.

Um pálido sorriso perpassou pelos lábios de Tâmara.

– Não tenha receio, Vera Petrovna. Eu sou forte e a essa covardia oporei apenas o meu desprezo. Obrigada por me haver prevenido.

O almirante e Tarussoff não haviam trocado uma só palavra durante todo o trajeto de volta. Ainda em silêncio, subiram todos a escadaria, mas quando retiraram os agasalhos, Anatole, com voz incerta, pediu à noiva que lhe concedesse alguns momentos.

A moça fez um sinal de assentimento e o conduziu, sem dizer palavra, até o pequeno salão, onde, dois dias antes, ele lhe prodigalizara tantas juras de amor.

– O senhor pode falar – disse ela, designando-lhe uma cadeira, mas permanecendo ela própria de pé.

Foi-lhe impossível tratá-lo com o você familiar.

– Querida Tâmara, não interprete minhas palavras como falta de amor – começou Anatole com hesitação. Juro que sofro infinitamente pelo que devo dizer-lhe, mas, minha posição... Se eu fosse rico...

Interrompeu-se e fitou o olhar da moça que, gelado e afiado, parecia ler até às profundezas de sua alma. Silenciosa, ela esperava, sem dizer palavra, a sua covarde declaração. Ela queria saber com precisão em que termos ele iria desembaraçar-se dela.

Sob o peso daquele lúcido olhar e do silêncio, cuja intenção ele percebia, Anatole se perturbava cada vez mais, entremeando frases incoerentes e palavras desordenadas. Por fim, irritado e levado aos limites, quase que gritando, falou:

– Nosso casamento não pode mais ser realizado. Não tenho recursos para sustentar uma mulher e, a despeito de todo o meu

amor, devo renunciar a você.

– Basta de palavras, senhor, e por favor deixe de profanar a palavra amor, aplicando-a à transação comercial que o senhor negociou com meu pai – disse Tâmara.

E sem parecer notar o espanto de Anatole, que estremecera ao ouvir aquele tom metálico tão diferente na voz outrora harmoniosa, ela continuou:

– Eu mesma, Senhor Tarussoff, desejava dizer-lhe que um casamento entre nós é impossível, por causa dos imprevistos ocorridos. Não posso e não quero abandonar meu pai doente e as crianças. Esperava apenas conseguir desembaraçar-me um pouco deste caos de providências, para falar-lhe, sem imaginar que o senhor tinha tamanha pressa em livrar-se de uma noiva que empobreceu. Lamento vivamente não ter ainda ontem restituído sua liberdade e posto fim aos seus temores.

Tirando de seu dedo o anel de noivado, colocou-o diante de Anatole.

– O senhor está livre, meu senhor. Desejo-lhe boa viagem, melhor sorte e escolha mais segura por ocasião de seu próximo noivado.

Estupefato, Anatole fixou o rosto de arrebatadora beleza, sobre o qual somente uma palidez diferente traíra o sofrimento íntimo, e, subitamente, um pungente pesar cresceu em seu coração frívolo e ressequido.

– Tâmara, não diga palavras tão duras! Separemo-nos como amigos – exclamou ele, estendendo-lhe a mão –. Quem sabe o futuro não nos proporcionará ainda uma oportunidade mais favorável?

A moça recuou como se diante de um réptil pronto a atacá-la. Um orgulho inabordável mostrava-se em seus lábios, quando respondeu:

– Meu senhor, não temos mais nada a dizer-nos. Os presentes que o senhor me fez lhe serão restituídos hoje mesmo. E agora não o

retenho mais. Tenho muito que fazer.

Sob o olhar flamejante e hostil que o mirava, Anatole estacou indeciso. Acabara de compreender que se algum dia Tâmara o amara, tal sentimento havia sido substituído por indizível desprezo. O vermelho ardente da vergonha subiu ao seu rosto. De cabeça baixa, ele se virou e retirou-se.



Solidão e morte

POR ALGUNS MOMENTOS, Tâmara ficou ali a contemplar a porta que acabava de fechar-se; em seguida, virou-se e dirigiu-se lentamente ao seu quarto, onde se encerrou. Esgotada, deixou-se cair sobre uma cadeira e cobriu o rosto com as mãos: tamanho era o caos de pensamentos e emoções que se agitava nela, que lhe era impossível formular uma ideia clara; tudo se fundia em um sofrimento inominável que triturava o seu ser. Naquele instante, a morte lhe teria sido um benefício e, de repente, ela entendeu o desespero sem saída que havia levado Lúcia à sua decisão fatal. De novo, por uma estranha reação, o rosto calmo e pálido de Magnus desenhou-se ante seu espírito.

"O suicídio é o recurso dos covardes; é preciso mais coragem para viver do que para morrer." – parecia-lhe dizer aquele irmão em sofrimento, que encontrara forças para vencer a desgraça.

Lágrimas amargas começaram a filtrar-se entre seus dedos e soluços estrangulados sacudiam-lhe o peito oprimido. Subitamente, um ruído seguido da queda de um objeto fê-la estremecer e levantar a cabeça: um grande medalhão contendo uma miniatura de sua mãe, suspenso por um cadarço junto às imagens dos santos,

acabava de desprender-se e tombar no chão. “Seria aquilo uma advertência que minha mãe me transmite, lembrando-me de que é na prece que devo procurar socorro e apoio? Mas serei capaz de orar num momento de aflição, quando todo o meu ser se rebela, ou terei perdido a fé e a confiança ao contemplar os abismos do coração humano?” Como um relâmpago todos esses pensamentos atravessaram o cérebro de Tâmara, enquanto ela apanhou a miniatura e a levou aos lábios abrasados: “Mãe querida, se você presencia meu sofrimento, assiste-me e me aconselha”.

“Ore; da prece você obterá a calma e a resignação.” – parecia murmurar ao seu ouvido uma voz harmoniosa e bem conhecida.

Com um passo incerto ela se dirigiu ao canto onde se encontravam as imagens e, caindo de joelhos, juntou as mãos em muda súplica, mas em vão seu olhar obscurecido levantou-se para as severas cabeças bizantinas que a fitavam, rígidas sob suas auréolas de pedrarias; seu pensamento embrutecido não conseguia formular nenhuma prece. O mesmo sussurro melodioso elevou-se novamente junto ao seu ouvido.

“Pai Nosso que estais no céu, seja feita a vossa vontade – dizia a voz – e dai-me forças para cumprir o que me cabe, tal como me está sendo imposto e não como eu o desejaria.”

Com os lábios trêmulos, Tâmara repetiu tais palavras. Em seguida, tomada de estranha fraqueza, apoiou-se à parede e fechou os olhos. Uma brisa refrescante parecia perpassar sobre sua testa fervente, acariciar seus cabelos e espalhar-se como uma corrente tépida e renovadora sobre todo o seu corpo.

Alguns minutos se passaram assim. Em seguida, ela endireitou-se. Seu olhar havia readquirido a claridade habitual, o desfalecimento moral cedera lugar a uma calma resignação. Ela aproximou-se da mesa de trabalho, desejando sentar-se e repousar um pouco, quando seus olhos deram com um caderno aberto no meio da mesa. Como não se lembrava de havê-lo posto ali, inclinou-se e leu admirada uma comunicação mediúnica recebida há algum tempo

por Eveline Ericson e que ela havia copiado.

“Retoma a coragem – dizia o escrito –. Por mais cruel que seja o sofrimento, ele dura apenas um instante, como tudo na vida. A dor, como a alegria, passa sem deixar sinais. O tempo apaga até a lembrança delas. Rápido como a nuvem que foge ao vento, assim se passa a nossa vida, sonho confuso do qual a morte é o despertar, mas cuja lembrança se inscreve nos arquivos infinitos do destino humano, degraus por onde a alma escala a perfeição.”

Essas palavras, tão maravilhosamente apropriadas à sua situação, produziram em Tâmara profunda impressão. Mais forte e ainda mais decidida, ela empertigou-se, fechou o caderno e levantou-se para banhar com água fria o rosto afogueado. Em seguida, tomou o copo de leite depositado sobre a mesa desde a manhã e tocou a campainha chamando Fanny. Segundo ordens que lhe foram dadas, a camareira reuniu em um só volume todos os presentes que ela recebera de Tarussoff e, mandando chamar um lacaio, ordenou-lhe que levasse o pacote imediatamente à residência do oficial. Concluída a tarefa, Tâmara passou ao quarto de seu pai.

O doente cochilava, mas a enfermeira lhe disse em voz baixa que a baronesa, não podendo esperar mais, regressara à sua casa, prometendo voltar no dia seguinte.

No gabinete de Ardatov, o almirante sentara-se à escrivaninha da qual três gavetas estavam abertas. Preocupado e de cenho contraído, ele estava lendo e classificando cartas e papéis. Sergei Ivanovitch concentrara-se de tal maneira no trabalho, que nem percebeu a entrada da afilhada. Somente quando ela pousou a mão em seu ombro, ele levantou a cabeça e fitou-a surpreendido. Esperava ver Tâmara toda debulhada em lágrimas, incapaz de falar razoavelmente e, no entanto, seu olhar calmo e lúcido o desconcertou.

– Você já falou com Anatole Pavlovitch? – perguntou ele.

– Sim. Tudo está terminado entre nós. Nenhuma obrigação me impede de cuidar exclusivamente dos nossos problemas. Papai

dorme e, por isso, vim ajudá-lo, padrinho, se você me permite, a pôr ordem nesses papéis. Antes de tomar nossas decisões, é preciso saber, com precisão, que débitos pesam sobre nós.

Com sincera admiração, o excelente homem atraiu a si a moça e a beijou na testa.

– Você é uma menina digna e corajosa. O Senhor não a abandonará. Esperava-a em lágrimas, mas desde que você está calma e forte, ajude-me. Há muito que arrumar aqui e, quanto antes, melhor.

Um desdenhoso sorriso passou rápido pelos lábios de Tâmara.

– Lágrimas, tio Sergei? Não. As lágrimas são o suor do coração. Guardo-as para algo mais digno delas do que aquele mesquinho especulador. E, agora, mãos à obra!

Até noite fechada, o almirante e sua companheira ocuparam-se de ler, classificar e triar os documentos acumulados na escrivaninha em muitas pastas. Grande parte das cartas era de cobrança, dos mais diferentes fornecedores, sobretudo casas de modas. Havia certa quantidade de promissórias e uma longa série de dívidas particulares contraídas por Lúcia.

Depois de tudo revisto e somado, Tâmara perguntou preocupada:

– Você acha, tio Sergei, que a venda dos móveis, da prataria e de tudo o mais será suficiente para cobrir essas dívidas? Talvez possamos arrancar à liquidação dos negócios de Arustein algum resíduo da nossa fortuna.

O almirante sacudiu a cabeça.

– Não se salvará ali nem um kopeck[5]. Todos os nossos recursos se encontram aqui, mas espero que a venda dos objetos de maior valor e, sobretudo, a prataria e os diamantes, produza até mesmo um excedente bastante considerável, a fim de poupar você de qualquer dificuldade maior durante um ano ou dois, vivendo modestamente, é verdade. Até lá, veremos o que fazer.

– Sem dúvida, é preciso procurar uma casa pequena, na qual seja

assegurado, porém, o conforto do doente. Vamos também despedir os empregados supérfluos. Mas quando faremos essa venda e como?

– Temos que vender em leilão o que for mais vantajoso e isso dentro de oito dias, uma vez que, por um feliz acaso, o contrato da mansão expira a 1º de março e estamos a 18 de fevereiro. Além disso, tenho uma ideia: amanhã, após tomar algumas informações, falarei com você. Agora, minha filha, vai dormir. Trabalhamos bastante hoje e você precisa de forças.

O dia seguinte pareceu muito longo a Tâmara. Somente ali pelas seis horas da tarde chegou o almirante, cansadíssimo, mas visivelmente satisfeito.

– Venho propor-lhe algo que me parece cômodo e vantajoso – disse ele logo que se sentaram no gabinete –. O médico me disse que o ar puro do campo é indispensável ao seu pai. Pois bem! Conheço um negociante que possui, saindo pela porta de Narva, no caminho para Ligovo, uma sólida e confortável casa de campo. Sua família residia ali uma grande parte do ano, porque ela fica perto da cidade, mas depois que ele comprou uma vila, em Oranianbone, resolveu alugar a outra. Hoje, pela manhã, fui, portanto, à casa do velho Nazarov e visitei, com ele, a casa. Ela é quente e sólida e tem boas lareiras, janelas duplas e seis quartos. No verão será muito agradável, pois tem uma varanda e um grande jardim. O aluguel é de 300 rublos por ano, sem os móveis, bem entendido, mas se você resolver ir morar lá, acho que podemos transportar para ali os móveis da casa de campo de vocês em Peterhof, bem como os objetos que você conservar.

– Estou perfeitamente de acordo com você e peço-lhe, tio Sergei, que conclua o negócio com esse senhor. Já amanhã enviarei Charlotte a Peterhof a fim de tomar providências para a mudança.

– Não. Espera um pouco ainda. Serão necessários dois dias para fazer uma limpeza na casa, atapetar novamente uma parte dos quartos, calafetar cuidadosamente portas e janelas, enfim, deixar

tudo em ordem. Mas vou escrever imediatamente a Nazarov para dizer-lhe que alugo a mansão e pedir-lhe que mande logo os operários.

– Enquanto esperamos, prepararemos tudo para a venda, faremos as listas e o resto.

– Sim, minha filha, mas assim que a casa estiver pronta, levaremos o doente e as crianças e, então, poderemos dar continuidade aos últimos preparativos para a venda.

– Mais uma coisa, padrinho: temos lá onde comprar provisões, medicamentos, etc.?

– Há uma casa de negócio não muito longe. Por outro lado, a condução que vai até a fábrica de Putilov passa em frente à casa. Portanto, Charlotte poderá ir à cidade com toda a facilidade. Além do mais, conto ir visitar vocês com muita frequência e levarei o que lhes faltar.

– Tenho a intenção de dispensar todos no dia do leilão. Charlotte e Fanny irão embora logo que estivermos instalados lá. Ficarei com uma única empregada.

– É indispensável conservar um homem para cuidar de seu pai. Quanto ao resto, teremos oportunidade de falar mais tarde. Agora, vá buscar as joias de sua mãe. Quero mandar fazer uma avaliação por um joalheiro de confiança.

Após a partida do almirante, Tâmara voltou ao seu quarto e chamou Fanny. Em poucas palavras, explicou à jovem camareira quanto às decisões tomadas e acrescentou para terminar:

– Não fique triste, minha boa Fanny, de ser obrigada a deixar-me. Pagarei as despesas de sua volta a Estocolmo e lhe darei uma carta de recomendação para Madame Ericson, onde você encontrará um bom lugar para ficar. Contudo, somente liberarei você quando estivermos todos acomodados na casa de campo, pois precisaremos de você nesta mudança.

Ora pálida, ora rubra, Fanny ouvira sua jovem patroa. De repente,

desfez-se em lágrimas e, caindo de joelhos diante de Tâmara, cobriu as mãos da moça de beijos.

– Senhorita, não me despeça – murmurou com a voz entrecortada de soluços. Que diria minha mãe da minha ingratidão? E eu a amo tanto, minha benfeitora, a senhora que me salvou da miséria e da desonra, que nos desafogou! E agora que a desgraça a atinge, a senhora quer ficar com uma mulher comum que não saberá servi-la? Suplico-lhe, fique comigo: a senhora acha que não sei fazer de tudo? Sou capaz de preparar um jantar tão bem quanto outra qualquer e lhe servirei fielmente.

Profundamente comovida, Tâmara pousou a mão sobre a cabeça pendida da moça.

– Minha boa Fanny. Está bem, não a mando embora. Se você

quer ficar conosco na desgraça, sua fidelidade me faz feliz, pois reconheço que ter junto de mim uma mulher estranha me seria bem penoso.

Muito feliz, Fanny levantou-se de um salto:

– Muito obrigada, muito obrigada... A senhorita vai ver como vamos nos arranjar bem! Só tem que ordenar o que devo fazer.

A moça explicou-lhe, então, que era necessário levantar um inventário detalhado de tudo quanto houvesse nos guarda-roupas, roupas de cama, etc. e preparar para venda aquilo que não fossem conservar com eles. Em seguida, mandou chamar Charlotte, a governanta, para transmitir-lhe suas ordens.

Charlotte Malengreen era uma mulher de cinquenta anos, saudável e jovial, a despeito de ligeiramente gordinha, tão alerta e ativa que não lhe dariam mais do que quarenta anos. Há vinte e quatro anos servia à casa de Ardatov, para a qual fora trazida pela primeira esposa de seu patrão. Após a morte de Swanhild e o segundo casamento de Nicolai Wladimirovitch, ela havia pensado em partir, mas o hábito e sua afeição pela filha da patroa levaram-na a desistir do projeto e mesmo Lúcia havia apreciado e desejado conservar a

ativa governanta, cuja probidade exemplar e bom caráter tornavam-na duplamente valiosa.

Sempre vestida de escuro, um avental e uma touca de brancura impecável, o molho de chaves à cintura, ela estava em toda parte, vigiando severamente os interesses de seus patrões, impedindo e denunciando implacavelmente a menor malversação.

Ao ser informada de que a despediam, que tudo na casa seria leiloado e que todos aqueles objetos que ela amava como seus seriam dispersados aos quatro ventos, o rosto redondo e rosado da boa mulher cobriu-se de uma palidez cadavérica. Esquecida de todo o respeito, deixou-se cair sobre uma cadeira.

– Ah! Por que eu tinha que viver para ver uma coisa tão horrível após vinte e quatro anos? – disse ela e, cobrindo o rosto com o avental, explodiu em soluços.

– Minha boa Charlotte, não chore. Você acha que é fácil para mim suportar uma desgraça dessas? – disse Tâmara profundamente comovida –. E, depois, não tenha receio de ficar desempregada. A Baronesa de Raban certamente encontrará para você uma boa colocação.

A governanta levantou bruscamente a cabeça.

– Uma posição? – fez ela desdenhosamente – Espero que, após vinte e quatro anos de serviço, a senhora não vá me expulsar, Senhorita Tâmara, mas me autorize a repousar em sua casa.

– Meus recursos não me permitiriam remunerá-la, Charlotte, ainda que eu desejasse conservar você comigo, tanto quanto Fanny, que não quer me deixar.

– Mas não há problema algum de salário. Eu estou pedindo a senhora que me deixe repousar em sua casa! Tenho necessidade de um lugar para ficar e, graças a Deus, consegui realizar minhas economias! Só que, como não posso viver sem alguma ocupação, cuidarei da cozinha. Cozinhar para quatro pessoas é uma brincadeira que não vale nem a pena falar. Além do mais, terei a

alegria de ficar com os meus patrões. Foi a sua mãe, que está no céu, que me trouxe para aqui há vinte e quatro anos, e quando a senhora nasceu, Senhorita Tâmara, fui eu a primeira que a tomei nos braços, mesmo antes de seu pai. Como poderia partir agora, deixando-a na tristeza com um doente em casa que mais precisa agora de uma refeição bem preparada?

Lágrimas ardentes correram sobre as faces de Tâmara.

– Minha querida Charlotte, como poderia eu rejeitar a sua fidelidade, a afeição que você me testemunha neste momento penoso? E se você não teme partilhar da nossa pobreza, está bem, ficarei muito feliz em ter junto de mim dois corações fiéis no exílio para onde vamos.

– Temor? Não, fico feliz em ficar com os meus bons patrões a quem amo. E não chore, minha querida Senhorita Tâmara, a velha Charlotte suportará tudo com a criança que embalou ao colo. Sinto que Deus conduzirá tudo para o que for melhor.

Ela queria beijar a mão da moça, mas esta atraiu-a para si e a abraçou.

– Ficaremos juntas, então. Mas agora, minha cara Charlotte, precisamos cuidar do que temos a fazer. Amanhã pela manhã reúna toda a prataria, as porcelanas, os cristais, tudo. É preciso vender tudo, conservando apenas o que nos for indispensável.

A estas palavras, o rosto da governanta voltou a toldar-se.

– Sim, se ainda tivéssemos a prataria! Mesmo a da sua falecida mãe, isto é, a sua, foi vendida e substituída por prata folheada. E isso não dará bom preço.

Tâmara empalideceu. Ela estava contando certo com a prataria.

– Quando foi feito isso? – perguntou ela.

– Sem nenhuma razão especial. O senhor e a senhora decidiram que era preciso vender e eis tudo.

– Nada há, portanto, a fazer quanto a isso. Só lhe peço, Charlotte,

escolher e separar para nós o que for indispensável a uma pequena casa, no que diz respeito a talheres, toalhas de mesa, bateria de cozinha, etc. Esses objetos e outros que eu escolherei serão enviados por estes dias à casa de campo e, enquanto nos desfazemos dos cavalos e da pequena carreta, é preciso tirar tudo dos móveis e armários e fazer a lista para a venda.

Ficando sozinha, Tâmara meditou longamente. Apesar da amargura do futuro que a aguardava, sentia-se calma. A fidelidade de Fanny e Charlotte lhe havia feito um bem enorme. Sua boa ação foi logo recompensada. E como aquelas duas pobres servidoras, na simplicidade de seus corações amorosos e devotados, eram superiores aos supostos amigos de sua sociedade, àquele noivo traiçoeiro que tão rapidamente tivera que desfazer-se dela! Desgostosa, ela mudou o rumo dos pensamentos.

No dia seguinte, todos estavam de pé logo cedo e uma atividade febril reinava em toda a casa. Enquanto Charlotte ocupava-se da cozinha, Tâmara, ajudada por Fanny e a camareira de Lúcia, deu início ao inventário dos guarda-roupas.

Verdadeiro pavor tomou conta dela quando viu sair dos vastos armários verdadeiras montanhas de roupas. Compreendeu que uma fortuna fora aplicada naqueles inúmeros vestidos e roupas de baile, usados uma só vez, bem como em casaquinhos e lenços decorados, rendas e flores a perder de conta. Ali estavam a saúde e a vida de seu pai, seu próprio futuro e o das crianças, sacrificadas àqueles farrapos coloridos que mal haviam sido usados, em sua maior parte!

Tâmara escolheu naquele amontoado alguns vestidos de seda e lã, chapéus e mantos que distribuiu a Charlotte, a Fanny e à camareira. Em seguida, mandou separar para um lado, numa caixa, peças de tecidos ainda intactas, rendas e outras miudezas caríssimas e que serviriam a ela e às crianças, mas que, se oferecidas à venda, alcançariam preço vil.

Todo o restante foi contado e numerado para ser vendido.

Terminada a tarefa, a moça passou à biblioteca. Ali se encontrava o que mais lamentou. Tencionava conservar pelo menos as obras mais interessantes e solicitou a Fanny que lhe fosse trazendo os livros em cestas para fazer a escolha e, em seguida, organizar o catálogo. Uma parede inteira estava ocupada por imenso armário de ébano, em estilo gótico, que continha a biblioteca particular de Lúcia. Na parte da frente das estantes havia fileiras de volumes ricamente encadernados, obras ilustradas, na sua maioria, mas insignificantes. Tâmara resolveu conservar apenas um dicionário enciclopédico. Atrás desses volumes de exibição, contudo, ela encontrou uma quantidade enorme de brochuras amontoadas, consideravelmente desfeitas e que, evidentemente, haviam sido lidas ativamente, tanto quanto os primeiros permaneceram intactos.

Com crescente espanto, a moça leu os títulos e folheou os volumes multicoloridos. Ficou chocada: eram os nomes dos autores que Madame Ericson havia indicado como perniciosos a qualquer mulher, que macularia sua alma e seus olhos como aquela leitura obscena: literatura criminosa que, sob o pretexto do naturalismo, remexe toda a lama que se acumula no submundo da humanidade. Ali estava uma literatura que expõe e justifica todos os vícios, pretendendo estudar psicologia e que não abandona seu leitor senão quando, desmoralizado e excitado nas suas paixões mais bestiais, envilecido em seu coração, ele se entrega, afinal, aos instintos, vegetando sem princípios, sem Deus e sem ideal. Assim fora Lúcia, que se nutrira daquela literatura nefasta: má esposa e mãe, desprovida de toda sustentação moral, perecera tão logo atingida no seu bem-estar egoísta. Com desgosto, a moça atirou à cesta aqueles livros que a repugnavam e mandou jogá-los fora.

Durante os dias que se seguiram, Tâmara ficou de tal maneira absorvida pelos seus afazeres, que mal teve tempo de pensar. Foi ainda calma que ela ficou sabendo, pelo almirante, de nova decepção: grande parte das pedras eram falsas, mas da parte de Lúcia, nada mais a espantava. O vaivém dentro da casa era contínuo. Charlotte, Fanny e Ivan, o empregado que fora

conservado, desenvolviam a maior atividade. No final da semana, Fanny, muito satisfeita, veio anunciar à sua jovem patroa que tudo estava pronto na nova residência e que podiam mudar-se para lá a qualquer momento. Tâmara resolveu ir imediatamente conhecer a casa, antes de levar o doente, e, ao mesmo tempo, instalar ali as crianças, que estavam entristecidas e aturdidas no meio daquela desordem. Olga, principalmente, ainda fraca e pálida após o terrível abalo nervoso que sofrera, tinha imperiosa necessidade de calma e repouso.

Mandou, pois, preparar a carruagem, colocar sobre o banco uma grande caixa com as roupas das crianças e, acompanhada destas, de Fanny e da babá de Jorge, que ficara por mais alguns dias, foi ver a sua futura residência.

Tâmara jamais visitara aquela parte dos arredores da cidade. Contemplava cansada e com uma indizível tristeza a paisagem monótona, mais sombria ainda sob o lençol de neve, as casas cada vez mais pobres e desarranjadas, que se estendiam às margens das calçadas.

– Veja, senhorita! É aqui! – exclamou Fanny, apontando-lhe à esquerda um grande jardim cercado de uma grade.

Entre os arbustos desnudos via-se uma construção bastante ampla. A carruagem dobrou pelo caminho estreito e estacionou ante um portal de colunas de madeira.

Com o coração apertado, Tâmara entrou com as crianças num pequeno vestíbulo, onde Ivan os ajudou a se livrarem dos agasalhos. No mesmo instante surgiu Charlotte, que os levou a visitar a habitação. Com agradável surpresa, a moça verificou que tudo era confortável e até mesmo elegante. Os móveis trazidos de Peterhof não eram de pelúcia e cetim, sem dúvida, mas o salão, decorado com damasco de lã vermelha, com seus cortinados brancos, tinha bom aspecto, enquanto o quarto dela, decorado com um tecido cor-de-rosa, era encantador.

– Há quatro quartos lá em baixo e aqui em cima três, que arrumei

para nós e para as crianças, para que eles não incomodem o doente – disse Charlotte –. Não está tudo bem arrumadinho? Não falta nada, nem mesmo tapetes – acrescentou ela com orgulho.

Visitando a cozinha, em cujas prateleiras brilhavam como ouro as peças de cobre, Tâmara procurou saber se havia despensa ou um lugar qualquer para guardar as provisões.

– Sim, sem dúvida. Há uma excelente despensa, da qual a chave já está comigo. É aqui, no final do corredor, veja, há um cômodo maior que serve de despensa. Está cheio como um ovo, pois já trouxe da cidade tudo o que restou de provisões e de vinho.

– Você trouxe tudo isso?

– Sem dúvida. Não venderíamos farinha, sêmola, confeitos, conservas, salgados, etc. Quanto aos vinhos, dos quais os lacaios começavam já a se apossar, aproveitando a confusão, impus a minha proibição e estão todos aqui.

Tâmara sorriu e seguiu a fiel governanta ao andar superior. Ali também tudo estava alegre e agradável. Com o coração menos oprimido, ela voltou ao primeiro piso. Sem dúvida era bem simples e bem menor, comparada aos vastos e soberbos aposentos aos quais ela estava habituada. Mas a casa de Madame Ericson também era simples e como ela havia sido feliz e tranquila naquele lar modesto! Assaltou-a verdadeiro desejo de já estar ali naquela casa, a fim de repousar, longe do ruído e das pessoas, de tantos abalos morais, de tanto tumulto, desordem e canseira que prometia o horrível dia da venda.

– Agora, venha beber uma taça de chá quente e comer um pedaço de bolo que assei especialmente para comemorar a sua chegada – pediu Charlotte, levando a moça à sala de refeições, onde ardia um fogo vivo que iluminava com seu confortável clarão uma mesa coberta com uma toalha de deslumbrante brancura e elegantemente posta.

Para não desgostar a mulher, completamente absorvida pelas

tarefas do novo lar e cujo olhar bondoso e jovial brilhava de entusiasmo e satisfação, Tâmara tomou alguns goles de chá e comeu, com algum esforço, um pedaço de bolo. Repugnava-lhe qualquer tipo de alimento, mas as crianças, com a facilidade que lhes é própria de se sentirem bem em qualquer lugar onde exista alguma novidade, estavam no melhor bom humor. Riam-se e tagarelavam, fazendo honras ao bolo de Charlotte.

– Já é tempo de ir-me embora – disse Tâmara, levantando-se –. Uma vez mais, muito obrigada, minha boa Charlotte. Toma conta das crianças que deixo com você. Amanhã, pela manhã, papai virá para aqui e depois de amanhã, à noite, espero poder vir também. Levo Fanny comigo, pois precisarei dela. Olga e Jorge, meus queridos, comportem-se bem.

Tâmara voltou à cidade menos abatida, mas uma nova preocupação a incomodava: cumpria-lhe o penoso dever de prevenir seu pai. Com o coração oprimido, ela se dirigiu ao quarto do doente e, sob um pretexto plausível, afastou a irmã de caridade. Quando ficaram a sós, Tâmara, com todas as cautelas que lhe inspiravam seu amor filial, expôs-lhe as decisões tomadas por ela e pelo almirante e a necessidade de deixar no dia seguinte a casa. Um suspiro rouco foi toda a resposta de Ardatov.

– Pai querido, não se aborreça. Uma vez todos juntos, seremos felizes em qualquer lugar – disse a moça, beijando-lhe ternamente a testa –. Sem dúvida, nossa nova habitação é menos rica do que esta, mas você encontrará condições de repouso lá. Não terá mais esta luta diária, esta espada de Dâmocles[6], a ruína, sempre suspensa sobre sua cabeça. Você terá uma vida tranquila e ninguém amaldiçoará você, pois todas as dívidas serão pagas e ainda nos restará o suficiente para viver tranquilamente. Livre dessa inquietação, que perturbava o seu repouso e o seu sono, que embranqueceu antes do tempo os seus cabelos, você recuperará a saúde. Somente agora compreendo seu estado de espírito, que me era inexplicável.

Lágrimas ferventes corriam pelo rosto de Ardatov.

– Sou indigno de uma filha como você, Tâmara – murmurou ele –. Pai sem consciência, dissipador miserável, sacrifiquei ao luxo desenfreado de uma pérfida mulher o futuro de meus filhos. Preso agora ao leito, não posso nem mesmo ajudá-la. Sobre você, pobre filha, cai o peso esmagador de minhas culpas...

A emoção cortou-lhe a palavra.

– Papai, não se acuse tanto! Vive para mim e tudo estará bem. Faço com a maior espontaneidade aquilo que posso! Se você soubesse como é bom lá, como é tranquilo! Já mandei as crianças para lá e a boa Charlotte, que não quer deixar-nos, toma conta deles.

De lágrimas nos olhos, ela inclinou-se e colocou a mão sobre a testa escaldante do doente.

– Você está com muita febre. Será que estará em condições de ser levado à casa de campo amanhã?

– Sim, sim, quero sair daqui, quanto mais depressa melhor – exclamou o doente.

Em seguida, tomando bruscamente a mão de Tâmara, acrescentou com a voz entrecortada:

– Diga-me, onde está Lúcia? Diga-me a verdade. Sinto que ela está morta. Com as suas próprias mãos criminosas que nos empurraram para o abismo, ela pôs fim à vida, não é?

– É verdade, pai, mas não a condene. Cabe ao nosso Criador e juiz supremo pedir conta de seus atos. Para nós, a sua morte pode ter sido um alívio, porque ela não suportaria pacientemente a pobreza e só nos faria ainda mais infelizes.

No dia seguinte pela manhã, Ardatov, enrolado em mantas e cobertores, foi com todas as precauções, transportado na carruagem grande, onde uma espécie de leito havia sido improvisado para ele. O almirante e a irmã sentaram-se perto dele.

Impossível seria descrever o estado de espírito do doente, quando atravessou, para nunca mais voltar, a soleira daquela casa que tanto tempo lhe servira de morada. Só, abandonado pela turba de amigos e conhecidos que antes se comprimiam sob seu teto hospitaleiro, partiu, como cadáver vivo, para extinguir-se na miséria e no esquecimento. Essa desgraça ele próprio chamara sobre si, tudo sacrificando à mulher egoísta e ingrata que o explorara e traíra.

Com os olhos fechados, um inferno de raiva impotente no coração, jazia inerte sobre as almofadas. O almirante apertou-lhe a mão silenciosamente. Com pesar e piedade lera, nos traços descompostos de seu desventurado amigo, os sentimentos que lhe dilaceravam a alma.

Após a partida do pai, Tâmara retomou o trabalho, completando as listas, classificando e arrumando os objetos amontoados no salão e nos quartos vizinhos para a venda do dia seguinte.

A vasta mansão apresentava agora um aspecto desolador e caótico: as portas desprovidas dos cortinados, as janelas desnudas, as jardineiras vazias. Os tapetes, enrolados, amontoavam-se a um canto como fardos, enquanto sobre mesas, consoles e estantes viam-se, desordenadamente, estátuas, vasos de alto preço, lustres, quadros, porcelanas, os mil e um objetos que haviam integrado o arranjo da luxuosa residência.

No meio daquele verdadeiro bazar, Tâmara, ainda mais pálida no seu vestido de luto, ia e vinha, dando ordens e tomando notas. O ruído de um vestido de seda fez-lhe virar-se: admirada, viu que era Nadina que, muito comovida, atirou-se ao seu pescoço. Por um momento, as duas amigas permaneceram abraçadas em silêncio; em seguida, Madame Kulibine exclamou:

– Minha pobre Tâmara, onde você consegue forças para suportar tanta desgraça? E como você mudou! Diga-me, posso ajudá-la em alguma coisa?

– Obrigada, minha boa Nadina, pela sua visita, que me prova a sua afeição, mas tudo está pronto e não estou só: meu padrinho me

ajuda em tudo. Quanto à força – sorriu tristemente –, conseguimos retirá-la da própria desgraça e da necessidade de agir.

– Diga-me, é verdade o que se diz, que o seu casamento foi desfeito? – perguntou Nadina, algo hesitante.

– Sim, é verdade.

– Anatole Pavlovitch retratou-se? Que miserável!

– Meu Deus, o que ele fez é tão natural! Tal como a maioria dos jovens atualmente, ele considera o casamento como uma transação comercial, uma associação de fundos disponíveis. Quando uma das partes deixa de cumprir o que foi combinado, a outra se retira. Isto é simples como dizer "Bom dia", e se eu fui bastante ingênua para crer no amor, a culpa é só minha. Mas deixemos isso de lado – uma expressão glacial passou pelos seus lábios –. De todas as perdas que sofri, a de Anatole Pavlovitch é a que menos me afeta: vale a pena lamentar o que não se estima?

Nadina olhou-a fixamente, incrédula e perplexa. Depois disso, conversou ainda alguns minutos e despediu-se, pois tinha uma visita indispensável a fazer.

Naquele mesmo dia, Madame Majarovsky, amiga íntima de Lúcia Ardatov, celebrava seu aniversário natalício. Era uma bela mulher, muito desinibida, que, desdenhando escrúpulos supérfluos, aproveitava da vida tudo o que esta lhe pudesse oferecer de sedutor. Sua beleza provocante proporcionava-lhe facilmente os triunfos que ela ambicionava e apenas as orelhas, de um tamanho incrível, prestavam-se às trocas e aos invejosos comentários das suas rivais.

O salão regurgitava de gente e a conversa, muito animada, girava exclusivamente em torno do momentoso assunto – a ruína dos Ardatov.

– A culpa é dele mesmo e eu lhe predisse que tudo acabaria dessa maneira – dizia um velho General –. É preciso ser um doido para arriscar especulações tão ousadas e confiar cegamente num

financista como Arustein.

– Quem, senão um homem assim, estaria pagando juros tão exorbitantes, e quem, honestamente, poderia enganar daquela maneira? – observou um jovem empregado do Ministério das Finanças –. Uma loucura, porém, arrasta outra. Quando se permite o luxo de tal mansão, com aquelas carruagens e um padrão de vida principesco, sem ter os recursos necessários, o fim é sempre a mendicidade.

– E tudo por causa daquela princesa de bastidores, na qual havia transformado sua mulher que nos forçava a visitar – intercalou uma velha solteirona murcha e enfeitada, famosa pela sua língua maldosa –. O que aquela criatura gastava com roupa é inacreditável! Mas, por mais que ela se enfeitasse, a atriz sempre se mostrava. E quando se pensa que foi por uma mulher daquelas que ele atormentou até à morte a primeira esposa! Esta, sim, era a mais arrebatadora e a mais virtuosa pessoa que jamais vi! – ajuntou ela, elevando os olhos ao céu.

– Certamente! ela deve ser uma santa, uma vez que você lhe faz tal oração fúnebre, você que é tão severa com todos, Rosália Antonovna – retrucou uma senhorita de meia idade –. Mas, a propósito, vocês sabem que Tarussoff desmanchou o noivado? Imagino só o desespero de Tâmara – ele é um homem tão belo!

– É uma boa lição para aquela presunçosa que sempre me foi antipática pela sua arrogância e seus ares de santinha hipócrita – disse a dona da casa –. Agora terá que sujeitar-se a dar aulas, ser governanta ou dama de companhia. Assim terá que perder a pose. Mas onde está hoje Eitel Franzovitch? Ele certamente conhece todas as circunstâncias do rompimento e também da morte de Lúcia que... Ah! enfim, ali está o esperado. Vamos saber de tudo.

Frisado, besuntado de cremes, perfumado, empoado, respirando, como sempre, uma satisfação beata, Pfauenberg saudava a dona da casa e distribuía apertos de mão com alguns presentes, caprichando finamente nas diversas saudações. Estas iam desde a

movimentação das largas costas flexíveis, que se curvavam respeitosamente ante os poderosos da Terra, até o bom dia negligente que bastava para os seus iguais.

Enfim, ele se sentou, mas, sem responder às questões que o assaltavam, pediu permissão para fumar e, acendendo o cigarro, observou com um sorriso a impaciência do seu público.

– Vamos, não nos castigue, Eitel Franzovitch – exclamou

Madame Majarovsky –. Tenho certeza de que o senhor sabe de que maneira morreu Lúcia Ardatov. Já ouvi vinte versões diferentes. É verdade que ela se suicidou?

– Perfeitamente. Ela pendurou-se ao travessão do leito.

– Que horror! Eis aí um gênero de morte que eu jamais escolheria. A gente deve ficar horrivelmente desfigurada.

– Que quer a senhora? A pobre mulher não teve tempo nem de escolher. Tinha tantas dívidas na loja Louvre! Quando as contas de modistas e fornecedores começaram a dançar diante de seu espírito, ela não pensou noutra coisa senão subtrair-se às suas reclamações. E além disso... – e uma maldosa zombaria vibrava na voz de Pfauenberg – B. não lhe foi certamente fiel. Em suma, ela precisava morrer o mais depressa possível...

– Queira Deus Tâmara não faça o mesmo após a retirada precipitada de Tarussoff – observou um jovem oficial –. Sem dúvida, ele agiu bem e deve agradecer a Deus por não ter a falência ocorrido seis semanas mais tarde. Seja como for, porém, sua posição é constrangedora.

– De modo algum. Eu o vi hoje e ele me contou que esclareceu tudo energicamente, no mesmo dia do enterro, declarando que não mais se casaria. E, cá entre nós, ela nunca foi bom partido para um homem como ele, e ele seria louco de assumir a responsabilidade de uma casa daquelas. Sem dúvida, a moça me causou muita pena e minha entrevista com ela me deixou bastante impressionado.

Pfauenberg calou-se e pareceu mergulhar em melancólica

meditação.

– O senhor esteve com ela? Quando? O que lhe disse? – perguntaram várias vozes.

– Estou vindo diretamente da casa de Ardatov. Ela não é mais a sombra de si mesma. De início, ela me agradeceu, em lágrimas, o fato de ter ido vê-la. Depois falamos de Tarussoff. Absolutamente desesperada, ela me suplicou para levar Anatole Pavlovitch de volta a ela, pois não poderá viver sem ele. Fiquei muito abalado e prometi, para acalmá-la, fazer o que me pedia, mas tudo está irrevogavelmente encerrado. Anatole não quer nem ouvir falar dela. Ele requereu sua transferência e, enquanto espera, foi a Moscou, onde tem alguns parentes.

Após essas últimas palavras, a conversa generalizou-se. Observações maldosas ou frases de hipócrita compaixão cruzaram-se, mas não se ouviu uma só expressão de sincero pesar pelo homem desventurado ou pela inocente moça, tão duramente atingida. Cada um dos presentes se sentia com direito a criticar impiedosamente a vida, os atos, o passado de Ardatov e de sua família. Ninguém se lembrou dos favores que ele prestara, das horas agradáveis passadas em sua hospitaleira residência. Ninguém pensou que precisamente o desejo de distraí-los e de obsequiá-los havia contribuído largamente para aquela ruína que ora se censurava em Ardatov como um crime. Ele tombara para nunca mais levantar-se; de nada mais servia agora, e a matilha feroz que saía à cata do prazer passava por ele, pisoteando-o.

A entrada de Madame Kulibine interrompeu a interessante palestra. A moça estava tão visivelmente agitada, que a dona da casa desejou saber das razões da sua emoção.

– É verdade. Estou abalada até o fundo da alma, mas como não estar? Venho da casa de Tâmara! – exclamou a moça.

Um movimento de curiosidade foi prontamente suscitado na plateia.

– Sem dúvida, a pobre criatura despejou também sobre você suas lágrimas e sua súplica para conseguir sua reconciliação com Anatole Pavlovitch, não é? – perguntou Madame Majarovsky.

– É isso que a senhora acha? Acabo de passar mais de uma hora com Tâmara e não vi uma só lágrima correr de seus olhos. Ela suporta sua desgraça como um homem: Calma e digna, ela própria dirige os preparativos para a venda de todos os haveres. O pai e as crianças já foram levados para uma casa fora da cidade. Tâmara é uma heroína. Quando me referi a Anatole Pavlovitch, ela me respondeu com um olhar que me gelou o coração: "E a gente lamenta o que despreza?" Eu lhes digo que foi uma tragédia!

Apesar da ênfase cômica da última frase, vibrava nas palavras de Nadina um tom de tal sinceridade e admiração, que ninguém duvidou da autenticidade de seu relato. Olhares maliciosos começaram logo a buscar Pfauenberg, mas ele já desaparecera, o que provocou discreto mas generalizado riso. O excelente Eitel Franzovitch era conhecido como descarado mentiroso, mas ser assim apanhado em flagrante delito, era sempre algo terrível para aquele assíduo frequentador de salões, infatigável mensageiro de notícias, verdadeiras ou falsas, desde que pudesse com elas divertir à custa do próximo seu frívolo auditório.

Quando se acalmou a animação provocada pelo cômico incidente, várias senhoras decidiram fazer uma visita à Tâmara, para certificarem-se com seus próprios olhos de seu estado de espírito. Dessa maneira, a moça, totalmente absorvida pelos seus afazeres, ficou grandemente surpresa ao verificar o grande número de pessoas que pedia para vê-la. Ela mandou dizer-lhes que a desculpassem, mas que estava muito atarefada para receber quem quer que fosse. Foi-lhe então enviada uma carta, na qual as tenazes visitantes declaravam que várias senhoras haviam decidido comparecer para comprar algo.

Revoltada por essa indelicadeza, pois ela compreendia que somente uma indiscreta curiosidade atraía aquelas mulheres, da

qual nenhuma viera visitar o desventurado doente, Tâmara mandou responder que o leilão estava marcado para o dia seguinte, quando qualquer pessoa poderia apresentar-se para fazer suas compras.

A moça seguiu com olhar de desprezo as carruagens que se afastavam. Ocorreu-lhe que aquelas senhoras desejavam apenas divertir-se com o efeito que sobre ela causara o abandono de seu noivo. Apesar da cólera que fervia nela, experimentou naquele momento profunda satisfação: nem uma fibra vibrava mais em seu coração pelo homem que havia amado. O ferimento que ele lhe causara tornara-a insensível, por um orgulho desmesurado, muito próximo da crueldade. Da mesma maneira que havia sido despreocupada e feliz com a agradável família dos Ericson, como na casa paterna, onde vivia cercada de homenagens, aquele sentimento permanecera em estado latente, mas chegados os dias da desgraça, do abandono e do ultraje, ele se levantara, de repente, como um gigante, invadindo todo o seu ser.

Aquele orgulho desenfreado, duro até a crueldade, impregnara a alma da moça de uma energia quase viril. Calma e decidida, ela assumira a direção do lar em ruínas. Todas as suas ordens revelavam uma lógica e uma clarividência acima de sua idade. Em alguns dias, a menina indolente, sonhadora, indecisa, tornara-se uma mulher cheia de decisão e vontade. Por isso, dominou logo a irritação provocada pela vinda intempestiva das suas antigas conhecidas e, retomando seus afazeres, acertou definitivamente as contas de todos os criados e os despediu. Em seguida, havendo combinado com o almirante algumas providências de última hora, este se retirou, prometendo vir logo cedo na manhã do dia seguinte.

Tâmara e Fanny ficaram a sós na vasta habitação. A baronesa bem que convidara a moça para ir passar com ela aquela noite penosa, mas ela recusara o convite, sentindo-se incapaz de fitar por enquanto o rosto de qualquer pessoa estranha.

Era já noite alta quando a moça e sua fiel camareira fecharam os últimos pacotes destinados à casa nova e os transportaram para o

antigo quarto de dormir de Tâmara. Alquebrada pelo cansaço físico e moral, esta mandou Fanny dormir num divã e acomodou-se, ela própria, numa poltrona profunda e confortável para passar a noite, mas o sono fugia obstinadamente de seus olhos. Uma grande lâmpada coberta com abajur clareava vagamente o emaranhado de objetos diversos acumulados em torno dela, em desordem somente comparável aos pensamentos da moça. Tudo, tudo estava, pois, terminado, desvanecera-se a existência de quietude, de ilusões, de felicidade. Futuro, posição, fortuna, tudo lhe escorria por entre os dedos e diante dela estendia-se, como um abismo sem fundo, um futuro de miséria, humilhação e sofrimento. Um suspiro semelhante a um gemido escapou de seu peito e um tremor nervoso sacudiu suas pequenas mãos fortemente contraídas. Tinha medo da vida, na qual começava a entrar e que lhe parecia uma via dolorosa, eriçada de cardos e espinhos: "Deus todo-poderoso – murmurou ela com fervor –, dá-me forças para suportar o que me impõe e de permanecer fiel ao meu dever".

Naquele instante, apresentou-se claramente à sua lembrança um incidente fútil de seu passado junto aos Ericson: uma tarde, nos aposentos do avô, foram lidas umas páginas que descreviam as ruínas de Pompeia e havia ali menção ao esqueleto de um soldado romano encontrado na sua guarita, onde, fiel ao seu posto, sacrificara a vida ao dever.

Aos ouvintes extasiados ante a força moral daquele simples herói que nem a morte, nem a destruição que o cercava levaram-no a fugir, o velho sábio observou com voz grave e doce:

– Os arqueólogos modernos negam a veracidade desse fato, da mesma forma que se empenham em destruir historicamente os mais belos exemplos de abnegação e heroísmo que o passado nos legou. Quanto a mim, eu creio na narração, pois não são raros na Antiguidade os exemplos de simples guerreiros fiéis ao seu dever, a ponto de esquecerem-se de si mesmos e, mais que qualquer outra, nossa época, egoísta e utilitária, tem necessidade de tais exemplos

sublimes para elevar-se moralmente.

Quantos homens poderíamos encontrar hoje que permanecem fiéis ao seu posto e ao seu dever, quando a desgraça os atinge?

"E eu me desespero, desanimo antes mesmo que comece a luta – pensou Tâmara singularmente acalmada ante essa recordação –. Não; que pelo menos para mim não fique perdida a lembrança de bravura legada à posteridade por tantos heróis anônimos! Posso trabalhar, conseguir minha independência, desprezar os homens e seus favores. E quando me sentir deprimida, hei de me lembrar do soldado romano morto na sua guarita, tanto faz tenham-no encontrado ali realmente ou não."

No dia seguinte, às dez horas, chegaram o almirante e, pouco depois, o Oficial de Justiça e o avaliador oficial. Tâmara retirou-se para o seu antigo quarto de dormir, agora vazio e desnudo. Uma velha poltrona carunchada, com o tecido desbotado, resto de algum aposento da criadagem, e que ela nunca vira, estava colocada junto à janela. Pelo chão espalhavam-se os pacotes que Fanny deveria levar numa carruagem e sobre uma mesa de madeira estavam seu casaco, seu chapéu e uma vela num castiçal de folha de flandres.

Tomada de sombria agonia, a moça aproximou-se da janela e encostou a testa na vidraça. Seguiu, a princípio com o olhar apático, o vaivém dos cocheiros e das carruagens. Notou, a seguir, que numerosos fiacres estacionavam em frente à sua casa. Vinham, em seguida, as viaturas de aluguel e, afinal, as carroças de transporte. Ao mesmo tempo, um murmúrio de vozes e passos de numerosa turba alcançava seus ouvidos. Respirando penosamente, Tâmara deixou a janela e, cobrindo o rosto com as mãos, deixou-se cair sobre a cadeira. Tudo nela tremia e se revolvia e, contudo, com um ardor febril e inconsciente, ela procurava perceber o que se passava ali, naquela sala, onde se consumava a sua ruína.

Seus sentidos superexcitados pareciam ter adquirido extraordinária acuidade. Ela ouvia, apesar da distância, que estava sendo avaliado um grupo de antiguidades. Subitamente, estremeceu: um golpe

fraco, mas distinto, alcançara seu ouvido. Era o anúncio de que mais um objeto acabava de passar a mãos estranhas e lhe parecia que aquele golpe se abatera sobre seu próprio coração para esmagá-lo. Sacudida por um arrepio glacial, a moça tapou os ouvidos e apertou a cabeça contra o frio rebordo da janela: parecia-lhe sufocar. Tinha a impressão de que um véu negro turbilhonava diante dela com um surdo estrondo. Em seguida, perdeu os sentidos.

Uma sensação de frio e a voz de Fanny, que gritava por ela desesperada, fizeram-na voltar a si. Ao abrir os olhos, percebeu a criada toda desfeita em lágrimas, inundando de água de colônia seu rosto e suas mãos.

– Deus seja louvado, senhorita! Ei-la, enfim, de volta – exclamou Fanny com alegria. Misericórdia! A senhora estava toda gelada; pensei que havia morrido e já ia chamar o almirante. Agora, beba, por favor, este copo de vinho. Isto vai reanimá-la.

Tâmara empertigou-se e bebeu maquinalmente. Sentia-se triturada, a cabeça vazia e o lúgubre aspecto daquele quarto devastado e mal iluminado pela vela aumentava ainda mais sua opressão.

– Já terminou tudo? – perguntou ela.

– Tudo acabado, senhorita. Estão entregando os objetos e a carruagem do senhor almirante está esperando na porta para levá-la. Eu irei assim que fizer dois embrulhos de objetos que não foram vendidos e que levaremos para a casa nova.

Naquele instante, o almirante entrou afogueado e visivelmente exausto, mas, ao primeiro olhar dirigido à sua afilhada, exclamou:

– Filha, que tem você? Você confiou demais em suas forças. Depressa, Fanny, vista-a. É preciso partir, para que ela possa descansar.

Como num sonho, Tâmara deixou-se vestir e, apoiando-se no braço do padrinho, passou ao vestíbulo, onde a esperava um grupo

de empregados despedidos na véspera que vinham dar o último adeus à jovem patroa. Maquinalmente, ela procurou na bolsa, para retribuir-lhes a pequena manifestação, a tradicional gratificação, mas o almirante, que a observava inquieto, apressou-se em tirar de seu próprio bolso uma nota, que entregou a um dos servidores para que a repartissem entre si. Em seguida, desceu com Tâmara a escadaria. Uma segunda gratificação foi depositada nas mãos do porteiro. Estavam encerradas as formalidades da despedida e a portinhola da carruagem foi fechada. A moça atirou um último olhar velado de lágrimas ao maciço portal iluminado e à habitação, onde vivera feliz. Uma luz vacilante como um fogo fátuo passava naquele instante ao longo da imensa fila de janelas. Era Fanny, sem dúvida, que a percorria toda. Tâmara apoiou-se nas almofadas da viatura. Apesar de tudo, não esperava que aquela hora fosse tão penosa.

Levada rapidamente por dois cavalos de raça, a carruagem logo estacou diante da nova residência de Ardatov e foi com um sentimento de alívio e de bem estar que Tâmara entrou na pequena habitação aquecida e bem iluminada, onde Charlotte e as crianças receberam-na com grandes demonstrações de alegria.

– Aqui está algo para vocês – disse Sergei Ivanovitch, abraçando seus protegidos e entregando-lhes uma enorme caixa de bombons.

Enquanto as crianças se esmeravam em calorosos agradecimentos, Tâmara correu para o doente e, curvando-se sobre seu ouvido, murmurou:

– Tudo acabado, papai. Não o deixarei mais.

A irmã de caridade retirou-se discretamente, quando o almirante entrou.

– Muito bem, Nicolai, como se sente você? – perguntou apertando a mão de seu amigo.

– Muito bem, muito melhor do que mereço – respondeu o doente com voz fraca e o olhar de humilde reconhecimento fixado em Tâmara.

– Sim, ela é uma valente menina, da qual você pode orgulhar-se – respondeu Sergei Ivanovitch –; mas você, minha filha, em lugar de ficar aqui a ouvir elogios, vai tomar um pouco de chá. Mande trazer-me uma taça também, que vou tomar enquanto falo com seu pai.

Antes de partir, o almirante entregou a Tâmara uma pasta de couro cheia de dinheiro em notas.

– Eis aqui os 1.800 rublos que restaram após o pagamento de todas as dívidas. Guarda o dinheiro, minha querida, e em seguida vai repousar. Você está precisando disso. Depois de amanhã trarei os recibos de quitação.

Declinando os agradecimentos da afilhada, o excelente homem apressou-se em partir e Tâmara, literalmente massacrada de corpo e alma, deixou-se conduzir ao leito pela sua fiel Fanny e logo adormeceu com um sono profundo como a morte.

Levantou-se tarde no dia seguinte. Sentia-se fraca e inútil. Queria velar pelo seu pai, mas a irmã de caridade informou-lhe que, segundo instruções do almirante, ela ficaria ainda quinze dias. Pediu-lhe a boa freira que ela permanecesse em completo repouso. A moça retirou-se, então, para seu quarto e escreveu uma longa carta à sua maternal amiga, Madame Ericson. Havendo confiado ao seu coração fiel toda a extensa desgraça que se abatera sobre eles, todo o sofrimento e amargura que transbordavam de sua alma, sentiu-se algo aliviada. “Agora, querida tia – escreveu ela – compreendo os objetivos da educação que você me proporcionou. Seu coração afetuoso previa nossa ruína e não queria deixar-me desarmada para a vida. Tratarei de me mostrar digna de suas lições, vou utilizar-me de meus conhecimentos e, pelo trabalho, restabelecerei o equilíbrio de meu espírito. Escreva-me logo, querida tia Eveline, dizendo se você está satisfeita comigo. Tenho tanta necessidade do seu apoio! E se a senhora realizar uma sessão, diga a mamãe que sou corajosa e que lhe peço para velar por nós e perdoar meu pai. Ele é tão infeliz, e Deus já o puniu naquilo em que ele pecou”.

Pela manhã, alguns dias depois, a baronesa veio, com o almirante, visitar seus amigos. Após conversarem com o doente, Tâmara levou Vera Petrovna a visitar a casa. Introduzindo-a, em seguida, juntamente com seu padrinho, no salão, ela abordou o problema que mais a preocupava naquele momento, pedindo-lhes que lhe conseguissem um emprego, pois os modestos recursos de que dispunha não poderiam durar muito.

Os dois visitantes trocaram um olhar embaraçado.

– Mas, querida, que sabe você fazer? – perguntou, enfim, a baronesa –. Lecionar é muito difícil e os trabalhos femininos, bordados, etc., são tão mal remunerados, que você se esgotará sem nenhum proveito.

– Não pensei nesse tipo de atividade – observou Tâmara com leve sorriso –, mas posso trabalhar na redação de textos; conheço a fundo quatro línguas: francês, inglês, alemão e sueco e sou capaz de traduzir com facilidade artigos científicos e romances. Além disso, vejam – disse ela, retirando de uma gaveta uma pequena sacola de cetim e um leque ornado com belíssima pintura –, posso fazer objetos de luxo neste gênero para fábricas e lojas. Enfim, um último recurso me resta: sou uma pintora retratista e no inverno passado, em Estocolmo, ganhei uma medalha na exposição.

Mudos de espanto, a baronesa e o almirante ouviram tudo, e duvidando de seus próprios olhos, examinaram a sacola e o leque.

– Mas, minha filha, você é uma verdadeira artista – exclamou, afinal, Sergei Ivanovitch –. E por que você sorrateiramente escondeu seus talentos? Pode mostrar-nos algum retrato que você tenha pintado?

Tâmara levou-os ao seu quarto e mostrou-lhes o retrato do pequeno Harald Ericson.

– Mas é um quadro de mestre! Que colorido! Que expressão! – exclamou a baronesa, que entendia de arte –. Aquela cabeça de criança tem vida e, certamente, um talento desses vale ouro.

– Acho que poderei trabalhar no atelier de algum pintor, assim que papai estiver suficientemente recuperado para que eu possa deixá-lo, mas, para o momento, desejaria algo que eu pudesse fazer aqui mesmo em casa, a fim de poder cuidar dele.

Oito dias mais tarde o almirante chegou radioso. Uma fábrica de leques e objetos de luxo estava tão satisfeita com o trabalho de Tâmara, que concordou em adquirir tudo que ela pudesse produzir. Dois dias depois chegou Vera Petrovna, não menos satisfeita. Por intermédio de Magnus, havia conseguido para ela um trabalho de tradutora muito bem remunerado na redação de uma revista mensal. Trazia, também, uma saudação de parte do jovem e uma encantadora *corbeille* de flores raras que ele enviava a Tâmara, com a expressão de sua respeitosa simpatia.

A moça agradeceu calorosamente. Desaparecia de seu coração um peso enorme ante a certeza de que poderia trabalhar.

Uma carta da Senhora Eveline, chegada no mesmo dia, acabou de consolar Tâmara e de torná-la quase feliz. "Sofro com os seus sofrimentos, minha filha bem amada – escrevia Eveline – e, contudo, sinto-me feliz e orgulhosa ao ver que você suporta corajosamente a adversidade. A força do seu espírito me prova que Deus me permitiu cumprir o mandato que sua falecida mãe me confiou, de fazê-la independente das pessoas e das circunstâncias. Quanto às baixezas morais que se desvelaram diante de você, não se aflija, minha querida. Assim é sempre a turba, cruel no seu egoísmo. Não espere jamais dela qualquer nobreza de sentimentos, mas aprenda a escolher, entre aqueles que conhecer, os corações generosos e devotados como os de seu padrinho e da baronesa. Se eu não tivesse você sob a guarda desses dois nobres amigos, teria ido pessoalmente ajudá-la e sustentá-la".

Um período de relativa calma começou ali, mais difícil, contudo, de suportar, pela sua monotonia angustiada, do que os trágicos acontecimentos que a superexcitação de todas as suas faculdades havia ajudado Tâmara a enfrentar. Com ardor febril, ela se entregou

ao trabalho e como a irmã de caridade partira, ela própria velava junto do pai. Sentada atrás de uma cortina, pois nem sempre o doente aguentava a claridade, ela pintava ou escrevia, levantando-se apenas quando ele tinha necessidade de algo. Somente pela madrugada ela acordava Fanny ou Charlotte, a fim de repousar por algumas horas. Mais ainda do que essa vida extenuante, perturbava-lhe a contemplação de seu pai. Ele percebia que mudos remorsos rugiam dentro dele. Ele se extinguia a olhos vistos. Cada vez que a campainha soava o doente estremecia e, com febril agitação, queria saber quem chegara. Esperava ele que alguns daqueles que se diziam seus amigos viessem vê-lo? O coração de Tâmara sangrava e um sentimento mais amargo e odioso contra o mundo, povoado de traidores e ingratos, invadia sua alma.

Certa vez, seu pai perguntou-lhe:

– Tâmara, Anatole nunca vem aqui. Será que ele se mostrou tão covarde como os outros? Diga-me...

– Não, papai. Fui eu mesma que rompi nosso compromisso. Seria impossível deixar você doente e abandonar a todos, você e as crianças, em mãos estranhas. Muito sentido com a minha decisão, Anatole Pavlovitch conseguiu uma transferência e deixou Petersburgo.

Ardatov não respondeu a não ser por um suspiro e virou a cabeça para o lado da parede. Seu olhar dizia claramente que ele suspeitava da piedosa mentira de sua filha, que estava tentando esconder-lhe uma nova afronta.

O almirante tornara-se visitante assíduo e sempre sua vinda era um raio de sol na triste habitação. Ele brincava com as crianças, cumulando-as de brinquedos e guloseimas, encorajava sua afilhada e procurava distrair o doente. Vendo que Tâmara confinava-se obstinadamente na casa, exigiu que ela saísse a passeio com ele e, quando o dia estava bonito, a levava na sua carruagem para dar uma volta pela cidade. Com frequência encontravam velhos conhecidos, mas a moça, nessas oportunidades, escondia-se no

fundo da carruagem.

– Por que você se esconde e não responde aos cumprimentos? – perguntou-lhe certa vez o almirante em tom de ligeira censura.

– Você se engana, tio Sergei. É a você que eles cumprimentam. Essa gente aí tem medo de me reconhecer e, de minha parte, não quero nada com eles.

Sergei Ivanovitch sacudiu a cabeça tristemente. Percebia a odiosa hostilidade que, cada vez mais, estendia suas sombras sobre o espírito de Tâmara.

Veio a primavera e, em seguida, o verão, sem que melhorasse o estado de saúde do doente, como esperava o médico. As crianças sentiam-se completamente felizes. Brincavam o dia inteiro no belo jardim de alamedas à sombra, sob a vigilância de Fanny ou de Charlotte, que continuavam a servir seus patrões arruinados com zelo e devotamento.

A cadeira de rodas do doente era trazida para a varanda coberta com um toldo, ou para o pequeno pavilhão cercado de moitas de lilases e jasmins, e, sempre doce, paciente e infatigável, Tâmara não o deixava, procurando distraí-lo com a leitura ou a conversação, levando-o a esquecer, tanto quanto possível, a penosa realidade. Sentia-se muito só agora, pois o almirante ausentara-se por causa de seus afazeres profissionais e a baronesa partira para uma pequena propriedade sua em Curlande e somente retornaria no início de setembro.

O coração da moça apertava-se de agonia quando contemplava o rosto descarnado de seu pai, que parecia ter envelhecido trinta anos em poucos meses. A crescente fraqueza dele a enchia de sinistros pressentimentos. Ela não sabia que, vendo-a escrever e pintar tanto, Ardatov suspeitava da verdade, mas sua língua recusava-se a formular a pergunta difícil: “Você está trabalhando por dinheiro?” Essa era, contudo, convicção que devorava suas últimas forças.

Numa tarde chuvosa tiveram que ficar no quarto e Ardatov, que

mantivera longo silêncio a pensar, perguntou subitamente:

– Minha escrivaninha não foi vendida, não é? Parece que eu a vi no seu quarto.

– Não, caro papai, ela era tão sólida e tão cômoda com as suas numerosas gavetas e fechaduras de segurança, que resolvi conservá-la.

Bem, atrás da gaveta do meio há um compartimento secreto. Se você me levar até lá, talvez eu possa abri-lo.

– Isso deixará você exausto. Diga-me apenas como abrir esse compartimento e o que devo fazer para trazer aqui o que você quer.

Graças às indicações do pai, ela conseguiu logo abrir o compartimento secreto que continha apenas um maço de cartas que reconheceu como sendo de sua mãe e uma pasta de couro vermelho que lhe entregou.

O doente retirou um maço de papéis, que folheou com a mão válida e, em seguida, com um gesto fatigado, passou-os a Tâmara.

– Toma isto e prenda-os novamente, Tâmara. Talvez você possa utilizar um ou outro desses documentos e reaver uma parte do dinheiro que eles representam. É dinheiro que me pertence e não tenho a menor obrigação de dá-lo de presente a essas pessoas.

A moça tomou o maço de papéis com curiosidade e o examinou. Eram documentos timbrados e cartas assinadas por pessoas que ela conhecia muito bem.

Havia um bilhete datado de três anos, subscrito por um amável oficial, grande amigo da família, que pedia 1.000 rublos emprestados para saldar uma dívida de jogo, ao mesmo tempo em que se desculpava por não ter resgatado ainda os 500 rublos anteriormente solicitados. Uma segunda carta, da mesma pessoa, continha nova desculpa por estar ainda em atraso e, enfim, uma terceira, escrita seis semanas apenas antes da catástrofe, prometia, sob palavra de honra, pagar tudo no decorrer dos próximos dois meses.

Outro amigo pedia a Ardatov que o ajudasse na compra de uma casa. Para um terceiro, ele tinha dado o seu aval e, como sempre acontece, pagou compromissos do outro. Promissórias vencidas a longo tempo garantiam tais empréstimos. Em uma palavra, Tâmara se convenceu de que a muita gente seu pai havia prestado serviço, que os havia ajudado desinteressadamente e que, na hora da desgraça, todos eles viraram-lhe apressadamente as costas, temendo, talvez, alguma cobrança.

Ela dobrou novamente os papéis com desgosto.

– Uma vez que você assim quer, papai, mostrarei isto a Sergei Ivanovitch e, para uma extrema necessidade, conservarei estas provas da baixeza das pessoas às quais você fez tantos favores, mas, francamente, garanto-lhe que prefiro trabalhar do que manter qualquer contato com esses homens sem honra e sem probidade.

Quando o outono chegou com as suas chuvas intermináveis, os dias encobertos e sua umidade glacial, o estado do doente piorou visivelmente. Já não se levantava mais, tinha períodos de inconsciência, acessos de sufocação e violentas dores internas. O médico sacudia a cabeça e respondia com evasivas, mas ao almirante declarara que o fim se aproximava.

Assim decorreu o mês de setembro. O jardim desnudo e as geadas que, pela manhã, cobriam o campo com um lençol de gelo intensificaram a lúgubre impressão que oprimia Tâmara. O almirante vinha agora diariamente e a baronesa era também visitante assídua, mas, devorada pela dor, pressentindo a separação próxima, a moça mal ousava deixar seu pai e passava todas as noites à sua cabeceira.

O dia 2 de outubro foi particularmente penoso. O doente parecia sofrer muito, mas, mergulhado em pesada prostração, não via nem ouvia os que o cercavam. O almirante, impedido de comparecer por um compromisso inadiável, enviara um bilhete, anunciando que viria no dia seguinte pela manhã e passaria o dia em casa do amigo.

À tarde, Ardatov reabriu os olhos: estava plenamente consciente,

mas tomado de extrema fraqueza e devorado por surda inquietação. Recusou toda espécie de alimento. Mandou chamar Jorge e Olga, abraçou-os longamente e os abençoou. Engolindo as lágrimas, Tâmara instalou-se junto do leito e Charlotte fez questão de velar com ela.

O doente recaiu no seu mutismo; depois pareceu dormir. Nunca as horas haviam parecido tão longas à moça. Aquela noite terrível, com seu silêncio lúgubre e a agonia inominável que a oprimia, teria fim?

Pelas três e meia da madrugada, ela dispensou Charlotte. Seu pai parecia dormir profundamente e a fiel servidora tinha necessidade de repouso. Ficando só, Tâmara tentou orar, enquanto, ansiosamente, prestava atenção à respiração fraca e desigual do doente. Cerca de uma hora havia decorrido, quando Ardatov fez um movimento brusco e chamou com a voz enfraquecida: “Tâmara!”

– Você está sozinha? – perguntou-lhe quando a moça inclinou-se sobre ele –. É bom você chamar alguém, minha filha. Não se sabe o que poderá acontecer... Tenho uma estranha sensação. Acabo de ver sua mãe; é a morte que se aproxima. Ah, como é penoso morrer nestas condições em que estou.

Um gelado tremor sacudiu a moça e seu coração parecia haver parado, mas, procurando vencer essa fraqueza, ajoelhou-se e, apertando nas suas a mão do agonizante, disse:

– Querido papai. Espero que Deus nos poupe esta cruel separação, mas, se essa for sua vontade, é preciso lembrar-se que a morte é uma libertação, o repouso após o sofrimento. E se você viu mamãe, é porque ela veio buscá-lo e você não ficará só ao deixar a Terra.

Nicolai Wladimirovitch virou com dificuldade a cabeça na direção da filha.

– Você não teme a morte, Tâmara, porque nada tem a censurar a si mesma, mas eu tenho muitos pecados. Fui um pai sem consciência, malbaratei o futuro de meus filhos, provoquei a

desgraça deles e minha alma não encontrará paz diante do Senhor.

– Não, não. Não há queixa alguma de você, pai querido. A prece e o amor assistirão você no tribunal supremo, pois nós, os únicos que poderíamos murmurar, o abençoamos e oramos por você. Nesta hora solene, juro-lhe que não lamento a fortuna perdida. Sou jovem e forte, mais ricamente bem dotada do que muitos outros, posso trabalhar e Deus há de me ajudar a desempenhar a tarefa que me impõe. Não pense na morte como uma temível inimiga, mas como anjo consolador. Oremos juntos pelo seu alívio. Quer que eu leia o Evangelho?

Ele fez um sinal de assentimento. Tâmara levantou-se, afastou o cortinado de lã, de forma que pudessem ser vistas as imagens dos santos iluminados por uma lâmpada e acendeu uma vela. Colocando-se de forma que a luz não incomodasse o doente, ela leu para ele, com a voz alterada e entrecortada pelas lágrimas, alguns versículos do Evangelho.

Quando ela voltou a ajoelhar-se junto ao leito, viu que uma grande alteração se produzira no estado do doente. Uma calma profunda e uma piedosa resignação sucederam à inquietação e aos sofrimentos morais que o torturavam. Com inefável expressão de amor, olhou a filha bem amada, cujos lábios trêmulos murmuravam palavras de consolo, de paz e de esperança em uma existência melhor. Invocava ela a bênção celestial sobre aquele que se preparava para abandonar o envoltório terrestre a fim de regressar à pátria eterna e prestar contas de seus atos. Sob esse olhar vivificante de reconhecimento e de amor, Tâmara sentiu estranha sensação de quietude invadir sua alma atormentada. Apesar da dor dilacerante que lhe causava a separação, do fundo mesmo de tal sofrimento, uma ardente invocação brotou de seu coração. Foi uma prece autêntica, que nada tem de pessoal, que apenas sente e implora pelo ser amado, alcançando e colhendo forças e renovação na própria fonte desse fogo celeste que, por mais que esteja coberto de sombras e vacilante, arde em todos os corações humanos. A

fervorosa prece de Tâmara dissipou os últimos alentos impuros, reaqueceu e levantou as forças da alma sofredora do agonizante, mostrando-lhe um caminho rumo ao mundo invisível, à soleira do qual ela permanecia ansiosa!

Subitamente a moça estremeceu: com uma força de que ela não o acreditava capaz, o moribundo acabava de sentar-se no leito. Com os olhos desmesuradamente abertos, fitava fixamente o vazio, enquanto sua mão se estendia na direção de algo invisível à sua frente: "Swanhild, é você, meu pai... Vocês vêm me buscar! Ah! graças, já vou" – murmurou ele, tombando sobre os travesseiros, com o rosto transfigurado de extática alegria.

Tâmara fitava-o, muda e trêmula, julgando que tudo terminara, mas, no mesmo instante, seu pai reabriu os olhos, apertou-lhe fracamente a mão e disse:

– Minha filha bem amada. Abençoada seja você pelo seu amor e devotamento filial e que Deus, o pai supremo dos órfãos, guie e sustente o seu espírito. Quanto a mim, confio na misericórdia celeste, da qual minha mulher e meu pai são os mensageiros. E agora – esboçou o sinal da cruz – que tua vontade seja feita, Senhor. Nas tuas mãos entrego minha alma.

As últimas palavras foram apenas um sopro nos lábios arroxeados. Um estremecimento percorreu-lhe todo o corpo, que se relaxou, pois tudo terminara.

Como que esmagada, Tâmara permaneceu ajoelhada, ainda segurando entre as suas a mão fria do morto. Suas lágrimas pareciam ter secado, enquanto um pesado torpor envolveu seus membros. Logo os olhos se fecharam e sua cabeça abateu-se sobre a beirada do leito – ela perdera consciência da assustadora realidade.

Seriam umas sete horas da manhã e tudo estava em silêncio na casa. Fatigados das vigílias, todos se levantaram mais tarde e apenas Ivan, ainda sonolento, preparava preguiçosamente o samovar na cozinha, quando a carruagem do almirante entrou

desabalada como um furacão pelo caminho e estacou diante da porta de entrada. Muito espantado, o empregado correu, enquanto o oficial entrava apressadamente, perguntando:

– Como vai o patrão?

Ivan respondeu que, naturalmente, ele estava dormindo, pois a senhorita não havia ainda chamado ninguém. Apesar de sua visível inquietação, Sergei Ivanovitch não ousou entrar diretamente, àquela hora, num quarto onde reinava tão profundo silêncio.

Um estranho incidente havia trazido o almirante tão cedo. Eram cinco horas e meia – conforme ele verificou mais tarde – quando a sensação de uma mão fria, que pousava em seu rosto, despertou-o sobressaltado. À luz da lamparina, ele percebeu que havia um homem de pé ao lado do seu leito, mas qual não foi a sua surpresa quando reconheceu Ardatov, que o fitava com estranha fixidez e que, saudando-o com a mão, desapareceu por trás da cabeceira.

O almirante chamou-o, acendeu uma vela e o procurou, mas estava tudo vazio e silencioso. Além do mais, como é que aquele agonizante, que mal se mexia, poderia ter vindo à cidade durante a noite? Sergei Ivanovitch era um homem de natureza sadia e prosaica; nunca presenciara nada de sobrenatural, mas não havia como duvidar: um fantasma havia-lhe aparecido e, tomado da súbita convicção de que seu amigo morrera ou agonizava, levantou-se, mandou atrelar os cavalos e partiu a toda pressa para verificar o que se passava.

Enquanto ele se aquecia um pouco no salão, chegou Charlotte, desolada por haver-se abandonado daquela maneira ao seu cansaço, e os dois entraram em silêncio no quarto do doente. A vela, prestes a extinguir-se, e a lâmpada diante das imagens dos santos clareavam suficientemente um grupo silencioso e imóvel: sobre os travesseiros, a face rígida do morto, refletindo aquela gravidade solene que a alma imprime à matéria que abandona, e Tâmara abatida à beira do leito. Com um grito abafado, Charlotte cobriu o rosto, mas o almirante fez o sinal da cruz, com os olhos

úmidos. Seu desventurado amigo terminara sua vida de sofrimentos e não estivera só naquele momento supremo – um coração inocente e generoso, cheio de devotamento e de amor filial, sustentara-o na sua agonia.

Murmurando uma prece, aproximou-se de Tâmara e, com a ajuda da governanta, levou-a para o quarto contíguo, onde ela voltou a si.

– Minha pobre filha, como lamento ter-me deixado reter, fazendo com que ficasse sozinha neste terrível momento! – disse o almirante, beijando-lhe a testa.

Explodindo em soluços, Tâmara aconchegou a cabeça ao peito do padrinho, que deixou que suas lágrimas corressem livremente.

– Chore, minha querida – disse ele – suas lágrimas são legítimas, mas chore sem amargura, pois você cumpriu fielmente sua pesada e sublime tarefa e a bênção daquele que não mais existe estará presente em sua vida.

Depois que a moça conseguiu ficar mais calma, o almirante contou-lhe a estranha visão que o havia despertado pela manhã; em seguida, pediu-lhe que fosse repousar e despreocupar-se de tudo, que ele desejava incumbir-se de todas as despesas e das dificuldades do enterro.

– Não precisa sacudir a cabeça. Eu também tenho alguns direitos aqui e os gastos são uma bagatela, uma vez que vocês possuem um jazigo perpétuo.

– Não acho que é orgulho impróprio que me inspira, tio Sergei, mas desejava que o enterro de papai fosse feito com o dinheiro ganho por mim. Isto será um doce consolo, por ter trabalhado para atender às suas últimas necessidades. Além disso, sinto que essa contribuição será mais doce à sua alma, partindo de minhas mãos, do que mesmo das mãos de seu melhor amigo.

Sergei Ivanovitch não se opôs mais; porém, à tarde, trouxe uma carta da baronesa contendo uma proposta que ele aprovava. A velha senhora, atormentada por violento reumatismo, estava

impossibilitada de sair, mas convidava Tâmara a deixar imediatamente a casa mortuária e, juntamente com as crianças, passar algumas semanas com ela.

– No meu entender, como seu padrinho, é indispensável, minha querida, que você retorne à cidade. Pelo seu trabalho e pelas crianças, é melhor que esteja mais perto de nós e você não pode recusar à velha amiga a satisfação de ficar com ela enquanto se faz a mudança, ao mesmo tempo em que repousa e refaz as forças de que tem tanta necessidade.

Apreciando a amizade e os conselhos da baronesa, Tâmara aceitou com gratidão a hospitalidade da sua fiel amiga. Na verdade, aquela habitação, da qual cada canto trazia à sua memória lembranças pungentes, repugnava-a naquele momento. Informou apenas que não iria à residência da baronesa senão após o enterro.

– Nem eu nem as crianças deixaremos os restos do nosso querido morto, enquanto tivermos a triste satisfação de poder velar e orar perto dele. E as crianças devem habituar-se a não ter medo dessa passagem que inevitavelmente espera por todos nós!

Na manhã do dia do enterro, muitas caixas chegaram à pequena vila no caminho de Ligovo: uma delas continha um simples mas elegante vestido de luto, presente do almirante; em mais duas caixas, uma guirlanda enviada pela baronesa e outra, ainda mais rica, acompanhada de uma grande *corbeille* arranjada com as mais belas flores. Esta última vinha com uma carta do Barão Magnus Lilienstierna.

O dia estava úmido e brumoso. Nevava e chovia ao mesmo tempo, quando, após uma curta missa de corpo presente, o pequeno cortejo deixou a casa. Duas carruagens apenas acompanhavam o caixão: a do almirante, ocupada por ele e Tâmara, e uma de aluguel, na qual seguiam Fanny e Charlotte com as crianças.

Ainda que Sergei Ivanovitch houvesse publicado na imprensa, a pedido de sua afilhada, um anúncio da morte de Ardatov, nenhum de seus antigos camaradas, amigos de outrora, apresentou-se para

conduzi-lo à sua última morada.

O jazigo da família Ardatov ficava no cemitério do convento de Alexandre Nevski. Era um amplo recinto ornado com uma pequena capela de mármore branco e vários monumentos, cuja riqueza contrastava estranhamente com a pobreza do séquito que trazia àquela esplêndida sepultura o novo hóspede.

Bem ao lado do túmulo dos Ardatov via-se uma sepultura recentemente aberta, em torno da qual se comprimia uma turba compacta que ocupava toda a alameda e que teve de abrir passagem ao caixão de Nicolai Wladimirovitch.

O morto que acabara de ser baixado à cova e sobre cujo caixão eram atiradas guirlandas e braçadas de flores, antes do clássico e simbólico punhado de terra, era um antigo empregado da intendência, cujas malversações haviam-lhe proporcionado imensa fortuna. Àquele homem vicioso e perverso não faltavam amigos que deploravam amargamente sua perda diante da rica viúva.

Entre a turba que se esmerava em atenções, via-se uma grande parte dos antigos convivas da casa de Ardatov. Ao reconhecê-los, Tâmara estremeceu e virou bruscamente a cabeça; tremiam e se rebelavam todas as fibras de seu ser.

Um sentimento não menos desagradável apossara-se daqueles que um malicioso acaso havia colocado inesperadamente em situação de presenciar o enterro do homem que haviam tão cruelmente ultrajado. Mas a visão de um caixão de defunto é, às vezes, mais eloquente do que um sermão: um sentimento de vergonha comoveu aqueles corações empedernidos e frívolos ou seria a presença do almirante que lhes impusera algum respeito? Seja como for, a maior parte dos presentes benzeu-se devotamente e um pequeno grupo juntou-se ao séquito para estacionar dez passos adiante, junto ao túmulo aberto dos Ardatov.

Ignorando os cumprimentos que lhe endereçavam, Tâmara atravessou o grupo e, apoiando-se a um dos monumentos, tentou em vão orar. O tumulto que se agitava em seu espírito quase

sufocava naquele momento a dor da sua perda e foi de olhos secos que assistiu a descida do caixão à sepultura. Era feliz seu pai, por livrar-se de seus sofrimentos. Se havia pecado, havia também expiado seus erros e, por certo, não seriam aqueles que tripudiaram sobre ele e agora faziam hipocritamente o sinal da cruz os que teriam o direito de julgá-lo. Eram piores do que ele, que fora generoso, hospitaleiro e serviçal com todos.

Uma conhecida voz que a interpelava fez a moça levantar a cabeça e, com surpresa, ela reconheceu Eitel Franzovitch que, meloso e beato, mas bem menos obsequioso do que habitualmente, trazia-lhe suas condolências. Tâmara atirou-lhe um olhar indefinível num tom de desprezo não disfarçado e de glacial ironia, que nem mesmo o topete do oficial conseguiu sustentar.

– Veja bem que imprevisto acaso me proporciona o prazer de encontrá-lo, Senhor VonPfauenberg – disse ela, sem olhar para a mão que ele lhe estendia –. É apenas lamentável que meu pai não possa mais partilhar comigo sua atenção.

E sem olhar seu interlocutor desconcertado nem mesmo com um olhar, virou-se e retomou a sua prece.

O almirante arrancou-a de seus pensamentos.

– Vem, minha filha, todos já se foram e você não precisa mais temer certos encontros desagradáveis – disse ele, oferecendo-lhe o braço.

Silenciosamente, dirigiram-se à residência da baronesa. As crianças, que iam com eles, impunham-lhes alguma reserva. Fanny e Charlotte regressaram à casa do subúrbio para providenciar a embalagem dos objetos e preparar a mudança, pois já havia sido conseguida outra casa.

Madame Raban recebeu seus convidados com afeição maternal. De lágrimas nos olhos, ela aconchegou ao peito a pálida moça e os pequenos órfãos assustados.

– Venha, minha querida – disse ela enlaçando Tâmara pela cintura

e conduzindo-a ao pequeno salão contíguo –. Alguém que lhe oferece a mais sincera amizade espera por você ali. Conversa um pouco com ele, enquanto eu levo as crianças para junto da minha velha Henriette, que cuidará de alegrá-los um pouco.

Tâmara circulou pelo pequeno salão o olhar fatigado, mas percebendo o Barão Magnus, aproximou-se dele, com vivacidade, e estendeu-lhe a mão que ele levou aos lábios. Uma compaixão tão afetuosa e calorosa desenhava-se nos olhos límpidos do jovem, que o seu olhar reagiu como um bálsamo na alma ferida da moça. E as lágrimas que ela tão corajosamente sufocara diante dos outros começaram a correr abundantemente agora. Magnus retinha a mão dela na sua e a atraiu para uma cadeira ao lado dele.

– Compreendo a sua dor e toda a amargura pela perda que acaba de sofrer, Tâmara Nicolaevna – disse ele afetuosamente –; mas a consciência do dever bem cumprido é um bálsamo para as chagas da sua alma. Seu amor filial amenizou os últimos dias de seu pai e velou sobre sua agonia. Acredite-me, virá um tempo em que a convicção de haver gloriosamente sofrido uma provação como esta será uma de suas mais preciosas lembranças.

Tâmara apoiara a cabeça no espaldar da cadeira e ouvira em silêncio. A voz sonora e harmoniosa do jovem reagia sobre ela como um calmante. Pouco a pouco suas lágrimas cessaram e ela cedeu à solicitação de Magnus, narrando-lhe os últimos instantes de seu pai e a visão que ele havia tido.

Enquanto conversavam, a baronesa havia conduzido Olga e Jorge ao quarto já preparado para eles e onde os esperava uma mesa carregada de brinquedos e gulodices. Henriette, a velha camareira de Madame Raban, que adorava crianças, incumbira-se de tomar conta deles por alguns dias. Olga e o irmão estavam bem tristes e um tanto constrangidos naquela nova morada, mas uma grande caixa cheia de soldados de chumbo, canhões e viaturas, representando um verdadeiro exército, bem como uma elegante boneca, acompanhada de uma máquina de costura, ajudaram as

crianças a se familiarizarem com a casa e com a criada que tomava conta delas. Suas pequenas faces sombrias descontraíram-se e, em breve, o riso alegre enchia o aposento de ruído.

Convicta de que seus pequenos protegidos estavam bem, Vera Petrovna voltou à presença do almirante e os dois se dirigiram ao pequeno salão, onde ficaram surpresos ao encontrar Tâmara conversando razoavelmente bem com Magnus.

A conversa generalizou-se e Sergei Ivanovitch contou à baronesa o incidente ocorrido no cemitério.

– Sim, o pobre do Senhor VonPfauenberg estava em deplorável situação – observou Tâmara com acerba ironia –. Imaginem: ante o olhar crítico do Conde de Metloff e da família Zamarine, encontrar-se com tão indesejável conhecida e não poder ignorá-la completamente, em vista da incômoda presença do almirante! Mas, também, com que prudência ele mediu a sua saudação, equilibrando-a habilmente entre a deferência de outrora e a afabilidade protetora devida à minha atual miséria. Ah! ele foi sublime no seu gênero!

– Não; aquilo foi uma impertinência pela qual eu o repreenderei severamente na primeira vez que me encontrar com ele. Fique tranquila, minha filha, eu lhe direi francamente o que penso de sua conduta perante você.

– Por mais franca que a senhora seja, Vera Petrovna, aposto que não terá a franqueza de Tâmara – disse rindo o almirante –. Arre! fiquei petrificado ao observar as chamas que saltavam dos seus olhos e do ar de desprezo com o qual ela o fulminou. Até mesmo a volubilidade daquela verdadeira fonte de eloquência que se chama Eitel Franzovitch secou na hora, sob o fogo daquele olhar. Quanto ao mais, minha filha, os homens continuam sendo homens, o interesse os comanda e o exemplo os arrasta. Não se pode exigir deles mais do que podem dar.

– Mas eu os detesto e os desprezo e não me incomodo de dizer-lhes o que penso – exclamou a moça com os olhos fuzilando.

– O que pretende empreender, senhorita, é uma batalha contra moinhos de vento. Combater o vício, o egoísmo, a pusilanimidade, armada apenas da virtude e do dever, é derrotar-se antecipadamente – observou Magnus e acrescentou com um sorriso – e nunca a senhora provará o acre prazer do desprezo enquanto odiar as criaturas. Odiá-las é ainda interessar-se por elas, é também abrir a alma a uma chama nefasta que tudo consome, não deixando de pé senão as ruínas enegrecidas das ilusões destroçadas. O desprezo é a torrente de água que extingue o fogo, mas é água amarga como fel e não nos traz a paz. Falo com experiência própria. Abatido pela enfermidade, pelo abandono e penosas humilhações, sofri o que a senhora está sofrendo atualmente, mas o ódio feroz que me enchia o coração agravava ainda mais o meu estado. Louco, exasperado, desejei desprezar, mas esse áspero sentimento de desafio amargou minha existência, roubou todo o encanto de meu trabalho e, como um véu negro, estendeu-se entre mim e o mundo externo, levando-me a estremecer ante o menor contato com os homens. Relativamente, sem dúvida, isso já era o repouso após as torturas do ódio insatisfeito contra a ingratidão e o abandono e, contudo, até mesmo esse tipo de repouso me deixava arrasado. Pouco a pouco fui compreendendo que somente a indiferença e a concentração em mim mesmo devolveriam a paz à alma. Foi preciso lutar duramente para conseguir esse objetivo, mas isso é possível e a senhora deve fazê-lo Tâmara Nicolaevna, se é que deseja recuperar sua nobre independência de espírito. Quando a senhora conseguir alcançar essa indiferença, substituir o ódio e o desprezo pela morna indulgência em relação ao mal que a cerca, estará revestida de uma couraça invulnerável. Nada esperando e não contando com os homens, a baixeza alheia não a ferirá mais e a senhora rirá da sociedade, tendo em si mesma todos os elementos necessários para substituí-la. Creia-me, trabalhe para conseguir viver sem as criaturas e julgá-las com comiseração e indulgência, mas renuncie à luta contra o egoísmo delas. Ninguém a compreenderia, todos se ririam das aspirações de seu coração, dos

sonhos generosos de uma alma inocente, e seu ideal se cobriria de lama, dado que ninguém pratica senão um culto: a adoração do bezerro de ouro até a aniquilação da dignidade humana.

Magnus se deixara arrastar e animar à medida que falava. Seus grandes olhos, usualmente plácidos, haviam assumido as cores e o brilho do aço. Em cada uma de suas palavras vibrava uma convicção, mas também o eco de todos os tumultuados sentimentos que havia experimentado.

Tâmara ouvira tudo com crescente interesse. Preparava-se para responder quando o almirante a preveniu:

– Há alguma verdade no que o senhor diz, Magnus Oscarovitch – observou ele tocando amavelmente o ombro do jovem –, só que o senhor não percebe que esses dois elementos destruidores – o ódio e o desprezo – ainda estão no fundo da sua resignação. Na minha opinião, o ideal para o qual todos devemos tender, o único que verdadeiramente nos proporcionará a paz, não é a indiferença, mas a indulgência afetuosa, a verdadeira caridade pregada pelo nosso Salvador, que lamenta o pecador, sem deixar de ver nele, não o inimigo, mas o irmão que ele ama como a si mesmo. Reconheço que estamos longe disso, mas esse objetivo é o único válido. Quanto a essa venenosa nulidade, o Pfauenberg, ele não é digno nem do desprezo. Não pense mais nele, Tâmara.

– Ora, ora, o senhor é muito radical, Sergei Ivanovitch – disse a baronesa –. Reconheço que Pfauenberg portou-se mal, mas por leviandade, estou certa. Ele é mundano e dissipado, eis tudo. Poderia um médium desses interpretar tão sublime espírito se fosse malvado?

– Grande médium, ele? Esse farsante que mente cada vez que abre a boca! – retrucou vivamente o almirante –. Isto não é conhecido nas casas que ele frequenta, mas me contaram que no seu regimento é sabido que ele falta à verdade nove vezes em dez, tanto quanto se zomba de sua vaidade, seja quando ele diz que visita embaixadores, seja quando diz escrever eruditos artigos que

outros corrigem anonimamente. Não. Não me fale desse patife que, conhecendo sua ideia fixa pelo fenômeno espírita, procura lisonjear a senhora com as suas sublimes comunicações.

– O senhor é que está com a ideia fixa na incredulidade preconcebida – respondeu Madame Raban com bom humor –. Acredite ou não, à vontade, mas repito-lhe que há comunicações que não podem vir senão de uma inteligência celestial, e Calchas é um desses espíritos.

– Deixe-o, então, com o seu médium celestial e não percamos nosso tempo a discutir coisas tão impalpáveis – respondeu a rir o incorrigível almirante.

---

5 Kopeck: moeda russa equivalente à centésima parte do rublo. Ao tempo em que decorre a ação do livro de Rochester, o dinheiro tinha ali alto poder de compra, de vez que um dote de 80 mil rublos era considerado uma pequena fortuna, ao passo que uma boa casa de campo, provida de todo o conforto da época, alugava-se por 300 rublos por ano, ou seja, 25 por mês.

6 Dâmocles: viveu na corte de Diniz, o Antigo (século 4 antes de Cristo). Para fazê-lo compreender como era precária a felicidade dos tiranos, Diniz mandou suspender durante um banquete, sobre a cabeça de Dâmocles, uma pesada espada por um fio de crina de cavalo. Diniz foi tirano de Siracusa, na Grécia. No sentido primitivo, tirano era apenas o soberano investido de poder absoluto. Só posteriormente passou a significar pessoa – soberano ou não – despótica, injusta e cruel.



A operária do pincel

Quando a mudança terminou e Tâmara instalou-se numa pequena casa situada à Rua Torgóvia, não longe da residência do almirante, ela cuidou de dedicar-se ao trabalho. Seus amigos lhe haviam aconselhado a repousar um mês ou dois, mas ela declarou-se completamente restabelecida e solicitou-lhes apenas que a ajudassem a conseguir uma ocupação como pintora de retratos, o que estava mais de acordo com seu gosto e seria bem mais lucrativo do que as traduções e a decoração de leques.

A baronesa e o almirante puseram-se em campo, mas sem êxito. Dificuldades imprevistas surgiam de toda parte. Inocentemente, Tâmara e seus protetores imaginavam que bastaria o talento para garantir o sucesso. Ainda teriam de aprender, à custa de uma série de duros desgostos, que é a fama, merecida ou não, mais do que o talento, que traz o pão e a glória.

Tâmara começava já a se desanimar, quando numa tarde Madame Raban lhe disse com visível desgosto:

– Minha querida, devo fazer-lhe uma proposta que me repugna, mas que julgo de meu dever submeter à sua apreciação. Você sabe

das dificuldades que temos encontrado em conseguir-lhe encomendas de retratos. É que seu nome é desconhecido e toda uma falange de pintores medíocres, mas que já lançaram raízes e formaram clientela, bloqueiam o seu caminho. A divulgação é necessária. Pois bem, há sempre pessoas de senso prático que não se envergonham de aproveitar-se das dificuldades de um artista iniciante para conseguir, a bom preço, uma obra de arte.

– Compreendo. Trata-se de alguém que deseja que eu pinte apenas para divulgar o meu nome? – perguntou Tâmara com amarga ironia.

– Justamente; é isso. Sempre encontro em casa da minha cunhada certa Madame Elaponine, esposa de um riquíssimo engenheiro de minas. Essa pessoa não me agrada sob nenhum aspecto, mas é uma verdadeira matraca e o que ela conhece de gente é uma enormidade! Ontem à tarde, ao ver o seu trabalho, ela concordou em servir-lhe de modelo. "Se a Senhorita Ardatov desejar fazer meu retrato – acrescentou ela – eu a recomendarei e a autorizarei a expor seu trabalho no próximo salão. Naturalmente não posso remunerá-la; já basta que me arrisque a confiar numa artista completamente desconhecida, mas fornecerei a tela e pagarei suas despesas de transporte". É uma impertinência, eu sei, e, no entanto, minha querida, quase a aconselho a aceitar, uma vez que você poderá colocar na exposição o retrato de uma pessoa conhecida e o seu nome, que será divulgado, se beneficiará da publicidade que lhe falta e sem a qual nada se fará.

Após um momento de reflexão, Tâmara aceitou. Ela não rejeitaria esse tipo de trabalho se conseguisse criar para si mesma certo renome e a independência.

Todo o resto foi ajustado por intermédio da baronesa e, no dia combinado para a primeira sessão de trabalho, Tâmara apresentou-se na casa de sua cliente. A caixa de tintas e outros acessórios haviam sido enviados para ali durante a tarde.

Madame Adélia Elaponine ocupava à Rua Liteinaia uma vasta

habitação luxuosamente decorada. Era uma grande e robusta alemã, próxima dos quarenta anos, feia e vulgar, mas cheia de pretensão. Recebeu Tâmara ainda em trajes caseiros e a conduziu logo ao pequeno salão que iria servir de atelier. Sobre um pequeno tablado coberto com um tapete estava posta uma cadeira e junto de uma larga janela, tipo veneziana, desembaraçada das suas cortinas e das flores que a obstruíam, encontrava-se um cavalete. A moça observou, com desagradável surpresa, a enorme tela colocada sobre o cavalete.

– Essa tela é grande demais para um retrato comum – disse ela. Para ocupá-la toda, teria que pintar a senhora em tamanho natural até os joelhos.

– Como! A senhora pensava em fazer apenas minha cabeça em proporções reduzidas? – disse Madame Adélia, enquanto um vermelho ardente lhe cobria as faces –. Pois escolhi um vestido de cetim e uma tela bem grande para proporcionar-lhe a oportunidade de mostrar a sua técnica na reprodução dos tecidos! Mas para isso é preciso que se veja uma parte da sala. Além do mais, um quadro grande é sempre mais notado.

Cheia de íntimo desgosto, a moça não fez outras objeções e interrompeu a torrente de palavras, pedindo ao seu modelo para começar o trabalho. Muito alegre, Madame Adélia desapareceu após prometer, com as afetações de uma moça, estar pronta dentro de meia hora. Sombria e silenciosa, Tâmara atirou-se a uma cadeira e se absorveu em seus pensamentos, nada alegres.

O ruído de passos e o tilintar de esporas no salão contíguo arrancaram-na de suas reflexões. Ela virou-se e viu, pela porta aberta, um oficial que caminhava de um lado para outro, parando diante de cada espelho para ajeitar algo em seu uniforme ou cofiar a barba. Ao cabo de alguns minutos ele entrou no aposento onde Tâmara estava sentada ante o cavalete e, sem a mínima preocupação com a jovem artista, deixou-se cair sobre uma cadeira e estirou comodamente as pernas.

Essa ostensiva ausência da mais elementar polidez fez o coração da moça bater violentamente e uma súbita palidez estendeu-se sobre seu belo rosto. Ela tomou uma revista ilustrada que se encontrava ao alcance da sua mão e fingiu ler, mas a despeito de si mesma, seu olhar a todo momento se fixava num espelho, no qual se refletia a imagem do recém-chegado.

Era um homem alto e jovem, muito magro e de tipo oriental. O rosto, longo e pálido, estava enquadrado numa pequena barba pontuda de cor castanha. Nada se via dos cabelos, pois a cabeça fora raspada até a pele. Os olhos negros, pequenos e oblongos, refletiam uma gelada presunção e a mesma expressão de desdenhosa altivez emprestava um aspecto desagradável a toda a sua pessoa.

As mãos que ele cruzara sobre o peito eram ossudas e mal cuidadas, mas os pés, calçados de botas luzentes, eram pequenos e aristocráticos e era óbvio que representavam para o seu proprietário indistinguível objeto de orgulho e admiração. Em suma, era um belo homem, mas aquela indefinível expressão de enfarado orgulho, os traços um tanto desbotados precocemente, esmoreciam a impressão favorável.

A seu turno, o oficial espiava disfarçadamente e com curiosidade a jovem senhora de luto, cuja face impassível e toda a sua pessoa compunham uma aparência de suprema distinção. Madame Elaponine lhe dissera que deixaria pintar por filantropia, para socorrer uma pobre artista e ajudá-la a tornar-se conhecida. Não mencionara o nome de Tâmara e deixara bem claro que a beneficiada era a moça, da qual ela explorava descaradamente o abandono e a necessidade de lançar o nome.

O ruído de um vestido de seda e uma exclamação puseram fim ao silêncio que reinava no atelier improvisado.

– Ah! caro príncipe, como o senhor é amável em ser tão pontual – disse ela.

Com as duas mãos estendidas, Madame Adélia dirigiu-se ao oficial

que não parecia prestar atenção alguma à sua euforia, e que beijou negligentemente uma das mãos que ela lhe oferecia.

– Eis-me à sua disposição, senhorita. Acho, porém, que vocês ainda não se conhecem. O Príncipe Emílio Felixovitch Fluresco. Senhorita Tâmara Ardatov.

O príncipe fez uma ligeira saudação, Tâmara inclinou a cabeça e sentou-se. O nome Fluresco lhe era desconhecido, mas o príncipe dissimulou ligeira surpresa. Ele conhecia o nome e a história de Ardatov e havia encontrado várias vezes em sociedade o rico financista. “Ah! eis, então a sua filha – pensou ele – que agora precisa transformar em ganha-pão um talento recreativo”.

Enquanto isso, Madame Adélia instalara-se em sua cadeira, revirando-se cheia de maneirismos, mas quando a fitou para fazer um primeiro esboço, a moça sentiu um estremecimento interior: todas as fibras de sua alma de artista se rebelavam contra aquele modelo, cuja feiúra e mau gosto melhor se prestavam a uma caricatura.

Madame Elaponine trazia um vestido de cetim verde-esmeralda, cujo tom se chocava brutalmente com sua pele cor de oliva e mais as bolsas sob a tez rugosa, que se mostravam apesar dos cremes e pinturas. A parte superior do vestido, decotado até os extremos limites da decência, descobria um busto maciço e costas encurvadas, aprisionados num espartilho apertado a ponto de dificultar até a respiração. Uma guirlanda de flores aquáticas que, descendo das espáduas, cortava obliquamente a blusa, acrescentava novas dimensões ao busto já de si tão opulento. De um laço de fita representando uma manga saiam grossos braços nus, marcados de veias e manchas vermelhas e terminadas em mãos grandes e vulgares de dedos nodosos. Em um vestido simples e austero, a feiúra daquela mulher poderia ter sido decente. Naquela pretensiosa vestimenta de baile, contudo, ela era simplesmente repugnante. Mas Madame Adélia nem suspeitava da desarmonia berrante de sua pessoa; ao contrário, estava consciente de seu

fascínio.

Com um profundo suspiro, Tâmara pôs mão à obra, enquanto seu modelo entabulava animada conversação com o Príncipe Emílio, que se pusera um pouco à distância. Concentrada inteiramente no seu trabalho, ela não prestou atenção, de início, à conversação cada vez mais barulhenta, mas logo lhe foi impossível ignorar o que eles diziam tão alto e um rubor de vergonha começou a mostrar-se em seu rosto. Discutiam, com uma franqueza digna de Juvenal[7], a crônica escandalosa da cidade. Os relatos descarados, temperados de brincadeiras cínicas, desfilavam sem interrupção e foi com verdadeiro alívio que Tâmara pôs fim à sessão de pintura e apressou-se em se despedir.

A moça esperava que, no futuro, Madame Adélia estivesse sozinha, mas em vão: o Príncipe Fluresco apresentava-se fielmente para fazer-lhe companhia e frequentemente Tâmara sentia-se tentada a jogar fora seus pincéis e abandonar o trabalho que se lhe tornava odioso. O provocante coquetismo de Madame Adélia e a desinibição galante do príncipe levaram-na, a despeito de si mesma, a compreender que tipo de relacionamento havia entre eles. Não davam a mínima importância à sua presença e chegavam até a esquecer a pobre artista que, absorvida no seu trabalho, parecia não ver, nem ouvir, jamais se metendo na conversa. Tâmara, contudo, sofria quase que fisicamente ao constato de toda aquela mal disfarçada lama. Às vezes ela se perguntava, contemplando o príncipe, por que espécie de aberração dos sentidos e do coração aquele homem jovem e belo, tão precocemente desgastado, fora amar aquela mulher feia e vulgar, mais idosa do que ele e cujos lábios jamais pronunciavam uma só palavra inteligente, cuja moral, como o físico, chocavam-se contra todos os sentimentos estéticos. E, no entanto, era evidente que sua companhia o agradava, pois passavam horas a conversar, rivalizando-se em cinismo e exibindo prazerosamente sua imoralidade.

Jamais conhecera tipos como aqueles, autênticos produtos da

podridão social a que se dá o nome de alta sociedade: ela, vã, sensual, sem princípios, só admitindo na vida um objetivo: o prazer; e ele, enfastiado de tudo, depravado, em busca do vício, única coisa que ainda o distraía.

Nem seu título nem sua origem haviam podido preservar-lhe a nobreza do espírito, e se ele se encontrasse a sós com Tâmara, evitava o olhar puro e digno da moça e sua inspiração parecia secar-se à fonte. Com ela, faltavam-lhe assuntos para a conversa.

Frequentemente, ao fitar seu modelo, cuja face exprimia sentimentos brutais, ela a comparava a uma bacante e, com o talento que lhe era próprio, fixou na tela e personificou de alguma forma a alma de sua cliente naquele retrato. Não obstante, tudo foi feito com tamanha discrição, que a sátira não saltava aos olhos, embora não escapasse ao bom observador.

Tâmara sentiu verdadeiro alívio quando o retrato ficou pronto, mas ela não se livraria tão cedo de Madame Elaponine, que, não compreendendo o quanto havia sido duramente caracterizada, estava maravilhada com o retrato. O cetim fulgurava, as flores pareciam vivas e ela considerava adorável o sorriso provocante, a expressão apaixonada do olhar. No impulso desse primitivo entusiasmo, ela decidiu que Tâmara deveria pintar também o retrato de Fluresco. Ela recusou, mas Madame Adélia tinha um jeito tão irresistível de persuadir as pessoas e, a não ser por um gesto de aberta grosseria, Tâmara tinha que ceder.

– Está bem – disse ela, enfim –. Pintarei o príncipe, já que a senhora tanto o deseja, mas com uma condição: a de que ambos escolham em minha presença outros temas para conversação e não me obriguem a corar de vergonha.

Madame Elaponine explodiu numa enorme gargalhada.

– Meu Deus, Tâmara Nicolaevna! Que pudor excessivo! Hoje em dia se fala dessa maneira em toda a sociedade; todas as moças leem Zola e se deliciam com os autores naturalistas. Não é nem mesmo de bom gosto fazer o papel de ingênua, mas não importa,

desde que você assim quer, falaremos, daqui por diante, como duas crianças.

– Eu lhes serei muito reconhecida – respondeu a moça com um sorriso.

De má vontade, assim, Tâmara começou o retrato do príncipe, que lhe era antipático e, outra vez, intencionalmente, emprestou à sua face uma expressão satírica e cheia de convencimento que lhe era própria quando ele tagarelava com Adélia. Conseguiu até fixar no canto de seus lábios uma fugitiva contração produzida por um tique nervoso do qual ele sofria.

Terminados os dois quadros, a baronesa e o almirante vieram vê-los. Espantados, examinaram longamente os retratos e, em seguida, trocaram um sorriso. Naquela tarde, porém, durante o chá em casa de Madame Raban, Sergei Ivanovitch observou a rir:

– Ah! Tâmara, você é uma grande pintora, mas tem um gênio bem perverso... (E riu gostosamente). Você pintou um par formado de um sátiro e uma bacante. Até o tique nervoso do príncipe você encontrou jeito de fixar na face desdenhosa dele. Quando os seus grandes modelos perceberem, contudo, como você os interpretou tão bem, não ficarão nada satisfeitos.

– Meu Deus! Tio Sergei, não fui eu, foi meu pincel, revoltado ante modelos como aqueles, que assim os caracterizou – respondeu Tâmara sem partilhar da hilaridade de seu padrinho. Reconheço, porém, que criar um nome artístico a um preço desses é mais penoso do que ser uma operária ou lavar louça.

Com efeito, a moça estava preocupada e cansada. O grande trabalho que havia concluído trouxera-lhe apenas acréscimo de dificuldades, pois, para não perder completamente o tempo e atender às despesas da casa, ela se via forçada a sacrificar suas tardes e frequentemente uma parte da noite para trabalhar nas traduções. O retrato do príncipe, é verdade, lhe seria pago, mas um acaso fatal impediu Tâmara de embolsar os 150 rublos do preço combinado. É que, quando o príncipe trouxe o dinheiro à Madame

Adélia para que ela o entregasse a Tâmara, a intermediária estava com um pequeno problema financeiro: sua modista exigia imperiosamente pagamento, pelo menos parcial, de uma dívida; do contrário se recusaria a incumbir-se da confecção de um novo vestido de que sua cliente tinha necessidade para um baile de máscaras dali a poucos dias. Sem refletir mais longamente, Madame Elaponine entregou à modista o dinheiro destinado a Tâmara, dizendo a esta que lhe pagaria logo que o marido lhe entregasse a quota habitual para suas despesas pessoais... Não havia mal algum, na sua opinião, em que a artista esperasse algumas semanas.

Infelizmente, quando recebeu sua mesada trimestral, Madame Adélia teve tantas despesas novas que lhe pareceu impossível pagar a dívida. Depois disso, ela simplesmente esqueceu o assunto e Tâmara, muito orgulhosa para mendigar o que lhe cabia por direito, renunciou aos seus honorários e às despesas com as tintas.

Nenhuma outra encomenda aparecia, por enquanto, mas o almirante e a baronesa nutriam suas esperanças quanto à exposição que estava para abrir-se, e que deveria atrair a atenção do público para o brilhante talento da moça. Tais esperanças não se concretizaram. A exposição, que se inaugurou pouco depois, não produziu os resultados esperados. Alguns conhecedores admiravam o belo trabalho de Tâmara; um jornal mais modesto concedeu-lhe algumas linhas benevolentes e foi tudo. O nome da jovem artista, contudo, fora mencionado e ela recebeu algumas encomendas. Ela imaginara coisa bem diferente, mas talvez somente o começo fosse assim tão difícil.

Seguiu-se um período relativamente calmo. Tâmara pintava com resignação toda uma série de retratos da família de um rico comerciante. Passava sempre duas tardes por semana na residência da baronesa, mas recusava-se sistematicamente a comparecer às suas recepções, desculpando-se com o seu luto. Preferia as horas agradáveis de conversação que passava em

companhia de Vera Petrovna e de Magnus, que vinha sempre fazer companhia às duas senhoras quando estas se achavam a sós.

A baronesa saía pouco naquele inverno, por estar sofrendo de violento reumatismo em uma das pernas. À exceção do dia em que dava suas recepções, passava todas as tardes no seu próprio círculo ou em casa de amigos e sentia-se muito feliz na companhia de seus dois protegidos, alegrando-se com a inesgotável tagarelice deles, ainda que às vezes lhe fosse algo difícil segui-los nas profundezas metafísicas das questões que eles debatiam. A órfã e o barão se tornavam cada vez mais amigos. Atingidos ambos pela desgraça no limiar da vida, simpatizavam-se um com o outro e a semelhança de gostos e opiniões os aproximava ainda mais.

Às vezes, acontecia, ainda, a Tâmara encontrar Pfauenberg, que visitava frequentemente Madame Raban. O oficial havia reassumido, junto da moça, sua insinuante polidez, mas ela o evitava com uma gelada reserva. Apesar da vida recolhida que ela levava, ele ficou sabendo que algumas boas almas haviam transmitido fielmente à moça as observações maldosas que ele fizera publicamente ao relatar o ridículo amor que ela teria confessado por Anatole Tarussoff, imputando-lhe tamanha humilhação ante o homem que ela desprezava. Essa intenção maldosa de feri-la no seu amor próprio, e isso num momento de tamanha desgraça, despertara na alma orgulhosa de Tâmara um sentimento que raiava pelo ódio. Ela o teria perdoado, como a outros, de haver fugido dela no momento do infortúnio, mas a lembrança das humilhantes calúnias propagadas por Eitel Franzovitch tornaram odiosa sua presença.

Com a baronesa ela não mencionava jamais esse assunto; ela sabia que sentimos bem menos as ofensas a outrem, ainda que sejam nossos melhores amigos. Além disso, ela conhecia bem a preferência de que gozava Pfauenberg junto dela por causa das suas faculdades mediúnicas. Vera Petrovna, contudo, percebia a aversão que inspirava à moça o médium de Calchas e procurava, de

toda forma, desculpá-lo.

Um dia, após um desses encontros fortuitos, Madame Raban observou:

– Querida Tâmara, observo com pesar que você guarda impiedoso rancor de Pfauenberg. Isso não é bom, minha filha. Sem dúvida ele agiu mal com você, mas isso se deve à leviandade de seu caráter. Já há muito tempo ele reconheceu seus erros e os deplora. Como cristãos e espíritas, é de nosso dever sermos indulgentes e a Eitel Franzovitch pode-se perdoar muita coisa em vista das suas admiráveis faculdades mediúnicas.

– Ele esconde tão cuidadosamente sua condição de espírita e se envergonha tanto de ser médium, que não me sinto no dever de o considerar como um irmão de crença. Por outro lado, esse Calchas não me inspira confiança...

– É porque você se prende às prevenções que te inspiram o médium e está sendo parcial, minha filha. Calchas é um espírito de extraordinária sabedoria; ele trata melhor do que um médico. Recentemente ele me prescreveu para beber uma cocção dessa erva *Damiani*[8] que Pfauenberg também toma por sua ordem e em poucos dias fiquei quase boa das minhas enxaquecas. Quanto a ele, desde que começou a tomar essa erva maravilhosa, suas faculdades ocultas decuplicaram e Calchas passou a materializar-se completamente.

– A senhora já o viu?

– Sim, claro, mas não eu apenas.

– Quem mais, então? Pfauenberg, contudo, esconde cuidadosamente sua condição de médium.

– Isso foi antes. Agora, Eitel Franzovitch superou completamente essa fraqueza e propaga nossa crença com zelo dos mais louváveis... Não sorria tão sarcasticamente; ele participa de vários grupos e há pouco tempo convidaram-no para as sessões de um grupo tão distinto, que ele me confiou a notícia sob o maior sigilo (a

baronesa curvou-se e murmurou algumas palavras com ar misterioso ao ouvido de Tâmara). Pois bem, mesmo essas personalidades estão maravilhadas quanto às suas faculdades e às manifestações de Calchas.

Tâmara levantara a cabeça um pouco surpresa, mas logo retomou seu tom ligeiramente irônico.

– Que quer a senhora, Vera Petrovna? Apesar de tudo o que a senhora me diz, não creio na sinceridade do Senhor von Pfauenberg. Tudo o que conheço acerca de seus princípios choca-se com os princípios do Espiritismo. Sua maneira de estimar ou desprezar as pessoas, não pelo mérito de cada uma, mas segundo sua fortuna ou posição social, seu ardente desejo de casar-se bem... A senhora mesma me disse que ele não faz questão de beleza nem virtude em sua futura esposa, mas de um rico dote. Tudo isso é indigno de um divulgador da verdade, de um adepto dessa ciência que escolheu por divisa: “Fora da caridade não há salvação”. Não, não, Vera Petrovna, esse súbito interesse esconde outras razoes. A vaidade e o desejo de projetar-se podem também levar alguém a desejar exibir o título de médium, mesmo que ainda um tanto ridicularizado, se essa condição abrir portas que o simples Eitel vonPfauenberg, sem Calchas, jamais cruzaria.

– Você e incorrigível, Tâmara, e encontra argumentos difíceis de refutar. Mantenho, contudo, minha opinião e, com o tempo, você abandonará suas injustas suspeitas.

Uma nova provação para o orgulho de Tâmara foi a de ser convidada para fazer o retrato de uma jovem que ela conhecera outrora na sociedade e com a qual mantivera relações bastante amistosas.

A Senhorita Eugênia Stakov era uma bela moça de cerca de vinte e cinco anos, muito vaidosa, pouco desenvolvida intelectualmente, mas não maldosa. Acolheu Tâmara com afabilidade e a tratou como a amiga de antes, confiando-lhe com toda franqueza seus segredos, suas decepções e suas esperanças. Tais confidências, aliás,

giravam em torno de um único assunto: os múltiplos amores de Eugênia. Estava sempre apaixonada e seus numerosos projetos de casamento sempre se desfaziam por um infeliz acaso. No seu foro íntimo, Tâmara admirava-se daquela flexibilidade de coração. Ela não podia compreender que se pudesse amar vinte vezes, sempre com o mesmo vigor, o mesmo calor e, em breve, ela admirou-se ainda mais: Eugênia parecia ter resolvido o enigma de amar a três homens de uma só vez.

Ainda que isso parecesse inverossímil, era preciso crer ao observar o tratamento igualmente caloroso e expansivo que a Senhorita Stakov prodigalizava a três adoradores que ela manobrava habilmente, a fim de não tê-los todos juntos ao mesmo tempo. Um desses pretendentes era Pfauenberg, que habitualmente partia quando Tâmara chegava. O olhar claro e incisivo da moça lhe era visivelmente desagradável. O segundo, um oficial de marinha, que vinha de Cronstadt duas vezes por semana e, finalmente, um jovem professor de canto e de música ligado ao Conservatório e que lecionava a Eugênia. Este era o mais simpático e também o mais sinceramente apaixonado, o que não impedia que fosse o menos favorecido dos três, apesar das atenções e dos olhares langorosos que ela lhe prodigalizava. A diferença era sensível para quem assistia às entrevistas da moça com Pfauenberg e o oficial.

Tâmara divertia-se, a princípio silenciosamente, com essa tríplice intriga, mas uma inesperada complicação veio estragar-lhe o bom humor: o pai de Eugênia começou a frequentar as sessões de pintura e a testemunhar um interesse vivo demais pela jovem artista.

O Senhor Stakov era um homem de cerca de 60 anos e passava por ser muito rico, possuindo a soberba mansão na qual vivia e, ainda, uma grande propriedade numa das províncias do interior. Mas sua reputação de “boa vida” não era menos solidamente estabelecida e a insipidez açucarada de suas maneiras, o cinismo libertino que pairava no seu olhar, tornavam-no detestável aos olhos de Tâmara. Apesar da fria reserva desta, ele se fazia cada vez mais

galante e um dia, ao chegar, ela já o encontrara no atelier. Eugênia, que terminava sua lição de canto, estava ainda no outro salão. Silenciosamente a moça o cumprimentou e começou a arrumar seus pincéis e sua palheta. De repente, ela sentiu que um braço a tomava pela cintura e uma voz apaixonada murmurava ao seu ouvido:

– Tâmara Nicolaevna, mulher adorável, permita-me amá-la e você não terá necessidade de trabalhar. Tudo o que o ouro e o amor podem criar de satisfações eu o colocarei aos seus pés.

Como que impulsionada por uma mola, Tâmara virou-se no mesmo instante e viu a cabeça de Eugênia desaparecer atrás de uma porta. Rubra de cólera, ela mediu com um olhar fulminante o velho aventureiro que, sem respeitar seus próprios cabelos brancos, a fixava como um jovem de vinte anos. A resposta que ele leu nos olhos de Tâmara não necessitava de palavras para ser compreendida: desprezo e desgosto dali transbordavam. Perturbado e com o rosto manchado de marcas vermelhas, o muito amadurecido Don Juan balbuciou algo e desapareceu.

Alguns minutos depois, Eugênia entrou, com as faces em fogo e ocupou seu lugar. Tâmara, igualmente agitada, tomou seus pincéis e começou a trabalhar. Nem uma palavra foi trocada, mas ao fim da sessão ela observou, enquanto arrumava as tintas:

– Não poderei vir concluir o seu retrato, Eugênia Stakov. Como ainda precisamos de algumas sessões, talvez a senhora concorde em ir à casa da Baronesa de Raban.

Eugênia veio abraçá-la contrafeita.

– Querida Tâmara Nicolaevna, não leve a sério o procedimento do papai; ele é incorrigível e não pode ver com indiferença uma mulher tão bonita como você. Além disso, ele não a importunará mais, pois parte amanhã para Tula. Sua presença é necessária em nossa propriedade e ele só voltará daqui a quinze dias.

Ainda que contrafeita, Tâmara consentiu, dessa maneira, em terminar o retrato ali mesmo em casa de Eugênia e apressou o seu

trabalho tanto quanto possível. Poucos dias depois ela percebeu que uma profunda agitação se apossara da moça; ela se mostrava nervosa, preocupada, inquieta e parecia estar na expectativa de algum acontecimento sobre o qual, contrariamente aos seus hábitos, nada lhe falou.

Certa manhã, chegando à hora combinada, Tâmara não encontrou Eugênia. Havia saído inesperadamente, segundo lhe disse uma velha cozinheira, pobre ser oprimido que funcionava na casa também como uma espécie de governanta, pois o dono da casa era viúvo. Sem comentário, Tâmara se pôs ao trabalho, dando os últimos retoques nos acessórios. Pouco depois Eugênia chegou afogueada, superexcitada e visivelmente furiosa. Disse não poder posar naquele dia, mas suplicou à moça que ficasse, pois tinha um pedido a fazer-lhe mais tarde. Cerca de meia hora depois, chegou o oficial de marinha e foi prontamente levado por Eugênia aos seus aposentos particulares para uma conversa misteriosa que durou longo tempo e foi das mais tempestuosas, pois as vozes se elevavam, às vezes, a tons muito altos. Em seguida, o oficial retirou-se extremamente agitado e Eugênia teve um acesso de histeria que Tâmara e a pobre cozinheira fizeram o possível para acalmar. Seus esforços foram coroados de êxito mais depressa do que esperavam, pois subitamente a doente empertigou-se, enxugou as lágrimas e foi mirar-se num espelho, diante do qual começou a reparar ativamente a desordem provocada nos cabelos e nas roupas.

– Meu professor de canto vem aí e tenho que estar pronta para a aula – declarou ela às duas mulheres estupefatas.

Mais do que nunca desejosa de desfazer-se daquele retrato, Tâmara se pôs ao trabalho, mas aquela tarde lhe reservava ainda uma surpresa: em lugar de cantar, Eugênia conversou com o seu professor e, logo, surgiu dando-lhe o braço e o apresentou a Tâmara como seu noivo. Confiou-lhe que os dois se amavam há muito tempo, mas que seu pai se opunha à união e ela desejava aproveitar-se da ausência dele para fazer um casamento secreto.

De lágrimas nos olhos, suplicou à jovem artista que lhe servisse de testemunha. Esta recusou firme; de modo algum desejava meter-se em tal complicação. Eugênia mostrou-se magoada e naquela mesma tarde mandou levar em casa dela o preço do retrato. Tâmara soube, contudo, mais tarde que o casamento se realizara mesmo.

Cerca de três semanas após esse incidente, ela encontrou-se na *Gostinnoi-dvor* com Madame Kulibine, que não cessara de testemunhar-lhe sua amizade, fazendo questão de manter seu bom relacionamento com a antiga companheira de colégio. Após haver reclamado de Tâmara sua exagerada reserva e suas raras visitas, ela declarou que a levaria para jantar de qualquer modo, e a moça acabou cedendo. Terminada a refeição, a conversa recaiu por acaso em Eugênia Stakov e seu casamento.

– Você sabe dos detalhes do casamento? – perguntou Nadina, rindo como uma doida –. Não? Então ouça, que isto é um clássico. Em primeiro lugar, os Stakov estão arruinados. O pai, que é um dos mais descarados libertinos que existe, pôs tudo fora. A casa estava gravada por hipotecas, bem como a propriedade rural. Será que Eugênia soube ou previu a ruína que se aproximava? Seja como for, foi ela que decidiu casar-se de qualquer maneira antes que a verdade se tornasse conhecida. Manobrou, assim, Pfauenberg, o oficial de marinha e o músico, decidida a tomar, em última instância, aquele que se declarasse primeiro. Só que ela ignorava que Pfauenberg e o oficial haviam, de algum modo, pressentido a tramoia e não pensavam senão em escapar. Como ela descobriu que seu pai estava sorrateiramente vendendo tudo não o sei. Ela resolveu apressar a decisão final. Certa manhã, foi à casa de Eitel Franzovitch, esperando, talvez, forçá-lo a uma decisão por meio de um escândalo. Não posso contar-lhe o que se passou entre eles, pois ignoro, mas Pfauenberg agiu com energia. De volta à sua casa, ela teve um desentendimento com o oficial, que havia mandado chamar, prevendo já o seu insucesso junto a Pfauenberg, mas ele também se recusou a morder a isca. Foi por isso que ela se abateu

sobre o professor, que se deixou prender. Sem dúvida ela contou-lhe a história da carochinha de que seu pai se opunha ao casamento que, por isso, teria que ser secreto em Pavlovsk. Já era tempo, pois oito dias mais tarde o caro papai escapava-se para o exterior com os restos da sua fortuna e uma cantora de opereta.

– Mas como é que você sabe de tudo isso! – perguntou Tâmara, que a tudo ouvia muda de espanto.

– Você se lembra de Lisa Negri? Ela estava numa classe paralela à nossa e nos dávamos bem. Ela está hoje casada com um primo de Eugênia e foi ela que me contou tudo isso.

– Meu Deus! Que trama abjeta! Que falta de dignidade! – observou Tâmara suspirando –. Essas compras e vendas me dão a impressão de um mercado de escravos moderno: o pobre mendiga, oferecendo-se à venda, enquanto o rico o avalia, como se num leilão. E é sobre tais bases que se estabelece a união tão séria e sagrada que somente o amor deveria reger! Mas essa louca da Eugênia não se preocupa com o que dirá o marido enganado?

– Que importa o que dirá ele se ela já está casada? O que se sabe é que ela pôs de lado tudo que pôde. Quanto ao mais, Tâmara, se todos fossem assim tão pouco práticos como você, haveria muito poucos casamentos.

– Que Deus me livre de realizar um dessa maneira! Prefiro trabalhar até o fim de meus dias e permanecer independente – respondeu a moça, levantando orgulhosamente sua bela cabeça.

Esse incidente causou a Tâmara uma impressão profundamente desagradável. Toda sua atividade artística, sobre a qual depositara tão grandes esperanças, tornava-se cada vez mais penosa. O que sobretudo lhe pesava era a necessidade de ir às mais diferentes famílias e experimentar tratamento que a revoltava: uns a consideravam como simples operária; outros supunham que uma jovem bela e pobre deveria, necessariamente, romper com todos os seus escrúpulos e considerar bons todos os meios de ganhar dinheiro.

Nesse ínterim o verão chegou, dispersando como aves migratórias os habitantes da capital. A baronesa, que observava com inquietação e pena a palidez doentia que substituíra as cores rosadas no rosto de Tâmara, exigiu que ela fosse com as crianças passar alguns meses junto dela na sua propriedade nas proximidades de Reval. A moça concordou e partiram em meados de junho para retornar somente no final de agosto. Ela precisava trabalhar, mas os retratos se tornaram tão odiosos, que ela decidiu retomar os leques e as traduções. Um acaso feliz, contudo, proporcionou-lhe uma ocupação permanente e suficientemente bem remunerada para garantir-lhe a modesta existência.

Vivia em Petersburgo[9] um jovem artista italiano que conseguira como pintor retratista uma brilhante reputação. Ercole Belzoni era um belo homem, cujos grandes olhos negros e cabelos escuros cacheados haviam contribuído de maneira considerável para a sua celebridade. Entre as damas, tornara-se verdadeiro encantamento deixar-se pintar por ele e o entusiasmo que inspirava às suas elegantes clientes era tão excêntrico e tão apaixonado, que o Senhor Ercole achou conveniente fazer uma viagem à sua terra, a fim de trazer sua jovem esposa, a quem ele amava sinceramente.

A chegada da Senhora Belzoni desconcertou, à primeira vista, as admiradoras do pintor, mas sua reputação estava já feita e ele continuou belo, galante e interessante. Sua mulher foi, pois, esquecida e continuou o fluxo constante ao seu atelier. Em breve, a clientela tornou-se tão grande, que o artista não conseguiu mais dar conta de todo o trabalho. Sua mulher, que também era boa pintora, o ajudava trabalhando nos acessórios e incumbindo-se das encomendas de menor responsabilidade; mas os conhecimentos da Senhora Carlotta eram insuficientes e seu marido pensava em fazer vir de Roma um pintor amigo seu, quando a baronesa, que o conhecia, o encontrou e, sabedora de seu projeto, propôs-lhe experimentar Tâmara.

A proposta agradou ao jovem italiano. Ele temia, no fundo, fazer vir

o seu compatriota que, com a cobertura de seu nome, poderia acabar construindo sua própria reputação e passar a competir com ele, fundando seu próprio atelier. Concordou com a oferta da baronesa e, após ter visto o trabalho de Tâmara, não hesitou mais. Propôs-lhe imediatamente admiti-la como colaboradora. Ela deveria pintar todos os quadros que ele lhe indicasse, para os quais ele forneceria as telas e as tintas, repartindo o preço, metade para cada um.

Tâmara aceitou com alegria. Não teria mais necessidade de correr de casa em casa e, mesmo ficando apenas com a metade do preço (elevado) que Belzoni cobrava pelos quadros produzidos em seu atelier, ela ganharia mais do que com suas encomendas ocasionais.

A Senhora Carlotta e seu marido tomaram-se logo de verdadeira afeição pela amável e modesta moça, cujas maneiras requintadas e infatigável atividade lhes encantavam. Esforçavam-se, por outro lado, com diversas atenções, em aliviar sua situação, pois, sabedores de sua história, compreendiam como lhe era penoso trabalhar para ganhar seu sustento.

O atelier, que era amplo, foi, assim, repartido ao fundo por uma cortina, atrás da qual Tâmara podia trabalhar sem ser importunada pelos olhares curiosos dos visitantes. Além disso, ela era indicada de preferência para retratar crianças e senhoras de idade, de modo a poupá-la do contato com os homens. Tâmara ficou profundamente reconhecida por essa delicadeza espontânea e, em breve, estabeleceu o melhor relacionamento com o jovem casal e mais a irmã do pintor, a boa Stella, que administrava a casa.

Relativa serenidade implantara-se na alma atormentada da moça: seu trabalho não mais a repugnava e, liberada da necessidade de fazer traduções, tinha agora as noites livres, permitindo-se mesmo, às vezes, a distração de um concerto, ou tomar um chá em casa da baronesa, onde frequentemente encontrava Magnus, que nunca deixava de trazer-lhe para distraí-la um livro raro de história ou de arqueologia, suas leituras prediletas.

Muito feliz, Tâmara absorvia-se nesses estudos interessantes, sem notar o olhar estranhamente brilhante e a indefinível expressão que iluminava furtivamente os olhos do jovem, enquanto, senhora do assunto, ela discutia algum aspecto mais complexo do tema ou, de lápis na mão, reconstruía, com a intuição do gênio, uma cena viva e animada de algum baixo relevo de Tebas ou da Assíria.

Observando-a mais calma e mais alegre, Madame Raban convidou-a a comparecer às suas recepções e, apesar de Tâmara haver solicitado reiteradamente que fosse dispensada de tais reuniões, que lhe eram penosas, a baronesa insistiu.

– Eu gosto de você e a considero como uma filha e é nessa qualidade que lhe peço ajudar-me a fazer as honras da casa. Na minha idade, isso já vai se tornando exaustivo, pois adoro ver e ouvir os jovens conversarem e se distraírem. Uma vida reclusa como a que você leva é prejudicial ao espírito e à saúde.

A moça achou que não tinha o direito de teimar por causa de coisa tão fútil e, conformando-se de boa vontade ao desejo da velha amiga, passou a vir regularmente às reuniões de segunda-feira. Continuava a usar luto, o que também a levava a economizar com suas roupas e quando, amável e sorridente, circulava entre os convidados, era de crer-se que ela estava consolada ante a perda de sua fortuna e a necessidade de trabalhar para viver.

Tâmara era muito bonita e muito inteligente para passar despercebida num salão. Sua conversa interessante, seu raro saber, suas observações um tanto cáusticas e mordazes, mas sempre justas, provocavam alegria e interesse. Homens e mulheres, jovens e velhos, reuniam-se espontaneamente em torno dela e para cada um deles tinha um sorriso amável e um assunto que lhes era agradável.

Essa polidez, aliás, era a mesma para todos. Seria impossível perceber-se a mais leve preferência pelos jovens que se aproximavam dela. Ela conversava com todos com o mesmo entusiasmo, mas desde que a conversação cessasse ela parecia

esquecer seu interlocutor e sua aparência de abandono cobria-se de uma glacial reserva ante a qual eram mantidos à distância mesmo os mais ousados. Nunca procurava também encontrar-se alhures com os conhecidos de Madame Raban. Aceitava-lhes os convites com um sorriso de quase reconhecimento, mas jamais comparecia.

Um dia que Tâmara se encontrava com a baronesa numa das suas crises de reumatismo e para a qual havia escrito algumas cartas, a velha dama lhe disse:

– Preciso repreendê-la, Tâmara. Há muito tempo venho pensando em fazê-lo.

– Por que, cara Vera Petrovna? A senhora está descontente comigo? – perguntou, apoiando a cabeça no ombro da velha senhora.

Esta lhe deu uma palmadinha no rosto e lhe disse:

– Sim, estou descontente com você. Você é muito pouco vaidosa e não tem o menor interesse em agradar aos homens que fica conhecendo em minha casa. Há entre eles alguns partidos bem aceitáveis, alguns mesmo excelentes, é preciso pensar em conseguir uma situação definida para você.

A moça enrubesceu bruscamente.

– Situação definida para mim? Em outras palavras: procurar vender-me a qualquer preço, mendigar um casamento, expondo-me às inevitáveis recusas, pois sou pobre.

– Você exagera, como sempre. Sem dúvida, um bom dote atrai muitos homens, mas nem todos. Centenas de moças pobres se casam e inúmeros homens também se casam, sem nenhum interesse, com mulheres até menos recomendáveis, somente porque se amam. Por que você não conquistaria também um coração?

– Porque me faltam absolutamente os encantos que, somente eles, podem agradar a um homem de nossa sociedade atual – disse Tâmara, enquanto uma expressão dura e desdenhosa marcava

seus lábios –. Já se foram, Vera Petrovna, os tempos em que a mulher reinava pela beleza, a inteligência e a virtude. Hoje ela reina somente pelo dinheiro e pela perversidade. Só o vício pode competir com o dinheiro. Se a mulher não tenta o homem pela riqueza, deve distraí-lo de seu tédio enfastiado por sua depravação. Que ela seja feia ou ignorante não importa! Quanto mais provocante e sem escrúpulos, quanto mais sua monstruosidade moral supera sua monstruosidade física, mais ela agrada. Quanto a mim, sou sem graça e nula. Não sou nem bastante desmoralizada, nem suficientemente rica para inspirar o amor a um desses cavalheiros. Armada somente com a dignidade, o dever e o trabalho, como poderei encontrar o caminho que leva a um coração? Por isso renunciei de uma vez por todas ao inútil incômodo de fazer uma conquista e o faço sem pesar, porque ninguém me agrada. Parecem-me todos iguais, na sua mesquinha mediocridade, avidez e falta de sentimentos.

Madame Raban ouvira tudo admirada e consternada.

– Minha filha, você me surpreende. Para dizer a verdade, eu pensava que Liveski e Werner agradavam-na. Você está sempre tão animada quando conversa com eles...

– Ah! Vera Petrovna, meu sorriso é uma mentira dos lábios, na qual a alma não toma parte. Não posso agir de outra maneira em sua casa, mas alguma vez procurei esses cavalheiros fora daqui? Claro, eles riem de boa vontade ante uma brincadeira, gostam de conversar entre duas partidas de *whist*[10] ou durante um jantar. Talvez até aceitassem com benevolência um pequeno mexerico, mas casarem-se comigo, isso não. Iriam rir-se na cara de quem lhes propusesse tal coisa. Sei disso tudo, mas não posso mostrar-lhes abertamente como eu os conheço e o quanto os desprezo; eu criaria inimigos. Cada um deles julga que vivo a suspirar por eles, sem nenhuma esperança, mas nenhum deles me perdoaria a indiferença. Que acreditem, portanto, que nutro a esperança de agradar-lhes; isso é como um escudo que me defende da maldade

deles.

– Tâmara, Tâmara, você está errada, minha filha – exclamou a baronesa com desaprovação. Você se embala num orgulho ilimitado, envolvendo numa condenação geral o culpado e o inocente, tentando manchar e negar o sentimento mais profundo e mais legítimo da alma humana. O amor de uma jovem, ainda que infeliz e endereçado a um homem indigno, é um sentimento natural, que aquece e enobrece. A odiosa dureza que invade seu coração é anormal e lhe acarretará tormentos futuros.

Uma indefinível expressão de amargura sombreou o rosto de Tâmara.

– A senhora teria razão, Vera Petrovna, se eu ainda acreditasse no amor como numa verdade vivificadora, mas por toda parte só vejo interesses e sentimentos que se vendem a peso de ouro. Trabalhando agora junto de muitas famílias, pertencentes a várias classes sociais, tenho contemplado tais abismos. Esses casais unidos pelo interesse não se amam nem se estimam um ao outro; parecem-me dois escravos a arrastarem os grilhões da hipocrisia até que algum escândalo os separe, ou que a indiferença se converta em ódio, fazendo um suplício de suas vidas em comum. Não quero nem falar das infelizes crianças, testemunhas de tais discórdias: desmoralizadas desde tenra idade, elas também integram essa sociedade sem princípio e sem coração que, petrificada no egoísmo, se rejubila com a desgraça alheia, não pensando senão em explorá-la.

– Meu Deus! Filha querida, você vê tudo tão negro, que é difícil discutir com você. Sem dúvida, é do espírito de nosso tempo pôr em tudo certa dose de interesse. Vivemos num século prático; além disso, nosso clima frio reage sobre a natureza humana e faz nossos cavalheiros menos exaltados e seus cérebros menos ardentes que nos povos do sul.

– Ah! minha excelente amiga, seus argumentos são de uma deplorável fragilidade – disse Tâmara rindo –. Será o clima que

impede ou que incita as pessoas a serem egoístas e a traficar com os sentimentos mais sagrados? Veja! – ajuntou ela – como se exaltam assim que farejam algum interesse ou um dote considerável. Que paixões africanas não se acendem nessa hora! E, com isso, nenhum escrúpulo, nenhum sentimento de afeição ou de estima que imponha certo freio aos instintos brutais. Sua melhor amiga não hesitará em roubar o amor de seu marido, se ele agradar-lhe, e se a oportunidade a favorecer, ela o pilhará e lhe deixará no abandono. E os homens! O amigo do marido não é frequentemente o amante da esposa? O marido não se vale da bolsa da mulher para pagar suas próprias orgias? Não, não, Vera Petrovna, deixemos essa lama que se oculta sob as aparências da honestidade, mas a qual não se pode tocar sem despenhar-se num atoleiro de abominações. Se me deixei levar a falar de tais coisas, foi para assegurar-lhe de que não aspiro, de forma alguma, ao casamento, que nada quero desses homens cujo coração corrupto não pode proporcionar felicidade a ninguém, que contaminam o que tocam, que estão de tal forma desabituados da companhia de mulheres honestas, que fogem delas. Prefiro trabalhar para o meu sustento e o das crianças do que ligar-me a um esposo, que deve ser odioso na intimidade para uma mulher de sentimentos delicados.

A baronesa balançou a cabeça, mas deixou extinguir-se o assunto. Estava entristecida e lhe parecia que a sua amiga favorita cavara um abismo entre ela e o mundo real, que precisa ser encarado tal qual é. Por outro lado, ela estava estupefata ante a flexibilidade e a dissimulação da moça que, com a amargura e o desprezo na alma, sabia sorrir tão alegremente e tão descuidadamente fazer brilhar seu espírito e levar cada um a crer que lhe era particularmente simpático.

E, na verdade, Tâmara era fria e julgava impiedosamente os jovens que se aproximavam dela. Seu jovem coração, estrangulado no desabrochar da vida pela mão gelada do destino, estava coberto por uma camada de gelo que até aquele momento não conseguira derreter-se.

Eram os últimos dias de novembro. Como de hábito, Tâmara trabalhava no atelier, dando os retoques finais no retrato de um bebê para entregá-lo no dia seguinte, quando o tilintar de esporas e o tom sonoro de uma voz, que lhe parecia familiar, atraíram sua atenção.

– Não posso esperar, Senhor Belzoni. Preciso que o retrato esteja pronto o mais cedo possível – é um presente que prometi à minha noiva.

– Estou desolado, senhor príncipe, mas aceitei encomendas que não poderei cumprir. Há, porém, um meio de conciliar tudo. Dê-me a honra, Alteza, de examinar este retrato do General Ratmiroff. Satisfaz-lhe a execução?

– Sim. Ele me parece muito bem feito e a semelhança é impressionante.

– Foi feito por uma jovem artista, minha colaboradora. Ela está terminando hoje um trabalho e pode começar o seu retrato logo em seguida, se o senhor príncipe concordar.

– Perfeitamente.

– Então, Alteza, passemos ao atelier contíguo.

Profunda palidez cobriu o rosto de Tâmara. Ela acabara de reconhecer a voz de quem falava: era o Príncipe Arsênio. A sorte não lhe poupava nem mesmo àquela humilhação: aquele a quem, mais do que qualquer outro, ela desejava evitar, tinha agora que pintar por dinheiro. Ela não vira mais o príncipe desde a sua desgraça. No ano anterior, sua vida fora muito reclusa e ela sabia que naquele inverno ele estaria ausente, em vista de ter acompanhado seu chefe à Crimeia.

Deveria ter voltado há pouco, mas quem seria sua noiva?

Todos esses pensamentos haviam passado como um relâmpago pela mente da moça. No mesmo instante, o italiano levantou a cortina, fazendo entrar Arsênio Borissovitch, que estacou, espantado.

– Senhorita Ardatov, peço-lhe o obséquio de tratar agora o retrato do Príncipe Ugarine. A senhora deve discutir com sua Alteza as condições do retrato. Voltarei dentro de um momento – disse Belzoni retirando-se, com caprichadas mesuras.

Ligeiro rubor passou rápido pelas faces do príncipe e seu olhar ficou pregado na moça que, de pé, junto ao cavalete, também o fitava. Na sua simples e severa roupa de luto, ela parecia maior e, da larga faixa crepe que envolvia seu pescoço, destacava-se vigorosamente sua bela cabeça de cabelos encaracolados, mas, no rosto pálido e imóvel, somente os olhos pareciam vivos e o olhar que cintilava sob os cílios um tanto abaixados era cortante e duro como uma lâmina de aço.

– Bom dia, Tâmara Nicolaevna – disse o príncipe, aproximando-se vivamente e estendendo-lhe a mão.

Mas a moça, que parecia não notar o gesto de boas-vindas, saudou-o com a fria reserva que testemunhava a todos os modelos que vinham posar no atelier. Ela não considerava como seus conhecidos nenhum daqueles que haviam voltado as costas ao seu pai e a ela. Arsênio, como os outros, era apenas um desconhecido.

– Queira, senhor, indicar-me as dimensões do retrato e me dizer quando o senhor deseja comparecer para a primeira sessão – falou ela com indiferença.

O príncipe percebeu a lição e um sentimento misto de vergonha e desprezo se apossou dele. Seria, de fato, invulnerável, em seu orgulho, aquela moça que um dia o amara?

– Desejo um retrato de tamanho natural, até os joelhos, e serei obrigado a começar amanhã, pois ele se destina à minha noiva, sua companheira de colégio, a Senhorita Catarina Migusov – disse ele, destacando bem o nome e fixando-a com um olhar perscrutador.

Ele esperava uma dolorosa surpresa ou, pelo menos, uma emoção, mas a fina e móvel face de Tâmara nada refletiu senão imperceptível ironia. Catarina mantivera sua palavra e comprara

para marido um príncipe.

– Será, então, amanhã, senhor príncipe. Queira, apenas, indicar-me a hora. Quanto ao preço, será necessário combinar com o Senhor Belzoni – acrescentou ela com uma saudação que era também inequívoca despedida.

No dia seguinte, o príncipe apresentou-se à hora combinada e após as explicações acerca da pose que ele desejava, sentou-se e Tâmara começou o primeiro esboço. Ela conhecia de cor cada traço daquele rosto que havia sido o ideal de seus sonhos infantes, seu primeiro amor inconsciente. Cem vezes ela o havia desenhado, segundo a fotografia subtraída a um álbum de sua madrasta, sem prever que chegaria o dia em que ela o pintaria como simples operária assalariada, para outra mulher. Não acreditara ela, na sua ingenuidade, que para merecer o coração daquele homem tão belo lhe bastariam as qualidades de espírito e de coração e que a moça que ele dignara amar deveria ser bela e pura como um anjo? E, na realidade, o que ocorrera? Para adquirir aquele belo príncipe, bastava uma mulher feia e vulgar possuir um milhão solidamente aplicado. Como era enganador aquele brilhante envoltório de uma alma mesquinha e ávida, e como ela se sentia reconhecida à baronesa por haver-lhe aberto os olhos a tempo!

Tais reflexões se chocavam em seu espírito, enquanto ela fitava seu modelo tão indiferentemente como se estivesse a contemplar uma estátua. Ela fingia estudar os traços do príncipe, pois não desejava, de forma alguma, fazer-lhe perceber que os conhecia tão bem. O príncipe, a seu turno, examinava a moça com verdadeiro interesse, surpreso ante a profunda mudança que se operara em toda a sua pessoa. Que teria acontecido com a expressão sonhadora e doce, a tez rosada, o olhar límpido e sorridente daquela a quem ele havia comparado outrora a Titânia e chamado de “raio de sol”? A tormenta que passara por aquela jovem cabeça produzira profundos estragos. Uma palidez doentia e transparente substituíra a cor saudável da sua pele, a pequena boca com os

cantos abaixados exprimia amarga dureza e os grandes olhos cinzentos, cintilantes e duros, eram proibitivos à aproximação de quem quer que fosse, como duas sentinelas hostis e desafiadoras. O príncipe absorvia-se cada vez mais na contemplação de sua companheira. Parecia-lhe um novo ser e, ao fitar sua encantadora face e observar sua requintada distinção, ele pensou, com pesar, que era realmente uma pena que, com uma aparência tão favorável, com tanta chance de abrir caminho de um modo ou de outro, ela ficasse restrita pela sorte a um trabalho assalariado.

Numa das sessões seguintes, Arsênio Borissovitch, que observava com admiração a segurança com a qual Tâmara trabalhava e que se entediava com o mutismo que reinava entre ambos, procurou saber por que circunstâncias ela conseguira atingir aquele grau de perfeição na arte da pintura.

– Na família junto à qual conclui minha educação, o dono da casa era professor de pintura. Prevendo a fatalidade que deveria abater-se sobre mim e compreendendo que com a fortuna tudo se perde – posição, conhecimentos, amizade –, ele não quis que eu ficasse à mercê dos passantes. Tive que trabalhar sem descanso para desenvolver meu talento, mas graças a essa previdência de meus pais suecos, meu trabalho me dá condições de tornar-me independente de qualquer favor estranho.

O príncipe experimentou novamente um sentimento desagradável. Sua conduta em relação àquela família aparecia-lhe agora em toda a sua nudez. Para dizer algo, ele observou:

– Catarina ficou muito satisfeita ao saber que a encontrei. Ela deseja vir e me disse que a senhora é uma grande amiga.

– Eu o fui, talvez. A gente deixa de ter amigos quando fica pobre. Mesmo os maiores amigos não se interessam por nós, a menos que – indefinível expressão vibrou na voz de Tâmara – um acaso faça lembrar-lhes a nossa existência. Agradeço as amáveis intenções de Catarina Carpovna, mas rogo assegurar-lhe que não pretendo, de forma alguma, restabelecer relações rompidas dessa maneira e que

não teriam razão de ser.

O olhar de Ugarine estava pregado à pálida face de Tâmara, na qual cada traço exprimia invencível orgulho e repelia desdenhosamente a possibilidade de conservar qualquer uma das antigas relações de amizade. Por um momento, ele esqueceu tudo: sua noiva, o passado, o futuro, para ver apenas aquela jovem enérgica e digna, e uma estranha subjugação apossou-se dele. Mas a fascinação durou pouco: ele suspirou e baixou a cabeça.

– A senhora julga as pessoas com muita dureza, Tâmara Nicolaevna, e atribui-lhes intenções maldosas de que elas próprias nem suspeitam. Na confusão da vida mundana, muitos deveres são pisoteados, não por maldade intrínseca, mas por leviandade. Se a senhora houvesse apelado para as relações do passado, muitos amigos devotados ter-se-iam apresentado.

– Eram todos estranhos para mim; não senti jamais o desejo ou a necessidade de apelar para a caridade deles. A filha de Nicolai Wladimirovitch tinha direito incontestável a uma única coisa da parte dos antigos convivas de seu pai: a polidez; mas para isso não é necessário fazer apelo algum.

Arsênio sacudiu a cabeça.

– Não estou reconhecendo a senhorita. O que aconteceu?

– Sou simplesmente uma pintora no atelier do Senhor Belzoni. O senhor quer fazer o favor de levantar um pouco a cabeça, senhor príncipe? Não estou vendo direito a sua boca.

Alguns dias após essa conversa, Tâmara acabara de chegar ao atelier e estava ainda retirando as luvas, quando surgiu o príncipe acompanhado de Catarina. Esta se dirigiu para a antiga colega e abraçou-a com ostentação. Em seguida, começou a falar barulhentamente, como de seu hábito, gesticulando com suas grandes mãos avermelhadas e fazendo tilintar seus numerosos braceletes.

Ainda retirando suas luvas e o chapéu, Tâmara analisou-a com um

olhar crítico. Catarina, muito enfeitada, trazia um vestido de pelúcia verde guarnecido de pele e um chapéu *Rubens* carregado de penas, mas essa vestimenta vistosa chocava-se com a robusta pessoa que se tornara um tanto atarracada, a tez amarelada, cheia de bolsas e os olhos fatigados, com olheiras.

Essa era a mulher que o príncipe devia amar e suportar junto dele para toda a vida! Furtivamente, o olhar de Tâmara deslizou para ele e quando seus olhos se encontraram, ambos viraram a cabeça noutra direção.

Arsênio também examinara a moça, comparando-a com a noiva. Nunca a feiúra vulgar da Senhorita Migusov contrastara tão cruelmente com a aristocrática beleza de Tâmara. Ela parecia uma serva endomingada ao lado de uma esbelta jovem tão elegante no seu simples vestido de luto, o chapéu de crepe com um longo véu que lembrava uma touca no estilo Mary Stuart, emprestando-lhe uma aparência toda particular.

Um longo suspiro escapou do peito do príncipe: “Por que, meu Deus, o milhão repousava nas robustas mãos de sua noiva e não naquela adorável mãozinha de contornos clássicos e dedos afilados? Seria, então, juntar o útil ao agradável... Ah, por que a fortuna é cega?”

Catarina nada suspeitara das divagações de seu noivo. Sentada ante o cavalete, ela fitava com o *lornhão* o retrato ainda em esboço e falava sobre a pose e os trajes que ela queria absolutamente em grande estilo. De repente, ela virou-se para sua antiga companheira e exclamou com vivacidade:

– Por favor, Tâmara, você não vai dar a Arsênio alguma expressão imperdoável, como fez com o Príncipe Fluresco. Vi o retrato dele e de Madame Elaponine, mas ouvi a respeito opiniões muito contraditórias: uns dizem que são obras-primas de execução, mas também de malícia, enquanto que o príncipe, com quem estive ontem, assegurou-me que são péssimos, sem a sombra de uma semelhança, com borrões de principiante.

– São sempre os ignorantes e os ociosos os mais difíceis de satisfazer – respondeu Tâmara com desdém –. Dei a um e a outro as expressões que neles vi e que correspondiam às interessantes conversas que mantinham para distraírem-se e que teriam sido apropriadas em qualquer lugar, menos no salão de uma mulher digna. Além disso, se o Príncipe Fluresco e Madame Elaponine estão descontentes com esses borrões, só lhes resta destruí-los ou devolvê-los a mim, porque ambos foram feitos de graça e até as tintas são minhas. Eles não terão nada a perder.

Catarina explodiu em ruidosa gargalhada e ajuntou às palavras de Tâmara alguns comentários pouco lisonjeiros ao Príncipe Fluresco e à sua amiga. Em seguida, declarou ter algumas visitas indispensáveis a fazer ao seu joalheiro e à sua modista e despediu-se. Sem mesmo notar a fria reserva de Tâmara, a Senhorita Migusov convidou-a a ir vê-la e a assistir ao seu casamento. O príncipe levou a noiva até à porta e retornou para posar, mas estava sombrio e distraído.

Tâmara desejava terminar aquele retrato o mais depressa possível, e ainda que já há algum tempo viesse sentindo-se indisposta e excessivamente fatigada, chegava mais cedo ao atelier para trabalhar nos acessórios. Certa manhã, ela pintava com ardor uma das mãos de Ugarine pousada sobre o braço da cadeira, quando Stella Belzoni, que arrumava alguns objetos, veio colocar-se atrás de sua cadeira e após uma longa e silenciosa contemplação, exclamou:

– Meu Deus! O príncipe é um belo homem; e que mão adorável! É raro que um homem tenha a mão de formato tão clássico.

– A senhora tem razão – respondeu Tâmara com mordente sarcasmo –, é uma belíssima mão, verdadeira mão principesca, que tem vergonha de trabalhar, mas que não tem vergonha de vender-se. E como é preciosa essa mão clássica: vale um milhão!

Um pequeno grito que Stella deixou escapar fê-la levantar o olhar e, não sem alguns constrangimentos, ela viu Ugarine de pé junto à

cortina levantada. Sua face era de um vermelho acobreado e uma expressão, como jamais vira nele, contraía seus traços.

Stella fugiu como um pássaro assustado, mas Tâmara não era mulher de recuar ante as consequências de suas palavras. Pronta a retrucar, ela levantou a cabeça, mas Arsênio Borissovitch nada disse e tomou o seu lugar com ar sombrio. Longo silêncio se estabeleceu, mas como seu modelo baixava obstinadamente a cabeça, a moça observou calma:

– Queira levantar a cabeça e olhar para mim, príncipe, pois, assim se torna impossível captar a expressão do seu rosto.

O príncipe empertigou-se e seu olhar mergulhou como uma

chama nos olhos límpidos e frios que – pelo menos, pareceu-lhe – refletiam leve ironia.

– Será que o senhor não poderia assumir uma expressão menos carrancuda, senhor príncipe? Esta não me parece, de forma alguma, apropriada a um retrato destinado à sua futura esposa.

– A senhora acha indispensável que eu tenha a aparência alegre de um noivo amoroso e feliz? – respondeu Arsênio com um sorriso constrangido.

– Permiti-me formular uma observação – não uma opinião, príncipe, mas dar-lhe-ei a expressão que lhe agradar.

O príncipe nada respondeu e a sessão terminou em silêncio.

Naquela mesma noite, Tâmara foi visitar a Baronesa. Magnus também viera com um livro raro que havia prometido à moça e que esta folheou distraidamente. Em seguida, com uma aparência fatigada, apoiou-se no encosto da cadeira. O mal-estar que a atormentava intensificara-se ainda mais; doía-lhe a cabeça e uma tristeza pesada como chumbo oprimia-lhe todos os membros.

Com inquieta e mal disfarçada ternura, Magnus a observava.

– Tâmara Nicolaevna, a senhora está com mau aspecto e parece esgotada – disse ele com uma voz estranhamente vibrante –. A

senhora está trabalhando demais e deveria poupar-se e repousar um pouco.

A moça suspirou longamente.

– Que quer o senhor? Não tenho tempo de repousar e, além disso, não creio que o trabalho me esgote; é minha alma que está fatigada! Aspiro a um repouso para o qual não tenho nome, a morte talvez, pois sinto a matéria pesar tanto sobre meu espírito! E será que a morte nos proporciona repouso completo? Será que ela preenche com o éter azulado o vazio do coração?

Apoiou a cabeça nas mãos e ficou a meditar com o olhar fixo no espaço. Uma nuvem de inquietação obscureceu novamente o olhar de Magnus, mas, tentando apagar a pungente impressão das palavras da moça, ele disse sorrindo:

– Não é preciso entregar-se a ideias tão sombrias, Tâmara Nicolaevna. A senhora tem estado muito silenciosa. Nem mesmo a sociedade a senhora tem flagelado como habitualmente, por isso suponho que essa indiferença lhe é prejudicial. A senhora não deseja, porventura, que pessoas dignas sejam guilhotinadas...

Um sorriso travesso deslizou furtivamente pelos lábios de Tâmara.

– Temo que até a minha língua esteja convencida da inutilidade de guilhotinar as pessoas, pois, certamente, não falta assunto. Meu Deus! Que tipos a gente encontra! Hoje de manhã, por exemplo, veio à casa de Belzoni um casal realmente impagável. Imagine um senhor aí pelos seus sessenta anos, portador de uma respeitável gota, um pé morto, que ele arrasta como um cavalo manco e, ainda por cima, com uma peruca, pintado, hediondo e enfeitado como um mocinho bonito de vinte anos. Esse monstro é um Barão Doppelberg.

– Arre! a senhora me faz desgostar do meu título – disse Magnus com uma careta.

– Agradeça antes a Deus por trazê-lo honrosamente. Mas voltemos ao outro barão. Pois bem, ele tem uma noiva, para a qual

se faz pintar. Esta criatura, de vinte e dois anos, faz o papel de apaixonada daquele velho gordo hediondo. É divertido e abominável ao mesmo tempo. Isto me seria outrora inesgotável tema de zombaria; hoje, porém, não me causa senão desgosto pensar que terei que ouvir aqueles tolos pelo menos durante duas semanas. Virão amanhã, para a primeira sessão.

Fatigada, com a cabeça pesada, Tâmara apresentou-se no dia seguinte no atelier. Pintou com sacrifício e as vozes do Barão Doppelberg e de sua noiva irritavam-lhe os nervos. Pouco depois chegou o Príncipe Arsênio. Parecia ter esquecido seu rancor e observou, rindo, à meia voz:

– A senhora está com aquele casal encantador no atelier de fora.

A dama parece muito ciumenta e não menos apaixonada.

– A culpa não é dela; a morte lhe disputa esse belo tesouro. Que piada de mau gosto seria se essa invencível rival o arrebatasse antes que ela se transforme em baronesa! Na verdade, não se sabe o que é mais ridículo: se a cega credulidade desse velho gordo, ou a despudorada farsa da dama.

– Que quer a senhora? – respondeu Arsênio, destacando palavra por palavra –. Uma mulher, mais frequentemente ainda que um homem, não deixará de vender-se, se a ocasião se oferece, o que é natural. É mais agradável viver como uma grande dama e andar de carruagem para aqui e para ali mesmo com um velho gordo, do que caminhar a pé e trabalhar para viver – o que não impede às mulheres de julgarem com a maior dureza as uniões de conveniência, quando elas não podem realizar também uma delas.

Tâmara empalideceu até os lábios e seus olhos cinzentos, quase negros de íntima emoção, cravaram-se no príncipe como duas chamas destruidoras. Era, portanto, com aquela insinuação insultuosa que ele retrucava à sua observação da véspera? Será que ele pensava que, acusando-a de ser venal como as outras, ele acobertava e desculpava sua própria miséria íntima?

Por um instante, o pincel tremeu-lhe na mão, mas ela conseguiu dominar-se e um desprezo glacial vibrava na sua voz, quando lhe respondeu:

– O senhor tem razão, príncipe, são os parasitas que procuram e encontram oportunidade de vender-se para desfrutar do prazer de passear em carruagens que não lhes pertencem e que eles pagam representando uma farsa. Certamente, esses ociosos, cujo trabalho consiste apenas em traficar com a própria pessoa e servir-se de todos os privilégios concedidos pela natureza ou pelo acaso, não passam sem conforto, mas, graças a Deus, não terão jamais o poder de fechar a boca e tapar os olhos de todo o mundo!

Foi a vez de o príncipe empalidecer. Desconcertado por essa dura réplica, não conseguiu encontrar uma resposta adequada e ficou mudo. Tâmara, contudo, sentia-se mal, a cabeça em fogo e um indefinível mal-estar oprimia todo o seu ser. Levantou-se.

– Obrigada, príncipe. Amanhã eu o importunarei pela última vez.

Quando chegou em casa, Fanny entregou-lhe uma carta chegada na sua ausência.

– De Lilienstierna? Sobre o que pode ele me escrever? – murmurou ela admirada, ao ver o envelope gravado com as iniciais M.L. encimadas pelo brasão do barão.

A carta era efetivamente de Magnus e à medida que ela a lia, um tremor nervoso apossou-se dela e seu coração batia violentamente:

“Não me foi possível vê-la e apreciar todos os tesouros de seu coração e de seu espírito, sem amá-la com toda a força de minha alma – escrevia o barão –. Mas, certamente, o testemunho de tal sentimento jamais poderia transpor os meus lábios, pois que pode um infeliz enfermo oferecer a uma moça tão jovem e bela? Vê-la, no entanto, sofrer e sucumbir numa luta acima de suas forças, sem ter o direito de subtraí-la dessas mesquinhas misérias, destruiu o meu sossego. De todas as mulheres que conheci e que conheço, a senhora é a única, Tâmara, à qual ouso dizer: aceite a proteção de

meu nome, aceite uma vida agradável, ao abrigo dos azares da fortuna. A senhora será o anjo bom de minha vida isolada. As crianças que estão em sua companhia serão a alegria e o futuro de minha casa deserta!”

Pálida como morta, Tâmara abateu-se sobre uma cadeira e fechou os olhos: julgava sufocar de dor e de amargura. A carta abria-lhe um futuro de calma e de felicidade. Sim, ela teria sido feliz em viver com aquele homem generoso e nobre que a protegeria da brutalidade dos passantes e das humilhações da miséria, mas entre ela e Magnus levantava-se como um espectro a acusação contundente que o príncipe lhe atirara ao rosto. Quem haveria de crer que ela amasse sinceramente aquele doente? Todos pensariam que ela se vendera ao paralítico que, para ter uma enfermeira, assegurava-lhe a existência. Cobrindo o rosto com as mãos, ela chorou amargamente. Renunciar a Magnus, que lhe era simpático, que ela preferia a todos, era tão duro que por um momento ela decidiu desafiar tudo, mas seu indomável orgulho prevaleceu. Bruscamente, ela tomou uma folha de papel, uma pena e escreveu:

“Não encontro palavras para agradecer sua oferta generosa e seu amor desinteressado, do qual sou tão pouco digna. Senhor de Lilienstierna, eu também o amo sinceramente e, contudo, não posso tornar-me sua esposa, pois não quero que se considere como covarde especulação a afeição leal que nos uniria. A turba abominável, junto da qual tudo se vende, não compreenderia um sentimento puro e desinteressado. Meu coração sangra ao escrever-lhe esta recusa, mas não vejo como agir de outra maneira. Não guarde, porém, nenhum rancor de mim, continue sendo meu amigo como sempre. Não poderia suportar a inimizade do único ser ao qual falo de coração aberto. Quem sabe, afinal, o que acontecerá? Sinto-me mal e pressinto que algo está para suceder que porá minha vida em perigo. Se eu deixar esta Terra, transmita um pouco da afeição que o senhor me dedica aos meus dois pobres pequenos abandonados. Quanto a mim, levarei para a pátria eterna a sua lembrança, Magnus, como a do único homem cujo amor

pairou acima de todo interesse mesquinho.”

Como ela temia arrepender-se de sua decisão, apressou-se em fechar e expedir a carta. Em seguida, atirou-se sobre o leito e se pôs a chorar. Muito inquieta, Fanny fê-la deitar-se e lhe preparou um chá, pois arrepios gelados sacudiam a moça e sua cabeça queimava como fogo.

Após uma noite passada em febril sonolência, Tâmara sentiu-se tão fraca, que desejou continuar deitada. Mas, reunindo todas as forças de sua vontade, dominou a prostração e levantou-se para a toalete matinal. Custasse o que custasse, ela queria ir ao atelier para terminar o retrato de Ugarine, primeiro porque o quadro deveria ser entregue antes do casamento, marcado para daí a quinze dias, e, em segundo lugar, porque ela queria livrar-se de Arsênio, que detestava por causa da insinuação venenosa que a expulsara do porto de felicidade e de paz que o amor de Magnus lhe oferecia.

Chocados com a sua aparência abatida, Belzoni e a mulher tentaram persuadi-la a voltar para casa e repousar, mas Tâmara recusou.

– O príncipe posa hoje pela última vez e eu quero terminar o quadro. Esse mal-estar não é nada de importante.

Quando Ugarine chegou, também notou a febre que queimava a face de Tâmara, seus lábios ressequidos e o brilho anormal em seus olhos, mas, após a saudação gelada e visivelmente hostil da moça, ele não se arriscou a fazer qualquer observação.

Tâmara continuou a pintar, mas sua mão não tinha a segurança habitual. De repente, ela foi tomada de uma tontura, palheta e pincel escaparam-se de suas mãos e, de olhos fechados, ela desabou sobre a cadeira.

– Água! Água! – gritou Arsênio, atirando-se a ela assustado. Carlotta e o marido acorreram, como também Stella, com essências com as quais friccionaram a doente que, em breve, reabriu os olhos.

– Como se sente? – perguntaram todos.

– Bem; só que tenho necessidade de repousar e devo voltar para casa. Por favor, Senhor Ercole, mande vir uma carruagem para mim.

– Minha carruagem está aí embaixo. Permita-me levá-la com a Senhora Belzoni – disse Arsênio, inclinando-se sobre ela com pesar e interesse.

– Sim, sim. Vou correndo apanhar meu casaco – exclamou Carlotta.

Mas a moça sacudiu bruscamente a cabeça.

– Não, não. Não quero que se preocupe comigo, senhor. Tragam-me uma viatura de aluguel.

Levantou-se, calçou as luvas e fez menção de apanhar o casaco, mas assim que deu alguns passos, desfaleceu e teria desabado ao chão se o príncipe não tivesse corrido a segurá-la.

– Ah! A teimosia das mulheres! – murmurou ele –. Vejam, ela desmaiou, mas enquanto a língua pode mexer-se a teimosia domina tudo!

Muito assustada, Madame Belzoni não hesitou mais em aceitar o oferecimento do príncipe. Envolvendo-a cuidadosamente no agasalho, conduziram-na à carruagem, onde ela foi instalada ao fundo, enquanto Arsênio sentava-se no banco da frente, sem deixar os olhos do rosto lívido da moça, que jamais lhe parecera tão sedutora do que naquela imobilidade, com a indefinível expressão de dor que ali se impregnara.

Quando chegaram à residência de Tâmara, Arsênio a levou até à entrada da casa, enquanto Carlotta tocava a campainha. Fanny veio abrir e deixou escapar um grito ao ver sua jovem patroa prostrada como morta nos braços de um homem que seu pavor nem permitiu reconhecer. Atraídas por esse clamor, Charlotte e as crianças também acorreram e puseram-se a chorar de medo.

Ajudados por Carlotta, as duas mulheres levaram Tâmara ao seu quarto de dormir para fazê-la deitar-se, com o pequeno Jorge a chorar atrás, mas Olga reconheceu o príncipe e perguntou

ansiosamente:

– Tâmara também morreu, Arsênio Borissovitch?

– Não, não, Olga. Não chore. Sua irmã está apenas desmaiada; ela voltará a si – respondeu ele, abraçando a criança e atraindo-a para junto de si, a um pequeno sofá.

Enxugando as lágrimas que inundavam as faces da menina, o príncipe examinou curiosamente o salão modesto, mas arrumado com gosto e cheio de flores raras – presentes de festas de Natal da parte de Magnus. Essa era, portanto, a residência atual da estranha e orgulhosa criatura que o repelia e o atraía ao mesmo tempo.

– Vamos, Olga, não chore mais. Já lhe disse que é apenas um desmaio, mas vejo com alegria que você gosta muito da sua irmã.

– Sem dúvida, eu a amo. Tâmara e tão boa para nós! E depois, sem ela, o que seria de nós? – dizem Fanny e Charlotte. Mas por que, príncipe, você não vem mais à nossa casa? – perguntou a criança tomada de nova ideia. Quando o papai e a mamãe estavam vivos, você vinha sempre!

– Não tenho tido tempo, mas agora eu virei.

– Ah! Fico muito contente. É, então, verdade que ninguém quer mais conhecer a gente? Cumpra sua palavra, então, Arsênio Borissovitch e venha. Você pode vir depois do jantar ou da ceia?

– Por que depois do jantar? O que você quer dizer com isso? – perguntou Arsênio aturdido.

– Porque me disseram que somente se vai à casa de pessoas que dão bons jantares e ceias, que têm belas casas e móveis dourados, e nós agora somos pobres, pois nossos belos móveis foram vendidos – respondeu a criança com pesar.

Um rubor causticante subiu ao rosto do príncipe: a ingênua expressão da menina era uma verdadeira bofetada na face do orgulhoso cavalheiro.

– Foi Tâmara quem disse isto a você? – perguntou de voz rouca.

– Não. Fanny e Charlotte disseram. Tâmara nunca fala sobre você, nem de ninguém. Ela diz somente que não temos mais conhecidos e uma noite em que a lareira estava acesa – isso fora no ano anterior – ela retirou dos álbuns todas as fotografias e as jogou ao fogo... as suas também. Ela não deixou nem uma só e os três álbuns cobertos de prata ela vendeu.

– Adeus, menina, devo partir para prevenir seu padrinho e Vera Petrovna quanto à doença de sua irmã, mas vou mandar-lhes alguns bombons e virei logo ver você.

Nervosamente agitado, atirou-se à sua carruagem com a cabeça em fogo.

A criança nem suspeitava do alcance de tudo aquilo que dissera: a vergonha e a cólera sufocaram-no, ao lembrar-se da engenhosa suposição das criadas. Certamente, ele não havia pensado nem no mobiliário, nem nos jantares ao cessar de frequentar os Ardatov após a ruína, mas a evidência era contra ele e a opinião de Tâmara acerca dos antigos conhecidos estava claramente expressa naquele auto-de-fé[11]. Ao fogo como um traste inútil, as imagens daquela turba desprezível com a qual ela nada tinha em comum!

Como o almirante não estava em casa, Ugarine partiu imediatamente para a residência de Madame Raban, colocando-a a par do acidente sobrevindo à sua amiga favorita. Muito assustada, Vera Petrovna mandou preparar sua própria carruagem para ir imediatamente à casa de Tâmara e, se possível, apanhar, a caminho, um médico.

Saindo da casa da baronesa, Arsênio resolveu ir ver o seu primo, que morava no mesmo andar, pois precisava falar-lhe de algo. O criado informou que o barão acabara de sair para o seu passeio habitual, mas que deveria estar de volta a qualquer momento. O príncipe resolveu esperar e, com essa intenção, passou ao gabinete de Magnus, que começou a percorrer de um lado para outro, entregue aos pensamentos desagradáveis que continuavam a perturbá-lo.

Passou-se mais de um quarto de hora. Impaciente, Arsênio resolveu escrever um bilhete ao primo, sobre o negócio que o trouxera ali. Para isso, aproximou-se da escrivaninha em busca de papel de carta. Não o encontrando prontamente, abriu uma gaveta cuja chave ficara no lugar, admirado desse descuido de Magnus, sempre tão ordeiro. A gaveta continha apenas contas e documentos comerciais, cuidadosamente arrumados. Via-se, contudo, ali, uma carta aberta, na qual Arsênio leu com surpresa a assinatura de Tâmara Ardatov.

– Vejam só! A amizade vai até o ponto de se corresponderem! murmurou o príncipe e, movido por uma curiosidade que sufocava qualquer escrúpulo, percorreu a missiva rapidamente com os olhos. "Ela o recusou! Não aproveitou a oportunidade para vender-se!" – murmurou ele estupefato. "Foi ontem, justamente o dia em que lancei em seu rosto essa insinuação e eis que me pesa talvez na consciência a sua recusa e a infelicidade de Magnus. Compreendo agora a distração dele em esquecer a gaveta aberta. Não desejei isto, certamente, mas quem o teria previsto?"

Largou vivamente a carta, voltou a fechar a gaveta e retornou ao salão. A lembrança da face pálida de Tâmara o perseguia. E se ela morresse? Teria ele contribuído para isso? Atormentado por uma inquietação íntima, partiu sem ter visto o primo.

Quando Tâmara voltou a si de seu desmaio, sentiu-se tão mal, que pensou estar próximo o fim.

– Telegrafe imediatamente à tia Eveline para que ela venha – disse a Fanny. Um invencível desejo de rever sua amiga maternal a assaltara.

Quando a baronesa chegou com o médico, a moça mergulhara em profunda prostração, não a reconheceu. Declarara-se uma febre nervosa das mais perigosas. A baronesa, ajudada por uma irmã de caridade, velou sobre a doente com devotamento. O almirante estava desolado, pois o mal piorava dia a dia. Acessos de delírio, acompanhados de febre ardente, alternavam-se com profundo

abatimento e o velho médico militar que cuidava de Tâmara e havia conhecido seu pai mostrava-se cada vez mais preocupado.

Alguns dias mais tarde, chegou Madame Ericson que, mortalmente assustada pelo telegrama, partira no mesmo dia. Com os olhos cheios de lágrimas a excelente senhora inclinou-se sobre a moça que ela amava como sua própria filha. Leu em seus traços magros todo o seu sofrimento, todas as lutas que havia suportado. Como se Tâmara houvesse sentido o olhar amoroso que se fixava nela, abriu os olhos e um vago sorriso errou sobre seus lábios ressequidos, mas um momento após ela recaiu no estado de torpor.

Desde esse dia, Eveline instalou-se à cabeceira da doente e, velando dia e noite, disputava sua presa à morte, com toda a tenacidade do amor materno.

Magnus estava completamente desesperado. Ligara-se àquela moça por todas as fibras de sua alma. Mesmo resignado a não mais considerá-la como sua esposa, parecia-lhe impossível viver sem ao menos vê-la. Ouvir o seu riso sadio e sonoro e mergulhar seu olhar nos seus olhos puros e brilhantes tornara-se para ele uma fonte de vida. E... quem sabe, os termos da sua recusa não haviam deixado no fundo de sua alma uma esperança? Dez vezes por dia ele mandava alguém saber notícias dela.

Ugarine também ardia por conhecer o estado da doente. Sua lembrança o perseguia como uma obsessão. Seu rosto encantador postava-se entre ele e sua noiva, estancando em seus lábios as banais palavras de amor. Mas havia perdido o direito de informar-se dela diretamente e procurava por vias diferentes saber como passava Tâmara. Sua melhor fonte de informações era o velho médico que frequentava a casa do pai de Catarina, e por ele soubera o príncipe que a moça ia de mal a pior.

Chegou, assim, o dia do casamento. Sempre dominado por uma vaga inquietação, o príncipe, na expectativa da chegada da noiva, avistou entre os convidados o velho médico que acabara de entrar.

– Pois bem, doutor, como vai Tâmara Nicolaevna? – perguntou ele

com vivacidade.

– Mal, muito mal. Estou vindo da casa dela e temo que não passe desta noite. O organismo está esgotado. Muito trabalho, muita desgraça! Pobre moça...

A chegada da noiva interrompeu a conversa e, um instante mais tarde, Arsênio estava diante do altar, ao lado de Catarina vestida de brocado prateado e sobrecarregada de joias, mas, contemplando aquela mulher feia e insignificante, à qual nenhum adorno poderia dar encanto, um vazio assustador se fez de repente no coração do príncipe: um futuro sombrio parecia abrir-se diante dele e a mão robusta que o sacerdote acabara de unir à sua lhe parecia um pesado ferrolho de metal que lhe barrava o caminho rumo a um destino melhor. Obstruindo a cabeça ornada de diamantes e de flores de laranjeira de Catarina, surgia como uma visão sedutora o rosto de Tâmara, a orgulhosa e enérgica jovem que, pobre e abandonada, morria, desprezando-o a despeito de seu título e da riqueza da qual ele se apossara, bem como "daquela bela mão principesca que tinha vergonha de trabalhar, mas não tinha vergonha de vender-se". Um tremor nervoso sacudiu o corpo de Arsênio. Catarina notou e fitou-o admirada, mas o olhar do príncipe evitou o seu. Sentia-se naquele momento como um malfeitor, um impostor, cujo "sim" mentiroso não tinha senão um sentido: "Sim, quero ser rico!" Ele não amava e nunca haveria de amar aquela mulher que ele estava ligando a si mesmo indissoluvelmente. Sabia que ela haveria de traí-lo, que não queria dele senão o título e a posição social. De fato, Deus não era supérfluo naquele mercado, no qual os corações não tinham parte alguma?

Apesar das predições do médico, Tâmara não morreu; seu organismo jovem e sadio venceu o mal. Sob a guarda fiel de seus três sinceros amigos, ela voltou à vida e, alguns dias depois do casamento de Ugarine, foi declarada fora de perigo. O príncipe soube disso ainda antes de sua partida para o exterior e um suspiro de verdadeiro alívio escapou de seu peito. Quanto a Magnus,

sentia-se muito feliz – alegria e esperança retomaram lugar em seu coração.

A convalescença de Tâmara, contudo, foi extremamente lenta, pois o estado de alma da moça reagia de maneira prejudicial sobre seu corpo enfraquecido. Prostrada durante horas na poltrona, ela se absorvia em sombria meditação, considerando uma ironia da sorte o retorno a uma vida que não lhe trazia senão desgosto e canseiras. Perdera todas as ilusões; os seres humanos e as coisas lhe apareciam em toda a sua triste realidade. De todo o seu ser ela ansiava por voltar à pátria invisível, e eis que as portas da eternidade, já abertas de par em par, fechavam-se novamente. Com que finalidade?

Eveline notou com tristeza o estado de espírito de sua antiga discípula, a amargura que ressoava em cada palavra que ela pronunciava, a opinião dura e cheia de desprezo que tinha dos seres humanos.

Estando já quase restabelecida, Madame Ericson pensou em voltar a Estocolmo, onde a chamavam numerosos compromissos. Cerca de oito dias antes de sua partida, sentou-se junto ao divã sobre o qual Tâmara estirara-se preguiçosamente e lhe disse, abraçando-a:

– Há muito tempo, minha querida, estou para conversar com você mais seriamente. Hoje você parece tão repousada e forte, que nossa conversa não a fatigará.

– Você quer me repreender, tia Eveline? – perguntou Tâmara, tomando-lhe a mão.

A Senhora Ericson sorriu.

– Você acha que o mereceu, minha filha? Não, não quero repreendê-la, mas apenas procurar reparar o que a desgraça deformou e fez desviar em seu coração e em seu espírito. Sua alma está doente: uma exagerada desconfiança, um sombrio e intratável orgulho invadiu tudo. A priori você só admite nos homens a cupidez e a baixeza. A impiedosa dureza com a qual você julga tudo o que

se aproxima de você às vezes me assusta. Esse não é um bom caminho e não é cavando um abismo entre você e o mundo que conquistará a paz de coração. Sem dúvida, você tem sofrido muito e na vida encontramos mais mal do que bem, mas condenar em bloco a humanidade é indigno de um espírito superior. Entre a turba dos maus, encontramos muitos corações desinteressados e generosos que você confunde com ela na condenação geral. Creia-me, não basta suportar condignamente a adversidade e caminhar corajosamente pelas trilhas estreitas do dever e da virtude; é preciso que, através da dor da provação, conservemos a pureza do coração, a mansidão e o amor ao próximo. Procure julgar com mais indulgência os erros e as faltas dos nossos pobres irmãos em humanidade e o mal a chocará menos. Você os lamentará em vez de condená-los.

Tâmara baixou a cabeça.

– Você tem razão, tia Eveline. Nosso Divino Salvador e nossos amigos do mundo espiritual nos ensinam essa lei do amor e do perdão e, certamente, eu seria mais feliz se pudesse elevar-me a essa serena mansuetude que nos torna invulneráveis às ofensas pessoais, mas não posso, pois minha alma doente odeia e desafia. Tudo o que encontro, tudo o que vejo, me inspira desprezo e desgosto.

– Sim, minha querida, evidentemente, o meio no qual você vive é malsão para você, mas isso vai mudar. Eis o que resolvemos com Ivar: em primeiro lugar, vou levar comigo as duas crianças, pois é indispensável transplantá-las para um ambiente mais sadio. Sem dúvida, Fanny e Charlotte são excelentes e fiéis criaturas, mas são sempre servas e notei que Olga tem ideias frequentemente muito falsas e que suas maneiras, como as de Jorge, deixam muito a desejar. Você não pode cuidar deles pessoalmente por causa de seu trabalho e do seu estado de espírito. Você é nervosa e irritável. Ora, manter as pobres crianças como aves na gaiola é prejudicial. Em minha casa elas ficarão mais à vontade e receberão uma

educação racional.

Tâmara ouvira, muito pálida e comovida.

– Como!? – exclamou ela – Você quer que eu fique sozinha aqui, deixando as crianças por sua conta?

– Não. Eu não deixarei você aqui, ainda que não possa levá-la logo, imediatamente – respondeu Eveline com um sorriso –. Após essa terrível doença, uma viagem tão longa em pleno inverno seria perigosa, mas em abril, penso eu, você poderá, sem inconvenientes, juntar-se a nós em Estocolmo e até mesmo ficar lá, uma vez que Ivar me escreveu que conseguiu para você ocupações bem rendosas no outono. Você poderá também ajudá-lo no atelier, substituindo Eric, que vai estudar pintura na Alemanha e na Itália durante dois anos. Viveremos todos juntos, como outrora, e, sob a influência de nossa afeição, seu coração ficará curado.

Demasiado emocionada para falar, Tâmara atirou-se aos braços da amiga maternal que havia tão sabiamente decidido e arranjado tudo. Sim, naquele asilo de paz ela reencontraria o equilíbrio da alma. Lamentava bastante deixar seu padrinho, a baronesa e... Magnus, mas, de qualquer maneira, era melhor assim.

---

7 Juvenal: Décimus Junius Juvenalis, famoso satirista e poeta romano. Seus dados biográficos são incertos e um tanto fantasiosos. Supõe-se que tenha nascido no ano 60 da nossa era. Em 128 ainda vivia, havendo quem afirme que tenha morrido octogenário. Consta ter desagradado com seus versos um amigo pessoal do Imperador Domiciano, do que lhe resultou ser deportado para o Egito.

Foi o que se poderia chamar de um poeta engajado, pois discorria com veemência, em linguagem desabrida, sobre temas delicados, complexos e até escabrosos para a época, como a homossexualidade, problemas sociais, a condição da mulher, etc. A espinha dorsal da famosa Sexta Sátira, livro II, por exemplo, é esta: "Enquanto houver corda para enforcar-se, por que casar-se?". Juvenal é um poeta genial, indignado, veemente, violento mesmo e dotado de extraordinário poder de comunicação. "Odiava imparcialmente a tudo quanto via – diz a *Britannica* – não apenas o vício e a crueldade de seu tempo, mas sua luxúria, sua arte, sua poesia e até sua filosofia". Era, pois, um rebelde nato e escrevia exatamente o que pensava.

Alguns afirmam que ele teria reencarnado como Victor Hugo, o que não parece de todo incongruente.

8 A erva damiana consiste em um arbusto que cresce nas florestas tropicais da América. Os índios astecas usavam-na como remédio. (N.E)

9 São Petersburgo: ao tempo em que se passa a história narrada neste livro, São Petersburgo (que foi também chamada de Petrogrado e de Leningrado) era capital da Rússia Imperial, condição política que lhe coube durante duzentos anos, de 1712 a 1918, quando a capital foi transferida para Moscou.

Tinha, na época – final do século 19 – cerca de 1.300.000 habitantes, segundo censo realizado em 1897. Mesmo com a sobriedade que lhe é própria, a *Enciclopédia Britânica* informa que "é, arquitetonicamente, uma das mais belas cidades do mundo", sendo hoje a mais importante da União Soviética, após Moscou.

A mudança de nome de São Petersburgo para Petrogrado, ordenada pelo tzar Nicolai II em 1914, foi apenas uma tradução do alemão para o russo.

O extenso artigo da *Britânica* menciona ainda o subúrbio de Peterhof, hoje com o nome de Petrodeverts, onde a família Ardatov possuía uma casa de campo.

10 Whist: de uma palavra inglesa que significa *silêncio*. Jogo de cartas disputado por quatro pessoas, duas contra duas.

11 Auto-de-fé: o auto foi, na Idade Média, uma teatralização de fundo moral com personagens usualmente alegóricas, como as virtudes, os pecados, etc. O auto-de-fé era basicamente, na Espanha, uma dramatização para efeito moral da solene condenação de pessoas julgadas pela Inquisição por práticas consideradas anticristãs ou, mais precisamente, anticatólicas. A cerimônia começava com uma procissão, da qual participavam as autoridades do Santo Ofício (Inquisição), seus auxiliares e os condenados ou penitentes. Em seguida, todos ouviam missa e o rei, bem como todos os seus auxiliares leigos, prestavam solene juramento de obediência à Inquisição. Falava, então, o Grande Inquisidor, sendo, por último, lidas as sentenças de condenação ou, muito raramente, as de absolvição.

Como a Igreja não desejava assumir publicamente os ônus da execução dos condenados, entregava-os às autoridades civis para esse fim, mas nem a entrega nem a execução eram habitualmente levadas a efeito durante o auto-de-fé e, sim, em ocasião posterior, mais

discreta.

Os primeiros autos-de-fé de maior impacto ocorreram quando Tomaz de Torquemada assumiu a direção da Inquisição espanhola (Sevilha, 1482, e Toledo, 1486). A última, já no reinado de Carlos III, foi realizada em segredo e cuidou de poucas sentenças.

Em 9 de outubro de 1861 foram queimadas solenemente, num auto-de-fé em Barcelona, várias obras de Allan Kardec e outras de conteúdo espírita.



O testamento de Olaf

ALGUNS DIAS APÓS seu retorno a Estocolmo, a Senhora Ericson foi surpreendida com a visita do velho Justin, fiel camareiro de Olaf Cederstedt. Entremeando suas palavras com lágrimas amargas, o ancião anunciou que seu patrão estava à morte. Já há alguns meses suas forças vinham se extinguindo dia a dia. Já não deixava mais o leito e era evidente que o último momento aproximava-se. Na noite precedente, Justin, que velava o doente, vira-o agitar-se sob as cobertas e, em seguida, pronunciar o nome de Swanhild. Julgando que ele sonhava, não ousara incomodá-lo, mas, pouco depois, seu patrão pareceu realmente despertar e lhe perguntou se sabia do endereço de Madame Ericson. Ante uma resposta negativa, ordenara-lhe que logo pela manhã procurasse informar-se e fosse pedir à Madame Eveline que viesse vê-lo com urgência, pois tinha algo de grave a dizer-lhe.

Sem perda de um instante, Eveline, acompanhada de Justin, foi à residência do doente e seu coração se confrangeu dolorosamente, ao penetrar o aposento fracamente iluminado, onde morria o homem fiel de quem ela gostara como um parente e que, na sua lembrança, conservara-se jovem, belo e feliz.

– Muito obrigado por ter vindo. Sinto-me feliz em vê-la antes de morrer, se bem que jamais pude decidir-me a reatar nossas relações de amizade – murmurou o doente apertando-lhe com a mão descarnada a da visitante –. Não chore, Eveline – acrescentou, ao perceber que uma lágrima tombou sobre seus dedos –, estou no fim, os sofrimentos são passados, perdoei e encontrei a paz. Pobre Swanhild! Foi punida mais do que merecia. O diário dela, que a filha me trouxe, revelou-me um abismo de infelicidade e sofrimento. Mas, deixemos disso, por enquanto: é sobre essa menina que desejo falar com a senhora. Esta noite tive com ela um sonho ou uma visão muito estranha. Digo sonho ou visão porque me é impossível precisar se foi em estado de vigília ou de sono que eu me encontrava, mas o que é certo é que vi Swanhild.

E continuou:

– Ela estava com o vestido branco e tinha ao pescoço o medalhão que trazia no dia do nosso noivado. Estava jovem e bonita como naquele dia, só que mortalmente triste. Inclinou-se sobre mim e com uma palavra súplice disse: “Olaf, você prometeu ajuda e apoio à minha pobre Tâmara. Olhe!” Estendeu a mão e um raio de luz se formou, como que saindo de seus dedos. Na extremidade daquele raio de luz, vi desenhar-se um quarto simples e, sobre um leito, vi uma jovem tão pálida, tão abatida, que mal pude reconhecer Tâmara, a deslumbrante menina que me trouxe a paz e o consolo aos meus últimos dias. Ainda uma vez, ela disse: “Olaf, pense em Tâmara!” Swanhild desapareceu e, com ela, a visão, mas estou convicto de que algo aconteceu à menina. Diga-me o que e se a senhora conservou com ela as relações de amizade.

– Certamente, o que Tâmara sofreu há de ter causado grande aflição a Swanhild, pobre alma! E é ao senhor que ela veio implorar socorro para a filha – respondeu Eveline emocionada.

Em seguida, ela contou ao doente tudo o que aconteceu desde que Tâmara deixara a Suécia: a ruína e a morte de Ardatov, a retratação de Anatole e, enfim, a luta corajosa da moça para

manter-se com seu trabalho, bem como às crianças, luta exaustiva que lhe provocara a doença mortal, da qual escapara por milagre.

Cederstedt ouviu o relato com vivo interesse, misto de admiração e pesar.

– Pobre criança! Honesta e digna, sim, tal como eu pensava. Mas, por que não me escreveu ela? Eu lhe disse que seria sempre seu melhor amigo. E a senhora, Eveline, por que não me contou isso? Enfim, antes tarde do que nunca, e desde que a minha cara Swanhild veio interceder por ela, sei como agir. Pedirei à senhora, cara amiga, para vir aqui amanhã, ali pelas onze horas da manhã, com seu marido, a fim de conversarmos sobre o assunto.

Após haver falado sobre o passado, Eveline, notando o cansaço do doente, retirou-se, mas seu coração estava cheio de alegria e de esperança. Não havia dúvida de que Cederstedt haveria de assegurar o futuro da órfã.

Suas suposições confirmaram-se logo que, ao chegar à casa de Olaf com seu marido, encontrou reunidos à cabeceira da cama, um médico, um eclesiástico e um tabelião, que acabara de preparar um documento que, em seguida, foi lido em voz alta.

Era um testamento em boa forma jurídica, pelo qual Olaf Cederstedt legava a Tâmara Ardatov, filha de Nicolai Ardatov e de Swanhild Lowenskiold, toda a sua fortuna, no montante de um milhão e seiscentos mil *rixdallers*[12] em dinheiro, depositados em banco, bem como as duas propriedades e sua casa em Estocolmo, com tudo o que elas continham: móveis, prata, enfeites e objetos de arte, avaliados em cerca de um milhão. Seguiam-se diversas cláusulas, obrigando a herdeira universal a alguns legados e pensões, assim como presentes e lembranças a várias pessoas.

Ericson e sua mulher estavam estupefatos: não imaginavam que Cederstedt fosse tão rico. Eveline observou timidamente que talvez o testamento lesasse direitos mais legítimos.

– Estou só no mundo, desde que morreu minha única irmã, e

minha última vontade não prejudica direitos de ninguém – respondeu Cederstedt, assinando o documento.

Em seguida, assinaram duas testemunhas, preparou-se uma cópia do testamento e todos se retiraram, exceto Ericson e sua mulher.

Apesar de seu esgotamento, o doente mostrava-se alegre e animado.

– Dentro em breve direi a Swanhild que doei à sua filha todos os direitos que lhe teria doado se fosse minha própria filha. Ah! Por que não teve ela o caráter mais enérgico, a calmaria dessa estranha menina? Não nos teríamos separado. Somente duas vezes vi Tâmara, mas ela me inspirou uma profunda afeição.

– Veja, Eveline, os olhos do Senhor Cederstedt... São os de Tâmara, o mesmo olhar. Você nunca o notara? – perguntou Ericson muito admirado.

– É verdade, seus olhos sempre me lembraram alguém, mas não podia precisar quem fosse.

– É uma estranha coincidência, mas é muito justo que a herdeira de meus olhos seja também a dos meus haveres – observou o doente com um sorriso –. Quando a senhora vai enviar a notícia da minha decisão?

– Acho que devo esperar que ela se fortaleça um pouco. Temo que a notícia imprevista de uma mudança de situação como essa lhe cause emoção forte demais e lhe seja prejudicial.

– A senhora tem razão. Deixemo-la restabelecer-se um pouco.

Como se a animação e a concentração da energia vital e da vontade de Olaf Cederstedt, por ocasião do testamento, houvessem consumido suas últimas forças, ele começou a extinguir-se logo no dia seguinte e, após uma agonia calma e sem dores que durou duas semanas, morreu pacificamente, cheio de fé e de esperança numa vida melhor no além-túmulo. Foi enterrado, como de seu desejo, no parque do castelo, à beira do mar e, quinze dias após o funeral, um pacote devidamente registrado, contendo uma cópia do testamento,

um bilhete de próprio punho do falecido e uma longa carta de Eveline seguiu para São Petersburgo.

Após a partida de Madame Ericson com as crianças, a saúde de Tâmara se refez rapidamente. A decisão tomada e a perceptiva de regressar ao lar amigo que ela considerava como um abrigo de paz haviam restituído a quietude à sua alma atormentada e, com as forças, voltaram a energia e até mesmo a alegria um tanto cáustica que a caracterizava.

Falara mesmo em retomar seu trabalho no atelier, mas a baronesa e o almirante opuseram-se energicamente, exigindo que ela repousasse e se deixasse cuidar até que aqueles que lhe proporcionavam tais confortos lhe dessem permissão para voltar ao trabalho. Tâmara repousava, pois, fazendo diariamente um passeio a pé ou de carruagem, reconquistara a graciosidade e a boa disposição. A baronesa propôs-lhe passar em sua casa algumas semanas, mas ela recusou. Tinha necessidade de solidão e repouso e não se sentia encorajada a reencontrar-se com Magnus.

A Senhora Belzoni vinha muitas vezes visitá-la. Uma noite em que a jovem senhora se encontrava de novo em casa de Tâmara, esta lhe perguntou o que fora feito do retrato de Ugarine, se o haviam terminado a tempo.

– Ah, sem dúvida, meu marido acabou-o. A senhora já havia trabalhado bastante e não havia muito a fazer. Dois dias depois ele foi entregue. Mas não lhe contei ainda que eu assisti ao casamento do príncipe, o que foi uma proeza, pois eu não tinha convite para entrar na igreja. Enfim, enchi-me de coragem e pedi um convite a ele mesmo; ele sorriu e me enviou três. Foi soberbo! A noiva estava com um vestido todo bordado de prata... e de diamantes!!! Brilhava como um sol e, contudo, apesar dessa incomparável vestimenta, não estava bonita. Quanto ao príncipe, estava pálido, sombrio e distraído. Nem parecia de forma alguma um noivo feliz. Oito dias mais tarde ele partiu com sua jovem esposa para o exterior.

Depois que a Senhora Carlotta saiu, Tâmara instalou-se numa

cômoda poltrona ante a lareira. Com os olhos fixos nas brasas que se extinguiam e cujo clarão avermelhado refletia-se nos objetos em torno, ela começou a meditar... A imagem do Príncipe Arsênio projetava-se diante de seu espírito, evocando a lembrança de seu último encontro antes da doença e todos os incidentes ocorridos.

“Se eu fosse tão rica como Catarina, desejaria eu estar no lugar dela e desposá-lo? – perguntou-se involuntariamente –. Não e mil vezes não – murmurou, enquanto um sentimento áspero e quase odioso invadiu seu coração –. Ser desposada por causa da fortuna, por um homem que não se ama e ser traída sempre que ele esteja fora do alcance da vista e não ver na esposa senão um apêndice desagradável ao dote, que humilhação!”

Pouco a pouco, o devaneio de Tâmara extinguiu-se em doce sonolência, seus olhos fecharam-se e ela adormeceu profundamente. Teve, então, um estranho sonho. Via-se num pequeno salão forrado de tecido púrpura e luxuosamente mobiliado. Ela estava de pé junto de uma lareira de mármore, com as duas mãos apoiadas no encosto de uma cadeira e, presa de violenta emoção, fixava Ugarine que, com a face inflamada, os olhos afogueados pela paixão, lhe falava de seu amor, aproximando-se dela e tentando atraí-la para si. Naquele momento, Tâmara julgou ver, num grande espelho que lhe ficava em frente, deslizar a imagem de Magnus. Como que tomada de uma opressão, ela repeliu violentamente o príncipe e acordou. Trêmula, se recompôs e passou a mão pela testa. “Que loucura! – murmurou ao cabo de um instante. Que sonho estúpido, inspirado pela febre! Evidentemente que ainda estou doente”. Chamou Fanny e mandou-a acender a lâmpada.

Alguns dias mais tarde, pela manhã, após haver tomado o chá, Tâmara sentou-se à escrivaninha, disposta a escrever à Madame Ericson. Antes de começar, arrancou, como sempre fazia, a folha do calendário. Subitamente, estremeceu e empalideceu. Como pudera esquecer que hoje era o aniversário da sua ruína, aquele dia

terrível, dois anos antes, quando a desgraça desabara sobre sua casa? Abateu-se sobre a mesa e lágrimas silenciosas correram-lhe pela face. Mil lembranças pungentes surgiam-lhe à mente: a fuga dos convidados, a morte horrível de Lúcia, a venda dos bens e a longa cadeia de humilhações e sofrimentos que se seguiram.

Um toque violento na campainha da porta da cozinha e a voz forte de um homem que falava com Fanny interromperam os pensamentos da moça. Um instante depois, a camareira entrou, trazendo um caderno e um volumoso pacote lacrado.

– Senhorita, assine aqui, por favor, o recibo do pacote vindo de

Estocolmo, sem dúvida de Madame Eveline.

Tâmara assinou e, sob a impressão de suas penosas lembranças, virou e revirou com inquieto nervosismo o volume imprevisto que lhe chegava naquele dia nefasto. Seria o anúncio de alguma nova desgraça? Com decisão febril, ela arrancou o envoltório, vários papéis caíram sobre a mesa e ela reconheceu a letra de tia Eveline numa das cartas. Em duas outras, as letras lhe eram desconhecidas. Havia também um documento oficial.

Muito admirada, a moça desdobrou-o, mas, à medida que lia, uma palidez lívida espalhava-se pelo seu rosto, o papel escapou-lhe das mãos trêmulas e, como que ébria, apoiou-se ao espaldar da cadeira. Girava-lhe a cabeça. A prostração, contudo, não durou muito. Passando as mãos sobre a fronte coberta de suor, Tâmara empertigou-se e tomou a carta de tia Eveline. Leu, a seguir, o bilhete escrito por Cederstedt e a carta do notário, que a convidava a ir tomar posse da herança. Pela segunda vez, desdobrou a cópia do testamento: estava ali escrito, com todas as letras, que Olaf Cederstedt instituía como sua herdeira universal Tâmara Ardatov. Seguia-se imponente inventário dos capitais, dos imóveis e tudo o que compunha a herança, bem como os donativos e outros compromissos que lhe eram solicitados e, enfim, as assinaturas de duas testemunhas.

Respirando a plenos pulmões, Tâmara afastou a cadeira e, com os

olhos cintilantes, começou a caminhar nervosamente pelo quarto, para lá e para cá. Decididamente, ela não estava sonhando mais; terminara a miséria, o trabalho assalariado, o abandono que a expunha à arrogância brutal do primeiro que aparecesse. Estava rica, milionária, mais rica mesmo do que Catarina Migusov! Um rubor ardente inundou sua face e um sorriso de orgulhosa satisfação entreabriu seus lábios: possuía, agora, aquele encanto todo-poderoso que faz curvar todo o mundo, mesmo aos pés da pessoa indigna, que faz dobrarem-se até as costas mais inflexíveis. Dispunha daquele metal fascinador que só ele dá valor ao ser humano, que iria trazer de volta aos seus pés a turba egoísta e volúvel e enfeitá-la com os encantos que passaram despercebidos, enquanto ela foi pobre. Trêmula de emoção, continuou a caminhar pelo quarto. Por um momento, o orgulho daquele poder que o destino colocava em suas mãos absorveu todo o seu ser, mas, pouco a pouco, a calma retornou, um traço sombrio desenhou-se em sua testa e um sentimento de tristeza a oprimiu. “Por mais poderosa que seja a riqueza – murmurou ela – não poderá restituir minhas ilusões perdidas, eliminar a desconfiança e o desgosto que me inspiram as criaturas!”

Ficou, por alguns momentos, absorvida nesses pensamentos, depois sacudiu a cabeça como que a expulsar dali as negras ideias. “Boba que sou! Para que lamentar por ter tido meus olhos abertos? Teria sido melhor se eu fosse o joguete desprezível de um mundo mentiroso? Não, não. Bebi até a última gota essa beberagem amarga chamada desgraça, miséria, abandono, desdém, e agradeço a Deus por ter visto os homens na nudez de suas condições morais, quando fugiam da deserdada, da qual pensavam não ter jamais necessidade. Além disso, tia Eveline tem razão: mesmo nessa turba há corações generosos”.

Sentou-se à escrivaninha e apanhou uma folha de papel que releu atentamente: era o pedido de casamento de Magnus. Um sorriso bom e alegre transitou pelos seus lábios: “É preciso um pouco de paciência ainda, meu pobre Magnus – murmurou ela, tornando a

dobrar a carta –. Deixe-me divertir um pouco, sondar a baixeza das pessoas sob um novo ponto de vista. Depois disso, sem pesar, virarei as costas a todos”.

Tâmara apoiou-se sobre a mesa e abismou-se em tamanho caos de pensamentos e de projetos futuros, que nem ouviu a campainha e não percebeu a entrada de seu padrinho senão quando ele lhe tocou o ombro.

– Que tem você, Tâmara? Está indisposta? – perguntou o almirante, fitando inquieto o rosto afogueado da moça.

– Não, tio Sergei. É de alegria a minha emoção. Veja, leia isto!

– e pôs-lhe nas mãos o testamento e a carta de Cederstedt.

Sergei Ivanovitch leu, esfregou os olhos, leu de novo e, em seguida, atirando o documento sobre a mesa, abraçou Tâmara e exclamou:

– Arre! Minha filha, eis aí uma verdadeira história das Mil e Uma Noites. Eu a felicito e que Deus proporcione a paz dos eleitos a esse bravo e generoso Cederstedt, que fez de você a princesa de um conto de fadas.

Sentaram-se ambos ao divã e conversaram o melhor que podiam. A emoção era muito grande e o almirante, sobretudo, não conseguia superar seu estado de surpresa.

– Aí está uma história que vai fazer tagarelar toda a cidade de Petersburgo! Levarei a novidade fresquinha esta noite ao baile da Marinha e vou me divertir com o espanto e a inveja daquela gente.

Um clarão brilhou subitamente nos olhos de Tâmara.

– Você vai ao baile esta noite, tio Sergei? Então, eu lhe peço, me leva...

–Você quer ir ao baile, você que detesta toda espécie de reunião? – perguntou o almirante admirado –. Claro que levarei você, com prazer. Só que não compreendo nada quanto às suas intenções.

– Veja bem – disse ela –, estas são as últimas horas durante as

quais vou desfrutar o privilégio de ser pobre e de ver as caras sem as máscaras. Quero aproveitar a oportunidade para encontrar-me, como deserdada da sorte, com meus conhecidos, frequentadores do salão da baronesa. Será a primeira vez que me verão após a doença e estou muito curiosa por saber como serei recebida.

Um sorriso estranho errou sobre seus lábios. O almirante balançou a cabeça.

– Você, às vezes, é um verdadeiro Machiavel[13]. E outra coisa – você tem um vestido apropriado?

– Vou vestir-me com a maior simplicidade. Não se esqueça de que é a pobre Tâmara que vai ao baile (sorriu maliciosamente). Além disso, peço-lhe que me dê algum dinheiro.

Não foi menor a surpresa de Fanny ao ver sua jovem patroa regressar de uma ida à cidade. Trazia uma grande caixa de papelão e vários embrulhos menores, mas a surpresa virou inquietação quando Tâmara mandou-lhe acender as velas na parede entre as janelas e declarou que iria ao baile.

– Será que a senhorita teve uma recaída? – confidenciou ela a Charlotte –. Ela quer ir ao baile!

– É verdade, Senhorita Tâmara, que a senhora quer ir ao baile? Mas isso é um milagre! – observou a fiel governanta.

E, enquanto falava e pensava, ia examinando curiosamente o vestido de seda branca, os buquês de flores e as longas luvas que Fanny ia retirando das caixas.

Tâmara contemplou as faces desconfiadas e explodiu numa descontraída gargalhada.

– Sim, minha boa Charlotte, vou ao baile. Estou alegre, porque uma grande felicidade me aconteceu, disse pousando as mãos aos ombros da velha servidora. Os bons tempos estão de volta. Você vai dirigir novamente uma riquíssima mansão e Fanny será a camareira de uma dama elegante. O pacote que chegou hoje de manhã de Estocolmo me trouxe a notícia de uma herança. O Senhor Olaf

Cederstedt me fez sua herdeira universal.

Fanny ficou muda de estupefação, mas Charlotte deixou escapar um grito e, deixando-se cair sobre uma cadeira, juntou as mãos acima da cabeça:

– O Senhor Olaf, o mais rico armador de Gotemburgo, o noivo da Senhorita Swanhild! – balbuciou ela atônita –. E ele deixou tudo para a senhora? As casas em Estocolmo e em Falkenas, e tudo o mais?

– Tudo, tudo, a casa, Falkenas, o castelo junto ao mar e mais de um milhão, em dinheiro vivo – respondeu alegremente Tâmara.

Com um grito de alegria, Fanny atirou-se aos pés da patroa e cobriu suas mãos de beijos. Em seguida, agarrando-se a Charlotte, começou a rodopiar com ela por todo o quarto.

– Largue-me, sua doida! Como pode você fazer uma coisa dessas na presença da senhorita? – exclamou a governanta sem fôlego –. Vai. Está na hora de Tâmara Nicolaevna vestir-se.

Ao pentearem e vestirem a moça, as duas fiéis servidoras foram-se informando dos pormenores do miraculoso evento. Em seguida, puseram-se a contemplar extasiadas a boa aparência e a elegância da jovem senhora. Efetivamente, Tâmara estava encantadora no seu simples vestido branco ornado de fitas de veludo negro e com um raminho de flores à cintura.

Com uma estranha sensação de quietude, ela tomou seu lugar na carruagem ao lado do almirante e, enquanto a condução rodava rapidamente rumo à Escola de Cadetes da Marinha, a moça devaneava. O primeiro baile, ao qual comparecera ao regressar da Suécia, lhe veio à memória. Como se sentia feliz, ingênua e confiante naquele tempo! Ugarine, o ideal de seus sonhos, sentara-se em frente dela. A vida, o futuro, se lhe apresentavam como uma perpétua festa. Que abismo a separava desse passado que, no entanto, estava a apenas dois anos e meio! O ideal ficara irremediavelmente desbotado, a confiança desaparecera e a vida,

na sua crua nudez, destruíra brutalmente ingenuidade e ilusões. E, claro, nada seria mais diferente da entusiasta e risonha Tâmara de então, do que a mulher fria e enérgica que, cheia de zombeteira satisfação, estava preparando uma armadilha à baixeza humana. Ela sabia que, naquele baile, numerosas alfinetadas viriam ferir seu amor próprio, mas daquela vez ela se sentia invulnerável. Não estava ela protegida por uma dupla couraça – o orgulho e o ouro? O ouro, esse mago que, em poucas horas, transformaria os insolentes em admiradores, os indiferentes em amigos devotados?

Evidentemente todos tinham receio de serem obrigados a convidar Tâmara e perderem tempo inutilmente, quando tantas damas mais úteis esperavam por sua iniciativa. Ninguém se interessou sequer por informar-se de sua saúde: é claro que ela estava muito bem, do contrário não teria vindo ao baile. Contrariando, o almirante, por várias vezes, demonstrara seu desgosto, mas, sempre que seu olhar rápido fitava o rosto de sua companheira e o indefinível sorriso que perpassava pelos seus lábios, ele sentia tranquilizar-se.

Já há cerca de uma hora desfilavam assim pelos salões, quando o almirante avistou um elevado dignitário, ao qual ele desejava falar:

– Espera-me cinco minutos aqui perto destas plantas, pois tenho que dizer algo ao General Wineter – disse ele, deixando o braço da afilhada.

Tâmara fez menção de aproximar-se do arranjo de flores exóticas para não ficar na passagem, por onde circulavam as pessoas. Subitamente alguém chocou-se tão violentamente com ela, que quase perdeu o equilíbrio. Virou-se e fitou com um olhar fulminante o cavalheiro que, sem a menor cerimônia, lhe obstruía o caminho.

Era Pfauenberg, que conduzia pelo braço uma dama já bem madura, coberta de diamantes, e em cuja conversa ele parecia totalmente concentrado. Parecia, pois Tâmara percebeu o olhar malicioso que ele deixou escorregar até ela, provando que o encontro havia sido proposital.

– Tio Sergei, quero ir embora para casa. Já me diverti bastante por

hoje – comentou ela com um sorriso, quando seu padrinho voltou para perto dela.

– Acho também que será melhor você ir. Essa balburdia e este calor são prejudiciais aos seus nervos, ainda enfraquecidos – respondeu Sergei Ivanovitch, tomando-lhe o braço e caminhando na direção dos vestiários.

Após instalar Tâmara na sua carruagem, o almirante retornou à festa e se dirigiu ao buffet. Ardia de vontade de lançar agora a grande notícia da herança. Logo avistou Pfauenberg, que servia um prato destinado, sem dúvida, a uma dama, com frutas e bombons. Ao virar-se, ele também notou a presença do almirante e, vendo-o sozinho, aproximou-se com vivacidade. Os dois homens trocaram algumas palavras e, em seguida, Sergei Ivanovitch observou:

– Que pena não havermos nos encontrado antes! Eu estava com Tâmara e você poderia tê-la felicitado.

– Pela sua recuperação?

– Por isso e por outra coisa. Ela acaba de receber magnífica herança. Um parente de sua mãe deixou-lhe um legado de mais de dois milhões...

Pfauenberg ficou mudo por um momento, com o prato a tremer-lhe nas mãos, enquanto os olhos dilatados exprimiam um misto cômico de espanto, de consternação e de raiva íntima. Por um esforço de vontade, Eitel Franzovitch tentou mascarar aquela derrota que ele sabia muito bem ter ficado visível demais.

– Será possível? – exclamou ele subitamente com veemência –. Sinto-me verdadeiramente feliz por aquela encantadora e inteligente moça. Amanhã mesmo estarei em sua casa para expressar-lhe tudo o que significa para mim esse feliz evento.

– Como o senhor pode ir lá, Pfauenberg? – disse o almirante sem poder controlar o riso.

– Como? Não cabe aos amigos antigos o direito de serem os primeiros a apresentar seus votos de felicidades? Pois estou

impaciente por me informar pessoalmente da saúde de Tâmara Nicolaevna, se bem que Madame Raban me haja assegurado que ela vai bem.

– Certamente, pois ela veio ao baile!

– Foi uma pena que eu não a tenha visto. Mas, perdão, Excelência, devo voltar para junto de Madame L.

Na manhã seguinte, Tâmara foi à casa da baronesa para lhe falar da sua felicidade. Encontrou a velha senhora vestida para sair, com um agasalho e colocando um xale de lã à cabeça.

– A senhora está de saída, Vera Petrovna, e não quero incomodá-la.

– Nada disso. Vou por um quarto de hora à casa de Lilienstierna, que está doente há vários dias. Quero ver como ele está. Espere-me aí um pouco, minha filha.

– Vera Petrovna, se a senhora não acha inconveniente, deixe-me ir também, pois o barão demonstrou tanto interesse durante minha doença.

– Claro! Venha. Quem poderia objetar a isso? disse a baronesa muito divertida ante o rubor e a hesitação de Tâmara.

Em seguida, ajuntou:

– Pobre rapaz. Ficará muito feliz ao ver em sua casa o seu ideal feminino, como ele costuma chamá-la na sua ausência.

– Antes disso, eu queria contar-lhe algo...

E a moça narrou o acontecimento que fizera dela uma herdeira.

A baronesa deixou escapar um grito de surpresa e, em seguida, impaciente por transmitir a Magnus a incrível aventura, pegou Tâmara pela mão e saíram.

Foi com um estranho sentimento que a moça cruzou a soleira da casa daquele homem generoso que, somente ele, a havia amado por ela mesma e havia desejado protegê-la das misérias da vida.

Informada pelo lacaio de que o barão estava em seu gabinete de

trabalho, Madame Raban, que conhecia bem a disposição da casa, entrou no salão.

Com curiosidade, Tâmara examinou o vasto aposento ricamente mobiliado e adornado de flores e de obras de arte, mas subitamente um grande quadro atraiu sua atenção. Era um retrato de Magnus de pé, em uniforme de gala. Com estranho interesse, Tâmara contemplou a imagem do brilhante oficial, tão diferente do pálido e calmo sábio que ela conhecia.

– Foi para sua noiva que ele se fez pintar – murmurou a baronesa.

O jovem doente estava estendido sobre uma poltrona, apoiado em almofadas. Ouvindo os passos bem conhecidos de sua vizinha, empertigou-se como pôde, mas um súbito rubor cobriu-lhe a face: acabara de notar a presença de Tâmara que, perturbada e indecisa, estacara à soleira da porta.

– Veja quem lhe trago – disse a senhora com bom humor –. Mas, aproxime-se, Tâmara! Eis aí dois ingênuos! O senhor era tímido assim quando vestia o uniforme, barão?

A moça aproximou-se vivamente e estendeu as duas mãos a Magnus, que as levou aos lábios, sem perceber o olhar estranho e brilhante que ela fixou nele.

Mal se sentaram, a baronesa começou a contar a grande novidade.

Extrema palidez cobriu a face de Magnus, quando soube da súbita fortuna de Tâmara. Dominando-se com esforço, ele a felicitou. A jovem percebeu sua perturbação, mas continuou a falar alegremente e, com o relato bem humorado da sua ida ao baile, fez rir até às lágrimas os seus ouvintes. Após uma hora de conversação, elas se foram.

No mesmo dia foi decidido que Tâmara se instalaria por dois ou três meses em casa da baronesa e iria, em seguida, à Suécia tomar posse de sua herança. Foi concedida uma licença a Charlotte para ir a Upsala visitar uma irmã que ela não via há trinta anos.

Depois de acomodar-se em casa de sua velha amiga, uma vida que fazia começar a de outrora começou para Tâmara. Tornara-se o centro da sociedade que frequentava a mansão de Madame Raban, e as adulações mais solícitas cercavam a jovem e bela herdeira. Até mesmo a moça severa e sedentária parecia transformada: aceitava com invariável afabilidade os convites, parecia encantada com o carinho que lhe prodigalizavam as mamas que tinham filhos casadouros e, quanto aos jovens que assediavam continuamente seu coração e seu dote, ela utilizava-se de uma tática dissimulada que, positivamente, intrigava a baronesa. Acolhendo a todos com o mais gracioso e encorajador sorriso, ela distribuía tão habilmente seus favores, que todos os adoradores se deixavam iludir ante a esperança de serem o preferido de sua escolha. Alguns, impacientes demais em ver capitular a bela fortaleza dourada, arriscaram-se a um pedido formal e foram rechaçados. Ante a primeira palavra de amor, o sorriso sedutor de Tâmara empalidecia e uma indefinível expressão brilhava em seus grandes olhos cinzentos. Ela parecia divertir-se com o despeito daqueles homens que a haviam conhecido pobre, quando nenhum deles manifestara o menor interesse por ela.

Pfauenberg apresentou-se à casa da baronesa com o seu descaramento habitual, mas, ante suas sentidas felicitações, a moça respondera com um desdém e um sarcasmo tão pouco dissimulados, que Eitel Franzovitch compreendeu, imediatamente, a inutilidade de suas demonstrações de amizade e, ainda que fervendo de raiva íntima, voltou ao seu papel de um ocasional conhecido.

Não obstante, ele ia com frequência à residência da baronesa, principalmente pela manhã e, entrando uma vez inopinadamente no gabinete, Tâmara viu, perplexa, Madame Raban pálida, de olhos cerrados, sentada numa cadeira, enquanto Pfauenberg com as mãos estendidas sobre a cabeça dela, a magnetizava. Ele estava rubro, com as veias da fronte estufadas e tão absorvido na concentração de sua vontade, que não percebeu de pronto a

presença da moça. Mas, como se sentisse o olhar perscrutador que ela fixava nele, o oficial virou-se bruscamente e seus olhares se encontraram. Um clarão de disfarçada maldade brilhou nos olhos azuis de Pfauenberg, mas, dissimulando sua cólera, ele fez alguns passes sobre a cabeça da baronesa e, após uma breve conversação, desculpou-se com outros compromissos e retirou-se.

– Meu Deus! Vera Petrovna, por que a senhora permite que esse homem a magnetize?

– Mas, minha querida filha, é Calchas que mandou, para aliviar minhas dores de cabeça e me sinto muito bem; ele trata de mim.

– Não posso crer que o tratamento desse hipócrita lhe seja salutar, e que significa esse cheiro acre e desagradável que enche o aposento?

– É o aroma especial de Calchas e que ele exala ao me magnetizar incorporado ao seu médium. Eu o considero muito agradável, mas já sei que você o condena, na sua aversão, por tudo o que provém desse pobre Eitel Franzovitch.

O almirante também veio à noite e Tâmara contou-lhe a cena presenciada pela manhã.

– Não compreendo a finalidade dessa comédia, pois não acredito no seu poder curador – acrescentou ela.

– Quem sabe? Talvez ele seja um hipnotizador e queira sugerir a Vera Petrovna que o faça seu herdeiro. Ela é rica e não tem filhos – respondeu Sergei Ivanovitch com um sorriso.

Era o fim de abril e Tâmara mencionou sua partida para a Suécia, que esperava concretizar no princípio de maio. A baronesa, contudo, a persuadiu a não se apressar, por causa de uma brilhante união em vista, que a velha dama desejava ardentemente ver concluída.

O pretendente privilegiado era um jovem Conde de Metlov, brilhante cavalheiro, cujo padrão de vida principesco e os inúmeros golpes de sorte eram tema predileto dos mexericos de toda a

cidade. Era um homem muito belo, sedutor em suas maneiras e parecia muito apaixonado por Tâmara. Uma velha tia dele, antiga companheira de colégio de Madame Raban, promovia mil investidas junto à moça, suplicando a Vera Petrovna empregar toda a sua influência para arranjar as coisas.

Por isso, as duas velhas damas ficaram profundamente aborrecidas, quando Tâmara recusou, com toda a franqueza, o pedido de casamento do conde e permaneceu inabalável ante toda e qualquer tentativa de persuasão. Pela primeira vez, a baronesa fez uma cena com a sua amiga favorita, censurando-a pelo rancor anticristão que a tornava desagradável a todo homem que se aproximava dela, acrescentando que o orgulho e o dinheiro viraram a cabeça dela e, por fim, declarou que, como todas as jovens exigentes demais na escolha, acabaria solteirona. Tâmara aguentou a borrasca com a maior fleuma e somente respondeu com um sorriso e um beijo ao mau-humor da velha amiga.

À noite daquele dia tempestuoso, Magnus foi visitá-las. Ele era agora hóspede muito raro e desde que a moça se instalara em casa de Madame Raban ele evitava claramente vê-la com frequência. Temendo, evidentemente, encontrar alguns dos numerosos visitantes que frequentavam com assiduidade o salão da baronesa, ele chegou cedo. Mas, como Vera Petrovna tinha uma carta urgente a escrever a seu marido, ausente a serviço, pediu licença aos dois jovens, que ficaram sós.

Estabeleceu-se um silêncio, pois as conversas entre eles agora não tinham a animação de outrora. De repente, Tâmara atirou seu bordado para um lado, arrastou o tamborete para junto da cadeira do barão e, após um momento de hesitação, disse visivelmente constrangida:

– Eu... eu quero fazer-lhe um pedido, Senhor Lilienstierna.

– A mim? – perguntou Magnus, levantando a cabeça admirado.

Notando, porém, a perturbação da moça e o rubor que lhe subiu ao rosto, acrescentou vivamente:

– Disponha de mim. A senhora sabe que me sentirei muito feliz em poder ser-lhe agradável.

Tâmara ergueu a cabeça, num gesto brusco e decidido que lhe era peculiar, e seus olhos voltaram a brilhar intensamente.

– Pois bem, devolva-me aquele bilhete que lhe enviei quando fiquei doente ou, melhor ainda, destrua-o.

Foi a vez de Magnus enrubescer.

– Bem, se é isso que a senhora deseja – respondeu ele com voz incerta.

– Isso não é tudo. Esqueça as palavras injustas escritas sob a impressão de uma baixa insinuação que me havia sido feita. O que vou dizer-lhe é a minha verdadeira resposta.

Ela inclinou-se e seu olhar velado e afetuoso mergulhou nos olhos do seu interlocutor.

– Aceito a sua oferta generosa, Magnus, e a proteção do seu amor e do seu nome. Quero ser sua mulher e amá-lo com toda a minha alma.

Intensa coloração inundou a pálida face do jovem.

– Que está dizendo, Tâmara? Devo aceitar seu sacrifício? Ligar a senhora a um incurável enfermo? Não e não. Quis, naquela ocasião, oferecer-lhe um abrigo contra a maldade humana; agora tudo está mudado. Muitos homens belos e sadios põem o amor a seus pés! Qualquer deles pode proporcionar-lhe uma vida feliz e brilhante. Por que a senhora os recusa? Não é natural que me prefira a eles.

– É natural porque estou convicta de que somente o Senhor, Magnus, me ama pelo que eu sou – disse firmemente Tâmara –. Todos esses homens que me têm pedido em casamento só me inspiram desconfiança e antipatia. A maioria deles me conheceu ainda enquanto meu pai vivia e ninguém me deu a menor importância, ninguém gostou de mim, enquanto eu fui pobre. Não me tornei nem mais bela e nem mais inteligente, nem mais virtuosa agora. Está bastante claro, portanto, que os milhões que me vieram

ter às mãos e não a minha pessoa é que despertaram tanta cobiça. Antes de tomar uma decisão, quis testar a mim mesma e lhe juro que meu coração permaneceu frio. Nem um dos pretendentes me agradou, e a raiva e o despeito que minha recusa provocou me divertiram e me encheram de desprezo. É somente ao Senhor, Magnus, que desejo esposar.

– Ah, isso é impossível. A vida é longa, Tâmara, e pode chegar um tempo em que você venha a maldizer seu generoso arrebatamento – murmurou Magnus, apertando a cabeça entre as mãos –. Ligar o seu futuro radioso a um paralítico, condená-la ao papel de uma permanente enfermeira, é o mesmo que desafiar a Deus.

Tâmara ouvira tudo com espanto. Subitamente as lágrimas saltaram de seus olhos e ela exclamou com uma voz vibrante e entrecortada:

– O senhor me recusa, Magnus. O senhor! Estou, portanto, mais pobre do que nunca, pois o único homem que me amou pelo que eu sou não me quer mais!

Assustado ante a sua violência, subjugado pelas suas lágrimas, o jovem tomou-lhe as mãos.

– Tâmara, como pode explicar assim minhas apreensões? Não chore, minha bem-amada. Claro, eu a aceito como um presente do céu, como um raio de sol nas trevas de minha vida, e que Deus nos abençoe e nos proteja, para que a senhora jamais lamente a hora que nos uniu!

– Jamais, estou certa, terei coisa alguma a lamentar – respondeu Tâmara, sorrindo por entre as lágrimas.

Magnus atraiu-a para si e levou apaixonadamente aos lábios às pequeninas mãos que tinha entre as suas.

Nesse instante, a baronesa surgiu à soleira da porta e estacou como que petrificada. Se ela não estava com uma perturbação na vista, o que estaria acontecendo ali?

Tâmara, que tudo percebeu ao levantar a cabeça, correu para ela

e abraçou-a efusivamente.

– Querida Vera Petrovna, felicite-me: acabo de ficar noiva de Magnus. Meu amor por ele é a explicação da recusa aos outros pretendentes... e não serei uma solteirona, como a senhora me predisse hoje pela manhã – acrescentou ela rindo.

A velha senhora parecia um tanto aturdida; contudo, felicitou

cordialmente o barão e, finalmente, deixou-se levar pela animada conversação dos dois jovens. Após o chá, a moça, cujo entusiasmo e alegria pareciam inesgotáveis, expôs seus planos futuros.

– Espero partir dentro de dez dias para tomar posse da herança – disse ela – e, terminadas as formalidades, irei ao exterior com tia Eveline. Ela já concordou. Em Paris comprarei meu enxoval e, na volta, passarei por Nuremberg, que há muito tenho vontade de conhecer. Lá desejo, também, encomendar alguns móveis em estilo gótico e renascentista. Adoro esses velhos móveis entalhados e as janelas de vitrais coloridos.

– Vejo que você tem inclinações à prodigalidade – observou Magnus com um sorriso.

Ela sacudiu a cabeça, rindo.

– Não, mas é preciso organizar-se com gosto e, como não daremos bailes, nem festins, recuperaremos o dinheiro gasto. Espero adquirir uma casa situada no cais do Almirantado e que Sergei Ivanovitch me aconselhe a comprar. Mas, voltemos aos planos: do exterior, irei diretamente à sua propriedade, para onde você irá, sem dúvida, e lá nos casaremos na presença das testemunhas apenas indispensáveis. Aí pelo meado de outubro, nossa residência estará pronta, acho eu, e então poderemos instalar-nos nela. Agora, diga-me, meu futuro senhor e mestre, se meus projetos lhe convêm e se o senhor lhes concede sua elevada aprovação.

– Sem dúvida, concordo com tudo e agradeço-lhe particularmente a delicada lembrança de celebrar nossa união em minha casa no

campo e na mais estrita intimidade. Você adivinhou e expressou meu desejo secreto.

Quando Magnus se retirou, Tâmara queria continuar conversando com sua velha amiga, mas, notando-a desconfiada e pouco comunicativa, levantou-se para despedir-se.

– Fica, minha filha. Quero falar seriamente com você, como o faria sua mãe se fosse viva, ainda que me seja penoso abordar o assunto.

– A senhora desaprova meu noivado, eu sinto.

– Sim, estou convencida de que cometeu hoje uma deplorável

loucura, não que eu tenha qualquer coisa a dizer do caráter ou da posição de Lilienstierna; ele é um perfeito cavalheiro, mas não é marido para uma moça de vinte e três anos. É uma união anormal e ser enfermeira a vida toda não é fácil.

Tâmara enrubesceu vivamente.

– Há três anos eu não teria compreendido a senhora, Vera Petrovna. Hoje, meus olhos estão abertos acerca de muitas coisas. A língua das pessoas é solta nos salões e na presença de uma pobre moça assalariada, que vai pintá-las, as pessoas se preocupam ainda menos. Compreendo, portanto, que a senhora temesse que eu fosse arrastada no futuro a alguma paixão vulgar.

– Por que paixão vulgar e não a lei natural do instinto, a qual você está submetida como qualquer mulher? Você é capaz de prever como será tentada na vida, e se o destino não lhe fará encontrar um homem que despertará paixão no seu coração, uma verdadeira paixão, não a morna afeição que Magnus lhe inspira?

– Não tenho temperamento apaixonado, Vera Petrovna, e considero o dever e a afeição dois sólidos sustentáculos. Sei que me tentarão – e os olhos rebrilharam –. É uma brincadeira tão desejável a mulher do próximo, especialmente a mulher de um enfermo! Nossos cavalheiros demonstram mesmo manifesta predileção por essas ligações cômodas que a nada os obrigam. Que

importa a alguém levar a desunião e a desgraça ao lar do seu semelhante, desde que se satisfaça a vaidade? Além do mais, logo que se aborreçam da mulher, ela é jogada fora como uma luva já muito usada! Só que, quanto a mim, não me entusiasmarei por um homem que venha me oferecer a vergonha e o adultério. O nome e a honra que Magnus me confia hei de guardá-los intactos e espero firmemente ser feliz com ele, pois considero o casamento de um ponto de vista completamente diferente. Para mim é, antes de tudo, a união das almas, a semelhança de gostos e tendências, a harmonia de temperamentos, a estima e a confiança recíprocas, enfim, suficiente amor para suportar pacientemente os pequenos defeitos que todos nós temos, bem como as flutuações do humor, as fúteis divergências, inevitáveis na vida em comum. Eis a base sólida de uma união feliz: essas condições nós as temos. Em que pode isso mudar com a doença de Magnus? Eu a deploro por ele, pois, na sua idade, é duro estar acorrentado a uma cadeira de rodas. Para mim, é uma razão a mais para amá-lo duplamente, pois serei tudo para ele, e os caprichos de um doente são mais agradáveis de suportar do que as pretensões, as infidelidades e, com muita frequência, os maus tratos de um homem sadio.

– Percebo pelas suas palavras que sua decisão é irrevogável. Deus permita que você nunca se arrependa–, observou a baronesa suspirando.

O almirante também ficou muito admirado, mas considerou a coisa pelo seu lado bom e respondeu rindo às apreensões de Vera Petrovna.

– Por que a senhora se atormenta? Tâmara é uma mulher de boa cabeça e coração firme. Teve muitas e boas lições na vida para saber o que está fazendo e, certamente, Magnus Oscarovitch vale mais sem os pés do que Tarussoff, o patife, com quatro patas.

A baronesa riu e levantou os ombros.

A notícia do noivado da Senhorita Ardatov com o barão paralítico espalhou-se por toda a cidade como rastilho de pólvora, suscitando

as mais diferentes apreciações e um mexerico generalizado.

Os candidatos rejeitados encaravam a escolha como uma pilhéria de mau gosto e um insulto pessoal. As tias e as mamas furiosas, ao verem seus queridos meninos mimados preteridos por um enfermo que ninguém havia considerado como rival, não pouparam à moça expressões venenosas. Enfim, todo o mundo estava descontente, ainda que, em realidade, o casamento não afetasse a ninguém.

Tâmara não ignorava as disposições hostis da sociedade, mas não lhes prestava a menor atenção. Saía muito, divertindo-se deliciosamente com os olhares atravessados, os sorrisos constrangidos e o despeito mal dissimulado com o qual a felicitavam.

Dois dias antes da partida para Estocolmo, ela quis assistir com a baronesa a um concerto em favor de uma instituição de caridade e no qual tomaria parte Rubinstein[14]. Ao tomar o seu lugar, percebeu que tinha ao seu lado a Senhorita Petronella de Prjeclovska, tia de um jovem conde. Trocaram apenas um cumprimento ligeiro, pois o jovem artista acabava de sentar-se diante do piano e toda a atenção se concentrou nele, mas no intervalo elas conversaram e, como um velho General aproximou-se e felicitou Tâmara, a velha senhorita viu-se obrigada a dizer, também, qualquer coisa.

– Permita-me, senhorita, expressar-lhe igualmente meus votos – disse ela num tom desagradável –. Só que confesso não saber muito bem o que posso desejar-lhe: a escolha de um paralítico por uma moça bela e rica é tão estranha, que as felicitações, num caso desses, soam como nota falsa.

Tâmara mediu com o olhar frio e zombeteiro o rosto bilioso e irritado de sua interlocutora e respondeu:

– Muito obrigada, senhorita, a despeito do tom um pouco ambíguo das felicitações que me transmite. Sou muito sensível ao interesse que minha escolha inspira, mas, na verdade, sua emoção é supérflua. Não obrigo ninguém a imitar minha atitude. É de meu gosto preferir um estropiado do corpo do que um estropiado da

alma, desposar um homem encantador e inteligente que me ama pelo que eu sou, em lugar de qualquer libertino arruinado que me corteja apenas por causa do meu dote.

A velha dama ficou rubra de cólera sob a espessa camada de cosméticos.

– Oh! não desejo contestar que esse bravo jovem seja menos interessante do que todos os outros homens. Ele sabe bem da dificuldade de interessar uma mulher pela sua pessoa.

– Eu lhe pediria, senhorita, não se esquecer de que o bravo rapaz de quem a senhora fala é meu noivo – observou Tâmara com um sorriso –. Aliás, nem o Senhor Lilienstierna nem eu temos que dar satisfação alguma de nossos atos e nenhuma obrigação de declarar à sociedade os motivos que nos levam ao casamento.

A baronesa, que ouvira essa pequena altercação, interferiu na conversa, dando-lhe outro rumo.

No dia prefixado, Tâmara partiu para a Suécia, mas não ficou lá mais do que duas semanas, tempo necessário para preencher as formalidades indispensáveis e visitar o túmulo do seu benfeitor. Passou um dia inteiro no pequeno castelo à beira-mar, onde Cederstedt fora sepultado. Por longo tempo ela chorou e orou junto do túmulo do homem generoso que tão nobremente retribuíra a decepção com o bem. Levava consigo, como preciosa lembrança, o medalhão contendo o retrato de Olaf, que ela própria lhe havia restituído da parte de sua mãe.

Foi um momento de calma felicidade aqueles dias passados ali com a família de seus amigos; a presença de Olga e Jorge encheu-a de alegria. As crianças haviam mudado tanto para melhor, estavam tão sadias, de corpo e de espírito, que Tâmara concordou em deixá-los com Eveline por alguns anos mais. Ao mesmo tempo, garantiu o futuro delas por meio de uma disposição especial.

Cederstedt, no seu testamento, as havia excluído dos direitos de sucessão, estipulando que, se Tâmara viesse a morrer sem filhos, a

fortuna reverteria em favor de instituições de caridade. A moça resolveu, pois, fazer-lhes uma dotação, retirada exclusivamente dos rendimentos que, acumulados até a maioridade delas, lhes asseguraria uma fortuna independente, sem desrespeitar a expressa vontade de Olaf.

Concluídos esses arranjos, ela partiu com Eveline para Paris e para a Alemanha e, ao final de junho, regressou a São Petersburgo, de onde telegrafou a Magnus, com o qual mantivera ativa correspondência durante todo o tempo, informando-lhe que dentro de quatro dias, ou seja, a 28 de junho, chegaria com seus amigos em casa dele, para celebrar o casamento.

---

12 Rixdallers: ao pé da letra, “dólar do reino”. Assim se chamavam as moedas de prata, hoje obsoletas, da Alemanha, da Holanda e da Escandinávia, valendo, aproximadamente, um dólar americano na década de 1950. A palavra *dólar*, por sua vez, vem do holandês *daler* e alemão *traler*, moeda cunhada pela primeira vez em 1519, no Vale (*thal*, em alemão) de S. Joaquim, na Boêmia, ou seja, aquela “moeda do vale”.

13 Machiavel ou, mais precisamente, Niccoló Machiavelli: estadista e historiador italiano nascido em Florença, em 1469, viveu até 1527. Exerceu cargo hoje correspondente ao de Ministro das Relações Exteriores e desempenhou inúmeras missões diplomáticas. Tornando-se suspeito aos Médicis, retirou-se da política e expôs suas ideias com franqueza e precisão em “O príncipe”, publicado em 1513, livro que ainda hoje é lido com interesse. Sua tese básica foi a de que, em política, era preciso concentrar-se nos objetivos finais a alcançar, sem nenhuma preocupação com os escrúpulos e preconceitos morais. Escreveu outros livros, de história, ficção e poesia.

14 Rubinstein: Anton Grigorievitch Rubinstein, pianista e compositor russo, nascido em 1829, morreu em 1894. Não seria, pois, muito jovem, quando deu o recital mencionado no livro de Rochester, cuja ação se passa, como sabemos, a partir de 1875. Teria, talvez, seus 50 anos de idade. Além de sua mãe, teve apenas um professor de piano – Alexander Villoing. Embora tenha deixado importantes composições, Rubinstein tornou-se realmente famoso como pianista, sendo considerado por muitos superior até mesmo a Franz Liszt.



A jovem baronesa

BEM PERTO DO admirável parque do velho Petenhof encontrava-se uma grande e soberba vila em estilo russo, com a fachada esculpida e pintada de cores vivas, cercada por um jardim vasto e sombrio.

Essa magnífica residência de verão fora construída pelo rico comerciante Migusov, que a doara à sua filha, a Princesa Ugarine.

Num belo entardecer de junho, numerosos convidados estavam reunidos na vila. Numa área arenosa em frente ao terraço, cavalheiros e damas jogavam ruidosamente o *cricket*[15], enquanto outros conversavam em grupos junto de um elegante balanço e uma bancada de tiro ao alvo. Apenas dois cavalheiros, comodamente instalados em cadeiras de balanço, entregavam-se ao *dolce far niente*, junto de uma mesa carregada de vinhos, frutas e bombons. A conversa arrastava-se lenta, pois era evidente que cada um deles estava concentrado em seus próprios pensamentos. Um deles era o Príncipe Fluresco. Com as longas pernas estendidas, ele fumava, acompanhando com o olhar as espirais que lançava artisticamente para o ar. O segundo era o dono da casa. Esquecido de seu companheiro, ele fitava com o olhar fatigado e descontente os jogadores de *cricket* e, sobretudo, sua mulher, que, com os braços

cruzados às costas, discutia em altos brados com um oficial dos hussardos[16] que, a seu ver, havia jogado mal.

Um observador atento teria surpreendido nos olhos do Príncipe Arsênio um desdém quase rancoroso, sempre que seu olhar pousava em Catarina, cuja aparência vulgar e maneiras levianas chocavam-no cada vez mais. Naquele momento mesmo, apesar de sua elegante toalete de seda guarnecida de rendas, com sua pose ousada, o cigarro entre os dentes, o que torcia sua boca numa careta pouco agradável, tinha ela uma aparência de tamanho mau gosto, que o príncipe fechou os olhos para não vê-la. Nos primeiros tempos de seu casamento, absorvido pelo turbilhão mundano, as impressões sucessivas da viagem e embriagado pela riqueza, enfim conquistada, Arsênio vivera em agradável estado de aturdimento. A fruição daquele luxo todo, que envolvia seu título e sua pessoa com o brilho que lhe convinha, levara-o, de certa maneira, a esquecer Catarina. Mas, à medida que o hábito enfraquecia tal sentimento, a esposa, na qual tudo lhe desagradava, exceto a riqueza, se lhe tornava cada vez mais uma carga. Sua vulgaridade, sua escassa inteligência, sua suspeita moralidade inspiravam-lhe aversão sempre crescente, que ele dissimulava habilmente.

Um lacaio, que lhe apresentou uma carta, arrancou Ugarine de seus pensamentos.

– Alguma notícia desagradável? – perguntou Fluresco, notando que seu amigo ficara enrubescido ao ler.

– Não. A carta é de Lilienstierna, que me convida a comparecer depois de amanhã para assistir ao seu casamento com a jovem milionária tola.

– Eis aí uma diabinha que em verdade teve mais oportunidade que merecia – observou Fluresco –. Arre! É incrível até que ponto essa moça é venenosa e orgulhosa! Sua língua é uma verdadeira navalha e o retrato que ela fez de mim não o esquecerei tão cedo!

– Ah, sim, eu também sei de algo a respeito disso, pois andei experimentando seu orgulho e sua língua. Estávamos um tanto em

guerra e será muito engraçado encontrarmo-nos, agora, como primos. Contudo, esse casamento é um enigma para mim. Por que ela se liga ao paralítico e por que Magnus, que é um rapaz inteligente, arrisca-se a uma imbecilidade dessas? Mistério!

– Quanto às intenções do barão, não compreendo nada, mas as dela são claras. Em minha opinião, é antes de tudo uma desforra e um escárnio atirado a todos os que não lhe deram valor, no tempo devido. Em segundo lugar, isso para ela será a liberdade ilimitada. Rica como é, abrirá seus salões, receberá toda a Petersburgo e escolherá livremente um amante, sem ferir direitos de ninguém.

– Meu Deus! Magnus não pode ser ciumento sem tornar-se ridículo, e ainda que ela seja uma excêntrica, é claro que, mais cedo ou mais tarde, ela se cansará desse marido idealista.

Ambos riram animadamente.

– Partirei amanhã pela manhã e estarei de volta do dia 29 – acrescentou Arsênio –. Venha à tarde e eu lhe contarei o que houver visto e observado.

– Emílio Felixovitch, chega por hoje de repousar – exclamou naquele momento Catarinha –. Venha, vamos iniciar uma partida de tênis e Olga Petrovna morre de tédio sem você.

Fluresco apanhou o boné e desceu ao jardim. Arsênio seguiu-o, mas, evitando os convidados, enveredou por uma passagem sombria e, alcançando um pequeno bosque isolado, atirou-se a um banco.

A lembrança de Tâmara ressurgiu nele com todo o vigor. Sua face delicada e encantadora projetava-se ante seu espírito envolvida em estranha e sedutora auréola e foi para pensar nela sem ser perturbado que ele procurara a solidão.

Interessava-lhe aquele tipo de mulher que ele vira desenvolver-se e amadurecer sob seus olhos, e que, em tantos aspectos, diferia da turba de criaturas insignificantes que conhecera.

Lembrou-se das primeiras entrevistas com Tâmara. Ela estava

despertando para a vida e a primeira aspiração de amor daquele pequeno coração ingênuo e confiante fora ele quem despertara. Ela não conseguiu nem mesmo disfarçá-lo. Sem temor e sem falso pudor, o olhar puro e límpido da moça refletira claramente seus sentimentos. Algo que ele ignorava extinguira subitamente ou velara aquele amor ingênuo. Como noiva de Tarussoff, ela pareceu-lhe uma mulher amorosa e doce, cheia de confiança e boa vontade, mas isenta de paixão. Em seguida, veio a desgraça e, dos escombros de sua existência desmoronada, emergiu uma mulher enérgica, ativa que, sustentada pela sua ativez, só contava com o apoio de seu talento, inabordável sob a camada de gelo que a envolvia. E, no entanto – estranho é o coração feminino! –, no fundo da geleira, abrigava-se a aspiração ao verdadeiro amor. Que profundo reconhecimento não deveria suscitar no coração de Tâmara o amor desinteressado de Magnus, seu desejo de colocá-la ao abrigo de necessidades e humilhações, a ponto de ela tomar a iniciativa de escolhê-lo entre todos os demais para dedicar a vida àquele doente e pagar-lhe, assim, sua dívida de gratidão! Que a tarefa estaria acima de suas forças era fato indiscutível para Arsênio, mas constituía fenômeno digno de estudo semelhante sacrifício.

No dia seguinte, ao saltar na estação, a seis verstas[17] da qual ficava a propriedade de Magnus, Arsênio Borissovitch encontrou uma carruagem à sua espera.

– A noiva já chegou? – perguntou ele ao lacaio que o ajudava a subir.

– Não, Alteza. Ela somente chegará amanhã pelo trem das quatro horas e às sete terá lugar a cerimônia de casamento. O Almirante Koltovski, a Baronesa de Raban e Madame Ericson lhe farão companhia.

Magnus recebeu o primo com bastante cordialidade e, após a troca das primeiras saudações, disse-lhe com um sorriso:

– Sem dúvida que meu convite o surpreendeu. Claro! Você nunca

imaginou assistir ao meu casamento!

– É!... – disse Arsênio, cruzando as pernas e mordiscando as pontas do bigode com ar pensativo. Francamente, Magnus, não imaginava que você se arriscaria a uma coisa dessas. Em todo o caso, você tirou a sorte grande: Tâmara Nicolaevna é uma mulher excepcional.

– Com qualquer outra, minha decisão teria sido uma loucura, porém, por mais indigno que eu seja da felicidade que me coube, não tive coragem de rejeitá-la. É preciso conhecer, como conheço, toda a riqueza da alma de Tâmara, as qualidades incomparáveis de seu coração e de seu espírito para compreender toda a felicidade de viver na sua intimidade.

– Sim, eu sei de longa data que os gostos de ambos se harmonizam e que ela sempre defendeu você com um calor que fazia supor que ela previa o casamento de vocês – disse Arsênio, rindo –. Notei que você mandou fazer belas reformas na sua vila.

– Fiz algumas restaurações e arranjos para receber o meu bom anjo. Você quer ver seus aposentos, lá do outro lado do salão?

– Certamente, se você me autoriza.

– Então, tenha a bondade de chamar Frederico.

– Por quê? Eu mesmo empurrarei sua cadeira.

Os dois jovens atravessaram o salão e Magnus mostrou ao primo um amplo gabinete, onde funcionava a biblioteca e um belo toucador decorado com seda branca, flores e obras de arte, destinado à sua futura esposa.

– É encantador, mas ali, além daquela porta, está, sem dúvida o santuário de Psique[18]. Pode-se ver, também, ou a entrada é proibida aos profanos?

– A ordem não é tão severa. Pode ver, se você quiser – respondeu Magnus com um sorriso.

Arsênio levantou curiosamente o cortinado e examinou o aposento

contíguo, que era o quarto de dormir. Estava todo decorado de seda rosa entremeada de musselina branca. Cortinas de renda cercavam o leito e a penteadeira. Era um recanto maravilhoso, mas o príncipe pensou, em seu foro íntimo, que cores sombrias conviriam melhor à jovem baronesa, para sonhar ali seu estranho sonho de amor, do que aquele ninho cor-de-rosa e perfumado.

No dia seguinte, Arsênio dormiu até tarde. Notando, em seguida, que Magnus parecia pouco disposto a conversar, mandou selar um cavalo e deu um longo passeio. Pretendia estar de volta ali pelas quatro horas, mas tendo atrasado um pouco, soube que a noiva já chegara com os amigos.

O príncipe apressou-se em arrumar-se e apresentou-se ao primo, que já estava pronto e conversava com alguns senhores que lhe apresentou: eram um velho médico das vizinhanças, o pastor protestante e um proprietário vizinho.

A cerimônia deveria ter lugar numa capela junto à residência. A mãe do proprietário anterior, tendo sido ortodoxa[19], a havia construído e Magnus a mandara restaurar especialmente para seu casamento com Tâmara.

Quando todos se reuniram na capela, Arsênio ficou com os olhos pregados na porta, pela qual deveria entrar Tâmara. Ele não a vira mais desde o dia em que ela desmaiara no atelier do Senhor Belzoni e não poucas alterações haviam ocorrido desde então! Dentro em breve, ela surgiu pelo braço do almirante, pensativa, os olhos baixos, mas encantadora no seu vestido simples de noiva.

Com um interesse que ele próprio não tentou explicar-se, Arsênio não deixava de contemplar os noivos, perscrutando avidamente cada traço na face deles. Tâmara estava grave e calma. Acompanhava com recolhimento solene a sagrada cerimônia.

Quanto a Magnus, sua emoção era extrema. Estava pálido como um defunto e quando passou o anel para o dedo da noiva, sua mão tremia tão visivelmente que Tâmara percebeu. Virou a cabeça para ele e mergulhou um olhar tão bom, tão cheio de confiança e afeição

nos seus olhos, que ele recuperou instantaneamente o sangue frio e o controle. Por fim, a comovedora prédica do pastor, que em seguida abençoou a união, deixou-o calmo.

Terminada a cerimônia, Magnus apresentou a esposa aos convidados que ela ainda não conhecia. Quando Arsênio aproximou-se e os felicitou, o barão observou com um sorriso:

– Sei que vocês se conhecem, mas ignoro se um bom entendimento existe entre vocês. Rogo, pois, aos dois que cultivem, um pelo outro, a benevolência que deve prevalecer entre parentes próximos.

– Sem dúvida alguma, os amigos de meu marido são também os meus – respondeu Tâmara graciosamente, enquanto o príncipe beijava-lhe a pequena mão.

Após o jantar, que foi animado pela mais franca alegria, reuniram-se todos no salão e foi organizada uma partida de *whist*, na qual somente Tâmara e o príncipe não tomaram parte. Sentada perto do marido, a moça conversava, acompanhando o jogo, quando Magnus, virando-se para seu primo, lhe disse:

– Arsênio, você não queria mostrar o parque a Tâmara e fazer com ela um pequeno passeio no lago? A tarde está tão bonita e não queria que ela ficasse entediada no primeiro dia que passa sob meu teto – ajuntou ele com um olhar afetuoso à esposa.

– Certamente! Sentir-me-ei feliz em acompanhar a baronesa e tratarei de distraí-la, se porém ela me aceitar como cavalheiro – respondeu o príncipe, levantando-se vivamente para impedir a resposta negativa que Tâmara já tinha nos lábios.

Sem desejar provocar explicações, ela inclinou simplesmente a cabeça.

– Se o senhor príncipe não se importa com o incômodo, aceito-o de boa vontade como cicerone no meu novo reino.

Ela se levantou e chamou: “Percival!” O grande terra-nova do barão saltou da sua esteira e veio postar-se junto dela todo feliz.

– Veja, a bela castelã estará sob a proteção de dois fiéis amigos – disse Arsênio com um sorriso algo constrangido.

Silenciosamente, eles desceram os degraus da escadaria do terraço. Tâmara recusara o braço do príncipe e, apanhando numa das mãos a longa cauda do vestido, caminhava ao seu lado. Arsênio foi quem quebrou o silêncio.

– Se a senhora me permite, vou levá-la primeiro à casa rústica do lado de lá do aviário, às laranjeiras, à criação de faisões, etc.

Cada vez mais palrador e decidido, fazendo-lhe as honras, como se a propriedade fosse dele, Arsênio conduziu a jovem por toda a parte, mostrando-lhe as mais belas vistas e contando-lhe a história de cada lugar.

Chegaram, enfim, ao lago e, com uma exclamação de espanto e prazer, Tâmara estacou, examinando, arrebatada, a admirável paisagem. Diante deles estendia-se uma vasta superfície de água polida como um espelho, colorida pelo sol poente, de reflexos púrpura e dourados. Colinas arborizadas, cortadas aqui e ali por rochas abruptas, viam-se ao longe, nos limites da propriedade. Mais abaixo, ao cabo de uma elegante descida, balançava um bonito barco pintado de branco com uma faixa vermelha. Em letras douradas, lia-se nele o nome de Tâmara. Um barqueiro vestido de marinheiro esperava os dois.

– Como é bonito isto aqui! – disse a moça aceitando a mão de Arsênio para subir ao barco e instalando-se diante dele.

– Sim, muito bonito e desejo que seus novos domínios lhe agradem – respondeu o príncipe, observando com um misto de interesse e de curiosidade o rosto da jovem esposa que se calara, com os olhos fixos a distância e aspecto sonhador.

O barco deslizava docemente pela superfície polida do lago e nem a mais leve brisa fazia-se sentir. O ar estava doce e perfumado e o rosto encantador de Tâmara harmonizava-se com aquela calma da natureza. Havia recuperado toda a sua boa aparência, a

transparente brancura da sua pele e aquela quietude contemplativa que a caracterizavam outrora. A dureza amarga, o olhar hostil e desafiador que o príncipe notara durante as sessões de pintura no atelier haviam desaparecido completamente. Os grandes olhos brilhantes e límpidos refletiam profunda calma, isenta de paixões e de desejos, e somente a expressão de energia permanecera na pequena boca voluntariosa para provar que ela não era mais a ingênua menina de outros tempos.

Arsênio não interrompeu o silêncio que se estabelecera. Não sabia como retomar o tom de uma conversa frívola e animada, mas não tirava os olhos de sua companheira e, sem se dar conta, embriagava-se na contemplação do estranho encanto que envolvia a moça.

Sob o peso dessa impressão, o barco aproximou-se da margem e eles retomaram lentamente o caminho da casa. Caíra a noite, uma dessas noites diáfanas, cuja doce claridade envolve tudo como que num véu prateado. Com o coração oprimido, cheio de vaga inquietação, o príncipe caminhava ao lado de Tâmara, ouvindo atentamente o ruído de seu vestido de seda e acompanhando com o olhar cada um de seus movimentos leves e graciosos. Jamais a presença de Catarina suscitara nele aquele sentimento pungente e emocionado que fazia bater seu coração. Foi ela quem rompeu o silêncio dessa vez:

– O senhor costuma passear bastante em Peterhof? – perguntou levantando para ele os olhos.

Ao encontrar, porém, o olhar ardente que a fitava, uma nuvem passou por sua face.

– Sim, sempre que posso. A senhora sabe que Catarina adora festas e a nossa casa está sempre cheia de gente – respondeu Arsênio, desviando o olhar –. A propósito, tenho umas felicitações a transmitir-lhe. Receio, apenas, que a senhora atribua a elas pouco valor, visto que vem de uma personagem que lhe é antipática.

– Por quê? Os bons votos são sempre agradáveis. Mas quem lhe

pediu para transmiti-los a mim? Não creio ter alguém em Petersburgo que se interesse pela minha sorte.

– É o Príncipe Fluresco. Ele estava presente quando recebi a carta de Magnus convidando-me para o casamento. Encarregou-me, então, de cumprimentá-la até que possa apresentar-lhe pessoalmente seus votos, após seu retorno à cidade.

– Verdade? – disse Tâmara com ironia.

– Vejo que a senhora o julga mal e interpreta falsamente suas intenções – disse com vivacidade o príncipe. Asseguro-lhe, Tâmara Nicolaevna, que não há nisso nenhuma segunda intenção.

– Sem dúvida, estou convencida de que, na sua sociedade, todos agem com uma franqueza ingênua, para dizer o mínimo, e que, segundo as circunstâncias, todos são de uma tocante sem-cerimônia, tanto na polidez, como no seu oposto.

– Minha sociedade? Mas é tanto da senhora quanto minha! – retrucou Arsênio, reagindo ao tom sarcástico da moça.

Estavam chegando à área diante do terraço, no meio da qual um jato de água se elevava do centro de um vasto chafariz. A moça parou e contemplou com uma expressão pensativa o feixe prateado que se refletia na claridade mágica como feito de poeira de diamantes.

– Não – disse ela, após um momento de silêncio –. Eu não pertenço à sociedade da qual acabo de falar e não pertencerei a ela no futuro, porque ela me excluiu e me esqueceu. No dia em que todos fugiram de nossa casa batida pela ruína, perdi a fé e a estima por essas pessoas sem coração e jurei não mais misturar-me com elas.

Arsênio mordeu os lábios. Ele também fugira da mansão, onde a desgraça acabava de plantar sua bandeira. Subitamente surgiu em sua lembrança o pequeno rosto pálido e decomposto de Tâmara no vestíbulo e à qual, como todos os demais, ele também dera as costas.

– A senhora não pensa, então, em abrir os seus salões para a temporada de inverno?

– Vamos viver para nós e não para a turba egoísta, a cuja amizade atribuímos o justo valor. Nós nos bastamos, Magnus e eu. Para que precisamos de estranhos? É por isso que duvido que o Príncipe Fluresco tenha jamais oportunidade de me transmitir pessoalmente suas felicitações.

– Compreendo o seu ostracismo, no que diz respeito a Fluresco.

A senhora o detesta por sua falta de polidez e sei que a uma falta dessa natureza a senhora jamais perdoa!

– Detestá-lo? Seria muita honra – respondeu Tâmara com desdém. E dirigindo-se para o terraço, parou no primeiro degrau e prosseguiu:

– O senhor se engana, Arsênio Borissovitch, ao explicar minhas palavras, atribuindo-as ao rancor. Apenas atribuo a esse cavalheiro o seu justo valor, mas tal julgamento já foi feito há muito tempo. Toda a sua alma está à mostra na grosseria descarada com a qual tratou uma pobre moça que, por necessidade, fazia seu retrato. Esse Príncipe Fluresco é uma dessas nulidades que para nada servem na vida: nem trabalho sério, nem dever de qualquer espécie ocupam-no. Homem de salão, elegante decoração dos bailes e das recepções mundanas, ele dedica sua existência a essas futilidades. Um dia desaparecerá como um fantasma, para ser substituído por outros inúteis da mesma espécie. Não acho que estou sendo severa demais, pois tenho ouvido falar de muitos vícios e loucuras do Príncipe Fluresco, mas nunca ouvi falar de nenhuma de suas virtudes. Partindo desse ponto de vista, sua conduta em relação a mim não me surpreende: quando eu era pobre, ele me desprezou e me tratou com arrogância; depois que fiquei rica, ele me mostra sua deferência. Está na ordem das coisas.

Um vivo rubor queimava a face do príncipe. Mais de uma palavra daquele discurso poderia perfeitamente ajustar-se a ele e, contudo, uma invencível fascinação o atraía para a moça que, tão esbelta e

diáfana, na sua toalete branca iluminada fracamente pela lua que acabava de nascer, se postava diante dele como uma visão tentadora.

– E, no entanto, muitos virão forçar a sua porta, madame. Apesar da sua repugnância, vão abrir caminho até a senhora, para ver a mulher sedutora, bela e inteligente que sacrifica sua mocidade para velar um esposo paralítico. É um quadro ideal, bem raro em nossa época.

Sua voz vibrava estranhamente e, inclinando-se para ela, mergulhou nos seus olhos límpidos um olhar de fogo.

Tâmara não se impressionou com o olhar apaixonado. Limitou-se a sorrir e, sob a indefinível expressão daquele sorriso, Arsênio recuou um passo.

– Talvez o senhor tenha razão, príncipe. Admito haver-me tornado agora capaz de despertar tais paixões. A mulher alheia – dizem – é sempre mais desejável e há um encanto todo especial em seduzir e corromper uma mulher que, livre e pobre, ninguém havia notado. Se, apesar da minha repugnância, forçarem-me a porta, ficarão todos decepcionados e abandonarão os efêmeros projetos, porque em nosso lar conjugal velarão duas fiéis sentinelas: o amor e o dever.

Arsênio nada respondeu. Compreendera a digna resposta que o prevenia quanto ao resultado de suas galantes investidas.

– Vamos entrar – disse a moça estendendo-lhe a mão. Permita-me agradecer-lhe pela sua amável companhia e pela paciência com a qual, durante toda a tarde, o senhor colocou-se à minha disposição como cavalheiro cicerone.

O príncipe beijou-lhe a mão e a reteve na sua.

– Prima Tâmara, estarei eu exilado como os estranhos que, vilmente, fugiram de sua casa paterna? Estarei banido da sua casa? Não haverá graça nem perdão para o culpado que se arrepende? Isso não será cristão nem espírita...

– O que está o senhor pensando, primo? – respondeu Tâmara com um sorriso alegre –. O senhor é nosso parente e será sempre bem-vindo, podendo contar com a amizade da mulher de Magnus. Amo bastante o meu marido para não partilhar com ele todos os seus sentimentos, e ele lhe tem amizade. E, agora, vamos entrar!

Ela subiu com vivacidade a escadaria e desapareceu no salão iluminado. Arsênio seguiu-a, mas, em vez de entrar, atirou-se a um dos bancos do terraço e passou um lenço sobre o rosto inflamado.

“Mulher sedutora e perigosa! – murmurou ele –. Só hoje compreendi que se chegarmos muito perto dela, podemos rolar no abismo. Sabe você que quanto mais nos rejeita, mais você nos tenta? Permanecerá você sempre assim impassível? E esse pálido fantasma, que você chama de seu marido, bastará para preencher a sua vida? Não, o coração deve despertar e se ele despertar, será por mim, eu o quero e o tentarei.”

– Primo Arsênio, venha jantar – disse, nesse instante, a voz clara de Tâmara –. O que está o senhor aí pensando à luz da lua? Será que se tornou um sonâmbulo?

– Eis-me aqui – respondeu o príncipe, fitando seu olhar ardente na esbelta silhueta da jovem esposa de seu primo.

---

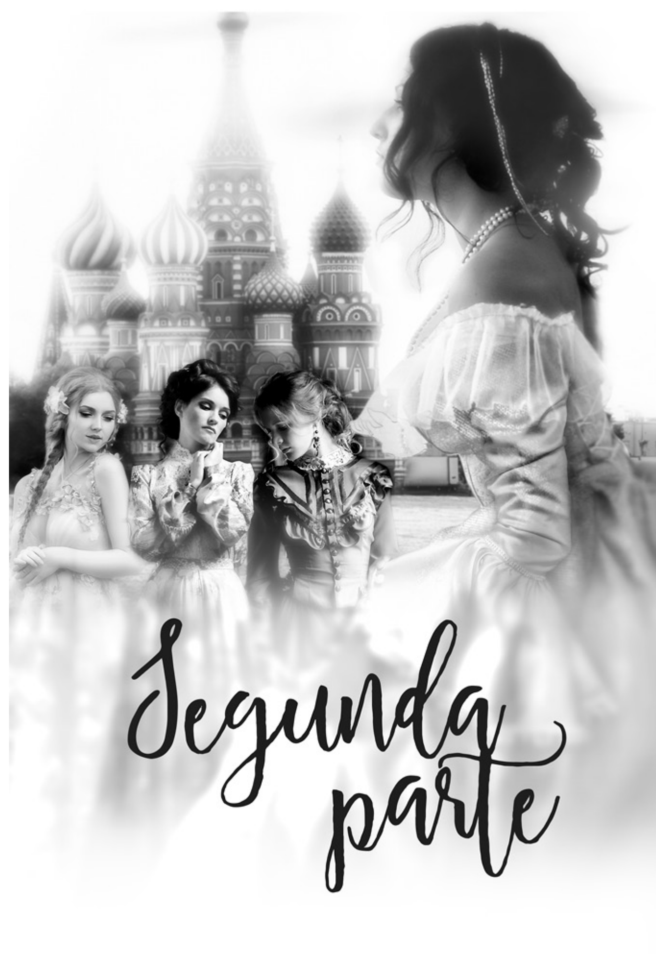
15 *Cricket:* jogo ao ar livre com um bastão em forma de bengala, uma bola e outros petrechos, disputado usualmente por 22 jogadores, 11 de cada lado.

16 Hussardos (do húngaro *huszar*): soldados de cavalaria ligeira criada no século 17. Trajavam uniforme inspirado em vestimenta semelhante à usada pelas tropas húngaras. Daí o nome.

17 Versta: medida russa de extensão, correspondente a cerca de um quilômetro ou, mais precisamente, a 1.067 metros.

18 Psique: na mitologia grega, era uma jovem de grande beleza, amada por Eros. Este a conduziu a um palácio, onde vinha encontrar-se com ela todas as noites, prometendo-lhe amor eterno, desde que ela não procurasse ver-lhe o rosto. Certa noite, ela acercou-se dele com uma lamparina e o viu, enquanto ele dormia, mas uma gota de óleo que tombou sobre ele despertou-o e ele fugiu. Após numerosas peripécias, Psique conseguiu reencontrar-se com Eros. O mito de Psique tem sido interpretado como símbolo da trajetória da alma decaída que, após inúmeras provações (e, certamente, encarnações), une-se, para sempre, ao amor divino.

19 Ortodoxa: de *orthos* – direito, correto, certo e *doxa* (doxein) – opinião. Chamam-se ortodoxas as igrejas cristãs orientais – principalmente a grega e a russa – que se separaram de Roma em 1054.


Segunda
parte



O assédio do príncipe

PELO MEADO DE outubro, Tâmara e o marido regressaram à capital e foram residir na casa do Cais do Almirantado, que ela havia adquirido e montado a seu gosto. Os jovens esposos se sentiam completamente felizes. Numa atmosfera de constante afeição, cercados dos mil e um pequenos cuidados que só a pessoa amada sabe criar, Magnus sentia-se reviver e, do fundo da alma, agradecia ao Pai Celeste, cuja bondade havia tão miraculosamente suavizado a pesada prova à qual ele se submetera. Quanto à Tâmara, harmonizava-se perfeitamente com ele, bastando-se ambos tão completamente um ao outro, que até a ideia de ter entre eles alguma pessoa estranha lhes era desagradável. A baronesa e o almirante vinham sempre visitá-los, sendo que este se sentia tão bem naquele ambiente calmo e luxuoso que, às vezes, passava com eles o dia todo.

O outono trouxera de volta as famílias que frequentavam a residência da baronesa, toda aquela gente que conhecia Tâmara e julgava-se com direitos indiscutíveis a manter com ela relações de amizade. Os salões foram se abrindo, uns após outros, mas a jovem baronesa não aparecia em lugar algum e em vão esperava-se pela

sua visita. Tal reserva despertou ainda mais a curiosidade. Às perguntas discretas que lhes eram endereçadas, o almirante e a baronesa respondiam, sorrindo, que Lilienstierna e sua mulher estavam bem, mas se sentiam tão satisfeitos no seu retiro, que não buscavam a sociedade e suas reuniões.

Tâmara manteve-se, pois, invisível e, às vezes, ao longo do cais ou pelas ruas menos movimentadas passava a carruagem, na qual a jovem baronesa e o marido enfermo faziam seu passeio diário.

Quando Nadina voltou do interior, já bem tarde, pois havia cuidado em sua propriedade de uma cunhada doente, foi visitar Tâmara, que a recebeu cordialmente, pois a moça não se esquecera que, de todas as suas amigas, só ela testemunhara-lhe algum interesse durante os anos de desgraça.

Madame Kulibine voltou da visita deslumbrada e encantada e, em peregrinação pela residência de seus conhecidos, atiçou ainda mais, pelos seus relatos, a curiosidade daquela sociedade fútil e enfastiada que nada encontra de melhor a fazer da sua própria ociosidade do que interessar-se pela vida alheia.

Algumas senhoras mais decididas que as outras resolveram que, uma vez que Madame de Lilienstierna descuidava de seus deveres de polidez, era preciso intimar-lhe a cumpri-los, tomando a iniciativa de visitá-la. Em consequência, num dia previamente combinado entre elas, foram todas à casa da moça, mas para grande decepção do grupo, o porteiro declarou que, estando o barão doente, madame não estava recebendo ninguém. Alguns dias mais tarde, os jovens esposos escreveram a todos os que os haviam visitado e a coisa ficou nesse pé. Mas, desta vez, a atitude deles foi levada a mal e comentários muito venenosos começaram a circular sobre eles.

Estavam as coisas nesse ponto quando, no começo de dezembro, Ugarine regressou da Crimeia, onde fora em companhia de seu chefe. Sua mulher fora com ele e, juntos, fizeram um tratamento à base de uvas. O príncipe foi logo informado da inqualificável conduta de Tâmara e de todas as queixas que a sociedade tinha

contra ela. Só os miseráveis – diziam – isolam-se daquela maneira por avareza, a fim de não receberem ninguém. Lamentavam até uma taça de chá servida a alguém e viviam de pão preto numa esplêndida mansão decorada apenas por vaidade. Essa era, principalmente, a opinião das senhoras. Quanto aos cavalheiros, suas suspeitas concentravam-se na ideia de que o monstro paralítico era ciumento como um tigre, ou melhor, como um cão acovardado, e emparedava sua jovem esposa da maneira mais odiosa.

Ao ouvir de Fluresco todas essas suposições, Arsênio declarou a rir:

– Isso nada tem de verdadeiro. É de boa fé que eles evitam ver as pessoas, mas, espera, irei vê-los e quebrarei o gelo. Acho que eles não ousarão botar o primo pela porta afora.

Cerca de oito dias após essa conversa, a carruagem do Príncipe Ugarine estacionou diante dos portões do pequeno palácio no Cais do Almirantado, onde morava Tâmara. "Arre! E se, a despeito de tudo, ela não me receber? Ela é bem capaz disso!" – pensou Arsênio, enquanto o porteiro levava seu cartão. Logo, porém, acorreu um criado, para anunciar que o barão o receberia e, após ajudar o visitante a tirar o casaco, convidou-o a subir ao primeiro piso.

O príncipe galgou rapidamente a escadaria coberta com uma passadeira. Uma profusão de plantas exóticas e de estátuas de bronze providas de lâmpadas davam àquela entrada a aparência de uma estufa. Um criado vestido de *libré* o introduziu numa antecâmara, onde já o esperava Frederico, o camareiro de Magnus.

– Queira seguir-me, Alteza – disse ele respeitosamente –. A senhora baronesa pede ao senhor que aguarde aqui na biblioteca. O senhor barão está ocupado com o intendente e pede desculpas. Estará aqui dentro de um quarto de hora.

Arsênio acompanhou o servidor, mas ao penetrar no amplo salão estacou por um instante, admirado: apesar da riqueza de sua

própria residência, o luxo severo e harmonioso daquela sala surpreendia-o. Um tecido castanho de ramos dourados cobria as paredes e sobre esse fundo algo sombrio e, contudo, de admirável suavidade de tom, destacavam-se vigorosamente alguns quadros de mestres e estátuas antigas cercadas de flores raras em vasos japoneses. Os móveis eram harmoniosos e sobre as mesas e aparadores havia uma infinidade de objetos raros e preciosos que lhe excitavam a curiosidade.

O príncipe comparou intimamente aquele arranjo de bom gosto e estilo com a pesada magnificência e mau gosto que ele devia ao seu sogro e o descontentamento íntimo que se apossava dele agravou-se ainda mais, à medida que atravessava os outros aposentos, todos tão originais quanto elegantes e como pequenos museus de obras-primas de todos os quadrantes e de todas as épocas.

Por fim, o servo levantou um cortinado e o fez entrar num corredor bastante espaçoso, revestido de lambris de carvalho e de abobadas arqueadas, ao fim do qual se via uma porta gótica entalhada, cuja fechadura era de metal trabalhado. Ao abrir essa porta, Arsênio acreditou-se, por um instante, transportado ao gabinete do Dr. Fausto[20]: a grande sala de paredes cobertas de madeira entalhada era iluminada por duas altas janelas com vitrais coloridos. Os reflexos multicores da luz brilhavam no assoalho de carvalho e sobre uma grande mesa no meio da sala, rodeada de cadeiras em estilo gótico. Três grandes estantes trabalhadas, com uma talha rendilhada e muitos armários menores de portas de vidro, estavam cheias de livros, brochuras e publicações. Pesadas cortinas de veludo grená ocultavam as portas, vendo-se bordados nelas, em relevo, o brasão dos Lilienstierna.

Por um momento, pareceu ao príncipe que a peça estava vazia, mas um ligeiro ruído atraiu sua atenção para uma das janelas, junto à qual ele viu sobre um tablado uma dessas cadeiras estreitas de espaldar alto e dossel de madeira que, na Idade Média, chamavam-

se cátedras e que são vistas nas miniaturas de Cristina de Pisano[21]. Sobre uma mesa em forma de carteira estava aberto um grande e espesso volume mas, em lugar do velho mago, uma graciosa moça folheava o alfarrábio, a qual agora caminhava na sua direção, sorridente, com a mão estendida.

O príncipe beijou os dedos afilados e cumprimentou Tâmara pela sua nova residência. Em seguida, ocupando a cadeira que ela lhe indicara, examinou curiosamente a moça, que ficara ainda mais bela desde a última vez que a vira. A felicidade e a riqueza haviam emprestado à sua face encantadora uma expressão suave e agradável que lhe assentava tão bem quanto o vestido de pelúcia violeta, de gola alta, tipo Médicis, que realçava o incomparável frescor e a transparência de sua pele.

Após haver-se informado da saúde do príncipe e de sua esposa, Tâmara pediu desculpas pela ausência de Magnus.

– Ele está ocupado com o intendente, pois deixei a ele todos os cuidados maçantes com a movimentação da minha fortuna – disse ela, rindo.

– Mas, claro, é perfeitamente justo que os negócios maçantes sejam de responsabilidade do marido.

– Foi o que pensei. Mesmo porque Magnus, com a sua paciência e experiência de negócios, é muito mais competente do que eu. Mas, me conte, Arsênio Borissovitch, como passa o seu tempo com Catarina e o que acontece no mundo de onde vem o senhor?

– Mundo? Ele está ofendido e furioso contra a senhora, baronesa – disse o príncipe, rindo –. A senhora não recebe ninguém e se isola no seu delicioso claustro, quando todos ardem de desejo de penetrar aqui!

– Por que fazê-lo? Não pretendo dar festas, porque detesto salões cheios, onde a gente sufoca. Ficaria com a impressão de que a desgraça se introduz no meu lar juntamente com essa turba ociosa e maldosa. Não, não. Jamais irei a tais festas e receberei apenas os

bons amigos e as pessoas simpáticas. Ademais, não me sobra tempo para me entediar. Veja que boa e numerosa companhia temos aqui reunida.

E apontou as estantes carregadas de volumes.

– E isso lhe basta?

– Sim. Os livros são os mais dignos companheiros dos seres humanos. Eles elevam o espírito, cultivam o saber, expulsam qualquer pensamento ocioso e são escudo contra o tédio. Queira desculpar-me um instante, primo. Vou ver por que Magnus se demora tanto.

Ficando só, o príncipe pôs-se a examinar mais detalhadamente o que o cercava, a folhear publicações e ler os títulos dos volumes. À medida que avançava nessa inspeção, seu espanto crescia. Em primeiro lugar, aproximara-se da carteira para ver o que Tâmara estava lendo quando ele chegou. Vendo o título – *A magia entre os antigos caldeus e suas ligações com a cabala hebraica* – abanou a cabeça e encaminhou-se para uma das estantes. Ali acumulavam-se livros sobre arqueologia, a Assíria, o Egito, a Fenícia, etc. Havia obras ilustradas sobre as escavações de Troia por Schliemann[22] e no Peru, tratados sobre a arte e a astronomia na antiguidade, estudos sobre os Vedas e as ciências ocultas, inumeráveis livros de viagem, de memórias e, enfim, tudo o que a ciência moderna podia dizer sobre magnetismo, hipnotismo, Espiritismo e Teosofia. Uma das estantes fora especialmente reservada aos clássicos de todas as nações – havia ali de tudo, exceto romances modernos.

– Meu Deus! Baronesa, minha cabeça gira só de ler todos esses títulos científicos – explicou o príncipe vendo Tâmara de volta –. É esse o alimento para a alma de uma jovem e bela mulher? Nem um romance, literalmente nem um, para refrescar a cabeça! Acho que eu ficaria louco aqui, sob essa poeira do passado. Renunciar completamente ao presente, mesmo neste poético retiro, digno de Fausto, ultrapassaria minhas forças.

Tâmara apoiou-se no espaldar de uma das cadeiras esculpidas e

seu olhar calmo e sorridente errou sobre as filas de livros.

– Sim, primo, é aqui, no reino das ideias, que me sinto bem. Além disso, naquele armário à esquerda e no meu gabinete há uma coleção de romances modernos, menos as produções naturalistas.

– Mas de onde a senhora tira a paciência para ler todos esses tratados abstratos? Que interesse pode inspirar-lhe os resíduos de um passado distante?

– Tais questões deixam de ser abstratas quando habituamos o espírito ao alimento vivificante que nos proporcionam. É um favor da sorte recorrer sem receio aos tesouros de sabedoria e de erudição penosamente acumulados por uma elite de homens que sacrificaram uma vida inteira de labor para conquistá-los. E que estudo emocionante esse do passado! Seguir, de relance, a marcha imponente da humanidade, as quedas e os progressos por meio dos quais ela caminha rumo ao objetivo longínquo e desconhecido! E como a voz austera da História nos faz lembrar a nossa fragilidade! Que somos nós, átomos efêmeros, se raças inteiras, civilizações colossais desapareceram sem deixar traços? Em que profundezas mergulha nosso olhar deslumbrado, quando se pensa que ali mesmo, onde floresceram cidades mortas desses povos extintos, dos quais até os nomes foram esquecidos, hoje crescem florestas virgens!

Sentia-se animada ao falar e um colorido rosado inundava suas faces, enquanto os grandes olhos brilhantes fixavam o príncipe com uma convicção persuasiva.

– Creia-me, Arsênio Borissovitch, se nossa sociedade encontrasse mais atrativo em uma leitura séria e instrutiva que ocupasse a mente e elevasse o pensamento, seria menos frívola, os laços de família estariam menos frouxos e as chagas sociais menos infectadas. O tédio, o vazio do coração e do pensamento empurram homens e mulheres a essa caçada desenfreada ao prazer a qualquer preço. Foge-se do lar, ao qual nenhum valor é atribuído, onde os deveres

são todos uma carga incômoda, onde o tédio e a preguiça reinam absolutos. Somente se sente bem no meio dos estranhos, no turbilhão que arrasta e sufoca, para só deixar suas vítimas à beira do túmulo. E se algumas vezes, por falta de outra coisa qualquer, alguém toma um livro nas mãos, é uma dessas obras abomináveis que, renegando ou ridicularizando todo sentimento honesto, remexendo à vontade toda a lama que reduz o homem ao nível do animal, aniquila o pudor e a virtude, doura e embeleza o vício e, como a gangrena, devora o espírito e o corpo. Contemplando um gosto, assim pervertido, sistematicamente depravado, é de admirar-se a decadência dos costumes?

– Mas, prima, a senhora está sendo muito severa e muito dura – observou Arsênio, que ouvira tudo um tanto desconcertado –. Não se pode acusar de depravadas todas as criaturas que não leem livros como os seus. Cada um os escolhe conforme seu saber. Eu não leio nada, a não ser, às vezes, um romance moderno. O mundo e a minha carreira não me deixam tempo. No entanto, não me considero um desocupado, nem um viciado.

– Os presentes são sempre excluídos – respondeu Tâmara com um sorriso –. Contudo, não creio enganar-me, supondo que a carreira militar seja uma ocupação rotineira, necessária à existência, mas que bem pouco alimenta o espírito. E, agora, basta deste assunto. Vamos almoçar. Ali está Ivan, que anuncia que a refeição está à nossa espera. Sem dúvida Magnus foi levado diretamente à sala de almoço.

O príncipe seguiu silenciosamente a moça. A despeito de si mesmo, suas palavras haviam-no impressionado e ele reconhecia que ela dissera a verdade. Todos se entediavam no seu ambiente social, onde o pensamento, sempre ocioso, procurava preencher com distrações e vícios o vazio interior. Era verdade que nada o prendia, nem a sua mulher, nem as pessoas de suas relações, que nenhuma afeição o atraía às mulheres que ele cortejava, que, no fundo, ele as desprezava, mas que elas, como seus amigos,

serviam para matar o tempo e preencher o vazio de que ele tinha verdadeiro horror.

No momento em que eles entravam na sala de refeições, a cadeira de rodas de Magnus surgia pela porta oposta. Os dois primos abraçaram-se cordialmente e, em seguida, todos se sentaram à mesa.

Entabulou-se animada conversa sobre as notícias do dia, mas enquanto ria e brincava com seus hospedeiros, Arsênio observava-os atentamente e, por mais incrível que parecesse, os olhares brilhantes e afetuosos de Tâmara, a atenção amorosa com a qual velava pelas necessidades de Magnus, inspiraram ao príncipe a convicção de que a jovem excêntrica amava de fato o marido enfermo.

Terminada a refeição, a baronesa declarou que era preciso passarem ao gabinete de Magnus, de vez que na biblioteca o príncipe sofria de vertigem à vista de tantos livros a exalarem a poeira do passado. No melhor bom humor, passaram os três ao gabinete, vasta peça muito clara e ainda mais alegrada por um fogo que crepitava na lareira. Instalaram-se junto de uma mesinha baixa, carregada de álbuns e de gravuras e, vendo Tâmara a esmerar-se em toda sorte de pequenos cuidados, quanto à comodidade de seu marido, o príncipe observou com um sorriso:

– A senhora está mimando esse menino grande como um verdadeiro bebê, Tâmara Nicolaevna. Vai estragá-lo de mimos!

– Ele é o meu grande bebê e é tão sábio que se pode estragá-lo à vontade – respondeu a moça.

E, com um gesto carinhoso, passou os dedos afilados pelos cachos espessos da cabeleira de Magnus.

Este tomou a mão dela e beijou-a. A pequena cena de familiaridade causou em Arsênio uma impressão das mais desagradáveis.

– E, agora, príncipe, diga-me quem está mais aborrecido por não

poder satisfazer sua curiosidade a meu respeito? – perguntou Tâmara, sentando-se numa cadeira, ao lado do marido.

– Ah! Baronesa, a senhora me faz uma pergunta muito difícil! O que é certo é que a senhora alcançou seu objetivo e aborreceu muita gente. Mas, diga-me, a senhora ainda se ocupa com a pintura?

– Sem dúvida. Nesse verão mesmo, Tâmara pintou meu retrato. Ele está em seu gabinete de trabalho e você verá que beleza de trabalho! – respondeu o barão.

Nesse momento, Tâmara explodiu numa risada alegre e perguntou maliciosamente:

– O senhor não sabe, primo Arsênio, o que aconteceu com o meu caro modelo, o Príncipe Emílio Fluresco? Há alguns dias encontrei-o com uma faixa negra sobre o rosto. Será que ele assistiu a algum massacre ou lhe machucaram o olho? Que pena que ele não estivesse assim quando pintei o retrato dele!

Magnus balançou a cabeça em desaprovação.

– Como você pode rejubilar-se com a desgraça alheia?

– A desgraça não é grande e acho que já passou – fez Arsênio com um sorriso –. Quanto às causas daquele olho pisado, permanecem em mistério. As más línguas contam toda uma novela. Dizem que foi um bofetão. Mas a senhora não deve lamentar pelo retrato de Emílio – tal como está, trata-se de uma obra-prima de malícia.

– Que quer o senhor? É sempre perigoso atritar-se com o pincel de um pintor ou com a pena de um escritor. E, a propósito, ainda uma coisa: o príncipe conversava muito animadamente com uma bela mulher morena, que desconheço. Será uma nova estrela no firmamento da alegre Petersburgo?

– É uma de tipo oriental?

– Sim, sim! É essa.

– Então é Madame Olenine, verdadeira estrela que compete no coração de Fluresco com Madame Majarovsky. Essa Madame Olenine é uma mulher de um engenheiro de minas, cuja atividade o retém na província de Perm, durante cerca de nove meses por ano. É um velho imbecil, muito rico, que teve a fantasia de casar-se com uma jovem cantora de opereta, apesar de seu tempestuoso passado. Ela é recebida em toda parte, ainda que o seu presente não seja muito diferente do passado.

– Eis aí uma das razões pelas quais minha casa permanece obstinadamente fechada. Não quero ser obrigada a receber uma mulher dessa espécie e de encontrar-me com elas. O que me parece inconcebível é que tais pessoas de má reputação sejam admitidas às casas mais honradas.

– Nada se pode fazer quanto a isso – respondeu Arsênio –. Se todos resolvessem ser assim exclusivistas, os salões ficariam vazios. Uma vez excluídas as mulheres de má reputação, os homens que só comparecem para ver as que lhes interessam não iriam também. Pois, pode crer, Tâmara Nicolaevna, eles não conhecem nada mais tedioso do que as mulheres honestas.

– Francamente! Felicito os homens que consideram assim tão elevadas suas esposas, suas mães e irmãs – disse desdenhosamente Tâmara –. Em todo caso, agradeço-lhe a gentileza.

– A senhora sabe, prima, que os presentes são sempre excluídos. Somente falei em geral.

– Não importa! É dessa generalidade que decorre a desmoralização que minou e afrouxou todos os laços de família – disse Tâmara, corada de indignação –. A mulher honesta, ridicularizada e qualificada de tola, é apenas tolerada. É a cortesã que reina na família e nos salões. Somente a ela se proporciona o que outrora pertencia à mulher virtuosa: a estima e o coração dos homens. Mas, também, que homens esse estado de coisas produziu! Para comprová-lo, basta observar, nos salões, esses

jovens envelhecidos, desgastados, enfarados, gangrenados pela sociedade depravada na qual cresceram. Sem coração e sem honra, eles se vendem e vendem suas esposas e, decrépitos, idiotas, acabam por extinguir-se abandonados por todos. E que dizer das mulheres que não aspiram a nada mais elevado do que macaquear a cortesã, esse ídolo do século, que decreta a moda e dá o tom? Pois eu manterei minha casa ao abrigo de tais intrusos e não receberei semelhantes damas, ainda que venham acobertadas com o título de mulheres casadas.

Observando que Tâmara se empolgava demais, Magnus apertou na sua a pequena mão dela que repousava sobre o braço de sua cadeira.

– Não se deixe arrebatar, minha querida. Você se inflama como um palito de fósforo, quando se aventura nesse terreno.

– Magnus tem razão. A senhora é intratável, baronesa – observou Arsênio, que empalideceu à menção de homens sem coração, nem honra, que se vendem –. Contudo, eu lhe asseguro que as cortesãs não são ainda as piores: há mulheres altamente colocadas na sociedade cuja moral é deplorável e que não podemos evitar.

– Tanto pior para aqueles que não têm coragem de fechar-lhes as portas e provar a essas damas que nenhuma posição social as preserva do desprezo das pessoas honestas. Mas, deixemos esse tema, que sempre me arrasta à cólera.

A conversa mudou de rumo, voltou a ser leve e alegre e foi com pesar que o príncipe levantou-se, ao cabo de uma hora, para despedir-se.

– Devo ir-me – disse ele, dando uma olhada no relógio –. Hoje é nosso dia de recepção.

– Espero que você venha sempre e sem cerimônia – disse Magnus cordialmente.

– Até breve, primo. Dê um abraço, de minha parte, em Catarina – acrescentou Tâmara, apertando-lhe a mão.

Em estranho estado de espírito o príncipe desceu e tomou sua condução. Estava com dor de cabeça e um caos de impressões diversas chocava-se em sua mente. Quando entrou no salão de recepção, já encontrou ali muita gente. O segundo salão e o toucador estavam igualmente cheios de gente e o burburinho das vozes ouvia-se desde o vestíbulo. Todos conversavam, sentados em grupos, rindo e intrigando. Alguns fumavam e as mulheres, enfeitadas e cobertas de joias, utilizavam-se visivelmente de todos os recursos do coquetismo.

À vista do dono da casa, todos se voltaram, trocando com ele saudações e acenos.

Arsênio abriu passagem até a sala de refeições, onde se entronizara sua mulher a uma mesa de chá. Mas o ruído, o aroma atordoante dos perfumes, mesclado ao do fumo, o sussurro e o barulho da turba fizeram degenerar em verdadeira enxaqueca sua dor de cabeça nervosa. A vasta sala de refeições estava literalmente negra de fumaça. Como que através de uma névoa azulada e densa, o príncipe percebeu sua mulher no meio de numeroso grupo de homens e mulheres, em torno da mesa, conversando ruidosamente. No momento em que Arsênio Borissovitch entrou, estavam todos se torcendo de rir de uma piada bastante apimentada de Fluresco. O príncipe experimentou verdadeira repulsa ao fitar Catarina: usando um vestido azul-pálido que não assentava à sua pele, naquele momento inflamada e manchada, em gargalhadas, o cigarro sempre preso entre os dentes, os olhos piscando, ela pareceu-lhe horrenda. Contudo, aproximou-se dela e beijou-lhe galantemente a mão, mas sufocado pela fumaça disse:

– Querida Catarina, não poderíamos passar para o outro salão, enquanto abrem as janelas aqui? A fumaça positivamente sufoca e enceguece as pessoas.

– Antes disso, toma uma taça de chá – respondeu a princesa, bem humorada.

Ela apanhou a chaleira que repousava sobre o grande samovar de prata maciça, encheu uma taça e passou-a ao marido que, irritado e indisposto, tomara lugar entre as senhoras sem notar os olhares travessos que se fixavam nele. Descontente e distraído, levou a taça aos lábios.

– Que chá é esse, frio e desagradável? – disse ele rejeitando a taça prontamente.

Uma explosão de gargalhadas acolheu suas palavras.

– O que você acha, príncipe? É champanhe! – exclamou Fluresco –. Arre! que está acontecendo, senhoras e senhores, que ele não reconhece o elixir da vida?

Arsênio nada respondeu. Era evidente que a brincadeira desagradara-lhe.

– Tenho a transmitir-lhe os cumprimentos de Magnus e de sua mulher – disse ele, depositando a xícara sobre a mesa.

– Obrigado. Você os viu? Então nos conte o que fazem e como vivem aqueles dois excêntricos.

– Vivem muito bem, num verdadeiro palácio e, quanto à harmonia e a afeição, que visivelmente os une, poderiam fazer inveja a muitos lares.

– Essa Baronesa de Lilienstierna é certamente uma psicopata, se é que ela está mesmo apaixonada por um paralítico! – comentou uma dama a sorrir.

E um fogo cruzado de sarcasmos e de comentários maldosos acerca de Tâmara lhe fez coro.

O príncipe reclinou-se em silêncio, no encosto de sua cadeira. Jamais lhe pareceram tão pesados o vazio e a tempestuosa dissonância de sua casa. Com estranha sensação de inveja, lembrou-se da silenciosa e calma residência, onde acabara de passar algumas horas. Tudo ali era impregnado do apurado gosto e do perfume delicado de uma mulher amável e instruída. Naquele momento, ele, positivamente, ansiava por aquela atmosfera de

quietude intelectual e o contraste com o ruído que o cercava sufocava-o.

Julgando, afinal, conveniente deixar a mesa, Catarina liderou o grupo todo rumo ao salão maior, mas, na disposição de espírito em que se encontrava, Arsênio não estava disposto a conversar. Sua casa parecia uma feira. Não era um grupo de amigos, mas uma turba que ali comparecia como a um lugar de reunião, pouco se importando com os donos, desde que os houvesse apenas cumprimentado. Cada um se divertia à sua maneira, iniciando novas relações, tramando intrigas e, sempre que possível, vangloriando-se em ter entre seus conhecidos personalidades ilustres e altamente colocadas, pois ali se reuniam pessoas de todas as condições sociais, mas, sobretudo, os que ocupavam os cimos da escala social.

– Que faz você aí, sombrio como Hamlet[23]? – perguntou Fluresco aproximando-se dele e tocando-lhe o ombro.

– Estou com dor de cabeça e cansado. Vamos aos meus aposentos, que quero descansar um pouco – respondeu Arsênio com um toque nervoso.

Os dois atravessaram o toucador da princesa e, por um corredor, alcançaram o aposento de Ugarine. O ar ali estava puro e o silêncio agradável.

– Uff! – exclamou Fluresco. É verdade que aqui se respira melhor do que lá, naquela tabacaria. O que a sua mulher fuma é inacreditável! Você deveria proibir-lhe esse mau hábito.

– Quando você tiver uma mulher que tenha desposado nas mesmas condições que eu, tente proibir-lhe alguma coisa! – respondeu Arsênio, atirando-se a uma poltrona.

– Você fala como um ingrato. Quem ouvisse isto, pensaria que você é infeliz no seu casamento e, na verdade, o que lhe falta? Você nada em ouro e Catarina Carpovna é uma mulher encantadora e inteligente. Sua ideia de servir-nos hoje champanhe no samovar foi

soberba... e, honra seja feita, ela não é ciumenta!

– Isso é o que parece, mas não é verdade. Apenas seu ciúme está momentaneamente abafado por coquetismos com o príncipe circassiano[24].

– Ah! Aquele montanhês cabeludo não é um rival perigoso – respondeu Fluresco a rir –. Mas, agora que estamos sós, diga-me a verdade sobre Tâmara Nicolaevna. Foi apenas para irritar sua mulher que você cantou o elogio da sua vida idílica, ou será que ela continua a representar, de fato, sua comédia amorosa junto ao paralítico?

– Por que haveria ela de fingir? Não é próprio do caráter de Tâmara Nicolaevna e não teria razão de ser. Para que a comédia, se ela evita todo mundo?

– Tudo isso é uma bobagem muito grande! Espera e você verá como ela vai abrir seus salões. Além disso, por que, diabo, não nos receberia depois de passados os seus caprichos?

– Porque ela nos despreza. Se você duvida, vá vê-la e ela mesma lhe dirá. – retrucou Arsênio com irritação e cerrando os olhos.

– Mas isso será muito excitante e uma agradável novidade no programa desgastado dos requebros coquetes – disse Fluresco, rindo com entusiasmo –. Peço-lhe, Arsênio, na primeira vez que você estiver com a baronesa, obtenha dela permissão de fazer-lhe uma visita. Agora, voltarei ao salão; do contrário, Catarina Carpovna vai me fazer uma verdadeira cena.

– Bem, bem, vai. E se perguntarem por mim, peça-lhes desculpas. Diga-lhes que estou com uma violenta dor de cabeça.

Ficando só, o príncipe estendeu-se no divã e ficou a pensar. Algo de que ele não se dava ainda conta o atormentava. A imagem graciosa e sedutora da mulher de Magnus lhe vinha incessantemente à mente. Tudo nela agradava-lhe, suas observações cáusticas, os súbitos clarões de seus grandes olhos cinzentos, e até mesmo o desprezo mordaz que ela demonstrava

abertamente pelos vícios, que ele próprio reconhecia ter quase todos.

Com não menor dose de tenacidade, ele voltava sempre ao exercício de comparar seu lar com aquele que acabara de deixar. Lá, os dois se bastavam completamente. Ele não desejaria jamais um diálogo com a sua mulher, cujo inevitável cigarro lhe inspirava constante desprazer. Jamais ele se sentia bem em sua companhia.

Ainda que demonstrando à sua mulher uma deferência polida, Arsênio nunca se dera ao trabalho de fingir paixão por ela. Apaixonada e ciumenta, Catarina havia, a princípio, feito com o marido algumas cenas das mais desagradáveis, vigiando-o e o atormentando com suas suspeitas e suas exigências.

Convencida, no entanto, de que aquelas tempestades conjugais não levavam a nada, a princesa acalmara-se e começara a buscar alhures o que não encontrava em seu marido. Esse gelo entre eles havia aumentado ainda mais depois que retornaram da Crimeia e cada um dos esposos entregou-se à tendência de retomar os hábitos de seus dias de liberdade. Arsênio, como fazia desde rapaz, ia a bailes e jantares sem sua mulher, a qual, por sua vez, divertia-se sem se importar mais com ele. Ela era princesa e bastante rica para exibir o título em toda a sua importância, e podia seguir suas inclinações sem nenhuma cerimônia. Era-lhe até cômodo, sob esse ponto de vista, que Arsênio tivesse distrações de toda espécie alhures e se ele metia a mão na bolsa de sua mulher para divertir-se com as suas amantes como um grande senhor, isso pouco a afetava.

Mas, naquele momento, o príncipe não pensava nas suas amantes; pensava em Tâmara e num jeito qualquer de conquistá-la. Criado num meio depravado, estragado desde cedo pelas mulheres que se apaixonavam pela sua rara beleza física, Arsênio jamais encontrara resistência e estava acostumado a pensar que lhe bastava estender a mão para ter tudo quanto desejasse. Jamais amara com amor puro e profundo a mulher alguma entre as

desonestas que sacrificavam seus deveres aos caprichos dele. Tais paixões vulgares e passageiras, no fundo das quais estava o desprezo, extinguiam-se como fogo de palha. E, agora, chegado a uma completa saciedade, surgia em seu caminho um mulher de outra têmpera que, escudada em seu orgulho, intocável na sua virtude, mordaz e inteligente, tentava-o tanto pela sua frieza como pela sua beleza.

Um irresistível desejo de seduzir precisamente aquela mulher excepcional se apossou dele, mas conseguiria ele inspirar-lhe paixão? Esquecido de sua dor de cabeça, o príncipe saltou do divã e se pôs diante do espelho a contemplar sua imagem com olhar crítico. Ainda era belo, apesar da palidez e da expressão cansada dos grandes olhos negros. Com um sorriso de convencimento enfarado, aprumou o corpo esbelto e correu os dedos bem cuidados pela vasta cabeleira cacheada. Certamente, ele era ainda bastante sedutor para agradar à caprichosa mulher cujo coraçãozinho outrora palpitava só em vê-lo. E não seria Magnus, aquele marido-fantasma, que lhe barraria o caminho. Não era difícil vencer um rival daqueles. "Veremos" – murmurou ele, reajustando seu uniforme e retomando o caminho do salão.

A tarefa de conquistar a mulher que ele cobiçava era, contudo, bem mais difícil do que o príncipe suspeitava. Em primeiro lugar, porque Tâmara jamais estivera tão inacessível a uma paixão ilícita: satisfeita em todos os seus gostos, tanto quanto em seu orgulho, ela saboreava em toda a extensão uma felicidade tranquila, isenta de ciúmes, de temores e de desejos. Sabia que era amada, com um amor profundo e desinteressado e nenhuma sombra viera ainda obscurecer a harmonia de seu relacionamento com o marido, que a compreendia como ninguém mais. Entre esse presente feliz e o passado, ao qual votava apenas uma piedosa recordação, não havia lugar para qualquer sentimento novo.

Quanto a Magnus, era um poder difícil de desalojar e o príncipe enganava-se redondamente, considerando obstáculo sem

importância aquele que ele qualificava desdenhosamente como “o marido-fantasma”.

Mais ardentemente enamorado de sua encantadora esposa do que ele pretendia demonstrar, o jovem soubera conquistar sua ilimitada confiança. Insensivelmente, habituara Tâmara a tudo confiar-lhe, a revelar, como ao seu melhor amigo, cada pensamento, cada pequenina dobra de sua alma e era capaz de ler a sua mensagem como num livro aberto. Ele sabia, ao mesmo tempo, suscitar seu interesse e orientar sua atividade mantendo sempre desperto aquele espírito dinâmico.

A visita de Ugarine realmente abriu uma brecha na muralha chinesa que circundava Tâmara. Alguns dias após seu marido, veio Catarina e, com a liberdade que lhe conferia sua dupla qualidade de parente e de antiga colega de escola, simplesmente exigiu que a amiga a visitasse. Relações amigáveis, ainda que não frequentes, estabeleceram-se, assim, entre a princesa e Tâmara e provocaram um intercâmbio de visitas com algumas senhoras que as relações de parentesco e suas posições tornavam difícil de evitar. Nadina também vinha constantemente visitar sua amiga que, sob o pretexto da doença de seu marido, recebia mais em sua casa do que saia.

Um dia, ali pelas duas horas da tarde, Madame Kulibine chegou inesperadamente à casa de Tâmara, algo surpresa ante uma visita tão cedo.

– Venho por uma questão de caridade – começou Nadina muito afobada –. Catarina também estará aqui a qualquer momento. Precisamos conversar e, em seguida, iremos à exposição de quadros que acaba de inaugurar-se.

– Diga-me de que se trata e, se puder contribuir para alguma obra de caridade, hei de fazê-lo com prazer.

– Ah! é uma história horrível a que vou contar-lhe. Você se lembra de Xênia Kersine, nossa colega de colégio? É dela que se trata. Depois que saímos do colégio, mantive, inicialmente, uma correspondência com ela. Foi assim que fiquei sabendo que perdeu

o pai e a mãe e que havia sido recolhida por uma tia. Em seguida, ela me comunicou que se casara com um oficial de Marinha por nome Hapius que estava de partida para Odessa. Ficou lá três anos e eu a perdi de vista, mas, por acaso, soube recentemente por minha cunhada a verdadeira história desse casamento.

Fez uma pausa e continuou:

– Xênia fazia-se passar por uma moça rica. Espalhou-se a notícia de que ela receberia um dote de 60.000 rublos e, ainda, que ela possuía, como herança de uma tia, um belo cofre de joias. Hapius, que contava apenas com seus vencimentos e uma pequena propriedade na Bessarábia, foi atraído por um partido tão bom e, como era um homem muito bonito, agradou-se de Xênia e ela dele. Só que, enquanto Hapius se preparava brilhantemente para receber sua rica esposa, esta perdeu, em virtude da falência de uma firma comercial, o pequeno capital que possuía. Você bem compreende que os 60.000 rublos eram uma mistificação para atrair os caçadores de dote. Na realidade, ela possuía apenas 10.000, que se perderam. Daí, em lugar de contar a verdade ao seu noivo, deixou-se persuadir pela tia de que era preciso vender os diamantes. Estes foram substituídos por pedras falsas e o dinheiro assim obtido foi empregado na aquisição de um magnífico enxoval.

“Quando Hapius soube, após o casamento, que fora assim ludibriado, seu furor – dizem – foi sem limites. E, de fato, ele tinha seus motivos. Estava coberto de dívidas por causa da montagem da casa e caíra num lamentável ridículo, anunciando, por toda parte, que se casaria com uma mulher tão rica... E, subitamente, o escândalo explodiu.

“Os dez meses que viveram juntos foram terríveis. Conta-se que ele batia nela e a maltratava mais que a um cão e, quando partiu para uma longa viagem, abandonou-a à sua sorte, pois com o que ele lhe deixara não tinha condições de sustentar-se.

“Foi assim que Xênia, que era bonita, como você sabe, ligou-se a um inglês, capitão de marinha mercante e, sem dúvida, foi embora

com ele, pois desapareceu de Odessa. Ignoro suas aventuras posteriores, mas certamente o inglês também a abandonou, pois ela voltou para cá, com o filho, na mais terrível miséria e, no seu desespero, envenenou-se, deixando uma carta, na qual entrega a criança à caridade publica.”

– Meu Deus! – exclamou Tâmara, que ouvira tudo perplexa –. E a desventurada morreu?

– Imagine que não. Houve quem descobrisse a tempo a tentativa de suicídio e ela foi salva. Soube de toda essa história por intermédio da minha camareira, cuja irmã trabalha no conjunto de quartos mobiliados onde Xênia foi morar. Já falei com Catarina e decidimos vir à sua casa, pois é nosso dever ajudar nossa antiga companheira.

– Também acho. É preciso descobrir onde se encontra Hapius.

– Catarina já tomou informações a respeito e descobriu que Hapius morreu de febre amarela em águas do Oriente. Seja como for, aí está Catarina.

– Muito bem. Você já contou a Tâmara as aventuras de Xênia? – perguntou a princesa após abraçar as amigas.

– Nadina acaba de me contar em que situação horrível se encontra essa infeliz.

– Infeliz por sua própria culpa. Como se pode enganar assim as pessoas? No entanto, não podemos deixá-la morrer de fome. Vou dizer o que eu pensei fazer. Amanhã à noite haverá em minha casa uma grande reunião. Contarei aos meus convidados a lamentável história e farei uma coleta que garantirá suas necessidades, enquanto ela estiver doente. Depois disso, conseguiremos para ela um emprego de camareira. Quanto ao menino, que ela não pode criar mesmo, será colocado num asilo. O conde D. conseguirá isso para mim.

Ante essas palavras, uma ruga se fez na testa de Tâmara.

– Por que, Catarina, você quer expor ante todas essas pessoas

estranhas a desgraça e a vergonha de nossa amiga comum e acrescentar aos seus sofrimentos a humilhação de saber que foi feita uma coleta em seu favor? Ela precisa é de socorro imediato.

– Também ontem à noite mandei-lhe dez rublos por intermédio da minha camareira.

– E eu cinco rublos pela empregada – acrescentou Nadina.

Tâmara sacudiu a cabeça.

– E alguma de vocês foi vê-la?

– Que você está dizendo? – perguntou Nadina, fazendo uma careta –. Eu me sentiria mal naquele cubículo, com a enferma, que deve estar com uma aparência horrível.

– Eu não sou tão sensível e não temo desmaiar – observou Catarina a rir –. Só que não tenho, mesmo, tempo para visitas dessa espécie.

– E eu que imaginava que você não fazia nada! – disse ironicamente Tâmara.

– Seja como for, tenho mais que fazer do que você nesse seu claustro. Nunca me deito antes de quatro horas da madrugada e me levanto à uma hora da tarde. Quando termino a primeira refeição e minhas entrevistas com a costureira, a modista, a governanta, etc., já é mais que tempo de me vestir para fazer minhas visitas ou recebê-las. Em seguida, é o jantar, são os teatros, as festas! Fico, às vezes, no limite das minhas forças. Aliás, nesse momento, estou duplamente atarefada, pois estamos organizando um grupo espírita para fazer sessões regularmente. Dizem que é tão divertido! Espero que você se torne um de nossos membros, Tâmara. Já convidei Nadina.

– Obrigada. Não posso assumir compromissos. Você sabe que o estado de saúde de Magnus me impede de dispor livremente de meu tempo, mas se vocês conseguirem algo, irei com prazer assistir a uma de suas sessões – respondeu Tâmara com um sorriso –. E, agora, voltemos a Xênia.

– Com relação a ela, acho que meu plano é o que há de melhor. Contudo, se você tiver outra ideia, escreva-me ou venha me ver e nós discutiremos o assunto. Agora, temos que ir, se é que queremos chegar a tempo à Academia, onde aposto que o Conde de Rougemont já está à nossa espera – ajuntou ela com um sorriso significativo dirigido a Nadina.

– Como está Arsênio Borissovitch? Cumprimente-o, da minha parte, por favor – disse Tâmara, abraçando as amigas.

– Suponho que ele esteja bem e divertindo-se por aí. Onde?

Não sei, pois nos vemos pouco ultimamente. Mas, a propósito dele, vou contar a você algo muito engraçado. Imagine que ontem ele veio para casa embriagado, mas embriagado de verdade.

Tomada de verdadeiro acesso de riso, Catarina atirou-se a uma cadeira.

– Não fique com essa cara tão consternada, Tâmara. Foi tão engraçado! Então, escuta: lá pelas seis horas da tarde, voltava eu da casa de meu pai que está indisposto, quando vejo a carruagem de Arsênio estacionada diante da entrada menor que leva diretamente aos seus aposentos. Algumas pessoas o estavam retirando da condução como um fardo. Pensando que alguma desgraça acontecera, corri até lá. Ao primeiro olhar ao meu senhor e mestre, compreendi que ele não estava morto e seu camareiro me garantiu que não. “Não se preocupe, madame – disse ele –. Isso não é nada. Sua alteza jantou em casa do Príncipe Fluresco, que está comemorando seu aniversário e sentiu-se um pouco mal, ao voltar”.

Tâmara não fez comentário algum e reconduziu suas amigas à porta. Um tremor de desgosto apossou-se dela ante o relato de Catarina. Assim era, portanto, na intimidade, o belo e sedutor cavalheiro que, outrora, lhe parecera o ideal de todas as perfeições.

Sob o peso dessa triste impressão, Tâmara foi para junto de Magnus e contou-lhe o que acabara de saber.

– Eis aí o resultado dessas uniões baseadas apenas no interesse – disse o barão com tristeza –. Se Hapius tivesse um pouco de afeição por sua mulher, lhe teria, por certo, perdoado pela derrocada de suas esperanças. Jamais teria recorrido a uma brutalidade que impeliu a infeliz à vergonha e à desgraça.

– Xênia sempre foi de natureza fraca. Talvez tenha amado esse homem sem coração e o receio de perdê-lo, ao confessar a verdade, levou-a a esses desenganos. Enfim, ela pagou tão duramente a culpa, que seria cruel condená-la.

– Sem dúvida, nosso dever é ajudá-la, não julgá-la, e você deve fazê-lo generosamente, a fim de que esse socorro seja um bálsamo para a sua alma. Que isso seja uma ajuda verdadeira e não um prolongamento da agonia.

– Sim, sim. Eu o compreendo e hoje mesmo irei ver Xênia – respondeu Tâmara com os olhos brilhantes e abraçando o marido afetuosamente.

Logo após o jantar, a moça mandou atrelar os cavalos à carruagem e seguiu para o endereço indicado por Nadina. No quarto piso, uma empregada pesadona e muito desarrumada abriu a porta, mas à vista de uma dama elegante, acompanhada de um lacaio, assumiu um ar obsequioso e ofereceu-se para conduzi-la ao aposento da Senhora Hapius.

– Há alguém cuidando da doente? – perguntou Tâmara, enquanto caminhava pelo longo e sombrio corredor.

– Não, madame. Apenas a pequena Nástia, filha da cozinheira, toma conta do menino, que é muito chorão. Quanto à doente, está bem melhor e o médico do quarteirão, que veio hoje, disse que ela está fora de perigo. Mas aí está o número 15.

Ela abriu a porta e fez entrar a baronesa num cômodo comprido e estreito, mal iluminado por uma janela que dava para um pátio meio oculto por uma parede.

A mobília era pobre e em ruínas; um biombo feito de cretone

ocultava o leito e não longe da porta, junto de uma mesa iluminada por uma lâmpada com um abajur de papel verde, estava sentada uma menina de uns doze anos, tendo ao colo um menino de cerca de dois anos, cuja face pálida e os grandes olhos apáticos demonstravam estar ele doente.

– Quem chegou aí? – perguntou uma voz frágil que partia do leito.

– Vai com a criança para o corredor. Preciso falar com a senhora – disse Tâmara em voz baixa à menina.

E logo que ela saiu, Tâmara afastou o biombo e aproximou-se do leito, sobre o qual estava estendida uma jovem pálida como morta, exausta e magra como um espectro.

Com um olhar assustado, a doente fitou sua visitante, que se inclinava sobre ela com um sorriso afetuoso.

– Xênia, você não reconhece sua colega de colégio? Sou Tâmara Ardatov.

Um clarão de alegria mesclada de incredulidade acendeu-se no olhar apagado de Xênia. Ela queria falar, mas não pôde. Apertou convulsivamente a mão da baronesa e, com uma voz entrecortada, exclamou:

– Você, só você vem me ver em vez de mandar uma esmola por meio de uma empregada!

Soluços convulsivos impediram-na de continuar. Era um grito de aflição, no qual vibrava todo o sofrimento, toda a humilhação experimentada pela desventurada criatura. Com lágrimas nos olhos, Tâmara atraiu para si a infeliz companheira e a beijou na testa.

– Não é esmola, mas apoio e amizade que trago a você. Não fique tão agitada, Xênia. Pensa no seu filho. Por ele, você deve voltar à vida e à saúde.

– Não, não. Não quero viver. Não tenho mais forças para suportar a miséria e a vergonha. Quero morrer. É apenas por um requinte de crueldade que me fizeram voltar à vida.

– E você não teme à ideia de abandonar tão covardemente seu infeliz filho?

– Talvez Deus o protegerá. Quanto a mim, Ele me abandonou e me condenou pelas minhas culpas.

– Não blasfeme, Xênia, o Pai Celeste não abandona nenhum de seus filhos e quanto maior a nossa desgraça, mais a sua misericórdia vela por nós. E, agora, acalme-se. Ninguém humilhará mais você e depois conversaremos. Antes de tudo, quero tirar você desse quarto sombrio e úmido, onde você deve estar sufocada.

Tâmara mandou chamar a dona da casa e perguntou-lhe se não tinha um cômodo melhor. Dois grandes e bonitos quartos que davam para a rua estavam vagos e a baronesa os alugou imediatamente, pagando um mês de aluguel antecipado, bem como todos os atrasados devidos por sua amiga. Mandou chamar uma enfermeira e uma babá para a criança e, vinte minutos mais tarde, a enferma já estava instalada nos seus novos aposentos. Uma bolsa bem provida de recursos fizera maravilhas: encheu todo o mundo de atenções e criou um interesse pleno de cuidados e de pesares pela pobre locatária, desprezada e apenas tolerada algumas horas antes.

Os olhos de Xênia brilhavam de alegria e de reconhecimento, quando Tâmara sentou-se junto de seu leito.

– Quando você restabelecer-se, conversaremos sobre o passado e sobre o futuro. Por enquanto, não se preocupe com coisa alguma e conte comigo. Há algo, porém, que devemos providenciar logo. Sei que Catarina e Nadina fizeram-lhe remessas pouco generosas e ainda menos delicadas; é preciso devolver-lhes esse dinheiro e, para evitar qualquer intromissão posterior delas, comunicar-lhes que um dos seus parentes, sabedor de sua situação, colocou à sua disposição amplos recursos e que, dentro de alguns dias, você vai deixar a capital. Darei ordens aqui para dizerem que você foi embora. Será que você tem coragem de escrever essas duas cartas? Eu o faria de bom grado por você, mas não quero que suspeitem da minha intervenção no caso.

Apesar do seu esgotamento, a enferma declarou que escreveria as cartas. A satisfação e a alegria lhe emprestavam forças. Expedidas as cartas, Tâmara entregou à sua amiga uma importância em dinheiro que a punha ao abrigo de qualquer preocupação financeira e prometeu enviar frutas e vinhos, enfim, tudo o que fosse necessário para uma convalescente. Em seguida, despediu-se, prometendo nova visita em breve.

De volta à sua casa, Tâmara correu logo para o marido, a quem contou, com pormenores, tudo o que acabara de fazer.

– Ah! Magnus, nunca senti tanto como hoje a alegria de ser rica e todo o poder benfazejo que existe numa grande fortuna! – disse ela com emoção –. Poder aliviar o sofrimento e, verdadeiramente, antecipar na terra as alegrias do céu. Como lamento a pobre Xênia, duplamente desgraçada, pois ela sucumbe de miséria e remorso, por ter sido ela própria a criadora de seu infortúnio. Tão frágil e tão pouco armada para a luta, ficou muito exposta à maldade humana. Quando penso nesse Hapius, ainda que morto, alguma coisa se agita em mim: não tinha ele coração nem consciência, esse bruto, ao abandonar a pobre mulher, após demonstrar desavergonhadamente que estava apenas atrás de seu dote? O que é realmente repugnante nos homens atuais é a avidez pelo dinheiro que eles exibem com a maior falta de vergonha. Especulam sobre o destino de dois seres humanos, como se fossem dois sacos de farinha. E se mais tarde se descobre que um dos sacos está vazio, ele é jogado fora o mais rapidamente possível. Se a patifaria é recíproca, cada um escapa pelo seu lado. É terrível!

Magnus puxou-a para si, com um sorriso.

– Pobre amiga. Vê-se bem quanto seu coração desejava um amor verdadeiro, pois você preferiu um infeliz paralítico, que nada pode dar-lhe, além de sua afeição, a todos os homens belos, sadios e destinados a um esplêndido futuro, que aspiravam à sua mão.

– Diga antes que eles aspiravam aos milhões que a sorte atirou em minhas mãos. E por que você se deprecia tanto? – acrescentou ela

com bom humor –. Não tem você todas as qualidades de coração e de espírito que fazem feliz uma mulher? Eu sei que você me ama tal como sou, com minhas qualidades e meus defeitos, e que me julga com indulgência, quando os demônios do orgulho e do rancor me invadem e me tornam maldosa.

– Seria bem ingrato se lhe faltasse com a indulgência, tanto mais que esses dois demônios nunca me atacam – respondeu Magnus com alegria.

Depois desse dia, Tâmara visitou frequentemente sua antiga colega, cuja convalescença consolidava-se rapidamente. Nas longas conversas que mantinha com ela, procurava incutir-lhe uma noção mais séria da vida e levá-la a compreender a verdadeira dignidade feminina.

Nadina e a princesa não se interessaram mais pela sua protegida, qualificando-a mesmo de ingrata.

– Você acredita que Xênia me devolveu o dinheiro que eu lhe dei? – perguntou a princesa. – Uma tia, parece, teve piedade dela, mas isso não impede que sua impertinência tenha excedido os limites. Ela sofreu o que merecia, essa mentirosa que quis comprar um marido com diamantes falsos!

– Mas ela não foi a única que fez uma compra dessas. As outras tiveram apenas melhor oportunidade e puderam pagar pelos maridos com diamantes verdadeiros e cheques bem sólidos – observou Tâmara maliciosamente.

Catarina levantou o dedo.

– Peço-lhe não afiar a sua língua maldosa em suas amigas. Nós não criticamos o seu gosto e, contudo, Magnus é bem singular!

Nas suas conversas, Xênia manifestava sempre a Tâmara o desejo de sair de Petersburgo, que se lhe tornara odiosa.

– Gostaria de encontrar um emprego no interior – repetia ela sempre –. Preferiria dirigir um lar em uma dessas propriedades, se tivesse os contatos necessários, do que lecionar. Não tenho

paciência para instruir crianças, mas a nossa formação é tão insuficiente, que não nos proporciona outro recurso, em caso de pobreza, que o pão seco e amargo de uma professora.

Tais palavras não foram perdidas para Tâmara que, após consultar seu marido, lhe disse um dia:

– Uma vez que você deseja viver no interior, minha cara Xênia, eis o que lhe proponho. A propriedade que possuo perto de Estocolmo foi acrescida de uma grande fazenda-modelo, onde se cuida da criação de galinhas e da fabricação de laticínios e queijos diversos. Se isso lhe convém, é lá que você pode realizar seu treinamento de gerência de uma casa, sob a orientação de tia Eveline, e logo que você esteja em condições de dirigir um estabelecimento, você poderá tornar-se minha sócia com direito a uma parte dos lucros. Ou então, eu a ajudarei a adquirir uma fazenda do mesmo tipo, na Suécia ou aqui: quero que você seja independente e não tema pelo seu futuro nem pelo de Jorginho.

Tomada de total felicidade, Xênia atirou-se ao pescoço da sua benfeitora e só sabia agradecer-lhe com as suas lágrimas. Ficou combinado, então, que para acabar de curar-se da sua enfermidade e aprender a língua sueca, a moça passaria alguns meses como hóspede na casa de Madame Ericson.

Naquela mesma noite, Tâmara escreveu à sua maternal amiga.

– Tudo esta arranjado, querida tia, e em breve nossa pobre necessitada espiritual estará sob seu teto hospitaleiro. Ela bem que tem necessidade de ser guiada e sustentada em novos caminhos e você tem exatamente a indulgência e a mansidão indispensáveis para reconstruir uma alma. Eu sou incapaz de fazê-lo; minha amargura, meu coração ainda envolto em gelo e meu orgulho feroz, como você o classifica, cavaria um abismo entre Xênia e os demais seres humanos. Sempre fui de temperamento frio e muito independente de espírito para poder desafiar abertamente o mundo, mas Xênia é de outra têmpera. Acredita você que ela ainda chora seu marido e sente falta dele, apesar da sua brutalidade? Se um

patife desses caísse sobre mim, eu o odiaria mesmo depois de morto e para ele não existiria graça nem perdão.

Na véspera da partida da jovem convalescente, as duas amigas tiveram uma última e longa conversa. Tâmara falou-lhe de Madame Ericson, da educação que havia recebido dela e de seu profundo reconhecimento pela mulher de elite que havia feito dela o que ela era.

– Você vai entrar num mundo novo, Xênia. Naquele agradável ambiente, você repousará a alma e o corpo, tomará gosto pelo trabalho, uma verdadeira atividade que não deixa tempo ao tédio e aos pensamentos frívolos, mas nos eleva, proporcionando-nos a independência e a consciência de nossa força. Bastar-se a si mesma, ser independente dos homens, de sua falsa amizade, de seu amor hipócrita, eis a verdadeira riqueza. Sei disso por experiência própria. Quando a ruína nos abateu e eu fiquei sem recursos, com um pai agonizante e duas crianças para cuidar, todos aqueles que se diziam nossos amigos me viraram as costas e, por um momento, senti vertigem, ao contemplar o abismo que se oculta no coração humano.

– Ah! você tem razão. É sobretudo ante o pobre que se exibe toda a miséria da alma do rico, pois este não tem necessidade de lisonjeá-lo – exclamou Xênia com amargor.

– Mais uma razão para que nos esforcemos, para nos bastar a nós mesmas, e foi o que fiz. Utilizei todo o meu saber e pude subsistir sem nada dever a ninguém. Sob esse ponto de vista, a desgraça é a nossa melhor mestra; ela representa para nós o que é o exame para o aluno: a oportunidade de experimentar o que ele sabe. Você é fraca de caráter, minha pobre amiga, mas você recebeu uma lição tão rude, que deveria cuidar de aproveitá-la bem. Procure impregnar-se dos conselhos e exemplo de tia Eveline e espero que você há de adquirir suficiente força de alma e precisão no critério para julgar os homens e não mais naufragar na vida.

– Prometo-lhe que tudo farei para educar minha alma e

desenvolver meu espírito. Creio que não poderia melhor resgatar minha dívida de reconhecimento com você – respondeu Madame Hapius, com emoção.

Alguns dias após a partida de Xênia para Estocolmo, Tâmara foi, pela manhã, visitar Catarina que, segundo soube, estava indisposta. Encontrou lá Nadina, que também viera ver sua amiga. A princesa sofria de forte resfriado, mas estava no melhor bom humor e, assim que Tâmara chegou, falou-se com animação das reuniões mediúnicas, que gozavam da maior popularidade e, positivamente, apaixonavam as senhoras. O assunto era tão interessante, que foi retomado logo após as primeiras saudações.

– Sua teimosia fez você perder muita coisa – disse Catarina –. Ao recusar ser membro de nosso círculo, você se privou de grandes alegrias espirituais. O que estamos obtendo é positivamente admirável!

– E os espíritos são tão alegres, tão cáusticos e, às vezes, tão galantes, que por nós nem os deixaríamos partir! – exclamou Nadina, levantando os olhos com entusiasmo –. O que não impede que haja, às vezes, cenas bem patéticas, como a da pobre Anuschka – acrescentou com um suspiro.

– Mas eu apenas me recusei ser um membro permanente e isso por motivo de força maior – disse Tâmara, defendendo-se –. Quanto a me interessar, não há dúvida: contem-me, por favor, o que vocês têm conseguido.

– Maravilhas... Temos materializações, transportes, efeitos luminosos, escrita direta, levitações, enfim, tudo o que se pode obter num grupo tão bem organizado como o nosso. Olha! veja aqui o que eles nos trouxeram na última vez.

Catarina foi rapidamente até um pequeno móvel e retirou uma caixinha que abriu: um pepino, um punhado de favas secas e uma rosa meio despetalada estavam ali depositadas num pouco de algodão. Tâmara acreditava em transportes, pois ela mesma conservava uma flor, vinda miraculosamente do espaço para suas

mãos. Seu interesse despertou.

– E quem são os médiuns? Que espíritos se manifestam? – perguntou ela.

– Temos muitos médiuns. Em primeiro lugar, Pfauenberg, que é um poderoso médium de materialização; em seguida, o Senhor Angoieff, que é muito bom para os fenômenos de transporte e, afinal, uma moça e um jovem que dispõem igualmente de boas faculdades, mas o que é melhor de tudo é que para dirigir as sessões, como controle terreno, como o chamamos, temos um homem muito experimentado nesse assunto, o Coronel Kurtz.

– Em que arma serve ele? – perguntou Tâmara.

– Nos dragões.

A baronesa havia formulado a pergunta para certificar-se de que essa personagem era a mesma que ela havia conhecido outrora em casa de Madame Elaponine. Não havia mais dúvida, pois era, de fato, um Coronel dos dragões, cuja desfaçatez pouco amável havia deixado nela uma sensação de repulsa.

– E que espíritos se manifestam? – perguntou ela sem dizer que conhecia o Coronel.

– Em primeiro lugar, Calchas, que é o guia, depois, um monge dominicano, um presidiário, que não dá o seu nome, mas chora sempre de cortar o coração, por causa de seus pecados, o espírito de Anuschka, que Nadina mencionou, e vários outros.

– Você se esquece de Pulquéria com o seu machado – intercalou Madame Kulibine.

Percebendo o espanto de Tâmara, a princesa disse, rindo:

– Sim, sim, é um espírito perverso que persegue o pobre Kurtz e se coloca atrás dele com um machado levantado como se estivesse somente à espera do momento de massacrá-lo. Calchas dominou, pouco a pouco, esse monstro e agora ela nem se mexe durante a reunião.

– E como ela é horrorosa, essa Pulquéria, com uma cara toda negra e um nariz enorme que brilha como uma brasa! – disse Nadina.

– Você a viu?

– Não, mas outras pessoas viram-na – respondeu honestamente, ainda que com pesar, Madame Kulibine.

– Admiro-me de que, com uma criatura dessas às suas costas, o Coronel Kurtz ainda queira frequentar as sessões – observou Tâmara.

– Ah! Ele é tão entusiasmado e convicto, que nada o faz recuar. Só que ele não tem muita escolha: imagine que em outro círculo um espírito queria, a toda força, casar-se com ele.

– E ele concordou?

– Não. Sua fé não ia tão longe. Ele está sempre envolvido com os espíritos.

Todos riram animadamente.

– Decididamente, as sessões de vocês são muito interessantes e eu virei de boa vontade à próxima reunião, se você me aceitar.

– Você merecia que eu a pusesse portas afora, mas com uma prima e colega de colégio não posso ser rancorosa – respondeu Catarina de bom humor –. Venha, pois, sexta-feira à noite, às nove horas exatamente e você verá coisas miraculosas.

No dia combinado, Tâmara compareceu pontualmente ao encontro. Cerca de vinte pessoas achavam-se reunidas e, num dos grupos, a baronesa notou logo o Coronel Kurtz, cuja face empolada, de um vermelho acobreado, tanto chamara sua atenção quanto chocara seus olhos de artista, quando o conheceu em casa de Madame Elaponine.

Muitas pessoas eram desconhecidas à Madame Lilienstierna, mas Catarina apresentou-a a todas, entre elas o Coronel, que nada deixou perceber quanto ao conhecimento anterior, seja porque

houvera realmente esquecido, seja porque preferiu não evocar lembranças do passado. Tâmara também o fitou como a um desconhecido. Somente um sorriso zombeteiro errava em seus lábios ante a saudação profunda e obsequiosa do Coronel. Não representava ela dois milhões e tanto? Ante uma taça de ouro daquelas, nunca se podia inclinar suficientemente.

Pfauenberg também se encontrava presente. Estava cheio de trejeitos e se tornava um tanto amaneirado, discorrendo sobre o esgotamento que lhe causavam as sessões e a impossibilidade em que se encontrava de estar presente durante toda a reunião daquela noite. Contudo, cedendo às solicitações dos membros do grupo, prometeu ficar até o primeiro intervalo.

– Senhoras e senhores, acho que não devemos perder precioso tempo. Passemos logo à sala de reuniões – declarou Catarina, muito atarefada.

– Perfeitamente, princesa. Sou da sua opinião – respondeu Kurtz –. Só que, como temos hoje vários membros novos, julgo indispensável evocar Calchas para pedir-lhe instruções sobre a ordem segundo a qual deveremos nos sentar.

– Sem dúvida. A mesa já está preparada.

O Coronel chamou Pfauenberg e os dois sentaram-se com as mãos colocadas sobre uma mesinha de três pés, os olhos levantados para o teto num recolhimento extático. Profundo silêncio estabeleceu-se.

Um ligeiro ruído na madeira fez o Coronel virar a cabeça.

– Ouviram o ruído? – disse ele levantando o dedo –. E num tom solene: Em nome de Deus Todo Poderoso. Espírito, faça três sinais da cruz e diga quem é.

A mesa começou a mover-se e, levantando um dos pés, bateu três vezes. Kurtz começou a recitar o alfabeto, enquanto a mesa designava por um golpe as letras desejadas, do que se soube que o próprio Calchas estava presente.

– Eu sabia, reconheci seus fluidos – disse Pfauenberg em tom austero.

Obtidas as instruções desejadas, todo o grupo passou à sala das reuniões. Era um salão amplo, no meio do qual se encontrava uma grande mesa redonda rodeada de cadeiras. As janelas estavam ocultas sob espessas cortinas e um cortinado estendido à altura de uma pessoa vedava um canto do aposento, formando ali uma cabine escura.

– Silêncio. Nossa secretária vai ler a ata da reunião anterior – disse Catarina –. Queira começar, Cleópatra Michailovna.

Uma velha dama, pequena e corpulenta, pôs os óculos, abriu um caderno e começou a ler com voz cadenciada: “...Havendo tomado seus lugares as pessoas que acabo de mencionar, a luz foi extinta. Alguns instantes mais tarde um pássaro materializou-se, batendo as asas e piando: Piu! Piu!” Seguiu-se a descrição minuciosa do transporte de uma pena, manifestações de um espírito que deu o nome de Montesquieu e escreveu epigramas acerca de todos os assistentes. Mas, como alguém manifestasse suas dúvidas sobre a verdadeira identidade do espírito, Montesquieu o injuriou com a linguagem pesada de um carregador... Vários outros episódios foram narrados.

Terminada a leitura da ata, Kurtz e um velho senhor levantaram-se e o primeiro declarou que o venerável amigo, Prof. Krugosvetlov, ia fazer alguns comentários e, em seguida, recitar uma prece.

O professor começou um discurso com voz untuosa sobre a harmonia e o amor fraterno que devem animar todos os membros de um grupo. Sobre o devotamento, o esquecimento de si mesmo, que devem guiar todo verdadeiro espírita na sua tarefa que consiste em propagar a luz e a verdade, a fim de alcançar o objetivo supremo: o amor universal.

– Ah!, se os atos correspondessem às palavras! – murmurou Ugarine ao ouvido de Tâmara.

– Como? – disse ela que ouvia aquilo com verdadeira satisfação.

– É verdade. Esse belo pregador é o maior intrigante e brigão que se possa imaginar e não se passa nem uma sessão sem palavras ásperas e desinteligências entre ele e os outros.

Durante esse colóquio, o professor assoara o nariz e tirara do bolso uma folha de papel que desdobrou. Kurtz apanhou uma vela e colocou-se atrás dele para iluminar o papel. Os outros se levantaram e, com recolhimento, ouviram uma longa prece composta pelo orador e, na sua opinião, apropriada às circunstâncias.

Apesar da sua efetiva piedade e de sua convicção espírita, Tâmara não se sentia nem um pouco edificada e seus olhos vagavam pelos assistentes, estudando-lhes a expressão. Súbito, seu olhar caiu sobre um jovem alto e magro que, com os braços acima da cabeça, o corpo inclinado para frente, orava à meia voz. Seu rosto de traços pronunciados, emoldurado por uma cabeleira abundante e um tanto desarranjada, fazia lembrar um dervixe, dando voltas, prestes a cair em transe.

– Que significa aquilo? – perguntou a moça, inclinando-se sobre seu vizinho.

– Nada mais que um piedoso entusiasmo – respondeu Arsênio mordendo os lábios.

– Quem é ele?

– O Senhor Angoieff, o grande médium de transporte, por meio do qual nos chegam peras, maçãs, pepinos e outras belas coisas do Além. Eis aí quase tudo o que sei acerca dessa personagem, que Catarina pescou não sei onde.

Ele interrompeu-se porque a prece terminara. Todos se sentaram e as velas foram apagadas, mas para surpresa de Tâmara não fizeram a corrente.

– Para que? Reina aqui uma confiança absoluta – respondeu ele à sua pergunta.

Diziam os assistentes que precisavam de uma conversação barulhenta para obter as vibrações necessárias aos fenômenos. De repente, um ruído seco sobre a mesa atraiu a atenção de todos.

– É Calchas – disse Pfauenberg, sentado entre Ugarine e sua mulher.

Um momento depois, começou a agitar-se na cadeira, repetindo com irritação: "Deixe-me. Não quero, ouve? Não quero levitar!"

Tudo voltou ao silêncio e, em seguida, alguns passos foram ouvidos junto ao cortinado da cabine.

– A cadeira a meu lado está vazia. Calchas transportou seu médium – cochichou Arsênio.

Tâmara nada disse. Sua atenção concentrava-se num ponto luminoso que parecia mover-se. Em seguida, apareceu por cima do cortinado o contorno de uma cabeça humana envolvida num tecido fosforescente e o aroma acre e penetrante, que uma vez sentira em casa da Baronesa de Raban, encheu todo o aposento.

– Vejam, vejam! É Calchas que volta – todos repetiam com admiração.

A cabeça luminosa desapareceu, mas os passos novamente foram ouvidos, desta vez aproximando-se da mesa. Tocando alguns, deixando-se apalpar por outros, o espírito deu a volta em torno da mesa. Algumas velhas viúvas ricas enternecidas e até mesmo um senhor entusiasmado beijaram-lhe a mão e, após algumas manifestações mais insignificantes, Pfauenberg declarou, com a voz apagada, que não podia continuar.

Acenderam-se as velas para regressarem ao salão. Todos rodearam Pfauenberg, que parecia exausto. Foi cumprimentado pela sua excepcional força mediúnica e o agradeceram por haver proporcionado aos assistentes a oportunidade de presenciar tão interessantes fenômenos. Ele, contudo, furtava-se à admiração geral e, escusando-se por causa da fadiga, logo despediu-se e partiu. As pessoas dispersaram-se em grupos para tomar o chá que

a princesa mandara servir no salão. Arsênio, Tâmara, Nadina e um velho General instalaram-se em uma pequena mesa e a conversa logo se concentrou no assunto das manifestações que acabavam de presenciar.

– Muito bem, Excelência, está o senhor convencido? Desta vez o senhor viu e apalpou um habitante do outro mundo – disse Ugarine.

– Hum! Não nego que vi e apalpei, só que o que toquei não concorda muito com a ideia que eu fazia de um espírito contemporâneo da guerra de Troia – respondeu o velho militar com um sorriso malicioso –. Esse bravo Calchas leva consigo objetos bem modernos. Enquanto ele oferecia sua barba para que Madame Kulibine o apalpasse, passei a mão pelas suas costas e senti a presença de botões militares. Em seguida, quando ele tomou minha mão e a fez bater em seu peito, ouvi perfeitamente que tilintavam os berloques de seu relógio, isto é, do relógio de Calchas, quero dizer... terminou o General rindo.

Arsênio concordou, mas Nadina exclamou escandalizada:

– Arre! General, o seu ceticismo é incorrigível. O senhor precisa entender que se trata de uma transfiguração parcial e que o espírito não pode distanciar-se muito de seu médium.

– Então foi por isso que, antes de aparecer por cima do cortinado, Calchas arrastou cuidadosamente um tamborete e subiu nele.

– Isso lhe pareceu assim, Valeriano Valenianovitch.

– Veja só! Que me diz o senhor, príncipe? Estendi delicadamente o braço e apalpei o pé através do cortinado. Para mim, não há dúvida que Calchas é um espírito brincalhão, talvez uma larva, como dizem os ocultistas, o qual um dia desses provocará algum escândalo.

– Não tenha receio disso. Temos aqui um iniciado em magia que sabe comandar as larvas e os elementares por meio de sinais cabalísticos e palavras místicas.

– Quem é esse mago?

– O Coronel Torochov.

– Venha, príncipe, e me apresente esse mago Torochov – disse o General levantando-se prontamente.

As duas senhoras também deixaram a mesa e juntaram-se a outro grupo, no centro do qual pontificava Catarina.

– É um bom espírito que a traz aqui, Tâmara – disse ela –. Eis um neófito que confio aos seus cuidados.

– Madame Lilienstierna pode esclarecer todas as suas dúvidas, senhor. Ela é uma espírita muito culta, versada em todas as sutilezas da Doutrina, não uma simples crente como eu.

– Não desejo nada mais do que partilhar um pouco do que sei com aqueles que aspiram à Verdade, – respondeu graciosamente Tâmara. Mas, por favor, senhor, diga-me quais são suas dúvidas.

– Ah, senhora baronesa, não tenho nem dúvidas que possa identificar – exclamou o neófito, senhor de meia idade, um jeito exaltado. Tenho tanto desejo de crer, que me contentaria com uma prova mínima, mas que, tocando-me pessoalmente, me provasse a existência de inteligências independentes. Ai de mim! Os espíritos me recusam essa graça. Em vão venho frequentando todos os grupos ancestrais. Não consigo obter nem essa coisa tão simples que me convença...

Tâmara começou a explicar-lhe as dificuldades que um pesquisador encontra com frequência nesse terreno tão pouco conhecido, no qual as provas mais convincentes são usualmente obtidas espontaneamente.

– Ah, madame! Creio merecer da parte dos espíritos um pouco de boa vontade – exclamou o cavalheiro pateticamente. Sou irrepreensível como cidadão, marido, pai, irmão e filho. Cumpro escrupulosamente todos os meus deveres. Não deviam, lá em cima, proporcionar-me a certeza de nossa existência individual no além-túmulo?

– Muito pelo contrário. São principalmente os pecadores que têm necessidade de serem convencidos de que a responsabilidade de

seus atos os espera no além. Quanto ao senhor, cavalheiro, todas essas virtudes garantem-lhe um lugar no paraíso – disse Tâmara com um fino sorriso nos lábios.

A conversa foi interrompida por Catarina, que convidava seus hóspedes de volta à sessão. As manifestações, dessa vez, tiveram características totalmente diferentes. Foram barulhentas, rudes, se assim se pode dizer. Os objetos voavam e chocavam-se, enquanto um tambor fazia um barulho infernal, batendo até mesmo nos assistentes. Em seguida, foram ouvidos suspiros entremeados de soluços e o ruído de um corpo pesado, que parecia estar sendo arrastado em torno da mesa.

– Quem está aí? – perguntou uma senhora.

– Sou eu, Anuschka – respondeu uma voz chorosa.

– E que quer você, pobre Anuschka? Nossas preces?

– Não. Quero viver – respondeu a mesma voz triste, entrecortada de soluços.

Tâmara experimentou uma sensação desagradável. O aroma típico de Calchas acarretara-lhe dor de cabeça, o estrépito do tambor irritava-lhe os nervos e a lamurienta voz de Anuschka, que queria viver, repugnava-lhe. Inclinando-se para Ugarine, pediu que lhe autorizasse a sair, pois se sentia ligeiramente indisposta.

O príncipe consentiu, após haver consultado os espíritos, e foi com uma sensação de alívio que a moça retirou-se para o salão e pôs-se a folhear um álbum.

Seus pensamentos, contudo, estavam absorvidos pelo que ela acabava de assistir. E comparando aquela sessão barulhenta com as belas e puras manifestações em casa de Madame Ericson, ela mantinha-se ligada, pelo ouvido, ao que se passava no aposento contíguo. Mais de um quarto de hora havia decorrido sem nada de particular, quando subitamente ouviram-se gritos abafados e, em seguida, o estrondo de móveis revirados, enfim um caos de vozes, recitando em todos os tons possíveis preces diversas.

Tâmara levantou-se pálida. O que se passava lá? Será que estão degolando alguém? O barulho e a trepidação aumentavam sempre; afinal, três pancadas ensurdecedoras soaram e, dominando o tumulto, uma voz poderosa gritou: Chadabai! Um minuto depois a porta abriu-se com violência e todos se precipitaram no salão. A emoção estava no auge: todos gritavam e falavam ao mesmo tempo. Algumas senhoras mais idosas, tomadas de crise nervosa, desabaram sobre as cadeiras, mas ninguém se importou com elas, exceto Tâmara, que as fez respirar seu frasco de sais. Mas, a despeito de suas reiteradas perguntas, foi-lhe impossível saber o que se passara. Percebendo a inutilidade de suas perguntas, a moça sentou-se, esperando que a situação se acalmasse. Ugarine, que, pálido e desfeito apoiava-se na lareira, quando a notou veio sentar-se junto dela.

– Muito bem, Arsênio Borissovitch, será que o senhor está com calma suficiente para me explicar as causas desse tumulto todo? – perguntou Tâmara sorrindo.

– Ah, prima, foi uma coisa horrível... Imagine a senhora que primeiro manifestaram-se espíritos de animais. Um morcego voava batendo as asas sobre nossas cabeças, um grande cão pousou sua cabeçorra nos joelhos de uma senhora e um bode me deu uma chifrada, bem como em outros presentes. Isso, contudo, não foi nada. O aposento foi iluminado por um baço clarão avermelhado e o espírito de Stenka Razin nos apareceu. Seu rosto era positivamente diabólico e foi aí que todos começaram a orar, mas isso não nos servia de nada, pois o espírito maligno ameaçava atirar-se sobre nós e Pulquéria ficou também enfurecida. Ela brandia o machado e queria, creio eu, cortar o nariz de Kurtz.

– Aí está uma coisa que teria sido terrível para o pobre Coronel – disse Tâmara rindo.

– Também acho. Pense bem, baronesa, perder aquele nariz clássico como um tomate! Enfim, foi o mago que conseguiu dominar a situação – continuou o príncipe, retomando seu bom humor –.

Suas conjurações produziram efeito ou teria sido o nosso próprio pavor que nos empurrou a uma coragem desesperada? Seja como for, alguém atirou-se na direção da porta e todo mundo acompanhou.

Muito divertida, mas não sabendo o que pensar desse último episódio, Tâmara regressou à casa e durante muitos dias a grande sessão em casa dos Ugarines nutriu as conversas com Magnus e os fez rir à vontade.

20 Dr. Faustus: originariamente trata-se de um mago e charlatão do século 16, que tem servido de tema a inúmeras peças literárias. Embora a personagem real tenha deixado escassa informação, supõe-se tratar-se de certo Fausto, nascido em Knittling, em 1480. Morreu com 60 anos, em 1540. Segundo a lenda, Fausto vendeu sua alma a um dos demônios (Mefistófeles) a troco de bens materiais. A primeira versão da história apareceu em 1587, em Frankfurt, na Alemanha. Goethe fez do mesmo tema uma das suas mais importantes obras literárias, procurando simbolizar no enredo o destino do homem, salvo pela ação. Com base nessa versão, foram compostas duas óperas *A Danação de Fausto*, de Berlioz, e *Fausto*, de Gounod.

21 Christina de Pisano: embora conhecida como literata francesa, nasceu em Veneza em 1364. Escreveu baladas e estudos históricos de maior vulto, bem como um longo poema sobre Joana d'Arc.

22 Schliemann (Heinrich Schliemann): arqueólogo e helenista alemão (1822-1890), nascido em Neubokow. Descobriu as ruínas de Troia e de Micenas, na Grécia, baseado nas narrativas de Homero.

23 Hamlet: personagem do drama do mesmo nome, de Shakespeare. Sonhador e contemplativo, submete-se ao papel que lhe parece imposto pelo destino. Para vingar a morte do pai, que lhe aparece em espírito, cabe-lhe matar o tio. Finge-se de louco e abandona a noiva Ofélia, que fica louca de verdade e afoga-se. Acaba por vingar-se, mas também perde a vida. Suas falas são famosas e de grande profundidade filosófica.

24 Circassiano: proveniente da Circássia, região ao Norte do Cáucaso.



Batalha conjugal

OBRIGADA A FAZER uma visita devida há muito tempo e que vinha adiando de semana em semana, Tâmara resolveu, certa manhã, ir à casa de Nadina, ao voltar da igreja, onde assistia à missa aos domingos. Era já mais de meio-dia, quando a carruagem da baronesa parou diante da casa em que morava Madame Kulibine. Ao saltar para abrir a portinhola, o lacaio quase derrubou uma menina de cerca de três anos, elegantemente vestida, mas que caminhava sozinha pela calçada.

Tâmara deixou escapar um grito e, descendo rapidamente, curvou-se para a criança, que chorava assustada. Qual não foi sua surpresa ao reconhecer, na menina abandonada, a própria filha de Nadina. Antes mesmo que pudesse pronunciar uma palavra, contudo, uma criada muito bem vestida, com um lenço de seda à cabeça e acompanhada de um soldado, surgiu de trás do portão e, rubra de cólera, agarrou brutalmente o braço da criança. Sem notar a presença de Tâmara, arrastou a pequena, injuriando-a grosseiramente e fazendo acompanhar suas invectivas de sólidos cascudos.

Vermelha de indignação, Tâmara virou-se e subiu rapidamente as

escadarias da casa da amiga. A camareira que lhe veio abrir a porta informou-lhe que madame ainda estava deitada.

– Não importa! Diga-lhe que estou aqui! – disse a baronesa, estendendo-lhe um cartão de visitas.

Um momento mais tarde a camareira voltou apressadamente, convidou-a a segui-la e, após haver atravessado toda uma enfiada de peças elegantes, Tâmara entrou no quarto de dormir de sua amiga. Uma desordem pouco convidativa reinava ali: vestes atiradas sobre todos os móveis, o toucador coberto pelos mais diversos objetos, parecendo um bazar e, mesmo pelo assoalho, viam-se caixas de papelão cheias de um verdadeiro emaranhado de rendas, cadarços, flores, luvas, etc. Nadina, por sua vez, pouco se assemelhava à elegante e bonita mulher que Madame Lilienstierna estava acostumada a ver: os cabelos desgrenhados não haviam sido desfeitos para a noite, um botão de rosa murcho, resto de algum enfeite da véspera, pendia de uma das mechas e a jaqueta de seda branca que ela trazia estava tão suja, tão desbotada, e as rendas que a ornavam tão usadas e dilaceradas, que Tâmara fitou-a com surpresa e desgosto.

Madame Kulibine tomava chá, servido sobre uma pequena mesa junto ao leito, ao pé do qual jazia um vestido de seda azul-turquesa e um casaquinho de cetim guarnecido de penas de cisne. Ela não estava só. Uma mulher ainda jovem, muito graciosa e vestida de negro, estava sentada do outro lado da mesa.

– Querida Tâmara, que bons ventos trazem você aqui? Desculpe-me recebê-la ainda na cama, mas eu precisava muito vê-la – exclamou Nadina, estendendo-lhe os braços e abraçando-a cordialmente.

– Sim, vejo que você dorme até tarde, o que não deve ser nada agradável para o seu marido – respondeu Tâmara, saudando a dama vestida de negro, que se levantara.

– Oh! Ele toma o seu chá sozinho e, em seguida, parte para o Ministério, após haver encomendado o que quer no jantar –

respondeu Nadina, rindo.

E sem esperar qualquer comentário, virou-se para a sua primeira visitante:

– Não a reterei mais, Maura Antonovna, a senhora me traga as joias, como combinamos. Guarde o resto, por favor, e boa sorte!

A senhora agradeceu efusivamente, embrulhou com rapidez o

vestido, o casaquinho e diversos outros objetos numa grande toalha de debrum vermelho e, conduzindo o volume, bem como uma grande caixa de papelão, deixou o quarto.

– O presente que você acaba de dar a essa senhora não me parece nada útil, observou a baronesa com um sorriso. Pela sua roupa, parece-me pobre, e umas roupas de cores discretas lhe seriam muito mais apropriadas.

– Você acha isso porque não conhece sua posição: justamente para ajudá-la eficazmente, devo vesti-la com elegância. A pobre mulher vai ao baile e a quem agradaria se fosse mal vestida?

– Não estou entendendo a necessidade que tem uma pessoa pobre de ir ao baile. Ela nem é muito jovem...

– Ela tem vinte e sete anos, mas os desgostos amarrotaram um pouco suas feições. Seu marido morreu no ano passado e lhe deixou três filhos e uma pensão de vinte e três rublos por mês. É a penúria total.

– E é para distrair-se que ela vai ao baile?

– Que bobagem! Ela vai para ver se encontra, se possível, um adorador que a mantenha, bem como as crianças. Ela é muito bonita e terá êxito, assim o espero.

– Como? Você se presta a uma coisa dessas, em lugar de persuadir essa tola que ela deve trabalhar e não vender-se? – perguntou Tâmara, indignada.

– Como você se engana. Trabalhar como? Ela não sabe fazer nada! A costura e as aulas primárias – ela não tem condições para

mais do que isso – não lhe dariam nem com que comprar seus sapatos e é preciso viver, educar as crianças...

– Dando-lhe exemplo de despudor? Soberba educação essa!

– Ah! Tatá, você tem ideias do outro mundo e palavras complicadas para as coisas mais simples. Se Maura Antonovna viver honestamente com seu amante e garantir o futuro de seus filhos, como se poderia acusá-la de sem-vergonhice? Testemunhei um caso desses: uma pobre viúva, em situação desesperadora, tentou esse recurso, a conselho de minha mãe, e que sorte deu ela! Ficou conhecendo na colônia alemã um negociante estrangeiro imensamente rico, que a levou para casa. Há vinte anos vivem juntos. Foi ele que patrocinou o casamento das duas filhas dela, dando-lhes bons dotes e ela própria só anda de carruagem. Ela é muito grata à minha mãe, ao conselho e à ajuda que lhe deu – pois minha mãe também lhe deu umas roupas – e todos os anos, no aniversário de morte de mamãe, ela vai levar uma coroa ao seu túmulo.

– Para mim é impossível entender o mérito desse tipo de caridade. Vamos mudar de assunto – disse Tâmara com desdém –. Preciso adverti-la de algo mais grave: minha querida, a babá de Lisa é uma pessoa indigna da sua confiança. Enquanto ela se portava toda amável com um soldado, ao portão, a criança ficou abandonada e quase foi atropelada. Além disso, observei que essa moça brutal bate e maltrata a menina.

– Ah!, Por favor, deixemos esse tema – fez Madame Kulibine, visivelmente descontente –. Agáfia é uma excelente moça, com a qual estou muito satisfeita, mas Lisa é tão voluntariosa e insuportável que ela até que pode uma vez ou outra perder a paciência.

– Se é voluntariamente que você abandona seus filhos aos maus tratos dos servos, então só me cabe calar.

– Meu Deus! Que posso eu fazer, então? Lisa tem a sua empregada, Micha, sua ama de leite. Elas não estão abandonadas!

Quanto a ficar eu mesma com elas da manhã à noite, não posso, pois devo manter minhas relações sociais e estou sempre exausta.

– Como é que seu marido permite que você esteja sempre fora de casa?

– Queria vê-lo proibir-me de visitar meus conhecidos! Além disso, nos vemos tão pouco: estou ainda dormindo quando ele vai para o Ministério; depois do jantar, ele faz a sesta e, à noite, trabalha no seu gabinete ou vai jogar cartas. Quando volto, às três ou quatro horas da manhã, é ele que já está dormindo, e assim sucessivamente.

Tâmara balançou a cabeça em desaprovação.

– Que triste vida! A consciência não a acusa, então, de ter tempo suficiente para os estranhos, para as mais fúteis distrações, enquanto lhe falta sempre, quando se trata de velar pelo bem-estar de seu marido e cuidar da educação de seus filhos?

– Chega, chega! Nada de pregar moral, pelo amor de Deus! – exclamou Nadina, tapando os ouvidos –. Sobre esse assunto já me bastam os sermões de Piotr. Além disso, suas pregações sempre terminam em tempestade; enfurecido como um demônio, ele parte batendo portas e permanece amuado durante uma semana.

– E você pode dizer, em plena consciência, que ele está errado em mostrar-se assim contrariado?

– Não posso viver como uma galinha no galinheiro, para agradá-lo. Mas, por favor, deixemos esse assunto. Diga-me por que você fica tão encerrada na sua casa? Você podia, ao menos, frequentar assiduamente os teatros, os concertos, etc. Você é que é feliz! Não lhe faltam recursos...

– Eu poderia, sim, se me distraíssem esses prazeres de que Magnus não pode participar. Sua enfermidade torna qualquer saída incômoda e atrair a atenção para ele lhe é insuportável. Por insistência sua, vou ao teatro uma vez por semana, mas abandoná-lo todos os dias por toda uma noite, não poderia fazê-lo...

A entrada precipitada da camareira interrompeu a baronesa. Rubra e visivelmente comovida, ela atirou-se aos braços de sua patroa balbuciando:

– Madame, o conde está no gabinete e ele... ele não quer...

Calou-se, porque naquele momento alguém batia impacientemente três golpes à porta do quarto de dormir.

– É o Conde de Rougemont. Pelo amor de Deus, Tâmara, receba-o. Vocês se conhecem. Dentro de cinco minutos estarei com vocês – murmurou Nadina, saltando do leito, vermelha como uma cereja e arrancando a roupa de dormir.

Perplexa, sem nada compreender, Tâmara acedeu, contudo, ao desejo de sua amiga e dirigiu-se ao gabinete, mas, ao abrir a porta, quase se chocou com o conde que, inclinado para a frente, tinha toda a aparência de ter estado ouvindo à porta. À vista da baronesa, ele empertigou-se vivamente, enquanto um visível desapontamento por ter sido apanhado em flagrante, numa atitude equívoca, desenhou-se no seu rosto. Tâmara teve a súbita ideia de que ele não acreditara na sua presença no quarto da amiga. Teria ele o direito de mostrar-se ciumento? A familiaridade com a qual ele, um estranho, vinha bater à porta do quarto de dormir de uma senhora casada quase que justificava aquela suspeita.

Tomada de desagradável sensação, Tâmara cravou um olhar frio e perscrutador no belo e elegante jovem que, visivelmente desconcertado, fez-lhe profunda reverência.

– Queira sentar-se, senhor – disse ela, designando-lhe uma cadeira –. Minha amiga pede-lhe desculpas, por causa da hora matinal, mas ela virá dentro de alguns momentos. O senhor, por certo, desejava falar com o Coronel, mas ele já foi para o trabalho.

O conde já recuperara todo o seu aprumo. Depositou sobre a mesa uma grande caixa de bombons que havia trazido e respondeu com um sorriso.

– Para a senhora, baronesa, a hora parece matinal – isso depende

dos nossos hábitos – mas já tenho sido recebido ainda mais cedo por Madame Kulibine.

– Ah, quanto a mim, estou sempre pronta às dez horas e já é uma e meia da tarde. Contudo, nada me impede de receber alguém, se eu recebesse. Eu pensava em Nadina. Ela tem o mau hábito de levantar-se somente após o meio-dia e, para ela, a hora é um tanto matinal para receber visitas, a não ser de uma velha amiga como eu.

– Queira aceitar minhas desculpas, madame. Estou desolado de haver perturbado a sua visita...

A entrada de Nadina cortou-lhe a palavra. Fresca, penteada, vestindo uma encantadora toalete caseira, a moça caminhou sorridente, e o olhar brilhante e expressivo que ela trocou com o conde transformou em certeza a suspeita de Tâmara. De novo, um mal-estar mesclado de desgosto a invadiu. O conde também parecia pouco à vontade e, sentindo que sobrava ali, a baronesa levantou-se. Nadina estava de tal forma preocupada, que nem mesmo procurou retê-la. As duas amigas separaram-se mais friamente do que de hábito.

Essa visita deixou em Tâmara uma impressão tão desagradável, que daí em diante ela evitou, o quanto pôde, qualquer encontro com Nadina. A convicção de que sua antiga colega traía seus deveres de esposa e de mãe afligiam-na e a repugnavam. E como a primavera se anunciava esplêndida, ela tratou de apressar sua partida para o campo, seguindo com Magnus para a sua propriedade na Finlândia.

Em meados de agosto, o jovem casal recebeu a visita do almirante, que foi repousar em casa deles durante quinze dias, antes de empreender uma longa viagem, não inteiramente de seu agrado.

Desde a tarde de sua chegada, Tâmara notou que o humor de seu padrinho era deplorável. Ela quis saber o que se passava e ele contou-lhe que uma tutela, impossível de recusar, lhe caíra nas mãos. Um antigo amigo de seu pai, ao qual devia muitas

obrigações, acabara de morrer, já muito idoso, deixando como única herdeira de sua imensa fortuna – ele possuía na Sibéria minas de ouro e outros metais – uma neta de dezenove anos de idade. Como todos os seus parentes próximos já haviam morrido, nomeara como tutor da moça o Almirante Koltovskoi, filho de seu melhor amigo, em cuja integridade ele podia confiar sem temor.

O almirante estava, pois, preparando-se para ir a Ekaterinburgo em busca de sua tutelada que, além disso, era sua afilhada. Mas a ideia de conservar em sua casa uma jovem e uma pessoa para acompanhá-la, enfim, os mil e um incômodos que vinham perturbar seus hábitos, tornavam o velho celibatário completamente infeliz.

– Não fique tão desolado, tio Sergei. Não estou eu aqui, para ajudá-lo a suportar sua provação? – disse Tâmara, rindo –. Coloca a sua pupila em minha casa. Você sabe que me pode confiá-la e, dessa maneira, você não será perturbado nos seus hábitos de solteiro.

– Ah, minha cara filha, você acaba de me tirar a corda do pescoço! – exclamou o almirante completamente aliviado –. Sinto-me, no entanto, constrangido de aceitar o seu devotamento. Sei que Nina tem péssimo caráter. Sua educação foi negligenciada, seu avô a mimava de maneira imperdoável e ela nunca saiu da província.

– Não tenha receio, padrinho. Saberei fazer-me respeitar pela pequena provinciana que, esteja certo disso, não ficará muito tempo em minha casa. Você me disse que ela tem cinquenta mil rublos de renda. Por conseguinte, os pretendentes vão formigar em torno dela.

Tudo bem e devidamente combinado, o almirante partiu despreocupado e, ao final de setembro, alguns dias após o regresso dos Lilienstierna à capital, Sergei Ivanovitch lhes trouxe sua pupila e a instalou no aposento que Tâmara mandara preparar para ela.

Nina Alexandrovna Muratov era uma bonita morena, sadia e provocante, mas inteiramente desprovida de encanto e distinção. Quanto às suas maneiras, eram deploráveis e se ressentiam da

presunção burguesa que lhe inspirava sua fortuna.

Vã e coquete ao extremo, Nina era louca por adornos e lamentava que o luto a impedisse de frequentar os bailes e as grandes reuniões sociais. Enquanto isso, portava-se perante os homens que encontrava com tal liberdade provocante e ousadia de maneiras, mescladas com uma negligência de mau gosto, que chocava aflitivamente Tâmara. Boa e generosa por natureza, a moça esforçava-se, contudo, por reagir sobre sua protegida, procurando levá-la docemente a compreender seus enganos e a adotar boas maneiras. Nina tinha suficiente bom senso para compreender essas boas intenções e como, por outro lado, a distinção aristocrática da baronesa, com sua imensa fortuna, impunham-se respeito, passou a mostrar-se bastante dócil.

A presença da jovem herdeira em sua casa obrigou Tâmara a renunciar, momentaneamente, aos seus hábitos retirados. Se não abriu seus salões às grandes reuniões sociais, julgou de seu dever receber seletivamente algumas pessoas e admitir em sua casa os jovens que desejassem pleitear a mão de Nina.

Por isso, em um dia previamente escolhido por semana, ela promovia pequenas reuniões e, entre os homens que frequentavam mais assiduamente as quintas-feiras de Madame Lilienstierna, encontrava-se o Príncipe Fluresco e o Conde de Rougemont. Este último parecia mesmo interessar-se tanto pela dona da casa quanto pela sua protegida e, apesar da íntima repulsa que Tâmara experimentava por ele, o conde conseguiu conquistar os direitos de um bom relacionamento. Ele vinha, sem cerimônia, tomar uma taça de chá, jogar uma partida de damas com Magnus ou ainda passar a noite a brincar e cantar com Nina. Quanto a Fluresco, a moça o distinguia tão abertamente que não era difícil compreender que, mais do que todos os outros, ele tinha melhores oportunidades de ser aceito, e suas visitas cada vez mais frequentes não surpreendiam a ninguém. O relacionamento entre os dois jovens, aliás, era bastante estranho: apesar de seu papel de pretendente,

Fluresco não abandonava jamais o seu ar de gelada presunção e se deixava, por assim dizer, fazer a corte por Nina, que o provocava e o importunava com seus coquetismos, demonstrando-lhe abertamente sua preferência. Era difícil, porém, dizer se tal conduta era ditada pelo amor que o príncipe lhe inspirava ou porque o título dele a seduzia. Talvez ela esperasse desempenhar na sociedade um papel semelhante ao de Catarina.

Desejando favorecer uma aproximação entre os dois jovens, Tâmara convidava com frequência Fluresco. Um dia que viera para jantar, o príncipe chegara tão cedo que Nina, que fora com Madame Ugarine visitar uma exposição de velhas rendas, ainda não chegara.

Como o barão estava ocupado com o seu administrador, Tâmara recebeu o príncipe em seu próprio gabinete e, após as primeiras saudações, convidou-o a sentar-se diante dela, ao lado da lareira, onde brilhava uma chama confortável.

Sombrio como uma noite de temporal, Fluresco sentou-se e, sem dizer palavra, fitou a jovem que, acomodada em sua poltrona de pelúcia, brincava com um cãozinho enovelado em seu colo. Fez-se um longo silêncio.

– Tenho que deixá-la – disse o príncipe subitamente, pois me sinto doente. A senhora percebe, não é? – acrescentou ele com surda irritação.

– Do corpo ou da alma? – perguntou tranquilamente a baronesa –. Mas que dirá Nina? Ela está certa de encontrá-lo aqui.

E, fitando-o com um sorriso, acrescentou:

– Por que o senhor se atormenta, príncipe? Acabe com suas agonias, pois tenho quase certeza de que lhe basta estender a mão para apossar-se da felicidade.

Os olhos sombrios e fatigados de Fluresco fixaram-se com uma estranha expressão na calma face de sua interlocutora. Apoiando-se ao braço da cadeira, ele disse ao cabo de um instante:

– E se não for isso que me atormenta? E se eu não gostar de Nina

Alexandrovna como a senhora supõe?

Sob o olhar duro e faiscante que a envolveu, Tâmara sentiu-se pouco à vontade, mas, dominando tal fraqueza, recuperou-se e respondeu com toda frieza:

– O senhor pleiteia abertamente a mão de Nina, o que justifica minha suposição. Acho que o senhor é bastante honesto para hesitar em desposar uma mulher que não ama, nem mesmo o suficiente para dissimular ante os estranhos a sua indiferença.

O príncipe deu uns passos pelo aposento; em seguida, estacou diante da moça e disse com uma voz vibrante, cruzando os braços:

– Por que, Tâmara Nicolaevna, a senhora supõe agora o que usualmente nunca admitiu: minha honorabilidade? A senhora já ouviu falar de meus vícios, dos quais tenho tantos motivos para me orgulhar, mas jamais de minhas virtudes. Por que, depois disso, haveria eu de fingir uma delicadeza de sentimentos, com a qual a senhora me orna por decência? O amor não está em causa aqui. Nina Alexandrovna quer casar-se para ser uma princesa. Ela compra o marido que eu lhe vendo com a minha pessoa, abrindo-lhe, com esse arranjo, as portas da alta sociedade, na qual arde por figurar.

Tâmara enrubescera. Então, Arsênio transmitira-lhe as palavras que ela dissera dele no dia de seu casamento! Ela calou-se e baixou os olhos. Negar, ela não queria, e pedir desculpas era o mesmo que acusar-se.

O príncipe sorriu com amargura.

– A senhora vê, madame, que me julgo imparcialmente. Às vezes, é uma felicidade que uma bela e cruel boca denigra um homem demasiadamente enfatuado consigo mesmo e dê às coisas seu verdadeiro nome. Uma fatia desse tamanho de crua verdade é difícil de digerir, por mais salutar que ela seja, e produz um resultado desagradável, como se vê. Quando estamos a ponto de cometer uma covardia, dessas que a sociedade classifica,

complacentemente, de união por conveniência, os últimos resíduos da essência divina em nós protestam e se revoltam. Desta vez, baronesa, a senhora enganou-se, apesar de sua perspicácia. Não é o temor de uma recusa que me põe doente e nervoso!

Pela primeira vez, os olhos brilhantes de Tâmara fixaram-se em Fluresco com interesse e íntima compaixão. Vibrara na sua voz algo que lhe dava subitamente a convicção de que aquele homem, ainda jovem e belo, apesar dos traços visíveis de uma vida dissipada, teria sido, talvez, completamente diferente se a depravação não houvesse se apossado dele à soleira da vida, entregando-o às mãos dessas mulheres perversas para as quais o vício é uma necessidade. Lentamente, do adolescente ao homem, elas haviam destruído em seu coração todas as boas aspirações, a estima pela virtude e o gosto pelo trabalho. Se o amor casto e puro de uma mulher virtuosa tivesse sustentado e guiado aquela jovem alma, ela se teria aberto, quem sabe, a todas as nobres aspirações, e Fluresco não teria jamais conhecido aquele vazio, aquele tédio, aquela áspera avidez pelo gozo que lhe fazia estender a mão para uma mulher que não amava, somente para conseguir o ouro e gozar, gozar, ainda mais.

Com toda a mobilidade que lhe era própria, a face de Tâmara refletia os sentimentos que a agitavam e o príncipe, graças ao seu nervosismo, lia claramente seus pensamentos.

– O que a senhora acaba de pensar é tudo verdadeiro, baronesa – disse ele –. Só que a senhora, certamente, compreende que Nina Alexandrovna não possui a têmpera necessária para fazer estacar à beira do abismo o homem depravado, um ocioso frequentador de reuniões mundanas como eu. Para produzir um milagre tão grande, seria preciso, não uma mulher vulgar, mas um serafim de asas brancas, tão poderosa no bem quanto eu sou para o mal.

– Vejo que Arsênio Borissovitch transmitiu com exageros as palavras que lamento – disse francamente Tâmara –. Eu disse que o considerava um homem de costumes dissolutos, não um ser

moralmente perdido, desprovido de honra. E por que o senhor não tenta estacar a corrida pelo plano inclinado do mal?

Ela curvou-se para frente e o calor persuasivo que lhe era próprio, quando falava do fundo da sua alma, vibrava na sua voz.

– Ainda é tempo – prosseguiu –. Faça um apelo à sua vontade, sacuda o passado que se agarrou ao seu coração e à sua mente como espuma lodosa. Busque no cumprimento de seus deveres e no trabalho intelectual um escudo contra o tédio que o ronda, contra o vazio de coração que o senhor procura encher com o vício e com as futilidades. Certamente que Deus abençoará esse esforço e o serafim de asas brancas estenderá a mão para ampará-lo. Nina é vã e frívola, mas o senhor poderá procurar uma mulher que o ame, não porque o senhor é um príncipe e vai abrir-lhe as portas da sociedade, mas pelo senhor mesmo. Que será menos rica, sem dúvida, mas que o compensará pelos tesouros de afeição e devotamento. Não digo que a pobreza proporcione felicidade. Para viver é preciso ter recursos, mas não é preciso muito para sermos felizes.

Dominado pela persuasiva eloquência, o olhar brilhante e entusiasta da moça, Fluresco reanimara-se, sua pálida face voltara a ter um pouco de cor e seus olhos estavam pregados em sua interlocutora, cheios de alegria e fascínio. Mas, subitamente, essa animação extinguiu-se. Um véu pareceu estender-se sobre seu rosto sombrio e, com um longo suspiro, ele deixou-se cair sobre uma cadeira. Faltava àquela alma apagada a força para um impulso rumo ao bem.

– É muito tarde, baronesa, para recomeçar uma vida nova. A bala, uma vez disparada, não se detém a não ser quando alcança o alvo. Assim sou eu e o alvo é o túmulo. Como é que eu cairei nele? Será como Deus quiser – disse o príncipe com um tom fatigado.

Tâmara calou-se. Evidentemente não se podia arrancar aquela alma do abismo. Ela se preparava para mudar de assunto, quando Nina irrompeu no cômodo. A moça estava na maior euforia e, sem

prestar atenção ao aspecto sombrio e taciturno de Fluresco, ela o assediou sem tréguas, fazendo-se coquete e forçando-o a conversar.

Após o jantar, Magnus e o almirante retiraram-se para o gabinete, a fim de jogar uma partida de damas, e o príncipe, Tâmara e Nina voltaram aos aposentos da dona da casa, mas, percebendo a surda impaciência da moça e a sombria preocupação de Fluresco, a baronesa resolveu proporcionar-lhes a oportunidade de um entendimento pessoal e de uma explicação decisiva. Pretextando a necessidade de ir ver como estava Percival, o grande cão de Magnus, que estava doente e se encontrava com Charlotte, a moça levantou-se e saiu. Fluresco acompanhou-a com um olhar cansado; seus lábios tremiam nervosamente, pois ele compreendeu a intenção daquela retirada estratégica.

Tâmara não se apressou a retornar. Visitou Percival, debateu seriamente com o veterinário quanto aos remédios a serem ministrados e, em seguida, foi para junto do marido. Haviam decorrido cerca de três quartos de hora quando ela retornou aos seus aposentos. Nina estava sentada no divã, vermelha e emocionada. O príncipe, na cadeira ao lado, visivelmente agitado, dobrava e amassava entre os dedos um cartão de visitas. A expressão de suas faces indicou prontamente a Tâmara que haviam tido uma explicação.

Após alguns instantes de conversação banal, o príncipe levantou-se.

– Queiram desculpar-me, senhoras, mas uma violenta enxaqueca me castigou o dia todo. Preciso voltar para casa e repousar.

Nina franziu a testa e lançou sobre ele um olhar suspeitoso, mas o lívido palor do príncipe parecia justificar sua afirmativa e, ainda que amuada, ela se calou.

– O senhor tem mesmo um ar de sofrimento, Emílio Felixovitch. Repouse e volte para nos ver com saúde – disse Tâmara com afabilidade, estendendo-lhe a mão.

O príncipe levou-a respeitosamente aos lábios, mas, ao contato gelado de seus dedos, a moça estremeceu.

Ao despedir-se de Nina, Fluresco disse à meia voz: “Amanhã irei ver o seu tutor”, e sem esperar resposta saiu precipitadamente.

Ainda não se extinguira o ruído dos passos do príncipe, quando Nina levantou-se do divã e, agarrando as mãos da baronesa, exclamou:

– Tâmara Nicolaevna, estou noiva de Fluresco.

– Eu a felicito, minha cara filha. Sinto-me feliz ao vê-la desposar o homem de sua escolha.

Nina correspondeu-lhe bruscamente ao beijo e, em seguida, atirando-lhe a uma cadeira, disse num tom irritado e despeitado:

– Ah! Pouca honra proporcionaria a escolha ao meu gosto, se razões particulares não me guiassem. Não creia, Tâmara Nicolaevna, que estou iludida e que imagino que o príncipe me ama. Sei que ele me toma por esposa por causa do meu dinheiro, mas eu também não o amo; quero apenas ser a Princesa Fluresco.

– Triste base para uma união! – disse Tâmara, balançando a cabeça –. Você não o ama e não se ilude com seus sentimentos? Nesse caso, está cometendo, ao aceitar o príncipe, uma imperdoável tolice. Seria melhor desistir enquanto ainda é tempo. Case-se com outro, mesmo sem amor, mas não Fluresco.

– Mas por que isso?

– Porque é preciso muito amor para casar-se com um homem como ele. Lembre-se que doravante não será apenas nos salões que ambos se encontrarão, mas na vida íntima, ambos indiferentes e, contudo, amarrados um ao outro. O que lhe digo é penoso, mas creio ser de meu dever, Nina, preveni-la. O Príncipe Emílio é um homem doentio, enervado e misantropo. Todo o seu mau humor, todos os seus caprichos recairão sobre a mulher que ele não amará, mas que será, contudo, o pararraios doméstico de todos os seus desatinos fora. Não há dinheiro que a proteja desse inferno moral. A

saúde de Fluresco está arruinada por sua vida dissoluta, mas sua dissipação é uma segunda natureza e ele continuará com suas loucuras e a senhora será impotente para retê-lo em casa.

Nina levantou a cabeça desafiadoramente, mas sua voz era incerta, quando respondeu.

– A senhora acha que eu terei ciúmes? Jamais suas amantes me preocuparão.

– Há uma, contudo, que é necessário ter em conta, Nina, com a qual você vai partilhar o homem de sua escolha.

– Quem é, então, essa? A senhora a conhece? – perguntou a moça espantada.

– Sim, essa amante, a última, mas também a mais obstinada, a mais perigosa, que já estende o braço para agarrá-lo, é a velhice prematura. Há um preço a pagar por esses abusos e aqueles que eles abatem são hediondos na sua debilidade precoce. Repito, portanto, que é preciso amar muito a Fluresco para arriscar-se a desposá-lo. Só o amor pode lutar para retardar a decadência física e moral. Só o amor pode tudo sofrer e perdoar, pode velar incansavelmente junto à desgraça, ainda que ela seja merecida. A indiferença, Nina, tornará você uma criminosa. Só a fatuidade leva você a desposar esse homem. Você o rejeitará com desgosto, logo que ele se torne pesado. Por que assumir tal responsabilidade perante Deus e perante sua consciência? Recue enquanto você pode. Graças a Deus, não faltarão pretendentes para você. Escolha outro, também imoral, talvez, mas um pouco mais sadio de corpo e de espírito, Pfauenberg, por exemplo. Ele será um marido cômodo, sempre humilde e flexível ante a enorme fortuna de sua mulher. Agradável na sua intimidade, ele nunca voltará para casa embriagado e trairá você com decência.

Nina escutara tudo, ora corando, ora empalidecendo. De repente, mergulhou o rosto nas almofadas do divã e explodiu em soluços. Triste e pensativa, Tâmara deixou-se cair sobre uma poltrona e fitou compassivamente a moça que, tomada de uma crise nervosa, dava

livre curso às emoções que havia dissimulado até então. Aquela torrente de lágrimas demonstrava claramente que, apesar de sua vaidade e de sua lamentável educação, no fundo de seu coração, ela reclamava seus direitos de ser humano e aspirava a um sentimento mais profundo. Será que ela amava Fluresco sem o admitir? Seria a indiferença dele por ela que lhe dilacerava o coração ou apenas o seu amor próprio? Certamente, a pobre Nina não tinha a têmpera necessária para dominar aquele homem enfastiado da vida, estragado pela adulação das mulheres. Para arrancá-lo àquele entorpecimento moral, era preciso julgá-lo friamente, interessá-lo sutilmente, imiscuir-se em todas as suas fraquezas, vencê-las pela ironia; em uma palavra, sacudir todo o seu ser e, talvez... reacender naquela alma enevoada a centelha do bem.

Vendo que Nina continuava a chorar, Tâmara aproximou-se e pousou a mão docemente em seu braço.

– Vamos, minha querida, não se agite tanto assim e tome sua resolução com pleno conhecimento de causa. Ou você rompe com Fluresco e escolhe outro mais adequado ou, se você está mesmo decidida a desposá-lo, não considere a coisa de maneira tão trágica. Você não é a primeira que se deixa desposar pelo dinheiro. Que fazer? Neste século pragmático, a mulher somente reina por meio do vício ou do ouro. Dê graças a Deus por possuir o segundo e de poder comprar aquele que lhe agrada. Muitas mulheres não contam com essa vantagem. Mesmo tornando-se esposa do Príncipe Emílio, você pode conquistar a paz de consciência e, talvez, com o tempo, o seu coração. Torne-se para ele, no futuro, uma guardiã fiel e amorosa e o que ele não aprecia em você agora, ele o fará na desgraça.

Nina empertigou-se, com o rosto ainda contraído.

– Sim, quero ser a Princesa Fluresco – disse. E se ele não me ama – continuou, sacudindo o punho cerrado – ele me pagará!

Dito isto, saltou do divã e foi-se precipitadamente.

Seis semanas mais tarde foi celebrado com pompa, ainda que para um pequeno grupo de amigos, o casamento de Nina e do Príncipe Emílio.

Tâmara assistiu com um desgosto íntimo aquela cerimônia, que lhe parecia verdadeira profanação da lei divina. Para ela, era uma ousadia sacrílega invocar a benção do Pai Celeste para a mais imoral das transações. Por isso, a moça sentiu-se feliz logo que pôde ficar de novo sozinha em sua casa e entregar-se com entusiasmo às suas leituras e à pintura.

Certa manhã em que trabalhava no seu atelier, recebeu a visita de Nadina. A amiga instalou-se junto ao cavalete e começou a desfilar os mexericos sociais do momento, das quais ela tinha sempre um bom repertório. Após haver criticado o casamento de Fluresco e pronunciado várias predições lúgubres acerca de seu futuro conjugal, Madame Kulibine passou a discorrer sobre a vida íntima de Catarina e Ugarine.

– Eles são muito infelizes – disse ela –. Catarina me confidenciou que o marido se lhe tornou totalmente insuportável. Ele é extravagante como um demônio, volúvel ao extremo. Agora ele mantém uma dançarina e gasta com ela uma loucura de dinheiro.

– Era de prever-se – observou a baronesa, experimentando uma nova cor em sua palheta.

De repente, Nadina, que observava seu trabalho, exclamou:

– Você sabe, Tâmara, que a cabeça que você está pintando não é nada bonita? Se você quiser, indicarei um modelo admirável, verdadeira cabeça de arcanjo.

– E onde você descobriu esse tesouro?

– Não fui eu, foi Catarina que o descobriu. É um dos lacaios em casa de Ugarine. A princesa lhe dá cinquenta rublos adicionais de gorjeta por mês por causa da beleza dele e está positivamente doida por ele.

– De um lacaio? – disse ironicamente Tâmara –. E que diz o

príncipe de tal fascinação?

– Ele ainda não notou nada. É tão ocupado em admirar-se a si mesmo, que não admite rivalidade.

– Mesmo com o seu servo? É uma cegueira deplorável.

– Ah, Tatá, você é realmente de um orgulho anticristão. Os lacaios são homens como os outros e o belo Isac vale por dez condes.

– Inclusive o Conde de Rougemont? – acrescentou Tâmara, não sem maliciosa intenção.

Cerca de um mês após o casamento de Fluresco, os Ugarine programaram um grande baile, ao qual toda a sociedade compareceria. Catarina estava decidida a fazer sua bela e excêntrica parenta participar da festa e, como Arsênio ardia de secreto desejo de ver Tâmara ali em sua casa e de dançar com ela, ele próprio incumbiu-se de ir até a residência de Magnus para convencê-lo, de alguma forma, a concordar que sua mulher fosse ao baile.

A baronesa havia saído quando o príncipe chegou à sua casa.

Muito satisfeito por encontrar o primo sozinho, Arsênio Borissovitch entrou logo no assunto, transmitindo o insistente convite de Catarina. E acrescentou que, de sua parte, sentir-se-ia feliz em ver Magnus uma vez em sua casa. Iam preparar uma partida de baralho, ele poderia chegar antes dos demais convidados, evitando, assim, chamar a atenção sobre si, o que lhe era penoso.

– Acho que você não está bem do juízo, Arsênio – respondeu o barão alçando os ombros. Nunca iria a um baile, por uma razão muito simples: não quero, de forma alguma, tornar-me ridículo. Quanto à Tâmara, você sabe que ela não gosta dessas reuniões ruidosas.

– Você devia convencê-la a ir. Mesmo que ela vá sozinha, trata-se da casa de parentes próximos e ninguém terá nada a dizer. No entanto, Sergei Ivanovitch lhe servirá, com prazer, de acompanhante.

– O problema não é esse e se Tâmara quiser ir, ela é livre para fazê-lo. Mas por que deverei eu procurar influir, se a coisa lhe é desagradável?

O príncipe torceu o bigode, deu uma pequena volta pelo gabinete e, em seguida, estacando diante do primo, disse-lhe em tom significativo:

– Você deverá influir, sim, neste caso, para por fim aos estúpidos comentários que circulam a seu respeito. Todos se admiram em ver uma jovem e bela mulher como a sua, vivendo como uma reclusa e, deixe-me dizer, com toda a minha amizade, você está errado em permitir que Tâmara Nicolaevna viva assim afastada da sociedade. Apesar de suas excepcionais qualidades, ela pode acabar se ressentindo do vazio e do tédio. Juventude é sempre juventude! Quanto à sociedade, todos acham que você é tão ferozmente ciumento que mantém sua jovem esposa trancada a chave.

Um vermelho carregado tomara conta da face fina e pálida do enfermo, ao ouvir as últimas palavras.

– Eu, com ciúmes de Tâmara! Com que direito? Somente a maldade humana pode inventar uma acusação tão absurda. Além disso, esteja longe ou perto dela, minha confiança nela é absoluta. São os princípios de uma mulher e não a presença do marido que protegem sua honra. Mas você tem razão num ponto: Tâmara vive muito isolada. Um pouco de distração lhe é indispensável e eu prometo que ela irá a esse baile. Aceito, em nome dela, o seu convite e tratarei de convencê-la. Todos poderão, assim, verificar que não mantenho minha mulher enclausurada e que nada tenho a temer por ela no seu contacto com os homens, dos quais, aliás, já recusou mais de um por sua própria conta.

Rindo-se intimamente do sucesso de seu ardil, o príncipe apressou-se em despedir-se. Ele não queria encontrar-se com Tâmara. Ficando só, Magnus apoiou-se em sua escrivaninha e procurou botar em ordem a onda de emoções tumultuadas suscitada por Arsênio.

Apesar de seu espírito superior e de uma força de caráter incomum, Magnus não estava isento de fraquezas humanas: orgulhoso, suscetível por natureza, tornado ainda mais nervoso e sensível por causa da doença, bem como pela falsa e infeliz posição criada pela enfermidade, a insinuação do príncipe o atingira no ponto fraco. Tinha medo do ridículo e temia as zombarias maldosas de que Arsênio o levara a suspeitar. Magnus era, nesse ponto, tanto mais sensível em razão da ardente paixão que nutria por sua sedutora esposa e que ele dissimulava cuidadosamente, demonstrando-lhe apenas a calma afeição de um irmão. A ideia de que suspeitavam de seus verdadeiros sentimentos e que se divertiam com seu ciúme fazia o sangue subir-lhe à cabeça. Não, Tâmara devia ir àquele baile e provar a todos que ele não temia para ela nenhuma espécie de tentação. E, verdadeiramente, ele a considerava invulnerável a tais fraquezas. Nenhuma sombra poderia obscurecer aquela alma cristalina!

Quando Tâmara chegou de sua visita a Madame Raban, notou o ar sombrio e preocupado do marido. Ele correspondeu distraidamente ao seu beijo e a ouviu falar de sua entrevista com a baronesa. Em seguida, transmitiu-lhe sumariamente o convite de Catarina e a promessa feita, em seu nome, de comparecer à festa.

– Meu Deus! Não me deixam em paz! Detesto essas confusões e não irei – disse Tâmara tranquilamente.

– Você irá sim, eu o prometi, em seu nome, e você não tem motivo algum para ofender Arsênio e a mulher com uma recusa – retrucou o barão, com uma rudeza que destoava estranhamente de sua doçura habitual.

– Eles já deram muitos bailes aos quais eu não compareci e recuso à obrigação de ter que frequentá-los no futuro. Confesso, aliás, que não estou entendendo nada de sua estranha ideia de dispor de minha pessoa e fazer promessas, sabendo que eu não as cumprirei – acrescentou ela com irritação.

Magnus enrubesceu até à testa e toda a sua irritação íntima

vibrava no tom com o qual retrucou:

– Decididamente você quer atrair sobre mim a ridícula suspeita de um ciúme absurdo. Acabarão dizendo que fiz de você uma prisioneira, porque temo deixar você frequentar a sociedade.

Tâmara fitou-o perplexa: nervosamente agitado, a cabeça virada para um lado, ele destruía maquinalmente a preciosa gravura de um livro aberto sobre a escrivaninha. Estava claro que alguma coisa acontecera. Alguma insinuação maldosa atingira o enfermo e perturbara seu espírito tão harmonioso e calmo.

– Quem pode suspeitar de você sentir ciúmes e quem teria o direito de acusá-lo disso, ainda que fosse verdadeiro? Desde que eu esteja satisfeita, ninguém tem nada com isso.

– Ah, sem dúvida, mas, para um homem doente como eu, fica extremamente ridículo ser ciumento. Imploro-lhe que vá a esse baile e se mostre à sociedade – acrescentou ele, esforçando-se por dominar-se.

Tâmara aproximou-se dele vivamente e, erguendo com as suas mãos a cabeça obstinadamente baixa de Magnus, mergulhou um olhar penetrante nos seus olhos sombrios.

– Você não deseja ter ciúmes de mim? Por que isso, menino levado? É por indiferença ou porque eu não valho a pena?

O jovem atraiu-a violentamente para si e deu-lhe um beijo.

– Perdoa-me, Tâmara, e não seja maldosa. Claro que eu seria ciumento, se não soubesse tão bem que nenhuma sombra será capaz de cobrir a sua alma.

– Lisonjeiro! – fez a moça, sentando-se perto do marido. Irei, então, a esse baile, uma vez que você o prometeu, e provarei a todos que meu senhor e mestre não se inquieta por minha causa. E, agora, diga-me o que aconteceu e quem meteu essas tolices em sua cabeça. Ah! É Arsênio Borissovitch? Eu deveria tê-lo desconfiado. Quando esse inútil não faz um escândalo em sua própria casa, vai levar a perturbação à casa dos outros.

Uma vez decidida a ir ao baile, Tâmara ocupou-se ativamente de sua toalete. Ela era bastante mulher para negligenciar um problema tão importante como esse. À noite da festa, quando ela veio mostrar-se a Magnus, estava deslumbrante e seus olhos cinzentos refletiam a inocente satisfação que lhe inspirava sua própria beleza. Trazia um vestido de cetim azul-turquesa bordado de prata em torno da cauda. A frente, de seda creme, estava coberta de soberbas rendas e uma gola em estilo Médicis rodeava a blusa. Joias de pérolas e diamantes brilhavam-lhe ao pescoço e nos seus cabelos escuros.

– Não estou bonita? – indagou ela, girando alegremente na ponta de seu pequeno pé calçado de cetim branco. E você, ingrato, nem quer ficar com ciúmes?

Um brilho de orgulho e apaixonado amor fulgurou nos olhos de Magnus.

– Mas, se isso lhe dá prazer, vou ficar ciumento esta noite – respondeu ele com um suspiro.

– Não, não. Espera minha volta com tranquilidade e quando eu lhe falar sobre minhas conquistas, você poderá esbravejar como Otelo[25].

A entrada da Baronesa Lilienstierna pelo braço do almirante foi uma sensação. Esquecidos de seus desdéns, os homens apertaram-se em torno da sedutora mulher que, com suas excentricidades e sua riqueza, tornava-se ainda mais interessante. Arsênio estava extático ante o sucesso de sua pequena intriga. Tâmara estava em sua residência e ele, como parente e dono da casa, era, de direito, seu cavalheiro. Por isso, cercava-a de mil amabilidades, embriagando-se com sua beleza, bem como com o encanto de seu espírito cáustico e observador.

Tendo dançado com ela uma valsa e vendo-a encalorada, Arsênio ofereceu-lhe o braço e a conduziu, através de uma série de aposentos aparatosos, a um pequeno salão mais vazio e mais isolado. Junto de um arranjo de flores exóticas, havia um pequeno e

convidativo divã. O príncipe tomou seu lugar ao lado da dama e, involuntariamente, veio-lhe à memória o primeiro baile de Tâmara, quando ele a encontrara, em lágrimas, numa salinha isolada. Aquelas lágrimas provinham de um ciúme infantil, provocado por ele, que as fizera correr.

A moça também estava calada. Fitava maquinalmente um imenso espelho que tomava toda a parede em frente e no qual se refletia o aposento contíguo, uma espécie de bufê, onde os empregados vinham renovar as provisões de frutas e bombons e depositar os pratos vazios.

Não se via ninguém ali naquele momento, mas logo surgiu um lacaio com um prato meio vazio que depositou sobre a mesa, preparando-se para servi-lo novamente. Nesse momento, apareceu atrás dele uma mulher vestida de seda carmesim com um diadema fulgurante nos cabelos: era Catarina. Tomando o homem pela orelha, ela o fez virar a cabeça, beijou-o na face e, em seguida, afastou-o de si.

O lacaio, um belo rapaz de traços regulares, não pareceu, de forma alguma, surpreendido ante uma distinção tão imerecida. Com ousada familiaridade, atraiu a si a princesa e correspondeu ao seu beijo.

“Isac!” O nome passou como um raio pela mente de Tâmara, enquanto, com os olhos dilatados, duvidando ainda do testemunho de seus sentidos, ela contemplava aquela cena incrível. Uma abafada exclamação fê-la voltar a si.

Arrancando-se às lembranças do passado, Arsênio desejara retomar sua conversa com a baronesa. Perplexo ante a muda estupefação que se refletia em seu rosto, ele seguira seu olhar pregado no espelho e acabou presenciando a terna efusão, que tivera lugar entre sua mulher e o lacaio.

A cólera de se ver desonrado daquela maneira, justamente perante Tâmara, de desvelar diante do seu olhar puro e cáustico toda a miséria, toda a baixeza de sua vida íntima, bloqueou por um

momento suas palavras. Os dois culpados já haviam desaparecido, quando ele saltou do divã, lívido, com os punhos crispados, prestes a atirar-se no encalço deles. Nesse momento, uma pequena mão enluvada pousou em seu braço e uma voz velada e levemente trêmula lhe disse:

– Calma, primo Arsênio. O senhor quer transformar um escândalo íntimo num escândalo público?

Respirando penosamente, o príncipe caiu sobre o divã.

– Ah! Isso é muito forte! – murmurou ele com a voz entrecortada –. Cão infame! Hei de quebrar-lhe todos os ossos!

Um indefinível clarão brilhou nos olhos da moça. Ela já havia recuperado seu sangue frio.

– O senhor estaria errado, primo, e seria muito injusto. Quer responsabilizar esse subordinado pelas fantasias de Catarina? Ele é inocente e ela é apenas o que prometia ser desde menina. Se o senhor teve a coragem de tomá-la como esposa, tenha agora de aguentá-la tal como ela é.

– Mas isso ultrapassa os limites do possível – disse o príncipe com voz rouca –. Pelo Cristo! Eu não sou ciumento, mas um lacaio! E com essa sem-cerimônia! Outros, além de nós, poderiam tê-lo testemunhado. E a senhora, Tâmara Nicolaevna, tão impiedosamente severa ante toda imoralidade, ainda desculpa Catarina! A vista desse asqueroso episódio deveria causar-lhe maior revolta do que a mim.

A moça sacudiu a cabeça.

– Estou muito longe de desculpar Catarina. Sua conduta é inqualificável. Quis apenas lembrar, primo, que sua esposa saiu das classes populares, é filha de um aldeão com um ligeiro polimento e ao qual a riqueza proporcionou todos os vícios da alta roda. Catarina continua sendo a mulher comum, e o verniz exterior da escola não foi suficiente para inculcar-lhe os princípios de dignidade que nascem da boa educação em família. O senhor proporcionou-

lhe o título de princesa, não as qualidades de espírito que a tornassem digna de tal posição. Ligada a um homem que não a ama, Catarina procura fatalmente alhures o que ela não encontra em seu esposo. Foi um infeliz acaso que seu capricho tenha recaído sobre um lacaio: ela não viu nele senão um belo homem.

Arsênio nada respondeu. Reclinara a cabeça sobre o encosto do divã e mantinha os olhos fechados. Fervia dentro dele um verdadeiro cão. A cruel humilhação que acabava de sofrer enchia-o de raiva e de desgosto por Catarina, mas, dominando até mesmo tal sentimento, um pungente pesar o torturava: aquela mulher encantadora e distinta, cujo límpido olhar refletia pureza, poderia ter sido sua. Aquele coração honesto batera por ele. Cego e ambicioso, ele havia passado ao lado da felicidade, em busca de um dote, não de uma esposa amorosa. E, agora, ele estava agrilhoado àquela bola de ouro que o esmagava.

O relógio bateu duas horas.

– Já é tempo de ir-me embora, primo – disse Tâmara, levantando-se –. Queria partir antes da ceia e sem ostentação. Será difícil encontrar Catarina nessa multidão. Peço-lhe transmitir-lhe meus cumprimentos.

O príncipe também se levantara.

– Não deixarei de fazê-lo – sem mesmo tentar reter a moça. Isso, bem entendido, depois de haver transmitido à minha mulher as impressões que me deixaram este baile.

A baronesa estremeceu ao ouvir-lhe a voz rouca e observou, com pavor, a face pálida e crispada de Ugarine e a implacável maldade que ardia em seus olhos. Aquele homem frívolo e depravado era capaz de tornar-se feroz a qualquer momento, sentiu ela. Arsênio compreendeu a expressão que se estampou na face dela, inclinou-se bruscamente ante a moça e, envolvendo-a num olhar ardente e apaixonado, murmurou com a voz velada:

– Com aquela que eu amasse e estimasse jamais seria mau!

Sob a indefinível expressão daquele olhar e daquela voz, Tâmara estremeceu e baixou a cabeça. Sem responder, tomou o braço do príncipe, que a levou ao vestíbulo e a envolveu, ele próprio, na sua pelica e no capuz. Quando ele fez menção de acompanhá-la até a carruagem, a baronesa se opôs.

– Assim acalorado e sem chapéu, o senhor se arriscaria a apanhar um resfriado. Entre, Arsênio Borissovitch, e... seja calmo e indulgente – acrescentou ela à meia voz, apertando-lhe a mão.

O príncipe correspondeu à pressão até incomodá-la.

– Ficarei calmo quando tudo estiver terminado e eu houver feito justiça. A senhora sabe, prima, quem muito ama, muito castiga.

Deixou escapar um riso seco e virou-se. Quando entrou no salão de baile, encontrou Fluresco, que o abordou.

– Que tem você, Arsênio? – perguntou-lhe, arrastando-o para o vão de uma janela –. Você está fogueado e agitado.

– Ah, tenho muitas coisas – respondeu Ugarine, passando um lenço sobre o rosto inflamado.

Fluresco fitou-o com um olhar perscrutador.

– Acho que desconfio de uma das causas de sua agitação. Acabo de ver você passar com Madame Lilienstierna e durante toda a noite você ocupou-se bastante dela. Tenha cuidado, Arsênio. Não se aproxime demais de Tâmara Nicolaevna: seria o pior de suas loucuras, passadas, presentes e futuras.

– Por quê? E, além disso, desde quando você acha que é tão perigoso cortejar uma mulher bonita? – perguntou Ugarine com um sorriso contrafeito.

– Porque é uma mulher perigosa, muito diferente das frívolas criaturas que estamos habituados a conhecer e que acabamos por levar, mais cedo ou mais tarde, ao fim desejado. Tâmara Nicolaevna coloca-se um tanto à parte nesse universo feminino. Enérgica e inteligente, intocável na sua virtude, ela é duplamente perigosa, porque debaixo daquele envoltório sedutor há um coração gelado,

cheio de desprezo e rancor. Esteja certo de que ela não esqueceu nem perdoou o fato de que nenhum de nós a apreciou e a amou outrora. Tente apenas aproximar-se dela e você verá o sorriso sedutor extinguir-se e os olhos sorridentes assumirem o brilho e a dureza do aço. Ela escapara de suas mãos como um fogo-fátuo, pois o momento da sua derrota será, para ela, o da vingança.

– Tenha cuidado, você também, ao analisar tão minuciosamente a sereia que você me pinta assim tão perigosa – respondeu Ugarine com sarcasmo –. Além disso, eu ainda não perdi a esperança de uma vitória: o amor desarma as mais cruéis, por que, então, eu não conseguirei seduzi-la? Você se esquece que Tâmara vive sob condições anormais. Magnus é apenas um fantasma, um grande boneco com o qual ela brinca e com o qual se adorna, se necessário. Mas um dia a realidade da vida reclamará seus direitos e, com o coração aberto, a paixão lhe fará esquecer tudo e a conduzirá aos meus braços.

– Você se ilude, Arsênio. Jamais, na minha opinião, a baronesa se deixará seduzir, nem se colocará à mercê de um homem, mesmo que lhe agrade. Se não for o dever e a fidelidade que a impeçam, seu orgulho infernal a protegerá de um envolvimento vulgar. Essa graciosa e diáfana criatura não é de conceder a ninguém graça nem indulgência. O amor sensual, tanto quanto pude perceber, inspira-lhe repugnância e, ao seu modo, ela ama Lilienstierna com um sentimento total. Ele lhe proporciona o título e a posição e, se ele não fosse um marido a seu gosto, ela não o teria desposado.

– Ela pode mudar de opinião. Você sabe, as mulheres mudam com frequência! Em todo caso, eu tentarei fazê-la compreender melhor a felicidade. O risco é digno da batalha! – disse Ugarine com um sorriso frívolo.

Enquanto discutiam dessa maneira seu caráter e a solidez de seus princípios virtuosos, Tâmara chegou à sua casa, ardendo de vontade de contar ao marido a aventura que testemunhara. Atirando precipitadamente a pelica nas mãos do lacaio, correu diretamente

ao quarto de dormir de Magnus, mas, lembrando-se de que talvez ele estivesse dormindo, levantou cuidadosamente o cortinado da porta e mergulhou o olhar lá dentro: o amplo aposento estava iluminado apenas por um abajur preso ao teto e tudo era silêncio.

Desapontada, a moça ia retirar-se, quando Magnus levantou-se sobre um dos cotovelos.

– Não estou dormindo ainda, querida. Venha. Estava à sua espera.

O jovem, na realidade, não havia pregado os olhos à noite toda. Só que não quis contar à mulher que uma tempestade de ciúmes, de desespero e de áspera revolta contra o destino havia rugido aquele tempo todo em sua alma.

– Ah, Magnus. Se você soubesse o que eu vi! – exclamou Tâmara, correndo para ele.

Mas, presa subitamente de um acesso de riso, ela atirou sobre o leito o leque e a saída de baile e tombou, mais do que se sentou, numa poltrona à cabeceira do leito. Sua hilaridade era tão franca e contagiosa, que o barão acabou rindo com ela, sem mesmo saber de que. Mas, ao cabo de um instante, ele disse mais calmo:

– Vamos, conte-me agora o que você viu de tão cômico. Eu até já ri por antecipação.

Tâmara enxugou os olhos e retomou o fôlego.

– Oh, só lamento uma coisa – é que você não tenha estado presente. É tão impagável quanto repugnante.

E interrompendo sua narrativa com novas explosões de riso, ela contou a cena de amor que havia testemunhado.

– Seja como for, Arsênio foi cruelmente punido pelas maldosas insinuações a seu respeito, meu caro amigo. Aposto que eu seria a última pessoa que ele teria escolhido para testemunhar aquele idílio clássico – terminou ela com bom humor.

– Sim é, de fato, uma piada de mau gosto do destino levar você a tomar conhecimento desse pequeno golpe de canivete aplicado em

seu casamento. Se ele os houvesse surpreendido sozinho teria se contentado, provavelmente, em dar-lhes as costas – comentou Magnus, rindo.

– Imagine que ele queria fazer um escândalo. Se eu não o retivesse, ele se atiraria sobre os culpados e os teria batido.

– Você fez bem ao abrandar a tempestade, minha querida. O escândalo teria sido inaudito e, contudo, compreendo Arsênio e o lamento: descobrir-se que se tem um rival que nos engraxa as botas e troca os pratos é duro, pois não se pode nem mesmo matar um bruto desses. Dar-lhes umas bofetadas é ainda muita honra.

– Você sabe? Temo que a execução tenha sido adiada somente até o fim do baile. Foi o que depreendi das últimas palavras do príncipe – disse Tâmara, de novo séria –. Mas será que ele ousará espancar Catarina? Seria uma brutalidade horrível.

– Em sã consciência ela não o desmereceu. Sua conduta ultrapassou todos os limites.

– Esperemos todos que o baile não termine com essa apoteose. E agora, boa noite, Magnus. São três horas e é preciso repousar. Faça-o em paz e não seja ciumento. Nenhum belo Isac perturbará meus sonhos – ajuntou ela maliciosamente.

O episódio da noite havia, contudo, causado tão profunda impressão no espírito da moça, que a lembrança a perseguia, deixando-a insone. Ela tentou imaginar a cena que teria lugar entre os esposos. Devia ser terrível encontrar-se na posição de Catarina, frente a frente com seu marido e, além disso, que humilhação! Eram quase seis horas da manhã, quando ela, afinal, conseguiu dormir de cansaço, mas sua imaginação superexcitada prosseguiu no sonho a representar-lhe as mesmas imagens e a batalha entre Arsênio e a mulher.

Tendo recuperado, aparentemente, seu sangue frio, Ugarine mostrara sua animação habitual e não deixou transparecer à esposa suas disposições íntimas. Até mesmo o champanhe bebera com

moderação, apenas o suficiente para estar preparado para executar a punição.

Quando os convidados se dispersaram, ele se retirou para os seus aposentos, que ficou a medir febrilmente de um lado para outro, com passadas rápidas. Em seguida, tocou a campainha, chamando seu camareiro e lhe ordenou que mandasse vir prontamente Isac.

Pálido e visivelmente inquieto, o lacaio apareceu alguns minutos depois no gabinete e estacou respeitosamente a alguns passos da escrivaninha, junto da qual o príncipe estava sentado.

– Quanto você ganha? Pois bem, aqui está seu pagamento correspondente a dois meses. Dentro de duas horas você terá que deixar a minha casa, você me compreende. E se deseja conservar seus ossos e seus dentes no lugar, cuide de nunca mais cruzar os caminhos da princesa.

– Compreendo, Alteza, e cumprirei suas ordens – balbuciou Isac com os lábios trêmulos e os joelhos já se dobrando.

O olhar do príncipe deu-lhe uma ideia de como seriam suas costas quebradas.

– Toma e sai.

O lacaio apanhou o dinheiro e esgueirou-se porta afora. Quando a porta se fechou, respirou aliviado e dirigiu-se apressadamente aos aposentos da criadagem. Compreendera que suas relações com a princesa haviam chegado ao conhecimento de Ugarine.

Terminada a sua primeira tarefa, Arsênio retomou as passadas nervosas dentro do gabinete decorado a oriental. Parando em frente a uma panóplia, dali retirou um chicote cossaco de cabo de prata polida e fê-lo sibilar no ar, escorregando-o após para dentro da manga de sua vestimenta. Aproximando-se de uma mesa, encheu um copo de vinho e o bebeu de um só trago e, em seguida, com o passo firme, dirigiu-se aos aposentos de sua mulher.

– Espera, sua patife, que vou ensinar-lhe a ser mais prudente nos seus impulsos amorosos com os lacaios! – resmungou ele entre

dentes.

Quando entrou no quarto de dormir de Catarina, notou que ela estava vestida com um *negligé* e recostada numa poltrona. Acabara de tomar banho e repousava das canseiras do baile, enquanto duas camareiras, uma das quais lhe trançava os cabelos, cuidavam dela.

À entrada do marido, Catarina fechou os olhos com enfado, mas, ao ouvi-lo ordenar às duas mulheres que se retirassem, ela se empertigou admirada e, quando viu Arsênio fechar a porta e colocar a chave no bolso, franziu as sobrancelhas e disse num tom irritado:

– Que significa essa impertinência de mandar embora minhas criadas sem minha autorização? Você está bêbado, meu caro, e seria melhor ir dormir, em vez de vir me perturbar aqui. Você recende a vinho...

– E você recende aos beijos de Isac, mulher desavergonhada. Já não lhe basta que eu feche meus olhos a todo o resto? Como você ousa abraçar-se com os empregados à vista de pessoas estranhas? Mas, espera, que isso eu farei você desaprender.

Como que mordida por uma víbora, Catarina saltou da poltrona. Sua face estava crispada e seus pequenos olhos fuzilavam.

– O que estou eu ouvindo? – exclamou ela com uma voz rouca de cólera –. Parece que você quer fazer uma cena, você, um mendigo, que comprei e que sem mim estaria morrendo de fome, um perrapado cujo título eu recobri de ouro! Sai daqui, seu bêbado, que não quero mais vê-lo!

E antes mesmo que o príncipe pudesse prever sua intenção, sentiu um bofetão abater-se sobre o rosto. Em seguida, ela o agarrou pelas espáduas, virou-o com tanta força quanto agilidade e, com uma série de robustos socos nas costas, empurrou-o violentamente para a porta, onde ele tropeçou e quase desabou ao chão.

Lívido, com os lábios espumando, o príncipe empertigou-se. O insulto inesperado aniquilara os últimos controles que ainda tinha sobre si mesmo.

Por um instante, ele não conseguiu retirar da manga o chicote que se embaraçara no botão de ouro do punho. Fora de si, ele arrancou tudo junto e, tomando a mulher pelos espessos cabelos da nuca, atirou-a no chão. Furioso e cruel, fez chover sobre ela uma saraivada de chicotadas. Mas Catarina era robusta; louca de dor e de raiva, ela se debatia com os pés e as mãos, como uma fúria, e Arsênio teve que empregar toda a sua força para mantê-la segura. No entanto, a princesa não gritava mais; conservara suficiente presença de espírito para lembrar-se das empregadas, que não estariam muito longe. Conseguiu, apenas, desembaraçar uma das mãos e deu tamanho bofetão na cara do marido, que ele quase perdeu o equilíbrio. O novo ataque exasperou ainda mais o príncipe. Queria estrangular aquela mulher que ousava insultá-lo e chamar-lhe de mendigo, mas um resto de bom senso soprou-lhe que a miserável não valia um assassinato e a consequente deportação para a Sibéria. Louco de raiva, porém, ele levantou o chicote e deixou-o cair tão violentamente sobre as costas de Catarina que, vencida pela dor, ela soltou gritos desesperados e pediu clemência.

Empurrando-a com o pé, o príncipe apoiou-se à parede:

– Lembre-se sempre deste momento e arranje-se de modo que eu nunca saiba nada de suas infidelidades – disse ele com a voz rouca –. Se alguma vez eu a surpreender com um dos criados, como hoje com Isac, chicotearei você sem misericórdia.

Dito isso, calou-se. O peito arquejava e arrepios gelados sacudiam seu corpo. Ainda prostrada ao chão, Catarina gemia surdamente, quando um súbito murmúrio abafado de voz chegou-lhe aos ouvidos. Era a criadagem que, atraída pelos gritos e pela algazarra, reunira-se toda no toucador e no quarto de vestir. Se Arsênio saísse naquele momento, todo desfeito, com a manga da camisa arrancada e o chicote nas mãos crispadas, a verdade seria logo conhecida e, das antecâmaras, se espalharia pelos salões da sociedade.

Absorvido pela sua terrível superexcitação, o príncipe nada via e nem ouvia. Tirando a chave do bolso dirigiu-se à porta. Ao ver isso,

a princesa levantou-se com esforço e, arrastando-se até ele, cambaleante, segurou-lhe o braço.

– Fique aqui, Arsênio. Não se mostre dessa maneira aos outros. Poupe-nos o escândalo – murmurou ela com a voz entrecortada.

Ugarine estremeceu e seu olhar fitou cheio de desgosto sua mulher. A cambraia e as rendas das suas vestes de dormir pendiam em farrapos, vergões sanguinolentos desenhavam-se em seu corpo e sua face inchada estava lívida sob as manchas vermelhas que a cobriam. Ele desviou o olhar e o deixou percorrer o esplêndido aposento decorado de cetim, o leito coberto de cortinas bordadas a ouro e todo aquele luxo exorbitante. Uma pungente sensação apossou-se de seu coração: num simples aposento guarnecido de cretone, uma inocente e amável criatura como Tâmara não teria sido mil vezes preferível do que aquela prostituta que lhe censurava a pobreza que ela própria cobrira com aquele luxo vergonhoso?

– Está bem – disse ele –. Eu ficarei. Mas deixa-me encerrar a série de explicações por uma última. Eu me casei com você por causa do seu dinheiro, é verdade. Nunca teria escolhido por amor uma camponesa feia, vulgar e de duvidosa reputação como você, mas a fortuna que você me trouxe eu a paguei a preço justo pelo meu velho nome ilustre. Vendi-lhe minha pessoa e meu título, não a honra do meu nome. Você tem que preservar a decência; não lhe peço mais que isso.

Já nos limites de suas forças, ele abateu-se sobre uma poltrona. O sangue escorria de seus ouvidos, as têmporas pulsavam fortemente e uma dor aguda apossara-se de sua cabeça. Sem prestar atenção em Catarina, que, gemendo, arrastava-se até o leito, o príncipe fechou os olhos. Sofria física e moralmente. O presente parecia-lhe horrendo, o futuro vazio, desolado, sem objetivo. No turbilhão de sua vida dissipada, nunca pensara senão naquilo: apossar-se de uma rica herdeira e revestir de ouro seu brasão esmaecido e empobrecido. Jamais pensara nos anseios da alma: não tinha mil prazeres e amantes para substituir a mulher que ele não iria amar?

E, de repente, o coração, aquele órgão que ele havia suprimido como motor moral, o coração acordava e a chama divina que todos os seres trazem para a terra, que religa até o mais depravado à sua pátria celeste, abria caminho através da lama que o envolvera. A voz imperiosa da natureza reclamava seus direitos por um grito de aflição, soprando-lhe que a violação das leis divinas é punida mais cedo ou mais tarde e que a necessidade de amar e ser amado um dia se apodera do mais frívolo gozador. Ante o olhar sóbrio de Arsênio, recomeçou a projetar-se a sedutora imagem da esposa de Magnus. Ele sentiu sede daquela atmosfera de pureza que envolvia a moça.

Com um rouco suspiro, apalpou o peito dolorido e, pouco a pouco, pesado torpor o invadiu.

Quando Ugarine despertou de tal sonolência, eram oito horas da manhã. Alquebrado de alma e de corpo, levantou-se e, com o andar cambaleante, dirigiu-se aos seus aposentos. Todos dormiam na casa e, sem chamar seu criado, Arsênio atirou-se sobre o leito e mergulhou nos travesseiros a cabeça pesada e em fogo.

---

25 Otelo: outra personagem de Shakespeare no drama do mesmo nome, em cinco atos. Como general mouro (árabe) a serviço do Governo de Veneza, é a própria personificação do ciúme, assassinando Desdêmona, sua amada, por sufocação, numa das suas crises, sob a instigação do terrível Iago.



Suplício de Tântalo

ALGUNS DIAS DEPOIS do baile, Magnus foi acometido de uma dor de cabeça do tipo nervoso que frequentemente o atormentava e como, além disso, tinha um pouco de febre, Tâmara ficou preocupada. Fez o doente deitar-se num divã, aplicou-lhe algumas compressas e fê-lo tomar umas gotas sedativas. Seriam umas sete horas da noite e ela acabava de cuidar do marido, quando vieram anunciar-lhe a chegada do Príncipe Ugarine.

– É um pouco cedo para ele – observou Tâmara.

– Não faz mal! É um parente. Receba-o, minha querida, e peça-lhe para ficar para o chá. Sinto-me melhor e depois que dormir um pouco estarei bem.

– Então, até logo!

Ela o beijou na testa e saiu.

O príncipe caminhava no salão de um lado para outro. Ao entrar a baronesa, seu olhar deslizou como uma chama sobre a esbelta moça que, com um vestido simples de casimira branca, caminhava para ele sorridente.

– Bom dia, primo – disse ela, estendendo-lhe a mão, que ele

beijou. O senhor está indisposto? Tem um aspecto abatido – acrescentou ela, convidando-o a segui-la até o seu gabinete de trabalho.

– É, meus nervos estão em desordem e, além disso, uma abominável enxaqueca me atormenta – respondeu Arsênio, seguindo-a ao pequeno salão, verdadeira imagem do bem-estar e da paz.

Um fogo ardia na lareira, diante do qual Percival, o Terra-Nova do barão, estava confortavelmente estirado, sobre a mesa, iluminada por uma grande lâmpada; via-se um buquê de flores secas, cartolinas recortadas, pincéis e um pequeno vidro contendo goma líquida: eram os componentes de um abajur que Tâmara se divertia em fabricar.

– Vou me sentar aqui nesta poltrona para não perturbar Biju que está no divã – disse o príncipe, designando com um sorriso o pequeno cãozinho enrodilhado –. Tenho que lhe pedir perdão, baronesa, por incomodá-la em uma hora imprópria como essa, mas estou sem condições de frequentar a sociedade e estar com pessoas estranhas hoje e, na minha casa, o isolamento e a solidão estão insuportáveis. Tenho, pois, a pretensão de esperar que sua caridade cristã me perdoará por vir entediá-la com a minha presença.

– O senhor sabe que é sempre bem-vindo. O meu caro Magnus está indisposto. Nós o veremos na hora do chá, mas vamos conversar e, nesse ínterim, comer um bombom – acrescentou ela, tomando uma caixa.

– Obrigado. Sinto-me sempre como se renascesse aqui. Há uma atmosfera diferente em torno da senhora, Tâmara Nicolaevna, uma calma, um bem-estar moral que age como um bálsamo em minha alma fatigada.

– O senhor vai me tornar orgulhosa por causa do seu galante palavreado, primo – disse a baronesa, rindo –. Se, contudo, o senhor se sente bem aqui, repouse de alma e corpo. O que a

amizade puder acrescentar ao seu bem-estar, ofereço de bom grado, mas o senhor me falou de solidão em sua casa. E Catarina, está ausente?

Ela hesitara longamente a decidir se devia ou não falar da mulher de Arsênio, mas, afinal, quase que involuntariamente a pergunta escapara-lhe. O príncipe apoiou-se sobre a mesinha e seus grandes olhos negros fixaram-se na moça com um misto de amargura e zombaria.

– A senhora supõe, com razão – disse ele – que, após a explicação que se seguiu ao baile, teria sido razoável que ela permanecesse no seu quarto e cuidasse das consequências de uma conversa tão animada como aquela, mas a princesa tem a pele grossa e a estrutura óssea muito sólida. Ela foi, pois, jantar e passar a noite com a sua amiga, a Baronesa Doppelberg. É justo acrescentar que ela pôs um vestido todo fechado. A senhora se lembra daquela encantadora mulher, tão terna em relação ao seu noivo gotoso e ornado com um papo? Encontramos esse casal de pombinhos em casa do Senhor Ercole, quando a senhora pintava meu retrato. Minha mulher e a Baronesa Doppelberg são inseparáveis.

Tâmara ouvira, pálida e agitada. Seu olhar estava pregado naquela bela mão de dedos afilados que se levantaram para castigar uma mulher.

– O senhor espancou Catarina. Não brinque com isso, Arsênio Borissovitch – balbuciou ela, afinal.

– Eu não disse à senhora que o faria? – perguntou o príncipe.

E, afastando uma grossa mecha de cabelos negros que lhe caía sobre a testa, descobriu larga mancha de um azulado escuro.

– Veja! Uma recordação de sua desesperada, mas inútil defesa.

Tâmara nada disse. Apanhou um pedaço de papel gomado e se pôs a colar as flores e as ervas ressecadas, mas suas mãos tremiam ligeiramente. Piedade e desgosto pela princesa lutavam

nela.

Um silêncio bem longo se fez. O príncipe não deixava de fitá-la. Parecia fascinado pela graça ondulante de seus movimentos, o contorno clássico da pequena cabeça castanha que saia, tão delicada, tão rosada, da larga franja de rendas, a transparência admirável da pele que a emoção fazia empalidecer e corar alternadamente.

Arrancando-se com esforço à sua muda admiração, o príncipe desejou dar novo rumo à conversa.

– A senhora tem aqui um verdadeiro jardim zoológico, prima – disse ele –. Um periquito, um aquário, esse enorme viveiro e dois cães. Eles devem fazer um barulho ensurdecedor.

– Oh, não. Vivo em boa paz nesta pequena comunidade. Esses pobres seres tão desprezados e maltratados pelos homens, são a minha paixão – respondeu Tâmara com um sorriso –. E veja como nos entendemos com poucas palavras.

Ela abriu uma gaveta da mesa e retirou alguns biscoitos. Ante aquele barulhinho, sem dúvida bem conhecido, Biju saltou do divã e veio postar-se diante dela, sentadinho no chão. Percival deixou seu posto junto da lareira e veio também exigir seu quinhão, apoiando a enorme cabeça no ombro de sua senhora.

Tâmara partilhou com eles os biscoitos, acarinhou Biju e apoiou sua cabeça encaracolada contra o pelo espesso do Terra-Nova.

– Feliz animal! Quantos homens não invejariam sua existência – disse Arsênio, fitando o grupo encantador com um sorriso.

– Oh, ninguém, penso eu, concordaria em trocar sua dignidade humana pela existência animal de Percival.

– Eu seria o primeiro a trocar com ele, se algum mago consentisse em operar tal transformação. O que falta a esse felizardo cão? Não tem a mínima preocupação, é amado e bajulado e come biscoitos da mão de sua senhora.

Como se tivesse compreendido o elogio à sua felicidade, o Terra-

Nova, tornado de súbito impulso de ternura, levantou a cabeça e passou a sua enorme língua pelo rosto aveludado da moça, que o empurrou. “Que é isso?” – disse ela, passando um lenço no rosto e ameaçando o cão com um dedo.

O príncipe riu alegremente.

– Pois bem, prima, nesse instante, mais do que em qualquer outro, eu estaria pronto a tomar o lugar de Percival; bem entendido, com todos os direitos e privilégios de que ele desfruta junto da senhora e passar-lhe, em troca, minha pessoa, meu título e minha mulher.

Tâmara enrubesceu vivamente.

– O senhor perderia muito com uma transformação dessas.

– Isso é comigo, mas que diria a senhora, Tâmara Nicolaevna, se a alma de Percival entrasse em mim e a minha nele?

– Eu diria: Deus me proteja de tal metamorfose! Imagine só, príncipe – e um sorriso malicioso iluminou o rosto dela – que insuportável animal se tornaria Percival se ele se embriagasse, por exemplo, ou herdasse outros maus hábitos próprios da perfeição humana e que sua inferioridade canina ainda não sabe apreciar?

– É verdadeiramente lisonjeiro. A senhora prefere a alma de Percival à minha?

– Não, pelo amor de Deus! Apenas protesto contra a transformação e acho que Catarina ficaria tão descontente como eu.

– Ah!, Isso é duvidoso! Ainda que Percival lhe mostre os dentes, uma vez que ele a queira, penso que a princesa preferiria a mim e ele, certamente, se daria melhor com ela.

– É verdade. Percival é um cão muito educado e grato, por instinto. Ele não morderia a mão que o alimenta...

Ela se interrompeu, envergonhada de ter falado demais e seu olhar incerto fitou rapidamente o príncipe que, com a mão insegura, sacudiu a cinza do cigarro. À vista da sua palidez mortal e da expressão de sofrimento e de censura que se refletia nos olhos

negros que a fixavam, Tâmara sentiu vergonha e pesar pelas suas duras palavras.

– Muito bem, prima, por que se calou? Suas palavras demonstram que a senhora me considera um ingrato em relação à mulher que tem o meu nome. Desejaria a senhora acrescentar que esse homem desprezível que se vendeu, sabendo antecipadamente que uma mulher vulgar e depravada não lhe daria senão a vergonha, teria perdido, por isso, todo o direito de protestar contra a desonra?

Uma nervosa irritação vibrava na voz do príncipe e deixava-se trair no gesto com o qual ele retorcia a corrente do relógio.

– Minhas palavras foram uma brincadeira. Que direito tenho eu de me meter nos seus atos ou de julgá-lo mais severamente do que as centenas de homens que, como o senhor, contraem matrimônios por conveniência?

– Por favor, prima, não se esconda atrás de frases tão nebulosas. Diga-me francamente a sua opinião. Ela é dura, eu sei, mas estou já habituado a ser escalpelado pelas suas mãozinhas e experimento certo bem-estar com essa operação. Li há pouco um livro extravagante, de um americano, que surrou o corpo espiritual de Alfred de Musset para livrá-lo dos resíduos de seus pecados e purificar-lhe. Estou certo de que a senhora realiza comigo o mesmo gesto de caridade.

– Não, não. Jamais eu seria tão cruel com o senhor – disse Tâmara, rindo –. Além disso, de que serve ficar revolvendo o irreparável? O senhor agiu sob a influência de circunstâncias que entendia como prioritárias e seria ridículo censurar-lhe por haver-se casado com uma mulher rica. Mas o senhor escolheu essa esposa sem ter por ela nem amor, nem estima, nem mesmo amizade. Eis aí a falta que recaiu cruelmente sobre o senhor mesmo. Claro que a mulher que desceu tão baixo, a ponto de comprometer-se com um lacaio, merecia castigo. Só que o senhor deveria tê-la feito sentir sua autoridade mais cedo. Da primeira vez, quando o falatório social ligou, de modo suspeito, o nome do príncipe circassiano ao de

Catarina, quando se falou de um escândalo num restaurante fora da cidade, durante sua viagem a Moscou, o senhor deveria tê-la punido. E, no entanto, calou-se na ocasião e, após toda uma série de insultos à sua honra, é tarde para reconduzir à razão a mulher infiel que era preciso ter sido contida desde sua primeira leviandade. Ainda que sejam de ouro, as correntes que o prendem são pesadas, primo Arsênio, e isto se vê na sua face. O senhor não tinha antes essa expressão de sofrimento e a desarmonia de sua alma aumentou, em vez de diminuir, com o desaparecimento das preocupações materiais. É que o princípio divino desperta na sua intimidade e reclama seus direitos. Essa flama vinda do Criador, que nos anima e nos religa a Ele, não se deixa extinguir. Por mais abafada que seja pelo gozo da matéria, ela vela em nós e nos faz lembrar nossa origem divina. O senhor também a sente em seu coração, Arsênio Borissovitch, e é como uma voz que lhe dissesse: "Pare enquanto é tempo. Não se deixe escorregar para o abismo. Faça um esforço no sentido do bem, de uma nova vida!"

O príncipe ouvia com um ar sonhador. O sentido do que ela lhe dizia parecia perpassar pelo seu ouvido sem deixar impressão mais profunda. Estava muito atolado no lodaçal de suas paixões e sentia-se impotente para um esforço em busca de uma nova vida, mas embriagava-se com a harmonia da voz dela e o brilho quente e persuasivo de seus olhos. Sentia-se bem naquela atmosfera pura e calma e teria querido permanecer assim sem contar as horas.

A entrada de um empregado, que levantara o cortinado para facilitar a passagem da cadeira de rodas de Magnus, pôs fim à conversação. Enquanto os dois primos se cumprimentavam, Tâmara aproximou-se e, com um gesto carinhoso, que lhe era habitual, afastou os cabelos castanhos e bem cuidados de seu marido e colocou a mão em sua testa. "Graças a Deus! A febre passou de uma vez!" – disse ela alegremente, enquanto Magnus agradecia-lhe com um olhar afetuoso e reconhecido.

Um pungente sentimento de inveja e amargura estrangulou o

coração de Arsênio: ele também estava indisposto mas, sobre sua testa em fogo, nenhuma espécie de mãozinha compassiva viria pousar quando ele retornasse à sua rica mansão.

Torturado por um ciúme agudo, levantou-se. Parecia sufocar agora e desejava afogar em qualquer excesso o suplício de Tântalo[26] que se apossara dele. Impetuoso e desenfreado, versátil em todos os seus impulsos, resolveu bruscamente ir à casa de sua atual amante. Junto da provocante atriz e de suas não menos alegres amigas, ele esqueceria logo aquela insípida atmosfera de virtude e de simplória ternura, cuja visão o enervava.

– Aonde o senhor vai? Não vai tomar o chá conosco? – perguntou Tâmara admirada em vê-lo apanhar o seu gorro.

– Sem dúvida, fica! – acrescentou Magnus –. Para onde vai você com toda essa pressa, espírito atormentado, que em parte alguma encontra repouso?

– Vou para onde floresce, em ação, a divisa da minha vida: “Mulheres, jogo e vinho” – respondeu o príncipe, com um sorriso frívolo, apertando a mão do primo.

– Tenho a honra de saudá-la, baronesa.

A estada de Nina em sua casa e seus contactos obrigatórios com tantas pessoas haviam colocado Tâmara em evidência. Sua grande fortuna a expunha, naturalmente, a muita cobiça e não eram somente os frequentadores de bailes e jantares que se acreditavam lesados nos seus direitos pela fria reserva da jovem milionária. As senhoras que patrocinavam as mais diversas entidades de assistência social e asilos, os infatigáveis organizadores de bazares, concertos, loterias ou espetáculos beneficentes, consideravam como ofensa pessoal suas constantes recusas em tornar-se um de seus membros. Madame Raban, que se tornara membro de várias sociedades, forçada pela posição de seu marido, tentara persuadir Tâmara e esta ajudava generosamente a toda obra indicada pela velha amiga, mas não queria oficialmente envolver-se com nenhuma. A moça havia experimentado pessoalmente a pobreza,

vira de muito perto as misérias e humilhações dos deserdados da vida para apreciar no seu justo valor o zelo dos que se diziam benfeitores. Habilmente disfarçados com as necessidades e misérias dos pobres, eles extorquiam das pessoas caridosas somas consideráveis e, sob o pretexto de administrar esse dinheiro, desfrutavam pessoalmente os recursos, atirando aos pobres apenas migalhas insuficientes para aliviá-los e minorar-lhes as aflições.

Uma noite, em casa de Madame Raban, Tâmara encontrou uma senhora muito conhecida por sua atividade filantrópica. Infatigavelmente, ela andava a fazer coletas, extorquia seus conhecidos, discorria sobre o dever do cristão de ajudar seus semelhantes, mas as línguas maldosas diziam que essa grande pregadora só falava pelos outros; quanto à sua própria bolsa, ela a mantinha fechada com tanta energia quanto a que utilizava em abrir a alheia.

– Tâmara achava-a antipática, hipócrita e beata e evitava, tanto quanto possível, tratar com ela qualquer questão filantrópica, mas a zelosa patrocinadora era tenaz e não deixava passar oportunidade alguma de tentar, ainda e sempre, um assalto. Logo tratou de encaminhar a conversação para o seu tema predileto e estendeu-se sobre grandes projetos que tinha em mente e que tinham por objetivo resolver definitivamente o problema da miséria e todos os males e vícios daí decorrentes.

– Desejo, sinceramente, madame, o sucesso de seus planos, observou Tâmara –. Apenas duvido que eles produzam os frutos esperados. Tive centenas de provas de que o exercício da caridade pública é pouco eficaz e que o gigantesco projeto de acabar com a pobreza, a vagabundagem e a embriaguez por uma ação coletiva é ainda irrealizável. Enquanto os planos são elaborados nesse nível, todos passam, sem ver, ao lado de muitas dores.

– Em sua opinião, baronesa, deveríamos, então, cruzar os braços e não tentar jamais um esforço para remediar os males da humanidade?

– Não, madame. Desejaria somente que não fosse negligenciado o possível por causa do impossível. A desgraça e a privação não precisam ser vistas em massa para serem aliviadas. Basta levantarmos os olhos em torno de nós mesmos para descobrir muito mais do que podemos ajudar. O sofrimento humano é uma arma de dois gumes: ela é um teste à fé, à paciência, à energia daquele que o experimenta, mas também para o coração do que o identifica sem procurar atenuá-lo. Mesmo que não houvesse na Terra tanto egoísmo, avareza e dureza, seria bem difícil fazer todo mundo feliz. Estou firmemente convencida de que lá em cima não seremos censurados por não havermos socorrido toda a humanidade, mas que Deus pedirá contas da sorte dos infelizes que foram colocados em nossos caminhos. Sim, Deus me perguntará se pratiquei com eles a verdadeira caridade, que consiste em erguê-los moral e materialmente, de proporcionar-lhes coragem e alegria de viver por meio de um trabalho regular, o qual, como coroamento de seus esforços, traga-lhes a paz e o bem-estar. Atirar a um infeliz um pedaço de pão que somente lhe prolonga a agonia, condená-lo ao desolador trabalho das instituições beneficentes, que não bastam nem mesmo para assegurar ao miserável o pão de cada dia, como se o desventurado não tivesse necessidade para viver, nem de roupas adequadas e quentes, nem de uma habitação sadia, nem de um pouco de esperança... Isso é caridade? Não é não, pois em lugar de praticar a caridade simples e objetiva, investimos importâncias imensas em construções pomposas, onde é instalada uma administração burocrática que assume a aparência de um órgão ministerial e cria intermináveis formalidades de rotina. Se um necessitado, que não tem como enterrar um parente que acaba de perder, implora socorro que somente lhe será concedido seis meses depois, se um doente expira, enquanto espera que se discuta se vai ou não ser concedido o suficiente para ele comprar medicamento, é, a meu ver, uma cruel ironia, não um ato de caridade. Por isso, tenho me recusado e continuarei a recusar sempre a tornar-me um membro de qualquer sociedade: as rivalidades e as mesquinhas

questões de amor-próprio desempenham em tais instituições um papel que me repugna. Farei o bem tal como eu o entendo e não terei que procurar muito longe os irmãos em desgraça.

Com efeito, a mão de Tâmara e a de Magnus estavam sempre abertas para ajudar aos necessitados na medida de suas forças. E como havia dito, socorria de uma forma que os necessitados iniciavam uma vida nova. Além disso, numa ala de sua residência, vários pequenos aposentos confortáveis eram destinados, sem qualquer pagamento, às famílias pobres de classe média, viúvas e militares reformados com pensão insuficiente. Diariamente, vinte velhinhos e vinte velhinhas da classe média, dos quais se cuidam bem menos do que dos pobres, recebiam, de sua parte, um jantar farto, que era levado a domicílio se estivessem doentes.

Aos asilos ela entregava anualmente uma soma que permitia a certo número de pobres que não pudessem pagar a taxa serem ali admitidos de graça. Isto, em sua opinião, era útil e prático e decorria de sua própria iniciativa, dispensando-a dos discursos ociosos e dos debates intermináveis, que são a principal ocupação dos comitês filantrópicos.

Algumas semanas haviam decorrido sem nenhum incidente. Tâmara, fortemente gripada, ficara de cama e recebia apenas os amigos mais íntimos. Quanto a Arsênio, não aparecera mais, desde aquela tarde, na qual se despedira tão inesperadamente. O almirante, dissera, contudo, que, mais do que nunca, ele cometia suas loucuras.

O jovem casal ficou muito admirado, certa manhã, quando lhe foi anunciada a presença de Ugarine. O príncipe estava mais bem humorado. Declarou que vinha convidar sua bela prima para uma grande caçada, que estava promovendo em sua propriedade de Novgorod. Muita gente tomaria parte e ele estava certo de que Magnus autorizaria sua mulher a acompanhá-los.

– Eu lhe ensinarei a atirar, Tâmara Nicolaevna, e tomarei conta da senhora como a menina de meus olhos – disse alegremente –.

Nessa ocasião, permita-me, na qualidade de seu parente, oferecer-lhe a arma com a qual a senhora fará sua aprendizagem de caçadora.

Ao dizer isso, abriu uma caixa que trouxera consigo e retirou dela um pequeno fuzil, verdadeira joia adamascada, incrustada e ornada com as iniciais de Tâmara.

A moça tomou a arma e examinou-a, enquanto Magnus declarava, com um sorriso, que a decisão ficava ao inteiro critério da baronesa.

– Muito obrigada, meu caro primo, pelo seu magnífico presente. Aceito, com gratidão, esta pequena maravilha de armaria, mas devo recusar seu convite. A caça, veja bem, é um divertimento abominável, a meu ver. A matança de seres inocentes e indefesos me revolta o coração. É inconcebível, para mim, o prazer de persegui-los, atormentá-los e estropiá-los sem necessidade. Já é bem triste que tenhamos que nos nutrir de seres vivos, que é necessário degolar para satisfazer o apetite. Uma vez que não se pode agir de outra maneira, pelo menos por enquanto, não protesto. Mas por que fazer dessa carnificina um prazer?

– Cara prima, deixe-me dizer-lhe que a senhora exagera demais. Como se pode considerar tão tragicamente a morte de uma lebre ou de uma ave selvagem? Quanto à caça por si mesma é um divertimento nobre e cavalheiresco, que põe à prova a destreza e a coragem e que sempre foi cultivada, não somente pelos homens, mas também pelas mulheres mais distintas.

– No meu modo de entender, a caça é um resquício do barbarismo, um hábito sanguinário que a civilização extinguirá pouco a pouco, como acabou com os combates de gladiadores, com o hábito de massacrar ou emparedar prisioneiros de guerra, de atirar os culpados às feras e muitas outras belas coisas dessa natureza que eram julgadas outrora como nobres divertimentos e façanhas cavalheirescas. Enfim, o homem tornou-se feroz na guerra, essa nódoa da nossa época. Ele tem o coração bastante duro para degolar o animal, da mesma forma que mata a sangue frio seu

semelhante. Mas quanto à coragem, duvido que seja necessária para matar uma lebre ou uma ave. A arma assassina nas mãos de uma mulher é um espetáculo abjeto e repugnante. É uma falta de instinto feminino e de delicadeza de coração abater por prazer uma criatura fraca e indefesa, contemplar friamente os sofrimentos e as convulsões de sua agonia, de vê-las às vezes serem dilaceradas pelos cães! Eu não poderia suportar o olhar acusador de um pobre animal como se a implorar ao seu implacável assassino: “Por que, com que direito você me rouba a vida?” E, certamente, se Deus nos permite atender às nossas necessidades com a carne animal, ele jamais aprovará que façamos de seus sofrimentos uma diversão. Não, não, primo, não irei à caça. Se eu pudesse, impediria todos os homens de praticar essa mania detestável de massacre! Jamais tomarei parte nisso!

– Eis uma dura condenação, contra a qual protestarão bem alto todos os caçadores, que consideram a caça um esporte dos mais aristocráticos – observou Arsênio.

– Não tenho a pretensão de fazê-los mudarem de ideia. Há muitos caciques que se gabam do número de escalpos que levam à cinta. Por que não se sentiriam orgulhosos os senhores caçadores por haverem abatido uns tantos veados ou raposas? A diferença é que não me sinto obrigada a participar dessa admiração. A menos que se tratasse de um combate contra um animal feroz, um urso ou um tigre, por exemplo. Nesse caso, pelo menos, se poderia falar de coragem pessoal.

Pensativo e descontente, o príncipe despediu-se. Mas qual não foi a surpresa de Magnus e de sua mulher vendo-o chegar alguns dias mais tarde.

– De onde vem você? Pensávamos que estivesse caçando – perguntou o barão.

– A caça não se realizou, para grande desgosto de Catarina, que ficou positivamente furiosa – respondeu fleumático o príncipe –.

Eu sofro de reumatismo e tive receio de me resfriar. Além disso, não me sentia disposto a impor essas provocações desagradáveis às pobres lebres, raposas e aves e a destruir a felicidade de suas famílias.

Tâmara levantou vivamente a cabeça e um sorriso encantador iluminou-lhe o rosto.

– Caro primo, deixe-me agradecer ao seu sentimento, vindo em momento tão oportuno para impedir o massacre de tantos pobres animais – disse ela, estendendo-lhe as duas mãos.

Arsênio levou-as aos lábios.

– Estou encantado com o seu elogio ao meu reumatismo e prefiro seu agradecimento ao das lebres, apesar da gratidão que elas me devem – disse ele a rir. Tenho ainda uma novidade para contar-lhe, Tâmara Nicolaevna: a Senhorita Natália Zarubine acaba de ficar noiva.

– Até que enfim! De quem?

– Do ajudante-de-campo Polenov. Eu os vi ontem. Ela estava radiante e me disse que virá vê-los aqui, por estes dias.

– Graças a Deus! Ei-la sossegada. A pobre avó terá, enfim, paz e tranquilidade!

Tâmara não desejava estender-se perante o príncipe sobre a opinião que tinha de Natália Zarubine, sua antiga companheira de colégio, mas pela qual sua afeição havia arrefecido consideravelmente depois que ela conseguira avaliá-la, bem como às outras companheiras, com os olhos bem abertos. No entanto, ela tratava Natália com benevolência e esta mantinha tais relações, pois queria estar bem com a sua rica colega, considerando que aquela intimidade lhe proporcionava certo *status.*

O que sobretudo repugnava Tâmara era a caça ao marido praticada por Natália, com cada homem que lhe testemunhasse a menor parcela de afabilidade, com uma sem-cerimônia, uma ousadia, uma tenacidade que revoltavam a moça.

Em verdade, a Senhorita Zarubine tinha uma ideia fixa, um só desejo: casar-se, a qualquer preço, investir-se do título de mulher casada que lhe proporcionava a liberdade de ação, da qual desfrutavam Catarina e Nadina. Mas a pobre Natália não tinha chance; apesar de seus inauditos esforços, suas idas a todas as festas, suas despesas com toaletes e seu sólido dote, não pudera, até então, encontrar marido. Como que por um perverso acordo, os homens escolhiam suas esposas bem em frente aos olhos de Natália. Ela sempre ficava profundamente irritada, mas nunca desistia de sua ridícula obstinação em casar-se de qualquer maneira. Ela nem era muito exigente na escolha de seus amores. Seu coração, bastante flexível, suspirava pelos mais disparatados heróis. Eram jovens da sociedade, o administrador de suas casas, um burguês de origem bem modesta, até um frei búlgaro, enquanto estavam em voga e..., por mais horrível que seja, até mesmo um bratuchka[27], haviam recusado sua longa e magra figura que os jovens ridicularizavam pelas costas e, zombeteiramente, diziam ser um farol a emitir sinais com um dote.

Para Tâmara, com seu invencível orgulho e sua sensibilidade, uma conduta daquelas parecia odiosa e no íntimo ela se admirava de que Polenov, um jovem tão brilhante, muito bem visto nos salões, houvesse escolhido Natália, que já conhecia há anos, mas nunca distinguira com qualquer interesse pessoal.

Tal como anunciara Ugarine, Natália veio logo visitar a baronesa e participar-lhe o casamento que deveria celebrar-se dentro de três semanas, suplicando-lhe que aceitasse ser sua madrinha.

Tâmara tentou recusar, mas a colega de escola insistiu tanto que ela acabou concordando. Cáustica e observadora, a moça divertiu-se com a exaltação apaixonada de Natália, que não pensava e não falava a não ser sobre seu futuro, o amor, a ternura recíproca e seus planos. Ela se perguntava se Natália representava uma comédia ou se estava se iludindo com os sentimentos do ajudante-de-campo.

No dia do casamento, Tâmara chegou cedo à casa de sua amiga.

Prometera-lhe supervisionar as tarefas da toalete. Já preparada para a cerimônia, chegou e foi recebida pela avó de Natália, velha dama doce e simples, de quem ela gostava e a quem muito respeitava. A noiva ainda estava com uma vestimenta caseira, embora muito chique. Duas camareiras ocupavam-se dela, uma cuidava de calçá-la e outra aprontava o vestido do casamento e outras vestimentas que se estendiam sobre o divã. Natália atirou-se ao pescoço da baronesa, abraçou-a, como se ainda fosse a menina do colégio, tagarelando sem parar. Em seguida, chegou o cabeleireiro, com o qual debateram qual o penteado que melhor assentaria à noiva e de que maneira seriam colocadas as flores.

Ocupada com essa conversa, Tâmara não havia percebido que já há um quarto de hora a velha senhora saíra, depois que uma criada viera chamá-la, quando a mesma empregada voltou, pedindo, da parte de Olga Petrovna, que Tâmara fosse ter com ela, com urgência, no gabinete. Pálida e desfeita, com as mãos e os lábios trêmulos, a velha dama estava sentada numa cadeira.

– Meu Deus!, Madame, a senhora está indisposta ou algo grave aconteceu? – perguntou a moça com interesse.

– Sim, algo totalmente inesperado, e é sobre isso que desejo pedir-lhe um conselho, Tâmara Nicolaevna – disse Madame Zarubine com a voz entrecortada pela emoção –. Imagine que Polenov chegou e me declarou, categoricamente, que se eu não lhe entregar, antes da cerimônia, os papéis correspondentes ao capital investido no dote, ele se recusará a ir à igreja. Que devo fazer, meu Deus? Os documentos estão no banco e, se eu não conseguir retirá-los, será um escândalo tão terrível diante de tanta gente que nem ouso pensar nisso. Mesmo que me submeta à exigência inaudita desse homem, tortura-me o medo de prejudicar minha neta. Ele não ama Natália, uma vez que é capaz de fazer tais exigências.

Ela cobriu os olhos com as mãos, enquanto as lágrimas desciam pelas faces enrugadas. Súbito rubor subiu às faces de Tâmara.

– Recuse, madame, e ponha pela porta afora esse patife

desavergonhado que vem dizer à senhora: “A bolsa ou o escândalo!” – disse ela impetuosamente –. É preciso declarar abertamente aos convidados os motivos que levam a senhora a um rompimento algumas horas antes do casamento e o miserável ficará tão conhecido que todas as portas se fecharão a ele.

– Fale mais baixo, querida filha. Ele está no salão e eu sei que Natália não concordaria em romper.

– Como ela não quer romper? Depois de uma afronta, uma humilhação dessas, como é possível casar-se? Vamos logo falar com ela. Estou convencida de que ela desejará lançar pessoalmente a sua recusa no rosto desse infame mercenário.

– Vai, Tâmara Nicolaevna, e tente persuadi-la a renunciar a esse homem indigno. Eu não posso.

A jovem retornou prontamente ao quarto de dormir. Observando que o cabeleireiro terminara sua tarefa, ela dispensou as servas e, tomando as mãos de Natália, que a contemplava admirada, disse com firmeza:

– Devo dar-lhe ciência de um grave e penoso incidente, mas espero que você seja bastante forte neste momento decisivo, uma vez que ele diz respeito à sua honra.

– Misericórdia! Que medo você me faz! Será que se trata do meu noivo?

– Justamente. Esse honrado senhor recusa-se a ir para a igreja, se antes da cerimônia não lhe forem pagos os 60.000 rublos que compõem o capital disponível de seu dote. É botar um preço muito alto na sua miserável pessoa, e suponho que você compreenda logo o que ordena a sua dignidade de mulher.

Natália ouvira tudo com o rosto vermelho, os olhos estatelados. Subitamente, ela agarrou a cabeça com as mãos e se pôs a dizer com a voz aguda, entrecortada de soluços: “Vovó! Vovó!”

Trêmula de emoção, a velha senhora apareceu e deixou-se cair sobre uma cadeira. Natália precipitou-se para ela e, caindo de

joelhos, balbuciou, torcendo as mãos:

– Paga-lhe, vovó, não me deixe comprometer. Pelo amor do Cristo! Não me faça infeliz. Eu não conseguiria sobreviver ao golpe de perdê-lo!

Como que petrificada, Tâmara contemplava aquela moça sem brio nem dignidade que, com gritos e lágrimas, suplicava pagar a um insolente para que ele a desposasse.

Todo o orgulho da moça rebelava-se e a custo era contido. Ela tomou o braço de Natália e disse com voz vibrante:

– Que vergonha você demonstrar uma covardia dessas! Será que você é tão desprovida de um mínimo de dignidade, de respeito por si mesma e por sua avó, que concorda em ceder a uma exigência tão cínica? Não compreende todo o desprezo que esse homem atira ao seu rosto? Não quer ele dizer, com isso, que só deseja o seu dinheiro? E após esse cruel insulto, você ainda quer casar-se com ele, viver com ele, sabendo que será apenas tolerada? Caia em si, enxugue essas lágrimas indignas e devolva-lhe afronta por afronta!

– Sim, meu anjo querido, ele não vai fazê-la feliz – murmurou a avó.

Mas Natália nada ouvia. Apavorada ante a perspectiva de perder o marido que ela considerava ter, enfim, conseguido, ela repetia:

– Paga-lhe, vovó. Dê-lhe a soma que exige. Vão rir-se de mim, se houver um rompimento. Além disso, meu vestido de noiva, meu enxoval, tudo estará perdido!

– Mas você pode encontrar outro marido, minha querida – observou timidamente a velha senhora.

Ante essas palavras, Natália foi tomada por uma crise nervosa. Com suspiros e gargalhadas convulsivas, rolou tombada ao tapete, repetindo como uma doida:

– Não, não, não outros, é ele que eu quero!

Contemplando aquele espetáculo, a pobre avó levantou-se

assustada.

– Acalme-se, pelo amor de Deus, acalme-se! O casamento será realizado. Vou agora mesmo ao banco e farei tudo o que estiver ao meu alcance para ter em mãos os papéis. Macha! Donia! Deem-me meu chapéu, meu casaco e mandem atrelar os cavalos imediatamente!

Tâmara procurou sustentá-la e a conduziu ao gabinete contíguo.

– Não se agite dessa maneira, Olga Petrovna; é uma dor inútil. Mas, diga-me, em que banco foram colocados os seus recursos?

A velha citou o nome do estabelecimento.

– Felizmente eles estão nesse banco. O diretor é amigo de Magnus. Vou enviar-lhe uma mensagem, pedindo que ele mande liberar, com urgência, os papéis. É um homem prestativo e bom, que facilitará as coisas. Por outro lado, para não perder tempo, tome minha carruagem que está aí embaixo. A senhora me autoriza a utilizar a sua, caso necessário?

– Obrigada, obrigada, querida Tâmara Nicolaevna. Que Deus a abençoe pela sua energia e presença de espírito.

Logo que partiu a velha senhora, Tâmara retornou ao quarto de dormir para apanhar sua saída de baile, as luvas e o leque. Decidira partir imediatamente. Por nenhum preço, queria servir de madrinha àquela criatura sem brio, e apertar a mão daquele especulador. Fingir uma amizade sincera por aquele casal abjeto ultrapassava os limites de suas forças. Natália estava sentada ao assoalho, sustentada por uma camareira que lhe fazia respirar um frasco de sais. Todo o seu corpo se sacudia num soluço convulsivo e sua face inchada estava coberta de placas vermelhas. Dos olhos intumescidos escorriam, ainda, grossas lágrimas.

A moça contemplou-a por um momento com desgosto e horror. Não sentia nem uma sombra de piedade por aquela miserável criatura que preferia deixar-se pisotear na lama, do que perder um marido. Sem responder, nem mesmo prestar atenção ao que lhe

dizia Natália, Tâmara apanhou suas luvas, o casaco e deixou o aposento. Para chegar ao vestíbulo era preciso atravessar o salão, no qual se encontrava Polenov. Lá estava ele, com os braços cruzados, uma expressão de brutal certeza no rosto, já com o seu uniforme de gala, a caminhar de um lado para outro.

– Ah! Já está preparando para ser comprado – pensou Tâmara,atravessando a sala como se estivesse vazia.

O jovem oficial avançou com vivacidade para ela, e disse:

– Como? Já vai embora, baronesa? Mas a senhora é a madrinha da noiva – disse, estendendo-lhe a mão.

Tâmara parecia não ter visto o gesto. Mediu o jovem oficial com um glacial olhar de desprezo.

– Sim, vou-me embora. Aliás, não está ainda decidido se o casamento vai ou não se realizar.

Uma expressão indecisa e desapontada perpassou, por um instante, o rosto de Polenov, mas, recuperando-se logo, disse com convicção:

– Esteja certa de que se realizará.

O sangue orgulhoso de Tâmara recomeçou a ferver. Toda a dureza acerba que lhe era própria em tais momentos vibrava na sua voz e fuzilava em seus olhos, quando ela respondeu.

– Tem razão. O senhor será pago. E, na verdade, em vista do elevadíssimo valor que Natália atribui à sua honrada pessoa, o senhor foi muito modesto. Por que não exigiu o dobro? Talvez Olga Petrovna concordasse, mesmo sangrando até a última gota de seu sangue. Quanto a mim, vou-me embora, sim. Repugna-me assistir a essa lúgubre comédia e servir de madrinha a uma mulher que não tem sequer dignidade suficiente para botá-lo porta afora.

Ainda que provido de um rosto duro como de bronze, Polenov corou e se perturbou ante o insulto. Tâmara percebeu-o e sentiu íntima satisfação. Virando-se bruscamente, saiu e se fez conduzir à casa de Nadina, à qual contou o que acabava de acontecer.

– Por favor, Nadiucha, vai lá e me substitui. Não impeça que tal felicidade aconteça. Você tem os nervos mais fortes; eu sou incapaz disso. Aquelas duas personagens me inspiram tal desgosto, que não posso me constranger nem mesmo a demonstrar-lhes certa polidez.

Nadina riu de chorar.

– Ah! Tatá, você é mesmo de uma ingenuidade incorrigível. Uma coisa tão simples, que se faz todo dia, põe você fora de si! Agora, acalme-se. Eu vou substituí-la, pois não podemos deixar na mão a nossa pobre Natália.

Magnus ficou perplexo, ao ver chegar sua mulher tão cedo e tão alvoroçada, mas, ao tomar conhecimento das razões de sua volta para casa e de suas emoções, disse com um sorriso:

– Nadina tem razão. É em vão que você se aflige, minha querida, e faz tanto barulho por causa de uma bagatela. Não é nenhuma novidade que as mulheres costumem ficar tão pressionadas para se porem ao abrigo de um nome, que lhes assegure, com um pouco de prudência, absoluta liberdade de ação. E é não menos sabido que os homens vendam caro sua liberdade... nominal. Na verdade, eles não se incomodam, nem antes, nem depois do casamento. Quanto a Polenov, sou capaz de dizer-lhe as razões de sua indelicada insistência. Ele tem uma amante que sustenta há muitos anos. Tendo sido informada que ele ia casar-se, essa pessoa ameaçou-o com um escândalo público, se ele não lhe pagasse 10.000 rublos antes do casamento. O ajudante-de-campo está crivado de dívidas e teve a má sorte de perder vários excelentes partidos. Que fazer? Conhecendo Natália e, convencido de que ela não o deixaria jamais, exigiu o pagamento do dote. Poderá, assim, indenizar a amante e ainda ficar com um capital bastante sólido, com o qual possa pagar suas dívidas e endireitar sua vida.

– Mas como você sabe disso tudo? – perguntou Tâmara perplexa.

– Foi Arsênio quem me contou. Ele sabe de todas essas histórias escandalosas, mesmo porque presenciou, por acaso, uma rixa entre

Polenov e sua beldade, que é uma ex-costureira. E, agora, não pensemos mais nessa gente. Vai mudar sua roupa, minha querida, pois vou ler para você um artigo muito interessante que encontrei no último número da *Revista dos Dois Mundos*[28].

Mas a natureza impressionável de Tâmara havia sofrido um choque violento demais para que ela pudesse recuperar logo em seguida o sangue frio. O dia todo seu pensamento e suas palavras revolveram em torno do incidente ocorrido pela manhã e, mesmo à noite, já deitada para dormir, a lembrança de Natália e Polenov perseguia-a como um pesadelo.

Inquieta e sem poder dormir, apanhou um livro de viagem que o Conde de Rougement lhe trouxera na véspera e se pôs a ler. Ao virar uma página, uma folha de papel escorregou de dentro do volume. Julgando tratar-se de um marcador de páginas, Tâmara fez menção de recolocá-lo no lugar, quando algumas linhas, manuscritas em letra que lhe era familiar, chamaram sua atenção. Ela as percorreu maquinalmente e um vivo rubor subiu-lhe às faces. O bilhete era de Nadina, assinado com todas as letras, e o tom, bem como o conteúdo da missiva, não deixavam dúvida alguma sobre a natureza das relações de Madame Kulibine com o jovem diplomata.

O Conde de Rougemont se tornara visitante assíduo à casa de Magnus. Tâmara notou logo que era ele mesmo o ímã que atraía o jovem. A barreira intransponível que ela sabia erguer em torno de si, ainda que com as melhores demonstrações de amizade, forçava o conde a uma prudência reservada, mas, cansado de todas as mulheres tolas e frívolas que só sabiam falar de amor ou difamar o próximo, procurava avidamente a companhia de Tâmara e sua conversação brilhante, variada, inteligente, que lhe fazia esquecer as horas. A baronesa também gostava de conversar com Rougemont e o considerava um amável e galante cavalheiro e, segura de si mesma, divertia-se com o interesse que lhe inspirava. A negligência com a qual ele deixava circular uma carta tão comprometedora desagradou-lhe e ela resolveu dar-lhe uma

pequena lição de discrição.

A primeira vez que o conde a visitou e que se encontraram a sós no gabinete, Tâmara estendeu-lhe o livro e disse com um sorriso significativo:

– O senhor é muito imprudente, conde, e empresta seus livros um tanto precipitadamente. Este aqui contém uma carta que li por acaso, pois estava aberta, e que está assinada por Nadina. Confesso que tinha melhor impressão a respeito de sua discrição para com as mulheres casadas que confiam em sua honra.

O conde corou fortemente.

– Queira perdoar-me, baronesa. Reconheço-me culpado de inqualificável negligência, mas somente perante a senhora, cuja severidade puritana deve ter ficado chocada com a leitura desse bilhete. Outras leitoras, a começar por Madame Kulibine, teriam ficado deliciadas. Além do mais... – continuou alçando os ombros – a senhora não imagina de que fúria de escrever são possuídas as damas. A gente acaba por esquecer que fim levaram as inúmeras cartas, mais ou menos francas, com as quais elas nos assediam.

– Eu o compreendo, conde, e, na minha opinião, trata-se aqui menos de cautela em relação a uma mulher que se estima, do que pelo marido que sempre acolheu o senhor com amizade e confiança. Não seja tão desdenhoso, Senhor Rougemont, em relação a essas desventuras conjugais – acrescentou ela com um sorriso –. Quando o senhor casar-se, também abrirá sua casa aos bons amigos, que poderão dizer de sua esposa o mesmo que o senhor acaba de dizer da esposa do Coronel Kulibine. O senhor não estará mais garantido do que qualquer outro de um dia também ser traído pela sua mulher. Como o senhor sabe, o rei Francisco I disse: “A mulher muito varia; bem tolo é aquele que nela se fia”.

O rubor do conde mudou para um tom púrpura.

– A senhora é cruel nas suas previsões, madame, mas não aconselho ninguém a atritar-se comigo dessa maneira, se for o caso

– disse ele um tanto irritado.

– Com que direito o senhor acredita escapar à pena de talião? E o senhor será impotente ante o homem sem fé que lhe apertará a mão, enquanto o engana e zomba do senhor. Mas por que não atentamos para tais coisas senão quando elas se aplicam a nós mesmos? Por que não desejamos admitir antecipadamente que o amigo infiel que estende a mão criminosa na direção da alma do lar, a esposa, a mãe, deprava essa mulher e destrói a paz e a honra da família, que comete um roubo pior do que o de uma bolsa, que infiltra o veneno da depravação e da discórdia e, com frequência, empurra definitivamente uma alma pelo caminho da perdição.

– Eu nunca me casarei, em parte, para evitar esses inconvenientes, mas, principalmente, porque a mulher que amo, a única cujo estranho encanto e espírito sutil poderiam atuar sobre meu temperamento e transformá-lo, não quer nada comigo!

Ele inclinou-se e seu olhar inflamado mergulhou nos olhos da moça, com uma expressão que, mais claramente do que as palavras, dizia a quem se referia ele.

Tâmara enrubesceu, mas seu olhar límpido sustentou o de seu interlocutor.

– Se o senhor ama a uma jovem cujo coração esteja livre, sempre há esperança de conquistá-la, e estaria errado se não o fizesse, pois somente a vida em família, a afeição unida à estima lhe proporcionaria o repouso que a vida desordenada jamais poderá oferecer. Mas se a mulher que lhe parece tão desejável está separada do senhor por um obstáculo de natureza moral, mesmo sua posse não lhe trará felicidade duradoura. No momento em que ela sucumbisse à tentação, perderia o estranho encanto que o fascina. Juntamente com a estima, extingue-se a auréola de que fala o senhor e ela não seria mais do que uma vulgar amante, que lhe encheria de tédio, como essas damas que o assediam com as cartas. Se verdadeiramente essa dama tem o espírito sutil que o senhor lhe atribui, ela não quererá, certamente, descer do seu

pedestal – concluiu ela com um fino sorriso.

Interrompida por alguém que chegava, a conversa ficou nesse pé. Mas, alguns dias mais tarde, o conde voltou e anunciou a Tâmara, com um sorriso, que vinha despedir-se.

– Suas palavras me impressionaram, baronesa, e desejo experimentar se, de fato, o amor honesto e legítimo é capaz de proporcionar felicidade. Minha família criou uma órfã, nossa parenta. Eu a conheço desde a infância e sei que é uma menina pura e piedosa, que promete ser uma esposa perfeita. Ela me ama, e é desejo ardente de meus parentes próximos ver-nos unidos, mas sempre me recusei a realizar tal projeto. Agora, consegui uma licença e estou de volta a Paris. Se eu chegar a simpatizar-me com Bérangère, e se ela ainda me amar, eu a desposarei.

– Aí está uma boa e sábia decisão e desejo firmemente que sejam felizes – respondeu Tâmara, apertando-lhe a mão –. Conte com a minha amizade e mande-me notícias.

Cerca de um mês após a partida do conde, ela recebeu uma carta, na qual ele participava-lhe seu noivado.

"Sinto-me verdadeiramente feliz e calmo" – escrevia ele. "O amor tímido e casto de Bérangère me reanima como o ar puro, após a permanência numa estufa. Ela me faz lembrar outra mulher, igualmente pura, porém mais enérgica, que jamais esquecerei, e que me impeliu a esse novo caminho. Nosso casamento será celebrado logo e, conforme desejo de meu avô, deixo definitivamente a carreira, para viver em minhas terras, como um nobre rural."

Quinze dias após haver recebido essa carta, Tâmara preparava-se para ir à casa de Madame Raban, que estava indisposta, quando chegou, inesperadamente, Nadina com a pequena Lisa.

As faces afogueadas, a boca crispada, a superexcitação nervosa da moça levaram a baronesa a compreender, ao primeiro olhar, que algo extraordinário acontecera. Sem dizer palavra, conduziu a

visitante ao seu gabinete e fechou a porta.

– Que aconteceu, Nadina? Que aspecto tem você!

– Venho pedir-lhe um favor, Tâmara, e se você tem por mim uma parcela de amizade, você me dará imediatamente mil rublos, que me são necessários.

A baronesa pensou, a princípio, que Nadina contraíra de novo uma dívida junto a algum fornecedor, situação embaraçosa, da qual já a livrara anteriormente, mas, subitamente, outra suspeita ocorreu-lhe.

– Por que você quer mil rublos?

– Para ir-me embora daqui. Esteja tranquila; eu lhe devolverei esse dinheiro, mas preciso dele imediatamente.

– Se eu conhecer o objetivo de sua viagem, certamente não lhe recusarei essa pequena importância. Para onde você quer ir e por que seu marido não lhe dá o dinheiro?

– É preciso que eu vá a Paris. E não direi nem mais uma palavra sobre isto a você! – exclamou Nadina exasperada e explodindo em soluços convulsivos.

– Então, sou eu quem vai dizer o resto, bem como a finalidade de sua viagem. Você vai correr atrás do Conde de Rougemont que, cansado de suas loucuras, vai casar-se!

Nadina saltou do divã. Com a face descomposta, o chapéu atravessado, os olhos injetados de sangue, tinha a aparência de uma doida.

– Sim, o miserável traidor escapou, pretextando problemas de família! – exclamou ela com uma voz sibilante –. Soube hoje que ele está renunciando à sua carreira para casar-se. Mas, espera! Eu saberei como impedir que isso aconteça. Quero ver se ele se atreve a casar-se em minha presença. Tenho mais direitos sobre ele do que essa hipócrita!

– Você não tem direito algum. Esse homem é livre e você é uma mulher casada e mãe de família – disse Tâmara, severamente –.

Será que você não tem nenhum sentimento de vergonha, para pensar em um escândalo público, fugindo de casa para correr atrás de um homem que não quer saber mais de você e que, simplesmente, porá você portas afora? Ele deixou bem claro que seu amor tornou-se para ele uma carga da qual ele deseja desembaraçar-se... E você ainda quer levar mais outro contra?

Nadina atirou-se de novo ao divã e, mergulhando a cabeça nas almofadas, recomeçou a soluçar.

A pequena Lisa, assustada e intimidada, pôs-se a chorar também. Tâmara acalmou-a. Em seguida, voltando-se para a sua antiga colega de escola, tentou persuadi-la.

– Acalme-se, Nadina, e seja razoável. Você não pode ser ingrata dessa maneira com seu marido, que a desposou honestamente, sem nenhum interesse material, para sacrificá-lo a um homem frívolo, que jogou com a sua honra! Apaga da sua lembrança essa página vergonhosa da sua vida. Retome aos seus deveres e esqueça o conde, que tão cruelmente a humilhou e que não mais a ama, como você pode verificar por esta carta que recebi há poucos dias.

Madame Kulibine empertigou-se, como que movida por uma mola, e, arrancando a carta das mãos da amiga, concentrou-se na leitura. Raiva e ciúme devoravam-na e tornavam seu rosto crispado, irreconhecível.

– Não, quero ir ao encontro dele e hei de ir, custe o que custar – exclamou ela com os olhos faiscantes e tomando a mão de Lisa, que resistia aos gritos.

– Nadina, pelo amor de Deus! Você não sabe o que está fazendo e vai arrepender-se dessa impetuosidade. É fácil deixar o lar conjugal, mas é bem difícil retornar a ele.

– Eu não quero retornar ao lar. Quero rever Roger, mesmo que tenha, diante do altar, de me atirar entre ele e essa moça que ousa roubá-lo de mim!

– Então, deixa, ao menos, a criança! – disse Tâmara indignada e assustada.

Jamais vira, sob aspecto tão hediondo, um ser dominado por suas desordenadas paixões.

Em verdade, Nadina perdera, por completo, o controle de si mesma. Era a primeira vez que colhia a amarga decepção que habitualmente resulta do adultério. Mas, por sua natureza, sem princípios, inebriada pelo gozo e incapaz de renunciar àquele que lhe agradava, ela obstinava-se contra o inevitável com uma teimosia cega. Arrancando com violência a criança das mãos de Tâmara, saiu como um furacão. Trêmula e aturdida, a moça deixou-se cair numa cadeira, mas, ao cabo de um instante, sacudiu de si aquela prostração e correu a ver Magnus, que estava escrevendo umas cartas.

Ao ver entrar impetuosamente sua mulher, o barão deixou a pena sobre a mesa e ouviu atentamente sua narrativa, um pouco incoerente, que ela encerrou pedindo-lhe um conselho para impedir o escândalo.

– O que você quer que se faça para deter uma doida enraivecida como essa? Fechá-la a chave é muito difícil. Ela não conhece freio moral; casou-se para ter título e conforto. Os filhos são para ela apenas um mal inevitável. Com o que você poderá prender uma mulher desse tipo, uma vez que ela não cedeu à persuasão?

– É necessário, então, escrever imediatamente ao Coronel e prevenir-lhe do escândalo que se prepara. Ele tomará as providências que julgar necessárias.

Magnus tentou dissuadi-la do projeto, que considerava inútil, mas, notando a irritação de Tâmara, cedeu e logo se expediu uma carta ao Ministério, onde trabalhava Kulibine.

– Pelo menos ele não lhe permitirá levar a criança que ela arrasta consigo não sei por que – observou Tâmara com satisfação.

Um fino sorriso perpassou pelos lábios do barão.

– Quem sabe? Ela tem, sem dúvida, razões bem graves para levar Lisa. A menina representa, talvez, o principal argumento para vencer a revolta do conde.

Tâmara, que o fitava perplexa, enrubesceu fortemente e, sem nada dizer, deixou o gabinete.

Cerca de sete horas da noite, o Coronel Kulibine apresentou-se e foi recebido pelos jovens esposos com o mais cordial interesse.

– Agradeço-lhe a boa e leal intenção de me prevenir – disse ele, beijando a mão de Tâmara –. Infelizmente, seu aviso chegou tarde demais. Habitualmente, encontro-me no Ministério até as cinco horas, mas hoje sai às três horas, para despachar em sua casa, com o meu chefe, que está de cama. Sua carta foi enviada à minha casa, onde a encontrei ao chegar, e, ao mesmo tempo, fiquei sabendo que minha mulher partirá no trem das cinco horas, levando Lisa com ela.

– Talvez fosse possível telegrafar para detê-la na fronteira – arriscou Tâmara.

– Não, não – respondeu o Coronel com um gesto brusco –. Que ela se vá, com a graça de Deus. Há muito tempo estou cansado do inferno que essa mulher criou para mim, sempre pressionada para sair, sempre arrumada para os estranhos e constantemente suja e desleixada para mim. Há muito que está rompida qualquer ligação moral entre nós. Suas despesas, suas loucuras, sua culposa indiferença acerca das crianças minaram minha paciência. Sou-lhe quase reconhecido por haver-me livrado de sua presença. Estarei mais tranquilo e as crianças só teriam a lucrar, se ela me tivesse deixado Lisa. O que me magoa é que ela tenha levado a filhinha para arrastá-la ao imprevisto de suas aventuras.

Ele calou-se e cobriu os olhos com a mão. Dor e amargura refletiam-se em sua face pálida e desfeita. Com tristeza e compaixão, o jovem casal contemplava o desventurado homem que, atormentado e levado aos limites de sua resistência, nem mesmo chorava sobre os destroços daquele lar que constituíra, sem cálculo

nem interesse, esperando somente encontrar ali um abrigo calmo e a afeição da família.

O Coronel era um homem de meia idade, calvo e um tanto obeso. Faltavam-lhe, sem dúvida, a beleza provocante e a elegância de Rougemont, mas seu porte marcial, a franca lealdade de suas maneiras e a extrema bondade que se identificava em seus grandes olhos castanhos tornavam-no simpático.

O penoso silêncio que então se fez foi interrompido por um criado, anunciando que um homem precisava falar urgentemente com a baronesa. Ao entrar no vestíbulo, Tâmara notou, com espanto, um mensageiro que trazia uma carta na mão e uma criança adormecida nos braços. Muito agitada, ela abriu a carta, que continha as seguintes palavras: “Devolva Lisa ao pai dela. Mudei de ideia e não desejo arrastar comigo esse fardo inútil. Nadina”.

Depois de gratificar generosamente o mensageiro, a moça tomou a criança que acordara e, muito feliz, envolvera o pescoço de Tâmara com seus bracinhos. Em seguida, Tâmara voltou rapidamente ao salão.

– Levante a cabeça, Pitr Michailovitch – exclamou ela, alegremente –. Veja, trago-lhe sua pequena Lisa. Graças a Deus, ela se tornou um fardo muito embaraçoso para sua mãe. Eis sua carta!

Kulibine empertigou-se vivamente e, sem mesmo olhar para a carta, agarrou a menina e cobriu-lhe de beijos, mas uma lágrima silenciosa, que rolou pela sua barba, provava que seu coração estava cheio de amargura. Após uma hora de conversa, o Coronel despediu-se, Tâmara e o marido permaneceram sob o peso daquela triste impressão e a moça não podia pensar em nada mais senão naquele pobre homem e no pungente sentimento com o qual ele deveria ter entrado na casa vazia, abandonada pela esposa indigna, que deveria ser ali a alma e o ornamento.

No dia seguinte, à noite, enquanto se preparava para dormir, Fanny contou à sua patroa que a camareira de Madame Kulibine, que ela conhecia, viera vê-la e saber se podia arranjar-lhe emprego,

pois o Coronel resolvera despedi-la no fim daquele mês. Contara também que a fuga de Nadina já era conhecida de todos. Ela entrara em casa, como que alucinada, depois de uma ida à cidade, e mandara sua camareira penhorar várias joias, suas imagens de santos, ornadas de pedrarias, seu abrigo e o casaco de peles. Além disso, havia conseguido 100 rublos com o porteiro e 75 com a cozinheira. Não era segredo para ninguém que ela ia atrás do Conde de Rougemont. A narrativa encheu Tâmara de desgosto, ao mesmo tempo em que estava curiosa e inquieta por saber como terminaria tudo aquilo para Nadina e para o conde.

O incidente causara uma impressão tão penosa na moça, que durante oito dias ficou em casa, sem desejar ver ninguém. Ao receber, porém, um bilhete de Catarina, que dizia estar indisposta e a convidava a vir vê-la, ela resolveu ir à casa da amiga na manhã seguinte.

A princesa ainda estava deitada e Tâmara ficou chocada ante a grande mudança que se operara nela e que nunca notara até aquele momento. Parecia ter envelhecido, a pele amarelada, a fisionomia descorada, os olhos ternos marcados pelas olheiras. Profundo esgotamento parecia haver tornado conta de todo o seu ser. À vista de Tâmara, deixou cair sobre o leito um livro de capa amarela, cujo título indicava ser um dos mais picantes romances naturalistas da época.

– Obrigada por ter vindo, mas não olhe Zola assim de soslaio. Ele pinta bem as pessoas, segundo a natureza – disse atraindo Tâmara a si e abraçando-a fortemente.

Esta nada disse e sentou-se junto ao leito. Começaram a conversar e, muito naturalmente, o tema foi Nadina e sua escandalosa escapada.

– Não sei realmente o que desejar numa situação dessas – disse a baronesa com um suspiro. Lamento pelo conde, se ela conseguir destruir o seu casamento, tornando-o infeliz, tanto quanto sua inocente noiva. Por outro lado, se Nadina não conseguir colocar-se

junto dele como amante, ou a fazer-se desposar, caso Kulibine se divorcie, o que será feito dela? Ela cortou suas amarras e sua vida tornou-se impossível aqui.

– Rougemont não se deixará recapturar, mesmo que seu casamento seja desfeito. Ele estava desgostoso de Nadina e, com uma mulher que não mais ama, o homem é impiedoso. Quanto a mim, penso que ela retornará ao seu marido.

– Será que ela vai ousar fazer isso? Ele vai expulsá-la!

– Ah, não. Kulibine é um bom homem e não é o primeiro e nem será o último a deixar-se comover pela arrependida. Além disso, será um ato cristão. Ela será considerada com certas reservas pela sociedade, mas até isso, com o tempo, será esquecido, se ela tiver a coragem de ignorar as afrontas que lhe farão de início. Ah, a vida... a vida...! Se soubéssemos o que ela nos reserva, seria preferível esforçarmo-nos. Você se lembra, Tâmara, da véspera de nossa saída do colégio? Como discutimos o futuro! Cada uma de nós o imaginava de uma forma, sonhava-o todo cor-de-rosa. Pois, nove anos se passaram desde então e quantas mudanças, quantas decepções!

– Que amargura, Catarina! Será você mesma que estou ouvindo, você que se sentia tão segura de que armada com a riqueza e considerando a vida do ponto de vista impiedosamente prático, seríamos invulneráveis? – perguntou Tâmara perplexa.

A princesa deixou-se abater sobre as almofadas e fitou sua antiga companheira com um demorado olhar fatigado.

– A julgar pelos resultados, minha teoria não valia nada. Por você, a idealista, o tempo passa sem deixar sinais. Apesar dos desgostos que você teve, ninguém lhe daria mais que dezoito anos, com essa pele deliciosa e esse frescor juvenil que emana de todo o seu ser. Nós, as de espírito prático, estamos envelhecidas, desgastadas, enfaradas de tudo. E, no entanto, temos a mesma idade que você. Juro-lhe, a vida é abominável, quando a nada se ama e a nada se estima, quando o futuro somente promete a saciedade e que nos

faltam forças até mesmo para inventar meios de matar o tempo e esquecer esse vazio sem fim. Mas, você não me compreende, você não pode me compreender...

– Você se engana, Catarina. Eu a compreendo e lamento. O aspecto juvenil que conserva minha aparência exterior devo-o à paz, à harmonia que sempre reinou em mim. São as paixões, mais do que os anos decorridos, que reagem sobre nosso organismo; as paixões usam, corroem e devoram antes do tempo. O equilíbrio da alma, mesmo sob condições desfavoráveis, sustenta e conserva nossas forças físicas e morais. Mas, diga-me uma coisa: se você compreendeu a falsidade de suas teorias e o vazio de sua existência, por que não procura mudar as coisas? Você é mais velha do que eu apenas um ano, logo, tem vinte e seis anos. Não é tarde para tomar um caminho novo!

A princesa ficou em silêncio por alguns momentos e, depois, com um ar desanimado, deixou-se cair novamente sobre os travesseiros.

– Minha vida ficou tão radicalmente estragada que não vale nem a pena tentar refazê-la. Estou acorrentada a Arsênio, que não me ama. Ele seria capaz de fazer até a mulher menos exigente desgostar-se do casamento. Tão galante e amável em sociedade, ele é rude, extravagante e abominável na vida íntima. Botei a corda ao pescoço com esse casamento. Você deu, de fato, demonstração de rara sabedoria ao desposar um paralítico.

– Posso entrar sem perturbá-las, Madames? As senhoras estão tratando de algum problema de Estado? – perguntou, nesse momento, uma voz, enquanto a face sorridente de Nina Alexandrovna apareceu à porta entreaberta.

– Venha, venha e seja bem-vinda, mas por que razão você está aqui a essa hora da manhã? – perguntou Catarina.

– Por uma razão muito séria: Emílio está doente e repousa em casa – respondeu Nina, instalando-se numa cadeira.

– Sua razão não parece muito importante, cara Nina, mas onde

está seu marido? – observou Tâmara.

Madame Fluresco enrubesceu fortemente e franziu as sobrancelhas.

– Vejo que você me condena, Tâmara Nicolaevna. Que quer você? Nem todos têm a força de ser o dever personificado – respondeu ela com mal contida violência –. Mas você seria mais indulgente se soubesse como esse homem é insuportável, quando fica em casa, doente, sofrendo de suas dores de cabeça ou do reumatismo das pernas. É um inferno e meu único recurso é fugir. Agora reconheço que você tinha razão, ao tentar demover-me desse casamento e que eu estava loucamente teimosa, mas, pelo menos, deixo-o esbravejar sozinho. Já me basta o esforço de fazê-lo acalmar-se, quando está embriagado e não tenho como escapar.

– Eu simplesmente me fecho, quando Arsênio está de mau humor e ele é suficientemente razoável, deixando-me dormir em paz, contentando-se em atormentar Basílio e Taranti, seus dois camareiros – disse Catarina, rindo.

Nina suspirou.

– Meu tesouro é menos acomodado. Se não está meio embriagado, o que acontece com mais frequência quando volta de algum almoço ou jantar, começa a lamentar amargamente sua sorte miserável. Depois me injuria, dizendo que tem uma mulher cheia de defeitos, sem coração, que o deixa sem dinheiro, não paga suas dívidas, não compartilha seus sofrimentos... Suas lamentações terminam com a resolução de suicidar-se. Então, ele sai procurando um revolver, mas, por um feliz acaso, nunca apanha um que esteja carregado...

Houve uma explosão de risos e, uma vez serenada a hilaridade, Nina recomeçou com bom humor:

– De outras vezes, Emílio é menos trágico. Tem então um ataque musical. Como vocês sabem, ele tem uma bela voz e canta com gosto mas, nesses momentos, desafina que é um horror, com as

suas intermináveis queixas, e eu tenho que acompanhá-lo.

– Você devia deixá-lo sozinho!

– Isso é fácil de dizer. Ele é feroz e não me deixa dar um passo. Mas, o que é mais triste é imaginar o futuro. Às vezes, ele fica de tal maneira enfraquecido que, literalmente, não se aguenta das pernas e, então, toma injeções de morfina. Por um breve espaço de tempo fica como que metamorfoseado, retoma sua alegria e seu vigor, mas, a longo prazo, não sei o que farei dele se esse envenenamento continuar.

Tâmara observou, com espanto, que, ao ouvir essas palavras, Catarina enrubesceu como um camarão e mudou bruscamente de assunto.

– Quando você está pensando ir para o campo? – perguntou ela a Tâmara.

– Logo em seguida à Páscoa. Magnus está sempre doente já há algum tempo e o médico espera que o ar puro o fará recuperar-se.

– A propósito, você sabe que eu vou ser sua vizinha, Tâmara Nicolaevna? Estou negociando a aquisição de uma propriedade na Finlândia, que limita com a do barão – exclamou Nina.

Observando que as duas amigas absorviam-se na discussão das belezas pitorescas e no conforto do castelo que a princesa se propunha comprar, Catarina sugeriu que passassem ao salão, pois ela queria levantar-se.

– Catarina está com mau aspecto e parece esgotada! – observou Tâmara, já no aposento contíguo.

– Dentro de meia hora ela estará conosco, fresca como uma rosa e alegre como um passarinho. Não se admire, baronesa. Aqui entre nós: ela também toma injeções de morfina e está de tal maneira habituada que, sem esse veneno, a vida parece extinta nela.

– Mas que horror!

– Sim, mas não há o que consiga convencê-la do contrário.

Quando Madame Ugarine entrou, cerca de meia hora mais tarde, o brilho febril nos seus olhos e a brusca animação de seus gestos e de suas palavras não deixaram dúvida alguma em Tâmara sobre a verdade da confidência de Nina.

Oito dias após essa conversa, Catarina encontrava-se, de novo, e mais gravemente, indisposta. Informado pelo médico de que a doença de sua mulher, ainda que dolorosa, não era grave, pois sofria de um abscesso na axila, Arsênio foi visitá-la. Mas a face macilenta e desfeita, os cabelos desgrenhados e os surdos gemidos que ela deixava escapar, apoiada nos travesseiros, tudo aquilo pareceu ao príncipe tão pouco estético que ele se retirou mais depressa do que tinha vindo. Até a sua própria casa parecia-lhe, então, odiosa e ele resolveu ir à casa de Magnus, ainda mais que era portador de uma notícia que sabia ser do interesse de Tâmara.

Ugarine foi levado a um pequeno gabinete contíguo ao quarto de dormir da baronesa, onde seu primo conversava com o almirante.

– Onde está Tâmara Nicolaevna? – perguntou ele, logo após os primeiros cumprimentos.

– Ela está indisposta em seu quarto, onde Madame Raban lhe faz companhia – respondeu Magnus.

– Nada perigoso, espero eu. A baronesa está de cama?

– Não. Ela resfriou-se no cemitério, onde ficou durante muito tempo a arrumar a sepultura de seu pai e há dois dias eu estava bastante preocupado com ela, mas hoje está bem, graças a Deus! Só que está muito enfraquecida e o médico aconselhou-a a repousar e, por isso, está descansando no leito.

O príncipe sentou-se com um ar distraído, tentando ouvir o que se passava no quarto contíguo. Ouvindo o riso argentino de Tâmara, aproximou-se da porta e exclamou, através do cortinado:

– Saudações às senhoras!

– Bom dia, Arsênio Borissovitch – responderam alegremente.

– Não se pode cumprimentar a bela doente?

– Se Magnus permitir, por que não? – disse Tâmara, rindo.

– Você ouviu! – disse o príncipe, voltando-se para o primo. Recorro, pois, à sua complacência e solicito sua autorização para saudar a baronesa e distraí-la um pouco, uma vez que você e o almirante abandonaram-na!

Um sorriso de indefinível ironia errou pelos lábios do barão.

– Vai, vai. Sei que depois que você conheceu minha mulher, minha companhia perdeu todo o valor para você.

– Ora! Que insinuação! Dar com uma das mãos e retirar com a outra não é nada bonito! – respondeu o príncipe, desaparecendo atrás do cortinado.

Com estranha emoção, Arsênio penetrou no santuário íntimo da adorável moça pela qual, sem se dar conta, era cada vez mais perigoso o seu interesse.

Era um vasto aposento decorado de seda azul-safira, mobiliado com divãs e poltronas baixas, macias, convidativas ao repouso. Sobre a penteadeira, toda decorada de rendas, via-se um grande espelho com moldura de prata, encimado pelo brasão entalhado dos Lilienstierna. Os retratos de Ardatov e de Cederstedt adornavam as paredes.

Uma grande lâmpada com abajur branco estava sobre a mesa, de modo a não incomodar a doente. Uma doce luminosidade clareava os objetos mais próximos, mergulhando o resto do cômodo em misteriosa penumbra.

A moça estava estendida no leito, vestida com um amplo penhoar de cambraia, guarnecido de rendas, e recostada em almofadas bordadas. Havia desfeito os cabelos, cujos cachos bem cuidados lhe caiam até os joelhos. Arsênio aproximou-se vivamente e beijou a pequena mão que ela lhe estendeu. Bastou-lhe um olhar para convencer-se de que Tâmara estava bem e que somente uma pontinha de febre acrescentava ainda um brilho diferente aos seus olhos. Jamais a vira tão sedutora e seu coração batia violentamente

quando, após saudar Madame Raban, instalou-se numa cadeira ao pé do leito, de onde podia contemplá-la à vontade.

Tâmara sentiu, mas do que viu, o olhar em fogo que ele fixara nela.

– Conte-me algo, primo, o senhor que está sempre bem informado sobre as novidades – disse a jovem para divertir-se de seu ligeiro mal-estar íntimo.

– Tenho, sim, uma novidade a contar-lhe, aliás, muito interessante, mas temo causar-lhe alguma emoção prejudicial.

– Bah, fale sempre, eu não sou impressionável.

– Na verdade, trata-se de uma pessoa pela qual a senhora nutre profundo rancor. O ajudante-de-campo Polenov foi morto hoje de manhã em duelo.

– Misericórdia! – exclamou Tâmara surpreendida, a despeito de si mesma, enquanto Madame Raban deixava escapar um grito.

– Que horrores vem o senhor contar às senhoras, príncipe, para fazê-las gritar desse modo? – perguntou, rindo, o almirante.

– Padrinho, Magnus, venham cá e ouçam essa notícia inesperada – exclamou Tâmara.

Depois que todos se reuniram e que Arsênio repetiu que Natália Polenov enviuvara, Madame Raban desejou saber se eram conhecidas as causas do duelo.

– Publicamente, não – respondeu o príncipe – mas eu posso dar-lhe, a respeito, informações perfeitamente autênticas. No inverno passado, Polenov cortejava com muita assiduidade a Senhorita Baeff, todos sabem, aquela loura espetacular que tanto sucesso fez em nosso baile a fantasia. Pensava-se, mesmo, que eles estivessem noivos, mas a moça não era rica; tudo o que ela possuía estava investido em imóveis e somente se podia tocar no que eles rendessem. Seja por isso, ou por outra razão qualquer, nada se definiu e, no verão, a Senhorita Baeff viajou para o exterior com a sua avó, que reside em Meran. No outono, Polenov despediu-se e também partiu. Sem dúvida, a bela jovem agradava-lhe bastante,

pois ele foi ao encontro dela em Meran, acompanhou as duas damas a uma excursão ao Lago Maior e encontrou meios de seduzir a moça. Após essa patifaria, ele regressou à Rússia e tratou de apressar seu casamento com Natália Antonovna, cuja fortuna era sólida e, o que era mais importante para ele, estava em disponibilidade. Todos aqui sabem como ele se arranjou. Tendo pago sua amante e suas dívidas, ele pensou encontrar-se em pleno paraíso. Estava casado e, portanto, livre de qualquer compromisso anterior, mas a coisa saiu diferente. Ao saber que seu sedutor desposara Natália Antonovna, a Senhorita Baeff contou a verdade aos seus irmãos e estes, indignados pelo insulto, provocaram Polenov. Haviam feito um acordo entre si de se baterem consecutivamente à medida que os primeiros tombassem mortos. Polenov não podia recusar o duelo sem ficar estigmatizado como um covarde. O duelo, por conseguinte, foi nessa manhã. Foi o irmão mais velho que, apesar de casado, bateu-se primeiro e, ainda que gravemente ferido, alojou sua bala no ventre do traidor. O ferimento foi mortal; após duas horas de atroz sofrimento, Polenov expirou e o cadáver foi levado à sua mulher que, dizem, está como louca. Quem me contou isso foi uma das testemunhas.

– Foi um covarde que recebeu o que mereceu – disse o almirante.

– Ele, sim, mas a pobre Natália é de lamentar-se. Ficar viúva três meses após o casamento é horrível! – acrescentou a Baronesa de Raban.

Tâmara calou-se. Na sua opinião, a conduta de Polenov era tão abominável, sob todos os aspectos, que seu coração orgulhoso se rebelava só de pensar que ela estava chorando por um marido que, algumas semanas antes do casamento, seduzira e abandonara outra mulher. De outro lado, porém, seu coração era bastante generoso para não sentir profunda compaixão pela sua antiga companheira de colégio. Apesar do desentendimento que tiveram, ela mantivera amistosas relações com a velha Madame Zarubine e resolveu enviar às duas senhoras uma carta de pêsames.

A avó respondeu logo, rogando-lhe que não guardasse nenhum rancor de Natália, apesar da desaprovação ao que havia testemunhado. “Ela se sente tão infeliz e tão desesperada, que estou sem saber o que fazer” – dizia a velha dama, no final da carta.

Na véspera do enterro, Tâmara compareceu à casa mortuária. Sabedora do temperamento exaltado de Natália e de sua absoluta ausência de dignidade, ela já esperava extravagâncias, mas o que viu ultrapassou todas as expectativas. Já ao entrar no salão, no meio do qual se encontrava o caixão, ela ouviu os gritos, os soluços entremeados de verdadeiros urros. A moça estremeceu: seria possível que Natália fizesse tamanha algazarra? Tomada de repugnância, ela se deteve e desejou orar pelo morto, cuja face crispada parecia conservar um reflexo dos sofrimentos de seus últimos momentos. Mal fizera o sinal da cruz, quando a porta abriu-se bruscamente e Natália, perdida em nuvens de crepe e seguida de duas velhas senhoras de aspecto choroso, atirou-se ao caixão. Debruçando-se sobre o morto começou a chamá-lo pelos nomes mais ternos. Em seguida, como que presa de mal-estar, ela se abateu sobre os degraus do estrado.

As duas velhas, que eram parentes pobres, esposas de modestos servidores, levantaram-na e, sustentando-a nos braços, levaram-na de volta à sala contígua.

“Que Deus me perdoe de condenar o próximo – pensou Tâmara, acompanhando a triste procissão para ir ao encontro de Madame Zarubine –, mas um excesso de desespero como este, por um marido morto pelos motivos que foi, é, certamente, tão ridículo como fora de propósito.”

Toda desfeita e lacrimosa, a velha dama apertou a mão de Tâmara.

– Veja – disse ela, chorando –. Há três dias que é isso, de manhã à noite. Sempre que quer vê-lo, ela se solta das mãos das minhas pobres primas e é preciso acompanhá-la à sala. Lá chegando, porém, não pode suportar a contemplação do defunto e sofre uma

crise histérica e nada se pode fazer para acalmá-la. Nem mesmo durante a noite, não há um minuto de repouso. Desde que esse golpe não a mate, ainda bem!

– Não, não. Não tenha receio disso, Olga Petrovna. Dores violentas assim esgotam-se rapidamente. Esteja certa de que Natália vai acalmar-se e tornar-se razoável. Deixe apenas que as tristes cerimônias se encerrem.

Enquanto as senhoras conversavam, chegou o sacerdote para a missa de corpo presente e todos se acercaram.

Ao regressar à sala maior, Tâmara notou entre os presentes Ugarine, Fluresco e Pfauenberg. Este último colocou-se ao lado da inconsolável viúva, precipitando-se para apanhar um copo d’água ou apresentando-lhe o frasco de sais sempre que ela perdia os sentidos. Com a mais afetuosa compaixão, ele a sustinha, quando Natália desfalecia em seus braços, e a conduzia, acompanhado por algumas senhoras.

– Veja que tocante devotamento! – murmurou Arsênio, inclinando-se para Tâmara, junto da qual se instalara, bem como Fluresco –. Começo a crer que Pfauenberg deseja consolar Natália Antonovna e herdar o que restar dos 50 mil rublos, a mansão em Peterhof e a propriedade perto de Poltava, que o pobre do Polenov teve de abandonar tão inesperadamente.

– É bem possível, pois uma viúva tão desesperada é algo raro em nossos dias e o bom Eitel Franzovitch deve sentir-se tentado a ser chorado um dia da mesma maneira. Dizem que ele sofre de uma lesão interna – retrucou Tâmara também em voz baixa.

E um clarão de zombaria iluminou seus olhos.

– Ah, muita coisa dizem do pobre Eitel. Ainda há pouco, surpreendi a conversa de duas velhas gordas ali à esquerda dos cantores. Pois bem, elas lamentavam a morte de Polenov, um homem tão belo, mesmo no caixão, e acusavam a sorte injusta que não ajudara aquele desventurado como protegera a Pfauenberg em situação

semelhante. Segundo aquelas senhoras, Pfauenberg provocara um pai ofendido, cuja filha ele cortejara e abandonara. No entanto, o duelo foi impedido pelas autoridades. “Foram os espíritos que avisaram o comandante e foi por amor ao protegido deles que não houve duelo, pois Eitel Franzovitch é um grande espírita e pode evocar os espíritos à vontade”. Foi esse o comentário daquela boa alma, com uma convicção tão profunda quanto pouco esclarecida.

A baronesa dominou, com esforço, a sua vontade de rir.

– Cale-se, príncipe. O senhor me induz a cair em tentação. Em vez de contar essas bobagens, melhor seria se orasse comigo por esse pobre morto, cuja alma deve estar bastante atormentada.

Duas semanas mais tarde, Tâmara e o marido deixaram Petersburgo para passarem algum tempo na propriedade da Finlândia, onde retomaram aquela vida calma de que ambos tanto gostavam, com os longos passeios na charrete conduzida por Magnus.

Apenas alguns hóspedes movimentavam ocasionalmente aquela solidão, pois os vizinhos raramente eram vistos.

A princípio, Nina e o marido vieram visitar a nova propriedade que haviam adquirido e ali passaram alguns dias. Em seguida, chegou o almirante e, mais tarde, Madame Raban, que antes de partirem, um para Vichy e a outra para Gostein, ficaram alguns dias com os amigos.

Nos primeiros dias de agosto, a quietude foi perturbada por uma grave doença de Magnus. A saúde do jovem, sempre vacilante nos últimos meses de inverno, parecia consolidar-se no ambiente campestre, mas depois, sem causa aparente, a doença que se escondia nele manifestou-se com violência.

O médico chamado declarou que o barão sofria de uma febre nervosa das mais perigosas, cujo prognóstico era-lhe impossível pronunciar.

Tâmara velava o marido, com absoluto devotamento, não deixando

sua cabeceira, lutando desesperadamente contra a morte, que queria arrebatá-lo. Jamais fora mais viva e mais profunda sua afeição por Magnus do que durante aquelas horas cruéis, quando ela julgava perdê-lo para sempre.

Os melhores médicos da capital foram chamados, mas, apesar dos tratamentos mais enérgicos, o estado do doente não melhorava e sua fraqueza, sempre crescente, pressagiava um fim fatal.

Já há quinze dias o barão estava doente, quando Ugarine, vindo à cidade, soube da notícia por um dos médicos que, juntamente com alguns colegas, havia sido chamado à Finlândia por Tâmara. O príncipe resolveu visitar logo seu primo. Ele não percebia que, maior do que seu interesse por Magnus, era o desejo de rever Tâmara, para a qual arrastava um sentimento cada vez mais poderoso. Foi o que lhe inspirou a decisão de ir.

Seriam umas sete horas da manhã quando ele chegou à estação, onde devia desembarcar e, à falta de condução, que não lhe fora enviada, pois se ignorava sua vinda, alugou uma das pequenas carruagens locais e chegou cedo à mansão, silenciosa como se estivesse abandonada. Um servo introduziu o príncipe no salão, onde encontrou Frederico, o camareiro que levava uma bandeja carregada de frascos de remédios e um prato cheio de gelo.

– Ah, senhor príncipe, a coisa vai mal! – disse o fiel servidor com lágrimas aos olhos –. Mas o doutor falou que hoje algo deve decidir-se e que, sem dúvida, o barão voltará a si.

– Onde está a baronesa?

– Ela está lá no quarto com a irmã de caridade. Queira seguir-me, Alteza.

Quando Arsênio levantou o cortinado do quarto de dormir, a obscuridade impediu-lhe, a princípio, de ver algo, mas a irmã de caridade, que preparava algumas compressas, notou sua presença e, aproximando-se, disse-lhe:

– A baronesa está cochilando. Ela está no limite de suas forças.

Nesse momento, o príncipe percebeu uma sombra esbran-quiçada estendida com a cabeça pendida numa grande poltrona, junto à cabeceira do leito. À luz de uma lamparina, que lhe iluminava fracamente o rosto, reconheceu Tâmara.

Como que despertada pelo olhar que a fixava, a moça abriu os olhos e, reconhecendo o príncipe, levantou-se logo e veio apertar-lhe a mão.

– Obrigado por ter vindo, primo, mas vamos ali para a varanda. Aqui não se pode conversar, porque ele está dormindo e, além disso, essa escuridão é tão penosa...

Caminhando à frente dele, ela o conduziu para o vasto terraço coberto por uma lona listrada e sentou-se numa cadeira de balanço, de junco, convidando-o a fazer o mesmo. O príncipe declarou que descansara durante a noite inteira e ficou apoiado ao balaústre. Falaram da doença e, ao informar como era precário o estado de saúde de Magnus, um véu úmido sombreou os olhos de Tâmara e algumas lágrimas desceram pelas suas faces pálidas. À luz do dia, podia-se ver como estava esgotada e emagrecida. Com um gesto fatigado, ela descansou a cabeça no espaldar da cadeira e ficou a pensar, com os olhos perdidos no vazio.

O príncipe a olhava, agitado pelas mais diversas emoções. Perplexo e despeitado, ele se perguntava se Tâmara amava realmente aquele paralítico, do qual trazia o sobrenome, ou se apenas um exagerado sentimento de dever a mantinha presa tão fielmente à sua cabeceira e a fazia chorar ante o mero pensamento de perdê-lo. Aquela frágil e diáfana criatura, de rosto ainda algo infantil, cujo corpo de sílfide se desenhava sob as dobras do penhoar, estaria isenta das fraquezas próprias de sua condição de mulher? Será que ela não percebia a paixão que inspirava nele, o perigoso dominador de corações femininos, o sedutor consumado, que jamais encontrara resistência quando desejava triunfar? Que era adulado, procurado pelas mulheres que buscavam suas boas graças? E aqui, um paralítico, um fantasma masculino, era seu rival

e ele não conseguia vencê-lo! E que inexplicável sentimento a mantinha a ele como que pregado àquela balaustrada, reservado e silencioso? Teria preferido, cem vezes, um entendimento pessoal e inesperado com a mulher que o fascinava, para dizer-lhe do seu amor ou, com a mão ousada, atraí-la a seus braços. Ali, no entanto, um abismo parecia separá-lo daquela que ele poderia, contudo, alcançar simplesmente estendendo a mão. É que, sem se dar conta, ele temia o olhar límpido e severo da moça, que parecia ler até os mais profundos refolhos da sua alma, que tinha horror ao vício e era honesta até às profundezas de seu coração. Estava intimamente convencido de que à menor temeridade que ele se arriscasse a praticar, seria expulso do paraíso e seu bom relacionamento com Tâmara estaria destruído.

– Por que o senhor me olha tanto, primo? – perguntou ela subitamente.

– Vejo com pesar que a senhora tem uma aparência doentia. A senhora se fatiga demais – respondeu ele, desviando o olhar.

– É verdade, estou muito cansada por causa das vigílias. Mas, não quer fazer sua refeição matinal, primo? A viagem deve ter-lhe despertado o apetite e eu também, creio, já há dois dias nada como. O senhor me faria companhia.

Ela levantou-se e, tendo expedido as ordens necessárias, pediu licença para ver como estava o doente. Arsênio seguiu-a com um demorado olhar, depois ficou a caminhar de um lado para outro no aposento. Se Magnus morresse – e isso era provável – aquela fascinante mulher ficaria livre. Ah! então, ele tentaria tudo para conquistá-la. Iria divorciar-se de Catarina e, desembaraçado dela, reconquistaria o coração que batera por ele, nas emoções do primeiro amor. Mas será que Tâmara o aceitaria, após o escândalo do divórcio? Ele conhecia seus escrúpulos e sua exagerada delicadeza. Furioso e despeitado, ante esse pensamento, estacou em frente à janela e, com um gesto nervoso, arrancou alguns cravos que desabrochavam num vaso de cristal.

– Por que é tão severo, Arsênio Borissovitch, e o que lhe fizeram minhas pobres flores para que o senhor as decapite dessa maneira? – perguntou, nesse momento, Tâmara, com ligeira ironia.

– É porque elas desabrocham com uma satisfação tão impertinente no vaso de água, enquanto a mim faltam tantas coisas que desejo – respondeu o príncipe, a rir.

Tomaram seus lugares à mesa e Tâmara serviu o visitante de patê e vinho. Quanto a ela, comeu com esforço um pouco de galinha fria. O príncipe não tirava os olhos dela. Seu temperamento indisciplinado levava-o a romper aquela contrariedade insuportável para dar livre curso ao sentimento que excitava todos os seus sentidos. Quando Tâmara passou-lhe alguma coisa, ele reteve sua mão na sua e a levou aos lábios. A moça fitou-o, perplexa, e enrubesceu ante o seu olhar. Um duro e penetrante brilho escapou de seus olhos. E, contudo, não tentou recolher a mão que Arsênio retinha. Limitou-se a chamar com a voz um tanto velada:

– Antoine!

O criado, ocupado junto ao bufê, voltou-se prontamente.

– Um copo d’água para o príncipe!

Ugarine deixou bruscamente a mão dela. Suas palavras agiram sobre ele como uma ducha fria.

– Obrigado, baronesa, mas não tenho sede – disse ele, irritado.

– É mesmo verdade que o senhor não tem sede? Então o senhor está, certamente, muito encalorado – respondeu a moça tranquilamente.

O príncipe inclinou-se para ela, com os olhos faiscantes:

– Sua atitude não é racional, baronesa. O frio muito intenso causa queimaduras tanto quanto o fogo, e a senhora tem à sua disposição tal geleira que essa água que a senhora me prescreveu me parecerá morna.

Ele tomou o copo d’água que o criado lhe apresentava e bebeu

alguns goles. Estabelecera-se entre eles um longo silêncio, mas quando a baronesa apresentou ao seu hóspede uma xícara de chá, o príncipe novamente inclinou-se para ela e disse:

– A senhora está aborrecida comigo e vai me exilar, eu o sinto...

A moça sacudiu a cabeça com um sorriso melancólico.

– Não, por quê? Fique. Se Magnus voltar a si, há de sentir-se feliz em vê-lo. Não se esqueça, contudo, de que se encontra em casa de um parente que luta contra a morte.

Terminada a refeição, Tâmara levantou-se.

– Devo retornar para junto de meu doente e o senhor, primo, sem dúvida, está cansado. Seu aposento deve estar pronto. Até logo.

Ao aproximar-se da porta, contudo, ela sentiu-se subitamente mal e cambaleou, levando a mão à testa. O príncipe lançou-se em sua direção e a susteve, mas ela estremeceu àquele contato e empertigou-se com esforço. Tâmara não queria, de forma alguma, desmaiar nos braços do príncipe, cujos sentimentos eram óbvios: com o olhar velado, ela procurou o botão da campainha elétrica e apertou-o.

Logo acorreram Fanny e um criado, enquanto o príncipe, sombrio e de semblante carregado, ajudou a camareira a transportar a moça desmaiada aos seus aposentos.

Já no seu apartamento, o príncipe despediu o camareiro e, fervendo de irritação, atirou-se a um divã. “Não se pode conquistar essa mulher porque ela não deseja ser conquistada. Mas será que não existe algum meio de quebrar-lhe a resistência, perigosa criatura?” – murmurou com raiva. Ele era tão depravado, que nem mesmo chegava a entender tudo o que havia de abominável no seu desejo de seduzir a mulher de um moribundo e somente sentia uma coisa: uma resistência que jamais encontrara em mulher alguma e que o excitava até à loucura. Ainda que Tâmara fosse uma hipócrita rude ou uma dessas inabordáveis beldades, cuja majestosa presunção faz prever uma derrota! Mas nela tudo o atraía: desde

sua saudável e provocante beleza, até seu espírito cáustico, amável, sempre pronto à replica. No entanto, cuidado quem se deixasse prender ali! As palavras que Magnus lhe dissera um dia volveram à sua mente: “São os princípios de uma mulher e não os olhos do marido que velam sobre sua honra”.

O barão tinha razão. O áspero orgulho de Tâmara era sua fiel sentinela, tanto na pobreza como na riqueza. Ela sentia por Magnus uma afeição toda especial. O nome que ele lhe confiara representava, aos seus olhos, um mandato de honra, que ela não trairia por preço algum. Além disso, bem no fundo de seu coração, ela conservava muito do gelado desprezo que cultivara durante os anos de desventura. Por isso, sentia pelos homens uma profunda sensação de desconfiança.

O mau humor do príncipe era tão forte, que lhe causou dor de cabeça. Além disso, ao saber que Tâmara, ao recuperar-se do desmaio, tivera que recolher-se ao leito, por ordem médica, ele mandou servir sua refeição ali mesmo no seu aposento e, em seguida, deitou-se e adormeceu.

Eram cerca de oito horas quando despertou. A noite estava soberba e, desejoso de respirar o ar fresco, o príncipe desceu ao jardim. Estava tudo deserto e silencioso e a escuridão descia rapidamente, mas o ar tépido e perfumado convidava a uma caminhada. Com as mãos cruzadas atrás das costas, Arsênio caminhava lentamente, seguindo por uma das alamedas que ficava ao longo da casa, quando subitamente estremeceu e estacou: acabara de ouvir a voz de Tâmara. Estava diante de duas janelas totalmente abertas, mas veladas pelas cortinas descidas, através das quais se filtrava um raio de luz.

– É o quarto de Magnus e ela já voltou para junto dele – pensou o príncipe.

E, movido por uma curiosidade mesclada de despeito, deslizou até à janela e, subindo a cimalha, ampliou, com todo o cuidado a abertura da cortina e espiou para dentro.

Uma lâmpada velada por um abajur alumiava suficientemente o aposento. Sentada à beira do leito, Tâmara mudava uma compressa na testa do marido.

– A febre diminuiu, graças a Deus! E a fraqueza é consequência natural da enfermidade. Um pouco mais de coragem e tudo estará bem – disse a moça em tom encorajador.

– Será a vontade de Deus e a sua afeição que me tornarão doce a morte – respondeu ele fracamente.

– Quem está aqui falando de morrer? Que farei eu sem você? Minha vida se tornaria vazia, sem objetivo – disse a jovem esposa agoniada.

– Você está se esgotando completamente, minha pobre Tâmara, para conservar uma existência que não passa de um fardo para mim e para você. Seu generoso sacrifício já durou demais.

– Magnus, como pode você me afligir dessa maneira e falar de sacrifício, quando somente o amor me guia! Eu sei que a sua existência é bem penosa, mas continue a viver por mim. Nós a levaremos juntos, tal como ela é.

Sua voz perdeu-se nas lágrimas, mas, recuperando-se subitamente, ela ajuntou com energia:

– Não quero que você morra e se a vontade humana é tão poderosa, como dizem as ciências ocultas, eu prenderei você à Terra por laços inquebrantáveis.

Ela curvou-se sobre ele e o abraçou.

– Eu ficarei de boa vontade, prenda-me, se você puder — murmurou o doente com indefinível expressão de amor e de gratidão, mas tão fracamente que Arsênio, com dificuldade, conseguiu captar-lhe as palavras.

Já ouvira, contudo, o suficiente. Com o sobrolho carregado, deixou o seu posto de observação e enveredou por uma das alamedas do jardim. Certamente, Tâmara não poderia ter previsto que ele estava ouvindo sua conversa com Magnus. Seu apego a este era, então,

autêntico e seu desventurado primo era mais rico, mais feliz e mais amado do que ele, o belo e brilhante cavalheiro. A riqueza e os prazeres que ele considerava como os únicos objetivos da sua vida não lhe proporcionavam, afinal de contas, nada mais do que a saciedade e o vazio de coração. Atormentado por uma áspera crise de ciúmes, ele se atirou a um banco e cobriu os olhos com as mãos. A cólera e o pesar lutavam nele. Aquela felicidade, que ora ele invejava em Magnus, teria sido sua com o simples gesto de estender a mão, mas, enceguecido pela presunção e pela ganância, havia passado ao lado do tesouro que a sorte lhe oferecia sem havê-lo notado. Literalmente um tesouro, sim, pois a riqueza teria chegado bem depressa para recompensar seu desinteresse. Mas continuara obstinadamente cego e agora lhe cabia arrastar por toda parte a bola de ferro que voluntariamente escolhera, viver naquela atmosfera de indiferença e de vício, abandonado em sua própria casa aos criados, se algum dia caísse doente, pois, certamente, Catarina não se faria o sacrifício de velar junto dele.

Longo tempo passou ele a revolver esses tormentosos pensamentos. Eram já onze horas, quando o príncipe retornou pretendendo subir diretamente para os seus aposentos, mas um criado informou-lhe que a baronesa estava tomando chá com o médico e havia mandado preveni-lo, logo que entrasse, que estava à sua espera.

Encontrou a jovem no melhor humor. O médico declarara que o sono tranquilo no qual recaíra o doente, bem como a ausência de febre, eram sinais certos de uma reação favorável. Conversaram alegremente e mesmo Arsênio acabou se descontraindo pouco a pouco, pois lhe era irresistível o sorriso de Tâmara e suas travessas brincadeiras.

No dia seguinte, após uma entrevista com o primo, muito reconhecido de sua visita, o príncipe partiu de volta a Petersburgo. Quanto à convalescença de Magnus, foi rápida. Como se aquela sacudidela tivesse reagido de maneira positiva sobre o organismo

do jovem, ele parecia haver-se tornado mais robusto e mais sadio e, em meados de outubro, os esposos retornaram à cidade.

---

26 Tântalo: rei da Lídia, segundo a mitologia grega. Tendo recebido visita dos deuses, fez-lhes servir a carne do seu próprio filho, Pelópidas. Como castigo, Zeus precipitou-o no Tártaro (Inferno), onde ficou condenado, para sempre, à sede e à fome.

27 Bratuchka: forma popular, fraterna, que provém do termo *brat* (irmão). Seu significado é algo parecido com "irmãozinho", sendo empregada não com relação a parentes, mas com estranhos.

A distância no tempo e as grandes transformações sociais e culturais por que passou a Rússia dificultam a pesquisa, mas tudo leva a crer que seu uso tenha sido bem mais generalizado na Marinha. Provavelmente, Rochester se refere aos últimos escalões da hierarquia naval. Tal palavra está hoje totalmente em desuso.

28 *Revue des Deux Mondes:* revista enciclopédica de tendências literárias, surgida na França em 1829, e que circulou até 1944, quando foi sucedida pela *Revue*: *literature, histoire, arts et sciences des deux mondes*, publicada até 1948. Grandes vultos da literatura francesa, como Ernest Renan, foram seus colaboradores.



Casamento em crise

ALGUNS DIAS DEPOIS da chegada, Tâmara soube por intermédio de Catarina que Nadina regressara e, após alguns dias de negociações, fora readmitida ao lar conjugal.

– Meus Deus! Com que cara ela reapareceu perante Kulibine? – observara a moça.

– Ela não poderia estar muito orgulhosa, após todos aqueles contratempos no exterior – disse a princesa rindo –. Ainda bem que Kulibine é um bom sujeito. Parece, no entanto, que ele lhe impôs algumas condições.

– Que ela não vai cumprir...

– Certamente. Tão logo reassuma sua posição na sociedade... No momento, ela aceita tudo de cabeça baixa.

– Como foi, então, que terminou o caso com Rougemont?

– Quando ela chegou a Paris, o conde acabara de partir para a Normandia, onde o casamento seria celebrado. Ela foi atrás dele, mas até conseguir reunir todas as informações necessárias e saber do nome da propriedade do avô, ela perdeu três dias, fora o da viagem. Quando chegou lá, o casamento acabara de realizar-se e a

carruagem que a conduziu cruzou com a que transportava o jovem casal à estação para a viagem de núpcias. Nadina desmaiou de raiva, mas acabou compreendendo que tinha pouca chance de sucesso, mesmo que continuasse a perseguição. Teria voltado logo para aqui, se no trem em que viajou não ficasse conhecendo um jovem americano extremamente sedutor. De que maneira esse encontro fortuito virou amor? Não sei. Sei que eles viajaram juntos para Mônaco, onde o americano ganhou muito dinheiro no jogo. Após uma festança que durou alguns meses, contudo, descobriu-se que ele era um aventureiro da pior espécie. Foi acusado de trapaça e preso. Nadina escapou por um triz da mesma sorte, somente graças à interferência do cônsul da Rússia, a quem ela recorreu. Deixaram-na em paz e foi ainda o cônsul que lhe proporcionou condições para que voltasse para cá.

– Uma conduta tão leviana e inconsequente certamente teria merecido a prisão – exclamou Tâmara encolerizada.

Alguns dias mais tarde, ao ajudar a patroa a trocar de roupa, Fanny contou, de sua parte, que havia estado com a pequena Lisa e sua babá e que esta última lhe dissera que madame voltou coberta de vergonha. Que Monsieur se tornara muito severo e não lhe permitia mais sair tanto como antes. Além disso, Nadina chorava muito ultimamente, pois ao fazer certas visitas, não fora recebida e apenas se comunicavam com ela por meio de cartas.

– Mas isso não é nada: se eu tivesse coragem de contar o que se passou em casa da Princesa Fluresco, a senhora baronesa ficaria bem admirada – ajuntou Fanny muito afobada.

– Conta as grandes notícias – disse Tâmara, rindo –. Mas como é que você sabe do que se passa em casa de Nina Alexandrovna?

– É por causa de Macha, a irmã de Frederico, que é camareira da princesa. Somos amigas e ela me conta tudo. Ah, muitas coisas acontecem ali que desagradam Macha, que é uma moça honesta. Já há muito tempo ela teria pedido suas contas para ir embora, ainda mais que madame é muito exigente e colérica, mas o

ordenado é excelente e ela ganha presentes magníficos e, por isso, vai ficando.

– No entanto, Macha contou-lhe algo de muito particular.

– Eu acho, e a senhora baronesa vai ficar chocada. Primeiro, no fim do inverno, a princesa ficou muito interessada num médico judeu, o Senhor Windelbaum, que tratou dela. Depois, foi um belo homem, um sábio! Mas, durante sua temporada no campo, madame ficou apaixonada por um ator que trabalhava no teatrinho de verão, cantando romanças e representando nas operetas. Diziam que era francês, mas Macha pensa que ele era antes um boêmio, um miserável homenzinho, moreno como um pão de mel, e ninguém entendeu o que havia nele para agradar a princesa. Pois bem, primeiro, ela corria a todas as representações em que ele figurava. Mas, depois, o Senhor Gastini veio visitar a princesa e cear com ela.

– Que me diz, Fanny? O ator foi cear e o príncipe permitiu?

– Ele vinha sempre que o príncipe estava ausente, o que é muito comum e por toda a noite, graças a Deus, porque quando ele fica em casa, Macha diz que é horrível: ele é intratável! E depois, se ele estiver embriagado, é o fim do mundo; faz uma barulhada enorme, um verdadeiro escândalo e, às vezes, vomita sobre os móveis e nos tapetes.

– Arre! Guarda para você mesma detalhes como esse – observou Tâmara com desgosto.

– Pois bem, naquele dia o príncipe partira para uma excursão com alguns amigos e só deveria regressar no dia seguinte. Ali pelas onze horas da noite, o cantor chegou e ficou com madame no seu quarto de vestir. "Eu estava com Bárbara, no guarda-roupa – contou-me Macha –. Depois me lembrei que faltava costurar de novo umas fitas no penhoar da princesa e fui ao quarto de dormir dela para procurá-lo... Eu acabara de descosturar a peça de roupa na alcova, quando ouvi um ligeiro ruído. Virei-me e fiquei como que petrificada: vi o príncipe passar pela porta entreaberta do quarto de vestir e, em seguida, fechá-la à chave, por fora. Sem dúvida, ele não me vira,

pois eu estava no fundo da alcova. Dois minutos mais tarde, o Senhor Gastini, pálido e desfeito, entrou apressadamente no quarto de dormir. Ao encontrar fechada a porta do quarto de vestir, ele correu para a alcova e escondeu-se atrás da cama. Eu o cobri com um tapete e depois, como ficara presa ali, deslizei até a porta do vestiário e dei uma espiada pela abertura do cortinado". Macha viu, então, o príncipe sentado junto à escrivaninha de madame, com as pernas cruzadas e sobre elas uma chibata atravessada. Dessa vez, ele não estava embriagado, mas seu olhar era tão duro e mau, que Macha sentiu um frio na espinha. E, sem dúvida, a princesa também se mostrava apavorada, pois tinha o rosto verde de tão lívido.

– Voltei num momento inoportuno, não é? – perguntou ele zombeteiro –. Pelo menos não me incomodei em vão. Seu amante, o ator Gastini, está escondido no quarto ao lado. Não tente negar: olhe o chapéu do patife!

E, com um golpe de chibata, atirou o chapéu da cadeira ao assoalho.

– Agora, vou açoitar o rato dos bastidores no seu esconderijo e dirigir-lhe a mais brilhante retirada de palco que ele jamais tenha conseguido. Em seguida, é com você que irei conversar.

– Você não ousará me bater. Irei à justiça se você me maltratar!

– Perfeitamente, você apelará mais tarde a quem quiser, mas, do que tem a receber, ninguém a livrará. Ah, agora você tem medo, você treme. (E aqui ele disse um palavrão que não posso repetir). Pois bem, vou oferecer-lhe uma porta de salvação: assina já um cheque de vinte mil rublos de que estou precisando e eu apenas cuspirei em você. Permito-lhe a escolha, o cheque ou a chibata e dou-lhe cinco minutos para pensar.

"A princesa – disse Macha – deu um pulo só à sua escrivaninha, arrancou da gaveta o talão de cheques, escreveu algumas palavras num deles e estendeu-o ao príncipe. Ele apanhou-o, leu-o atentamente e disse: "Este cheque não está nada elegante; tem muitos borrões de tinta, mas é melhor ter manchas do que estar em

branco, não é isso, senhora princesa? E agora, estamos entendidos: cada vez que encontrar um de seus amantes na minha casa, vou castigá-la na bolsa ou vou espancá-la como a senhora merece. A escolha é sua.

"Em seguida, colocou o cheque na carteira e saiu, cantarolando uma cançoneta. Quanto ao Senhor Gastini, ele estava tão apavorado, que escapou logo que resolveu deixar o esconderijo e não houve jeito de a princesa retê-lo".

Tâmara não fez comentário algum e, com um sinal, ordenou a Fanny que se retirasse. O simples relato da camareira, com o seu inimitável toque de verdade, causara-lhe profunda e penosa emoção. Que repugnante vida íntima acabara de revelar-se aos seus olhos! Ela recordou-se do escândalo em casa de Catarina e estremeceu: assim eram, na intimidade, aqueles brilhantes heróis de salão! Ela morreria de desgosto ou fugiria se tivesse que experimentar a convivência com um homem embriagado e brutal e, no entanto, como estivera à beira de um abismo daqueles! Se a sorte não lhe tivesse bruscamente quebrado o encanto de seu coração ingênuo a respeito de Arsênio, cega e apaixonada, ela teria considerado uma felicidade tornar-se esposa dele e que horrenda decepção teria sido a sua!

Todos os instintos delicados da moça se rebelavam à ideia do que ela teria que suportar e, com um suspiro de alívio, agradeceu à Providência Divina por haver-lhe preservado do envolvimento com um dos jovens que lhe haviam proposto casamento e haver-lhe inspirado escolher Magnus, o bom e delicado, que jamais lhe causara o menor desagrado.

Sim, era feliz por haver seguido apenas a voz do coração, de estar à margem daquele mundo perverso, pela força mesma de suas convicções. Mas, apesar disso, o que acabara de ouvir a agitava e somente algumas horas mais tarde ela acabou adormecendo.

No dia seguinte, Tâmara estava no seu atelier com o marido,

quando chegou o príncipe. Apesar da prudente reserva da moça e do copo d’água gelada que ela lhe fizera servir tão oportunamente, Ugarine continuava a ser um visitante cada vez mais assíduo. Invencível fascinação o atraía ao círculo mágico daquela calma interior. As mulheres ousadas e voluptuosas que o provocavam e disputavam seu amor se haviam tornado insípidas para ele. Nenhuma delas despertava nele aquele sentimento embriagador, mesclado de paixão e de ciúme, que fazia bater seu coração na presença de Tâmara. Ela o agradava muito, particularmente quando, enrodilhada em seu divã com Biju, no abandono confortável que se permitia na intimidade, dava livre curso à sua verve aguda, enquanto seus grandes olhos sorridentes fitavam os interlocutores com um encanto tão encorajador, que Arsênio se absorvia na sua contemplação, como que em transe e a ponto de arriscar uma confissão de amor. Dominava-se com esforço. Ele sabia muito bem que aqueles olhos fascinadores eram um atoleiro traidor e que pareciam prometer o céu, mas proporcionavam apenas um pouco de água fria.

– A senhora é como Circe[29] – disse-lhe ele uma noite.

– Ah, não, primo – respondeu Tâmara com um fino sorriso –. Falta-me o dom precioso de Circe: o poder de transformar em quadrúpedes agradáveis e úteis os homens frívolos e libertinos que se encontram por toda parte.

Tomado de surpresa, o príncipe fixara nela um olhar faiscante. – Esteja certa, prima, de que possui realmente o dom de Circe. A senhora deixa bem claro aos imprudentes que a admiram a semelhança deles com os gentis animais que considera úteis. Ah, a senhora tem um verdadeiro talento para surpreender as fraquezas do próximo e as ridiculariza com refinada crueldade. Quanto a mim, conheço bem, pelas nuances e pela expressão toda especial dos seus olhos, que a senhora percebe a ausência da couraça (minha ou de um outro) e, com a machadinha fatal, cai sobre os desventurados! As sereias também se parecem com a senhora:

atraem o imprudente com os seus encantos fascinadores para destruí-los em seguida.

– Ora, ora! Acalme-se, primo. O senhor é que está me perseguindo e me acusa injustamente e com raro exagero. Ainda que eu fosse uma sereia, ainda não fiz vítima alguma. Neste século prático em que vivemos, o ofício de sereia não pode ser exercido por uma mulher honesta, pois ela despreza o jogo frívolo e é inacessível às paixões vulgares. Ela não inspira esse tipo de paixão. Em todos os dramas que se desenrolam em nossos dias na vida desses homens que se arruínam, suicidam ou descem até o último degrau da escala social, é a cortesã que vamos encontrar, ser abjeto que se nutre da ruína moral e física, verdadeiro engenho destruidor que passa como um meteoro para extinguir-se na lama de onde provém. É nessa categoria de mulheres que é preciso procurar as sereias contemporâneas. Quanto a mim, sou apenas um inocente fogo-fátuo que assusta o viajante retardatário, mas extingue-se sem lhe causar dano.

Apesar das escaramuças desse gênero, Arsênio voltava sempre, e algo parecia faltar-lhe se ele não visse Tâmara.

No dia em que ele a encontrou no atelier, estava com um bom humor excepcional. Entregou à moça uma bela caixa de bombons, preço de uma aposta que perdera, e sentou-se em frente dela, junto à grande janela que iluminava o atelier.

– Ali vai Nina Alexandrovna na sua carruagem com um senhor em trajes civis. Quem será? – perguntou Tâmara que havia olhado pela janela.

– É o doutor Windelbaum e me admiro de que Emílio Felixovitch permita à sua mulher arrastar esse cavalheiro por toda parte tão ostensivamente. Se não por ciúme, pelo menos para proteger sua honra, ele deveria proibir-lhe uma coisa dessas – disse Arsênio após uma olhadela na rua.

Ao ouvir o nome de Fluresco, surgiu no espírito da baronesa toda a cena que Fanny lhe contara na véspera. O desgosto e o desprezo

suscitado pela narrativa vibravam na sua voz quando ela respondeu:

– É difícil proteger aquilo que não possuímos!

Arsênio fitou-a um tanto perplexo.

– Que dureza, prima, e que irritação nesse julgamento lacônico! Pobre Emílio, se ele soubesse como a senhora o considera, ele que é tão altivo, tão desdenhoso, que mesmo entre seus camaradas sua pose e seu exclusivismo são censurados!

– É, sem dúvida, para provar que ele não é exclusivo em tudo que mostra tanta liberalidade em relação a Nina – retrucou Tâmara.

Arsênio riu-se gostosamente e Magnus, que trabalhava silenciosamente numa gravura em madeira, observou:

– Deixe, então, Fluresco para lá e não se irrite por causa dos

problemas do seu lar. Que nos importa isso?

– Claro! Claro! Prima, deixemos o pobre Emílio, alvo predileto de suas mágoas, eu sei. Diga-me o que a senhora vai pintar naquela enorme tela que vejo em seu cavalete e por que tantos estudos esboçados ali sobre a mesa?

– Quero pintar um quadro para um altar, a cena da crucificação para uma modesta igreja na Finlândia. Prometi-o ao velho pastor Malus, seu capelão, e que nos casou. Pensei, de início, fazer uma simples cópia, mas estou tentada a compor eu mesma um quadro original. Se não consegui-lo, poderei sempre retomar o projeto original.

– É um grande projeto e que apresenta dificuldades – disse o príncipe com um sorriso –. Vai ser difícil arranjar modelos. Para o Redentor a senhora ainda encontrará, mas quem desejará posar como modelo para os dois ladrões?

A encantadora face de Tâmara iluminou-se com um raio de infantil travessura.

– Já tenho os ladrões: o senhor e Fluresco me servirão de modelos. Conheço tão bem os traços de ambos, pois já pintei-lhes

os retratos, que isso me poupará metade do trabalho. E, entre os dois, colocarei meu pobre Magnus que, tendo sofrido muito, ficou com essa expressão de doce resignação de que necessito para o Redentor.

O príncipe deu uma gargalhada.

– Olhe que essa é muito forte, prima. Ridicularizar-nos dessa maneira, a mim e a Fluresco! Protesto solenemente e prevejo que o seu quadro não valerá nada. Os ladrões terão um aspecto muito honesto e distinto e o Salvador estará de mau-humor. Veja! (E piscou o olho na direção de Magnus, que, preocupado e carrancudo, gravava com afinco). Seu modelo, pelo menos neste momento, não me parece doce, nem resignado.

– Esteja descansado, primo, acerca do futuro de meu quadro.

Para pintar Magnus escolherei um de seus bons momentos e para explicar a distinção aristocrática dos ladrões, direi que é um ex-voto – respondeu Tâmara rindo e instalando-se diante de seu cavalete.

Corria o fim do mês de dezembro quando, uma noite, Tâmara foi à estação da estrada de ferro que vinha de Moscou para receber Madame Raban, que fora à segunda capital do império para assistir ao batismo de um sobrinho e também para rever, na oportunidade, uma parente enferma que ela não via há mais de vinte anos.

A moça estava um pouco atrasada. Quando alcançou a plataforma, o trem já chegara e ela avançava lentamente pela multidão, buscando com os olhos a velha amiga. Subitamente, o tom conhecido de uma voz irritada, que dava diversas ordens, chegou-lhe aos ouvidos. Ela virou-se e encontrou-se frente a frente com Tarussoff. O oficial empalideceu e seu olhar pregou-se na elegante moça que o contemplava de alto a baixo, com indefinível desdém. Em seguida, os grandes olhos cinzentos desfilaram com indiferença da pessoa de Anatole Pavlovitch para o grupo que o cercava – uma mulher de aspecto comum, rosto pálido e insignificante, supervisionando a saída de um vagão de segunda classe, de sua numerosa família e não menos numerosos embrulhos. A dama

estava muito atarefada, os cabelos mostravam-se mal pintados sob um velho chapéu preto. Tartamudeando e carregando tanto nos erres que mal se podia compreendê-la, ela dava ordens a duas criadas que carregavam, cada uma, uma criança, enquanto duas outras meninas de três e quatro anos agarravam-se à sua saia. No momento em que o olhar de Tâmara recaiu sobre ela, gritou impacientemente a Tarussoff para que tomasse conta de uma das crianças, de modo que ela pudesse cuidar da bagagem.

Tâmara seguiu em frente, com um sorriso: foi, portanto, para conquistar aquela beldade que seu antigo noivo se casara precipitadamente em Moscou, para onde fugira. E isso dois meses apenas, após o seu rompimento com ela!

A voz de Madame Raban, que acabara de encontrá-la, arrancou-a de tais reflexões. Ela acompanhou a velha dama à sua residência, mas nada comentou acerca do seu inesperado encontro. De volta à casa, encontrou lá o almirante e Ugarine e, pouco depois, todos tomaram seus lugares à mesa do chá. Enquanto Magnus e seus hóspedes discutiam uma questão de natureza política, Tâmara, apoiada sobre a mesa, pensava em Tarussoff. O encontro inopinado havia reavivado nela pálidas e esquecidas lembranças e a comparação mental entre ela própria e a esposa tão pouco atraente que ele preferira trouxe-lhe um sorriso aos lábios.

– O que faz você pensar tão alegremente? – perguntou- lhe subitamente Magnus que, mesmo conversando, observava cuidadosamente sua mulher e o primo, cujo olhar deslizava para ela sem cessar.

Tâmara, que nada havia notado da ativa vigilância dos dois cavalheiros, respondeu, rindo:

– Penso em Tarussoff, que encontrei hoje.

– Onde? Como? – perguntaram os homens admirados.

Tâmara contou, com uma verve zombeteira, o encontro na estação.

– O pobre Anatole Pavlovitch tornou-se bem modesto, pois duvido que sua mulher satisfaça às inúmeras pretensões e exigências que ele me demonstrava. Jamais me vestia, nem me penteava a seu gosto. Minhas mãos não eram suficientemente bem cuidadas, nem minha postura bastante firme. Ele achava também o que dizer de meus dentes. Pois bem, o que vi do exterior, da toalete e da postura de Madame Tarussoff prova que ele reduziu singularmente suas pretensões. Nada poderia eu dizer dos dentes, pois do jeito que aquela senhora fala, a gente pensaria que ela não os tem – concluiu, pilheriando.

– É verdade que ele não teria perdido nada sendo menos apressado – observou o almirante –. Eu não lhe contei que, há algum tempo, me pediram para interceder por ele junto ao meu amigo General Dubrovski, a fim de conseguir, para um oficial que desejava, por questões de família, deixar o serviço ativo, um posto vago na administração dos domínios imperiais? O cargo era muito bom, mas reconheço que, ao saber que o candidato era Tarussoff, fui muito pouco cristão para recusar prontamente a minha ajuda. Não posso esquecer sua revoltante conduta e, sobretudo, seus impertinentes discursos sobre a economia da cerveja e da graxa que ele seria obrigado a fazer, se desposasse Tâmara. Ainda me admiro hoje como pude resistir à tentação de agarrá-lo pela gola e pô-lo para fora da carruagem.

– Não se irrite com essas velhas recordações, tio Sergei. Apesar da cerveja e da graxa, que peço a Deus nunca lhe venham a faltar, aposto que você teria sido menos cruel se tivesse visto sua família: quatro filhas! Misericórdia! Imagine se sua prole aumentar no mesmo ritmo daquele pai da opereta que tinha dez filhas para casar, então, nesse caso, um bom cargo é muito necessário.

– Você é mais caridosa do que eu.

– É que não sou ingrata e me lembro dos bons momentos de nosso noivado.

E com uma seriedade cômica ela contou a história da caixinha de

Gorny-Dubniak e da gloriosa peça de roupa que ela continha.

Quando o riso homérico provocado pelo relato acalmou-se um pouco, Arsênio perguntou, enxugando os olhos:

– Gostaria bem de saber se Tarussoff ainda conserva aquelas ceroulas imortais.

– Sem dúvida. Como iria ele destruir uma relíquia que tem por obrigação legar aos seus filhos?

Tornado o chá, Magnus e o almirante deram início a uma partida de damas, enquanto Tâmara instalou-se no seu pequeno divã a trabalhar na sua tapeçaria. O príncipe sentou-se diante dela e, após alguns momentos de silêncio, disse:

– Tâmara Nicolaevna, a senhora é uma esfinge. Ao ouvi-la, há pouco, zombar tão impiedosamente de Tarussoff, me perguntava se algum dia a senhora amou, de verdade, aquele homem.

– Ele não merecia tal sentimento. Além do mais, não há amor que resista ao desprezo.

– Ah, a paixão não raciocina dessa maneira! Mas será que nunca haverá um Pigmalião[30] para acender esse fogo dominador que faz palpitar todas as fibras do ser e que modificaria um pouco essa fria razão que parece ser a única coisa viva na senhora? Que não daria eu para ver, enfim, nos seus olhos, tão desesperadoramente calmos, não a chama fugidia que aí brilha, às vezes, mas o incêndio de uma verdadeira paixão!

Tâmara sustentou com impassibilidade o olhar faiscante e significativo que a fitava.

– O antigo Pigmalião era um entusiasta que acreditava ser o amor bastante potente para vivificar até mesmo uma pedra – disse ela com a voz um tanto velada. Os Pigmaliões modernos encaram as coisas de maneira diversa: eles é que são feitos de pedra e somente a cintilação do ouro inspira-lhes interesse e lhes inocula um pouco de vida. O senhor se esquece, além disso, Arsênio Borissovitch, que se o generoso sueco não me legasse sua imensa fortuna, ninguém

se daria o trabalho de suscitar um incêndio em minha alma. Sem dúvida, a convicção de que nada somos, que nada valemos e que, sendo pobres, não podemos despertar nenhuma paixão, não se adquire facilmente. Mas no dia em que a última ilusão se extingue ante esmagadora realidade; no dia em que o noivo que fingia amar-nos apressa-se em abandonar a mulher sem dinheiro que lhe seria apenas um fardo, nesse dia é atroz a luta entre o amor-próprio mortalmente ferido, a dignidade e o direito do ser humano à felicidade. E, após essa tempestade de raiva e desespero, tudo se cala e, de certa forma, a gente perde a faculdade de sofrer. Contudo, a alma humana é muito elástica: cedo ou tarde ela desperta daquele torpor e, segundo sua têmpera, tomba no aviltamento, alquebrada e sem resistência, ou então se põe de pé encouraçada e invulnerável: salva-se a dignidade, mas a ilusão morre. Somente a razão pode guiar daí em diante o barquinho salvo do naufrágio. Tarussoff é um farrapo de ilusão destruída. Pertence ao passado como um dos sonhos embriagadores que nos logra a soleira da vida. Mas os heróis desses sonhos fugitivos apagam-se logo. Quanto mais de perto os vemos, mais nos desencantamos deles. (Um sorriso malicioso errou pelos seus lábios.) Assim é a vida, primo. Para mim, ela se revelou em toda a sua nudez e, contudo, sou uma privilegiada da sorte, pois ela me fez encontrar um homem que me ama pelo que eu sou.

– A senhora está certa de que nenhuma parcela de egoísmo está em jogo?

– Não. Eu vi as provas. Por isso, tudo o que meu coração pode dar em assuntos de amor pertence a Magnus, e há amor suficiente para nos tornar a ambos felizes.

O príncipe ouvira tudo silenciosamente, de cabeça baixa. Ao cabo de um momento, ele se levantou e despediu-se, pretextando súbita dor de cabeça.

Sem incidentes graves, chegou o mês de fevereiro. Tâmara reassumira sua vida meio mundana, meio monástica, como se dizia

na sociedade. Só que ela comparecia com maior frequência à ópera, atraída por um conjunto excepcional de artistas de primeira ordem. Ugarine continuava suas frequentes visitas, sem se convencer, evidentemente, da inutilidade de seus projetos íntimos.

Uma noite, Magnus e a esposa já haviam tomado o chá nos aposentos dela, quando chegou inesperadamente o almirante. O velho marujo estava visivelmente superexcitado e, atirando suas luvas e seu boné a uma cadeira, disse:

– Venho da casa de Nina. Vocês sabem da desgraça que aconteceu a Fluresco?

– Não. Que desgraça? Quando foi que aconteceu? – perguntaram a uma voz os esposos admirados e assustados.

– Eu pensei que Ugarine já lhes houvesse contado, pois ele vem correndo com todas as notícias. Não importa! Foi anteontem que aconteceu a escandalosa história, que terminou tão mal para Emílio Felixovitch. Apesar do frio intenso que fazia naquele dia – mais de 20 graus abaixo de zero –, Fluresco, vários amigos e algumas prostitutas de luxo resolveram fazer uma excursão a Livádia. Ali, eles passaram uma noitada muito barulhenta e entregaram-se mesmo a tais extravagâncias, que o dono do hotel interveio, ameaçando mandar chamar a polícia se não acabassem com aquele escândalo. Os amáveis farristas não encontraram nada melhor a fazer do que besuntar de caviar e de doces a cabeça do dono do restaurante e, após essa aventura, amontoaram-se nos seus trenós para voltar à cidade. Estavam todos embriagados, inclusive os cocheiros, que haviam sido generosamente abastecidos. A primeiro troika[31] tomou a dianteira, enquanto a segunda, na qual se encontrava Fluresco, tombou numa depressão do terreno. O príncipe foi lançado um pouco mais longe e mergulhou na neve. Como ele estava bêbado e trocando as pernas, teve dificuldade em levantar-se e, na escuridão, ninguém prestou atenção nele. O resto da turma nem percebeu que faltava uma pessoa. Subiram no trenó e partiram. Fluresco gritou o quanto pôde,

mas ninguém o ouviu e ele ficou ali, recém-saído de um ambiente bem aquecido e exposto, por mais de uma hora, aquele frio mortal. Tentou caminhar, mas a neve era muito profunda e a brisa gelada que soprava do mar endureceu-lhe os membros. Afinal o trenó de outro grupo, que se retardara, descobriu-o e, a seu pedido, o levou, mas ele estava horrivelmente enregelado. Ao chegar à casa, sentiu-se muito mal e, pela manhã, foi acometido de um ataque de paralisia. Foram atingidos um braço e uma perna e os médicos acham que seu estado é grave. Mas o que me revolta é a indiferença de Nina. Se o seu cão estivesse doente, creio que ela estaria mais preocupada.

O relato do almirante foi interrompido pela entrada de Ugarine, que chegava, ele também, para dar a notícia.

– Acabamos de saber por Sergei Ivanovitch da triste aventura do Príncipe Emílio. Seja como for, é um exemplo edificante para seus amigos – observou Tâmara.

Arsênio corou.

– Será que a senhora não tem um pensamento mais compassivo, prima, por um homem que já tem sido tão infeliz? Ele está divagando e temem que seu cérebro tenha sido afetado. Será que isso não é ainda castigo suficiente?

– Lamento o príncipe e deploro que Deus o haja punido tão duramente, pois certamente sua mulher procurará desembaraçar-se dele, internando-o num manicômio.

– É verdade que ela parece muito calma; contudo, Nina Alexandrovna não ousará fazer isso. Ela deve cuidar dele; é seu dever. Emílio é marido dela e pronto! – disse Arsênio com arrebatamento.

Tâmara balançou a cabeça.

– No caso presente, isso é palavra morta. Poderá haver alguma cogitação de dever a cumprir de parte de uma mulher que me disse no dia de seu noivado: “Não tenho ilusão, Emílio casa-se comigo

apenas pelo meu dinheiro, mas eu quero ser princesa?" Uma união baseada em tais fundações é simplesmente um negócio. Os esposos estarão nela mais separados do que se fossem estranhos. Só o verdadeiro amor suporta tudo, sofre e vela sem descanso junto ao doente amado.

– É um infeliz acaso. Nina Alexandrovna teria podido amar Fluresco – respondeu Arsênio com as sobrancelhas contraídas.

Obviamente, ele tinha consciência de que sua vida desordenada, bem como sua felicidade conjugal pareciam muito com as de seu amigo.

– Certamente Nina teria podido amá-lo e teria amado esse homem jovem e belo, se ele apenas se desse ao trabalho de conquistar seu coração ou, pelo menos, disfarçar o objetivo inteiramente prático a que visava com esse casamento. Sob esse aspecto, ele foi de uma sem-cerimônia incrível. E depois, que piedade poderia inspirar a Nina uma enfermidade contraída quando ele retornava de uma orgia? Sem dúvida, ela devia perdoar tudo e esquecer para não pensar senão na desgraça que se abateu sobre o marido, mas tenho minhas dúvidas de que ela aja dessa maneira.

A previsão da moça cumpriu-se logo e sob forma ainda mais brutal do que a esperada. Dois dias após essa conversa, Tâmara foi ao teatro em companhia do almirante e de Madame Raban. O primeiro ato estava começando, quando um camarote próximo abriu-se e Nina entrou, acompanhada de uma mulher de reputação um tanto duvidosa e de um oficial dos hussardos. A princesa estava com um vestido longo de veludo esmeralda, guarnecido de camélias brancas e faiscava de diamantes. Parecia no melhor bom humor e ouvia sorridente os comentários do jovem oficial que se sentara atrás dela.

– Vejam, Nina está ali! – murmurou Tâmara, tocando ligeiramente o braço do almirante com o leque.

O velho marujo virou-se com vivacidade na direção do camarote indicado e um sombrio rubor subiu até seus esparsos cabelos grisalhos.

– Essa é muito forte! Ela tem realmente uma cara dura – murmurou ele –. Ter a ousadia de vir ao teatro com pessoas estranhas, quando seu marido esta à morte! Mas vou falar com ela e pô-la em brios por afrontar dessa maneira a opinião pública – acrescentou, levantando-se.

Tâmara sorriu, incrédula.

– A senhora acha que para uma mulher sem coração como essa adiantam as palavras? – disse ela, virando-se para Madame Raban, que, igualmente revoltada, fitava curiosamente o camarote, no qual o almirante acabava de entrar.

Logo o ar descontente e teimoso de Nina e o gesto de desafio com o qual levantara a cabeça demonstraram com bastante clareza que as censuras do seu antigo tutor desagradavam-na soberanamente.

Tâmara mergulhou em triste meditação. Mais cedo do que pensara, a mão ávida de sua “última amante” agarrara Fluresco para não deixá-lo tão cedo. Mas que Nina se despojasse tão ousadamente de todo sentimento de dever e de caridade, senão de afeto, isso a deixava perplexa, apesar de tudo, e um profundo sentimento de pesar e compaixão surgiu em seu coração pelo desventurado enfermo, tão pobre e tão solitário no meio de toda a sua riqueza.

O almirante retornou furioso e irritado. Quanto à Nina, ficou teimosamente até quase o fim da representação, mas evitou encontrar o olhar límpido e severo de Tâmara, que lhe causava, a despeito de si mesma, desagradável sensação.

Durante alguns dias, Fluresco foi de mal a pior e Madame Lilienstierna pensou, com razão, que a morte seria o maior dos benefícios para ele, mas o príncipe não morreu; apenas um de seus braços e uma perna ficaram paralisados, enquanto seu lento e gradual definhamento fazia pressagiar um prognóstico fatal.

Cerca de seis semanas após esse triste incidente, Fanny contou um dia a Tâmara que soubera, por intermédio de Macha, da odiosa

conduta de Nina Alexandrovna em relação ao marido doente.

– Ela é tão miserável em tudo quanto diz respeito a ele que lamenta até ser obrigada a pagar-lhe uma enfermeira. Uma velha criada que já vinha dos tempos de seus pais foi incumbida de tomar conta dele e um lacaio a ajudava, mas o camareiro, que há dez anos servia o príncipe, foi despedido. Essa velha serva Neonila é insuportável, diz Macha. É surda e bebe. Quando dorme embriagada, ronca de fazer tremer as vidraças e o doente pode gritar até arrebentar os pulmões ou morrer de fome ou sede, sem que ninguém o socorra. Além do mais, sob o pretexto de garantir-lhe a tranquilidade, ele foi colocado num aposento mais afastado.

E Fanny continuou:

– Recentemente, o enfermo queixou-se ao senhor almirante e ao Príncipe Ugarine da maneira como vem sendo tratado e, por isso, esses senhores fizeram uma cena horrorosa com a princesa e arrasaram-na com suas censuras. Depois que eles partiram, madame estava furiosa. Correu ao marido e, tripudiando sobre ele, censurou-o em termos duríssimos por ter ousado queixar-se. Ele estava doido ao imaginar que uma mulher jovem e bela como ela ficaria encerrada para cuidar de um debochado que estava apenas colhendo o que semeara, um mendigo enfermo que, aliás, já estava dando muita despesa. Ante todos esses insultos, o príncipe tornou-se furioso e, como a princesa se aproximara de sua poltrona, apanhou-a com a mão válida e tentou bater-lhe. Começaram uma verdadeira luta e madame somente conseguiu livrar-se toda arranhada. Depois disso, ela declarou que mandaria para a Finlândia aquele louco varrido. Mas será que isso se fará? E quando? Macha não sabe.

Um desgosto mesclado de horror apossou-se de Tâmara, ante o relato de sua camareira. A imagem da cena abominável que se passara entre a mulher sem coração e o doente exasperado perseguiu-a durante vários dias como um pesadelo. E lá estaria, sem dúvida, mais preocupada e mais envolvida com a sorte de

Fluresco do que com seus afazeres pessoais se, finalmente, uma desagradável notícia vinda de Estocolmo não tivesse absorvido todos os seus pensamentos.

A preocupação lhe vinha de Magnus. Há meses que o temperamento, outrora tão equilibrado e doce do jovem, sofria estranhas flutuações: ora nervoso e irritável, ora triste, sonhador e misantropo, perdera completamente a serenidade que o caracterizava e Tâmara nada compreendia do olhar estranhamente velado e perscrutador que ele, às vezes, mergulhava no seu. A baronesa explicava a si mesma essas variações de humor como uma sequela da doença que o acometera, mas se esse mal-estar se prolongasse demais, será que não ocorreria uma recaída? Nem passou pela cabeça de Tâmara que Magnus pudesse estar sofrendo uma crise de ciúmes. E, no entanto, era esse o sentimento que rugia no coração do jovem. Ele notara, especialmente após o retorno deles à cidade, a crescente paixão de Arsênio, e ainda que estimasse muito sua mulher para supor que ela pudesse falhar vulgarmente, temia que aquele sedutor consumado, favorecido pela sua bela aparência exterior e mais aquela meia-intimidade criada pelo parentesco, causasse alguma impressão sobre o coração de Tâmara. Avidamente, ele buscava nos olhos da moça algum indício de que ela não estaria escondendo dele alguma emoção nova. Sua própria paixão aumentava proporcionalmente no decorrer de todas essas lutas íntimas e o peso de sua enfermidade, o sentimento de impotência à qual estava condenado em face do perigoso rival que surgira, assim, tão junto dele, irritavam-no e desesperavam-no quase à loucura, às vezes.

Foi nesse ínterim que Tâmara recebeu uma carta de Madame Ericson, na qual sua maternal amiga anunciava que a doença interna, da qual sofria há cerca de um ano, havia piorado a ponto de uma séria operação tornar-se necessária.

“Não sei se Deus me permitirá sobreviver a essa grande provação – escreveu Eveline – e gostaria de ver você antes de tudo, minha

filha querida. Se, contudo, não nos vermos mais, receba minha bênção e a certeza de meu afeto, tanto aqui, como no Além. Quanto aos meus últimos conselhos e indicações relativas à educação de Olga e de Jorge, Ivar irá transmiti-los a você".

Profundamente agitada, Tâmara resolveu imediatamente ir a Estocolmo. Magnus aprovou a decisão e declarou que ele também viajaria para Nancy[32] a fim de tentar ali um tratamento hipnótico, do qual ouvira falar e até mesmo lera sobre seus efeitos maravilhosos.

– Sim, sim, sem dúvida. Vai. Talvez Deus, pelo menos, alivie seu sofrimento. Mas, nesse caso, vem comigo. Uma vez que a operação vai ser realizada e a sorte de tia Eveline está decidida, partiremos juntos para Nancy.

Magnus balançou a cabeça.

– Não, minha querida. Prefiro estar sozinho nessa suprema tentativa de reconquistar o direito de voltar a ser um homem normal. Minha razão me sussurra que essa esperança é uma loucura, pois já estou doente há muito tempo. Não importa! Quero tentar. Mas me será penoso ver você partilhando de todas as alternativas da expectativa e o desalento final. Deixa-me partir com Frederico. E você, vai onde o coração e o dever a chamam.

Após alguma hesitação, Tâmara acabou concordando. A partida dos dois foi fixada para dali a três dias e um telegrama passado a Estocolmo anunciava a chegada da moça.

Na véspera da partida, Tâmara ocupava-se, no seu gabinete, de seus últimos preparativos com a bagagem. Pusera de lado, para levar, alguns livros que ela gostaria de ler a Madame Ericson. Estava guardando nas gavetas da escrivaninha algumas preciosas bagatelas que ornavam sua mesa, quando o criado veio anunciar-lhe a presença do Príncipe Ugarine.

Visivelmente perplexo, o príncipe foi informado do significado dos preparativos de viagem. Ao tomar conhecimento da ausência do casal durante semanas, talvez meses, e que eles partiam em

direções diferentes, corou fortemente. Sua primeira impressão foi a de dolorosa angústia ao perceber que ficaria sem ver Tâmara. A companhia da moça tornara-se para ele uma necessidade. Mas logo um sorriso fugitivo deslizou pelos seus lábios: “Aí está o que se parece diabolicamente como uma separação”, pensou ele. E atirando-se com a leviandade habitual às suposições mais arriscadas, aproximou-se vivamente dela e lhe disse com os olhos brilhantes:

– Sim, sim, prima. Vai. É indispensável que a senhora desperte desse sonho doentio e irreal, dessa vida anormal que leva há tanto tempo. Por mais superior que seja a todas as mulheres, o instinto feminino, a voz da natureza deve estar despertando em seu coração, abrindo-o a um amor verdadeiro e sacudindo o torpor do dever que a mantém presa a um homem, bom e inteligente, sem dúvida, mas... afinal de contas, enfermo e pouco afeito a desempenhar um papel preponderante na vida de uma mulher jovem e bela.

Tâmara, que embrulhava num papel de seda um pequeno ídolo indiano de ouro incrustado de pedras, levantou os olhos, surpresa, e um ligeiro desgosto vibrava na voz quando ela respondeu:

– Não entendi nada do seu longo discurso, príncipe. De que realidade fala o senhor? Não considero minha vida um sonho doentio nem o dever que me inspira o coração um estado de entorpecimento.

A resposta era suficientemente clara, mas Arsênio não podia mais deter-se: a paixão, há tanto tempo comprimida, transbordava, enfim, em fogoso impulso. Seus grandes olhos negros emitiam chamas, seus lábios tremiam e, curvando-se tão bruscamente sobre ela que seu hálito afogueado alcançou as faces de Tâmara, murmurou com voz vibrante:

– Você não quer me compreender, Tâmara, mas não posso mais me calar; basta de dissimulação, devo confessar-lhe um sentimento que me sufoca: amo-a, amo-a como um louco, mais do que a

própria vida, mais que tudo! Aceita meu amor, deixa-me partir com você para Estocolmo!

Parou por um momento, mas seu olhar transbordante de paixão, dominador e suplicante, envolvia a jovem como uma chama. Tâmara fitou-o, pálida e fascinada: seu coração batia a ponto de estourar e um desconhecido calafrio fazia tremer cada fibra de seu ser. Subitamente, ela se lembrou do estranho sonho que tivera durante a convalescença: a sala era aquela mesma, decorada de vermelho. Ali, o grande espelho, no qual se refletira fugidiamente a imagem de Magnus e, diante dela, Arsênio, que lhe falava de amor.

Fazendo com a mão um brusco gesto negativo, ela recuou e disse com a voz apagada pela emoção:

– Basta, príncipe. O senhor está divagando. Um amor sem estima, sobre os escombros da honra e adquirido ao preço do adultério, não pode trazer felicidade a ninguém.

– Tâmara, Tâmara, pare com isso! Não se entrincheire atrás de frases banais. Não seja cruel neste momento decisivo que decide nossos destinos e nosso futuro. Não nos sacrifique a ambos, a um ridículo preconceito, a uma vã ilusão de dever.

Tomou suas mãos e levou-as aos lábios.

– O coração também tem seus direitos, não os despreze. Deixa-me amá-la. Eu lhe darei toda a minha alma, serei seu escravo pelo resto da vida e, nos meus braços, você renascerá para uma vida nova, para a verdadeira felicidade.

Uma nuvem passou pelos olhos de Tâmara. Sentia-se fraquejar sob aquele olhar de fogo. Aquela voz vibrante, cheia de súplicas e de amor, causava-lhe estranha embriaguez, como jamais experimentara. Ah, se aquelas palavras ele as tivesse pronunciado outrora! Naquela época, ele representava para ela o ideal sonhado e ela considerava seu amor o cúmulo da felicidade. Se a menina ingênua, ou a moça batida pela desventura, traída e abandonada por seu noivo indigno; se, durante aqueles anos de provação, ele

lhe houvesse dito: “Eu a amo!”, com que impulso de amor e de reconhecimento ela não se teria atirado aos seus braços, aspirando a uma sincera afeição, no vazio de sua vida e de seu coração! Agora, vinha ele dizer-lhas quando já era tarde demais. E, de repente, despertou nela, com violência, a lembrança da sua luta silenciosa contra o ciúme, contra o doloroso sentimento que lhe causava a indiferença do príncipe, a recordação daquele processo espiritual que havia apagado a imagem de Arsênio como a de um ser que jamais poderia significar algo para ela. Uma áspera amargura inundou sua alma e toda a dureza cruel, própria da mulher pelo homem que amou e que a afrontou com a sua indiferença, surgiu nela. Arrancando suas mãos das dele, recuou novamente e mediu-o com um olhar hostil. Seus lábios, desdenhosamente retorcidos, tremiam nervosamente. A mesma hostilidade vibrava na voz quando lhe disse:

– O senhor prometeu muito, Príncipe Ugarine, mas, examinando isso de perto, o que pode proporcionar a mulher assim tão apaixonadamente amada, o senhor, o homem casado, à esposa de outro homem? Esses dons preciosos são, em primeiro lugar, a vergonha e a desonra, bem como o desprezo e o esquecimento após, quando, cansado dela, o senhor abandoná-la na lama para a qual a atraiu. Na verdade, o senhor é incapaz de amar qualquer coisa sem aviltá-la. Que vergonha, Arsênio Borissovitch, tentar, com tamanha tenacidade, seduzir a mulher de seu desventurado primo, sabendo que ele é doente e não pode exigir-lhe uma reparação por esse ultraje!

Fez uma pausa e continuou no mesmo tom:

– Não quero nem mesmo negar aquilo que os olhos da ingênua menina de colégio tão abertamente traíram para o senhor. Sim, houve um tempo em que eu o amei, em que o senhor foi o herói de meus sonhos. O senhor sabia disso e bastava estender a mão para levar-me como sua esposa, pois éramos ambos livres. Mas, desdenhoso e indiferente, o senhor passou ao largo da moça pobre

demais, na sua opinião, para merecer seu coração. Foi procurar a companheira de sua vida, onde a riqueza o atraía, expondo-se, sem corar, como mercadoria nessa vergonhosa feira, à mulher que lhe interessava. Há muito tempo expulsei-o de meu coração e não é agora que iria trair Magnus para proporcionar-lhe uma nova distração. Não mais o amo, príncipe, e desse amor real e novo, do qual o senhor me falava há pouco, nunca o amarei, pois não o estimo!

Ela se deixara arrebatar cada vez mais. Toda a amargura do passado, toda a cruel satisfação de dizer-lhe, enfim, a verdade, face a face, fuzilava nos seus grandes olhos cinzentos. Ugarine recuou um passo, como se tivesse recebido uma bofetada e, deixando-se cair sobre uma poltrona, cobriu o rosto com as mãos. Estabeleceu-se um silêncio mortal, quebrado apenas pelo tic-tac do relógio. A excitação de Tâmara extinguira-se subitamente. A palidez mortal de Arsênio, o mudo desespero do olhar que fitou nela haviam dissipado a cólera e o desespero da moça. Ela sentia agora apenas pesar e compaixão pelo príncipe. Não lhe ocorreu que ela acabara de vingar-se, alcançou raro triunfo, fazendo curvar aos seus pés o homem que a desdenhara e a cobrira de desprezo. O espírito honesto e generoso de Tâmara estava acima de satisfações desse tipo. Sentia apenas uma coisa: ferira dolorosamente Arsênio e desejava atenuar aquela penosa impressão. Tentando emprestar à voz a entonação de amável brincadeira, que lhe era habitual, disse:

– Levante a cabeça, primo, e esqueçamos esta conversa vã. Ambos fomos trágicos demais e cobrimos à vontade de sombras nossa última entrevista antes de uma separação de várias semanas. Prometo-lhe esquecer isso. Faça o mesmo e, quando nos reencontrarmos, o senhor terá esquecido essas loucuras e reconquistado o equilíbrio de seu espírito.

Ugarine levantou-se. Continuava pálido e seu olhar velado buscou Tâmara, mas ela baixou os olhos.

– Adeus! – disse ele, virando-se.

Mas, parou à porta.

– A senhora foi dura e cruel além dos limites, atirando-me ao rosto a minha própria miséria moral, pois sou um inimigo desarmado. Adeus, portanto, e que Deus a proteja!

A moça, que não se movera, aproximou-se vivamente.

– Lamento ter-lhe causado tanto sofrimento. A virtude é sempre dura, quando se recusa a ceder. Não tenho, porém, nenhum rancor, juro. Ame-me como amiga, uma parenta próxima e o senhor verá que tal sentimento honesto e puro lhe proporcionará mais satisfação do que uma paixão fútil e passageira. E, sobretudo, cuide de reformar-se. Abandone essa vida desordenada e lembre-se de Fluresco. Seu exemplo não lhe causa nenhum temor?

Levantara para ele seus olhos límpidos, nos quais lutavam mil

sentimentos contraditórios e pusera a mão em seu braço. Um rubor febril coloria suas faces e uma muda expectativa se pintava em toda a sua pessoa.

Esperaria ela uma promessa de que ele estaria disposto a começar uma vida nova? Pensaria ela que a força mágica de seu poder sobre aquele que a amava seria bastante para arrancá-lo à sua existência frívola e dissipada, à desgraça, talvez? Quem poderia sondar o abismo do coração humano, conhecer os múltiplos sentimentos que o fazem vibrar?

Arsênio fitava-a com um olhar pesado e sombrio.

– Obrigado pela sua boa vontade, mas que vale minha vida perdida? A miséria de minha alma deverá tragar-me, pois me falta o talismã que me sustentaria num caminho melhor – disse com voz aguda.

– O talismã está no senhor mesmo, Arsênio Borissovitch. Chama-se vontade. Faça um esforço no sentido do bem e conquistará a paz de espírito e a estima de si mesmo.

Sua voz, porém, era incerta e uma vaga opressão pesava-lhe sobre o coração, que parecia dilacerado. Não podia despregar o

olhar dos olhos do príncipe, nos quais acabava de acender-se de novo a louca paixão que o devorava. Algo desconhecido desertou nela, fazendo vibrar sensações que jamais experimentara. Como uma beberagem embriagadora, as chamas daquele amor desatado que cresciam nela aturdiam-na e escureciam sua vista. Pálida e trêmula, recuou e levou a mão à testa. Mas já Arsênio curvava-se sobre ela, murmurando com voz entrecortada:

– Você mente, Tâmara, e engana a nós dois. A voz da natureza, a voz do coração, traem suas palavras, a despeito de você mesma. Você me ama; fui o primeiro sonho de sua alma virginal, que despertava para a vida. Louco e cego, passei ao lado da felicidade, correndo atrás de fantasmas. Mas ainda se pode corrigir tudo isso. Todo um futuro de felicidade nos espera!

Sem poder mais controlar-se e esquecido de tudo, atraiu-a bruscamente para seus braços, procurando seus lábios com um beijo. Como que despertando sobressaltada, Tâmara empurrou-o com violência e, arrancando-se dele, recuou até à lareira.

Pálida como morta, respirando penosamente, apoiou-se a uma cadeira e disse com voz entrecortada:

– Insolente, que retribui a amizade e a indulgência com uma violência dessas!

Seu olhar fuzilante mediu de alto a baixo a Arsênio que, estremecendo de raiva e de paixão, mal se continha. Mas, com esse poder de autodomínio que as mulheres possuem em tão alto nível, a moça acrescentou com sangue frio:

– Adeus, príncipe. Caia em si. Terminemos esta cena.

Saudando-a ligeiramente com a mão, ele virou-se e saiu.

Num dos aposentos contíguos ela ficou parada junto à janela e pousou a fronte em fogo na vidraça. Alguns minutos mais tarde, o barulho ritmado de uma carruagem que partia fê-la estremecer. Levantou a cabeça e viu a carruagem do príncipe passar a toda velocidade. Havia deixado a casa. Lentamente a moça passou ao

seu quarto de dormir e fechou a porta. Queria estar só, consigo mesma e com o estranho caos de emoções que aquele homem havia suscitado nela. Um vazio imenso, algo pungente que ela não seria capaz de definir, ficou em lugar da sua superexcitação. A imagem de Arsênio, adornada com o encanto sedutor que a aureolava outrora, flutuava em sua mente. As sensações esquecidas da primeira juventude despertavam nela e, com elas, o surdo ciúme, a amargura daqueles tempos, nos quais a felicidade se lhe tornara inacessível, aquela felicidade que a sorte irônica vinha oferecer-lhe quando já era tarde demais!

Esgotada, Tâmara estendeu-se numa poltrona e fechou os olhos. Que se passava com ela? Poderia lamentar de haver resistido à sedução, de haver permanecido fiel ao dever, à honra? O homem que a desdenhara e que, agora, estendia para ela sua mão criminosa era um ideal desbotado, murcho, há muito caído do pedestal que ela, em sua ingenuidade, construíra para ele. Mas, e agora, por que seu coração estava tão pesado? Por que o futuro lhe parecia um deserto? Por que aspirava ela a algo que não conseguia definir? Não estava compreendendo que tudo empalidecera porque, pela primeira vez em sua vida calma e severa, ela se ferira ao tocar a essência inflamável da paixão desordenada mais forte do que tudo pela atração do fruto proibido. Essa nova atmosfera provocara nela uma espécie de embriaguez. As queimaduras invisíveis faziam-na sofrer, reavivando um passado extinto e esquecido, enfeitando de cores enganadoras um fantasma outrora amado.

Subitamente oprimida pelo seu isolamento e pelo silêncio que a cercava, a moça levantou-se e foi até o quarto de vestir. Seu primeiro olhar caiu sobre o grande retrato de Magnus que ela mesma pintara nos primeiros meses do casamento.

Com estranho sentimento, ela contemplou a bela face pálida e os grandes olhos profundos e melancólicos que a fixavam como que vivos. Certamente, não tinha que corar diante dele. Fora escrupulosamente fiel a ele e, contudo, uma espécie de remorso

apossara-se dela. Parecia-lhe uma traição ocultar ao seu marido o que acabara de acontecer.

– Sim, sim – murmurou ela . Eu lhe direi tudo. Poderia existir entre Arsênio e eu um segredo que você ignorasse?

Bruscamente, como se temesse arrepender-se da decisão, ela se dirigiu ao quarto de Magnus.

O barão estava sentado à escrivaninha, organizando numa pasta algumas cartas e papéis que queria levar consigo. Ante a brusca entrada de sua mulher, levantou a cabeça e, ao primeiro olhar que lançou no alterado rosto dela e no brilho febril de seus olhos, compreendeu que algo insólito se passara. Quanto à Tâmara, toda absorvida em si mesma, não via nada. Atirando-se a uma cadeira, contou-lhe à queimarroupa o incidente, truncando ligeiramente os episódios mais tórridos, a declaração de amor e a cena agitada que se passara entre ela e Arsênio.

À medida que ela falava, profundo vinco desenhou-se na testa de Magnus. Apesar da prova de afeição e de confiança que o relato lhe proporcionava, uma surda tempestade de ciúme rugia nele. Na vibração da voz de Tâmara, no tremor nervoso de seus lábios, nas múltiplas emoções que revelavam seus olhos, o jovem marido lia toda a impressão produzida e sentia que sua mulher experimentava sensações das quais ela não se dava conta e não compreendia o alcance. Cólera e desprezo ferviam nele em relação ao ladrão que, frivolamente, punha assim em desordem aquela alma serena e queria arrancar dele o deserdado da sorte, seu único tesouro.

Um eco dessa tempestade vibrava no timbre velado e amargo de sua voz, quando ele falou:

– Não vejo nada estranho nessa atitude de Arsênio. Um libertino e um homem, sem princípios como ele, não pode ver uma mulher sem se apaixonar. As declarações apaixonadas são a sua especialidade e ele as recita como um bom ator. Controle, pois, a sua indignação, uma vez que você lhe disse o que pensa dele, isso basta. O fogo de palha vai extinguir-se e quando vocês se reverem, ele nem pensará

mais nessa loucura.

Tâmara levantou para ele seus olhos perplexos. Sentia-se melindrada com aquela resposta. Esperava outro acolhimento ao seu relato. Procurou o olhar do marido, mas os olhos do barão estavam obstinadamente fixados nos papéis que ele folheava maquinalmente. Ela viu apenas a sombria nuvem que pousara sobre sua testa e a expressão estranhamente dura e fria dos seus lábios. A moça levantou-se. Pela primeira vez, um sentimento de desencanto e frieza deslizou entre ela e Magnus. Sem dizer uma palavra, deixou o aposento.

Foi sob o peso dessa desagradável sensação que os dois esposos se separaram no dia seguinte.

A viagem, as emoções do reencontro com os antigos amigos, bem como com Olga e Jorge absorveram, contudo, a atenção de Tâmara e os receios que lhe inspirava o perigoso estado de saúde de sua amiga maternal apagaram momentaneamente a imagem de Arsênio e a penosa atitude de Magnus. Aquele estado de tensão manteve-se durante todo o tempo que precedeu e que se seguiu à operação e a mais calma, a mais resignada e a mais alegre pessoa na casa era a própria doente, que sustentava com toda a sua coragem os corações ansiosos que a cercavam.

Somente quando os médicos declararam que ela estava fora de perigo e que Eveline se encontrava em plena recuperação, Tâmara, como os outros, suspirou aliviada. Velando pela convalescente com o cuidado e a ternura de uma filha, a jovem retomou pouco a pouco o ritmo normal de sua vida íntima e, com ela, o penoso conflito de sentimentos diversos que a doença de sua fiel amiga havia interrompido. Durante esse triste lapso de tempo, ela encontrou fiel colaboração em Xênia que, de todo o seu coração, se ligara à Madame Ericson e cuja sorte sofrera feliz modificação. Em casa de seus novos amigos, Madame Hapius ficara conhecendo o amigo de um dos filhos do casal, professor de matemática num dos ginásios de Estocolmo. O jovem sueco interessou-se pela estrangeira, da

qual conhecia, em parte, a triste história, e alguns meses antes pedira-a em casamento. Xênia aceitou e Tâmara, informada por Madame Ericson, instituiu alegremente um dote para sua antiga colega de escola e assegurou ao seu filho um pequeno capital independente.

Os jovens esposos sentiram o calor da gratidão e da amizade pela generosa moça que eliminara muitas preocupações quanto ao futuro e, uma vez que o estado de saúde de Eveline permitia à sua fiel enfermeira ausentar-se, Xênia exigiu que sua benfeitora fosse hóspede frequente em sua residência. Tâmara sentia-se bem naquele agradável e modesto lar. Verificava, com alegria, que Xênia, curada de alma e de corpo, cumpria com felicidade seus deveres de esposa e mãe. E, contudo, justamente na companhia do jovem casal, vendo-os rir e brincar com o menino, a moça se sentiu triste e oprimida. Surpreendia-se a comparar a vida deles com sua própria e um sentimento de vazio, o desejo de algo que ela não podia definir, apossava-se de novo dela, tornando-a melancólica e sonhadora. A imagem de Arsênio também fizera sua reaparição. A lembrança suscitava nela, com fidelidade, sua bela face desfeita quando, tão duramente, ela o repelira. A apaixonada declaração do príncipe soava-lhe de novo aos ouvidos fazendo bater-lhe o coração, enquanto uma voz insidiosa soprava-lhe que a frivolidade e a imoralidade de Ugarine resultavam de sua educação, que ele não amara seriamente a ninguém, que jamais uma mulher adorada tentara detê-lo no caminho do vício e guiá-lo docemente no sentido do bem. Parecia-lhe que justamente ela, com a sutileza de seu espírito, seu saber, sua virtude, sua energia, teria tido a têmpera necessária para aplicar-se a ele e dominá-lo.

Tâmara ocupava de novo o mesmo quarto onde vivera durante os seus quatro anos de permanência na Suécia e, um dia, remexendo as gavetas de sua antiga escrivaninha, encontrou um dos inúmeros retratos de Arsênio que então desenhara, segundo a fotografia retirada do álbum de sua madrasta. Violentamente emocionada, atirou-se a uma poltrona e se pôs a examinar a imagem daquele

que, pela segunda vez, vinha trazer desordem ao seu coração. Em primeiro lugar, verificou como o príncipe mudara consideravelmente. Em seguida, seu pensamento, violentamente atraído para o passado, evocou uma a uma as lembranças de seus primeiros encontros com Ugarine, o desdém que ele lhe demonstrara e a sua fuga vergonhosa após a ruína da família dela, e até a covarde insinuação que a induzira a recusar o pedido de casamento de Magnus. Juntamente com tais lembranças, despertou nela todo o áspero sentimento de desprezo que as humilhações e a infelicidade haviam acumulado em seu coração. Bruscamente, amarrotou o retrato e o rasgou, lançando os pedaços na lareira e murmurando: “Ele é igual aos outros: cúpido e convencido. Não vale nem um pensamento”.

A reação inesperada rompeu algo do encantamento que havia canalizado seus pensamentos para o príncipe e os conduziu ao marido, com o qual mantinha uma correspondência bastante ativa, marcada, porém, de um tom particular que diferia do clima habitual de abandono e confiança absoluta que até então sempre caracterizara o relacionamento entre eles. Como por mudo consentimento, cada um falava o menos possível de si mesmo. Era da doença de Madame Ericson que mais se ocupavam em detalhe. Tâmara acrescentava laconicamente que estava bem. Quanto a Magnus, respondera evasivamente à sua pergunta sobre o andamento do tratamento a que se submetia. Um silêncio desses, outrora, numa questão tão séria, teria inquietado e contrariado Tâmara, mas a perniciosa influência exercida por Arsênio cobrira de sombra e de confusão sua alma. O contacto de sua impura paixão desviara-a da vida calma e ideal que a satisfizera até então. E, contudo, seu supremo desejo era o de reconquistar aquela quietude serena e retomar o seu papel de fiel enfermeira. Por outro lado, a possibilidade de um restabelecimento de Magnus causava-lhe desagradável apreensão. Forçosamente, nesse caso, ela deveria arrancar-se aos seus mais caros hábitos, ao seu papel de heróica abnegação, à auréola que isto lhe proporcionava e tudo isso para

descer a uma existência vulgar, que em nada a atraía. Por outro lado, a perspectiva de tal mudança punha sombrias nuvens no rosto da moça.

Madame Ericson conhecia muito bem sua protegida para deixar de notar que profunda desarmonia invadira sua alma. Assim que sua convalescença proporcionou longas horas de conversação, ela a observou mais atentamente e, certa manhã em que Tâmara lia para ela alguma coisa, mas obviamente pensava em algo diferente, Eveline tomou-lhe o livro das mãos e disse afetuosamente:

– Prefiro conversar com você, minha filha. Graças a Deus, sinto-me bastante forte para enfrentar um assunto que há muito me inquieta. Você mudou, Tâmara, e há confusão e irritação na sua alma. Pois bem, se você ainda tem pela sua velha e maternal amiga a afeição e a confiança de outrora, conte-me o que a oprime. Talvez nós duas juntas possamos dissipar as sombras que pesam sobre seu coração.

Tâmara enrubesceu vivamente e, tomando a mão de Eveline, levou-a nervosamente aos lábios.

– Ah, se você pudesse me esclarecer acerca do caos de minhas emoções! Mas será que eu própria seria capaz de fazê-la compreender o que me atormenta?

Madame Ericson atraiu-a para si.

– Sente-se aqui, como outrora, e abra-me seu coração. O amor inspirará, talvez, o que é preciso fazer para acalmá-la.

– Ouve, então, tia Eveline, e eu lhe ficarei devendo mais um benefício se você me esclarecer, pois sempre gostei de clareza nos meus sentimentos, e eles estão em tumulto, apesar de meu temperamento frio. Essa lucidez eu a perdi. Uma imagem proibida me assombra e me persegue e me parece que minha vida é falha, que a construí em cima de um erro, até mesmo de um sentimento egoísta e mau.

Fez uma pausa e prosseguiu:

– Você sabe que a desgraça me tornou cruel e dura comigo mesma e com os outros. A humilhação, as mil picadas que me fez sofrer a sociedade frívola e impiedosa, com a qual fui conviver, acumularam em meu coração muitos rancores. A riqueza que subitamente me foi concedida acordou em mim uma áspera satisfação: até que, afinal, eu ia poder devolver ferimento por ferimento! O desejo de verificar pela última vez a arrogância dos covardes que logo se curvariam diante de mim levou-me ao baile com o almirante, para saborear a rejeição como homenagem, da qual eu não teria mais o prazer de gozar.

Nova e breve pausa se fez, mas ela continuou:

– Em seguida, representei durante mais de dois meses uma comédia pérfida, encorajando as homenagens, fingindo que interessada em todos, para repeli-las, depois, com desprezo e divertir-me ante o desapontamento e a raiva dos que não me haviam nem notado quando eu era pobre. Acho que nisso pequei pelo coração e também contra a caridade, mas eu estava superexcitada e não era dona absoluta de mim mesmo. Meu noivado com Magnus foi, receio eu, o ato final de um jogo perigoso, que resumirei na dura palavra que eu sabia iria divulgar-se: "Preferi um estropiado do corpo a um estropiado da alma!"

– Procurei, assim, um *modus vivendi*, um acordo com a sociedade e pensava encontrá-lo nesse casamento. Coloca-se aqui um problema de natureza moral que somente foi surgindo aos poucos, mas que me atormenta profundamente. Quase às vésperas da minha doença, Magnus me pedira em casamento e eu teria aceitado com alegria sua generosa oferta, pois estava no limite das minhas forças, aspirava a um repouso qualquer e o pretendente me inspirava a mais afetuosa simpatia. Contudo, recusei sumariamente, bem decidida a não casar-me com ele jamais. E isso apenas porque um homem que, no entanto, eu desprezava me fizera uma insinuação insultante que o casamento teria confirmado.

Nesse ponto, ela contou sua conversa com Arsênio naquele dia.

Pouco depois, retomou o fio da sua narrativa, que começava com uma pergunta.

– Diga-me você, que tem profundo conhecimento do coração humano, se eu teria agido assim se de fato amasse Magnus. Se algumas palavras, desconhecidas de todos, teriam podido influenciar-me a esse ponto e se, ao escolhê-lo, mais tarde, não estava eu apenas obedecendo ao meu egoísmo.

E, antes da resposta, continuou.

– É verdade que procurei ser para ele uma enfermeira devotada. Ele me é caro, sua morte causaria um vazio em minha vida e, contudo, desde uma cena que tive com Ugarine, na véspera de minha partida para aqui, a imagem do príncipe me persegue como uma obsessão.

Com as faces afogueadas por um rubor febril, ela contou tudo o que se passou naquele dia.

– Desde aquele momento, veja você, não mais sosseguei. Não adianta dizer a mim mesma que Arsênio é um frívolo libertino, lembrar-me de todas as justas mágoas que tenho dele: a lembrança de suas apaixonadas declarações de amor, de seu olhar, de seu desespero, me perseguem e vivo a sonhar de olhos abertos com um homem que nada significa e nada pode significar para mim. Contei a Magnus o que se passara, mas aquilo não era mais um impulso do coração como outrora. Algo entre nós se modificara. Eu me sentia apenas orgulhosa demais para suportar um segredo entre mim e o príncipe. Magnus, por sua vez, recebeu de maneira muito singular minha leal confidência. Ele não é mais para mim o que era, e admito que até a ideia de que ele possa ficar curado me é desagradável e me atormenta. Não quero mudar nada em minha vida e me parece que por um marido é preciso ter outros sentimentos e não os que estou tendo por Magnus.

Ela calou-se e, com um gesto nervoso, encostou a cabeça aos ombros de sua fiel amiga. Madame Ericson ouvira atentamente a longa confissão de Tâmara.

– Uma vez que você gosta das coisas bem claras, minha filha, e deseja que eu analise suas emoções, devo dizer-lhe que você está seguindo por um caminho perigoso. Nada de mais pérfido do que os sofismas inspirados pelas nossas fraquezas, se não tivermos a coragem de sondá-los e de identificá-los para voltar ao caminho reto. Suas reflexões e seus escrúpulos sobre os motivos que a levaram a desposar o barão não passam de sofismas, por meio dos quais você tenta legitimar perante si mesma a fraqueza de deixar-se dominar pela imagem de outro homem. O príncipe, no seu atentado à sua paz de espírito, é duplamente criminoso, como você mesma disse. Apesar disso, o fluido impuro de sua paixão infiltrou-se na sua alma e de tal maneira já desviou você dos seus verdadeiros sentimentos e da caridade cristã, que a cura impossível de seu marido parece-lhe repugnante. O único conselho que posso dar-lhe, minha querida, é o de sacudir energicamente esses devaneios doentios. Se você quer mesmo recuperar a paz, reassuma seus deveres, a afeição pura e legitíma que lhe inspira seu marido e aceita o futuro tal como Deus o fará. Quanto ao príncipe, você deve evitá-lo, e será útil e razoável que, por um ano ou dois, você e Magnus venham residir em Estocolmo.

Tâmara ouvira tudo, ora corada, ora empalidecendo.

– Diga-me, tia Eveline, você acredita, em sã consciência, que eu amava Magnus ao desposá-lo, apesar das circunstâncias da época?

– Essa é a minha convicção. Você baseou sua união no mais puro e mais honesto sentimento que possa unir um casal: a estima e a convicção de ser amada com um amor desinteressado. As mais fogosas paixões extinguem-se, a beleza passa como um sonho, mas a estima e a afeição nos sustentam até o túmulo.

Tâmara nada mais disse. Abraçou silenciosamente a amiga e, em seguida, retirou-se para o seu quarto, mas desde aquele dia ficou mais calma e muitas conversas sobre o mesmo assunto conseguiram, pouco a pouco, restabelecer o equilíbrio de sua alma abalada.

No começo de junho, Tâmara recebeu do marido uma carta mais curta do que as antecedentes, na qual lhe comunicava que os médicos o haviam mandado ir para Ems[33] onde ele pedia que sua mulher fosse ao seu encontro, o mais breve possível. Sobre a cura ou o resultado do tratamento, nem uma palavra e, por causa disso, bem como pelo tom triste e evasivo da carta, ela concluiu que nenhuma alteração importante ocorrera no estado do doente. Apesar de todas as boas resoluções suscitadas por suas longas conversas com Eveline, a moça sentiu verdadeiro alívio: a ideia de ir ao encontro de um apaixonado amoroso no marido curado não lhe agradava, mas, de todo o coração, estava pronta a reassumir seu posto de enfermeira devotada. Telegrafou, pois, imediatamente, para informar-lhe que partiria dentro de três dias juntamente com Fanny.

29 Circe: na lenda grega, famosa feiticeira, filha de Hélios e da ninfa marinha Perse. Tinha a faculdade de transformar seres humanos em animais, ministrando-lhes drogas e encantamentos. Seu palácio era guardado por essas criaturas. Quando Odisseu a visitou na sua ilha, ela transformou seus companheiros em porcos, mas ele não apenas escapou ao feitiço por meio de uma erva, como obrigou-a a devolver seus homens à condição humana.

30 Pigmalião: lendário escultor de Chipre. Apaixonou-se por Galateia, uma de suas estátuas, e conseguiu que a deusa Afrodite a transformasse numa mulher viva, com a qual se casou. O dramaturgo inglês Bernard Shaw utilizou-se do tema, numa de suas famosas peças, para contar a história de um homem que resolve educar uma rude jovem para casar-se com ela. O musical *My Fair Lady*, produzido com enorme sucesso no teatro e no cinema, também se aproveitou do tema.

31 Troika: diz-se, na Rússia, de um grupo de três cavalos atrelados com a finalidade de puxarem uma carruagem ou um trenó.

32 Nancy: funcionava, na época em que se passa a história narrada por Rochester, uma famosa clínica em Nancy, sob a direção de dois médicos eminentes, o Dr. Liébault e o Dr. Bernheim, que obtiveram curas fantásticas mediante utilização da hipnose. A Escola de Nancy desenvolveu métodos diferentes dos que se utilizava o Dr. Charcot na não menos famosa Salprêtrière, em Paris.

33 Ems: cidade dotada de fontes termais, perto de Coblenz, Alemanha.



A cura e o confronto

Era meio-dia quando o trem, avançando lentamente ao longo da plataforma cheia de gente, chegou a Ems e parou. Tâmara deixou o seu vagão e, sem afastar-se, começou a procurar, na multidão, Frederico, que deveria estar por ali à sua espera. Mas, subitamente, empalideceu e seu coração disparou a bater como se fosse arrebentar-lhe o peito, enquanto uma nuvem cobria-lhe o olhar: como que paralisada, incapaz de um movimento, fitava um homem de elevada estatura que, acompanhado de Frederico, caminhava em sua direção com vivacidade. Era o belo rosto um pouco pálido de Magnus, mas aquele passo firme e ágil poderia pertencer ao paralítico? Olhou-o como se estivesse a ver um fantasma e, somente quando ele tomou sua mão, ela exclamou com a voz entrecortada.

– Magnus, você está curado!

Será que ele esperava outro tipo de alegria? Ou sentia uma desarmonia na vibração da voz amada? Seja como for, uma pequena ruga desenhou-se na testa do barão, quando levou aos lábios a pequena mão enluvada e murmurou de voz baixa:

– Perdoa-me por havê-la assustado dessa maneira. Eu deveria tê-la prevenido quanto à minha cura.

Tâmara sentiu a censura, percebeu o nervoso tremor nos lábios do marido e procurou uma palavra afetuosa, mas, na sua confusão, nada encontrou para dizer-lhe, e já o barão se voltara para transmitir algumas ordens a Frederico, quanto à bagagem. Em seguida, ofereceu o braço à esposa e a conduziu rapidamente rumo ao portão de saída. A jovem acompanhava-o como num sonho e foi somente depois de instalada numa elegante carruagem que conseguiu falar.

– Você foi muito mau, Magnus, por me ocultar sua cura – disse com a voz incerta e seu olhar, sempre tão franco, fugiu quando o jovem inclinou-se para ela e seus olhos procuraram os seus.

– Eu temia que, uma vez sabendo que eu estava curado, você não quisesse mais vir – respondeu ele com certa amargura.

– O que você está dizendo, e em que basear tal suspeita? – perguntou a moça com um tom de censura.

– Será que me enganei, Tâmara? Serei muito feliz se isso acontecer.

– Mas claro!

Nesse momento a carruagem virou, atravessou um portão de grade aberto, e foi estacionar aos pés da escadaria de uma elegante vila cercada de jardins. Um criado, que os esperava, acorreu à entrada para ajudá-los a descer.

– Sua Alteza já chegou e está esperando no terraço – disse o lacaio, enquanto o barão oferecia sua mão à esposa.

– Está bem – disse ele, voltando-se para Tâmara que, absorta em seus tumultuados pensamentos, não prestara atenção alguma a essas palavras, e acrescentou:

– Sem dúvida, você vai querer repousar e mudar de roupa. Permita-me levá-la até seus aposentos.

Ele a conduziu através de uma fileira de aposentos luxuosos, até um encantador quarto de vestir, junto ao qual havia um vasto quarto de dormir.

– Se você precisar de uma criada até à chegada de Fanny, ou se quiser vestir-se logo, bastará tocar aquela campainha e uma camareira estará à sua disposição – disse o barão, virando-se para sair.

Mas a moça fê-lo parar.

– Magnus, por que você foge? Não o estou compreendendo. Você mudou completamente todo o seu ser, disse com a voz ligeiramente trêmula.

O moço parou e seu olhar mergulhou como uma chama no de Tâmara.

– Eu lhe direi tudo depois. Agora estou sendo esperado, pois temos um hóspede para o almoço. Até logo. Dentro de uma hora virei buscá-la.

Atraiu-a para si, deu-lhe um beijo nos lábios e saiu.

Num estado de espírito difícil de descrever, Tâmara atirou-se a um divã e somente a entrada de sua fiel camareira arrancou-a de suas reflexões.

– Fanny, arranja-me depressa um vestidinho leve, pois está fazendo calor e o barão espera alguém para jantar – disse ela distraidamente.

– Não há necessidade, senhora baronesa. Gertrude, a segunda camareira, acaba de me entregar uma série de caixas vindas de Paris. Elas contém toaletes de verão, brancas na maior parte, como a senhora gosta. Só falta escolher.

– Não tenho tempo. Dê-me o mais simples deles e depressa – respondeu a moça, emocionada com a atenção de seu marido.

Fanny colocava o último alfinete numa encantadora toalete de musselina branca quando Magnus chegou. Silencioso e

preocupado, ele conduziu sua jovem esposa a um vasto terraço que se abria sobre o jardim e no qual se via uma mesa posta com todo o esmero.

Subitamente Tâmara estacou e um fugitivo rubor coloriu sua face: no visitante vestido de preto, que se levantava, visivelmente perturbado, para saudá-la, acabava de reconhecer Ugarine. Se ela tivesse olhado para o marido naquele instante, teria percebido o olhar penetrante com o qual ele observava os dois, mas tinha outra coisa em mente.

– O senhor aqui, príncipe? Que surpresa! – observou Tâmara, enquanto Ugarine beijava-lhe as mãos.

Em seguida, como tinha sede, aproximou-se da mesa e serviu-se de um copo de água.

– Teria imaginado qualquer outra pessoa, menos o senhor aqui em casa de meu marido – disse ela, virando-se com um sorriso um tanto forçado.

– Foi um acaso bem triste que trouxe Arsênio – disse Magnus com a voz velada. A morte súbita de Catarina forçou-o a vir.

Ante essas palavras, um calafrio nervoso sacudiu a moça. Tão branca quanto seu vestido, apoiou-se à mesa e reencontrou o olhar fogoso de Arsênio: o copo escapou-se-lhe da mão trêmula e quebrou-se com estrépito sobre as lajes.

Diante dessa muda confissão, os dois homens empalideceram mortalmente, só que o coração de Arsênio saltava de alegria, enquanto o de Magnus parava como que apanhado por um torno. Apesar de sua tremenda emoção, Tâmara notou e compreendeu o que se passava com os dois homens, cujos olhos se mediam como duas espadas no campo da luta. Ela viu bem, tanto o brilho de triunfo em um, como o ódio desesperado no outro, e, com um esforço quase sobre-humano, mas incapaz de falar, fez um gesto ao criado, que viera servir um prato, para apanhar os cacos do copo. Em seguida, tomou seu lugar entre os dois senhores e serviu-se

maquinalmente de uma asa de galinha. Os dois homens imitaram-na em silêncio e apenas o tilintar de facas e garfos, bem como os passos dos criados que serviam a refeição, perturbavam o lúgubre silêncio daquele almoço.

Tâmara pensava sufocar. Compreendia agora em toda a sua extensão a pérfida cilada que Magnus lhe preparara, ocultando-lhe sua cura e colocando-a inesperadamente em presença de Arsênio para anunciar-lhe que ele estava livre. E promovera isso após a leal confissão que lhe fizera de tudo quanto se passara entre ela e o príncipe. Todo o seu orgulho se revoltava ante o pensamento de que Magnus tentara penetrar de surpresa no santuário dos seus mais íntimos pensamentos e a havia tratado daquela maneira diante de Arsênio, o que explicava seu espanto e sua emoção de maneira inteiramente diversa. Jamais teria esperado tal procedimento da parte do homem que ela conhecera fraco e sofredor, que a havia idolatrado e mostrado um reconhecimento apaixonado pelo seu devotamento e seus cuidados com ele. Agora que ele estava de pé, tornara-se completamente diferente do paralítico e tamanha cólera fervia nela, por ele, que a custo se continha. Apenas uma vez seu olhar cruzara com o do marido, mas foi o suficiente para que ele pudesse sentir que havia liberado desconhecidos demônios. Jamais os grandes olhos cor de aço haviam dardejado sobre ele tal centelha de cólera e de desprezo.

Arsênio também observava sua jovem hospedeira e, à vista de sua palidez mortal, do tremor nervoso de suas mãos e do olhar sombrio e hostil que surpreendeu nela, o príncipe não tinha dúvidas de que uma terrível tempestade desabava do céu conjugal de seu primo. O temperamento orgulhoso e violento de Tâmara levava mesmo a supor que ela destruiria e atiraria para longe de si tudo o que até então lhe fora tão caro. Tanto melhor! Dos escombros do passado, seria construída, talvez, sua felicidade e, certamente, Magnus cometera, por causa de seu surdo ciúme, uma grave imprudência, provocando aquela espécie de confrontação e convidando-o, logo a ele, por ocasião da chegada da esposa.

É fácil de entender que os convivas desse penoso repasto tivessem pressa em terminá-lo e somente a presença dos criados manteve até o fim o decoro tradicional. Afinal, a última iguaria foi recolhida. Levantaram-se os três e, após haver conscienciosamente agradecido à dona da casa, o príncipe retirou-se. Seu olhar fuzilante buscou o da moça, mas ela havia baixado os olhos respondendo à sua saudação com uma ligeira inclinação da cabeça.

– Não importa – pensou ele. Você me pertence! Você se traiu e ele, o tolo idealista, concederá sua liberdade.

Depois de haver acompanhado o primo, Magnus dirigiu-se ao seu gabinete e mandou um criado dizer à baronesa que rogava sua presença nos seus aposentos. Tâmara esperava apenas esse momento para dar, enfim, livre curso a tudo quanto fervia no seu íntimo. Atravessou quase a correr o salão e penetrou no gabinete, do qual Magnus fechou a porta logo que ela entrou. O casal estava a sós.

O barão apoiou-se à escrivaninha. Estava pálido, mas calmo e apenas uma veia púrpura que marcava sua testa demonstrava sua emoção e desmentia um pouco a fria decisão que se notava em sua face fina e aristocrática.

– É indispensável que nos expliquemos, Tâmara – disse ele.

– Sim – disse ela, não mais se contendo –. Quero uma explicação sobre a estranha recepção que você me preparou aqui. O que significa tudo isso?

As sobrancelhas de Magnus se contraíram e um sombrio fulgor brilhou nos seus olhos.

– Isto significa que eu precisava saber, afinal, qual de nós dois você prefere – eu ou Arsênio, que se tornou livre. A esta altura, a dúvida me é permitida mais do que nunca: a lisonjeira impressão causada pela minha cura e a cena no terraço provam melhor do que as palavras, que você ama o príncipe. Que seja! Seu papel de enfermeira está encerrado. Concederei, portanto, sua liberdade com

o divórcio. A diferença de religião tornará mais fácil nossa separação. Dentro de alguns dias, partirei para Petersburgo, a fim de dar início ao processo, mas em todo o caso, assumo a responsabilidade de todos os erros.

Petrificada, com os olhos dilatados, Tâmara ouvia tais palavras que a atingiam como golpes de clava. Por um momento, pensou desmaiar, mas o orgulho e a indignação sustentaram-na de pé.

– Com que direito tais insultos e essas covardes acusações? – exclamou ela, sem fôlego e fora de si –. Com que direito você quer atirar essas infâmias ao rosto da mulher da qual você procura desembaraçar-se? Que dirá a sociedade de um divórcio iniciado pelo marido, logo que ficou curado? Você quer assumir a responsabilidade pelos erros? Zomba de mim, sem dúvida, com essa farsa de generosidade, pois não tenho nada de que acusá-lo. Apenas você se engana: não permitirei que minha honra seja convertida em lama. Não me deixarei ser expulsa pela porta afora, como um objeto que se tornou supérfluo, esta ouvindo? Exijo...

Ela deu um passo na direção dele.

– Exijo que durante um ano ainda fiquemos unidos aos olhos da sociedade. Na próxima primavera você estará livre para ir para onde quiser. Não digo isso para cercear sua liberdade. Divirta-se à vontade e recupere o tempo perdido. Sou eu, agora, que não quero continuar sendo sua mulher. Saiba que jamais me casarei com o Príncipe Ugarine, mas o seu procedimento é inqualificável!

Faltou-lhe a voz. As lágrimas sufocavam-na e, tremendo nervosamente, ela se apoiou a uma poltrona. Magnus corara e seu olhar se pregara com estranha expressão na face transtornada da moça. Sofria em ver a mulher que ele idolatrava presa da luta moral que ele próprio provocara e, ante sua superexcitação e a dor aguda que apertava seu próprio coração, lamentou, por um instante, haver evocado o fantasma. Mas não, ele não queria fazer sofrer aquela que lhe era mais cara do que a vida e em cujo coração reinava outra imagem.

– Acalme-se, Tâmara – disse, aproximando-se vivamente e tomando-lhe as mãos –. Longe de mim o pensamento de magoá-la. Desejo apenas sua felicidade, ainda que, na irritação do momento, eu me tenha expressado mal. Você ama Arsênio, ainda que o negue. Em mim, você amava o paralítico. Uma vez curado, não quero impor-lhe minha presença.

Profunda amargura vibrava na sua voz. Tâmara puxou suas mãos com violência. O que ela sentia naquele momento era indescritível: as palavras não bastavam à sua cólera. Parecia-lhe que, se ela pudesse entregar-se a uma agressão física sobre o marido, teria sentido algum alívio.

– As provas! As provas! – exclamou trêmula –. Você não pode provar nada do que alega, pois jamais faltei a dever algum com você. Tenho sido escrupulosamente fiel. Jamais concedi a nenhum homem um olhar ou uma palavra encorajadora. Mas você quis, maldosamente, humilhar-me perante o príncipe. Um homem que ama de verdade e se sacrifica por amor não faz uma coisa dessas em público. Ele confia na honra da mulher e pode, quando muito, suspeitar de uma fraqueza do coração, não de uma vulgar infidelidade.

– Tâmara, você deturpa à vontade minhas intenções. Jamais suspeitei de sua fidelidade, mas conheço o seu orgulho. Você teria preferido morrer a admiti-lo. Se eu quisesse saber, tinha que apanhar você de surpresa.

– Você querer saber... o que, e com que direito? Se jamais uma nuvem me obscureceu a alma, o segredo desses pensamentos íntimos me pertencem exclusivamente. Ninguém tem o direito de arrancar o véu que os cobre e ainda mais dessa maneira brutal. E você me trata como a adúltera que é preciso desmascarar. Ah, bem que mereci esse insulto por haver acreditado em você, por havê-lo considerado um dos seres mais nobres e mais puros, para o qual fui decidida a permanecer sua fiel esposa, qualquer que fosse o futuro, de vencer e expulsar todas as sombras de minha alma. Bem vãos

eram os meus escrúpulos. Você é um digno produto da sociedade na qual foi criado e no seio da qual viveu até que a desgraça o abateu. No momento em que se pôs de pé, tornou-se incapaz de compreender até mesmo a honestidade. Você pensa mesmo que se eu quisesse traí-lo teria necessidade de esperar pela sua cura?

Magnus suspirou e baixou a cabeça. Compreendia que naquele momento Tâmara era intratável e cega e que não podia mais contar com a sua afetuosa indulgência de outrora. A cruel satisfação com a qual ela o pisoteava provava sua raiva insensata.

– Acabemos com esta conversa e que seja como você quer. Por enquanto, permaneceremos unidos aos olhos da sociedade e, na primavera próxima, decidiremos o resto. Mas – acrescentou ele gravemente – deixa-me dizer-lhe, Tâmara, que seu orgulho desmesurado, esse orgulho que você transformou no seu próprio Deus, sempre há de impedir sua felicidade, pois você sacrifica a ele todos os demais sentimentos. Por orgulho, você nega o seu amor por Arsênio e, talvez, a raiva de tê-lo tido por testemunha de sua fraqueza o tornará mesmo odioso aos seus olhos. Se você me amasse, teria compreendido melhor minha intenção e não teria repelido como um insulto meu desejo de torná-la livre. Enquanto não sacrificar seu orgulho ao verdadeiro amor, que tudo suporta e perdoa, você não será feliz.

Sem responder, a moça virou-lhe as costas, abriu a porta com violência e precipitou-se na direção do terraço. A cabeça parecia rodar, todos os seus nervos vibravam e uma sede terrível ressecava-lhe os lábios. Magnus a seguira maquinalmente, e a viu apanhar um copo e enchê-lo com a água que estava numa garrafa colocada num balde de gelo sobre a mesa. Rápido como um raio, ele correu para junto dela e segurou-lhe o braço. Fora de si, a moça tentou afastar o copo do alcance dele.

– Que significa essa nova violência? Em que deseja você se meter? Você perdeu sobre mim todo o direito moral e o que faz à estranha que irá deixá-lo dentro de alguns meses não é da sua

conta.

Com um movimento irresistível, Magnus tomou-lhe o copo e lançou o seu conteúdo por cima da balaustrada.

– Você se engana – disse, mergulhando seu olhar calmo e decidido nos olhos chamejantes de Tâmara. Enquanto você viver sob meu teto e assinar o meu nome, não lhe permitirei fazer loucuras. Considero-me responsável por você perante Deus e você se esquece, além disso, que o consentimento para o divórcio ainda depende de mim. Perante a lei e os homens, você me deve obediência.

– Ah! Eu lhe provarei logo a importância que dou às suas ordens – retrucou a moça, retorcendo nervosamente as rendas da sua echarpe. Hoje mesmo partirei para Estocolmo e você não poderá proibir-me.

Ante essa revolta infantil e a súbita teimosia que se alternavam em seu rosto como um inferno de emoções desconhecidas, um fugitivo sorriso perpassou pelos lábios do barão, apesar do temor que lhe inspirava a terrível superexcitação de Tâmara.

– Você não irá à parte alguma, senão ao seu quarto para acalmar-se e repousar. Você é incapaz de raciocinar no estado em que se encontra – disse ele, amparando-a, pois ela cambaleava–. Tâmara, Tâmara, será que é você mesma que estou vendo?

A moça nada respondeu. Estava mesmo no limite de suas forças, faltava-lhe o ar e mal respirava. Nuvens negras passavam diante de seus olhos. Com o passo incerto, ela se dirigiu aos seus aposentos.

Magnus seguiu-a com um olhar ansioso. Em seguida, atirando-se a uma poltrona de junco, afastou com as duas mãos seus espessos cabelos castanhos. Também nele rugia a tempestade que provocara. A paixão há tanto tempo contida, que lhe inspirava Tâmara, assumira proporções gigantescas após a cura. Ele queria, com todas as fibras de sua alma, que aquela estranha e fascinante criatura lhe pertencesse e preferia renunciar a ela do que admitir

que um só de seus pensamentos fosse dedicado a outro homem. E, no entanto, apesar de tudo que acabara de ocorrer, um suspiro de alívio escapara-lhe do peito, ao verificar que a separação estaria adiada por um ano. Quem sabe? Durante essa longa trégua, talvez ele reconquistasse a felicidade. A cólera de Tâmara não seria eterna.

A brusca entrada de Fanny veio interromper suas reflexões.

– Senhor barão, venha depressa ver madame – exclamou a fiel camareira, muito agitada –. Acabo de encontrá-la como morta na poltrona. Ela não ouve e não se mexe.

O jovem saltou sobre os pés e precipitou-se desabaladamente rumo ao quarto de dormir de sua mulher. Encontrou-a estendida, semi-inconsciente. Sua frágil natureza rompera-se sob a pressão da tormenta e estava em completa prostração.

– É preciso deitar a baronesa. Depressa, Fanny! Arrume a cama dela – disse ele friccionando vinagre aromático nas têmporas e nas mãos de Tâmara. Em seguida, levantou-a como uma pluma e a colocou sobre o leito.

– Troque a roupa dela, enquanto vou apanhar um calmante.

Um momento após voltou com as gotas sedativas que usara durante sua enfermidade, quando estava muito nervoso.

A jovem estava deitada, com os belos cabelos desfeitos espalhados pelos travesseiros em mechas bem cuidadas. O rosto estava agora revestido de uma palidez mortal e suas pequenas mãos repousavam sobre as cobertas.

Ao primeiro olhar, Magnus reconheceu que ela voltara a si, apesar de manter os olhos fechados. Jamais a vira tão sedutora e seu coração batia violentamente quando se inclinou para ela e murmurou com ternura: “Tâmara!”. Os longos cílios tremeram, mas as pálpebras permaneceram fechadas.

– Vamos, não seja teimosa! Bebe! – disse o jovem, levantando-lhe a cabeça e aproximando a colher de seus lábios.

Ela abriu os olhos e bebeu, mas o olhar que lançou rapidamente a Magnus era sombrio e agressivo e, logo que pousou a cabeça no travesseiro, virou-se para um lado.

Pouco depois, Tâmara adormeceu e o estado de fraqueza produzido pela sua louca superexcitação era tal que, salvo uma única interrupção, dormiu até o dia seguinte e só foi acordar à tarde.

Sentia-se alquebrada de fadiga, mas completamente sóbria. Levantou-se, vestiu um ligeiro penhoar e ordenou a Fanny que corresse as cortinas de seda azul que mergulharam o aposento em doce e calma penumbra. Em seguida, estendeu-se comodamente numa cadeira de braços.

– Não deixe entrar ninguém, Fanny. Não estou para quem quer que seja – disse ela, ajeitando-se sobre as almofadas.

– E se o senhor barão quiser entrar? Ele já veio umas cinco ou seis vezes desde ontem – disse a moça embaraçada, suspeitando de algo grave.

– Você me desculpará com Magnus Oscarovitch, dizendo-lhe que estou com uma forte enxaqueca e devo repousar.

Ficando só, ela fechou os olhos e se pôs a recapitular os acontecimentos. Sua primeira sensação foi uma dor pungente: de novo, ela era arrancada à sua paz, entregue a um futuro desconhecido e condenada a longos meses de convivência com o homem que cessara de desempenhar na sua vida qualquer papel importante. A segunda impressão foi a de profundo desprezo, enquanto a lembrança das cenas da véspera fez-lhe subir uma onda de sangue à face. Como pudera abandonar-se daquela maneira à violência e demonstrar que a flecha envenenada a havia atingido, deixando escapar diante do príncipe o reconhecimento de algo que ela jamais admitira, nem a si mesma?

A lembrança de Ugarine despertava nela apenas uma surda repulsa. A humilhação sofrida em sua presença parecia tê-la curado radicalmente do sonho doentio, do qual a acusava Magnus.

Em verdade, o orgulho desempenhava papel preponderante na vida de Tâmara. Durante os anos de miséria, servira-lhe de couraça e ajudara-lhe a riscar de uma hora para outra toda a lembrança do noivo desleal. E fora ainda sua muralha contra todos os tipos de arrastamento, depois que se tornou rica. Desiludida muito cedo, aquela alma orgulhosa e sensível recolhera-se sobre si mesma, observando, desafiadora e zombeteira, as pessoas que a cercavam.

Aquela cabeça, carregada de saber, sutilizada pelas mais diversas ciências, criara um mundo, com suas ideias à parte. Ela julgava com rigor os defeitos, as fraquezas e as lacunas no saber alheio que se revelavam ao seu olhar crítico e nenhum dos homens que conhecera atingia ao ideal que ela desejava amar. Somente Magnus resistira, pelo seu saber e pela sutileza de seu espírito. Mas, como cavalheiro, ele não desempenhara nenhum papel junto dela. E por muito que houvesse estudado o caráter dos outros, o de seu marido nada lhe dizia a esse respeito. Era um homem bom, amável, doente e instruído, muito instruído, com a qual ela trabalhava e conversava à vontade. Era como um bebê grande, que ela mimava e cujo apaixonado reconhecimento lhe era agradável.

Ela gostava daquela existência calma, isenta de emoções violentas, alegrada pelos vãos esforços que eram tentados para agradar-lhe. Sem um mínimo de emoção, mas intimamente divertida, ela ministrara mais de uma ducha de água gelada e sua luta íntima com Arsênio não mais a inquietava. Até a última cena entre eles, ela conduzira aquele jogo perigoso graciosamente, com um sorriso nos lábios, diante de Magnus, sem suspeitar jamais que o jovem sofria há longo tempo com seus ciúmes. E, subitamente, seu caráter revelava-se num aspecto inteiramente novo. Ela se encontrava agora desligada do seu passado, divorciada, de fato, e posta em presença de Arsênio, subitamente livre em consequência da mais inesperada das catástrofes, em vista da robusta saúde de Catarina. E ele ousara provocar toda aquela confusão nela, ele, por quem a adoração cega era um dever! Como o detestava naquele momento. Algo se crispava nela à sua simples lembrança.

No dia seguinte, ela vestiu-se para jantar e apareceu no terraço, um tanto pálida, mas aparentemente calma. Queria dizer a Magnus que desejava ir embora de Ems, onde estava sujeita a encontrar-se com Arsênio, o que lhe era duplamente repugnante. Não apenas sua presença se lhe tornara odiosa, como também ela não desejava fingir um bom entendimento com o marido, nem deixar o príncipe a par de sua desinteligência com aquele.

Muito feliz por revê-la, Magnus aproximou-se vivamente e beijou-lhe a mão, mas ante seu olhar gelado, compreendeu que Tâmara sentia-se mais aborrecida e rancorosa do que nunca.

Após o jantar e antes de regressar aos seus aposentos, ela parou diante do barão e lhe disse com a altiva indiferença que costumava testemunhar aos que a desagradavam:

– Desejaria propor-lhe deixar Ems, se nada o retém aqui, para passar o resto do verão na Finlândia. Nesta cidade escaldante de praia, estamos expostos a encontros que não seriam agradáveis nem a você nem a mim.

– Nada me retém aqui. Seu desejo é o meu. Partiremos o mais cedo possível. Mas, por que esse tom e esse olhar, Tâmara? Diante de outras pessoas, não podemos mudar nada em nosso relacionamento habitual e eu esperava que, uma vez repousada, você assumisse uma atitude mais justa e conciliadora.

Um sorriso forçado passou pelos lábios de Tâmara.

– Creio ser conciliadora, conformando-me a todas as suas decisões de anteontem. Quanto ao tom, é difícil para mim, fazê-lo diferente daquele que empregam num salão duas pessoas da melhor sociedade forçadas a permanecerem juntas por algum tempo. Uma vez perdida a estima e a confiança recíprocas, não restam senão as aparências de um bom entendimento, a polidez. Mas essas aparências é preciso conservar. Você tem razão. Peço-lhe, pois, marcar o dia de nossa partida, para que eu tome minhas providências pessoais.

Com maldosa satisfação, Tâmara observou que profunda palidez cobria o rosto de Magnus. Sorriu quando ele virou-lhe as costas e se dirigiu aos seus aposentos sem responder-lhe. Mas, à noite, na hora do chá, ele disse rapidamente:

– Marquei a viagem para domingo à noite.

– Tomarei as providências para que tudo esteja pronto conforme você ordena – respondeu Tâmara zombeteiramente.

No dia combinado, eles partiram. Após a última cena, Magnus também se fechara na mais absoluta reserva e foi com essas disposições hostis que chegaram à Finlândia e se instalaram na mansão, onde haviam passado tantos dias calmos e felizes, e onde tudo estava tão cheio de recordações da afeição recíproca. Agora tudo era diferente: os esposos evitavam-se. As horas, que não mais se preenchiam com a conversação, pareciam intermináveis. E como Magnus ocupava-se ativamente da administração de sua propriedade, Tâmara ficou entregue a si mesma.

Ela procurava ler e pintar, como outrora, mas a tristeza e a distração perturbavam até mesmo suas ocupações favoritas. O futuro, o inevitável escândalo do divórcio, preocupavam-na e oprimiam-lhe o coração. A ideia de que Magnus provocara, por causa de um miserável ciúme, toda aquela situação desagradável enchia-lhe de cólera. E, contudo, a despeito desse rancor, ela não cessava de observar o marido com um interesse curioso. Tudo nele parecia novo: o passo ágil e firme, cuja aproximação inesperada lhe causava íntima emoção, o ligeiro bronzeado que substituíra a palidez doentia e emprestava um ar mais viril à sua face, enfim, a calma autoridade, com a qual havia retomado em suas mãos a direção de tantos negócios que seu estado enfermo o forçara a confiar à Tâmara. Com um interesse que ela nem mesmo saberia explicar, ela o observava todos os dias, da janela do seu quarto de vestir, que dava para o pátio, quando o barão montava a cavalo para ir inspecionar sua propriedade. E, a cada vez, ela se perguntava se era mesmo o paralítico débil de outrora que dominava com tanta

força e graça o fogoso garanhão árabe. Tâmara adorava a equitação e era excelente amazona. Retida, contudo, pelo seu mau humor, recusara sumariamente, quando Magnus viera propor-lhe um passeio. Ele, por sua vez, não insistira mais. Quanto a sair sozinha, por bravata, ela não conseguia ainda decidir-se.

Sob o peso de todas essas impressões, a moça compreendeu, pela primeira vez, que é possível a gente desejar fugir da sua própria casa e procurar fora, entre os estranhos, alguma distração para esquecer o vazio que reina no lar conjugal. As circunstâncias favoreceram esse novo desejo de Tâmara: a miraculosa cura do Barão de Lilienstierna provocara verdadeira sensação por toda parte. Todos os proprietários vizinhos vieram felicitar o jovem, do qual todos gostavam muito e, por sua vez, o convidavam a ir à casa deles festejar sua ressurreição, como todos diziam a rir.

Para profunda surpresa do barão, Tâmara, sem mesmo consultar-lhe, aceitou todos os convites e, tanto quanto evitara até então a sociedade e fugira das reuniões barulhentas, ela as buscava agora. Infatigavelmente visitava os vizinhos ou os recebia em sua casa, admitindo como dever indiscutível de seu marido acompanhá-la, satisfeito de desempenhar o papel de chefe da casa, nas festas improvisadas.

Magnus compreendeu o motivo pelo qual a moça se sentia atraída por essa febre de distração e sofria por isso intimamente, mas, exteriormente, nada demonstrava, acompanhando a bela e extravagante esposa com imperturbável boa vontade. Tais reuniões proporcionaram à Tâmara, inesperadamente, um espetáculo também novo para ela: o êxito social de seu marido.

O belo e aristocrático senhor não podia deixar de atrair a atenção das mulheres, em sua maioria, depravadas e frívolas, que não demonstravam nenhum escrúpulo quanto a uma pequena ligação amorosa. Por outro lado, os boatos de uma separação entre o barão e sua esposa circulavam em surdina e as profetisas, entre as mamas e as damas disponíveis, especulavam sobre a possibilidade

do divórcio.

Uma jovem viúva, sobretudo, bela morena provocante e inteligente, atacou o barão com a mais ousada sem-cerimônia e, a despeito de sua polida reserva, Magnus se via envolvido em toda parte pela tentadora mulher.

Da primeira vez que Tâmara notou essas abordagens coquetes, ficou rubra de cólera e observou, disfarçadamente, como o marido reagia a essas inconvenientes provocações, irritando-se mesmo com o sorriso com o qual ele acolhia os avanços lisonjeiros da bela viúva.

– Sem dúvida, nada tenho com isso e, dentro de alguns meses,

ele estará livre para ter quantas amantes quiser – tentava ela persuadir-se –. Mas enquanto o divórcio não é declarado, ele deveria ter a delicadeza de não se exibir e fazer essa desavergonhada entender que é um homem casado, obrigado ao decoro.

Tâmara não se dava conta de que era o sentimento de propriedade, subitamente despertado nela, que lhe causava aquele descontentamento. Seja como for, antipatizou-se com a bela viúva e nunca se encontrava em casa quando esta vinha vê-la. Magnus, que não perdia de vista sua esposa, observava todas essas pequenas peripécias e novas esperanças faziam bater seu coração. Uma vez que nem todo o interesse por ele estava extinto, a felicidade poderia renascer, elevando-se das sólidas raízes criadas pelos anos de amor e confiança, bem como pela força do hábito.

Por essa época, chegou à sua propriedade Nina Alexandrovna, que veio logo fazer uma visita à Tâmara. Esta procurou saber do príncipe.

– Está aqui, comigo – respondeu a princesa, mudando logo de assunto.

Algum tempo depois, Nina voltou, desta vez acompanhada pelo oficial dos hussardos que a baronesa havia visto em seu camarote.

Vinha convidar o jovem casal para um grande baile campestre.

– É para inaugurar minha nova propriedade – acrescentou ela, rindo.

No ano anterior, Tâmara teria recusado, tanto mais que a presença do oficial, cuja posição junto da amiga ela adivinhava, chocava-a. Mas, na sua nova disposição de espírito, aceitou o convite e compareceu no dia indicado.

Era o fim de julho, e o dia já escurecia, quando Tâmara e o marido chegaram e examinaram com interesse o aspecto feérico da casa e dos jardins iluminados. A multidão de convidados era enorme, pois, além dos proprietários vizinhos, chegara muita gente de Petersburgo.

Nina, num vestido de crepe amarelo, com papoulas nos cabelos e ao peito, fazia as honras da casa, ajudada pelo fiel hussardo. Estava numa alegria louca e dançava sem interrupção. Tâmara também dançou, mas cansada do barulho e da multidão, aproveitou-se de um momento de pausa para escapar ao seu cavalheiro e pôs-se a caminhar por uma das alamedas menos frequentadas. Por ali chegou de novo às proximidades da casa, mas pelo outro lado. A mansão tinha dois pavimentos, construída sob forma de uma ferradura. Diante da fachada principal estendia-se vasto gramado, transformado em salão de baile, enquanto o parque envolvia todo o restante do edifício.

Caminhando lentamente, a moça alcançou uma parte da casa mergulhada na escuridão. Apenas a lua clareava docemente a areia da alameda e as sombrias árvores do parque. Subitamente a baronesa estremeceu e estacou: parecia-lhe ter ouvido um gemido abafado. Um instante depois, o mesmo som apagado repetiu-se. Assustada, Tâmara examinou tudo em volta de si, com um olhar ansioso. Estava diante de um pequeno terraço elevado, ao qual se subia por uma escada de três degraus. Alguns arbustos plantados de ambos os lados projetavam suas sombras naquele recanto. Ia já escapar, quando uma sombra negra saltou do terraço e, com um

queixoso uivo, disparou para ela. Profundamente surpresa, Tâmara reconheceu Tesouro, o terra-nova do Príncipe Emílio. Curvou-se e acarinhou a cabeça do cão. Com um latido alegre, o animal lambeu-lhe a mão e, em seguida, tomando-a pelo vestido, procurou arrastá-la na direção do terraço, sacudindo a cauda e fitando nela os olhos súplices.

Nesse momento, o gemido se fez ouvir de novo e, sem hesitar mais, a moça subiu os degraus. Havia ali um ser em sofrimento que talvez ela pudesse aliviar.

Por uma porta envidraçada, aberta de par em par, ela penetrou num pequeno quarto iluminado somente pela luz incerta de fora. Nessa penumbra, percebeu, ao fundo, um leito sobre o qual se agitava fracamente um ser de quem ela não podia distinguir os traços fisionômicos.

– Água! – Murmurava uma voz rouca e entrecortada.

A baronesa correu para uma mesa colocada junto à janela, onde podia ver uma garrafa, um copo, um jarro d'água e um candelabro de braços. Encontrando, às apalpadelas, uma caixa de fósforos, a moça acendeu as velas e encheu rapidamente um copo de água, misturando-a com um pouco de vinho. Sem hesitar, aproximou-se do leito, agora plenamente iluminado, mas, súbito, estacou trêmula: acabara de reconhecer o rosto, mudado, lívido e emagrecido do Príncipe Fluresco. O doente também fitava com um olhar brilhante de febre a mulher vestida de branco e enfeitada de flores que ele não parecia reconhecer.

Trêmula, como se também estivesse febril, Tâmara aproximou-se e, levantando a cabeça do moribundo, chegou-lhe o copo aos lábios ressequidos.

– Quem é a senhora? Fique comigo. Tenho medo, sozinho aqui – murmurou ele, após haver bebido.

A moça disse-lhe o nome.

– Sem dúvida, o senhor não pode ficar aqui. Vou chamar alguém –

acrescentou.

Ela própria estava com medo, sozinha com aquele homem visivelmente agonizante.

– Ah! Estou sozinho desde esta manhã. Todos estão ocupados por aí. Mas a senhora, fique comigo. Não quero que me deixe aqui!

Com a mão descarnada agarrou bruscamente a de Tâmara.

– Não me abandone. Estou morrendo e tenho medo da morte! – murmurou o príncipe com entonação tão desesperada de súplica, que o coração de Tâmara ficou oprimido de pesar e compaixão.

Decidida a não deixar o desventurado abandonado de todos, ela retirou as luvas, enxugou com o seu lenço o suor que inundava a testa dele e, inclinando-se sobre o moribundo, murmurou docemente, como se estivesse a falar a uma criança enferma:

– Não se desespere, príncipe. Se os homens são maus e sem coração, Deus nunca nos abandona.

– Ah! Mereci a severidade dele e temo sua justiça... – murmurou o moribundo.

E como continuasse a prender-lhe a mão, Tâmara arrastou uma cadeira para mais perto dele e sentou-se.

– A morte do corpo é apenas um renascimento mais acima. Ore e confie. Não é perante um juiz implacável, mas perante um Pai misericordioso, que o senhor vai comparecer. Sua indulgência infinita saberá desculpar as fraquezas às quais o senhor foi arrastado, pelos maus exemplos, a essa atmosfera de vício que destrói a alma e o corpo.

Uma expressão mais calma espalhou-se pelo rosto contraído do príncipe. Aquela voz consoladora, vinda de um coração inocente e generoso, atuava como bálsamo, como emanação do bem em seu coração ulcerado. Mas, naquele momento, a música recomeçou a tocar, com grande barulho, os compassos de uma valsa alegre, enquanto o eco das danças chegava distintamente aos ouvidos do

agonizante, que se retorcia sobre o leito.

– Ah, de novo essa música infernal, que mata em mim todas as minhas fibras – murmurou ele. Nina, maldita seja! Maldita!

Tâmara também empalidecera. O ruído daquela festa, que abafava os suspiros de sua agonia, deveria suscitar um inferno na alma do desventurado que ali se extinguia, sustentado por uma estranha, enquanto a esposa sem coração, que havia jurado diante de Deus partilhar com ele felicidade e desventura, dançava nos braços de um amante. Ah! Se Fluresco pecara por avidez de prazeres, estava sendo terrivelmente punido.

Apesar do horror que oprimia seu próprio coração, Tâmara inclinou-se vivamente e colocou sua mão livre sobre a testa umedecida do príncipe.

– Nada de maldições, Emílio Felixovitch. Nesta hora suprema, esteja em paz com todos e lembre-se da palavra do senhor: "Perdoemos aos nossos inimigos se desejamos ser perdoados."

Uma estranha contração crispou a face de Fluresco.

– Ore por mim – murmurou ele, tentando com os dedos incertos levar aos lábios a mão dela, que estava segurando.

– Não, oremos juntos – disse Tâmara.

E com a voz bem clara, ainda que velada pelas lágrimas, pôs-se a recitar a prece sublime que resume tão bem nossas necessidades, bem como os deveres do ser humano: "Pai Nosso que estais nos céus..."

O príncipe fechara os olhos e apenas o fraco tremor de seus dedos demonstrava que ele ainda vivia. Como se compreendesse a solene gravidade do momento, o cão posara a cabeça inteligente sobre as cobertas e seus olhos não deixavam o dono.

Olhando-o por acaso, Tâmara viu duas gotas brilhantes rolarem dos olhos do fiel animal. Aquele irmão inferior, tão desprezado e tão maltratado pelo ser humano, não era bem mais superior à mulher desmoralizada que não cuidava de conter suas paixões bestiais?

Trêmula de agonia e piedade, a moça curvou-se e uma lágrima fervente, que pendia de seus cílios, caiu sobre a mão do príncipe. O agonizante abriu subitamente os olhos e com um olhar de indefinível reconhecimento fitou Tâmara:

– Muito obrigado. Fique com o cão. Deixo-o para a senhora. Ela o detesta! – murmurou ele com uma voz apenas audível.

– Eu lhe prometo – murmurou a baronesa, com os olhos pregados à expressão estranhamente brilhante do moribundo.

Seria a radiação da alma semiliberada que atravessava a matéria que começava a ser abandonada? De repente, um tremor convulsivo sacudiu o corpo do príncipe, um profundo suspiro elevou-lhe o peito e seus olhos se fecharam.

Tâmara estremeceu e sua testa ficou coberta de suor. Um sopro gelado parecia subir até ela e o horror supersticioso que invade o coração humano na presença da matéria abandonada pelo princípio vital sacudiu seus membros. Bruscamente, ela soltou seus dedos da mão gelada do morto, benzeu-se e, tomando o cão pela coleira, puxou-o para fora. O animal resistiu, a princípio, mas, ante a ordem imperiosa dela, seguiu-a docilmente.

Caminhando rapidamente, a baronesa desceu os degraus do terraço e se dirigiu à fachada principal da casa. A música continuava a tocar barulhentamente, fazendo fremir o coração da moça de horror e de desgosto. Será que não cairia um raio sobre aquela esposa sacrílega? Será que uma voz de mais alto não iria pronunciar sua condenação? Em todo o caso, Tâmara estava decidida a pôr um fim àquela festa abominável, sem consideração nem cautela por parte da dona da casa. As emoções da hora precedente haviam superexcitado sua natureza impressionável.

De regresso ao gramado, claro como o dia, a moça tomou a alameda transversal que levava ao tablado dos músicos. Parando diante do regente da orquestra, elevou a mão e exclamou com voz clara:

– Parem! O Príncipe Fluresco acaba de expirar!

O músico parou perplexo. As palavras da baronesa haviam sido ouvidas por vários membros da orquestra e, bruscamente, calou-se a música.

Os numerosos casais que rodopiavam sob a tenda improvisada também pararam e todas as cabeças voltaram-se curiosamente na direção de Tâmara que se aproximava rapidamente, seguida pelo cão, que caminhava de cabeça baixa, com a cauda entre as pernas. Ao ver que um enorme grupo de pessoas vinha ao seu encontro, a moça estacou. Ela estava tão branca quanto seu vestido e sob a claridade cegante das lâmpadas elétricas, seu rosto desfeito contrastava penosamente com sua elegante toalete de baile e com as borboletas de diamantes que prendiam seus cabelos ou com as flores que lhe ornavam o busto.

– Meu Deus! Baronesa, o que aconteceu? A senhora está toda desfeita – perguntou-lhe um velho General, que primeiro chegou junto dela, logo após Nina pelo braço do hussardo.

– Aconteceu que o dono desta casa, o Príncipe Fluresco, acaba de expirar em minha presença, enquanto sua mulher dançava aqui e a música perturbava sua agonia! – respondeu Tâmara, elevando sua voz metálica que, clara como um sino, podia ser ouvida à distância.

– Onde está o morto? Como é que a senhora sabe disso? – perguntaram várias vozes agitadas.

– Ali, numa ala isolada – disse ela, designando a alameda que contornava a casa. Atraída pelos gemidos, entrei no quarto, aberto ao vento, onde agonizava um ser humano, sozinho e abandonado, sem uma só mão caridosa para assisti-lo nessa hora suprema que nos espera a todos!

E o olhar chamejante de Tâmara fixou-se em Nina que, lívida e consternada, ouvia a dura acusação que, perante toda a sociedade, era tão ousadamente lançada em seu rosto.

Sem se preocupar com o silêncio e a perplexidade geral, Tâmara

virou-se e, percebendo Magnus, que a buscava há muito tempo, correu para ele e passou a mão sob seu braço. Por um momento, seus olhos se encontraram e, pela primeira vez, depois da querela, um clarão de amor apaixonado brilhou nos olhos do moço. Nesse instante, aquele doce eflúvio lhe fez bem.

– Vamos! – murmurou ela, chegando-se mais a ele – e traga o tesouro. Ele o deixou para mim.

Magnus envolveu-a com a saída de baile, que trazia num dos braços, chamou o cão e, cinco minutos mais tarde, a carruagem os levava de volta à casa, juntamente com o terra-nova deitado a seus pés.

– Deus seja louvado! Ei-nos longe daquela casa abominável – disse a moça com um suspiro de alívio.

– Você não quer contar-me os detalhes da morte trágica a que acaba de assistir?

– Sem dúvida – respondeu Tâmara.

E descreveu o triste quadro de miséria humana que acabara de presenciar.

Ambos ficaram absorvidos em sombrios e graves pensamentos. Meditavam sobre as deploráveis consequências do desprezo a todo princípio moral, o louco arrastamento que faz do prazer um ídolo, o objetivo único da vida, e sufoca todo e qualquer sentimento de dever.

E Nina não era a única. Tinha milhares de imitadoras em todos os degraus da escala social. E todas, como ela própria, viam no casamento apenas a liberdade garantida pela condição de mulher casada. Com a cabeça ao vento, também se ligavam ao primeiro que aparecesse e, no turbilhão daquela vida desordenada, destruíam o esposo, tão frivolamente escolhido, ou morriam sob a mão de ferro de um tirano ou sob a punhalada de um ciumento brutal, besta humana coberta por uma fina camada de verniz social. Silenciosamente, chegaram em casa, mas, quando se separaram

cada um para seu quarto de dormir, Magnus beijou-lhe a mão, enquanto seu olhar brilhante mergulhava fundo nos dela, com uma expressão toda particular. Tâmara corou e baixou a cabeça.

Durante muitos dias a lembrança da lúgubre cena à qual havia assistido perseguiu a moça como um pesadelo, roubando-lhe o sono e tornando-a frágil e nervosa. Por isso, recusou-se a comparecer aos funerais de Fluresco, para os quais Nina teve a coragem de convidá-los. Magnus, de sua parte, entendeu ser de seu dever prestar suas últimas homenagens ao desventurado jovem que tão tristemente terminava uma vida que se anunciara tão brilhante e, como um negócio exigia sua presença em Petersburgo, ele partiu no mesmo trem que levava o corpo e o acompanhou até ao cemitério de Alexandre Nevski, onde foi sepultado.

– Bem, e Nina teve coragem de acompanhar o caixão? – perguntou Tâmara ao marido, que regressou no dia seguinte.

O barão sorriu.

– Mas sem dúvida. Estava toda de crepe e até mesmo desmaiou de dor. Aparentemente, ela acreditava estar liberada de qualquer mal praticado em relação ao defunto, em vista do magnífico enterro que lhe proporcionou. Verdadeiramente, ela foi tão generosa com o morto quanto fora miserável com o vivo. O caixão de metal, os cânticos, o túmulo, tudo era de primeira classe.

– E ela não se sentia envergonhada perante aquela gente? Uma grande parte da sociedade, sem dúvida, estava presente à cerimônia, não estava?

Magnus deu alguns passos no cômodo de lá para cá. Em seguida, estacando diante de Tâmara, disse com amarga ironia:

– Por que teria ela se sentido envergonhada quando aqueles mesmos que dançavam alegremente a dança macabra pelo pobre príncipe apressavam-se em apresentar-lhe, sem pestanejar, suas condolências e seu pesar à vista da terrível perda que se abateu sobre a pobre princesa? Esquece-se você do passado para ignorar

quanta lama o bezerro de ouro pisoteia com seus cascos? Você acha que um só daqueles homens, tomados pelo agudo desejo de gozo, e que não veem em Nina senão a sua fortuna, se deixará desencorajar pelo exemplo de Fluresco? Nunca. Na sua enfarada depravação, todos se acreditam bem mais irresistíveis, mais enérgicos, mais aptos a dominarem aquela mulher do que o pobre Emílio. No final, ficarão presos ao mesmo visgo, para perecerem como ele, mais ou menos depressa. Ah, mil vezes feliz quem puder permanecer longe de tais baixezas.

– Você tem razão – murmurou a moça, baixando a cabeça.

E quando Magnus, sentado junto dela, com o gesto familiar e carinhoso de outrora, tomou-lhe as mãos e as beijou, ela não protestou.

A partir desse dia, as relações dos jovens esposos se tornaram mais ternas e, como aquele malfadado baile havia de novo desgostado Tâmara quanto à sociedade e às festas, Magnus tentou reconstituir a camaradagem de antes. Retomaram as leituras em comum, as discussões científicas, o trabalho a dois no atelier e ele conseguia levá-la consigo sempre que saía nas longas cavalgadas para inspecionar os campos e as florestas ou as fazendas mais distantes. Como por encanto, o tédio de Tâmara desapareceu e, como não saíam nunca de um terreno mais neutro, evitando qualquer questão mais espinhosa, a moça esquecia a dissensão profunda que os separava, mas somente por alguns momentos, pois, apesar do bom entendimento exterior, a falsa nota ali estava sempre.

Um futuro borrascoso pesava sobre eles. Frequentemente, Tâmara se sentia mal e, ao fitar inopinadamente um olhar de seu marido, mais cálido ou mais triste do que de hábito, ela corava e se perturbava. Contudo, a despeito dessa pequena dissonância, a simpatia criada pela estima e pelo convívio tomara forças suficientes para cobrir com um véu indulgente de caridade os desacertos de Magnus e a ideia do divórcio causava-lhe penosa opressão no

coração. Como ele era bom, honesto e cavalheiresco, comparado aos outros, salvo uma só vez em que ele parecia como que um possesso!

Uma carta recebida, naquela ocasião, de Madame Raban fez ainda mais prender a balança em favor de seu marido. A baronesa, que se achava em Nice, contou-lhe que se havia encontrado com Ugarine e que lhe fez um sermão sobre a maneira pela qual ele se exibia por toda parte com uma húngara muito conhecida entre aqueles que somente cuidam de se divertir, sob o nome de a “Bela Ilona”. Essa pessoa, com a qual havia percorrido toda a Itália, custava-lhe uma fortuna e ainda o arrastava ao jogo.

A carta produziu em Tâmara a mais penosa impressão e feriu seu suscetível orgulho. Apesar da esperança que poderia despertar nele o incidente, no qual ela traíra sua fraqueza, aquele homem frívolo não poderia sujeitar-se a esperar condignamente e em silêncio, que tudo terminasse entre ela e Magnus. A grande paixão não o impedia de tornarem públicas as suas homenagens a uma cortesã e de se arruinar por causa dela. Desprezo e cólera tomaram de novo a alma da moça e o divórcio pareceu-lhe ainda mais repugnante. Ela se surpreendeu mesmo a pensar que Magnus deveria pedir-lhe perdão pela sua conduta indigna.

Foi com essa disposição de espírito que os jovens esposos retornaram à cidade, no fim de setembro. Tâmara saia pouco. Apesar de tudo que pesava sobre seu coração, era novamente na intimidade dos seus pensamentos que ela se sentia melhor. Pouco após o seu regresso, recebeu a visita de Nadina. Apesar de uma acolhida um tanto fria, Madame Kulibine não se deixou desconcertar. A princípio, pelas lágrimas, nascidas do arrependimento de não haver seguido seus conselhos, depois, pela meiguice, conseguiu demolir a dureza de Tâmara, que acabou proporcionando algum consolo à sua inconsequente amiga. Uma vez rompida essa primeira camada de gelo, Nadina retomou logo seu entusiasmo habitual e começou a narrar as notícias recolhidas

durante o verão. Num desses episódios, Natália e Pfauenberg desempenhavam importante papel. Madame Kulibine ocupara uma vila em Peterhof, próxima da que possuía a viúva Polenov, e as duas amigas se viam com frequência.

Hóspede não menos frequente era Pfauenberg, e Nadina contou que ele cortejava abertamente Natália e que esta o havia encorajado tão francamente, que todos já admitiam como certo o casamento dos dois, logo que terminasse o período de luto. Mas surgira recentemente um rival inesperado na pessoa de um barão alemão, grande e robusto oficial de cavalaria, que projetava uma sombra considerável sobre o pequeno Eitel Franzovitch. Após ter-se rido dessa desventura do elegante caçador de dotes, Nadina informou que a glória mediúnica de Pfauenberg estava sempre em expansão, enriquecida agora com os atributos de um mago, e que Calchas, tendo sido, ele próprio, um grande iniciado, instruía seu discípulo em todos os segredos da magia e escrevia por intermédio dele um tratado explicativo sobre a Cabala[34]. Essa obra, no dizer de Pfauenberg, deveria, por sua erudição, ultrapassar de longe os ensaios de Eliphas Levi ou de Fabre d'Olivet e fazer dele próprio um mago, ao pé do qual Apolônio de Tiana[35] seria apenas um anão.

Tâmara riu descontraidamente dessas gabolices. Ela ignorava que os mexericos de Nadina tinham um fundo de verdade. O excelente Eitel Franzovitch entregara-se mesmo às ciências ocultas. A magia negra, com todo o seu poder malfazejo, tentava o homenzinho rancoroso e sonso, que nunca se vingara abertamente de uma ofensa verdadeira ou imaginária, mas que seria certamente capaz de empregar um enfeitiçamento para destruir alguém que lhe desagradasse ou prejudicasse. Por isso, estudava assiduamente os livros ocultistas que tratavam de magia e se absorvia na leitura da *Iniciação*[36]. O estudo do hipnotismo também o atraía. Dispor daquela força perigosa que sujeita a alma de outrem fazer desta, cera macia nas mãos do dominador era o objetivo de seus sonhos. Com essa intenção, aplicou-se à tarefa de desenvolver a vontade e de exercê-la segundo os métodos indicados nos livros de ocultismo.

Por isso, bebia assiduamente a infusão daquela erva maravilhosa que lhe prescrevera Calchas e que deveria estimular nele todas as forças misteriosas de que dispõe a alma humana.

Apaixonou-se especialmente por um dos relatos publicados na Iniciação. A *brûler* era um verdadeiro tratado, que ensinava como desprender o corpo astral de seu grosseiro envoltório carnal e a utilizá-lo à vontade, concentrado no corpo impalpável para o qual não existem obstáculos materiais, produzindo atos perfeitamente sensíveis. Sem dúvida, Pfauenberg tinha em mente resultados menos trágicos do que o herói do Senhor Lermina e desejava utilizar-se da faculdade de desdobramento de maneira prática. Não obstante, ele trabalhara com tenacidade para produzir o fenômeno desejado, e quando conseguiu fazer-se ver à distância por alguns sensitivos, a glória subiu-lhe à cabeça. Acreditava-se um verdadeiro mago, capaz de moldar o destino à vontade, e achou que se não tinha nas mãos as chaves do céu, certamente tinha as do inferno. Esquecia-se, apenas, de que para manipular tais forças ocultas, tanto do bem, como do mal, é preciso renunciar a si mesmo e sujeitar-se a um regime especial, se é que não desejamos expor-nos a perigos desconhecidos. Mas o regime era bastante desagradável para ser aceito por Pfauenberg e ele simplesmente deixou de lado indicações muito precisas dadas nesse sentido pelo autor de *A brûler.*

Pfauenberg desejava experimentar seus novos poderes para chegar a bom termo num projeto que há muito perseguia: o de fazer um casamento rico. Até então, uma fatalidade havia sempre feito falhar suas especulações matrimoniais. Ou a herdeira não reconhecia a felicidade que ele lhe oferecia, ou ele mesmo recusava-a no último instante, não encontrando mais na sua eleita as perfeições que exigia na sua esposa. Agora, as coisas iriam mudar e a escolha dependia apenas dele; não era ele um grande mago, que podia desdobrar-se para ditar sua vontade e prescrever a resposta que deveriam enviar-lhe?

Sua escolha definitiva repousou em Natália Polenov, cuja fortuna acabava de ser ampliada com a herança inesperada de uma tia. Tudo muito bem pensado, ele achou que a vila em Peterhof era magnífica, bem como a propriedade perto de Poltava, que a casa na cidade precisava de um dono e que as carruagens, assim como o padrão de conforto da casa, representavam um *status* desejável.

Pfauenberg passou a demonstrar, assim, o maior devotamento à jovem viúva e deu-lhe todo o apoio, não apenas do seu braço, quando ela desmaiou no enterro do marido, como, ainda, moralmente. Com engenhosa ternura, ele esforçou-se por recuperar aquela flor amassada e tudo caminhava maravilhosamente, quando surgiu o desastrado barão, que procurava descaradamente suplantar Eitel Franzovitch e consolar a inconsolável.

Profunda cólera tomou o coração de Pfauenberg, mas ele não desanimou. Esperava apenas o momento adequado para pôr em ação sua misteriosa ciência e vencer seu rival por um procedimento de que este último jamais suspeitaria.

Resolveu agir sem perda de tempo e, uma noite em que sabia encontrar-se Nadina só em casa, fechou-se no seu quarto e preparou-se para a grande tarefa. Para estimular suas forças ocultas, tomou uma injeção de vitamina, novo remédio muito famoso. Em seguida, preparou uma chaleira completa de infusão da erva *Damiani,* da qual bebeu duas xícaras. Um calor intenso envolveu-lhe o corpo e o rosto ficou rubro. Tomado de irresistível impulso de vontade pegou uma folha de papel e escreveu um pedido de casamento. Pousou depois a mão sobre a carta aberta e magnetizou-a com o olhar e o pensamento, impregnando todas as palavras com a vibração de sua vontade. Depois de envelopar e endereçar a carta, chamou seu empregado e mandou-o levá-la à casa de Madame Polenov.

Assim que o homem saiu, Eitel Franzovitch tomou uma segunda folha de papel e escreveu, pronunciando palavra por palavra, em voz alta: “Poderia o senhor duvidar da minha simpatia? Aceito seu

pedido e me sentirei feliz em ser sua esposa. assinado Natália". Magnetizou aquele segundo bilhete ainda com maior cuidado do que o primeiro. Mentalizou a jovem viúva e procurou impregnar seu cérebro com um jato de sua vontade, transmitindo-lhe o texto que ela deveria escrever.

Esgotado, com o suor a descer-lhe pela testa, deixou-se, enfim, cair sobre o espaldar da poltrona, mas o estado de fraqueza durou pouco. Levantou-se e tomou mais uma xícara da erva *Damiani.* Faltava cumprir a segunda parte de sua tarefa. Era preciso agora desdobrar-se e transportar sua personalidade astral para controlar a execução da sua vontade. Sentando-se comodamente, concentrou-se, fixando como os faquires a ponta do nariz. Pouco a pouco uma palidez cadavérica foi substituindo o corado vivo de sua face, seus membros tornaram-se rígidos e todo o seu corpo assumiu a imobilidade da morte.

Natália estava só no seu gabinete. Estava lendo, enquanto aplicava compressas quentes sobre um joelho inflamado por causa de uma luxação, quando lhe entregaram a carta de Pfauenberg. Admirada de uma carta tão tardia – eram quase onze horas – a moça abriu o envelope e leu, mas longe de cumprir a ordem invisível e acolher com alegria o pedido de casamento, atirou a carta para um lado com desprezo.

– Que ideia tola essa de me importunar a essa hora da noite com o seu pedido despropositado! Decididamente, prefiro o barão, um homem soberbo e dono de um título. Vou escrever a Eitel Franzovitch que estou ainda magoada com a perda horrível que sofri, para pensar em novo casamento.

Sentou-se à escrivaninha e preparou-se para escrever.

– Quero ser baronesa, como Tâmara – murmurou ela com um sorriso satisfeito.

Subitamente sentiu uma dor de cabeça aguda. Dir-se-ia que uma força invisível agarrava-se aos seus cabelos, levantava-os e os puxava como se quisesse arrancá-los. Uma desconhecida sensação

fazia-lhe estremecer como se algo de impalpável, mas pesado e pegajoso, a envolvesse. Um poder desconhecido mantinha a pena na sua mão, forçando-a a escrever que ela aceitava Pfauenberg como esposo.

Mal havia assinado, a pena lhe escapou da mão e seus grandes olhos abertos fixaram-se numa aparição que, quase a roçar-se nela, pairava ali no ar: era Pfauenberg, cujos olhos fixos, fulgurantes, pareciam trespassarem-na. Mas era só o busto dele que aparecia à altura da escrivaninha, transparente e acinzentado. Na penumbra projetada pelo grande abajur, nada havia senão o vazio no lugar onde deveriam estar pousados os pés dele. Com um grito de desesperado horror, Natália recuou e desabou desacordada sobre o tapete.

Pfauenberg foi encontrado estendido na poltrona como que adormecido, mas era o sono da morte. Que misteriosa causa teria partido o fio de sua existência? A boca muda nada revelava. Quanto à ciência oficial, declarou a causa da morte como rompimento de um aneurisma. Ninguém duvidou da afirmativa; apenas algumas raras pessoas céticas acharam que as sessões mediúnicas e a famosa erva foram a causa do desastre.

Calchas e seu médium desapareceram, assim, da cena e, com sua ingratidão habitual, a sociedade logo os esqueceu: eles não mais serviam de distração e somente a verdadeira afeição é capaz de lembrar-se daquele que desapareceu.

Tâmara também sentiu aquela morte súbita que durante oito dias ocupou os ociosos, mas outro acontecimento que a tocava mais de perto a levou igualmente a esquecer esse episódio.

---

34 Cabala: não é fácil a tarefa de condensar em um exíguo texto uma noção aceitável acerca da Cabala, de vez que a matéria é ampla e não são poucas as controvérsias sobre ela. O termo em si significa “doutrina recebida por tradição”. Os textos originários remontam ao século 11 ou 12, mas, obviamente, reportam-se a conceitos antiquíssimos. Basicamente, a Cabala é uma tentativa de interpretação mística do Antigo Testamento, uma espécie de teosofia hebraica. Spencer Lewis chama a atenção para o fato de que esses textos, muito discutíveis em si mesmos, são rejeitados pelos próprios judeus, que os

consideram com sérias reservas. A Enciclopédia Britânica, contudo, esclarece que, embora seja verdadeiro que a atitude dos eruditos judeus tenha sido mais para a rejeição da obra, é igualmente certo que nos últimos tempos a posição seja bem mais aberta, procurando “estudar a Cabala em vez de condená-la”. Como é comum em sistemas de caráter místico, a Cabala tem seus exageros e extravagâncias, mas resta-lhe importante conteúdo digno de exame. Como tantas obras de fundo esotérico, a Cabala prestou-se a inúmeras explorações, nem sempre bem intencionadas, quanto à utilização de conceitos ocultistas, mas nenhum corpo doutrinário ou filosófico pode ser condenado pelo mau uso que dele se faça.

35 Apolônio de Tiana: filósofo neopitagórico, moralista e mago, nascido em Tiana (Capadócia, na Ásia Menor), e falecido no ano 97 da nossa era. Foi, portanto, contemporâneo do Cristo e educou-se em Tarso, cidade natal de Paulo. Tornou-se tão lendária sua figura, que a sua biografia, escrita por Damis e reproduzida por Filostrato, parece mais uma obra de ficção. Viveu até cerca de 100 anos de idade. Era dotado de bem desenvolvidas faculdades mediúnicas, especialmente o dom da profecia.

36 *Initiation:* conforme dados obtidos junto à Bibliothèque Nationale, em Paris, *Initiation – Revue philosophique indépendante des hautes études: hypnotisme, théosophie* – circulou mensalmente de outubro 1888 a setembro 1912. “A brûler”, artigo de Jules Lermina, citado por Rochester, foi publicado em capítulos nos seus sete primeiros números, ou seja, de outubro 1888 a abril 1889. Aquela biblioteca ainda dispõe de uma coleção da revista, em regular estado de conservação.



Obsessão e libertação

A PARTIDA DE Lilienstierna e sua mulher de Ems fora para Arsênio desagradável surpresa, mas com sua leviandade habitual ele se consolou com a esperança de que, chegados à Rússia, eles se separariam sem ruído e, em seguida, providenciariam o divórcio. Para ocupar o tempo da espera e distrair a paixão fogosa e tenaz que fervia nele, viajou e divertiu-se, mas discretamente. Em seguida, uma entrevista com seu sogro absorveu-o e o pôs no pior dos humores. Com a aguda rapacidade e rudeza do camponês enriquecido, o velho Migusov havia-lhe declarado que, tendo Catarina morrido sem deixar filhos e não havendo testamento a seu favor, ele não poderia entregar-lhe o dote de um milhão. Depois de uma cena violenta e penosa, acabaram chegando a um acordo, segundo o qual o príncipe receberia, da parte de seu sogro, um rendimento anual de quinze mil rublos e conservaria até à morte a residência que ocupara com sua mulher que, então, voltaria a ser propriedade do velho comerciante.

É fácil compreender que tal redução de seus rendimentos deteriorou fortemente o humor de Arsênio. E para cúmulo de sua raiva, ele soube, por essa época, que em lugar de se divorciarem,

Magnus e Tâmara viviam tranquilamente na Finlândia, divertindo-se e visitando os vizinhos. Um ciúme feroz tomou conta do coração do príncipe. Aquele bom humor e as constantes saídas do casal pareciam-lhe indicar uma reconciliação completa, e só de pensar em tal triunfo do primo sobre ele fazia-lhe subir todo o sangue à cabeça. Fogoso e indisciplinado, como era Arsênio, atirou-se a todos os excessos para esquecer a derrota amorosa e as decepções pecuniárias.

O resultado de alguns meses de orgia foi um desarranjo completo em suas finanças. Crivado de dívidas, regressou a Petersburgo, mas em lugar de cuidar de livrar-se, de qualquer maneira, daquela situação, meteu-se em novas loucuras. Sua paixão insatisfeita não se deixava vencer por nenhum excesso e, além do mais, aquela vida dissipada e febril, que não lhe deixava tempo nem para pensar, tornara-se-lhe uma segunda natureza. Ainda que Tâmara já estivesse de volta à cidade, ele não se decidiu logo a ir vê-la. Quanto ao divórcio, nada transpirara ainda e a convicção de que, decididamente, ele perdera a partida, agrilhoava-o como uma ofensa pessoal.

Foi após uma noite de orgia, meio ébrio e acossado pela necessidade de pagar uma dívida de jogo que Arsênio deixou-se convencer a assinar duas promissórias em nome de seu sogro. Quando ele, de alguma sorte, tomou consciência do crime que cometera, este já era irreparável. E, no entanto, tal era a inconsequência desse homem, que ele próprio disse:

– Tenho seis semanas pela frente. Daqui até lá, tomarei minhas providências.

E foi somente quando se encontrou diante do insolúvel problema de pagar ou ficar desonrado que compreendeu a seriedade da situação.

Por isso, naquela brumosa tarde de dezembro, ele estava a sós no seu gabinete. Caminhava de um lado para o outro, a face lívida, profundas olheiras, o olhar febril deixando, às vezes, escapar

algumas frases soltas:

– Ele, aquele “casca-grossa” não me ajudará! E, depois, confessar... Não, jamais... E pedir socorro a ela, antes a morte!

Uma expressão de raiva e desespero contraía seus traços e, afastando as mechas de cabelos que se lhe colavam à testa, acrescentou:

– Bem, decididamente está tudo perdido, até mesmo a honra. Só me resta uma salvação.

Tocou a campainha.

– Traga-me duas garrafas de champanhe gelado! – ordenou ao servidor.

Quando a ordem foi cumprida e o vinho colocado dentro de um balde de gelo sobre a mesa junto ao divã, o príncipe proibiu que alguém viesse incomodá-lo e, retirando de uma caixa um revólver, carregou-o cuidadosamente. Depositando a arma diante dele, apoiou os cotovelos à mesa e se pôs a meditar: aquele tubo de metal que continha a morte era seu libertador e ele estava decidido a usar esse recurso supremo. Mas, a despeito da sombria resolução, a vida que se agitava no seu corpo jovem e forte revoltava-se contra a destruição, e a alma estremecia, assustada, à soleira do nada desconhecido, no qual iria rolar. Ah, se ele pudesse sondar o Além! Seria o sono sem sonhos do Nirvana, o aniquilamento da matéria pensante, ao mesmo tempo em que o do corpo, como afirmavam os materialistas? Procurava lembrar-se de tudo quanto lera sobre o assunto, todos os sutis sofismas que reduzem o homem a uma engenhosa máquina. Certamente, se os sábios tinham razão, seria uma verdadeira felicidade, mas e a outra hipótese, aquela que proclamam todas as religiões desde as origens do mundo, e que o Espiritismo veio confirmar com os fatos? Se, após a morte, a alma continuasse consciente e individual, responsável por seus atos, perante essa justiça imutável que se manifesta em leis que não desafiamos impunemente e que punem cada um segundo seu pecado?

– Mas não posso viver degradado, desonrado! – exclamava exasperado, como se estivesse já perante o tribunal da justiça eterna que lhe pedia contas da sua vida destruída.

Como um turbilhão, repassou diante de sua visão espiritual toda a existência, votada somente ao prazer, a uma busca desenfreada de gozo e desprovida de todo dever, de qualquer aspiração mais elevada. A imagem de Tâmara surgiu de novo em sua mente. Abriu bruscamente uma gaveta secreta de sua escrivaninha, de onde retirou uma caixa oblonga, da qual ele fez funcionar a mola. Um retrato de mulher, emoldurado em veludo vermelho, apareceu: era o de Tâmara, pintado em miniatura, que ela dera a Catarina e que o príncipe subtraíra de sua mulher.

Absorveu-se na contemplação da fina e saudável face, que exalava tão estranho encanto. Ela sorria, como se estivesse viva; a pequena boca orgulhosa e zombeteira; os grandes olhos, a brilharem com um fulgor metálico, fixavam-no, límpidos e sonhadores. As pupilas cinzentas, com um toque azul, insondáveis na sua calma pureza, fizeram-no pensar nos pequenos lagos da Escócia e da Finlândia, que pareciam adormecidos a sonhar engastados numa cercadura de rochas e de sombria verdura e que ora refletiam o azul do céu, ora as nuvens tempestuosas a despedirem raios.

– Tâmara! Tâmara! – murmurou ele, apaixonadamente – por que, louco cego, não entendi em tempo que a felicidade era você e que ao passar, ingrato e ávido de ouro, junto ao gênio do bem, assinei minha própria condenação? A você, que amei e apreciei tarde demais, pertence meu último pensamento, meu derradeiro adeus!

Tomou uma pena e, com mão febril, escreveu:

“Quando esta carta chegar às suas mãos, Tâmara, aquele que traça estas linhas terá comparecido perante Deus, que o criou, para dar conta a esse Pai e Juiz Celeste de uma vida ociosa, viciosa e criminalmente destruída. Incessantemente me vêm à memória as palavras de desprezo, mas merecidas, que você me disse uma vez:

‘Essa mão principesca tem vergonha de trabalhar, mas não de vender-se’. Você ainda não sabe, Tâmara, que essa mesma mão não estremeceu ao assinar com um nome falso uma promissória e que, dentro de uma hora, ela ira levantar a arma que porá fim a uma vida miserável, por meio dessa miserável covardia, o suicídio. ‘Ele foi duplamente indigno: só amou a impureza e tremeu ante a responsabilidade de seus atos!’ – dirá você. E terá razão, Tâmara. Eu não sou digno nem da bala que vai alojar-se em meu coração e, contudo, sendo como sou, não tenho outra saída. Por que tudo aconteceu assim? Pergunto-me nesta hora suprema e, sem desejar nada desculpar de meus erros, parece-me que não sou o único culpado. Quando me lembro de minha infância árida, vazia de amor, entre aquele pai sempre ocupado com seus negócios e com os prazeres e os empregados assalariados que me lisonjeavam e negligenciavam minha adolescência; quando me lembro de minha vida já envenenada pelos livros obscenos e pelas mulheres sem princípios que estimulavam todos os meus maus instintos, digo a mim mesmo que nossa sociedade produz à vontade seres como eu.

“Talvez me tenha faltado a mão de uma mulher verdadeiramente pura e amorosa que me tivesse retido à beira do abismo, a sua sobretudo, a quem amei como jamais amara a pessoa alguma. Mas, talvez, até mesmo o seu poder fosse impotente para me regenerar. O homem é um animal ingrato, que ataca sobretudo aquilo que ele não pode possuir. O problema, porém, é ocioso, pois tudo está terminado.

“Adeus, Tâmara. Seja feliz. Interceda por mim perante o Supremo Tribunal e não recuse meu derradeiro pedido: venha ver-me, quando eu não mais existir, e conceda ao morto aquele beijo que você recusou rigorosamente ao vivo. Parece-me que o toque dos seus lábios puros lavará uma parte das impurezas do meu passado. E Magnus não pode ter ciúmes desse favor, ele que fica com você para o resto da vida. Ainda uma vez, adeus! Meu último pensamento será para você e se, verdadeiramente, a alma sobrevive ao corpo, a minha voará para você para dizer-lhe que não mais existo!”

Depois de assinada e posta a carta no envelope, ele chamou seu camareiro e ordenou-lhe que fosse levá-la dentro de uma hora à Baronesa de Lilienstierna. Ficando só, de novo, retomou a caminhada dentro do cômodo, esvaziando copo atrás de copo para afogar em vinho capitoso seus últimos escrúpulos de consciência, a última revolta da carne contra a destruição.

Seriam três horas da tarde, mas um denso crepúsculo envolvia já a vasta capital do Norte e aquela meia-luz baça enchia de densas sombras o aposento decorado de vermelho, onde Tâmara se achava sozinha. Magnus, que acabara de chegar da cidade, estava em seus aposentos, e a moça, atormentada por uma inquietação incompreensível, atirara-se a uma poltrona. Desde cedo, aquele mal-estar inexplicável a perseguia, oprimindo seu coração com uma estranha agonia e fazendo-a lembrar, a todo o momento, de Arsênio e das conversas que tivera com ele. Enfim, recolheu-se ao divã, recomendou que não acendessem a luz e fechou os olhos. De novo a imagem do príncipe a perseguiu: ela podia ver seu belo rosto, ouvir as palavras de amor que lhe dissera ali mesmo naquele aposento. Em vão procurava repelir essas lembranças inoportunas, quando, subitamente, estremeceu – uma corrente de ar glacial acabava de atingir seu rosto, envolvendo-a da cabeça aos pés, com uma névoa úmida. Ao mesmo tempo, uma respiração arquejante se fez ouvir e passos, abafados pelo tapete, aproximaram-se rapidamente.

Tâmara sentou-se bruscamente, mas seu coração parecia ter parado de bater quando viu Arsênio que, de repente, inclinava-se para ela e tocava levemente sua face com os lábios gelados. A moça queria levantar-se e gritar, mas parecia paralisada e somente seu olhar apavorado errava pela figura do príncipe, cujos olhos parados e estranhos pareciam pregados nela. Ele estava lívido, a boca descorada mostrava os dentes cerrados e, através do uniforme entreaberto, via-se, do lado esquerdo, uma chaga que ele mostrava com a mão e de onde escorria sangue num reduzido filete.

Com um grito de pavor, a moça saltou do divã e atirou-se ao seu encontro, mas, subitamente, o espectro desapareceu. O grito desesperado chegou aos ouvidos de Magnus. Atirando para um lado o jornal que estava lendo, precipitou-se na direção dos aposentos de sua mulher e, vendo-a de pé, as duas mãos estendidas, os olhos dilatados, perguntou ansiosamente:

– Que é isso?

– Arsênio! – exclamou Tâmara com a voz rouca.

Um rubor vivo inundou a face do barão.

– Você está sonhando em pleno dia – disse ele bruscamente. Arsênio não veio para cá ao que eu saiba!

A moça aproximou-se dele. Estava pálida como um fantasma e seus lábios trêmulos recusavam-se a obedecer a sua vontade.

– Não estou sonhando. Arsênio veio aqui, porém, morto! –

murmurou com esforço. Ele matou-se: eu vi a chaga no peito dele!

Compreendendo que algo de extraordinário acabava de acontecer, Magnus aproximou-se vivamente da esposa[37], conduziu-a até um assento e procurou acalmá-la afetuosamente, tentando persuadi-la de que fora vítima de uma ilusão dos sentidos. Como que aturdida, Tâmara apoiara a cabeça nos seus ombros e fechou os olhos. O barão, muito preocupado, dispunha-se a ir buscar os sais aromáticos, quando seu camareiro, pálido e agitado, apareceu à porta e, à meia-voz, rogou-lhe que viesse imediatamente ao seu gabinete, pois havia alguém que desejava falar-lhe de algo muito urgente.

Movido por um triste pressentimento, o jovem encaminhou-se a toda pressa para os seus aposentos e o pressentimento tornou-se certeza, quando reconheceu o camareiro de Arsênio que, muito agitado, apresentou-lhe uma carta endereçada à sua mulher.

– Uma desgraça nos aconteceu, senhor barão – disse o homem com a voz entrecortada –. Sua Alteza me havia entregado esta carta, ordenando-me que a levasse ao seu destino dentro de uma

hora, mas eu me demorei um pouco e, de repente, ouvi no seu gabinete um tiro de pistola. Assustado, atirei-me contra a porta que se encontrava trancada. Chamei, mas Sua Alteza não respondeu. Então, em minha agonia, chamei mais gente e corri à casa do Conde de Winter, do batalhão de Guardas, que mora no mesmo pavimento. Ele veio logo com um policial e a porta foi arrombada. O príncipe estava atirado a uma poltrona diante de sua escrivaninha. A pistola jazia ao lado dele. Havia disparado um tiro do lado do coração. Enquanto procuravam um médico, corri para aqui. Talvez a carta contenha alguma indicação. Peço-lhe, senhor barão, venha; não sabemos o que fazer e Carpa Michailovitch está em Samara.

– Irei imediatamente. Frederico, mande atrelar os cavalos – disse o jovem, retomando o caminho do aposento de Tâmara.

Ela estava de pé à soleira da porta, lívida e trêmula.

– É da casa de Ugarine que vieram? – perguntou ela.

– É. Na verdade, ele está mesmo ferido – respondeu Magnus.

– Não. Ele está morto! – murmurou a jovem tombando inconsciente.

Pálido e comovido, o jovem levantou-a e a levou ao quarto de dormir, onde a deixou aos cuidados de Fanny, enquanto ele se dirigia rapidamente à residência do primo.

Tumulto e desordem reinavam na vasta habitação. Curiosos vindos sabe Deus de onde comprimiam-se no vestíbulo e as pessoas corriam atarefadas de um lado para outro, enquanto dois médicos conversavam com o Conde de Winter no salão.

– Bem, é grave? – perguntou Magnus com voz enquista.

– Tudo está acabado. A bala atravessou-lhe o coração e tivemos apenas que confirmar a morte do príncipe – respondeu um dos médicos.

Com o coração oprimido, o barão entrou no gabinete. O corpo achava-se estendido no grande divã turco. O uniforme estava desabotoado, a camisa aberta e, ao lado esquerdo, via-se um lenço

dobrado encharcado de sangue.

Magnus inclinou-se sobre o morto e contemplou com emoção o belo rosto imóvel: dor e pesar e outro sentimento que ele se sentia envergonhado de admitir a si mesmo lutavam nele. Mas, rejeitando aquele sentimento egoísta que, por um momento, não lhe permitira ver no infeliz primo mais que um rival destruído, ele orou de todo o seu coração pelo repouso de sua alma e, em seguida, beijou-o na testa e saiu.

Após dar as ordens e haver tomado as providências necessárias ante o triste incidente, retomou o caminho de casa. Durante todo o trajeto, pensou no futuro e naquela que representava para ele o que de mais precioso tinha: Tâmara. A morte de Arsênio resolvera, de um só golpe, o problema em seu favor. O túmulo é um rival pouco perigoso. Havendo reconquistado o equilibro, o coração da moça voltaria certamente a ele. Era preciso apenas esperar pacientemente que se desenrolasse aquela crise suprema e ele prometeu a si mesmo velar como um irmão um amigo indulgente por aquela alma enferma, e curá-la à força de afeição.

Com a carta do príncipe na mão, Magnus dirigiu-se ao quarto de sua mulher. Pálida e desfeita, Tâmara caminhava de um lado para outro no quarto de vestir, agora iluminado por uma lâmpada. À entrada do marido, ela parou perto da mesa e fitou-o com muita ansiedade.

– Sua terrível visão não foi ilusória. Só nos resta orar pela alma sofredora de nosso desventurado parente – disse Magnus com tristeza –. Mas aqui está uma carta que ele deixou para você. Tome-a, minha cara, e seja forte – acrescentou ele, colocando a carta sobre a mesa.

Às primeiras palavras do marido, a moça sentara-se trêmula, mas, notando que ele se voltava para sair, tomou-lhe o braço.

– Fique, Magnus, e leia a carta para mim.

– Você quer que eu leia para você o supremo adeus de Arsênio? –

perguntou o jovem empalidecendo.

– Por que não? Nada existe entre mim e o príncipe que você deva ignorar. Peço-lhe, leia-me a carta.

Com a mão ligeiramente trêmula, o barão rasgou o envelope e leu as linhas dirigidas pelo seu antigo rival à mulher amada. Tâmara apoiara os cotovelos à mesa e lágrimas escaldantes, que ela não procurava nem mesmo dissimular, filtravam-se através dos seus dedos.

– Agradeço a prova de confiança e de afeição que você acaba de me dar – disse o barão com a voz velada pela emoção, ao pousar a carta sobre a mesa.

Tâmara levantou bruscamente a cabeça e fitou o marido com um olhar brilhante através das lágrimas.

– Não pense que choro Arsênio por causa de um amor culposo. Choro seu fim miserável... Morrer só, sem um gesto amigo que o impedisse naquela fatal decisão!...

Magnus tomou a pequena mão que ela lhe estendia e a levou aos lábios.

– Eu acredito, Tâmara. Por sua vez, não me considere mesquinho a ponto de sentir ciúmes de algumas lágrimas de pesar que você concede a um morto. Uma mulher de bom coração poderia ver, sem compaixão, perecer tão tristemente o homem que a amou? E agora, até logo, minha querida. Tenho várias providências a tomar.

Tâmara reteve sua mão e levantou para ele um olhar suplicante.

– Magnus, resgata essa odiosa promissória. Não podemos deixar manchar-se o nome desse pobre morto. Que a sociedade ignore os motivos de seu suicídio.

O jovem concordou com o pedido.

– Você adivinhou meu pensamento. Tudo será feito como você deseja, só que esteja prevenida de uma coisa: a importância deverá ser um tanto alta.

– Não importa. Vamos pagá-la, qualquer que seja a soma. Temos nossas economias provindas de rendimentos e somos tão ricos!

Magnus sorriu.

– Você é que é rica!

Ela sacudiu vivamente a cabeça.

– Não, não. Nós vamos pagar juntos e, mais tarde, se for preciso, serei tão econômica, que você há de ver.

Ficando só, a moça atirou-se ao divã e deu livre curso às lágrimas.

– Arsênio! Arsênio! – murmurou ela – por que não posso eu contribuir para você senão com um pouco de ouro, esse vil metal

que você preferiu ao verdadeiro amor?

No dia seguinte, pela manhã, Magnus ocupou-se ativamente dos preparativos para o enterro. Mas, após o jantar, propôs a Tâmara acompanhá-la à residência de Ugarine, a fim de assistir à missa de corpo presente e dizer adeus ao defunto, antes que chegassem os estranhos.

Profundamente comovida, a moça entrou na esplêndida habitação, tão rápida e inopinadamente abandonada pelos dois jovens cheios de vida que ali viveram. Magnus a conduziu até à porta da sala, onde o corpo estava exposto, mas, tomada de súbita ansiedade, ela estacou à soleira e, com um gesto incerto, reteve a mão do marido. Este se inclinou para ela com um olhar de encorajamento.

– Você teria medo de orar sozinha junto do corpo e conceder-lhe o adeus que foi seu último pedido?

– Não, não. Um dia estaremos todos naquela condição ali – respondeu a moça, penetrando na sala mortuária.

Sobre o cadafalso cercado de círios estavam os despojos mortais do príncipe já vestido com o seu uniforme e pronto para ser posto no caixão. Com o coração palpitante, Tâmara aproximou-se e levantou o véu de gaze que lhe cobria o rosto. Apesar da palidez da morte, a cabeça de Arsênio era ainda bela e o sorriso zombeteiro e

desdenhoso que lhe era próprio parecia fixado em seus lábios. Com os olhos velados pelas lágrimas, a moça pousou sobre o peito do morto o buquê de flores que trouxera e, juntando as mãos, orou ardentemente, rogando ao Pai de todas as coisas que julgasse com indulgência as faltas da alma vacilante e culpada que acabava de regressar à pátria eterna.

Tendo terminado a oração, ela inclinou-se e contemplou longamente os traços empalidecidos que queria gravar na sua memória. Estranha sensação agitava-a intimamente: não era amor, mas imensa compaixão e pungente pesar por aquele ser destruído.

Com profundo suspiro, benzeu-se, deu um beijo na testa gelada do morto e, depois, na imagem colocada junto ao peito dele. Em seguida, recolocou-lhe a gaze sobre o rosto e deixou a sala.

No aposento contíguo, Magnus conversava com o velho médico militar, amigo de Arsênio, que já chegara para a missa fúnebre. Após haver cumprimentado a baronesa, ele também se dirigiu à câmara mortuária. Os olhos de Tâmara, que erravam distraidamente, fixaram-se subitamente no rosto de Arsênio que ela tão bem conhecia: era o que ela pintara outrora. Teria ela acreditado que tudo terminaria daquela maneira? Que o destino faria uma milionária da pobre artista e destruiria tão brevemente uma existência que se anunciava tão brilhante?

– Desejaria muito conservar aquele retrato, se ninguém o reclamar – disse ela, designando o quadro.

– Quem poderia querê-lo? Mandarei levá-lo para casa amanhã – disse o barão.

Depois desse dia, uma estranha atitude de devaneio apossou-se de Tâmara. Não era mais a dor; apesar da profunda impressão produzida nela pela morte trágica do príncipe, ela não o chorava. Não era nem mesmo tristeza, mas uma prostração apática e fatigada, informe e sem objetivo determinado que a envolvesse num véu. Abatida sobre sua poltrona durante horas inteiras, perdida em

vagas meditações, o mundo exterior parecia pouco interessar-lhe. Mandou colocar o retrato de Arsênio num de seus salões, não no seu toucador, como pensara Magnus, e, com a mesma indiferença, recebeu do marido as duas promissórias falsificadas pedindo que as jogasse no fogo. Esse estado de espírito complicou-se, pouco a pouco, com sensações estranhas e incompreensíveis. Enquanto fitava o nada com o olhar vazio, ouvia pesados passos à sua volta, sentia no rosto lufadas de ar frio e, às vezes, como se dedos gelados lhe apertassem a mão. Sentia, então, a respiração em dificuldade e um peso de chumbo paralisar seus membros. Um vapor morno e espesso a envolvia, causando-lhe uma sensação de asfixia e, subitamente, o rosto de Arsênio surgia, como se feito de uma névoa acinzentada, fitando-a com os olhos parados, mas cheios de selvagem paixão. E a face apavorante aproximava-se: um sopro úmido e glacial tocava seus lábios, algo invisível parecia abraçá-la e, tomada de louco terror, ela tentava em vão desprender-se daquilo, gritar, ou mesmo mexer com um dedo: impossível, até que, subitamente, o fantasma empalidecia e fundia-se em pleno ar.

Como que despertada em sobressalto, a moça empertigava-se na poltrona. Um suor frio cobria-lhe todo o corpo e um estado de fraqueza e de total lassidão sucedia a essas estranhas crises.

– É um pesadelo, um sonho provocado pelos meus nervos – tentava Tâmara persuadir a si mesma.

Mas, em lugar de desaparecer, o pesadelo intensificava-se diariamente. Ela começou a temer ficar só em seus aposentos: uma voz que conhecia muito bem pelo timbre murmurava-lhe aos ouvidos palavras de amor pronunciadas outrora naquele mesmo cômodo por uma boca viva, ou cantava as romanças de sua preferência. E se seu olhar ansioso fitava a cadeira onde, habitualmente, se sentava Arsênio, ela o via distintamente. Sua bela mão brincava com a corrente do relógio e seu olhar ardente parecia atravessá-la, mas se ela se aproximasse a visão desaparecia. Em vão Tâmara procurava ler, orar e repelir com todo o poder de sua

vontade aquela imagem e a recordação do homem que projetara uma sombra em sua alma. Ela o eliminara do coração e agora ele começava a tornar-se-lhe odioso. Na sua agonia, ela pensava em confiar tudo a Magnus, mas não o ousava e percebia que as feições do marido estavam cada vez mais entristecidas e seu olhar a fixava com sombria desconfiança. Como confessar-lhe que o detestado rival surgia do túmulo para persegui-la com a sua culposa paixão, que mesmo a morte parecia não ter conseguido destruir?

– Será que ele deseja matar-me? – pensou Tâmara, sentindo-se cada vez mais fraca.

Mesmo à noite não tinha repouso. O espectro a perseguia, parecendo absorver-lhe a força vital. Em vão ela fazia Fanny dormir no seu quarto: a fiel camareira via somente que síncopes estranhas apoderavam-se de sua patroa, síncopes das quais ela despertava abatida, e a ouvia gemer e chorar surdamente.

Na verdade, um agudo ciúme atazanava o coração de Magnus. Ele via Tâmara definhar, consumir-se, e compreendia que algo grave e insólito se passava e, involuntariamente, suspeitava do seu amor por Arsênio que, estimulado por sua trágica morte, a minava daquela maneira. Vendo-a a cada manhã aparecer mais transparente e mais pálida, com os grandes olhos febris que evitavam os seus, uma amargura mesclada de raiva apossava-se do coração do jovem e, às vezes, lhe era bem difícil dominar-se para evitar uma explosão.

Um dia, após o segundo almoço, os dois encontravam-se no salão, onde ficara o retrato do príncipe. Magnus passeava de um lado para outro, dominando com esforço a cólera que rugia nele, pois já várias vezes surpreendera o olhar de Tâmara buscando a imagem do rival que, do Além, ainda perturbava a sua vida.

– Por que você não mandou colocar esse retrato no seu vestiário, em lugar de deixá-lo exilado aqui? – perguntou ele.

Toda a irritação que ele mal conseguia dominar vibrava na sua voz.

– Muito pelo contrário. Quero pedir-lhe que mande retirar esse quadro de nossa casa. Não suporto mais vê-lo – respondeu Tâmara com um tom fatigado.

Magnus estacou e fitou a mulher com espanto: ela estava de pé, pálida e nervosa, com os olhos fixos no retrato, com uma estranha expressão de horror. Subitamente, ela recuou, o rosto decomposto, e abateu-se sobre uma poltrona, comprimindo o peito com as duas mãos como se sufocasse. Inexplicável sensação de angústia e de temor supersticioso fez Magnus estremecer. Ele nada via, mas a sensação de algo invisível, gelado, como um golpe de ar de uma janela aberta a seu lado, impunha-se a ele invencivelmente.

Tâmara parecia haver perdido a consciência, com o olhar vidrado, os lábios entreabertos, estava largada sobre a poltrona. Como de hábito, trazia um vestido caseiro de lã branca e, subitamente, o jovem julgou ver sobre aquele fundo claro desenhar-se uma silhueta humana. Tomado de um calafrio, benzeu-se e, no mesmo instante, a moça reagiu com um longo suspiro e passou a mão trêmula pela testa coberta de suor gelado.

– Tâmara, pelo amor de Deus, diga-me o que se passa com você! – exclamou Magnus, aproximando-se vivamente dela e repetindo em tom imperativo – Conte-me tudo!

Ela levantou para ele o olhar perturbado e ansioso.

– Ah, se eu pudesse explicar o que se passa! Eu sei que você suspeita de que penso nele, e as aparências são contra mim, mas juro-lhe, Magnus, que ele me é odioso, que a sua imagem e sua lembrança me espantam.

O barão arrastou uma cadeira para junto dela e apertou-lhe afetuosamente a mão.

– Que suspeita poderia eu conservar ao vê-la sofrendo? Fale-me francamente, diga-me tudo como a um irmão, ao seu melhor amigo.

Com a voz entrecortada pelas lágrimas, a moça descreveu as terríveis visões que a assombravam, o pavor que lhe causava

aquela perseguição de um espectro, a prostração que se seguia às aparições que estavam minando sua vida.

– Sei que ele quer matar-me – acrescentou ela, respirando penosamente –. Às vezes me sinto arrastada à janela e me vem o invencível desejo de me atirar à rua. Outras vezes, vejo-me inopinadamente com uma arma na mão e a tentação do suicídio me invade novamente. Até o presente, tenho resistido, mas será que poderei fazê-lo por muito tempo? Ah, Magnus, salva-me dele e de mim mesma!

E começou a soluçar, enquanto colocava a cabeça nos ombros do marido. Um suor frio cobriu a testa do barão. Com as palavras mais afetuosas, procurou acalmá-la, consolá-la, e quando a jovem terminou por desmaiar de lassidão, ele ficou ali a velar por ela, entregue a penosas reflexões. Já lera o suficiente sobre a vida oculta e as relações com o além-túmulo para duvidar por um só instante de que Tâmara estava sendo vitimada por terrível obsessão, mas como libertá-la daquilo? E era preciso apressar-se. Nunca o abatimento e o terrível definhamento da moça haviam-no chocado tanto quanto naquele momento.

À noite veio o almirante visitá-los e o moço confiou-lhe o estranho estado de sofrimento e as visões de Tâmara. Mas às suas primeiras palavras de obsessão que ele acreditava ser a causa da enfermidade, o velho marujo, que ouvia tudo com atenção, saltou como que mordido por uma serpente.

– E numa coisa tão grave como essas, você vai dar crédito a essas fantasias, Magnus Oscarovitch, e esperar que os espíritos venham curar sua mulher? – exclamou ele, vermelho como um camarão –. Essa menina está doente e é preciso consultar os médicos. Por favor, deixe de lado o Espiritismo e vamos recorrer à ciência que é a única competente na questão.

– Acalme-se, Sergei Ivanovitch. Sem dúvida, consultaremos os médicos, mas se minha suposição é verdadeira, temo que eles sejam incapazes de nos ajudar.

A partir do dia seguinte, os médicos mais famosos foram chamados para junto da enferma, muitas consultas foram realizadas e as opiniões dividiam-se: uns só admitiam que aquilo eram alucinações; outros explicavam tudo por uma perturbação cerebral proveniente de um desarranjo nervoso e os demais afirmavam mesmo que eram evidentes os sintomas da loucura. Quanto ao tratamento prescrito, continuou tão ineficaz quanto possível. As crises intensificavam-se em grau e frequência. O esgotamento atingira tal ponto, que a doente só caminhava agora com enorme esforço.

A ciência era impotente perante o misterioso mal que não conseguia sondar, mas nenhum dos médicos duvidava mais de que o juízo da moça estivesse inteiramente sadio e que nada, mesmo no seu estado físico, poderia motivar as estranhas síncopes durante as quais algo se passava sem que olhos humanos o percebessem.

Madame Raban e o almirante estavam desolados. Quanto a Magnus, estava positivamente desesperado. A boa Fanny e mais Charlotte velavam a jovem senhora com o maior devotamento, chorando todas as lágrimas de suas almas ante a ideia de perdê-la.

O barão ficou consideravelmente espantado quando, uma noite, a fiel camareira veio aos seus aposentos e contou-lhe com certo embaraço que ouvira falar num maravilhoso médium curador que devolvera a saúde a muitos doentes desenganados pela ciência oficial.

– Dizem que ele é tão bom e caridoso, que trata os doentes pela prece e pela imposição de mãos. Talvez ele possa ajudar também a senhora baronesa, que os médicos acabarão enterrando com suas misturas – concluiu a boa mulher enxugando as lágrimas com a ponta do avental.

– Certamente, não me esquecerei do seu conselho, minha boa Charlotte. Em nossa desesperada situação, é preciso tentar tudo e confiar em Deus.

No dia seguinte, Magnus procurou informar-se melhor e descobriu,

com alegria e admiração, que a pessoa da qual lhe falara a governanta era um célebre magnetizador, muito conhecido e estimado em São Petersburgo.

O coração do jovem bateu de alegria. Se havia algo que pudesse ser útil à Tâmara seria o magnetismo, aquela força poderosa e tão invisível aos olhos como a doença que seria chamada a combater.

Sem perda de um instante, ele dirigiu-se à casa do Senhor Giuseppe Tani e, naquela mesma noite, o famoso curador apresentou-se à residência dos Lilienstierna. Madame Raban e o almirante estavam presentes para assistir àquela suprema tentativa. A baronesa, cheia de esperanças, e Sergei Ivanovitch, triste e desafiador; mas sua prevenção diminuiu sensivelmente à vista do Senhor Tani, um belo velho de barbas brancas, com um ar calmo e doce, o olhar puro e límpido que inspiravam invencível simpatia.

Depois de conversarem sobre a doença e os estranhos sintomas que a acompanhavam, o velho pediu para ver a enferma. A baronesa dispunha-se a conduzi-lo ao quarto dela, quando Fanny entrou correndo para dizer que a jovem baronesa estava em nova crise. Apressaram-se todos rumo ao quarto de Tâmara, mas aos primeiros passes que lhe deu o magnetizador, algo inesperado aconteceu: a moça foi acometida de convulsões e, em seguida, de completa prostração. Magnus e seus amigos estavam mortalmente inquietos, mas o Senhor Tani lhes fez sinal para não se aproximarem e, após uma hora de magnetização, Tâmara dormiu um sono profundo e reconfortante.

– Creio poder assegurar-lhes que o pior já passou e que as crises e outros sintomas alarmantes não voltarão a incomodá-la. Só que é preciso ainda magnetizá-la várias vezes – declarou o velho despedindo-se.

A predição realizou-se com precisão. No dia seguinte, Tâmara acordou com uma sensação de bem-estar e paz que há muito não experimentava. Dir-se-ia que se esquecera das visões que a atormentavam, pois não falou mais do assunto. A partir daquele dia,

começou a recuperar-se com impressionante rapidez do terrível abalo que quase lhe custara a vida. Magnus queimou, ele próprio, na lareira, o retrato de Ugarine que se tornara odioso à esposa.

Recuperando dia a dia seu bom humor e o rosado de sua tez, Tâmara deixava-se animar pelos que a cercavam, mas, à medida que sua saúde foi se consolidando, uma incômoda sensação de mal-estar interpôs-se entre ela e o marido. Não que Magnus houvesse mudado algo em sua conduta afetuosa e reservada: é que ela sentia que algo entre eles permanecia inexplicado e que o problema suscitado pela querela que tiveram não estava definitivamente elucidado e encerrado. Por que, então, Magnus não expunha tudo com franqueza? Era inadmissível que ele desejasse o divórcio e ela era bastante mulher para perceber que o moço era apaixonado por ela. Esperava, pois, que ele tomasse a iniciativa de dizer-lhe: “Eu a amo e não quero deixá-la”. A uma solução dessas opunha-se o rígido orgulho e a teimosia da jovem. Sem dúvida, divorciar-se agora que Arsênio estava morto e tudo mudara em volta dela teria sido supinamente ridículo, mas era Magnus que errara e a ofendera e maltratara. Era ele que deveria pedir perdão e implorar uma paz definitiva que ela estava decidida a conceder. Sob a impressão de tais sentimentos contraditórios, Tâmara sentia-se pouco à vontade em presença do marido, corando ante seu olhar e, perturbada, não sabia que responder às múltiplas e afetuosas atenções com as quais ele a envolvia. Magnus, a seu turno, percebia bem claramente o aborrecimento e a preocupação da esposa e também especulava sobre as causas desses desacertos e, se estivesse certo de que Tâmara desejava mesmo uma reconciliação definitiva, nenhum escrúpulo de amor próprio o deteria.

Sem a menor hesitação, teria percebido o que ela pretendia e teria pedido perdão de todos os seus pecados verdadeiros e imaginários. Mas ele temia dar um passo em falso, ao arriscar uma palavra decisiva diante da qual o coração da mulher que adorava pudesse reconquistar totalmente seu equilíbrio e reconciliar-se com ele de

bom grado.

Quase um mês decorrera após a cura de Tâmara. Uma noite, o almirante veio tomar chá e fazer companhia à sua afilhada, porque Magnus iria ao teatro ouvir uma cantora famosa. A moça ainda não estava suportando bem o ruído e a confusão de uma representação teatral e preferia ficar em casa.

Seriam umas dez e meia e já haviam acabado de tomar o chá e se preparavam para voltar aos aposentos de Tâmara, quando Frederico, pálido e agitado, apareceu na sala de refeição.

– Madame – balbuciou ele –, a carruagem acaba de entrar no pátio sem o senhor barão. O cocheiro diz que o teatro pegou fogo.

Tâmara levantou-se, pálida como morta.

– Que você está dizendo, Frederico? Mas é impossível!

– Faça subir o cocheiro imediatamente. Quero eu mesmo interrogá-lo – interrompeu o almirante –. E você, minha filha, não se agite dessa maneira. Há, sem dúvida, um mal-entendido nisso tudo – acrescentou ele, forçando a moça, toda desfeita, a sentar-se de novo.

O cocheiro declarou que, segundo o que ouvira dizer, o teatro estava todo em chamas por dentro, que o tumulto era terrível e que os bombeiros haviam resolvido retirar-se. Os cavalos, apavorados pela confusão, começaram a empinar e, temendo esmagar alguém naquela multidão desvairada que corria em todas as direções, ele resolvera voltar para casa sem ter visto o barão.

– Padrinho! Depressa, vamos lá! Talvez ainda haja tempo de salvá-lo – murmurou Tâmara, mal podendo sustentar-se.

– Não, não, minha filha. Você não pode ir. Que iria você fazer naquele tumulto infernal e como poderia encontrar seu marido na multidão?

– Não posso ficar aqui inativa. Talvez ele esteja ferido, ou até morto. Tenho que saber! – exclamou ela desesperada.

– Não. A imaginação das mulheres é algo incrível! Dou o meu dedo ao cutelo que Magnus está são e salvo e vai chegar aqui a qualquer momento. Talvez também a balbúrdia o esteja impedindo de sair, ou quem sabe está procurando em vão a sua carruagem? Mas, para tranquilizar você, vou partir imediatamente para o local do desastre e prometo trazer seu marido, vivo ou morto. Só que, pelo amor de Deus, acalme-se! Você pode ter uma recaída.

Após a partida do almirante, a moça deixou-se cair sobre uma cadeira, como que aniquilada e, em seguida, dirigiu-se rapidamente para o gabinete de Magnus, o qual tinha uma janela que dava para a esquina, por onde ela podia ver ao longe o cais, direção que o barão deveria vir. Sentada junto à janela, a testa colada à vidraça, ela fitava a rua com o olhar febril, estremecendo à aproximação de cada carruagem, imaginando ver por toda parte o cadáver de Magnus que lhe estava sendo trazido. Na sua superexcitação nervosa, as mais horríveis suposições a perseguiam: Magnus poderia morrer sufocado pela fumaça, poderia ter desmaiado e ter sido presa das chamas, ou ser esmagado e pisoteado pela multidão espavorida em busca de uma saída. Seria retirado dos escombros, talvez já completamente carbonizado e ela jamais o veria novamente, nem ouviria sua voz, não apertaria aquela mão leal que a sustentara nos bons, como nos momentos adversos. E ela, Tâmara, recusara seu amor àquele homem fiel e dedicado! Por um miserável escrúpulo de amor próprio, prolongara a situação penosa e incerta que o fazia sofrer tanto... Ela sabia, pois se recordava de mil incidentes fúteis que demonstravam quanto era penoso para Magnus dissimular e dominar os impulsos de amor que experimentava por ela. Agora, era tarde demais e ela não podia mais corrigir o passado.

Lágrimas ardentes rolavam-lhe pelas faces e uma agonia inominável oprimia seu coração. Pela primeira vez, ela compreendia plenamente que Magnus lhe era muito mais caro do que qualquer outra pessoa e com a morte dele tudo ruía em torno dela. “Ah, volta – pensava ela – e hei de dar-lhe todo o meu coração. Vencerei meu

egoísmo, meu tolo orgulho, para mostrar-lhe sem restrição que o amo mais do que a vida".

Nesse momento, o relógio bateu meia-noite. Com um surdo gemido, a moça apertou a testa com as mãos: agora, ela não podia mais duvidar de que tudo estava terminado. Se Magnus ainda vivesse, já teria regressado à casa. Incapaz de ficar sossegada, ela se pôs a caminhar de um lado para outro. Cada minuto lhe parecia uma eternidade. Subitamente, seu olhar fitou a porta aberta do quarto de dormir de Magnus, iluminado como de hábito por uma lâmpada suspensa ao teto. Via-se ao fundo um genuflexório, acima do qual havia um crucifixo de marfim. Sentindo necessidade de orar, de buscar socorro e sustentação junto ao Todo-Poderoso dispensador de nossos destinos, Tâmara aproximou-se, ajoelhou-se e, com os olhos pregados na imagem do Redentor, rogou do fundo da alma, pedindo à misericórdia suprema de conservar para ela o ser amado, ou de a reunir a ele se ele houvesse perecido.

Magnus, contudo, estava são e salvo. O fogo começara nos bastidores e havia, realmente, causado enormes danos aos acessórios altamente inflamáveis dos cenários, mas por um feliz acaso, as chamas não se propagaram ao salão. O pânico, contudo, foi espantoso. Vendo a turba apavorada precipitar-se para fora do salão, o barão procurou cobertura num dos camarotes vazios e somente mais tarde saiu. Em seguida, apanhando no vestiário saqueado às pressas um casaco caído ao chão, vestiu-o e, com a ajuda de um bombeiro, retirou-se do edifício. Do lado de fora, o espetáculo do combate ao incêndio e as brilhantes manobras dos bombeiros cativaram por um momento sua atenção. Em seguida, abriu, não sem dificuldade, caminho por entre a multidão compacta e se pôs a procurar sua carruagem. Como era de esperar-se, sua busca foi em vão. Furioso e aborrecido preparava-se para tomar uma carruagem de aluguel, quando alguém bateu-lhe no ombro.

– Enfim, ei-lo aqui, Magnus Oscarovitch. Já estava perdendo as esperanças de cumprir minha promessa e levar você de volta, morto

ou vivo.

– Ah, é o senhor, Sergei Ivanovitch? Por que acaso e de quem recebeu o senhor a incumbência de encontrar minha pessoa ou meu cadáver? – perguntou o barão com um sorriso.

– De quem? E de quem poderia ser? De Tâmara, que atravessa agora um mau quarto de hora, a pobre menina! Ela queria a todo custo vir pessoalmente procurar você. Foi um custo dissuadi-la a arriscar-se dessa maneira. Por isso eu jurei que revolveria eu mesmo todos os escombros se isso fosse necessário. O idiota do seu cocheiro voltou para casa anunciando o incêndio e dizendo que você desaparecera.

– Não pensei que Tâmara enfrentasse com tal disposição a perspectiva de um perigo desses para mim – observou Magnus com certa amargura.

O almirante pôs-se a rir.

– Não creio que você seja tão vaidoso a ponto de exigir demonstrações apaixonadas. No fundo, você sabe tão bem quanto eu que sua mulher o ama como convém a uma bela mulher amar a um homem que lhe agrada mais do que todos os outros. Se há algum desentendimento entre vocês, não sei; seja como for, o momento é propício para fazerem as pazes e botarem as coisas no lugar certo. Portanto, meu rapaz, apanha minha carruagem e voa para a sua casa, a fim de tranquilizar Tâmara. Ela ainda está algo enfraquecida e pode ter algum problema com toda esta excitação.

Magnus corou e baixou a cabeça, mas seu coração batia como nunca.

– Muito obrigado, Sergei Ivanovitch, pelo seu interesse e... por tudo o que acaba de me dizer – comentou ele, apertando fortemente a mão do velho marujo –. Só que o senhor não deve ficar sem sua carruagem. Estou vendo ali um trenó com um excelente cavalo. Ele me levará mais depressa.

Sem mesmo esperar pela resposta, o barão correu para o trenó e

dizendo seu endereço ao cocheiro ordenou-o não poupar o cavalo. Apesar da rapidez da corrida, parecia-lhe que jamais chegaria ao seu destino. Estava impaciente por tranquilizar a jovem esposa e, contudo, a ideia de que ela temia por ele, enchia-o de alegria e esperança. Como haveria de bendizer aquele incidente devido à tolice de seu cocheiro, se aquilo se tornasse a base de uma reconciliação definitiva, se pusesse fim a uma situação que, às vezes, lhe parecia tão intolerável...

O porteiro e dois dos lacaios estavam de pé no portão, discutindo a ausência prolongada do senhor e observando as carruagens que passavam. Ao reconhecerem o barão, lançaram-se na sua direção, ajudando-o a descer do trenó.

– Louvado seja Deus, barão, por termos o senhor são e salvo novamente. Já nos lamentávamos aqui por não vê-lo de volta – disse o porteiro.

– Estou igualmente muito satisfeito que vocês se tenham lamentado inutilmente – disse o jovem de bom humor, subindo à toda pressa a escadaria.

– Onde está a baronesa? – perguntou a Frederico que acorreu todo feliz ao seu encontro.

– No gabinete, senhor, na sua inquietação a baronesa não deixou a janela.

Com um passo lento, Magnus penetrou no gabinete e estacou indeciso. Tâmara não estava lá. Dirigiu-se, em seguida, ao quarto de dormir e percebeu logo que ela estava ajoelhada a orar, com a testa apoiada às mãos postas. O espesso tapete abafava seus passos e a concentração de Tâmara era tão profunda que não ouviu a aproximação do marido. “Ela ora por mim! Ah! se afinal ela concordasse em admitir que me ama!” – pensou o jovem, fitando-a apaixonadamente. Ele inclinou-se e murmurou: “Tâmara!” A moça empertigou-se subitamente e, percebendo que era o marido, deixou escapar um grito de alegria e, num só impulso, atirou-se em seus braços. Tanta felicidade e tanto amor vibravam naquele som e

naquele gesto que valiam uma confissão mais explicita.

– Enfim, malvada, você se esquece do rancor – disse Magnus apertando-a de encontro ao coração –. Mas será mesmo que ficaram encerrados os mal-entendidos e as nuvens que obscureciam nossa felicidade? Você quer reconhecer que me ama?

A moça correspondeu francamente ao seu beijo e se deixou conduzir ao divã sobre o qual se sentaram ambos.

– Sim, Magnus, eu o amo, mas só nestas últimas horas pude compreender que, sem você, não valeria a pena viver. Jamais me esquecerei da dor horrível que senti em pensar que você estava morto. Ocorreu-me o pensamento de que Deus subtraía você de mim para punir meu orgulho e meu egoísmo e eu jurei que, se você vivesse, haveria de procurar proporcionar-lhe toda a felicidade que depender de mim assegurar-lhe. Mas você não está ferido, meu bem amado? O que aconteceu, afinal? – acrescentou ela, apalpando-o ansiosamente.

– Estou são e salvo e deveria recompensar ao estúpido Antônio que me ajudou a reconquistar a felicidade. Se ele não houvesse assustado você dessa maneira...

A seguir, ele narrou os detalhes do incêndio e acrescentou:

– Agradeçamos a Deus, que tão milagrosamente nos conduziu através dos infortúnios e das provações à paz e à felicidade. Tendo estado tão perto de nos perdermos mutuamente, haveremos de nos apreciar melhor doravante.

– Você tem razão, Magnus. Estivemos perto de soçobrar, como tantos outros, e a sociedade frívola e maldosa teria amargurado meu coração. Na verdade, detesto esta Babilônia moderna, onde tudo se vende e tudo se compra, onde o egoísmo e a brutal luta pela existência envenenam e desfiguram todas as boas aspirações. Mas, por mais arrependida que esteja dos meus pecados de orgulho e de egoísmo, em nossa grande querela você é que estava errado – ajuntou Tâmara travessamente –. Ah, fiquei tão zangada com a sua

perfídia, que tive vontade de dar-lhe uma surra...

Magnus deu uma gargalhada.

– Ah, as mulheres! As mulheres!... Têm que ser sempre as vítimas! Mas por que você não se vinga, puxando-me as orelhas? As ofensas foram de parte a parte e eu não teria esperado tanto para perdoar-lhe. Esquece, pois, os meus erros passados, mas não me retrato das palavras de então e assumo a responsabilidade de minhas falhas.

– Não quero faltar-lhe com a generosidade. Servirei uma xícara de chá em lugar de arrancar-lhe as orelhas. Venha. Você deve estar com fome, meu pobre Magnus, após tantas emoções – disse alegremente Tâmara passando a mão sob o braço do marido e conduzindo-o à sala de refeições.

J. W. ROCHESTER

São Petersburgo, 26 de abril de 1892

---

37 Observações: embora a visão doutrinária das personagens do livro seja bastante lúcida e ampla, como vimos ao longo da história, certas práticas seriam questionáveis ou formalmente condenadas em nosso contexto, pois ao mesmo tempo que se dizem espíritas, elas se benzem e oram diante das imagens dos santos (ícones) em pequenos altares ou oratórios domésticos, bem como realizam cerimônias religiosas em casamentos e enterros. O fato é que o Espiritismo não chegou a organizar-se ali como movimento e nunca teve uma estrutura que coordenasse os esforços de todos e eliminasse certas práticas formalmente condenadas pela Doutrina. Infelizmente, isso não chegou a acontecer porque, umas poucas décadas mais tarde, a Rússia dobrou à esquerda, optando por uma filosofia global rigidamente materialista.

Observamos ainda que o tratamento da obsessão de que foi vítima a jovem Tâmara Nicolaevna seria hoje, com os conhecimentos e recursos de que dispomos, tarefa atribuída a um grupo mediúnico especificamente organizado com essa finalidade.

É preciso considerar, contudo, que resultados positivos podem ser eventualmente obtidos, como no caso de Tâmara, por meio de preces e passes magnéticos ministrados por uma pessoa de boa condição espiritual e dotada de óbvias virtudes, como o bondoso velhinho que tratou dela. Ele certamente impôs sua autoridade moral ao espírito que atormentava a moça, conseguindo afastá-lo com a ajuda de seus amigos espirituais. Insistimos, porém, em afirmar que tal prática deve ser considerada como exceção e não como norma. A literatura espírita especializada é rica e objetiva, a partir de *O livro dos espíritos* e de *O livro dos médiuns*, na caracterização e no tratamento adequado dessas questões.